

**Universidade de São Paulo (USP)**  
*Faculdade de Educação (FE)*

**LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA:  
CONSTRUÇÃO DE NOVOS  
CONHECIMENTOS E RESISTÊNCIA POR  
MEIO DE NARRATIVAS CONSENSUAIS**

Versão Revisada

**Volume I**

*Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP)*

**Área de concentração:**  
Educação

**Área temática:** Didática,  
Teorias de Ensino e Práticas  
Escolares

Leandra Rajczuk Martins

**Orientadora:** Profa. Dra.  
Katia Maria Abud

**São Paulo**  
**2015**

*Para meu filho, Paulo, luz de pessoinha  
que me fez redescobrir o sentido da vida.  
Para meu esposo, André, pela ajuda  
desmedida e por me fazer enxergar o que  
eu apenas conseguia ver.*

*Para os meus antepassados, com  
orgulho.*

*Para todos alunos e alunas das escolas  
públicas brasileiras que sonham em  
estudar na mais importante universidade  
pública do País, assim como eu imaginei  
um dia.*

**QUE PAÍS É ESTE**

Nas favelas, no Senado  
Sujeira pra todo lado  
Ninguém respeita a Constituição  
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é este

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense  
Mato Grosso, nas Geraes e no Nordeste tudo em paz  
Na morte eu descanso mas o sangue anda solto  
Manchando os papéis, documentos fiéis  
Ao descanso do patrão

Que país é este

Terceiro mundo se for  
Piada no exterior  
Mas o Brasil vai ficar rico  
Vamos faturar um milhão  
Quando vendermos todas as almas  
Dos nossos índios em um leilão.

Que país é este

(Renato Russo, Que país é este, 1978)

## ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>8</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A ESCOLA: VIVENDO E ... APRENDENDO? .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A ENTRADA EM SALA: OS ATORES SOCIAIS E SUAS TEIAS DE SIGNIFICADOS .....</b>	<b>58</b>
<b>Desistindo das aulas .....</b>	<b>65</b>
<b>Professor defende ensino voltado para a história dos vencidos .....</b>	<b>70</b>
<b>Geração Ctrl+C, Ctrl+V .....</b>	<b>82</b>
<b>CAPÍTULO 3 – LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: MUDANÇAS NAS REPRESENTAÇÕES DOS ESTUDANTES .....</b>	<b>88</b>
<b>O instrumento de pesquisa: a obra lobatiana .....</b>	<b>90</b>
<b>Em contato com um tal Monteiro Lobato .....</b>	<b>97</b>
<b>Renovação trazida à linguagem .....</b>	<b>99</b>
<b>O conceito de História: representações prévias dos alunos .....</b>	<b>102</b>
<b>Representações e mutabilidade .....</b>	<b>110</b>
<b>História: ensino, cotidiano e conhecimento .....</b>	<b>116</b>
<b>Literatura lobatiana e História .....</b>	<b>123</b>
<b>Primeiro trecho: No tempo das cavernas .....</b>	<b>126</b>
<b>Segundo trecho: O novo campeão .....</b>	<b>127</b>
<b>Terceiro trecho: Um mau rei .....</b>	<b>127</b>
<b>Quarto trecho: A agulha mágica e o pó invencível .....</b>	<b>128</b>
<b>Quinto trecho: A guerra dos cem anos .....</b>	<b>128</b>
<b>Sexto trecho: O Libertador .....</b>	<b>129</b>
<b>Sétimo trecho: A era dos milagres .....</b>	<b>130</b>
<b>Oitavo trecho: Hiroshima .....</b>	<b>130</b>

<b>CAPÍTULO 4 – HISTÓRIA E CONTINUIDADE NO TEMPO: FRAGILIZAÇÃO DA MEMÓRIA E CRISE DE IDENTIDADE ....:</b>	<b>149</b>
Intenção educativa .....	149
Livros censurados .....	154
História ou propaganda .....	158
São Paulo, pequeno país .....	161
Relações de Proximidade .....	167
Estado-locomotiva .....	190
<b>CAPÍTULO 5 – RESISTÊNCIA À ANTROPOFAGIA E CRENÇA NO MITO DO BOM SELVAGEM .....</b>	<b>212</b>
AMOSTRAGEM .....	212
Tabela 1 .....	212
Tabela 2 .....	216
Um moço natural de Hesse .....	219
Primeiro trecho: Quem era Hans Staden .....	220
Segundo trecho: A revolta dos índios .....	221
Terceiro trecho: A volta para Lisboa .....	221
Quarto trecho: A volta para Lisboa .....	222
Quinto trecho: O forte de Bertioga .....	223
Sexto trecho: O forte de Bertioga .....	224
Sétimo trecho: A captura de Hans Staden .....	225
Oitavo trecho: Rumo à taba .....	228
Nono trecho: Rumo à taba .....	228
Décimo trecho: Os Maracás .....	229
Décimo primeiro trecho: Hans muda de taba .....	230
Décimo segundo trecho: A salvação .....	230
Uma história dentro de outra história .....	231
O Bom Selvagem .....	250
Entre a linguagem verbal e imagética .....	279
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>294</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>297</b>

<b>ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO PERFIL DISCENTE 8ª A .....</b>	<b>309</b>
<b>ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO PERFIL DISCENTE 8ª B .....</b>	<b>341</b>
<b>ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO HISTÓRIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS (RESULTADOS 8ª A) .....</b>	<b>374</b>
<b>ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO HISTÓRIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS (RESULTADOS 8ª B) .....</b>	<b>386</b>
<b>ANEXO 5 – QUESTIONÁRIO GEOGRAFIA DE D. BENTA (RESULTADOS 8ª A) .....</b>	<b>398</b>
<b>ANEXO 6 – QUESTIONÁRIO GEOGRAFIA DE D. BENTA (RESULTADOS 8ª B) .....</b>	<b>411</b>
<b>ANEXO 7 – QUESTIONÁRIO AVENTURAS DE HANS STADEN (RESULTADOS 8ª A) .....</b>	<b>424</b>
<b>ANEXO 8 – QUESTIONÁRIO AVENTURAS DE HANS STADEN (RESULTADOS 8ª B) .....</b>	<b>439</b>
<b>ANEXO 9 – ENTREVISTA COM A DIRETORA .....</b>	<b>452</b>
<b>ANEXO 10 – ENTREVISTA COM O PROFESSOR .....</b>	<b>491</b>
<b>ANEXO 11 – ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA .....</b>	<b>512</b>
<b>ANEXO 12 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA COORDENADORA .....</b>	<b>541</b>
<b>ANEXO 13 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA SALA DE LEITURA .....</b>	<b>569</b>

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo a compreensão das formas pelas quais o uso da Literatura nas aulas de História pode ou não interferir na construção do conhecimento histórico dos alunos por meio de possíveis alterações ou permanências em seu conjunto de representações sociais.

Para tal, partimos de uma concepção de utilização da Literatura que se distancia da noção de que as obras literárias devam ser usadas apenas como meras ilustrações do que é dito em sala de aula para a análise de sua construção enquanto ficção, documento ou discurso da história, das representações que contém e de como elas podem interagir na produção de novos conhecimentos, o que inclui, ainda, mudanças nas representações dos estudantes – no caso desse estudo, alunos de uma escola da rede pública. Uma das constatações da pesquisa é que o uso da Literatura tem limites quando a temática abordada na aula envolve os elementos fundamentais da identidade.

A resistência dos sujeitos pode ocorrer por meio da criação de narrativas pretensamente “consensuais”, formadas por representações sedimentadas e as novas informações que as desestabilizaram e, em última instância, afetam a forma como os indivíduos se situam no tempo, no espaço e no contexto em que vivem.

**Palavras-chave: Ensino de História; Literatura; Cultura Jovem; Identidade; Narrativas Consensuais.**

## ABSTRACT

This research was objective at understanding the ways in which the use of literature in history classes may or may not interfere with the construction of historical knowledge of students through possible changes or stays in its set of social representations.

To this end, based on a conception of use of Literature that moves away from the notion that literary works should be used only as simple illustrations of what is said in the classroom for the analysis of its construction as fiction, document or speech history, the representations it contains and how they can interact in the production of new knowledge, which also includes, furthermore, changes in the representations of the students - in the case of this study, students of a public school. One of the research's findings is that the use of Literature has limits when the topic covered in class involves the basic elements of national identity.

The resistance of the people, may occur through the creation of allegedly narratives "consensuals", formed by sedimented representations and new information that destabilized and, in the last instance, affect how individuals are located in time, space and context They live in.

**Keywords: History Teaching; Literature; Youth Culture; Identity; Consensuals Narratives.**



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora e mentora intelectual, Profa. Dra. Katia Maria Abud, pelos conselhos e comentários substanciais que viabilizaram o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), meu esposo, pelo companheirismo e apoio incondicionais, materializados, muitas vezes, em nossas conversas sobre questões de metodologia científica, as quais também contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Aos professores da ECA pelo estímulo e incentivo: Prof. Dr. Waldenyr Caldas, Profa. Dra. Cremilda Medina, Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes e Prof. Dr. Dirceu Fernandes Lopes.

Muito obrigada à ajuda e atenta leitura no Exame de Qualificação dos Profs. Drs. Dislane Zerbinatti Moraes e José Luiz Proença.

Aos meus colegas de orientação, Daniel, Flávia, Michelle, Henrique, Edimilson e Aaron, pelas conversas que me ajudaram a compor um panorama das mais adversas situações enfrentadas em sala de aula.

Ao Prof. Dr. Ernst Wolfgang Hamburger pela oportunidade de aprender um pouco sobre os processos de educação não formal e a importância da divulgação da ciência.

Ao mestre, Prof. Dr. Nicolau Sevcenko (*in memoriam*), um agradecimento especial por seus ensinamentos no campo das mentalidades, sobretudo, nas relações entre Literatura e História.

Obrigada aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) pela presteza e profissionalismo.

Também devo agradecer à Escola e a maioria dos membros de sua comunidade, em particular, aos estudantes que tornaram esta pesquisa possível.

E, por fim, ao meu filhinho, Paulo, de apenas 3 anos, que iniciou sua existência na mesma época em que começamos essa jornada.

## INTRODUÇÃO

*“Superar a simples utilização da Literatura como introdução de um assunto, ilustração de um conceito ou mesmo como fonte histórica lida de maneira anacrônica é um desafio que reside em qualificar o uso de tão rico recurso para o ensino de História.”<sup>1</sup>*

A presente pesquisa teve como principal objetivo a compreensão das formas pelas quais o uso da Literatura nas aulas de História pode ou não interferir na construção do conhecimento histórico dos alunos por meio de possíveis alterações ou permanências em seu conjunto de representações sociais. Procuramos identificar quais idéias ou imagens vem “antes” da leitura de textos literários sobre temas históricos na experiência de jovens alunos e o que vem “depois”, evidenciando em que medida as obras ficcionais podem acarretar mudanças nessas concepções prévias, operando a desconstrução de conceitos e a construção de novos conhecimentos, influenciando, assim, a compreensão da História.

Para tal, partimos de uma concepção de utilização da Literatura que se distancia da noção de que as obras literárias devam ser usadas apenas como meras ilustrações do que é dito em sala de aula para a análise de sua construção enquanto ficção, documento ou discurso da história, das representações que contém e de como elas podem interagir na produção de novos conhecimentos, o que inclui, ainda, mudanças nas representações dos estudantes – no caso desse estudo, alunos da 8ª série de uma escola da rede pública estadual paulista.

A incorporação de fontes históricas literárias como materiais didáticos nos trabalhos realizados em sala de aula pode propiciar o desenvolvimento do pensamento histórico dos educandos, pois “(...) a Didática da História propõe procedimentos críticos em relação às fontes, analisadas como recursos para a aprendizagem do aluno.” (ABUD; ALVES e SILVA, 2010, p. XIII) Entender, portanto, o impacto do uso das formas literárias como fontes históricas no ensino da História, pode contribuir para o desenvolvimento de novas possibilidades metodológicas dessa forma de produção cultural em sala de aula pelos professores.

Entender os diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nas representações históricas dos alunos, os quais podem ser apreendidos e

---

<sup>1</sup> ABUD, K. M.; ALVES, R. C. e SILVA, A. C. M. Ensino de História. 1ª ed. Coleção Idéias em Ação. São Paulo: Cengage Learning, 2010, p. 41.

utilizados de maneiras diagnóstica pelos professores da área na construção de ligações entre o presente e o passado, permite compreender as possíveis variações temporais relacionadas à identidade e o impacto do contato com a narrativa histórica contida na ficção literária.

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite, na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 2002, p. 81)

Podemos dizer que, com o advento da Internet, vivemos uma nova fase do processo iniciado na virada do século XIX para o XX, marcado pelo surgimento das tecnologias que estruturaram diferentes formas de lazer e comunicação, como o cinema, o rádio, o jornal e, décadas depois, a televisão, e que tiveram como efeito o estreitamento do espaço literário. Atualmente, com a crescente pressão gerada pelos usos dos novos meios digitais, essa pesquisa pode contribuir para melhor compreensão do papel da Literatura no cotidiano dos jovens alunos ao descobrir quais são concretamente as possibilidades e os limites de sua utilização no ensino de História.

Trabalhar com leitura e interpretação de textos impressos, os quais exigem um esforço de concentração por parte dos educandos, em um contexto permeado constantemente pela relação fluida, rápida e, até mesmo, na maior parte das vezes, superficial, com redes sociais como o *Facebook* e *WhatsApp* revelou-se bastante desafiador, considerando que os jovens analisados vivem grudados no celular em sala de aula, principal elemento de distração e perturbação do ambiente de aprendizagem conforme observamos na etapa de campo do estudo. A situação é preocupante ao mesmo tempo em que fica patente o fato de que não há como desconectar as atuais gerações das novas tecnologias, dado que os chamados “adolescentes 2.0” – numa referência à expressão Web 2.0, que designa a nova geração da Internet – nasceram imersos nesse ambiente.

Além disso, no ano de 2013, durante o período da pesquisa, o mau desempenho, repetido em anos anteriores, dos alunos da série escolhida no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) – que, juntamente com o Pisa e a Prova Brasil, são as mais importantes avaliações, respectivamente, em âmbito mundial e

nacional, constituindo um dos principais indicadores da educação –, define a escola selecionada como “prioritária” ou “de maior vulnerabilidade”. Como as séries finais são as que pontuam o índice da escola, os estudantes das oitavas séries estão “abaixo do básico”, ou seja, em nível inferior ao esperado para a série que cursam, suposto obstáculo considerado em nosso estudo como um ambiente instigante para a pesquisa científica.

Selecionamos as narrativas de três livros da série *Sítio do Picapau Amarelo*, escritos por José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) por seu caráter didático. Para alguns estudiosos da obra lobatiana, a partir de *Histórias do Mundo para Crianças* (1933), temas escolares como Português, Matemática, Geografia, Física e Astronomia ganharam espaço no trabalho do escritor, junto a traduções, adaptações e outros projetos.<sup>2</sup>

Na fase inicial da pesquisa de campo foram aplicados trechos de *História do Mundo para Crianças* (1933) e um capítulo inteiro de *Geografia de Dona Benta* (1935), ambos considerados livros educativos, enquanto *Aventura de Hans Staden* (1927), tida como uma obra “mista”, foi utilizada nas etapas posteriores realizadas na sala de leitura ou biblioteca da escola com uma amostragem qualitativa constituída por 20% dos alunos de cada uma das duas turmas analisadas em nosso estudo comparativo, definida a partir das observações em sala de aula.

Desenvolvemos uma metodologia específica, baseada na observação etnográfica, pesquisa participante, o que significa vivenciar as atividades com os alunos em sala de aula, “participando”, portanto, das aulas de História, como forma de observar as reações dos estudantes, suas teias de relações e desempenho escolar, tendo, nessa etapa, como um dos suportes teóricos a obra do sociólogo Paul Willis, desenvolvida com um grupo de adolescentes do sexo masculino, de classe operária, em uma escola secundária inglesa, a partir da qual desenvolveu uma importante teoria dos processos de resistência e produção cultural.

Nosso trabalho procurou refletir sobre a aplicação da Literatura no ensino de História, na relação entre teoria e prática, para um efetivo aprimoramento da Didática da História.

A escolha da obra lobatiana se deve ao fato do autor ter se dedicado com muita frequência aos temas históricos, tratados com uma evidente preocupação didática em sua obra infanto-juvenil, voltados principalmente para questões identitárias brasileiras, fruto de seu envolvimento nos debates que marcaram o Brasil e outros países no início do

---

<sup>2</sup> CARDOSO, Rosimeiri Darc. Op. cit., p. 290.

século passado, os quais foram fundamentais para a definição ideológica de uma identidade nacional brasileira a partir dos anos de 1930.

Inserido no contexto de profundas mudanças pelas quais o mundo passou na virada do século XIX para o XX – alimentadas pelo processo de industrialização de diversas regiões do planeta, cujas funções no mercado mundial passaram por alterações geradas no final da Belle Époque, com o agravamento das disputas coloniais entre as grandes potências que levou à Primeira e à Segunda Guerras Mundiais –, Monteiro Lobato percebeu o potencial educativo das novas formas de comunicação, como o rádio, cinema, além dos aprimoramentos técnicos da indústria gráfica, os quais deram suporte para uma maior circulação dos jornais e livros.

As preocupações didáticas de Lobato, nas quais o cuidado com a linguagem se inseria, se relacionavam com o contexto de sua época e as influências sobre o escritor das idéias da Escola Nova, baseadas na concepção do Homem Novo, que tendo suas origens no final do século XIX, ainda pautavam as grandes discussões nacionais.

Nesse sentido, ao utilizarmos a Literatura como documento vamos ao encontro do movimento da Escola Nova que promoveu a incorporação das fontes históricas como materiais didáticos.

Paralelamente ao seu reconhecimento como objeto de pesquisa do historiador, as fontes foram, aos poucos, incorporadas aos trabalhos realizados nas aulas, com os alunos. Leitura e interpretação de documentos, utilização de imagens, estudos do meio, fundamentavam-se na exploração das fontes históricas, transformadas pelo uso, em recursos didáticos. Nesse período, nota-se a ruptura entre os objetivos da História ensinada e do conhecimento histórico. (ABUD; ALVES e SILVA, 2010, p. XII e XIII)

No criador do *Picapau Amarelo* encontramos a confluência dos caminhos. Lobato vivenciou direta e ativamente toda essa profunda transformação histórico-social pelas quais o mundo passou no final do século XIX e na primeira metade do século XX e se, conforme contextualizamos, estamos vivendo uma nova fase desse processo, acreditamos que revisitar a obra lobatiana, por meio de sua reintrodução no ensino, poderia ser apropriado, dada as preocupações educacionais do autor, as quais influenciaram sua criação, levando para os leitores mirins temas considerados, até então, inapropriados, como guerras, política (a exploração do petróleo, por exemplo), ciência, filosofia, entre outros temas.

Considerado pioneiro na inclusão, em histórias para crianças, de elementos da cultura brasileira, como costumes interioranos, termos da linguagem regional e lendas folclóricas, a clareza da linguagem de Lobato e seu estilo direto também foram elementos decisivos para a escolha de seus livros<sup>3</sup>.

Ao escolhermos trechos das obras de Monteiro Lobato, com ênfase nos livros que compõem sua literatura infanto-juvenil, baseada em temas nacionais, graças aos quais ficou popularmente conhecido e que valorizavam a construção e a releitura de uma série de elementos identitários, históricos e da cultura brasileira, conseguimos evidenciar os impactos do uso da narrativa histórica presente na literatura – no caso, uma produção literária criada a partir de preocupações didáticas – na construção do conhecimento histórico dos alunos, incluindo algumas mudanças e fortes permanências em suas concepções identitárias.

Segundo Moraes (2009, p. 202):

A identidade nacional, por exemplo, é uma construção histórica na medida em que é a escrita da história que traz sentido e significados específicos a uma sociedade que se imagina, que pensa sobre si mesma: o jeito que ela foi, como ela é e, principalmente, o que ela será. Assim, existe uma grande responsabilidade em ser professor de História, na medida em que ele acaba trabalhando, em sala, com as imagens que os alunos têm de si mesmos, de suas comunidades, de seu país e do mundo em que vivem.

A base conceitual da pesquisa foi estruturada a partir das idéias de representações sociais elaboradas pelo pesquisador romeno Serge Moscovici enquanto conceitos criados pelos indivíduos, cotidianamente, devido à necessidade de compreenderem a realidade, o contexto no qual estão inseridos. Além disso, também levamos em consideração que as representações não são estáticas e se modificam, constantemente, ao longo do tempo, a partir das diferentes experiências sociais, sejam macro ou microculturais. De acordo com Moscovici (2003, p. 218):

Toda a representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-la ou corrompê-la. É ao mesmo tempo importante especificar como esses processos se desenvolvem socialmente e como são organizados cognitivamente em termos de arranjos de significações e de uma ação sobre suas

---

<sup>3</sup> Comemora-se o Dia Nacional do Livro Infantil na data do aniversário de Monteiro Lobato, 18 de abril.

referências. Uma reflexão sobre as maneiras de enfocar os fatos da linguagem e da imagem é aqui fundamental.

O estudo também se utiliza das idéias do historiador alemão Jörn Rüsen sobre a consciência histórica enquanto resultado dos processos mentais dos seres humanos de interpretação da realidade e de si mesmos, como indivíduos pertencentes a diferentes contextos sociais, movidos pela necessidade de se situarem no tempo e de compreenderem o passado, o presente, além de tentar planejar o futuro.

Para Rüsen, a consciência histórica é:

(...) uma forma da consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática. É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (RÜSEN, 2001, p. 57)

Segundo o historiador, o conhecimento histórico é resultado intelectual da consciência histórica, ao mesmo tempo em que também a modifica, em um círculo que fundamenta e estrutura o pensamento histórico e o conhecimento histórico-científico.

A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de auto-afirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade, com as quais relacionam as experiências do tempo com as intenções no tempo: a medida da plausibilidade e da consistência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para a constituição de representações abrangentes da continuidade é a permanência de si mesmos na evolução do tempo. A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana. (...) Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana. (RÜSEN, 2001, p. 66-67)

Outro autor importante para nossa base conceitual foi Roger Chartier e seus estudos sobre História da Leitura, sobretudo das formas de apropriação, leitura ou aprendizagem do texto literário pelos seres humanos ao longo do tempo, as quais variam de acordo com o contexto histórico, mas, também, com os diferentes estímulos gerados pelas inúmeras possibilidades de estruturação de uma obra literária, incluindo sua diagramação.

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos. (CHARTIER, 2001, p. 240)

Inicialmente buscamos obter as representações prévias dos alunos sobre os temas escolhidos antes da aplicação dos trechos das obras lobatianas selecionadas, como forma de conseguirmos detectar o impacto da sua utilização sobre estas representações, ou seja, se os estudantes foram capazes de modificar ou não estas representações no processo de construção do seu conhecimento histórico.

No primeiro capítulo, começamos descrevendo a escola a partir de um breve histórico do seu surgimento, etapa fundamental para expor os motivos que a tornaram uma referência no imaginário local. Situada em um bairro central da zona oeste de São Paulo, com privilegiada localização geográfica, a escola é muito procurada por moradores de bairros distantes pela “suposta” qualidade de ensino oferecido.

Para conhecer melhor o cenário onde a pesquisa foi desenvolvida, além das observações e registros no diário de campo, participamos, ao longo do ano, das reuniões regulares do Conselho de Classe e Série e reuniões de pais dos alunos, também relatadas nesta parte. Realizamos entrevistas com professor, diretora, vice-diretora, professora-coordenadora e professora responsável pela Biblioteca ou Sala de Leitura e mantivemos, ainda, conversas informais com professores de outras matérias, estagiários, agentes de organização escolar, funcionários da secretaria e responsáveis pela manutenção predial.

Por meio de pesquisas periódicas da documentação existente nos arquivos da unidade escolar, fizemos um levantamento minucioso que inclui informações do Projeto Político Pedagógico, números atualizados do total de alunos matriculados e freqüentes, professores na ativa, designados em outros lugares e readaptados, condições da infraestrutura (plantas e fotos). Abordamos a dinâmica nas relações da escola com a comunidade do bairro e, por fim, os códigos que marcam o cotidiano escolar com todas as suas sutilezas e tensões.

No segundo capítulo intitulado “A entrada em sala: os atores sociais e suas teias de significados”, contamos sobre a nossa inserção em um ambiente onde a estabilidade das relações e o sucesso escolar são raros. Os dois grupos foram estudados por meio de observação participante na classe durante as aulas de História e também nos momentos



extraclasse – em especial no auditório. Aplicamos, através do questionário social, uma série de 54 questões dirigidas a todos os alunos das duas classes.

As duas classes da oitava série são predominantemente formadas por jovens do sexo masculino. Tal ocorrência e suas implicações foram analisadas pelo fato de contrariar dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que indicam que os rapazes constituem o grupo majoritário em número de reprovações, fato que os leva a abandonar a escola e provoca diminuição sensível do número de matrículas nas séries finais do ensino fundamental.

Nos três primeiros meses, vivenciamos as atividades com os alunos em sala, “participando” das aulas como forma de identificar as percepções dos estudantes sobre a História e estabelecer uma comparação entre as turmas. Inicialmente acompanhamos por um breve período uma professora de História aposentada na rede pública estadual e que tinha optado por retornar à sala de aula como temporária. No entanto, houve uma inesperada troca de professor resultante de um incidente envolvendo integrantes de uma das salas avaliadas, culminando com a decisão da professora de deixar as turmas.

A vinda de um jovem professor, contratado como temporário, representou um divisor de águas para os alunos, tanto por aspectos relacionados ao seu perfil como pelos recursos didáticos utilizados, em especial, filmes, mas, também, fotografias, recortes de jornais e poemas. Contamos sobre as particularidades em seu modo de ensinar e as reações suscitadas nos estudantes. Tivemos acesso aos trabalhos feitos em sala, provas e demais atividades, além dos conteúdos trabalhados nas aulas. Dessa maneira, pudemos estabelecer um cruzamento com as preferências pessoais e de aprendizagem apontadas pelos jovens no questionário social acrescidas aos dados fornecidos pelo Relatório Anual de Estudos do Saesp.

O terceiro capítulo introduz nosso instrumento de pesquisa. Nele, fizemos uma contextualização da produção literária de Monteiro Lobato e suas posições em relação à educação. Explicamos como se deu a apropriação da obra do escritor nos grupos pesquisados a partir dos resultados de questionários e da leitura das obras de referência, bem como dados extraídos de diversas fontes.

Depois, aplicamos um questionário para descobrir as concepções prévias de História dos estudantes, o que nos permitiu construir um diagnóstico baseado na detecção das categorias reveladas pelos estudantes sobre a História – enquanto conhecimento reificado (escolar e científico) ou baseado no senso comum. Posteriormente, aplicamos outro questionário, respondido pelos jovens após a leitura da primeira obra aplicada aos

alunos: *História do Mundo para Crianças*. Nas respostas a essas questões, conseguimos analisar se a literatura foi capaz de produzir mudanças nas concepções dos alunos sobre a História e as causas relacionadas a esse fenômeno.

No decorrer do quarto capítulo, destacamos as perseguições promovidas pelas autoridades políticas e religiosas às obras infanto-juvenis lobatianas, classificadas de “antipedagógicas”, por estar em desacordo com os padrões morais e sociais vigentes na época em que foram lançadas. Aplicamos dois questionários, o primeiro formado por questões dedicadas a descobrir as visões dos alunos sobre São Paulo e a identidade paulista e o segundo, após os alunos lerem trechos selecionados do livro *Geografia de Dona Benta*, relacionados ao Estado de São Paulo, como forma de identificar, novamente, se a literatura permitiu a mudança de representações – fenômeno que se repetiu.

Outro dado interessante é que conseguimos detectar o impacto nas respostas dos estudantes quando o conteúdo de uma questão sai de uma relação local ou regional para outra, em escala nacional, o que permitiu revelar as diferentes representações que os seres humanos podem ter de um mesmo objeto ou sujeito, que se revelam ou são acionadas dependendo do contexto ou estímulo.

No quinto e último capítulo também contextualizamos o desenvolvimento da versão lobatiana da obra do viajante Hans Staden e sua importância histórica. Aplicamos um primeiro questionário como instrumento para descobrirmos as representações dos jovens sobre o passado colonial brasileiro, em especial sobre os colonizadores (portugueses) e os índios. Depois dos alunos lerem os trechos selecionados, solicitamos que eles respondessem a outro questionário, o qual, novamente, evidenciou o impacto da literatura sobre suas representações e em seu processo de construção de conhecimentos históricos.

Entretanto, a novidade ou fenômeno não esperado foi a revelação de que pode haver limites para a influência da literatura, detectado a partir do choque das representações identitárias nacionais dos alunos com novas informações que foram capazes de desestabilizar essas representações e a reação de parte dos jovens, que resistiram a aceitar o fato de que os índios do passado colonial praticavam o canibalismo, não tendo sido, portanto, tão “Bons Selvagens” quanto imaginavam. Esses alunos reagiram a partir da criação do que chamamos de “narrativas consensuais”, ou seja, narrativas criadas para tentar conciliar suas representações com as novas informações, não negando-as totalmente, mas atribuindo novos significados capazes de convergir para

uma interpretação harmônica, mas fundamentalmente calcada na meta de preservar os elementos que constituem a identidade.

Posteriormente, analisamos os resultados da aplicação de outros questionários, relacionados à leitura dos mesmos trechos da obra de Hans Staden, só que apresentados aos alunos em uma versão ilustrada da obra e em outra, estruturada em quadrinhos. A partir daí, conseguimos auferir o impacto do uso mais intenso das imagens na literatura sobre os alunos, bem como de outros padrões de organização ou diagramação, resultados também apresentados no último capítulo.

# CAPÍTULO 1

## A ESCOLA: VIVENDO E ... APRENDENDO?

*“(...) faz parte da Proposta Pedagógica da Escola um constante processo de construção da identidade e um constante processo de preservação da memória histórica bem como do patrimônio físico do [nome da escola].”*

Fonte: Documento oficial da Escola, Plano Político-Pedagógico (grifos nossos)

No ano de 2013, durante o período da pesquisa, a escola selecionada caracterizava-se por estar entre as 1. 206 (mil duzentas e seis) escolas classificadas como “prioritárias” ou “de maior vulnerabilidade” – o que representa quase ¼ (um quarto) da rede pública estadual paulista – tanto por critérios socioeconômicos e de infraestrutura, como, sobretudo, de aprendizagem segundo resultados de desempenho no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp). Teoricamente, escolas consideradas vulneráveis pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo receberiam atenção diferenciada pelo *Programa Educação: Compromisso de São Paulo*, “que implantaria projetos especiais e destinaria recursos extras para essas escolas.”<sup>1</sup>

Apesar de ser caracterizada como “prioritária” ou “vulnerável”, rótulo que poderia estigmatizá-la, a escola mantém preservada uma imagem de referência histórica no imaginário local porque seu surgimento remonta ao início do século 20, tendo como instituição-base um destacado Grupo Escolar instalado em um prédio provisório que não existe mais na mesma rua onde até hoje funciona a escola. Construído na década de 1910, o edifício-sede centenário transformou-se em marco arquitetônico no bairro e foi tombado no início dos anos 2000.

Além disso, a escola está situada em um bairro central da zona oeste de São Paulo com privilegiada localização geográfica – e que foi ganhando importância em torno da linha ferroviária São Paulo Railway Co. Ltda., responsável pelo desenvolvimento industrial na região – o que a faz ser muito procurada por moradores de bairros mais distantes pela “suposta” qualidade de ensino oferecido. Um dos argumentos mais ouvidos

---

<sup>1</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. In: Observatório da Educação. ONG Ação Educativa. São Paulo, 2012. Fonte: Página da SEE, em 15 de outubro de 2011 (grifos nossos). Disponível em: <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/sugestoes-de-pautas/48-sugestoes-de-pautas/1184-quase-f-das-escolas-da-rede-sao-consideradas-prioritarias-por-criterios-de-desempenho-no-saresp>. Acesso em: 05/01/2015.

é que alunos do ensino médio – e seus pais – preferem o deslocamento a estudar nas opções próximas de suas casas.

A escola foi escolhida, portanto, por sua condição peculiar: apesar de receber dos órgãos oficiais o selo de “ruim”, é considerada “boa” pela clientela que a procura como tradicional instituição de ensino responsável por formar, ao longo de pouco mais de um século, alunos de várias gerações. Outros elementos que contribuíram para a decisão foram facilidade de acesso e o fato do ensino fundamental ser oferecido exclusivamente no período vespertino, tendo horários compatíveis com a disponibilidade para a realização dos trabalhos. Também nos deparamos com significativa abertura por parte da direção, a qual prontamente aceitou nosso pedido, assinando, inclusive, uma carta de recomendação contendo termo de compromisso.

“(…) Aqui é uma escola tradicional no nome e no bairro, não que ela seja tradicional no ensino, tá?”, explica a diretora em entrevista quando questionada sobre os principais motivos das escolhas dos alunos pela escola.<sup>2</sup> “O fator mais forte é sair do bairro, isso a gente escuta muito: – Eu prefiro que o meu filho venha estudar aqui do que ficar lá. Eu moro lá por uma consequência”, relata. “Ela [a escola] tem cem anos, então é uma escola que por aqui [no bairro] já formou muita gente. Muitos pais dessas crianças estudaram aqui. Então, por essa escola já passou muita gente e tem gente que fala: – Eu estudei aqui, então eu gosto daqui, vou ter o maior prazer de trazer o meu filho (…).”<sup>3</sup>

A diretora informa que, no geral, os alunos que moram mais próximos do bairro da escola são do ensino fundamental. No estudo comparativo realizado com as duas turmas das oitavas séries – A e B – quando perguntamos sobre seu bairro de origem, o resultado em ambas as turmas foi semelhante. Na oitava A, vinte e dois [22] alunos moravam em outros bairros, enquanto pouco menos de um terço, nove deles, moravam no da escola. Na oitava B, vinte e três [23] alunos eram de outros, enquanto oito [8] moravam em bairros da escola, apenas dois dessa turma não responderam a questão. Quando responderam “outros bairros”, verificamos que a maioria veio de bairros situados no entorno.

---

<sup>2</sup> Em anexo, consta gravação em texto das entrevistas realizadas com diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica, professor de História e professora responsável pela biblioteca ou sala de leitura. Registramos, em diário de campo, reuniões do Conselho de Classe e Série e reuniões de pais dos alunos. Mantivemos, ainda, conversas informais com professores de outras matérias, estagiários, agentes de organização escolar, funcionários da secretaria e responsáveis pela manutenção predial.

<sup>3</sup> Entrevista com a diretora. Anexo 9. A aplicação da norma ABNT, no caso das entrevistas, para trechos acima de quatro linhas, produziria um efeito visual indesejado.

Em contrapartida, a maior parte dos estudantes do ensino médio se desloca da periferia e até de distritos da cidade de São Paulo. “(...) Quando você pega o [aluno do ensino] médio, que são maiores, eles vêm de longe”, conta, citando casos mais recentes sobre pedidos de transferência que costuma receber: “(...) Eu conversei essa semana com um menino aqui de Perus. (...) Então, ele [aluno] sai de lá quatro e meia da manhã. São vinte e cinco quilômetros de ônibus. (...) Tem uma menina que vem de Itapevi de manhã. Itapevi [frisa]. E ela é muito difícil de comportamento e eu queria muito que o pai a levasse. Aí ele [o pai] me disse: – Pro bairro onde eu moro eu não vou levá-la. Sinto muito. Ela é assim agitada, tal, tal, mas aqui ela está muito melhor.”<sup>4</sup>

Quando desenvolvemos a etapa de campo da pesquisa, a escola tinha 1.544 (mil quinhentos e quarenta e quatro) alunos, distribuídos em quarenta e duas (42) turmas, sendo vinte e quatro (24) salas de ensino médio regular – (15) salas no período matutino, duas (2) salas no período vespertino e sete (7) salas no período noturno –, oito (8) salas de ensino fundamental no período vespertino e dez (10) salas do antigo supletivo, atual Educação para Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. No total, eram 608 alunos no período da manhã, 243 alunos no período da tarde – 174 do ensino fundamental e 69 do ensino médio – e 693 alunos no período da noite, somando 469 alunos de Educação para Jovens e Adultos mais 224 alunos do ensino médio regular.<sup>5</sup>

Como as salas do ensino médio regular e EJA concentram 1.370 jovens e as salas destinadas ao ensino fundamental têm somente 174 estudantes, os escolares são quase em sua totalidade formados por alunos vindos de outras localidades. Conforme explica a diretora, esse quadro tende a se acentuar ainda mais, uma vez que a escola “está caminhando” para uma demanda de ensino médio em detrimento do ensino fundamental, que, segundo ela, “está se fechando”. “Eu tenho uma escola [diz o nome de uma escola vizinha] que é próxima que tem cinco ou seis oitavas séries porque só tem ensino fundamental, lá não tem o ensino médio. Então, ela atenda. Não é longe daqui. Quem quiser vir estudar aqui no bairro estuda lá [diz o nome da escola vizinha] (...).”<sup>6</sup>

A predominância de alunos que moram longe acaba comprometendo uma melhor dinâmica nas relações da escola com a comunidade do bairro, composto por denso comércio, incluindo ambulantes, numerosas lojas, conjuntos de bares, lanchonetes,

---

<sup>4</sup> Entrevista com a diretora. Anexo 9.

<sup>5</sup> Dados fornecidos pelo Agente de Organização da Escola em 18 de junho de 2013. Os números atualizados incluem o total de alunos matriculados e frequentes mais os que entraram e saíram no referido ano.

<sup>6</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

pequenos restaurantes e setores de serviços como estacionamentos, ofertas de vagas temporárias, atendimento odontológico e clínicas laboratoriais.

“O entorno é bem arredio e distante”<sup>7</sup>, afirma a diretora. Essa configuração também foi confirmada pela coordenadora pedagógica do ensino fundamental. “(...) a escola [diz o nome da escola] recebe todo mundo. Então, por isso que essa escola [diz o nome da escola] não é uma escola aonde você faz uma festa ela vinga? Não, não vinga porque não tá na comunidade. O entorno não vem. Eles moram longe. Ele não vai sair da casa dele para vir numa festa da escola [diz o nome da escola], no sábado, por exemplo. (...)”<sup>8</sup> Ao perguntarmos se isso também acontece com estudantes do ensino fundamental que, em geral, moram mais próximos do bairro, a coordenadora reitera: “Nada. Nem vem. Hum, hum, não aparece.”<sup>9</sup>

Em parte, a situação é atenuada pela própria teia de comunicação estabelecida entre pais de alunos que trabalham na vizinhança e a direção da escola. Há casos em que estudantes, filhos de comerciantes, cumprem jornada de trabalho fora do expediente de aulas. Soma-se a isso o fato da diretora morar no bairro, o que a torna uma figura popular nos arredores. Conforme foi relatado neste trecho da entrevista:

“Toda atividade que a gente tem, a gente convida aqui os vizinhos. (...) Eu frequento o dentista, o salão de cabeleireiro, eu paro na farmácia e me perguntam: – A senhora não é a diretora? Eu vou na igreja e todos vão lá e me vêem. O padre olha pra mim e sabe que sou a diretora da escola [diz o nome da escola]. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Eu desço aqui a rua [diz o nome da principal rua do bairro] e antes quando eu ouvia falar da escola [diz o nome da escola] eram os filhos dos camelôs que estudavam aqui, tinha esse termo. Porque tinha muito mais camelôs aqui. Hoje não é mais essa realidade, mas quase todos os camelôs têm filhos aqui. Você pega a [ambulante] que vende meia na esquina, a filha é do primeiro [ano ensino médio] I da noite. Você pega a [ambulante] que vende feijão na esquina de baixo, a filha é do primeiro [ano ensino médio] A da manhã. Até outro dia eu ia descendo e essa mãe me falou: – Eu não fui na reunião. Eu disse: – Não tem problema. A gente está lá até as onze horas [23h] da noite. Foi dito e feito. Ela veio aqui, assinou, pegou o boletim. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Uma outra [mãe de aluno] me para: – A senhora

---

<sup>7</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>8</sup> Entrevista com a coordenadora. Anexo 12.

<sup>9</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

não é diretora lá da escola? Minha filha está lá. Entendeu? Muitos trazem os filhos porque trabalham por aqui.”<sup>10</sup>

Segundo o site da Secretaria de Estado da Educação, a participação da comunidade escolar – equipe gestora, Conselho de Escola<sup>11</sup>, Associação de Pais e Mestres (APM), Grêmio Estudantil, representantes de funcionários, professores, pais e alunos – no planejamento estruturado de ações está prevista no Plano de Ação Participativo (PAP), um plano de ação adaptável às especificidades de cada escola.<sup>12</sup>

No caso da escola selecionada, a iniciativa que, na prática, consegue reunir os diferentes membros da comunidade escolar é o Conselho de Classe e Série, aberto aos alunos e responsáveis, a partir do conceito de Conselho Participativo. A vice-diretora nos explica que, pelo fato da escola ser muito grande, o calendário das reuniões precisa ser organizado ao longo de uma semana nos períodos manhã, tarde e noite, intercalado ao cronograma de aulas e outras atividades para estimular maior participação. “Como a escola aqui é muito grande, a gente procura dividir para fazer tudo bem feito porque é muito complicado você determinar a vida de uma pessoa em um instante, né?”<sup>13</sup>, afirma.

“Outra coisa que tem aqui e que eu gosto e depois que a gente começou a fazer, outras escolas também optaram é fazer o Conselho Participativo. (...) No Conselho Participativo o aluno vem. Se a mãe quiser vir, o pai, a tia, a vizinha, pode vir todo mundo, não há nada a esconder. É aberto, não tem problema.”<sup>14</sup>

Observamos que muitos problemas vêm à tona justamente nas reuniões do Conselho de Classe e Série. Ao longo do ano, pudemos acompanhar alguns dos encontros com os grupos selecionados para a pesquisa. Durante os conselhos há projeção em tela das notas bimestrais das oito disciplinas – Artes, Ciências, Educação Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática – de cada um dos alunos, incluindo número de faltas. Segundo o agente de organização da escola, cabe ao professor inserir no sistema as notas, faltas e aulas dadas.

Esses dados são divulgados em quatro momentos distintos do ano e resultam em uma quinta avaliação ou conceito “final”. Com alguns poucos alunos presentes – 3,5%

---

<sup>10</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>11</sup> O Conselho da Escola analisada é composto por diretora, 17 professores, três pais ou responsáveis (sendo dois relacionados ao ensino médio e um ao ensino fundamental) e mais cinco alunos do ensino médio. ANEXO AO PLANO DE GESTÃO 2011-2014, p. 42.

<sup>12</sup> Plano de Ação Participativo 2012. In: Programa Educação – Compromisso de São Paulo. Secretarias de Estado da Educação e de Gestão Pública (Governo de São Paulo). São Paulo, 2012. Disponível em: [www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/25.pptx](http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/25.pptx). Acesso em: 19/01/2015.

<sup>13</sup> Entrevista com a vice-diretora. Anexo 11.

<sup>14</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.



em média – mais a participação da diretora, vice-diretora e coordenação pedagógica, professores constroem o contexto onde se desenvolve um momento de catarse pautado pela crítica ao comportamento e desempenho dos alunos mais problemáticos, bem como desabafo das dificuldades enfrentadas em sala de aula e até mesmo situações de humilhação.

Nesta ocasião, certos professores mudam suas posturas e maneiras de se vestir. Optam por trajes mais sofisticados que os costumeiramente usados no cotidiano escolar, talvez como forma de se impor através das vestimentas e se legitimar enquanto elite dirigente da escola, já que sua autoridade tem sido diluída na trama diária pelo constante enfrentamento com os garotos e também pelos excessos do atual sistema de progressão continuada. Dispostos em alinhamento, atrás das carteiras (como jurados em um tribunal), ficam de frente para os alunos, que se posicionam aleatoriamente, do lado oposto da sala. Assim, nitidamente, fica estabelecido o confronto.

Não é por acaso que no momento boa parte do conflito entre professores e estudantes se dá em relação ao vestir-se. Para quem vê de fora, isto pode parecer tolo. Os professores e os garotos envolvidos, entretanto, sabem que este é um de seus terrenos escolhidos para a luta com respeito à autoridade. É uma das formas atuais de uma luta entre culturas. Ela pode culminar, ao final, numa questão a respeito da legitimidade da escola como uma instituição. (WILLIS, 1991, p. 31)

Via de regra, as reuniões começam com esclarecimentos gerais pela diretora ou vice-diretora das informações de âmbito administrativo, como calendário de atendimento aos pais, períodos de recesso escolar, assinatura do livro de ponto e acesso aos boletins pela Internet. Em seguida, a professora coordenadora, também coordenadora de uma das oitavas séries e professora de Língua Portuguesa deles, toma a palavra para passar um feedback das turmas. “Relacionamento professor-aluno: insuficiente. Relacionamento: aluno-aluno: insuficiente. Comportamento: insuficiente”, disparou, avisando sobre as datas das aulas de reforço em Português e Matemática a serem realizadas três vezes por semana durante as férias de julho. “Como esse ano teremos Saresp e Prova Brasil, vou assistir a quase todas as aulas de Português até a data das provas. Vocês vão se cansar muito de mim.”

O aluno pode ficar retido por rendimento ou por falta, quando essas excedem o limite de vinte e cinco por cento [25%] do total de aulas dadas. No Conselho Final, há claramente uma tensão deflagrada entre equipe gestora e professores. Enquanto os primeiros procuram subir notas e derrubar faltas, os segundos se dividem em dois grupos:

os que se deixam convencer para equacionar e se livrar “de vez” das pendências e os que não abrem mão de suas avaliações.

Alguns dos argumentos ouvidos: “Acaba logo com essa discussão, a sua matéria é Artes, ajuda vai!”; “Todo mundo tirou notas vermelhas com você, olha quantas vermelhas você deu!”; “Essas éguas [referindo-se a professoras mais jovens] não tiveram filho, não sabem o que os meninos passam, por isso ficam amolando!”; “Se for reprovado, ele [aluno] ficará junto com os da sétima série, já pensaram nisso?”; “Lembrem-se que nos primeiros dias do ano as coisas foram muito mais difíceis”.

Do outro lado, tentativas de resistência dos docentes considerados mais rigorosos: “Posso até topa essa aprovação, mas saibam que vamos chutar o problema”; “O que fazer com o aluno que não quer realmente aprender?”; “Tem aluno que usa o Google e a Wikipédia para responder minhas provas. É bom ficar esperto, pois não somos idiotas!”; “Esse aí não tem caderno e fala que não vai copiar. Não é possível uma pessoa ser assim!”; “Acorda, senão o chicote canta pro seu lado!”; “Se precisar te mandar pro juiz, vou mandar.”

Emparedados, os alunos se resignam a aceitar atividades para compensar o número excessivo de faltas, demonstram incompreensão pelas retaliações, como nos casos em que são encaminhados para o Conselho Tutelar – no primeiro semestre, em uma das salas, dois alunos, Fayal e Plínio,<sup>15</sup> mostraram-se assustados quando receberam essa indicação – e, em raríssimos casos, arriscam explicações para as tarefas em que deixam a desejar: “Tenho problemas de memória, fica tudo confuso, não consigo registrar o que vocês falam” [Leonel]; “Não sei dizer o que podem fazer por mim” [Antônio]. Antes de sair da sala, Horácio, um aluno considerado mediano, distribuiu chocolates “bis” aos professores, como forma de melhorar sua aceitação entre eles. Reconhecidamente detentor de baixa autoestima, ao ser escolhido como um dos participantes da amostragem da pesquisa, quis saber: “Tia, você me escolheu porque sou burro?”

Há, frequentemente, comentários de desaprovação na sala dos professores sobre determinados alunos. Uma das professoras descreve [Frederico], bastante questionador, de forma estereotipada: “Ele é nerrrrrrrrrd! [reforçando o som do r de propósito]”. Outras vezes, as observações têm conotação pejorativa: “Não tenha medo dela. Deixa sair da sala e pronto. É sapatona”, aconselha uma docente a sua colega de área, referindo-se a

---

<sup>15</sup> Em toda a tese, foram usados nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos. Além disso, reproduzimos, ao longo do texto, as respostas dos estudantes da forma como eles escreveram, incluindo seus erros gramaticais e ortográficos.

Francine, identificada como criadora de casos que, sem requisitos mínimos para passar de ano – estava pendente em todas as matérias com exceção de Educação Física – foi aprovada com a condição de cursar no ano seguinte o primeiro ano do ensino médio regular no período noturno. Em uma conta rápida, a diretora pediu para verificar o ano em que a referida aluna tinha nascido, ao constatar que foi em 1998, e, portanto, a estudante estaria com dezesseis anos completos foi logo avisando: “Está resolvido. Com essa idade, já podemos abrir a porta e deixar ela sair pra rua”.

Outras colocações revelam sarcasmo: “Eles são a involução humana”, definiu um professor referindo-se aos estudantes de modo geral. “Gostaria de contaminar a caixa d’água para que alguns ‘selecionados’ fossem beber depois”, ironizou outra docente. Segundo Paul Willis (1991, p. 25):

(...) os professores são ótimos teóricos da conspiração. Eles não têm outra alternativa. Isso explica em parte seu fervor por extrair a “verdade” de supostos culpados. Eles vivem rodeados pela conspiração em suas formas mais óbvias – mesmo que isso muitas vezes não chegue a ter expressão verbal. Isso pode facilmente se transformar numa condenação paranóica de grandes proporções.

Contrariando algumas previsões iniciais, no Conselho Final ninguém, de fato, foi reprovado. No entanto, houve casos em que estudantes que cumprem jornada de trabalho fora do período de aulas, somavam faltas além do limite permitido, como Victório, garçom nas horas vagas, que acumulou 33 faltas no último bimestre. Mas na linha do “pra tudo dá-se um jeito”, fica latente um problema que extrapola o controle: evasão. Nas duas turmas, do total de setenta alunos, dez não apareceram ou resolveram abandonar a escola, pouco mais de catorze por cento [14%].

Visivelmente cansadas, diretora e vice-diretora fazem uma rápida revisão dos nomes evadidos e alguns cálculos aproximados, relacionando-os com indicadores de programas como o Idesp (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) e o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). Por fim, concluem: “Vamos ficar pelo menos mais um ano nas prioritárias”, sentenciou a vice-diretora, que, em entrevista, afirmou: “Se não tomar cuidado, a gente vai sair das prioritárias no dia em que a Gina sair do paliteiro”<sup>16</sup>, fazendo alusão à moça loira que ilustra a embalagem da popular caixinha de palitos.

---

<sup>16</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

De acordo com a direção da escola, casos de evasão, assim como pedidos de transferência, variam de 200 até 300 alunos por ano, ou seja, somados dão uma média de 500 alunos ou pelo menos um terço do quadro. Esses números revelam uma alta instabilidade da instituição. A diretora ressalta que, em levantamento informal ao longo do ano anterior, coordenadores perguntavam aos alunos que sinalizavam pela saída: Por que você está mudando daqui? “Ninguém saiu daqui porque não gostava da escola. Ou era porque mudou de cidade ou porque lá [na outra escola] é mais próximo de casa, por causa do trabalho, enfim.”<sup>17</sup>

Essa explicação é igualmente compartilhada pela vice-diretora: “O que é que acontece com essa galera, com esse povo? Geralmente são filhos de pessoas que trabalham no bairro [diz o nome do bairro] ou nas imediações do bairro [diz o nome do bairro] e moram lá no jardim Deus me Livre, você entendeu? Quando, geralmente, a mãe perde o emprego, ela não tem como trazer o filho. Aí ele fica onde ela está, você entendeu? A mesma coisa acontece com o noturno porque o noturno eles trabalham em Pinheiros, Vila Leopoldina, no bairro da escola [diz o nome do bairro da escola], Perdizes, eles trabalham aqui no entorno. Tá ótimo. Eles vem e tudo bem. A partir do momento que eles perdem o serviço, eles não tem mais como vir. Não tem dinheiro para vir. Ele é obrigado a ficar perto da onde ele mora ou perto de onde ele arrumar outro serviço.”<sup>18</sup>

Apesar de evasão e transferência ocorrerem em escala similar, a vice-diretora ressalva que de ambas o abandono é o mais preocupante pois escancara mazelas sociais mais profundas do cotidiano dos jovens, envolvendo, por exemplo, gravidez – como a aluna Valquíria da oitava série B que ficou gestante no início do ano letivo –, drogas e maus-tratos, entre outras formas de violência como prostituição e exploração de trabalho infantil. “Sabe, uma coisa que preocupa a gente aqui é o abandono. Eles vêm. Aí eles abandonam, não vem mais, que é evasão, entendeu? E muitas meninas elas chegam aqui bem cedo e logo elas engravidam ou já vêm grávidas. Depois que a criança nasce, ela não tem como. Eu tinha uma menina da noite, ela estudava a tarde e passou pra noite, 15, 16 anos. Ela teve gêmeos, dois meninos. Aí ela veio feliz da vida que ia ter gêmeos. Perguntei: – Cadê o seu marido? Aí ela falou: – Vou trazer ele aqui pra você ver professora [diz o diminutivo do seu nome]. Ela estudou desde a quinta-série aqui. Quando

---

<sup>17</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit. De acordo com dados fornecidos pelo Agente de Organização da Escola, em 18 de junho de 2013, 235 alunos foram transferidos ou saíram da escola, sendo 94 do ensino médio regular matutino, 32 do ensino fundamental, 17 do ensino médio vespertino, 61 do ensino médio regular noturno e 31 de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

<sup>18</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

vi o marido: Minha nossa senhora! Duas crianças com mais duas crianças pra tomar conta. Aí ela ainda tentou vir. Ele vinha com as crianças engarranchadas [enganchadas] nele. Mas não deu certo, não. E isso é uma coisa que também me preocupa, entendeu?”<sup>19</sup>

Constatamos que entre os títulos de livros mais procurados na biblioteca da escola, houve um aumento por títulos relacionados a temas mais emergenciais para os alunos. “Ultimamente eles estão procurando autoajuda, mas não aquelas autoajudas que vendem milhares, não. Eles vem, tem livros de psicologia, tem livros de psicanálise”,<sup>20</sup> conta a professora da sala de leitura. “Tem até um livro de psicanálise antigo eu emprestei, claro, a pessoa não conseguiu ler: ah, professora esse livro é muito difícil, tal. Aí conversei como meu irmão em casa e falei: as crianças estão precisando de algum livro, assim, né, aí ele falou: olha tem um livro *Ajuda-te pela Psiquiatria!* [Ajuda-te pela Psiquiatria! Guia Prático para uma Vida mais Prática e Mais Saudável]. Eu emprestei pra um menino, ele devolveu hoje, ele falou que o livro foi muito bom. É um livro de americano, eu não sei o nome [Frank S. Caprio], acho que eu não marquei o nome do autor. A outra menina já levou hoje, veio ontem perguntar, eu falei: olha tem um livro assim. O livro é dos anos 60, era do meu sogro. Então, está com os alunos.”<sup>21</sup>

Perguntamos o que teria despertado essa procura. “Necessidade deles se entenderem eu acho. Conflito, eu dei uma olhada assim no livro fala de conflito. O menino diz que gostou muito porque eles vêm pedir pra mim psicólogo pra ver se eu conheço. Vários vem pedir, vem. Aí eu falei com a [diz o nome], uma colega que parece com você, ela tem uma irmã que é psicóloga. Aí ela fez uma relação de lugares que atendem de graça, né, os alunos, as pessoas e tal. Eu tirei vários xerox. Dei um xerox pro menino que tinha pedido primeiro, né. Então a gente acaba fazendo, você extrapola. Por isso que eu acho, eu sou útil. Hoje eu perguntei pra um menino porque ele contou uma coisa... nossa eu até chorei quando ele falou. O pai foi preso sete vezes. Quando ele nasceu a mãe sumiu. Passados tempos, a mãe voltou para casa e ela teve uma criança, que é a irmã dele. Aí a mãe queria trocar a criança por droga, gente, e esse menino é criado pelos tios e ele veio conversar comigo. Ele é do colegial. Eu contei pra minha médica, ela chorou também, ela falou: esse menino é muito forte porque ele ainda está estudando. E hoje eu perguntei pra

---

<sup>19</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>20</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Anexo 13.

<sup>21</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Op. cit.

ele: como é, deu certo? Ele falou: professora, minha irmã está precisando de psiquiatra mesmo. É claro, está com síndrome do pânico, que é neurose do medo.”<sup>22</sup>

Com perfil assumidamente voltado para trabalhar com adolescentes, a vice-diretora frequenta sessões semanais de terapia e diz gostar de vivenciar o lado adverso de uma jornada diária de dez horas de trabalho marcada por pendências, brigas e reclamações. “Eu gosto de gente com problema. Eu não gosto de gente sem problema, gente sem defeito não, você entendeu? Eu gosto de gente que tenha problema para eu me sentir útil. Gosto disso.(...) E eu adoro isso daqui, entendeu? Quanto mais problema, mais eu me identifico.”<sup>23</sup> Por exercer certa ascendência sobre os jovens estudantes – presenciamos várias manifestações de sua popularidade entre eles – é constantemente procurada para conversas e desabafos.

“(...) tem o caso de um menino, ele já foi embora, ele se chama Flávio, ele é um excelente jogador de futebol. Esse menino, ele tem agora 16 anos e tava na sétima série. Ele não conseguiu ir pra frente. Por quê? Porque a conduta familiar dele mexe muito com o psicológico dele. Então, ele é muito perturbado. Ele sumiu. Ele fez inscrição pra outra escola. Nessa última Virada Cultural [evento anual promovido desde 2005 pela Prefeitura da cidade de São Paulo] que teve ele sumiu. Eu tinha comprado um tênis para ele. Tinha dado um uniforme para ele fazer corrida. Porque já que ele não conseguiu jogar futebol porque futebol é uma massa nojenta [faz referência à corrupção], então que fosse correr no meio da rua, porque ele era um atleta de ponta e logo mais ele arrumava um patrocinador e tudo bem. Aí ele falou para mim assim: – Eu tô desanimado da minha vida. Eu falei: – Por que? Ele me respondeu: – Porque eu arrumo mulher, arrumo menina, gatinha, eu não tenho carro. Eu levo para minha casa, meu pai cata. Eu mudei a minha vida. Agora, aquelas coisas que você me deu para correr, eu vou correr sim, mas é da polícia e eu já fiz meu primeiro teste. Fui no [evento] Virada Cultural e fiz um arrastão da hora. Eu disse: – Olha, não gostaria que você fizesse isso. Ele me disse: – Mas eu já estou fazendo. Eu falei: – Tá bom. O dia que você parar de fazer sua corrida, você vem aqui, que vou estar sempre te esperando, sempre, sempre. Onde você estiver também, você me liga que eu vou atrás de você. Então assim, para mim, é uma sensação muito ruim perder um aluno, você entendeu?”<sup>24</sup>

De acordo com Paul Willis (1991, p. 59):

<sup>22</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Op. cit.

<sup>23</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>24</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

(...) a falta de dinheiro não deve ser subestimada como a base material que conduz ao roubo. Numa articulação bem típica de uma mescla de razões, entretanto, o ‘roubo’ é também uma fonte de emoções muito parecida com a briga. (...) De alguma forma um roubo bem-sucedido desafia e derrota a autoridade. Uma estranha espécie de liberdade – mesmo que se constitua apenas em conhecimento privado – advém do fato de se desafiar as convenções e de ser recompensado por isso. Se o indivíduo é flagrado, habilidades particulares para ‘safar-se’ da situação podem ser convocadas, e obtêm-se uma emoção e uma satisfação renovadas se se consegue ‘escapar’.

Durante o período desta pesquisa, dois garotos da oitava série B, Fayal e Antônio, ficaram afastados por dias após brigarem nas dependências da sala de aula.<sup>25</sup> No confronto, Fayal teve o dente quebrado. Colegas da sala resolveram filmar a briga pelo celular. A cena em vídeo amador do garoto curvado, apanhando e perdendo o dente espalhou-se pela escola. O relacionamento dos dois alunos considerados problemáticos já tinha sido anteriormente discutido no Conselho de Classe e Série, culminando, conforme dito anteriormente, com o encaminhamento de Fayal ao Conselho Tutelar. O inesperado nesse incidente foi a troca de papéis: Fayal é provocativo e manipulador, sempre seguido em suas zombarias pelo próprio Antônio, aluno quieto e apático, que senta atrás do “amigo” e é vítima de *bullying* praticado por ele.

A vice-diretora avisa que Fayal “camufla uma alegria que não existe” e diz que o conhece desde pequeno porque o garoto está na escola desde a quinta-série. “Se você for conversar com o Fayal mais profundamente, eu estou falando isso porque eu já fiz. Você vai perceber que o Fayal é uma criança extremamente triste, absolutamente infeliz, sozinho e vive a vida dele tentando encontrar alguma coisa que preencha a vida dele na Internet.”<sup>26</sup> De fato, o menino não desgruda do celular e usa fones de ouvido o tempo todo. Costuma andar pela sala e cantarolar trechos de músicas como hip hop ou funk, algumas vezes, em frases desconexas: “É Patati Patatá o Bin Laden não morreu”; “Tudo que eu faço dá errado, mas eu tô na moda”; “Sítio do Pica-pau amarelo, Sítio do Pica-pau amarelo”; “Olha a onda, olha a onda!”.

<sup>25</sup> “Os diretores, ao serem solicitados a avaliar os problemas com o excesso de faltas e ações de violência dos alunos contra a escola, relacionando esses fatos à influência no desenvolvimento e aprendizado dos alunos, declararam, com percentuais elevados, que as brigas (87,8%) e a falta dos alunos às aulas (87,0%) são os principais problemas enfrentados pela escola.” In: TREVISAN, Lígia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Relatório de Estudos do Saesp 2013. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 2014, p. 209. Disponível em: [http://file.fde.sp.gov.br/saes/saes2013/Arquivos/SARESP%202013\\_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf](http://file.fde.sp.gov.br/saes/saes2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf). Acesso em 20/03/2015.

<sup>26</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

“(…) ele camufla uma alegria que não existe. Ele demonstra uma satisfação que ele gostaria de ter, você entendeu? Então, ele passa-se por malvadão, poderoso, mas se você ver o vídeo, você vê que ele apanhou quieto, ele apanhou como cordeiro, ficou abaixado o tempo todo. O outro que é o quieto e calado, chamou pra si. Ele não. Ele aceitou a derrota. Essa é a terceira vez que ele apanha desse jeito. E o pai dele é uma pessoa insuportável. A mãe nunca veio aqui. Uma vez eu conversei por telefone com a mãe e disse que ela precisava vir aqui para a gente conversar a respeito do Fayal. Aí ela me disse assim: – A esse aborto que eu tive o pai cachaceiro cuida. Falei: – Meu Deus! Foi aí que eu comecei a me aproximar mais do Fayal.”<sup>27</sup>

A seguinte colocação de Paul Willis (1991, p. 53) ajuda a explicar o fato do brincalhão Fayal ter levado a pior na briga contra o tímido Antônio:

Entre os líderes e os membros mais influentes – que comumente não são os ‘durões’ – é a capacidade para lutar que determina a hierarquia final. É a frequentemente não testada habilidade para lutar que valoriza o status, o qual comumente, e de forma interessante, tem como base outros elementos: uma fachada masculina, ser de uma família ‘famosa’, ser engraçado, ser bom em ‘passar a lábia’, a extensão dos contatos informais.

Os dois alunos não foram formalmente suspensos, mas a escola recomendou que ficassem afastados por sete dias. “A gente não fala ‘suspensão’ porque dentro da legislação e dentro do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] a gente se ferra de verde-amarelo. A gente diz que eles ficam uma semana em casa para repensar nas atitudes inacabadas”, informa a vice-diretora, talvez querendo dizer atitudes impensadas. Perguntamos se há, então, alguma formalização dos dias que os alunos ficaram afastados. “(…) a gente chama a família, conversa e fala: – Olha, e agora como ficam as faltas? A diretora [diz o nome da diretora] disse que as faltas são pra ser computadas. Tudo bem. Eu já falei pros professores o seguinte: que as faltas podem ser computadas, mas eles [os alunos] terão um trabalho pra compensação da ausência, entendeu? (...) Ele [aluno] não tá suspenso, ele vai ficar em casa pra refletir, depois a senhora [mãe] traz ele que ele vai fazer um trabalho de compensação de ausência. Pronto. Só mudei a maneira.”<sup>28</sup>

Para Paul Willis (1991, p. 59):

<sup>27</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>28</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.



(...) os significados informais não sobrevivem a uma confrontação direta.” Segundo ele, quando “os pais são chamados, emitem-se relatórios oficiais e toda a espécie de preocupações não especificadas a respeito dos procedimentos do julgamento e intermináveis formalidades da burocracia”, a “emoção original” ocasionada pela adrenalina da briga é transformada em “aborrecimento”. O pesquisador frisa: “Este é um momento, outra vez, em que o formal registra uma irrevogável e decisiva vitória sobre o informal.

Enquanto Antônio voltou no prazo estipulado, Fayal ficou sumido por semanas. No dia da entrevista com a vice-diretora, quisemos saber se havia alguma notícia sobre o retorno do rapaz. “Não, ele não voltou mais. Eu vou esperar ele se acalmar, depois eu vou ligar para ele. Porque agora se eu ligar, ele está revoltado. (...) O outro já retornou. Eu até achava que ia ter um *glamour* pro outro, mas ele voltou e todo mundo recebeu quieto porque eu também falei que se tiver *glamour* ia ter comigo.”<sup>29</sup> O uso da expressão “glamour” pode ser explicado pela compreensão de que: “(...) A briga é o momento em que se é completamente testado na cultura alternativa. É desastroso para a posição informal e para a reputação masculina de alguém recusar-se a lutar, ou sair-se mal numa briga.” (WILLIS, 1991, p. 52)

Como o episódio envolveu até mesmo a presença da ronda escolar e no dia seguinte tínhamos uma atividade programada na sala de leitura, a professora responsável pelo espaço foi logo falando: “(...) Antigamente as crianças da tarde vinham muito mais. De repente, a escola virou uma zona. Bom, ontem teve um problema aí, que um menino arrancou o dente do outro, soco, diz que teve sangue pelo chão. Uma funcionária me falou hoje cedo e um colega me falou agora. Acho que é da oitava série. E daí eu comecei a trabalhar menos a tarde. Eu falei: eu vou ficar louca.”<sup>30</sup>

Ao ser questionada sobre o comportamento dos alunos do período vespertino e, em especial, com os da 8ª série disse: “(...) Eu acho que é falta de gente presente, o tal do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] meleca, assim, amarra as pessoas, tira a autoridade de todo mundo. Essa meninada vem sem limite nenhum e acha que pode fazer tudo e tem também a questão da droga, né, que eu não sei se estava envolvido ontem ou não.”<sup>31</sup>

Assim que fizemos contato com as duas classes, enfrentamos alguns desafios iniciais, conforme será melhor detalhado no capítulo seguinte. No final do mês de abril,

<sup>29</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>30</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Op. cit.

<sup>31</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Op. cit.

quando já estávamos inseridos em sala de aula, fomos surpreendidos com a inesperada troca do professor de História. Motivo: a professora, aposentada e que tinha optado por continuar lecionando, após dar as duas últimas aulas na 8ª série A e sair da sala rumo ao corredor, foi atingida por trás na cabeça com um corretivo líquido – popularmente conhecido como “branquinho”, material escolar usado por muitos alunos para esconder erros –, arremessado por Valdir, que senta no fundo da sala. Mas não presenciamos esse incidente. Dias depois, ainda com resquícios do produto nos cabelos, a professora acabou desistindo das aulas no período vespertino, permanecendo, contudo, com suas turmas do matutino e noturno. Tivemos que aguardar pela vinda de um novo professor, o que se efetivou na primeira quinzena de maio.

Sob a pressão do evento, a diretora nos explicou que, quando extrapolam as regras, a primeira providência tomada é “chamar” a família e admite que foi o ato cometido pelo aluno que realmente fez a professora desistir das aulas. “Aquilo fez ela deixar”, falou. “A vice-diretora fez toda uma triagem. Primeiro vai chamando aqueles que são apontados até chegar naquele que jogou. Aí ele fala: – Fui eu, mas eu não fiz por querer. Foi um incidente. Aí chama a mãe, a mãe conversa com ele. Faz o registro. Por mais que ele fez isso proposital, ele reconhece que pegou mal e aí ele fala que não foi, que foi um incidente, que ele não fez por querer. A vice-diretora faz muito esse trabalho porque a responsabilidade dos casos de indisciplina é dos vice-diretores e de aprendizagem dos coordenadores. “(...) Eu [diz seu nome] penso assim: Ele [aluno] pode ser o pior bandido, mas se aqui dentro do espaço escolar ele me atende, ele faz o que é necessário enquanto aluno, ótimo. Não me interessa se ele é filho do pior traficante, que ele trafica também, que ele rouba, que ele é isso. Aqui dentro ele respeita o nosso espaço, o espaço que ele tem. Então eu sou terminantemente contra expulsão de aluno porque quanto mais a gente conhecer ele, quanto mais a gente trabalhar com ele, é um a menos que vai assaltar a gente na rua e vai tá na rua andando. Isso desde que eu cheguei aqui eu venho trabalhar isso junto com a minha equipe, né? Eu tenho aqui um mais radical que por ele uma meia dúzia já tinha ido embora há muito tempo, né? Mas é uma faixa etária muito difícil. Precisa muito olho no olho. Então, nós já conseguimos mudar muitos, muitos.”<sup>32</sup>

Como responsável pelo encaminhamento do caso, para a vice-diretora, a professora de História tinha sérios problemas emocionais e de ordem financeira. “Deixa eu te falar uma coisa. Aquela professora ela tem problema, ela já é aposentada. Ela é uma

---

<sup>32</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

professora que ela sabe muito, entendeu? Eu trabalhei com ela em escola particular. Ela é professora de cursinho. Agora, ela está com uma sala à noite, entendeu? O que achei graças a Deus. Mas, assim, o problema dela era emocional. Morreu irmã, morreu não sei quem, outros da família foram morrendo, morrendo. Acho que ela tem problema lá com a família. O marido não gosta muito de trabalhar e a aposentadoria não dava, então ela foi somatizando. E aí ela pega aquela turma com os hormônios a toda, entendeu? Aí, ela não suportou, entendeu, porque ela não tem mentalidade nem psicológica, nem física para agüentar aquilo tudo, embora ela seja muito culta, mas acho que o tempo dela já deu, entendeu?”<sup>33</sup>

Em casos considerados mais graves, como a exploração do trabalho de adolescentes, a equipe gestora se vê obrigada a recorrer ao Conselho Tutelar. No relato seguinte, a vice-diretora expõe a face dessa que é uma das mais perversas formas de violação de direitos humanos, pois interrompe a formação escolar, “garantia” de todo educando. “Nesses dias todos eu tô com um menino da oitava série [B] que se chama Cauê, o número dele é 47. (...) ele foi lá pro Conselho, a mãe veio aqui conversou comigo, reclamou, falei para ela: – Quero o teu filho aqui. Quero o teu filho aqui. Aí ela falou: – O meu filho vai passar por psicólogo. Falei: – Tá ótimo, concordo tá certo. Aí no dia seguinte veio a psicóloga, o conselheiro e o garoto. Juraram por todas as formas que o menino ia vir pra escola. Até hoje o menino não apareceu. Agora, o que é que a mãe queria que eu fizesse? O menino trabalha com a mãe, ele fica num tal de CJ [Centro da Juventude], que tem aqui de manhã. Aí a tarde ele vai ajudar a mãe no serviço. Só que ele tá com uma bolsa do CJ (...).”<sup>34</sup>

O Centro da Juventude é um órgão da subprefeitura do bairro onde fica a escola e que oferece vagas para “Agentes da Cidadania” aos estudantes entre 14 e 18 anos, que possuem renda de até um salário mínimo por pessoa da família e apresentam uma proposta de atuação em uma das seguintes áreas: lazer, esporte, cultura ou cidadania. Os selecionados prestam dez horas semanais de apoio e recebem bolsa-auxílio de R\$ 150.<sup>35</sup> “(...) [a mãe] queria uma declaração que ele estava matriculado e freqüentando as aulas. Eu falei pra ela: Não vou te dar a declaração de frequência. Eu declaro que ele está matriculado, mas frequente não. Aí ela falou: Não, eu preciso de uma declaração que ele

---

<sup>33</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>34</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>35</sup> Disponível em: site da Sub-Prefeitura Municipal do bairro. Acesso em 07/02/2014. O link foi omitido para preservar a identidade da escola.

esteja freqüentando. Como eu não dei, ela ficou com raiva, ficou brava, ela disse que ia procurar os direitos dela. Ficou nervosa. Vai, vai procurar seus direitos porque eu também sei procurar os meus. E o menino no dia seguinte voltou e falou: Segunda-feira eu estou na escola. Falei: Eu estou te esperando. Hoje já é sexta e o menino não veio, não apareceu. Então, eu estou dando um tempo até segunda-feira porque pode ter acontecido alguma coisa. Como sei que não vai vir, eu já vou encaminhar... vai pra outras instâncias agora, não pode ficar mais na minha mão.”<sup>36</sup>

Mas, e quando a ida ao Conselho Tutelar falha? “Eu vou direto para a Vara da Infância e da Juventude. Lá é a decisão”, justifica a vice-diretora. “Ali o juiz vai chamar a mãe, vai chamar a criança e ali ele toma as medidas legais porque não é legalmente humano, vamos colocar assim, você querer..., ela quer que eu minta. Se eu mentir, ele vai receber a bolsa-família, uns 200 e poucos reais, lá no CJ [Centro da Juventude] é mais uns cento e pouco [R\$ 150,00] e mais uma cesta básica e ele ainda trabalhando com ela e eu ainda dando trabalho [escolar] pra ele fazer em casa à noite. O que é isso? Que mãe é essa?”<sup>37</sup>

Segundo a diretora, outra alternativa de busca por uma solução, quando não dá mais para continuar com determinado aluno, é convidar seus pais a procurarem uma outra escola. É um trabalho que exige uma articulação das atividades desenvolvidas pelos nove integrantes que compõe a equipe gestora da escola. A instituição possui um diretor, dois vice-diretores, quatro professores coordenadores e duas docentes designadas como professoras mediadoras de conflito, sendo uma para o período da tarde e outra para o período da noite. “A direção não sou eu, né. Eu tenho toda uma equipe.”<sup>38</sup>, diz.

Os motivos das transferências não espontâneas variam desde enfrentamento até uso de drogas, incluindo álcool. “Esse ano, nós tivemos dois casos muito difíceis, né. Do fundamental não teve nenhum. (...) Tudo é assim: questão de idade, de grupo e aí por diante. Foi enfrentamento. Agrediu o professor e fomos todo mundo pra polícia. Empurrou, xingou, ameaçou, né? E isso já vinha tendo um histórico muito difícil e ele [aluno] é de uma região distante daqui. Estava vindo pra cá pra isso? Então, conversamos com a família e não precisamos nem reunir o Conselho de Escola. A própria família

---

<sup>36</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>37</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>38</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

transferiu ele de escola. Ele é de Pirituba. Foi embora. Fomos para delegacia, eu, ele e o professor. Eu até falei assim: – Eu não tenho nada contra você e sim a sua atitude, né?”<sup>39</sup>

A diretora também menciona algumas ocorrências ligadas ao que intitula “o pessoal adepto da maconha”, grupo que considera a escola o local mais apropriado por ser “seguro” para consumir a droga. “A gente vem monitorando um grupo aí. O ano passado eu peguei também um aluno pichando o símbolo deles e a adesão a maconha, né. Aí nós fomos pra polícia e esse [aluno] imediatamente ele é maior de idade, então tá fora. O pai assinou até, mas ele mesmo assinou a transferência dele. Ele estava com um arsenal e tudo do que é adepto da maconha, vários papelotes, ele tanto fumava, quanto vendia para os colegas aqui dentro, né? Então esse saiu no final de 2012, no segundo semestre, né? Também resolvemos com ele aqui. A gente vai tentando, né?”<sup>40</sup>

Quando delitos desse porte acontecem, dependendo da idade do adolescente, a diretora explica que, através do professor mediador, é feito um levantamento que se efetiva em uma troca ou permuta, ou seja, a escola manda o referido aluno e no lugar dele recebe um novo aluno de outra escola. “(...) desse grupo, desse ano, do adepto a maconha, um menino do primeiro C também, né. Eu procuro monitorar muito. Eu percebi ele estava pichando e a hora que eu cheguei era o nome dele. Fiz a foto dele pichando distante, eu estava com a máquina, chamei tal e ele tem várias ocorrências. Como ele é menor, a família já trouxe pra cá pra tirar ele de grupo de outro lugar. Ele é do Morro Doce, né? Mas ele é difícil, o comportamento dele é muito difícil. Difícil no sentido assim, ele é apático. Você pode gritar com ele e não tem reação. Aí, então, toda vez que ele ficava cabulando aulas, tem vários registros. (...) o Conselho da Escola decidiu que ele termina o bimestre aqui, mas ele tem que mudar de escola novamente por que ele veio para cá e não valorizou o espaço que ele tinha.” E busca demonstrar otimismo: “Quem sabe o outro vem pra cá e se adapta.”<sup>41</sup>

No âmbito interno, em nossas observações com as oitavas séries pudemos presenciar constantes expulsões da sala de aula dos alunos tido como causadores de problemas. São os que têm “comportamento inadequado”, nas palavras da diretora, transitando de um extremo a outro, quer por sua agressividade ou por sua total indiferença. Enquanto os alunos Fayal, Giovanna e Wanderson pertencem ao primeiro grupo, Francine, Plínio e Antônio se encaixam na segunda categoria. Para equilibrar as

---

<sup>39</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>40</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>41</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

turmas, a diretora informa que é preciso realizar uma melhor distribuição com intuito de equiparar os distintos perfis:

“Quando chega no nono ano, oitava série, geralmente aumenta a demanda, vem gente querendo estudar aqui. Tem uma sétima que viraria só uma oitava. Eu não abro nenhuma vaga pra oferecer, tá? Por mim, eu diretora faria isso, por que o que vem de fora? Os piores, como aquela menina da oitava A, a Francine, que veio em março o que é aquilo gente? Tem enes problemas familiares, mas o que aparece é isso. Enquanto você tem vaga, os alunos estão chegando. E o fundamental, é pelo sistema, o aluno faz inscrição e o sistema aloca, independe dele [aluno] querer ou não. Então, a diretoria colocou, por ser uma escola central do bairro [diz o nome do bairro], acaba tendo uma demanda. Então, eu tinha uma sétima, eu precisei abrir duas oitavas, aquela minha sétima, o professor que trabalhou com a sétima distribuiu de forma, assim, que não ficasse todos aqueles alunos de difícil relacionamento e de baixo rendimento e a outra os melhorzinhos. Dividiu, né? Ficou a média de quinze [15] alunos, dezesseis [16], dezessete [17] alunos em cada um e os outros o sistema trouxe de outros lugares.”<sup>42</sup>

Questionamos sobre quais seriam os alunos ou os casos mais problemáticos das oitavas séries na visão da vice-diretora. “A Francine da oitava A. Pois é, aquilo ali, não sei o que eu vou fazer para resolver. Mas sabe quem é mais grave que ela? Porque ela [Francine] pelo menos chega e pede [dinheiro]. Tem um menino chamado Manuel da oitava B, que senta atrás da parede, ele é amigo da Francine, petitico. Ele rouba depois do turno escondido da mãe. Sabe a Giovanna? Ela se prostitui depois do turno, entendeu? Ela chegou aqui criança e tem um certo abandono. Ela mora com a mãe, tem um padrasto. Agora, pergunta pra a mãe: – A senhora sabe que sua filha vem todo dia com 50, 100 reais pra a escola, entendeu?”<sup>43</sup>

Inevitavelmente, a falta de dinheiro gera histórias sobre furtos e prostituição. Na escola, entre os professores, é consenso quase que “universal” dizerem que os alunos praticam furtos.

No entanto, vivenciamos situações contrárias a esse “entendimento”. Apesar da má fama de Francine, logo nos primeiros contatos em sala de aula a garota redirecionou uma pergunta feita pela professora na lousa: – Estagiária, o que é vanguardismo? Para em seguida arriscar um pedido: – Tia me dá cinquenta centavos?

---

<sup>42</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>43</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

Em uma das vezes, durante a aplicação de um exercício em classe, um adorno de prata caiu e os alunos ao recuperarem o objeto, interromperam a apresentação, para devolvê-lo de imediato.

Em outra ocasião, uma bolsa com dinheiro, cartões, documentos, pendrive e fone de ouvido acabou esquecida em uma das salas por mais de uma aula, tendo sido resgatada pelo professor de História que pediu para conferir todos os pertences. Estava intacta.

Infelizmente, há conhecimento de prostituição envolvendo, de modo declarado, pelo menos duas garotas das salas. Giovanna tem reputação de fazer sexo em troca de dinheiro. Embora seja assediada por Dênis, seu colega de sala, foi vista no período da pesquisa trajando mini blusa na companhia de um jovem rapaz em uma tarde de sábado. Os dois trocavam carícias em um banco da área comum de um shopping center da cidade.

Certamente a fama de ‘ser fácil’ – merecida ou não – espalha-se muito rapidamente. Os ‘rapazes’ estão atrás das ‘garotas fáceis’ nas discotecas, embora pensem duas vezes antes de serem vistos ‘saindo’ com uma delas. A ‘namorada’ é uma categoria bem diferente da categoria da ‘garota fácil’. (WILLIS, 1991, p. 63)

Como se aborrece facilmente e “toca o terror” nas aulas, Giovanna recebe de seus pares o apelido de Shrek, o ogro verde do filme de animação. A garota perde valor no grupo e se torna alvo fácil de troças por ter dificuldades em lidar com as constantes provocações.

Muito frequentemente o tema da ‘gozação’ é sexual, embora possa ser qualquer coisa – quanto mais pessoal, preciso e apropriado, melhor. O máximo da espirituosidade para eles reside em destacar aquilo que é degradante: a busca contínua dos pontos fracos. É necessária uma certa habilidade e algum know-how para realizar tais ataques e mais ainda para resistir a eles. (WILLIS, 1991, p. 49)

A desestrutura familiar da aluna Rose e seus modos de se vestir – em geral a adolescente aparece com roupas justas e decotadas – foram levados à tona na última reunião do Conselho de Classe e Série. A vice-diretora chegou a dizer que a garota recebe “clientes” em casa com o consentimento da mãe, numa clara alusão a exploração sexual da menor, anunciando que a menina deverá se transferir para a zona leste da capital, onde vai abrir “outro comércio”, sem dar mais explicações. Também ouvimos, em entrevista, histórias de adolescentes vitimados por agressões domésticas e *bullying*, prática que

invariavelmente culmina em brigas e até mesmo transferências para outra unidade escolar.

Conforme explica Paul Willis (1991, p. 52):

(...) mesmo quando dirigida contra grupos de fora (e por isso mesmo, naturalmente, ajudando a definir quem pertence ao grupo), um dos aspectos mais importantes da violência é precisamente seu significado anti-social no interior da própria cultura dos ‘rapazes’. Ela marca a entrada final no sistema informal de status e sua validação última. Ela regula uma espécie de ‘honra’ – ainda que deslocada, distorcida ou seja lá o que for.

Alessandro, aluno da oitava série B, fez questão de mostrar no celular o vídeo em que conseguiu flagrar o exato momento do pedaço de dente de Fayal sendo arremessado pelo soco. Quisemos saber do estudante qual tinha sido o elemento desencadeador de tal conflito ao que respondeu: “Fayal disse que Antônio cheira pó dez”. O que é pó dez? O garoto contou que na gíria significa “um pó maior”, ou seja, Antônio que já sofria *bullying* do colega, segundo relatos em reuniões do Conselho de Classe e Série, desta vez, havia sido xingado de drogado.

O celular tem grande importância para os adolescentes, como veremos no próximo capítulo. Não é a toa que a maior parte dos conflitos entre professores e alunos se dá em função do largo uso do aparelho em sala de aula. “O celular se tornou o melhor amigo dos jovens e o inimigo número um de muitos professores. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2005 e 2011, mostrou que o uso do celular por brasileiros com mais de dez anos de idade cresceu 107,2%.”<sup>44</sup>

Durante as aulas, guardamos a forte impressão de que o professor fica simplesmente falando e os alunos seguem dispersos com seus fones de ouvido acoplados ao celular. Quando passam dos limites e algum deles acaba indo parar na diretoria, num primeiro momento, os demais deixam o aparelho no módulo silencioso ou até mesmo desligado, mas a decisão inicial não dura mais que alguns poucos minutos. As desculpas mostram-se inconsistentes e, em geral, recaem nos familiares: “Estou falando com minha

---

<sup>44</sup> Qual o limite para o uso do celular em sala de aula? Ouça o debate no ZoaSom! Disponível em: [rádios.ebc.com.br/conteúdo/qual-o-limite-para-o-uso-do-celular-em-sala-de-aula-ouca-o-debate-no-zoasom](http://rádios.ebc.com.br/conteúdo/qual-o-limite-para-o-uso-do-celular-em-sala-de-aula-ouca-o-debate-no-zoasom). Acesso em: 21/11/2013.



mãe. Ela está passando mal”; “Minha vó me ligou pra eu comprar um remédio pra ela”; “Meu pai quer saber se estou bem”.

Quando se trata de uma atividade mais específica, como prova ou exercício valendo nota, os estudantes costumam consultar sites como Google e Wikipedia para “colar”. Alguns disfarçam escondendo o aparelho embaixo da carteira, embora sejam desmascarados a posteriori. Nas aulas de História, uma aluna acabou citando Hegel [Georg Wilhelm Friedrich Hegel], sem que o filósofo alemão tivesse sido mencionado em aula. O professor comentou: “Diz quem foi ele e te dou nota dez?” Embaraçada, a aluna não conseguiu responder. “Que vergonha, heim!, prosseguiu o professor. “Você precisa ser mais humilde pra colar, viu!” Como punição, a aluna teve a questão anulada.

“Pra esse, dei dez ao Google”, avisou categórica uma docente em reunião do Conselho de Classe e Série ao relatar que o aluno Fayal havia copiado conteúdo do referido website, via celular, dando-o como resposta na prova. “Ou você [fala dirigindo-se ao aluno] quer que eu acredite que essas palavras [lê um trecho em voz alta] saíram da sua cabeça?”, desafiou irônica. Visivelmente desconcertado, o jovem esboçou um meio sorriso sem contestar a acusação.

Durante nossas atividades, a estudante Daniela da oitava série B, copiou, por meio do celular, uma definição sobre História extraída do site *Yahoo Brasil Respostas*, configurando um caso de plágio. No exercício, para descobrir quais eram as concepções de História dos alunos, elaboramos questões prévias, as quais deveriam ser respondidas espontaneamente por eles, conforme será exposto no próximo capítulo. Em uma das perguntas formuladas – Para você, o que é História? Justifique sua resposta – tivemos como resposta da aluna: “História é uma ciência que busca conhecer os diversos aspectos do passado da humanidade e aumentar a nossa capacidade de entender o presente e criar as bases para ampliarmos nossa visão sobre o futuro.”<sup>45</sup>

Nas duas salas, a mesma quantidade de alunos [17] consideram que o celular poderia ajudá-los no aprendizado. A forma preferida desse “aprendizado” seriam as pesquisas realizadas pela Internet. Na 8ª A, a leitura de livros foi a segunda opção para três [3] jovens.

Questionada sobre o uso disseminado de aparelhos móveis com fones de ouvido em sala de aula, a diretora admitiu ser esse um problema ainda insolúvel. “Nem todos têm Internet, né [acesso pelo celular]? Com isso tudo, o governo tem uma lei, uma lei [repete].

---

<sup>45</sup> Yahoo Brasil Respostas. A resposta de autoria de uma internauta foi postada em 31 de julho de 2008. Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080730195437AAJGiy9>.

É proibido usar aparelho sonoro em sala da aula. Tem pai que fala assim: – Mas é o único contato comigo, pra monitorar, pra saber onde ele [filho/aluno] está? Na sala de aula, é horário de aula. Esse a gente ainda não conseguiu. Alguns professores conseguem fazer uns combinados com eles mais objetivos, né? Funciona melhor. Você vê na sala, esses dias, tinha um aluno com três celulares. Eu falei assim: – Nossa! Aí ele olhou para o meu [aparelho celular]: – Blu? Falei: – É do Paraguai, comprei na feirinha aí embaixo, paguei vinte conto. Os três [aparelhos celulares do aluno] tudo Samsung e outras coisas mais. Eu falei: – Porque três? Ele disse: Porque esses ainda são de um chip só. Aí eu falei: – Daqui a pouco você vai ter o quarto. Ele disse: – É que eu uso os bônus, isso e daquilo. Eles compram na feira, muda marca. É desta geração.”<sup>46</sup>

Em um comunicado geral, a vice-diretora fez a seguinte colocação: “Nada contra quem usa o Google, mas na Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular] não vai usar.” Posteriormente, procuramos saber se ela defendia o uso do celular por parte dos alunos: “O professor não pode tirar o celular do aluno porque é um objeto dele, mas em contrapartida, eu tenho professor que também usa o celular. E aí é aquela história. Se você não se dá ao respeito, você nunca vai ser respeitado, entendeu? Eu percebo isso, olha só como são as coisas, heim, não com os professores novos, mas com os professores mais antigos, você acredita? E aí quando você fala alguma coisa eles [professores mais antigos] sempre têm uma resposta. Eles são iguais, idênticos ou piores que os alunos. Costumam dizer: – Olha, só estava esperando uma ligação, é coisa rápida. É o que eu falo: Não pode, não pode. (...). Aí você fica em uma situação desajustada. (...) Aí você chama o professor conversa, conversa, conversa, mas aí também tem dia que o professor tá difícil de entender, entendeu? Você sabe de uma coisa? A educação ela evolui tão rápido, tão rápido, tão rápido, que se você não acompanha rápido, eu fui em uma palestra que o cara dizia o seguinte: – Que a gente tinha professores do século XIX, dando conteúdo do século XVII em pleno século XXI, você entendeu? Aí você tem que ficar se policiando pra não ficar um gestor do século XV.”<sup>47</sup>

Mas vocês estabelecem limites para o uso do aparelho em sala de aula? “Então, o que eu acho mais interessante é que a gente sabe, a gente faz reuniões com os pais e diz que não pode, mas, assim, mesmo sabendo... agora diminuiu os furtos, né, porque antigamente tinha muito disso aqui. A gente chama, avisa, coloca, mas os pais falam: Mas a gente fica preocupado porque não sei o quê, porque não sei o quê [argumentando

<sup>46</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>47</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

precisar falar com os filhos pelo celular] e fica. Agora, eles já vêm sem limites de casa, você entendeu? Então, quando chega aqui, a gente não consegue impor nada, a gente não consegue falar sobre limitação nenhuma com eles, você entendeu? Eles têm argumentos fortes, mas só que comigo eles não argumentam. A classe pode estar do jeito que tiver, é só ouvir: – Eu vou chamar a professora [usa o diminutivo do seu nome]. Pronto. Todo mundo se acalma, entendeu? Aí eu falo: – Estou com vergonha de vocês. Estou de mal. Não quero papo. Já era. Nunca mais vou querer falar com vocês. Depois de um tempo, eles me olham e perguntam: – Você ainda está com raiva? Respondo: – Não. Já está passando. Pronto. Acabou de passar. O que você quer? Entendeu? Então, eles [os alunos] já ficam mais animadinhos.”<sup>48</sup>

A vice-diretora faz o estilo “mãezona” e dá espaço, em especial, as vozes dos alunos. “Eu já sou avó, cara, falo besteira porque eu tenho que acompanhar pra fazer a coisa ir.”<sup>49</sup> É reconhecida pela diretora como sua “assistente social”. “Ela tem um jeito pra lidar com essa turma muito difícil, né? Ela chega muito próximo, ela fala muito a linguagem deles, não sei o que, teretetê. Ela faz umas trocas com eles em termos assim até de se alimentar: – Vamos comer alguma coisa e tal? Esse jeito dela tem ajudado muito. Então, isso é um ponto muito positivo que eu acho.”<sup>50</sup>

Desde final de 2009 com a última troca da direção, assumiu o cargo de vice-diretora e junto à atual gestão lidera esforços para reverter o legado do que chama de “diretores passageiros”, que vinham se revezando no comando da escola até então, desafiados permanentemente por um grupo ligado a professores do período matutino. “(...) durante muitos anos, essa escola é uma escola difícil: grande, com muitos alunos, muitos problemas e durante muito tempo, o grupo de diretores que tinha aqui eram de diretores passageiros, entendeu? Eram responsáveis, mas não eram efetivos, né. A partir do momento que teve uma direção que ficou efetiva, aí começam a aparecer as coisas. Agora a gente trabalha de acordo que é para a pessoa ver o que acontecia. Eu cheguei a presenciar isso porque eu fui professora aqui também. A diretora chegava e colocava esse cesto aqui [troca o objeto de lugar]. Um grupo de professores que é do período da manhã vinha e colocava ali. E falava para a diretora: Quero ver quem manda, entendeu? Aí o diretor se estressava, tinha ataques compulsivos de nervosismo e ia embora. Quando a gente chegou aqui, eu e a diretora [diz o nome da diretora], (...) foram colocadas

<sup>48</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>49</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>50</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

determinadas coisas nos seus respectivos lugares. Isso dá um trabalho, você entendeu, mas dá um trabalho. Aqui reprovava-se aluno porque ele foi malcriado com o professor e isso não é educar, você entendeu? Muitas vezes falavam: – Porque esse menino é isso, é aquilo. A gente falava: –Deixa ele. Prefiro ele estudando aqui dentro que lá fora assaltando. Deixa ele comigo. Essa foi a nossa meta.”<sup>51</sup>

Em seu discurso, faz veemente defesa aos alunos, em detrimento dos professores, sobretudo, os que tem mais tempo de magistério. “Existem professores ainda, que eu não sei o porquê e não entendo que acham que o professor é o único detentor do saber, que ele é assim aquela figura única. Não entendo como pode nesse século uma pessoa ter uma visão dessas. E aí eles acham que o aluno tem que ser avaliado no final pela nota, pelo caderno, pelo que ele fez. Eu acho isso um absurdo. Não concordo com isso. Então, no dia desse Conselho Final, geralmente, a gente trava uma discussão bem forte porque nesse ponto, eu e a diretora [diz o nome da diretora], a gente se dá muito bem, a gente se entende no jeito de olhar. Ela [a diretora] pensa do mesmo jeito que eu: não pode por um aluno para fora porque ele tirou uma nota vermelha, duas, três, quatro notas vermelhas. Não é assim. Vamos repensar, vamos ver o que aconteceu. Porque, de repente, no dia daquela avaliação você [aluno] não estava se sentindo bem, você [se referindo ao aluno] não tem obrigação. É muito complicado esse negócio.”<sup>52</sup>

Defende maior devolutiva aos estudantes como meio de escancarar resistências. “Antes sempre foi muito escondido, mas de uns tempos para cá, a gente está colocando assim, bem visível, alto e [em] bom tom para todo mundo ouvir: Qual é o professor que está negligenciando? Por exemplo, Geografia, Biologia e Matemática são as disciplinas que mais derrubam, mas aí entra aquela história: Como é que você está avaliando esse aluno? E aí nos HTPCs [Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo] os professores coordenadores estão trabalhando a questão da avaliação. Avaliar por que, como, de que jeito você faz essa avaliação. Você esclarece para o seu aluno como você vai avaliar? Ele sabe? Ele tem uma devolutiva daquilo que ele errou? E nem sempre a devolutiva existe, você entendeu? Então, ele erra, mas ele não consegue detectar aonde foi que ele errou porque ele não tem a devolutiva.”<sup>53</sup>

Informa que o Conselho de Classe e Série serve para fazer um “acompanhamento da vida funcional do aluno” e para saber como está indo sua aprendizagem. Segundo ela,

---

<sup>51</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>52</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>53</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

a equipe gestora considera esse momento apropriado para fazer uma avaliação de como está o professor em sala de aula. “Tudo que você passa de informação para o aluno contribui, desde que você tenha a devolutiva dele. E tem professor que não aceita você falar. Então, você tem que ter jeito, você tem que ter tato, você tem que ter toda, né, uma maneira diferenciada para você poder falar que o indivíduo está errando, continua errando e não quer ser ajudado. Aí o que a gente está fazendo. A gente entra nas salas, assiste às aulas, faz algumas anotações, que não é uma coisa exagerada, e depois traz pro professor aqui e mostra: – Olha, você está errando aqui, meu bem. Esse é um trabalho que a gente vem fazendo [vice-diretora assiste algumas aulas], mas não é para sair do básico esse ano. Esse é um trabalho que a gente faz com as crianças também. O professor que passa a acompanhar as turmas fica com os alunos que são bons e o professor que é da sala de aula mesmo, que é o mestre vamos dizer assim, vai para outra sala aqui de cima [no andar superior do prédio] e trabalha as dificuldades com os demais alunos. Porque é muito fácil trabalhar com aluno que é bom, né? Porque aí você fala: – Nossa, ele é ótimo e eu sou maravilhosa! Mas não é assim. O negócio é estar com um grupo ruim e tirar leite de pedra.”<sup>54</sup>

Em algumas passagens, fala como se existisse uma espécie de teste de força como num cabo de guerra no qual duas equipes, no caso, professores e alunos, competem entre si, puxando uma corda imaginária. “Ontem uma sala me chamou pra reclamar de uma professora mediadora, olha isso, que eu também acho que é uma encheção de saco [se referindo ao papel do professor mediador]. Uma menina chegou ao cúmulo porque ela [professora mediadora] tem uma sala que ela dá aula, uma menina que é uma graça, que eu nunca vi abrir a boca, ela falou: – Olha professora [usa o diminutivo do seu nome], posso falar? Eu falei: – Claro. Ela disse: – Eu vou falar pra a professora fulana, mas eu gostaria que ela não me levasse a mal e pensasse na atitude de ser professor porque para ser professor tem que ter postura e a senhora [se referindo à professora mediadora] não tem. Eu falei: – Minha nossa, isso saiu da sua cabecinha? Ela respondeu: – Sim. Ela é uma ótima professora, só que ela não tem paciência, ela chega nervosa, grita e daí o que é que acontece? A gente grita com ela também. E a professora [a qual foi criticada] já deve ter mais de sessenta anos, quer dizer, professora a vida toda, (...) aqui eu estou há dez, doze anos, e ela precisou ouvir isso de uma menina de sétima série. Ela [professora

---

<sup>54</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

mediadora] veio para minha sala e ainda quis discutir comigo, falando que a menina era malcriada e sem educação. Eu falei: – Pára! Pára!”<sup>55</sup>

Em sua visão, propõe a renovação do “velho” corpo docente, o qual julga ultrapassado. No lugar, defende uma completa abertura aos jovens professores, supostamente, mais dispostos ao trabalho. “Por exemplo, eu tenho uma professora de inglês aqui que ela já passou da hora de se aposentar. Eu acho que deveria ser obrigatório o professor se aposentar um pouquinho mais cedo, você entendeu? Porque eles ficam gagá [caducos] dentro da sala. E eles se acham o detentor do saber. Como assim, sabe? Ninguém é. Tenho uma professora de língua portuguesa que ela é excelente, mas ela se arrasta. Ela já se aposentou como diretora e agora quer se aposentar como professora. Então, eu acho que isso deveria ser cortado. Aposentadoria é uma só [inaudível] pra você viver. Estimular mais essa turma novinha que está chegando, você entendeu? Tirar, assim, com todo respeito, essa velharada da antiga, sabe, põe para ir pescar, põe pra fazer *tae kwon dô*, sei lá, fazer alguma coisa que libere a energia. Ficar com a mãozinha para o sol e deixa a turma mais nova trabalhar, você entendeu?”<sup>56</sup>

A escola possui cerca de cento e vinte [120] professores, sendo que trinta [30] deles estão designados em outros lugares, parte exercendo a função de professor e outra parcela funções pedagógicas ou administrativas. “Eu tenho professor que está em direção de outra escola, tenho professor que está na central da Secretaria de Educação, tem outro que está na Diretoria de Ensino Regional e tem um grupo maior que está na escola de tempo integral”, elucida a diretora. Dos noventa [90] professores restantes, em torno de sessenta [60] são efetivos ou concursados e trinta [30] se dividem entre docentes da categoria F, temporários que ganharam estabilidade e docentes da categoria O ou temporários.

Do quadro, há cinco professores de História, sendo três deles efetivos e dois temporários, os quais acompanhamos junto com as turmas. A primeira professora que fizemos contato foi substituída em abril por um jovem professor de 27 anos prestes a se licenciar em História depois de concluir uma DP [Disciplina Pendente] em Prática de Ensino em uma universidade particular da cidade de São Paulo. Com pouco menos de dois anos na rede pública estadual, “mas sempre picadinho”, admitiu gostar de lecionar. “(...) eu gosto de dar aula. (...) Eu gosto. Acho legal. Tem umas coisas que me irrita, né? Mas todo trabalho tem coisa que irrita, senão não se chamava trabalho, né? Era prazer.

<sup>55</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

<sup>56</sup> Entrevista com a vice-diretora. Op. cit.

Mas eu me vejo envelhecendo e enchendo o saco dos alunos, mas eu me vejo envelhecendo em um colégio da Prefeitura, que ganha mais, dando uma aula em um colégio particular.”<sup>57</sup>

A diretora conta que os professores temporários da rede estadual de São Paulo possuem contrato de um ano, renovável por mais um ano. Os temporários podem dar até trinta e duas [32] horas/aula semanais – o professor de História que acompanhamos dava vinte e duas horas/aula semanais –, somando um salário de cerca de dois mil e duzentos reais [R\$ 2.200]. “Muitos desses professores são alunos ainda de graduação. Vou pegar como exemplo esse de História [fala o nome do professor de História] ele ainda não concluiu a licenciatura e tem uma DP [disciplina pendente]. O contrato dele é válido por dois anos. Nesses dois anos ele tem direito a duas faltas abonadas, três faltas justificadas e tem uma [falta] que se for injustificada ele perde o contrato. Então, na realidade, ele [professor de História] tem direito a seis faltas, só que se ele usar as seis, ele perde o contrato. Perde o direito de ministrar aula. Nesta escola ainda não tive nenhum caso ainda assim. A professora de História anterior era efetiva, aposentou-se, saiu fora do quadro, aí ela se inscreveu novamente como temporária, que é o contrato O, ela deixou as aulas da tarde, mas ela ainda tem aula de manhã e à noite ainda.”<sup>58</sup>

Assim definiu o professor a respeito do seu contrato de trabalho. “Sou professor [categoria] O. (...) Aquele que o governo não renova o contrato para não ter que pagar férias, etc.”<sup>59</sup>, sentenciou. Por ser novato, quisemos saber se ele se via na carreira docente futuramente. “Não tenho muitas perspectivas de enriquecimento. Por exemplo, arrumar um emprego e ganhar dez mil reais por mês, de não sei mais o que lá. Fiz a faculdade e eu gosto de dar aula”.<sup>60</sup> Confessa ter tido de dar aula de outras disciplinas como Português e Inglês para cobrir faltas, sem, contudo, se julgar preparado para tal.

“O que eu sei de Português, se eu falo tudo errado? O que eu vou explicar para eles, cara? E os alunos não são tontos, eles percebem quando você não sabe as coisas. Aí, quando falta um professor, eles entocham texto na lousa lá para enrolar, mas aluno saca que você não manja do negócio. Aí fica feio pra você, fica ruim pro aluno, fica ruim para todo mundo. E o governo só está preocupado mesmo com Português e Matemática, que são as básicas das provas [Saresp, etc] de onde eles tiram os pontos mirabolantes para

---

<sup>57</sup> Entrevista com o professor. Anexo 10.

<sup>58</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>59</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>60</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

falar que a educação está melhorando. O resto, de Geografia, História, Ciências Humanas, que são áreas que tem aquele chavão no livro: “Pretende formar o cidadão crítico”, como se fosse responsabilidade do professor e não responsabilidade da sociedade inteira (...).”<sup>61</sup>

O professor de História faltou algumas vezes no decorrer da pesquisa, tendo sido representado em sala por uma professora eventual. A escola conta com o apoio de dois professores eventuais, um de manhã e outro à tarde, que ficam disponíveis em seus respectivos períodos para cobrir imprevistos. “Se não faltar [professor regular], ele [professor eventual] também fica, mas todo dia falta alguém”,<sup>62</sup> avisa a diretora. “O eventual é um professor da rede, está inscrito, passado por mim, cadastro feito aqui na escola porque no eventual a competência é do diretor. Eu tenho um professor que vem aqui, ele está inscrito na Diretoria [de Ensino] e insiste pra ser eventual aqui, mas eu já o conheço, já tive problemas sérios com ele dentro da escola. Então, eu não aceito. Ao invés de melhorar, vai me dar mais trabalho.”<sup>63</sup>

Na prática, trata-se de uma figura “reserva” que tanto pode trabalhar a disciplina ligada à sua formação, quanto conteúdos de outras áreas. “Esses dias, tinha uma professora de Língua Portuguesa aqui e ia ter uma atividade de arte e o professor de Artes faltou. Final de bimestre. Ele deixou a atividade, os alunos já estavam sabendo o que era pra estar terminando e essa professora de Língua Portuguesa trabalhou essa atividade que o professor de Artes deixou porque ele precisava concluir o trabalho. Não é sempre. Mas quando o professor deixa e tem o eventual a gente faz assim, senão trabalha a disciplina dela. Se ela é professora de Língua Portuguesa, ela trabalha relacionado a Língua Portuguesa ou as questões interdisciplinares, questões ambientais, políticas, temas transversais.”<sup>64</sup>

A diretora diz que a escola aceita voluntários, basta preencher um cadastro para atestar quais habilidades podem exercer, variando de atividades pedagógicas a burocráticas. A escola tem ainda cinco readaptadas – professoras que deixaram a escola por problemas de saúde e, por não terem condições de voltar à sala de aula, são realocadas para outros serviços – sendo todas efetivas. Em nosso trabalho de campo, desenvolvemos atividades na Sala de Leitura<sup>65</sup>, que está sob a guarda de uma professora readaptada por

---

<sup>61</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>62</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>63</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>64</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>65</sup> No Relatório de Estudos do Saesp de 2013, tabela 21, relativa ao ensino de Língua Portuguesa, no que diz respeito as atividades e ações que o professor nunca realiza ou promove, consta levar os alunos para visitar a biblioteca da escola. “(...) ao se analisar o conjunto das respostas de todos os alunos, verifica-se



problemas de saúde. Em nossas conversas fez questão de contar orgulhosa sobre como evitou que a escola fosse fechada ao participar de uma reunião, no dia 2 de dezembro de 2009, na Assembleia Legislativa, com entidades representativas e deputados estaduais, em que estava presente o então secretário de Educação do Estado, Paulo Renato Souza.

No encontro, pipocaram denúncias por parte de diretores de algumas instituições de ensino, incluindo algumas tradicionais, de que as mesmas seriam fechadas. Paulo Renato teria dito que bastava lhe enviar um documento descrevendo o fato para que ele pudesse apurar sua veracidade. Nesse momento, os diretores o avisaram que houve tentativas nesse sentido, mas as denúncias nunca chegavam até ele. “Peguei uma folha de papel e redigi de punho uma carta na qual explicava sobre a importância da nossa escola, sua tradição no ensino público, atendimento a comunidade do entorno e preocupação com estudantes trabalhadores do noturno”,<sup>66</sup> relata. “No final da reunião, entreguei o bilhete para o secretário, dizendo que considerasse o exposto e acabei revelando que era parente de uma pessoa próxima a ele durante o período em que foi reitor da Unicamp [o teor deste trecho foi omitido para preservar a identidade da professora].”

Perguntamos sobre como foi deixar a sala de aula ao ser readaptada em um novo espaço, no caso, a biblioteca ou sala de leitura. “Os últimos anos, seis anos, na sala de aula foram difíceis, foram bem difíceis. Eu faltava muito. O tipo de aluno que começou a vir e o tipo de formação que a gente tem, que a gente quer trabalhar, trabalhar direito com aluno que, supõem-se bem-educado porque não vem. Então, era muito difícil. Pra não criar maiores problemas eu faltava. (...) Agora, aqui na biblioteca eu sou privilegiada, né. Vem a fina flor aqui. Eles vêm aqui. Eu converso, vejo um grupinho: vamos fazer um trabalho na biblioteca? Às vezes eu convido meia dúzia vem um ou dois, mas aí vem. Assim, não posso fazer a propaganda nas salas porque eu sou sozinha e depois eu não consigo. Como fazia muito tempo que a biblioteca estava fechada quando eu comecei, eu ainda estava convalescendo, fazia um ano da cirurgia. De repente, eu fiz 280 carteirinhas aqui. Foi muito. Enchia isso aqui. Eu tinha um colega que era professor de Geografia que vinha estudar aqui e dizia: mas não é possível, você é sozinha aqui, tem que ter alguém para te ajudar, você não tem estrutura para atender uma demanda reprimida. Eu parecia uma pop star, viu [risos].”<sup>67</sup>

---

que essa é uma prática que diminui com o avanço dos anos escolares.” In: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit., p. 28.

<sup>66</sup> O relato foi feito pela professora da sala de leitura antes do início da entrevista.

<sup>67</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Op. cit.

Além dos professores readaptados não terem condições de voltar à sala de aula, a diretora se vê numa “sinuca de bico”, ressaltando que, em paralelo, a falta de professores para lecionar vem crescendo numa constante. “Não, não tem professor de nada. Olha, pra eu conseguir professor de Arte, ainda tá aí, não sabe se vai ficar ou não, é aluno, nunca entrou em sala de aula, tal, talvez fique. A gente tá catando lata. Não tem. Não tem [frisa]. E a nossa escola [diz o nome da escola] é uma escola central, não falta professor aqui. Tem escola por aí que não tem professor. Não tem. Física que é exceção da exceção da área das exatas, pior ainda. Veja os cursos superiores de licenciatura de Física, fecharam. Aí aquele [professor] que fez Matemática, acaba, entre uma coisa e outra, ministrando. Porque ministra? Porque é da área, mas não tem formação nenhuma. Dá o mínimo do mínimo, pega o livro didático e não vai além daquilo ali. Ele é um aluno estudando o livro dentro daquilo ali. Não tem formação nenhuma.”<sup>68</sup>

Ao particularizar para o ensino de História, a diretora se denomina uma defensora da área, entretanto afirma conviver com um panorama preocupante. “(...) a professora minha efetiva de História do [ensino] médio falta muito, os alunos reclamam demais. Ela é ótima. Ela é, como diz, uma história viva porque ela tem muito conhecimento, ela é ótima de memória. Ela dá aula e ela não precisa de livro. Ela tem uma noção do que precisa dar pro primeiro ano, pro segundo e o terceiro, mas qual o problema dela? Ela falta, mas o que ela falta. Aí que eu falo assim o problema dela é pessoal. Pânico. Não construiu a família dela, muito sozinha. Aí, ela e a irmã, as duas optaram por morar em São Paulo, vivem muito sozinha e os pais vieram, os pais morreram. O pai foi o último a morrer, morreu no ano passado. Então, é aquele mundinho familiar. Por mais que ela tenha uma noção global, uma pessoa bem informada, mas não soube lidar com as questões pessoais e aí interfere diretamente no profissional.”<sup>69</sup> Em outubro de 2014, ao retornarmos para uma visita, soubemos da vice-diretora, que a professora citada nesse relato tinha morrido havia alguns dias após constatar um câncer em estágio avançado durante perícia médica.

Uma das punições impostas aos professores de uma unidade escolar que tem desempenho ruim no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp) – caso da escola selecionada – é deixar de receber o décimo quarto salário também

---

<sup>68</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>69</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

conhecido como Bônus por Resultado. O Idesp leva em conta os resultados das provas do Saresp e também dados da progressão escolar, como aprovação ou repetência.<sup>70</sup>

Como os professores recebem o bônus de acordo com o resultado do nível de ensino que atuam, a diretora explica que os docentes dos anos finais do ensino fundamental, 6<sup>a</sup> à 9<sup>a</sup>, ficam sem a gratificação. A equipe da escola recebe de acordo com a média da unidade. A partir do momento em que uma unidade escolar é definida como “prioritária”, abaixo do índice de aprendizagem, há algumas ações específicas direcionadas a ela. “Para essas unidades, haverá prioridade na formação continuada de professores (números, etc.), investimentos em infraestrutura, implantação do programa de professores-mediadores, salas de leituras e projetos especiais de recuperação do aprendizado dos alunos.”<sup>71</sup>

Como atividade de “formação continuada”, diretora, um dos vice-diretores, professor-coordenador e professores de Língua Portuguesa e Matemática dos anos finais do ensino fundamental foram convocados para participar do curso “Melhor Gestão, Melhor Ensino (MGME)”, que oficialmente integra o “Programa Educação – Compromisso de São Paulo em continuidade às atividades de formação desenvolvidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo”.<sup>72</sup>

“A gente estuda, faz análise, ontem, nós fizemos [análise] do currículo, aí pega esses pontos: currículo, plano de ensino do professor, diário de classe do professor e o caderno do aluno, o que ele anota no dia a dia, pedimos um e levamos pra gente fazer essa análise. Porque? Porque a gente verificou que o nosso resultado interno, por exemplo, eu tive três retenções na oitava série o ano passado, mesmo a retenção ter sido muito pequena, a retenção foi por nota, na oitava série não tem progressão continuada, o aluno fica retido. (...) Se é isso que é pra tá ensinando, é isso que está chegando para o aluno? Porque o que cai na avaliação externa é o currículo, então esse currículo é o conteúdo mínimo necessário pra ser trabalhado em sala de aula. (...) Estou acabando de designar mais uma [professora coordenadora], por estar nas prioritárias, abaixo do índice

---

<sup>70</sup> GOVERNO DE SP PAGA R\$ 655 MILHÕES EM BÔNUS POR RESULTADO. Secretaria de Estado da Educação. São Paulo, 2010. In: Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=208646>. Publicado em: 22/03/2010. Acesso em: 05/02/2015.

<sup>71</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. Op. cit.

<sup>72</sup> Site Rede do Saber. Disponível em <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=4729>. Acesso em: 06/02/2015. “É um curso de trezentas e sessenta horas [360], parte presencial, parte por videoconferência e agora nós estamos concluindo online. Termina, se Deus quiser, na primeira semana de julho.” Fora da escala “macro”, nos termos da diretora, a Diretoria de Ensino, a qual pertence a escola, realiza complementarmente um trabalho de orientação, voltado a prática pedagógica.

de aprendizagem, a gente tem direito a mais um coordenador para trabalhar específico currículo com os professores.”<sup>73</sup>

Quando lançou o “Programa Educação – Compromisso de São Paulo”, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo afirmou, de maneira genérica, que implantaria projetos especiais e destinaria recursos extras para essas escolas.<sup>74</sup>

Entretanto, para a professora coordenadora dos anos finais do ensino fundamental que também é docente de Língua Portuguesa das oitavas séries, não há uma continuidade nas atividades de formação oferecidas pela Secretaria. “Você pode colocar aí na sua entrevista um adendo que a Secretaria de Educação não tem um fim de trabalho. Ela tem começo. E ela também não permite você... então, você assume, você elabora um projeto, você começa um trabalho. E eles não dão valor e tão pouco se lixando pra esse trabalho, pra essa qualidade que você quer pro aluno. Aí acaba. Pronto. Aí não tem continuidade. Aí você quer um ensino de qualidade, né. Não sei se é que eles sabem o que é um ensino de qualidade. Eu sei.”<sup>75</sup>

Perguntamos como ela definiria, então, um ensino de qualidade. “Para mim, uma proposta pedagógica ela tem que ser permanente. Se a proposta pedagógica do Estado de São Paulo é xis, entra governo, sai governo, entra secretário, sai secretário, ela [proposta pedagógica] tem que ser aquela. Essa proposta ela pode ser aprimorada, ela pode ser atualizada, mas é a proposta pedagógica. Agora, cada governo, cada secretário da educação muda as regras, muda as propostas, me fazem essas apostilas que...[faz breve pausa] perdão o pessoal da USP que preparou isso, mas né? [pega a folha para ver qual é a próxima pergunta].”<sup>76</sup>

Com vinte e dois anos de magistério, a professora coordenadora pertence ao grupo dos docentes da categoria F ou temporários que ganharam estabilidade, assim como a vice-diretora. Diz lecionar há dois anos na instituição e manifestou descontentamento em relação a postura que vem sendo adotada pela Diretoria de Ensino a partir do momento que a escola passou a ser caracterizada como vulnerável. “Tem, assim, dois anos que ela tá, assim, abaixo do básico. Aí fica uma pressão da Diretoria de Ensino que eu acho ridículo, né, que vê um bando de gente de bota, de salto, de cabelos loiros. (...) Esse povo de bota e de salto, é tudo no salto da bota e nada na cabeça, né, por que? Porque não

<sup>73</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>74</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. Op. cit.

<sup>75</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

<sup>76</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

conhece a nossa realidade e não conhece o meu aluno. O meu aluno sai de Osasco, o meu aluno sai de Pirituba, o meu aluno sai da Brasilândia, sai de [Parada de] Taipas. Aí de repente chega todo mundo aqui: loiras, lindas. (...) Aí chega tudo aí no salto da bota e não tem nada na cabeça e fica fazendo as coisas na pressão, né? Por isso que eu odeio coisa política, né? Porque depois esse povo empinado, muda-se a situação política de São Paulo, esse povo cai tudo, né? Na minha cabeça, eu tenho uma consciência profissional, eu tenho consciência de levantar a autoestima do menino. Eu estou com dezessete alunos pendurados. Eu vou chegar pra esses moleques e vou falar reprovou? Não. Não [repete].”<sup>77</sup>

Como o Saresp avalia anualmente os alunos do nono ano do ensino fundamental na área de Língua Portuguesa e Redação, averiguamos se havia algum tipo de atividade preparatória direcionada para o professor da referida disciplina em relação ao exame. “O que eu antecipo pra vocês na minha área é que eu tenho uma O.T (Orientação Técnica) que vai acontecer no dia 25 agora [25/10] sobre artigo de opinião. Ironicamente eu não sei o que é que eles têm pra me ensinar sobre artigo de opinião. Se eles têm tudo na bota e nada na cabeça. Eu acho que eu vou lá ensinar um pouco. Eu vou na Universidade. Eles ocuparam um espaço pra receber os prô [professores]. Mas eu não sei o que eles podem me ensinar. Os meus alunos já estão muito bem obrigada, com artigos de opinião.”<sup>78</sup>

Segundo dados da Secretaria, ao considerarmos que a maior parte – precisamente 87% – dos estabelecimentos de ensino caracterizados como “vulneráveis” possuem ensino fundamental e médio, podemos dizer que a escola escolhida encontra-se nos parâmetros.<sup>79</sup> Porém, ao analisarmos que a maior parte deles não possui bibliotecas ou laboratórios de Ciências, verificamos que a unidade em questão pode ser vista como uma exceção. A escola possui ampla biblioteca ou Sala de Leitura (com excelente acervo literário, incluindo obras raras), um espaçoso Laboratório de Química, Física e Biologia, Sala de Vídeo e Auditório com capacidade para oitenta pessoas e Sala de Ambiente de Informática. Além desses espaços, na área externa os alunos contam com uma cantina onde, ao lado, ficam a cozinha e o depósito de merenda. A Sala de Leitura e o Laboratório de Química, Física e Biologia ficam no segundo andar de um anexo (fechado com grades,

---

<sup>77</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

<sup>78</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

<sup>79</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. Op. cit.

correntes e cadeado), situado ao fundo do prédio principal. Embaixo dessa área há um arquivo, a sala dos agentes escolares e um almoxarifado.

A placa de batismo com as iniciais do professor A. P. traz os seguintes dizeres: “Homenagem de seus colegas e amigos do Instituto Estadual de Educação [*nome da escola*] 06 de novembro de 1973”. Em pouco menos de dois meses, o espaço estaria completando exatas quatro décadas de fundação, considerando que a entrevista concedida pela professora da Sala de leitura foi realizada em uma ensolarada tarde do dia 8 de setembro de 2013.

Ao percorrer as primeiras fileiras dos quase 13 mil livros surge, bem grudadinha, com fita adesiva, na lateral de uma das estantes, um pequeno fragmento do nosso objeto de estudo: o recorte de uma ilustração colorida da edição do dia 12 de setembro de 2012 do jornal *Folha de S. Paulo* da boneca Emília, com a boca tampada por dois esparadrapos em sinal de cruz, publicada por ocasião da polêmica envolvendo o veto por “racismo” da obra *Caçadas de Pedrinho*, pelo Conselho Nacional da Educação (CNE). “As obras literárias precisam ser analisadas à luz do período em que foram escritas, não acha?”<sup>80</sup>, questiona a professora.

Dividida em dois ambientes, a biblioteca é formada por duas salas conjugadas. Na primeira, estão dispostas três mesas redondas com cadeiras, pufes em cores variadas para quem deseja fazer uma leitura mais descontraída e o mobiliário da professora, uma pequena mesa e cadeira de madeiras ao lado da porta, como forma de controle do acesso. É possível avistar, através de amplas janelas, o movimentado comércio local. A segunda sala guarda coleções mais antigas e algumas obras raras, em edições dos anos 40 e 50, como *Confiteor* e *Alma Cabocla*, de Paulo Setúbal (doados pela professora) e *Sermões*, de Padre Antônio Vieira.

No corredor de acesso que leva à Sala de Leitura é possível ver empilhados no chão volumes e mais volumes de materiais impressos. Eram livros didáticos de espanhol e inglês enviados pela Secretaria da Educação do Estado. “Pois é, a escola não tem espanhol, vieram os livros de espanhol. E daí primeiro a diretora colocou aqui no pátio e eu fazia também propaganda. Gente, pelo menos valem uns R\$ 100, R\$ 150, peguem os livros e tal. Daí tirou e pôs lá. Eu não sei se eles vão ser mandados pra delegacia [Delegacia de Ensino], pra outros lugares, se não for picotados, eu nem sei. Olha o nosso dinheiro onde vai e o nosso salário como é!”, disse a professora da biblioteca.

---

<sup>80</sup> A observação foi emitida pela professora da sala de leitura.

Na linha do descaso, observamos que todas as portas das salas de aulas, sem restrição, estavam sem miolos. Os alunos também precisaram ser dispensados algumas vezes por falta de água, o que acabou impossibilitando uso de bebedores, limpeza dos sanitários e realização da merenda. “Por ela [escola] ser muito antiga, a hidráulica é direto da rua. Não tem aquela caixa de água”, explicou a diretora, constrangida.

Mesmo tombada, é senso comum que a escola, no geral, está malconservada. Sobre a previsão de reforma, a diretora nos informou: “As quadras não têm cobertura e o piso é ruim, mas [os alunos] usam direto. Temos duas, uma seguidinha da outra. Como é muito antigo, o normal da escola é ter um pátio coberto assim, né? [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Quando você olha aquelas portas, pisa no nosso assoalho está afundando, dá uma tristeza [ênfatisa] sabe? Poderia ser melhor. A quadra é um espaço tão querido pelos alunos. Tanto processo aí rodando, já há tantos anos, já foi autorizada a cobertura e não vem essa cobertura da quadra, entendeu? Hoje tivemos que dispensar os alunos porque essa escola não tem um reservatório de água. (...) Foi uma emergência. Apesar que não é sempre, mas, por exemplo, a Sabesp justificou que estourou aqui ó, então, assim, não deu para avisar [no sentido de avisar antes os alunos que precisaram ser dispensados]. O que eu vou fazer? Então, eu ligo para a minha dirigente, minha chefe, ligo pra outro, pra outro. Tem que contornar tudo isso, entendeu? Ai meu Deus!”<sup>81</sup>

O primeiro desafio inicial enfrentado assim que definimos a amostragem preliminar foi a mudança física de sala logo no começo do ano letivo. As duas oitavas séries foram organizadas em salas de aula no piso superior do bloco central do prédio escolar. Porém, em decorrência da quebra dos vidros das janelas da sacada pelos alunos, agentes de organização escolar precisavam subir continuamente às escadas e a direção decidiu pela mudança dos alunos para o térreo, nas salas onde estavam lotadas as quintas séries.

Dessa forma, segundo a diretora, mais próximos da sala da coordenação e das vistas dos funcionários, o controle passou a ser mais eficaz. “Eles são muito inquietos. A estrutura da escola [diz o nome da escola] não ajuda muito porque é tudo aberto. Ele [o aluno] tem essa liberdade de ir e vir aqui dentro e o adolescente não sabe lidar muito com isso.”<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>82</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

Construída antes da Primeira Guerra Mundial, conserva ainda uma pálida lembrança da majestosa edificação, inicialmente composta apenas pelo atual Bloco Central, que continha doze salas de aula, cinco delas destinadas a parte administrativa e alguns sanitários. Como o terreno era grande, aos arredores do prédio havia uma grande e vasta área de recreação. No piso da fachada ainda é possível admirar o charme irregular do ladrilho hidráulico, produzido artesanalmente. Através de uma foto antiga disposta num quadro na sala da direção vemos pracinhas na escadaria do colégio em uma matéria do *Diário de S. Paulo* de 27 de julho de 1932. O ponto era caminho dos cavaleiros rumo ao Sul.

Adepto do uso de vídeos e filmes no auditório, o professor de História teceu alguns elogios sobre a estrutura atualmente disponível no local. “Aqui até que é bom. Tem um auditório de filmes, coisa que não tem lá em outras escolas. Não tinha nada. Na escola onde eu dei aula não tinha nada, não tinha nem projetor para você passar. Nada, nada.”<sup>83</sup>

Em compensação, não poupou críticas ao comentar sobre a má conservação do prédio. “Ah, é que é assim, podia melhorar a fachada do local, né? Porque eu acho que o ambiente tem reflexo muito grande nos alunos, né? Se você é jogado em um lugar que é quebrado, que não tem manutenção, o cara vai pichar mesmo. Isso daí vai pô: Olha o lugar que eu tou [estou]. Se eu tou [estou] nesse lugar aqui ó, olha o que a vida me reservou, onde eu fui parar. O cara não consegue sentir motivação pra organizar suas próprias coisas. Seu material vai ser reflexo do ambiente que você está fazendo. A mesma coisa o professor. Você vai fechar uma porta, que não tem nem porta cara? Gastei mó grana com a faculdade e o que o Estado me reserva é um negócio todo depredado. Aí entra o caso que aqui é tombado. Vai se fuder, né? Quer tombar um negócio zoadado, quebrado, não dá né.”<sup>84</sup>

Na entrevista concedida por ele na última semana do mês de agosto de 2013, em uma área coberta no pátio da escola, fazia pouco menos de dois minutos que tínhamos iniciado a gravação quando o docente nos interrompeu durante a primeira pergunta para chamar a atenção sobre uma praga invasora:

- Olha o rato!
- Oi?
- Me distraí. Passou um rato gigantesco lá.
- Sério?

---

<sup>83</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>84</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.



- Aqui tem rato pra caralho, não sabia não? Nunca viu [risos]? Eles passam de manhã no meio dos moleques, de boa [risos].

- Muito grandes?

- Nossa Senhora! Tipo uns bitelos, meu! Desculpa [risos]. Você tem medo?

- Claro que sim. Porque, ao contrário das baratas que é fácil de encarar, eles costumam atacar, né?

- Ah, eles pulam mesmo. Desculpa. Não aviso mais [risos].

- Não, ao contrário. Me avise sim, por favor.

- Os caras têm que fazer uma reforma logo aqui, meu. Nossa senhora, o rato parecia um cachorro [risos].

Depois disso, escolhemos um local mais “seguro” para continuar o diálogo, temendo que as ratazanas pudessem ficar irritadas.

## CAPÍTULO 2

### A ENTRADA EM SALA: OS ATORES SOCIAIS E SUAS TEIAS DE SIGNIFICADOS

*“A arte abrindo caminho à ciência; quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui?”<sup>1</sup>*

Monteiro Lobato

Um estudo comparativo com duas turmas da oitava série<sup>2</sup> foi realizado no decorrer de 2013. O principal motivo dessa escolha foi que ela nos representou desde o princípio um desafio a mais para a concretização da etapa de campo da pesquisa, uma vez que o mau desempenho, repetido em anos anteriores, dos alunos dessa série no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp)<sup>3</sup> define a escola selecionada como “prioritária” ou “de maior vulnerabilidade”.

Conforme contextualizamos no primeiro capítulo, o Saresp é um dos componentes do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp), que além da nota da prova em Língua Portuguesa e Matemática, contabiliza as taxas de aprovação e abandono escolar. Entretanto, de acordo com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o único critério de fato considerado para a escola ser definida como “vulnerável” é o desempenho de seus alunos no Saresp.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Frase extraída de: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Tomo II. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962, p. 142.

<sup>2</sup> A escola escolhida ainda precisará se adaptar a atual estrutura do ensino fundamental, assim que fechar seu ciclo de séries baseado no antigo ginásio, que tinha quatro anos de duração, da 5ª a 8ª série, equivalentes hoje aos anos finais que compreendem do 6º ao 9º ano. Com a nova nomenclatura, a oitava série equivale ao nono ano do ensino fundamental.

<sup>3</sup> “O Saresp tal como o Saeb [Sistema de Avaliação da Educação Básica], avalia periodicamente os conhecimentos de seus alunos em português, matemática, ciências, história e geografia, além de recolher, por meio de questionários, outras informações associadas ao desempenho. Criado em 1996, com o apoio do Banco Mundial, esse sistema configurou-se, desde o início, como uma avaliação anual, censitária e diagnóstica, compulsória para as escolas da rede administrada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, porém aberta à participação, por adesão, das redes municipais de ensino e das escolas particulares. Suas matrizes de referência sempre se pautaram nos Parâmetros Curriculares Nacionais.” Para ver mais: CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Sistemas de Avaliação da Educação no Brasil: avanços e novos desafios. In: São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade. Vol. 23, nº 1, janeiro/junho de 2009, páginas 12 a 15. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/v23n1.pdf>. Acesso em 17/02/2015.

<sup>4</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. In: Observatório da Educação. ONG Ação Educativa. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/sugestoes-de-pautas/48-sugestoes->

As notas do Saresp são classificadas em quatro níveis de proficiência – abaixo do básico, básico, adequado e avançado – a partir dos resultados da avaliação em Língua Portuguesa e Matemática no final de cada um dos três ciclos de aprendizagem, respectivamente, quinto e nono ano do ensino fundamental e a terceira série do ensino médio.<sup>5</sup> Como as séries terminais são as que pontuam o índice da escola, os educandos do terceiro ano do ensino médio da instituição de ensino escolhida ainda conseguiram atingir o nível “básico”, considerado um “sinal amarelo” ou estado de atenção. Mas os estudantes das oitavas séries, nem isso. Ficaram “abaixo do básico”, ou seja, inferior ao esperado para a série que cursam, o que significa que “os alunos neste nível demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série escolar em que se encontram”. (CASTRO, 2009, p. 14)

Portanto, além de receberem a insígnia de péssimos alunos ou aprendizes medíocres – obstáculo considerado em nosso estudo como um ambiente instigante para a pesquisa científica, onde a estabilidade das relações e o sucesso escolar são raros – as oitavas séries A e B reuniam outros elementos que viabilizavam o desenvolvimento dos trabalhos. Eram, assim como as quintas séries, as únicas das demais séries do ensino fundamental da escola, a ter duas classes, o que possibilitaria o desenvolvimento de nosso estudo comparativo.<sup>6</sup>

Outros fatores decisivos foram a receptividade da direção, facilidade de acesso e a conjuntura favorável do ensino fundamental ser oferecido exclusivamente no período vespertino, tendo horários compatíveis com a nossa disponibilidade para a realização das atividades. Além disso, a indicação das duas oitavas séries foi reforçada pela diretora, que vislumbrava um apoio extra que, por pouco, não se converteu em expediente extraordinário por ocasião do imprevisto com a troca de professores de História, relatado anteriormente. A professora coordenadora chegou a nos sondar para uma substituição emergencial, mas, com a negativa, tivemos que aguardar pela vinda de um novo professor, o que se efetivou na primeira quinzena de maio.

Os dois grupos foram estudados por meio de observação participante na classe durante as aulas de História e também nos momentos extraclasse – em especial no

---

de-pautas/1184-quase-f-das-escolas-da-rede-sao-consideradas-prioritarias-por-criterios-de-desempenho-no-saresp. Acesso em: 05/01/2015.

<sup>5</sup> QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP. Op. cit.

<sup>6</sup> No final do primeiro semestre, com poucos alunos nas salas, as sextas séries A e B, assim como as sétimas séries A e B precisaram ser unificadas em uma única série cada. Dessa forma, as oito salas de ensino fundamental no período vespertino foram reduzidas a apenas seis.

auditório –, como discussões regulares do Conselho de Classe e Série, reuniões de pais e entrevistas informais nos intervalos. A oitava série A tinha um total de trinta e quatro [34] alunos matriculados, sendo que vinte e dois [22] pertenciam ao sexo masculino e doze [12] ao feminino. A oitava série B tinha igualmente um total de trinta e quatro [34] alunos matriculados, sendo que vinte e um [21] pertenciam ao sexo masculino e treze [13] ao feminino. Ambas as turmas são constituídas majoritariamente por garotos, os quais representam quase dois terços da sala.

Esse fenômeno nos chamou a atenção pelo seu antagonismo uma vez que:

(...) pesquisas realizadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo indicam que os rapazes constituem o grupo majoritário em número de reprovações, fato que os leva a abandonar a escola e provoca diminuição sensível do número de matrículas nas séries finais do ensino fundamental. (ABUD, 2014, p. 16)<sup>7</sup>

Contrariando o padrão de que os rapazes mais precocemente desistem dos estudos no meio do caminho para trabalhar, na escola verificamos que do total de alunos matriculados nas turmas do ensino fundamental, há mais garotos do que garotas, em uma proporção de cento e dois [102] meninos para setenta e duas [72] meninas. Na 8ª B três meninos trabalham, sendo dois [2] – Júlio e Kauã – de forma regular e remunerada, e um – Kakay – de maneira esporádica, o que representa pouco mais de 9% dos alunos. Na 8ª A, seis rapazes – Guilherme, Horácio, Josué, Rogério, Thiago, Wanderson – e uma garota – Karen – exercem algum tipo de serviço, quase 23% da classe, mais que o dobro da 8ª B. Quatro deles com cinco ou mais horas de trabalho, incluindo fins de semana. Há estudantes que trabalham como balconistas, programador e webdesigner, vendedor ambulante, recepcionista, garçom e em buffet.

Ao procurar saber sobre quais seriam os motivos desse predomínio dos meninos sobre as meninas levantamos o pressuposto de que os rapazes são incentivados a se deslocar de outros bairros para se distanciar de relações sociais indesejadas ou da violência na periferia. Essa hipótese foi confirmada pela diretora: “Eu vejo assim, como

---

<sup>7</sup> No Relatório de Estudos do Saresp de 2013, na tabela 14 do item 2 Perfil Sociodemográfico, dos 341.088 alunos do 9º ano que responderam ao questionário contextual, 50% são do sexo feminino e 48,8% do sexo masculino. In: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Relatório de Estudos do Saresp 2013. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 2014, p. 21. Disponível em: [http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP%202013\\_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf](http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf). Acesso em 20/03/2015.

todos vêm de fora, de longe, é muito mais fácil o pai trazer um filho para vir aqui estudar do que a mãe por a menina no ônibus lá e vir. (...) O menino é mais vulnerável, o bairro é mais assim, já a menina atende mais [aos pais]”. Então, o menino lá no bairro junto com aquele povo lá da população, o medo que ele [o pai] tem é dele [o filho] se envolver mais [com as pessoas do bairro], o risco é maior. Então, com a menina eles têm um controle maior, com o menino não. ”<sup>8</sup>

Argumentando que é muito mais fácil trabalhar com meninas ou com turmas nas quais elas são maioria, por acreditar que as garotas têm melhor rendimento e são mais disciplinadas, a diretora arriscou o seguinte diagnóstico sobre as oitavas séries: “Por isso que a indisciplina é maior. Os meninos são mais imaturos. Quase que em todas as salas a gente tem percebido que quando o número de meninos é maior, a indisciplina também é maior.”<sup>9</sup>

Desatenção e indisciplina – entre aspas, como frisa a diretora – são apontadas como as principais responsáveis pelo fraco desempenho dessas turmas nas provas de avaliações externas. Como medida, desde 2012, a escola vem realizando uma avaliação diagnóstica interna por meio da retomada de algumas questões que caíram anteriormente nos testes para reaplicá-las em sala de aula. “Então, a gente faz o que se chama de prática com a sequência didática, onde você dá a questão, os alunos respondem, imediatamente a gente verifica quantos acertos: quem jogou na questão a, b, c, aí a gente abre. (...) Então, volta a leitura da questão”, explica a diretora. “(...) Então eu acho que a tendência é melhorar, mas não dá pra garantir muito porque você viu a oitava série, ela é difícil de concentrar porque a hora que você retoma a questão, ela precisa estar atenta, precisa ler e interpretar para poder fazer a análise. Quando você tenta fazer isso com a turma no terceiro ano, você até consegue porque a disciplina é melhor. Eles já são maiores. O ensino fundamental [eles] são muito adolescentes, ele [o aluno do ensino fundamental] é muito indisciplinado, mas é natural da idade dele, né? Indisciplinado entre aspas, né? Esse grau de concentração, de análise, eles dispersam. E muitas vezes eles erram não é porque não sabem, é por falta de atenção, de concentração.”<sup>10</sup>

Na avaliação diagnóstica de Língua Portuguesa<sup>11</sup> que contou com a participação de trinta e dois [32] alunos das turmas analisadas, uma das questões proposta no teste

<sup>8</sup> Entrevista com a diretora. Anexo 9.

<sup>9</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>10</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>11</sup> Essa atividade foi realizada no dia 13 de junho e integra o Programa de Avaliação da Aprendizagem em Processo, ação fundamentada no Currículo Oficial da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que

obteve o maior índice de erro com dezenove [19] respostas equivocadas, ou cerca de 60% da amostragem. Era uma tira da Mafalda que perguntava sobre o ponto de exclamação usado na fala da menina. O objetivo era saber qual a expressão indicada pelo ponto de exclamação do último quadrinho: alegria, tristeza, indignação, surpresa. Para a diretora, houve uma falha pedagógica na aplicação do exercício. “Não tinha segredo. Não tinha segredo [repete]. Meu Deus. Como alunos de 14 anos não leram? Outro fator. A tira da Mafalda tava do lado de cá da página e a questão estava do lado de cá [mostrando o verso]. E a gente sabe que pedagogicamente não pode trazer início aqui e o restante aqui [mostra frente e verso da folha]. Você não pode ter isso. O próprio olhar, a memória, quando você faz isso você se perde, né? Então nós avaliamos isso. A tira estava do lado de cá e a pergunta do lado de cá [vira a folha]. E tem aluno que talvez não ligou isso com isso.”<sup>12</sup>

Em 2013, ano da pesquisa, as provas do Saresp foram realizadas nos dias 26 e 27 de novembro. No boletim da escola com acesso público através da Internet, é possível verificar que após um sistemático trabalho de convencimento o colégio teve adesão maciça dos alunos das oitavas séries com cerca de 60 participantes.<sup>13</sup> Contrariando ainda mais um pouco as previsões, o desempenho dos estudantes teve uma leve melhora, apesar de ficar aquém da média da Diretoria de Ensino a qual pertence à escola. Em Geografia, História e Matemática os alunos conseguiram atingir o nível “básico”. Em Língua Portuguesa também. Porém, com módicos pontos acima do limite mínimo.<sup>14</sup>

A professora coordenadora que leciona Língua Portuguesa nas oitavas séries – são seis aulas semanais – defende o uso de recompensa para quem aderir às provas do Saresp. “E eu fiz um combinado com eles. Eu sempre quis que meus alunos, pelo menos, lessem a prova. Nós estamos conversando sobre isso e eles vão fazer [a prova] em novembro. Eu sempre quis que eles lessem a prova, se eles vão acertar as questões isso não me interessa. Eu não tou preocupada com o índice [Idesp] do Governo do Estado de São Paulo, pra ele

---

propõe o acompanhamento coletivo e individualizado ao aluno, por meio de um instrumento de caráter diagnóstico. Em 2013, todas as turmas fizeram parte do programa iniciado, como piloto, em 2011 com menor abrangência. “Ao apresentarmos os resultados (...) estabelecemos um debate visando propor ações para melhoria dos resultados”. Anexo ao Plano de Gestão 2011-2014, p. 33.

<sup>12</sup> Entrevista com a diretora. Op. cit.

<sup>13</sup> Os dados estão aproximados, para evitar que a escola seja identificada.

<sup>14</sup> Os resultados dos alunos da oitava série coincidem com a notícia da alta do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp) nas duas etapas do ensino fundamental e também no médio, publicada no jornal o Estado de S. Paulo. Os resultados dos três ciclos são os maiores desde 2010, mas ainda seguem em patamares baixos. No Infográfico da matéria, o nono ano aparece com os seguintes índices: 2010 (2,52); 2011 (2,57); 2012 (2,50); 2013 (2,50) e 2014 (2,62). Para o professor da USP, Ocimar Alavarse, a melhora acontece mais pelo aumento na taxa de aprovação escolar. “O problema é que a proficiência não está subindo.” In: SALDAÑA, Paulo e VIEIRA, Victor. Educação em SP tem melhora do 1º ano até o 3º médio. *O Estado de S. Paulo*. Caderno Metrópole. São Paulo, 13 de março de 2015, p. A19.

apresentar sabe lá Deus para quem? Porque pra mim não leva a nada. (...) É claro, você tem duas horas de prova, você leu a prova, você preencheu o gabarito direitinho, você não merece um pontinho? Merece. E eu faço o jogo com os outros professores porque ele [aluno] tá fazendo por merecer a ele ser aprovado mesmo ele me devendo nota no primeiro e no segundo bimestre. Isso é o jogo que a gente chama de jogo do contente, jogo do levanta autoestima. Ele vai motivado pro ensino médio, né, eu não vou segurar um menino de 15, 16 anos aqui na oitava série que eu não sou louca.”<sup>15</sup>

Curioso notar que as disciplinas menos atraentes para os alunos, de acordo com o questionário social são Artes e Inglês, matérias que não são avaliadas no exame do Saesp, embora sejam as que mais reprovam no dia a dia da escola, juntamente com Matemática e Ciências.<sup>16</sup> Entre as preferências dos estudantes em relação às matérias escolares, História é a segunda disciplina favorita, recebendo dezoito [18] indicações “gosto muito” na 8ª B, mas é a quinta do ranking com apenas sete [7] votos na 8ª A. Educação Física é a predileta para ambas as turmas, com vinte e um [21] indicações da 8ª B e vinte e cinco [25] da 8ª A. Ciências recebeu a terceira melhor colocação, com treze [13] apontamentos na 8ª B, e a segunda melhor colocação, com doze [12], na 8ª A.<sup>17</sup>

Nos três primeiros meses, por se tratar de uma pesquisa participante, vivenciamos as atividades com os alunos em sala, “participando” das aulas – quatro aulas semanais para cada uma das oitavas, perfazendo um total de oito aulas semanais – como forma de observar as percepções dos estudantes sobre a História e estabelecer uma comparação entre as turmas. Os encontros, registrados no diário de campo, aconteceram de duas a três vezes na semana, sendo que nos quatro bimestres ocorreu o que tradicionalmente é chamado entre os escolares de “dobradinha”, aulas duplas com o mesmo professor, o que contribuiu para a melhor aceitação da turma da permanência, por um período mais longo, de alguém externo em seu meio.

A base sobre a qual se organiza o planejamento anual da disciplina de História<sup>18</sup> na instituição de ensino selecionada é constituída essencialmente pelo índice do livro didático e Plano de Ensino, que é uma proposta do próprio professor na qual a organização

---

<sup>15</sup> Entrevista com a coordenadora. Anexo 12.

<sup>16</sup> De acordo com o documento ANEXO AO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO 2011-2014, as disciplinas que mais reprovaram os alunos da 8ª série/9º ano foram Ciências, Matemática, Inglês e Artes (1º bimestre) e Matemática, Artes, Inglês e Ciências (2º bimestre).

<sup>17</sup> Dados das respostas dos alunos da 8ª A e 8ª B ao questionário social. Ver Anexos 1 e 2.

<sup>18</sup> Para saber mais sobre a trajetória da História como disciplina escolar no Brasil ver: ABUD, Kátia Maria. Currículos de História e Políticas Públicas: Os Programas de História do Brasil na Escola Secundária. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. Editora Contexto. São Paulo, 1998.

dos conteúdos se fundamenta em eixos temáticos. Tivemos acesso apenas ao Plano de Ensino do Ensino Médio – Componente Curricular: História –, elaborado por um dos professores efetivos da casa. No Projeto Político Pedagógico da escola consta que os Planos de Ensino estão “arquivados na U.E. (Unidade Escolar)”, mas apesar de inúmeras tentativas para localizar o mencionado documento referente ao ensino fundamental, especificamente, a oitava série, não obtivemos êxito.<sup>19</sup> Segundo Daniel Carlos Knoll, o mesmo problema foi encontrado em uma escola estadual da região de divisa entre os municípios de Diadema e São Bernardo do Campo. “(...) as escolas estaduais da diretoria de ensino investigada não estão fazendo mais planejamentos, já que os professores são orientados a seguirem as apostilas distribuídas pelo governo.” (KNOLL, 2014, p. 78)

De acordo com o professor que acompanhamos ao longo da etapa de campo, apesar das apostilas enviadas pelo governo estadual, havia liberdade no desenvolvimento do trabalho pedagógico. “Como é o nome daquele negócio L...N...? Aquela apostila do Estado. Aqui nunca ninguém sentou pra me falar: – Olha aqui você tem que fazer isso, isso, isso, aquilo. Eu não senti essa pressão nesta escola do cara falar: – Você tem que passar tal conteúdo, tal conteúdo. Mas no começo aí do semestre a gente tem que fazer um documento das matérias que a gente vai passar, das habilidades que a gente quer da competência dos alunos esse tipo de coisa e teoricamente tem que se cumprir esse negócio que você assinou aí com o coordenador e o diretor assina por cima. Mas eu nunca senti uma pressão na minha aula: – Você está fora de tal coisa, você tem que fazer tal coisa, mas você tem que seguir a cartilha que o Estado manda, né? Porque depois querendo ou não vai ser cobrado do aluno esse mesmo conteúdo nas provas que o governo aplica aí.”<sup>20</sup>

Perguntamos para a professora-coordenadora se existe alguma orientação para o uso do livro didático ou dos fascículos apostilados: Caderno do Professor e Caderno do Aluno. “Existe uma orientação, só que você pode adequar tudo, né, porque na época dessa liberdade de cátedra, pelo amor de Deus, me dê, né? Me dê [repete]. Então você adequa.”<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> No documento Dimensões da Autoavaliação 2014, na dimensão “Gestão Pedagógica”, a escola foi avaliada como regular nos itens Inovação Pedagógica, Planejamento da Prática Pedagógica, Avaliação do Projeto Pedagógico e Rendimento Escolar. Em apenas dois itens, Transparência nos Resultados e Inclusão com Qualidade, a unidade escolar atingiu o conceito “Ótimo”. Os dados são referentes ao ano de 2013. Os alvéolos Evidências dos pontos fragilizados e Propostas de Ação estavam em branco.

<sup>20</sup> Entrevista com o professor de História. Anexo 10.

<sup>21</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.



## Desistindo das aulas

Inicialmente acompanhamos por um breve período uma professora de História aposentada na rede pública estadual e que tinha optado por retornar à sala de aula como temporária. Disse ter conseguido ficar pouco tempo “parada” em casa. “Sabe, ficava lá fazendo palavra cruzada e achei melhor voltar”, contou. Além de algumas poucas aulas no matutino e vespertino também lecionava à noite em uma escola particular.

No primeiro contato com a professora, ela considerou importante explicar sobre o tempo que levava para preparar a classe. “Olha, não sei bem quanto tempo você vai precisar, mas demora um pouco para organizar a sala, viu?”, informou. “Eles são imaturos e não tem noções básicas de comportamento, então, isso exige alinhá-los por colunas e explicar que o material deve ficar sobre as carteiras para que entendam o mínimo do que é preciso para começar uma aula.”

Na observação do primeiro bimestre nas duas turmas a docente foi fiel a primeira unidade do livro didático, “A Era do Imperialismo”, se detendo no uso exclusivo dos conteúdos oferecidos pelo livro neste bloco e exercícios constantes no Caderno do Estudante: As novas tecnologias; A expansão da Revolução Industrial; O surgimento da sociedade de massas; Arte moderna e A era dos impérios.<sup>22</sup>

Suas aulas eram divididas em três momentos: uma breve explanação sobre o assunto, a realização de tarefas por parte dos estudantes enquanto fazia o atendimento individual – ora indo até a carteira do aluno, ora o recebendo em sua própria mesa – e, vez ou outra, uma exposição final. A cultura definida como “toda a produção do homem, preservada através da memória” foi trabalhada na perspectiva da arte, considerada como “expressão do homem frente à realidade através da música, poesia, livros, cinema”.

Em raros lances, os estudantes se deixavam envolver. Fabrício, da 8ª A, era um dos alunos mais participativos nas aulas de História. Nesse tópico, o garoto resolveu dar uns palpites. “Pra mim massa é um grupo que não reflete”, comentou, para, depois, completar: “É como um rebanho”. Giovanna da 8ª B arriscou: “Posso falar o que é arte com as minhas palavras?”.

---

<sup>22</sup> PROJETO ARARIBÁ. História 9º ano. Componente Curricular História. Organizadora: Editora Moderna. Raquel Apolinário. 3ª edição, São Paulo, 2010, p. 6.

Podemos dizer que, nesta etapa, uma das aulas que mais impactou os alunos foi a ministrada na data em que é celebrado, no Brasil, o Dia do Índio. Antes de iniciar sua exposição, a professora tinha o hábito de escrever no alto da lousa o local, dia, mês e ano acrescido da abreviatura para designar o tempo depois de Cristo, ficando assim: São Paulo, 19 de abril de 2013 d.C. Naquela tarde fria de outono, o assunto era o Congresso de Berlim e a partilha da África. No desenrolar dos fatos, a informação que despertou a curiosidade dos jovens e, até então, desconhecida por eles, foi a de que há países africanos que tem a língua portuguesa como oficial, também conhecidos como países lusófonos.

Sentados em duplas e trios – a realização de tarefas em grupos é uma prática comum nas duas séries – os meninos buscavam chegar a um consenso em cada “equipe”, numa dinâmica salutar, procurando tirar eventuais dúvidas: “Nossa, em Guiné [Guiné-Bissau] também falam o português?”. A professora responde afirmativamente, incluindo, na lista, Timor-Leste, para surpresa dos estudantes. O tema propiciou uma explicação mais detalhada sobre o processo de colonização de partes da África por Portugal no final do século XV e a manutenção de algumas de suas antigas colônias como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique mesmo após as invasões de ingleses, franceses e holandeses que se seguiram a partir dos séculos XVII e XVIII.

Como dissemos, o colégio adotou o sistema de dobradinha, duas aulas seguidas de uma mesma disciplina, para evitar o desperdício de tempo com a troca constante de professor e a conseqüente necessidade de acalmar a turma antes do início das atividades. Mas nem tudo, porém, saiu conforme o planejado. Quando vivenciamos a “dobradinha” em turmas visivelmente mais agitadas há uma linha tênue entre o “bem” e o “mal”. A suposta “economia de tempo” para reorganizar a sala acaba se convertendo, aos poucos, na dificuldade de manter os alunos concentrados por um período mais longo.

Em uma das aulas dobradas na 8ª B, a professora deixou quatro perguntas para ser respondidas em uma hora e meia aproximadamente: 1. O que é arte? Exemplifique. 2. O que é arte moderna? 3. O que é vanguardismo? 4. Por que o cinema faz parte da cultura de massa? Impacientes, alguns alunos tentaram negociar a saída antes do horário previsto para quem tivesse terminado a tarefa. A professora topou. No tempo estipulado, a sala continuava completa com 14 meninos e 11 meninas, mas os alunos estavam dispersos, em polvorosa. Em sua maior parte, são displicentes perante tarefas que exijam escrita.

Nesse sentido, os ponteiros do relógio parecem correr única e exclusivamente em direção ao toque de um sinal imaginário, principal motivo de interesse dos garotos. O exercício, então, torna-se um inconveniente, ficando renegado ao último plano, à medida

em que adquire a conotação de empecilho ou barreira a ser vencida para se atingir a verdadeira intenção: sair o quanto antes.

Renata encosta-se na parede do fundo sentada ao chão para melhor conversar com as colegas, Frederico tropeça e cai, desentendendo-se com alguém sentado ao seu lado porque acreditava ter provocado sua queda. Bolinhas de papel atiradas uns contra os outros forram o piso. Wanderson arrota alto. Ao fundo, um garoto imita a clássica voz anasalada de vendedor de pamonha: “É uma promoção, vem que tem...”. A versão um tanto indelicada de “Parabéns a você”, cantada aos berros, teve direito a repeteco do bordão de sentido sexual: “É pica, é pica, é rola, é rola...”.

A conclusão de Paul Willis sobre a dinâmica do tempo para os estudantes, obtida a partir de estudo etnográfico realizado em uma escola inglesa, em especial, a questão do desperdício do tempo, coincide com a do nosso estudo:

(...) Mas, naquilo que diz respeito à sua cultura, o tempo é, de forma importante, simplesmente o estado de se ver livre do tempo institucional. Seu próprio tempo passa-se todo ele como sendo essencialmente a mesma coisa, medido nas mesmas unidades. Não é planejado, e não é contabilizado em termos de perdas, nem calculado como uma troca esperada. (WILLIS, 1991, p. 45)

Ao término do prazo mínimo concedido pela professora os alunos amontoam-se para correr em direção ao pátio. Dirigindo-se aos cinco meninos e cinco meninas restantes na sala, a docente comenta:

- Fizeram a lição? Estou dando tempo para ganhar nota.
- Libera nós vai?, insiste Rodrigo.
- Duas aulas para quatro exercícios?, pergunta, indignada, a professora.
- E?, retruca o aluno.
- E, pergunto eu, rapaz!

Por vezes, depois de provocada e desafiada, a professora era facilmente levada aos gritos que geralmente culminavam em intervenções do professor mediador<sup>23</sup> e até “visitas” à direção, mas não sem receber críticas diretas dos próprios alunos. “Porque a senhora grita tanto? Eu não sou surda!”, ironizou Francine, da 8ª A. “Não vou me rebaixar

---

<sup>23</sup> O professor mediador é uma figura controversa na escola. Na própria equipe gestora há quem o considere desnecessário e há quem o veja como somando esforços no sentido de diluir tensões. De qualquer forma, é acionado sempre que questões disciplinares e os conflitos se manifestam de maneira imprevisível no cotidiano escolar. “O professor mediador escolar é um educador e é como educador que ele deverá atuar na escola”. PLANO DE GESTÃO DA ESCOLA 2011-2014, p. 57.

ao seu nível”, disparou uma aluna do 1º ano do ensino médio depois de ser repreendida porque tentava interromper a aula para falar com uma amiga. Neste episódio em particular, a professora inverteu a posição de sua mesa para ficar mais próxima a porta como forma de controlar o acesso. No entanto, deixou transparecer abatimento.

Durante as observações, mesmo depois de ajeitar a sala, alguns alunos mostraram indiferença, fingindo que procuravam dormir, com a cabeça apoiada de lado na carteira. Como tática, a professora cutucava: “Caderno aberto, senão vai para a direção”; “Vocês vão copiar e fazer a lição agora”; “Abram o livro e fiquem de boca fechada!”. Enquanto uns simulavam envolvimento a cada vez que a professora se aproximava da carteira, outros se mantinham em profundo estado de agitação. A qualquer sinal de desavença, os ânimos se exaltam e os estudantes gritavam em coro: ôôôô!!!!

Giovanna era “mestre” em tirar a mestre do sério. A professora freqüentemente “mordia a isca” lançada pela garota. Quando isso acontecia, o objetivo da aluna era alcançado: tumultuar a aula. Para chamar a atenção, Giovanna andava para lá e para cá pela sala com as desculpas mais esfarrapadas. Se estava posicionada de pé em frente a janela é porque “queria ver como está o tempo lá fora”. Quando ficava no vão da porta de acesso fitando a sala é porque “só vim jogar papel no lixo”. Ao mudar de lugar argumentava que “preciso sentar com alguém porque esqueci o livro em casa”. Com a mochila presa as costas e sentada sobre a mesa avisava que “quis guardar as coisas antes, mas não vou sair não”.

Em uma das aulas a garota disse não estar se sentindo bem ao que a professora refutou: “Giovanna, eu sei que você não está passando mal”. De imediato a moça tentou arrumar um cúmplice: “Não é mesmo Dênis que eu estou com alguma coisa?”. Certa vez, a jovem, de tanto insistir em usar o celular, foi levada à direção. Quando voltou sem a menina a professora perguntou: Mais alguém quer fazer companhia a Giovanna? Segundos depois, a docente voltou a reagir, perguntando quem estava ouvindo som no aparelho: “Seja lá quem for não quero mais ouvir sua música!”. Ao retornar sem seu telefone móvel, Giovanna bate na porta e pede licença antes de entrar, esboçando um sorriso cínico de quem conseguiu ficar fora por uns instantes.

O celular exerce incontestável poder de sedução sobre os jovens e representa uma concorrência desleal na disputa por sua atenção. Em sala, os educandos ficam permanentemente de posse do aparelho para as mais variadas utilizações: ouvir hip hop ou funk “pancadão” e cantar em voz alta, acessar as redes sociais, jogar, tirar foto, filmar e até receber ligações. Fones de ouvido intra-auriculares eram compartilhados em duplas

de modo que cada um pudesse encaixar o pequeno alto-falante para sua audição particular. Assim, era a aula e não mais o equipamento que ganhava contornos de interferência sonora a ser minimizada.

Para se ter uma idéia do uso ou difusão, na 8ª B, dois alunos declararam, nas respostas à questão 20, que em suas casas há dez [10] celulares. No outro extremo, oito [8] deles declararam ter apenas um [1] aparelho em suas residências. E, apenas, três [3] afirmaram não ter celulares. Os demais, vinte [20], declararam possuir de dois [2] a oito [8] telefones móveis. Entre os usos mais frequentes – informações obtidas por meio da questão aberta de número 32 – estão: ligações [11], mensagens [10], rede sociais [9], Internet [7]. Curioso notar que, se somarmos os usos relacionados à Internet<sup>24</sup>, chegamos a vinte e seis [26], bem mais que o dobro de ligações, o que evidencia que, hoje, o ato de telefonar é secundário nos aparelhos de telefones portáteis (celulares).<sup>25</sup>

Nesta turma, dezessete [17] ou 51,51%, acreditam que o celular contribui para a aprendizagem, mas catorze [14] ou 42,42% não acreditam. Dois não responderam, o que mostra a divisão dos alunos nessa questão. Basicamente, os que acreditam que o aparelho contribui, apontaram o acesso/pesquisa de dúvidas pela Internet como principal motivo.

Na 8ª A, vinte e sete [27] alunos disseram ter aparelho de celular para uso próprio, ou 87,09%, somente quatro [4] afirmaram não possuir celular, 12,9% e dois não responderam, 6,45%. Entre os usos mais frequentes estão: mensagens [12], Internet [11], jogos [10], música [8]. Mais da metade desta turma também acredita que o celular pode contribuir para seu processo de aprendizagem, dezessete [17] ou 54,83%, mas catorze [14] ou 45,16% não acreditam. Assim como a 8ª B, essa turma apontou pesquisa pela Internet como principal motivo.

Consideramos uma falha o Saesp ignorar o uso do celular no levantamento sobre os “aspectos que prejudicam a aprendizagem dos alunos”, dada que é uma queixa coletiva comprovada em nossa observação de campo. Dentre os vinte e dois [22] itens dos “aspectos que prejudicam a aprendizagem dos alunos” disponíveis na tabela 35 do

---

<sup>24</sup> Ao responder a questão, muitos alunos dissociaram a Internet dos serviços de mensagens e redes sociais, como se os mesmos não fossem ligados à rede. É interessante notar que os jovens não percebem que o uso para enviar e receber mensagens, bem como o acesso às redes sociais são acessos/usos da Internet. Ou seja, as principais formas de utilização da Internet não são, paradoxalmente, percebidas como tais pelos adolescentes.

<sup>25</sup> Segundo o tópico “Uso da Internet”, 85,6%, os alunos do 9º ano indicaram que utilizam a internet para fazer pesquisas da escola, 86,7% para fazer os trabalhos da escola e 83,3% para conversar com amigos. A análise dos dados do terceiro ano do Ensino Médio evidencia que, conforme os jovens avançam na escolarização e em idade, esse uso se amplia. In: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit., p. 47 e 48.

Relatório dos Estudos do Saresp 2013 constam: desinteresse e falta de esforço dos alunos, indisciplina dos alunos em sala de aula, falta de respeito dos alunos para com os professores, relacionamento ruim entre professor e aluno.<sup>26</sup> Ou seja, todas essas dimensões tangenciam ou estão diretamente relacionadas ao uso do aparelho em sala de aula.

Outro fator que dificultava a empatia pela professora era a chamada numérica, sem identificação, feita oralmente no final da aula. De pé, com as iniciais do seu nome [M.A.] bordadas no bolso lateral do jaleco branco, a professora não conseguia concluir a chamada, sua voz se dissipava em meio ao ruído da algazarra típica nos minutos finais do horário regular. Despersonalizados, os alunos eram reduzidos a meros dígitos. Quando o aluno é visto apenas como um número não se consegue humanizar a relação com o aprendiz. Pode parecer algo trivial, sem importância, mas não para os educandos. No início do ano letivo, quando nos ouviu chamar seu colega, Denilson, pelo nome, Horácio quis saber, ansioso: “– Tia, e do meu nome a senhora se lembra?” Com a titubeada, disparou: “– Sabia!”, acenando negativamente com a cabeça.

Conforme relatado no capítulo anterior, houve uma inesperada troca de professor resultante de um desagradável episódio ocasionado por Valdir, aluno da oitava série B. Um dia depois do incidente, fomos surpreendidos em sala pela decisão da professora de deixar as turmas. Procurada por três alunos da oitava série A no final da aula, reafirmou que não retornaria mais: “De jeito nenhum, é a minha integridade física que está ameaçada”, foi logo avisando enquanto recolhia os diários de sala que estavam sob a mesa. Com a assertiva, o aluno Frederico seguiu cabisbaixo rumo ao corredor, contrargumentando ser injusto ter de “pagar o pato”.

## **Professor defende ensino voltado para a história dos vencidos**

Na primeira quinzena de maio, momentos antes de conhecer o novo professor de História, recém-chegado à escola para substituir a docente, que desistiu das aulas por problemas com alunos da oitava série B, assim o descreveu a professora coordenadora: “Ele é um pitbull”. Curiosa, indaguei (aqui em primeira pessoa):

– “Como assim, um pitbull?”

---

<sup>26</sup> TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit., p.39.

– “Você vai ver, mas não se preocupe, está tudo certo, pode ficar tranquila, já falamos sobre o seu trabalho pra ele.”

– “Ele está aí hoje? Vou conhecê-lo?”

– “Sim, ele já assumiu as aulas desde a semana passada. Acho que está com um dos primeiros agora”, disse-me a coordenadora com o dedo indicador apontado para cima, em direção as salas do ensino médio.

– “Já, já te apresento.”

Estávamos no saguão principal, em frente às escadas que levam ao piso superior, quando o sinal tocou. Por sorte, a próxima aula de História estava prevista na “terrível” oitava série B. Seria a prova de fogo. Ficamos aguardando em meio ao ruidoso tropel de alunos que desciam pelos degraus, quando começaram a aparecer alguns professores e um deles, em especial, chamava a atenção por seu visual: cabelo estilo “moicano” (e pintado de rosa), ambos braços tatuados à mostra, camiseta da banda Los Muertos de Cristo com o símbolo anarquista em destaque, correntes na calça jeans desbotada e coturnos. Segurava diários de classe contra o peito quase que como escudos.

Formalizadas as apresentações iniciais, aos poucos a exótica imagem deixada pela primeira impressão foi posta de lado, dando lugar a expressão tímida e olhar um pouco escondido de um jovem professor de 27 anos, contratado como temporário, prestes a se licenciar em História depois de concluir uma DP [Disciplina Pendente] em Prática de Ensino em uma universidade particular com campus na cidade de São Paulo. Com pouco menos de dois anos na rede pública estadual, disse gostar de lecionar.

Usuário de transporte público, participou ativamente dos protestos ocorridos nas ruas da capital paulistana no mês de junho de 2013, junto com manifestantes do chamado Movimento Passe Livre. “Tem um grupo que eu ajudo que se chama Red and Anarchist Skinheads ou Rash, que é uma vertente do skinhead voltada para o antifacismo, pra junção aí da convergência entre socialismo utópico e anarquismo”<sup>27</sup>, discorre. Em outubro daquele ano, narrou ter estado no ato que culminou com uma viatura de polícia tombada no centro de São Paulo por praticantes da tática black bloc. Alguns dias após o episódio apareceu ostentando duas novas tatuagens: 1977, o ano punk, e flechas vermelhas de ponta, como uma alusão aos argumentos emilianos (da personagem Emília): dos que matam as objeções.

---

<sup>27</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

O professor resolveu deixar de engrossar fileiras na Avenida Paulista quando começaram a aparecer, segundo ele, alguns “aliens” por lá, entre os quais o playboy Chiquinho Scarpa. “Aí não dá, meu! Tô fora!”. Acompanhá-lo ao longo de dois semestres foi como um tobogã, numa experiência nada monótona de altos e baixos. Em uma das vezes, por exemplo, faltou por uns dias e apareceu com pontos na testa dizendo ter reagido a uma tentativa de roubo enquanto se divertia num barzinho acompanhado de amigos. Tinha dado uma cabeçada no assaltante. “Você precisava ver como ficou o outro cara. Fiz uma cesariana na cabeça dele”, relatou, aos risos.

Com vocabulário recheado de palavrões, conseguiu, de imediato, conquistar a simpatia da maioria dos estudantes. Era comum vê-lo cercado pelos meninos na calçada em frente à escola, depois das aulas. “Eu tento não ser tão rígido, eu falo palavrão, tiro sarro pra que eles se soltem e se interessem. Mas, mesmo assim não funciona.”<sup>28</sup> No segundo semestre, foi presenteado pelos alunos da 8ª A com um caderno de caligrafia para comemorar seu aniversário. “Minha letra é horrível mesmo [risos]”, comentou. Um dia antes tinha perdido o pai, vítima de câncer. A avó falecera na semana anterior.

A reverência comum dos rapazes para o professor consistia na saudação de “aê mestre” seguida de aperto de mão com os polegares cruzados e o “soquinho”, toque entre punhos cerrados. Outro ponto que contou a favor do “mestre” na sua interação com os jovens é que tinha o hábito de pedir a cada estudante que escrevesse em uma folha de papel seu nome, número e série antes de começar a fazer os exercícios. Ao tirar dúvidas ou recolher a atividade ficava mais fácil ligar nome à pessoa. Esse método contribuiu para a mais rápida memorização de quem era quem nos grupos.

Mas na relação entre professor e alunos nem tudo foi um “mar de rosas”. Logo no fim do primeiro mês de trabalho do docente, no dia 21 de maio, em uma das aulas em que na 8ª A dezesseis [16] meninos e nove [9] meninas estavam em polvorosa, fomos surpreendidos com a visita repentina da professora coordenadora na sala para dar um recado a pedido do professor: “Sei de tudo, da falta de respeito de vocês”. O professor, que tinha ido até a coordenação fazer queixa da bagunça avisou: “Venho aqui apenas pra fazer o meu trabalho. Não vim para ser amigo de ninguém. Não atrapalha quem quer assistir”, disse pedindo para separar as duplinhas.

O professor conduzia sua ação por meio de aulas expositivas, debates, trabalhos e provas individuais e em grupo. Costumava ser criativo em sala. Como recursos didáticos

---

<sup>28</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.



foram utilizados, em especial, filmes, mas, também, fotografias, recortes de jornais e poemas. Pelos motivos explicitados anteriormente, o professor precisou faltar algumas vezes e quando sua ausência coincidia com a “dobradinha” em uma das turmas, os estudantes perdiam em um único dia uma quantidade expressiva de conteúdos da disciplina.

Em entrevista confessou ter certa aversão ao livro didático. “(...) Se for pro cara ler o livro didático, ele [o aluno] lê na casa dele, meu? É melhor ele prestar atenção no que o professor vai falar alguns outros detalhes, vai simplificar a linguagem do livro, vai contar algumas coisas mais interessantes, vai pular algumas partes que não tem necessidade do aluno saber. Tem coisas que é [são] extremamente inútil [inúteis] pra criança aprender. Só vai confundir a cabeça dela e não serve pra nada. Eu acho mais fácil você aprender com o professor. Vai estar lá, fala meu. (...)”<sup>29</sup>

Em oposição à docente anterior, a utilização pontual do livro didático durante as aulas do novo professor representou uma brusca mudança para os meninos. “(...) Eu acho assim, eu nunca tentei ir pro livro didático e também acho que nunca vou tentar porque não sei eu acho a aula expositiva mais bacana, mais dinâmica. Os alunos reclamam, mas acho que é porque eles também são adestrados a ficar copiando: Mas você não passa o texto na lousa? Mas justamente você tem que prestar atenção na aula. Olho na aula, cara? Quando você chegar na faculdade, ninguém vai ficar passando as coisas não mano, já aproveita agora.”<sup>30</sup>

Adepto do uso de filmes no auditório, ao longo do ano os títulos selecionados foram: *O Encouraçado Potemkin* (Sergei Eisenstein, Rússia, 1925), *Terra e Liberdade* (Ken Loach, Itália, Espanha, Reino Unido e Alemanha, 1995), *A Vida é Bela* (Roberto Benigni, Itália, 1997) e *Adeus, Lênin!* (Wolfgang Becker, Alemanha, 2003).

As sessões começavam um pouco tumultuadas – sozinho no fundo do auditório, Wanderson da 8ª A soltava gemidos simulando praticar relação sexual –, mas, aos poucos, os meninos iam se acalmando. O ponto sensível no uso dos filmes foi o fato do professor não selecionar os trechos que seriam vistos pelos alunos. Quando algumas passagens suscitavam perguntas, as mesmas ficavam sem resposta porque o professor, sentado na primeira fileira, ficava de costas para os alunos e não se podia ouvi-los em meio ao som alto e muito menos identificá-los, pois as luzes ficavam apagadas.

<sup>29</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>30</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

Na primeira parte do filme *A Vida é Bela* (que dura cerca de 49 minutos), o personagem principal, Guido (Roberto Benigni) faz incansáveis investidas para conquistar Dora (Nicoletta Braschi), com inspiração em cenas de filmes dos comediantes Charles Chaplin e Antonio Vincenzo Stefano Clemente (Totó), porém, marcadas por longos diálogos dispensáveis. Os estudantes ficaram entretidos, mas alheios ao que de fato interessava saber nesta primeira fase do filme: o endurecimento do regime fascista. Além disso, nos pareceu básico informar aos alunos que Guido era um livreiro judeu e Dora, não judia, uma professora ginásial, noiva de um dos fascistas da cidade em que a história se passa. A informação serviria para situá-los melhor no contexto da época retratada pelo filme. Confusa, a aluna Kátia desconfiou: “Eles são judeus?”, mas não teve retorno. A menina acabou tirando uma conclusão errada sobre a personagem Dora.

A segunda fase do filme se desenvolve em 1943, com Guido e Dora casados e pais do menino Josué (Giorgio Cantarini), que fica intrigado em saber por que parte do comércio local afixava em suas portas placas informando que era proibida a entrada de “judeus e cães”. Guido se sai com essa: “Cada um faz o que quer. (...) Eles não gostam, fazer o quê? (...) Vamos pôr um cartaz também. [na porta da livraria de Guido] (...) Amanhã escreveremos: ‘Proibida a entrada de aranhas e visigodos.’” Nesta cena, a aluna Kátia faz uma nova pergunta, que também ficou sem resposta: “O que são visigodos?”

O filme de 116 minutos foi assistido na íntegra, sem cortes, em aulas dobradas e ainda precisou de mais tempo para ser finalizado. Quisemos saber do professor se para ele o trabalho com imagens exige algo diferente quando comparado a outras formas de ensinar História a partir de outros documentos. “É mais trabalhoso pro professor, vai dar mais trabalho. O cara vai ter que preparar mais coisa em casa, vai ter que ver as imagens, vai ter que aprender coisas que não sabe (...). É mais fácil pro professor se acomodar, pegar a porra do livro, ler e fazer o mesmo negócio.”<sup>31</sup>

Apesar de consciente da importância da elaboração de uma metodologia específica de trabalho para o uso de imagem no ensino de História, o professor demonstrou não saber como elaborar a mesma.<sup>32</sup> Essa dificuldade fica patente na seguinte afirmação: “Como eu não sou um cara muito inteligente ou muito criativo, eu tento passar um filme. Eles [os alunos] são criados pela TV [televisão], então uma tela falando alguma

---

<sup>31</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>32</sup> Para saber sobre o uso de imagens cinematográficas e televisivas no ensino de História ver: SILVA, André Chaves de Melo. *Imagens Televisivas e Ensino de História: Representações Sociais e Conhecimento Histórico*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). São Paulo, 2010.

coisa é melhor do que um cara que eles vêem três vezes por semana. Pô, é uma TV. É a coisa que eles mais vêem na vida. Se o cara da TV tá falando vai entrar mais fácil no cérebro deles do que eu discursando durante quinze [15] minutos.”<sup>33</sup>

Neste ponto, parte da afirmação feita pelo professor procede. As falas dos noticiários policiais costumam ser sonoramente imitadas e repetidas pelos garotos: “Diz aí, Percival! Passa pra mim, Percival!”, em uma alusão ao programa *Cidade Alerta*, da Rede Record, apresentado por Marcelo Rezende com a participação do jornalista investigativo Percival de Souza, comentarista da área criminal. Contudo, verificamos que a TV, ainda que próxima, já ficou para trás como principal atividade de lazer dos jovens.

Na questão de número 31 sobre o tipo de lazer preferido, os alunos da 8ª B disseram “gostar muito” de navegar na Internet [26], utilizar o celular [24], utilizar sites de redes sociais [23] e ir ao cinema [23], enquanto [21] optaram por ver televisão. Na 8ª A, houve um empate técnico: navegar na Internet [29], ver televisão [29], utilizar o celular [28], utilizar sites de redes sociais [26] e passear em shoppings e olhar vitrines [24]. Isso mostra o desafio para os gestores dos canais de televisão, que, mesmo vivendo na sociedade imagética, enfrentam a concorrência de outras formas de acesso às imagens, sobretudo, via Internet.<sup>34</sup>

O uso inadequado de filmes também pode gerar problemas. Ao falar sobre os anos da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, o professor inquiriu dos alunos: “O Muro de Berlim que dividiu a cidade alemã mais de um quarto de século, também tem uma história: Porque foi erguido? Quando, por que e por quem foi derrubado?”. Com muita dificuldade, os alunos acabaram respondendo que o autor da queda do muro foi Lênin, influenciados possivelmente pela emblemática cena do filme *Adeus, Lênin!*, em que a estátua do líder da Revolução Russa de 1917 é levada por um helicóptero, sobrevoando as ruas da antiga Alemanha Oriental.

Na maioria das vezes, as perguntas dirigidas aos estudantes eram retiradas do caderno do aluno, sendo que cada matéria tinha uma apostila correspondente. Como sempre alguém dizia não ter recebido o material apostilado, o professor resolvia ditar as

---

<sup>33</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>34</sup> Os dados obtidos no nas respostas dadas pelos alunos ao Questionário Social coincidem com os resultados obtidos pelo Saresp em relação aos alunos do 9º ano do ensino fundamental: 65,8% preferem assistir televisão como segunda opção de lazer enquanto ficar na internet ficou em terceiro lugar das preferências, com 63,4%. A primeira preferência de lazer foi ouvir música (75,5%). In: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit. Entretanto, observamos em nossa pesquisa que o principal instrumento para se ouvir música é o celular.

questões. Era a brecha para tentar desgastá-lo pelo cansaço: “Pode repetir?”; “Professor, o senhor está rouco ou a sua voz é assim mesmo?”; “Berlim é com ‘m’ ou ‘n’ no final?”; “Vale nota?”; “Quem acabar pode sair?”.

Quando essas digressões aconteciam, o professor pedia por “silêncio sepulcral” e também que os exercícios fossem feitos “sem mutretagem”, em clara referência a qualquer tipo de trapaça com o uso do celular. Nesse sentido, conseguia mobilizar um pouco mais a sala em seu favor. Se alguém encostava com a cabeça sobre a carteira, parava na frente do aluno e inclinava-se na mesma posição, gerando certo constrangimento que vinha com alguma explicação: “Deito a cabeça porque escrevo desse jeito”. Também tirava aluno de sala e não deixava que voltasse até o término da aula como forma de represália, dizendo: “Pára de causar, mano”.

Veza ou outra o aluno tentava voltar para a sala e, em alguns casos, a permissão era dada sob a condição de se esforçar: “Vai lá mano, acredito em você”. O professor insistia para que os educandos viessem à aula, munidos de “conhecimento prévio” sobre o assunto a ser trabalhado. “Cubro conhecimento porque minha aula é corrida”. Também costumava sugerir, como forma de estímulo, um exercício extra para evitar “zerar” a nota de quem não tinha feito a prova, mas avisava: “Não quero Wikipédia, nem portal São Francisco”, fazendo ressalva sobre sites que oferecem conteúdos escolares gratuitos. Quando detectava o plágio escrevia ao lado da nota expressa em dígito: “metade da nota da prova colada”.

Outra particularidade na sua maneira de ensinar era procurar no presente decifrações sobre o passado. Por exemplo, assim que assumiu as aulas precisou retomar o tema do Imperialismo e a partilha da África, sendo que o enunciado de uma das perguntas deixada pela professora anterior – O que foi o Congresso de Berlim? – acabou sendo refeito: Associamos o continente Africano às mais variadas mazelas sociais. Como podemos relacionar essa realidade com o Congresso de Berlim?

Defensor do ensino voltado para a história dos vencidos, o professor abordava mais enfaticamente temas que envolvessem, sobretudo, luta de classes, práticas de perseguição política e étnica, como os crimes cometidos durante o regime militar no Brasil, o Holocausto e a violência nos campos de extermínio nazistas.

“(…) eu sempre fui um cara envolvido com alguns movimentos sociais. Sempre me interessei um pouco por política, aquele lance história dos vencidos e tudo mais, eu até faço História e dou uma aula diferente das aulas de História que eu tive no meu ensino médio. Eram aulas de História positivista, de decoreba, com datas, heróis nacionais. Ah,

já me interesse pelo assunto, sou um cara que faço História e uma que eu achei errado na perspectiva que eu aprendi. Quero ensinar mais perspectivas pros alunos. Outros lados da História, tal. Mas aí, na real, você chega assim e não consegue fazer nem metade do que você quer. Você acaba dando uma versão da História mesmo e pronto.”<sup>35</sup>

Em um dos raros exercícios com menção a uma data comemorativa, no caso o Dia da Consciência Negra, o professor procurou inovar, fazendo com que os alunos pudessem entender melhor o presente por meio da compreensão do passado. A primeira pergunta dirigida aos estudantes: “Qual a importância do Dia da Consciência Negra na sociedade atual?”. Também pediu para os estudantes se colocarem criticamente perante uma atitude discriminatória: “Você já sofreu ou presenciou alguma discriminação?”.<sup>36</sup>

Como lição extraclasse chegou até mesmo a indicar a leitura da fábula escrita por George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, uma crítica ao totalitarismo, tema exaustivamente trabalhado nas aulas. A sugestão causou espanto: “O que? Você quer que eu leia um livro?”, disse Marcos. “Eu não gosto de ler”, avisou Fayal. Para driblar resistências, o professor tentava persuadi-los ao adotar, como mecanismo de compensação, um acréscimo na nota: “Prometo dar um ponto para quem trazer o livro e contar o que leu”. Ninguém aceitou o desafio.

Fazer com que os estudantes se concentrassem para escrever era proeza maior. Os jovens, em geral, mostravam-se impacientes e refratários com o ato da escrita. Na prova sobre a Revolução Socialista na Rússia<sup>37</sup> o professor preparou quatro questões e, como de praxe, optou por ditar uma a uma.

– “Paz, Terra e Pão”. Lembrando da situação do Império Russo, comente essa fala de Lênin.

– Quem é esse? interrogou Fayal.

– Professor, não me lembro dessa matéria, tenho mal de Alzheimer, alfinetou Marcos.

Indiferente as “piadinhas”, o professor seguiu para a próxima pergunta.

– “A história de todas as sociedades até o presente é a história da luta de classes”, explique esse trecho do Manifesto Comunista.

<sup>35</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>36</sup> Conferimos as respostas dos alunos, muitas com a grafia incorreta das palavras: “consciência”, “conciência”; “presidenciei”, “cociidade”, “comião”, “chamarão”, “andão”. Em um dos casos, a expressão “sociedade atual” foi substituída por “sociedade nacional”.

<sup>37</sup> Esta atividade foi realizada durante as aulas do dia 24 de maio na 8ª B. Em sala, estavam presentes 15 rapazes e 11 moças.

– Pode repetir? pediu alguém.

– Foi muito rápido.

– Repete vai?

Mesmo com a “chuva” de pedidos para voltar a dizer, o professor resolveu seguir em frente para a terceira questão.

– Associamos o governo de [Josef] Stalin ao totalitarismo. Explique o que é o totalitarismo.

[Muitas das provas vistas posteriormente trouxeram a grafia *Stanley* ao invés de *Stalin*]

Por pouco o professor não conseguiu concluir a quarta e última indagação.

– O filme *Encouraçado Potemkin* representa o universo de um navio e os problemas enfrentados no Império Russo. Se a carne podre representa...

– Acabou? interrompeu Giovanna.

O professor fez breve pausa e retomou do ponto de onde tinha parado.

– Se a carne podre representa...

– Tudo isso? retorquiu a moça, forçando nova pausa.

O professor, então, decide finalizar sem mais demora.

– ...a fome, os oficiais [representam] a burguesia e o Império, quem os marinheiros representam?

Giovanna e Fayal se apressam em entregar as folhas em branco que tinham sido previamente arrancadas do caderno e atravessam em disparada porta afora rumo ao pátio. O jovem professor se resigna a dizer que “quem saiu não vai avançar” e quem ficou é “porque vai se esforçar para fazer uma prova”. Muitos alunos reclamam – acham a prova difícil – e o docente vai comentando cada uma das questões e dando uma recapitulada sobre os principais tópicos. Por fim, frisa para que não se atenham às datas e acontecimentos, mas no que ele tenta explicar sobre o “porquê das coisas”.

Nas provas consideradas mais extensas, as que tinham em torno de cinco questões, muitas vezes, os estudantes não escreviam o enunciado de todas as perguntas até o fim. Quando muito, parte deles procurava responder protocolarmente as duas primeiras perguntas, a maioria excluía a possibilidade de elaborar alguma resposta sobre as demais, mesmo se a prova fosse feita em dupla e, em casos extremos, entregavam apenas o papel preenchido com nome. Era como se a energia desses jovens fosse se esvaindo de forma progressiva a cada palavra anotada com caneta ou lápis na folha. É possível que o sistema

de progressão continuada – associada à aprovação automática – contribua para essa falta de engajamento e esforço.

O professor procurava inovar na formulação das provas<sup>38</sup> e também se esforçava para enriquecer o conteúdo das aulas ao proporcionar o contato dos educandos com fontes variadas e nada convencionais. Ao falar sobre a repressão e o “fim das liberdades democráticas” em meados dos anos 60 no Brasil, pediu um trabalho com base no editorial do jornal *O Globo* do dia 2 de abril de 1964, com o título “Ressurge a Democracia”. Teve o cuidado de produzir cópias em folhas recicladas – ficou muito parecido com papel jornal – e colocar na primeira página a reprodução da capa do diário celebrando o “ressurgimento da democracia”, um dia após o Golpe Militar. Como o texto tinha letras miúdas, o professor o digitou integralmente para auxiliar na leitura.

Certa vez, com o apagador no bolso – quando o esquecia usava a própria manga da jaqueta para apagar a lousa – escreveu a seguinte estrofe do poema *O fardo do Homem Branco*, escrito pelo autor britânico Rudyard Kipling (1865-1936):

*Tomai o fardo do Homem Branco*  
*Envia teus melhores filhos*  
*Vão, condenem seus filhos ao exílio*  
*Para servirem aos seus cativos;*  
*Para esperar, com arreios*  
*Com agitadores e selváticos*  
*Seus cativos, servos obstinados,*  
*Metade demônio, metade criança.*

Especificamente nesta atividade, os alunos demonstraram dificuldade inicial com o vocabulário, perguntando o significado de algumas palavras como “cativos”, “arreios” e “selváticos”, mas visivelmente acharam “diferente” aprender História a partir da análise de um poema. Sobre a importância de seu papel na formação dos alunos, resumiu: “A História serve para a gente perceber que a gente é uma continuação das pessoas que viveram atrás. A gente é uma continuação da humanidade. Sem querer usar o termo

---

<sup>38</sup> No dia 22 de agosto de 2013 a primeira pergunta da prova dizia: “Auschwitz-Bidernau, Treblinka, Sobibor, Madjanek, quando falamos de Segunda Guerra Mundial esses nomes são sinônimos de?”. No dia 9 de outubro, a terceira pergunta da prova trazia o seguinte enunciado: “Ao ser perguntado sobre como será a Terceira Guerra Mundial, o físico Albert Einstein teria respondido: ‘Não sei, mas a Quarta [Guerra Mundial] será a paus e pedras’. O que Einstein quis dizer com isso?”. Nenhum dos alunos tentou responder.

evolução, a gente é tudo fruto do que viveu no passado e vai continuar produzindo as mesmas coisas. É uma forma de olhar um espelho perverso seu.”<sup>39</sup>

O professor se mostrava um tanto indeciso quando resolvia transferir para os alunos a tomada de decisões: “Quem quer continuar com a Primeira Grande Guerra?”; “Quem quer ir embora mais cedo?”; “Vocês preferem prova ou trabalho?”; “Quem quer aula e depois prova?”; “Quem quer prova e sair mais cedo?”; “Quem acha que foi a pior aula que eu dei até hoje?. Quando isso acontecia, a algazarra tomava conta da sala. Certa vez, com o intuito de tumultuar ainda mais, Fayal bradava, provocando urros nos meninos: “Sexo, sexo, sexo!”. Para piorar, as turmas ficavam divididas entre uma ou outra possibilidade, sem alcançar um consenso, e aí o negócio era esticar um pouco mais o conteúdo para dispensá-las mais cedo.

Aos poucos foi procurando fazer o tipo popular junto aos alunos, numa postura que levava, muitas vezes, ao esvaziamento de sua autoridade em sala. Ao rir em demasia das brincadeiras e até participar de algumas delas, perdia os parâmetros e virava chacota. Em uma das reuniões do Conselho de Classe e Série,<sup>40</sup> os estudantes aproveitaram o intervalo para se desfazer de seus diários de classe. Na retomada do encontro, ao verificar que seus diários foram os únicos dentre os demais docentes arremessados pelos alunos na lixeira, o professor de História teve de ouvir, constrangido, de uma colega: “Tinha que ser com você!”.

Falava gírias até mesmo para dar e corrigir prova: “Podem consultar o caderno. Tô doente, sem saco, com febre”; “Tirou [nota] cinco chorando na rampa”, informou a Sthephania, da 8ª A. Os palavrões também faziam parte da linguagem em sala. “Caralho! Quem não quer ficar na aula pode sair!”. Na aula sobre a crise de 1929, também conhecida como A Grande Depressão, fez a seguinte afirmação: “Os Estados Unidos estavam com o pinto no lixo”. Chegou a jogar futebol no pátio com os rapazes argumentando que “preciso melhorar minha moral com eles”. Vez ou outra, degustava ovinhos de amendoim com guaraná na sala até mesmo enquanto aplicava prova. Rogério, aluno da 8ª A, se referia a ele como “bombadão”.

A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais foram os assuntos que mais tocaram os estudantes, rendendo questionamentos, mesmo que pontuais. “A Primeira Guerra foi a primeira que o mundo todo participou ou a primeira da História?” [Fabrício, 8ª A], “Como os nazistas sabiam identificar os judeus?” [Francisca, 8ª B], “Quem fez a propaganda

<sup>39</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>40</sup> Essa seção foi realizada no dia 4 de outubro.



[Joseph Goebbels] de [Adolf] Hitler foi a mesma pessoa que fez para [Benito] Mussolini?” [Fabrício, 8ª A], “Os negros existiam nessa época [Segunda Guerra]?” [Stephania 8ª A].

Entre as ações que o professor de História deveria oferecer,<sup>41</sup> na visão dos estudantes da 8ª B, estão: organizar passeios em museus e exposições interativas [16], organizar apresentações de vídeos e filmes no auditório [15], propor atividades de pesquisa no Laboratório de Informática da escola [9] e indicar livros de literatura para ler [8]. Organizar apresentações de músicas no auditório e propor atividades na biblioteca ou na sala de leitura da escola empatarem na quinta colocação com seis [6] indicações cada. Para a 8ª A ficou assim: propor trabalhos escritos para serem realizados em grupos [15], organizar apresentações de vídeos e filmes no auditório [14], organizar passeios em museus e exposições interativas [10], ler textos de literatura para os alunos [9], indicar livros de literatura para ler [8].<sup>42</sup>

Nas opções dos alunos da 8ª A é perceptível o predomínio da escolha de atividades relacionadas ao universo da escrita e leitura, o que evidencia a carência dos jovens neste campo, bem como seu interesse coletivo.

Segundo o professor: “Eu acho que pra melhorar eu acho que tem que ter interpretação de texto, mas interpretação de texto o cara só vai gostar se ele descobrir o livro que ele gosta de ler. Não esses livros aí de Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular], que o Estado empurra de autores clássicos que, cara, não representa porra nenhuma pra eles, pra mim também não representa, muito menos pra eles. Alguns livros que seriam interessantes pros caras, pra eles pegarem o gosto de leitura dos pais e da criança também, eles têm que ter o costume de ler. Não adianta nada você cobrar do seu filho leitura, cobrar que seu filho vá bem, se na sua casa tem o quê, mano? Uma bíblia que é um pé no saco de ler e a porra de uma lista telefônica. Se o moleque não for cercado, se o livro não tiver à disposição para ele alcançar na casa dele, esticar o braço pra pegar alguma coisa pra ler, ele nunca vai se interessar mesmo, vai ser uma tortura. Acho que a única maneira de mudar é estimular a ler alguma coisa legal, assim.”<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Dados das respostas dos alunos da 8ª A e 8ª B ao questionário social. Questão 14. Ver Anexos 1 e 2.

<sup>42</sup> Segundo dados do Relatório de Estudos do Saresp 2013, com relação as ações dos professores de Língua Portuguesa, se verificou que as atividades menos frequentes, segundo os alunos, foram as explicações de como se deve ler um texto e indicações de livros para ler. In: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit., p. 27 e 28.

<sup>43</sup> Entrevista com o professor de História. Op. cit.

## Geração Ctrl+C, Ctrl+V

Para o professor de História as novas gerações, frequentemente, apresentam dificuldades para entender o que estão lendo porque querem tudo de imediato, sem paciência para refletir. “Eu costumo fazer pergunta na prova com a resposta do enunciado da pergunta embaixo até o cara ler os dois enunciados que ele [aluno] sabe a resposta da pergunta que está em cima e o cara não consegue entender, meu. Eu acho que é cultural. Eu acho que é uma geração que quer tudo rápido, que não tem paciência de sentar. A escola é um modelo vencido. A escola não comporta mais o tipo de aluno que tem. A escola tem que se reinventar. É a mesma estrutura francesa de séculos atrás. Não tem mais diálogo entre professor e aluno. Precisa ser um gênio para conseguir reinventar, mudar isso. Eu acho que esse modelo funcionaria num período de ditadura, em que o aluno deve se submeter ao professor. O professor é uma autoridade e não dá um pio na sala. Aí não funciona. Agora, colocando no mesmo patamar, não que isso seja ruim, é excelente no mesmo patamar professor e aluno, mas não comporta mais. Os caras [os alunos] são muito mais ligeiros, não têm paciência e eles vêem coisas que vão ser útil pra eles. É a mesma coisa que eu olhava pra, por exemplo, uma aula de Geografia, uma aula de Física: Pô, essa merda vai servir pra quê pra mim no futuro, meu?”<sup>44</sup>

Para piorar, soma-se a postura imediatista dos novos educandos no contexto social atual uma relação utilitária com o conhecimento, compartilhada, neste caso, até mesmo pelo jovem professor. Era uma cena comum ver o mestre rodeado pelos rapazes para tirar dúvidas suscitadas a partir da série de jogos eletrônicos de ficção histórica de ação-aventura intitulada *Assassin's Creed* (*Ordem dos Assassinos* ou *Credo dos Assassinos*, em tradução livre). No oitavo jogo principal da série, *Assassin's Creed Unity*, a ação decorre em Paris, durante o período da Revolução Francesa, em 1789. “Com a nação em pedaços, Arno vai embarcar em uma viagem extraordinária para expor os verdadeiros poderes por trás da Revolução.”<sup>45</sup>

O professor explica que há requisitos exigidos para executar as missões e daí o interesse dos alunos. O único objetivo é ganhar. “Os moleques têm doze anos, é isso que eles vão ler cara, eles não vão ler outra coisa. (...) É que geralmente quando os caras lêem alguma obra ficcional de História, geralmente os caras lêem, eu não sei onde eles

---

<sup>44</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>45</sup> Catálogo da Livraria Cultura. São Paulo, dezembro 2014.

descolam, tipo uns livros que remetem ao vídeo games ou jogos sobre a Independência dos Estados Unidos. Aí eles vem perguntar umas curiosidades: - Ah, tava lendo um livro e estava escrito tal, tal, tal. Aí eles vem e perguntam se está certo ou se está errado. Já é um estímulo pra eles começarem a ler outras coisas, mas lendo mano, pode ler pra mim até a lista telefônica, bíblia, qualquer coisa. Lê qualquer merda aí tá bom.”<sup>46</sup>

Perguntamos ao professor de História quais são os temas que costumam atrair mais a atenção dos estudantes. “Os caras gostam de guerra, matança, por exemplo, a Revolução Francesa. A Revolução Francesa eu fiquei fazendo um suspense até decapitar o Luiz [XVI, inaudível], lá. Eu fiquei fazendo um suspense do caramba e os caras [alunos] gostaram: E aí? Quando é que a gente vai degolar o rei? Quando é que a gente vai guilhotinar o rei? Matança, desgraça, tortura. É o que os caras ouvem, acho que é por causa da TV [televisão], né? Essas coisas.”<sup>47</sup>

A professora coordenadora, que também leciona Língua Portuguesa nas oitavas séries, fez uma colocação próxima. “Ó, falou de polícia, de morte e de assassinato eles adoram porque é o ambiente deles”.<sup>48</sup> Nas duas séries, mais de um terço dos adolescentes se encontram em situação social de risco. Na parte aberta da questão, alguns dos alunos fizeram questão de deixar registrado por que não se sentem seguros nos bairros onde moram: “Porque e perigoso e tem muitos acontecimentos trágicos, roubos, etc.” [Horácio, 8ª A], “Porque tem marginais” [Rose, 8ª A], “Porque não tem segurança alguma” [Shayenne, 8ª A], “Tirro pra todo lado” [Dênis, 8ª B], “Porque noite tem muito assalto” [Letícia, 8ª B], “Porque até eu posso comparar uma arma lá” [Marcelo, 8ª B].<sup>49</sup>

Inseridos no contexto de utilização dos novos meios digitais com tuítes de 140 caracteres, Facebook, Google, os estudantes, de fato, comportam-se como consumidores ávidos por tudo que possa ser absorvido de modo rápido e instantâneo. Cada vez mais apressados e ansiosos, essa geração vive uma relação praticamente descartável com a cultura: excluem tudo que lhes pareça não utilizável ou proveitoso de maneira imediata. Nesse sentido, o conhecimento pelo conhecimento não tem valor, pois o saber está se convertendo em produto de pronto consumo.

<sup>46</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>47</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

<sup>48</sup> Entrevista com a coordenadora. Op. cit.

<sup>49</sup> “A ciência mostra que o processo de aprendizagem é afetado negativamente por situações de medo. (...) É preciso resolver a violência para que haja um ambiente favorável ao estudo”. A afirmação é de Brian Perkins, diretor do programa de Liderança em Educação Urbana da Universidade de Columbia, Estados Unidos, que há quatro anos acompanha escolas públicas de favelas cariocas, em entrevista concedida para o jornal *Folha de S. Paulo*. In: FRANCO, Luiza. Violência no país é obstáculo para ensino, diz pesquisador. *Folha de S. Paulo*. Cotidiano. São Paulo, 12 de abril de 2015, p. C9.

Na prática, o que tem se efetivado é uma forma de se relacionar com tudo e todos de maneira consumista e imediata, sem espaço para a abstração aprofundada dos significados e sentidos, numa conexão rasa com o conhecimento. Ao considerarmos a cultura como resultado da vivência coletiva, o que esperar do futuro social construído por esses jovens? Ao falar da natureza de seu interesse no “cultural”, Paul Willis diz ver o cultural

(...) não simplesmente como um conjunto de estruturas internas transferidas (como nas noções usuais de socialização), nem como resultado passivo da ação, de cima para baixo, da ideologia dominante (como em certos tipos de marxismo), mas, ao menos em parte, como o produto da práxis humana coletiva. (WILLIS, 1991, p. 14)

Entre as preferências de leitura, os alunos da 8ª B disseram “gostar muito” de: em primeiro lugar, história do Brasil ou do mundo [11] e histórias em quadrinhos [11]; em segundo, romances de ficção científica [9] e romances de aventura [9]; e, em terceiro, mitos e lendas [8] e romances de amor [8]. Enquanto a 8ª A apontou mitos e lendas [16], histórias em quadrinhos [14] e história do Brasil ou do mundo [10]. Curiosamente, em ambas as turmas, o gênero mais popular foi história do Brasil e do mundo. As histórias em quadrinhos também são queridas, o que mostra a necessidade de se valorizar esse gênero no ensino de História. Daí nossa opção em aplicar histórias em quadrinhos em nossa análise, conforme veremos adiante.

Segundo pesquisa realizada pelo Sesc (Serviço Social do Comércio) em parceria com a Fundação Perseu Abramo “um em cada três brasileiros nunca leu um livro”. O estudo ouviu 2.400 pessoas em 150 municípios brasileiros e foi divulgado no dia 14 de abril de 2014.<sup>50</sup>

De acordo com dados da biblioteca da escola escolhida e entrevistas com professores e coordenação, entre os títulos mais lidos estão: Harry Potter, Agatha Christie, *Turma da Mônica* (quadrinhos), *A Invenção de Hugo Cabret*, *As Crônicas de Nárnia* e livros relacionados ao nazismo, como *O Diário de Anne Frank*. “Eles procuram muito pelos livros do Harry Potter e Companhia [série literária de aventuras fantásticas escrita pela britânica J. K. Rowling], inclusive, eu já deixo esses livros separados, pra ficar mais fácil. Olha, esses daqui saiu bastante, o do Hugo Cabret [*A Invenção de Hugo Cabret*, de

---

<sup>50</sup> DESTAK. Dia do Livro. São Paulo, 23 de abril de 2014, p. 12. Para ver mais, acesse o site da pesquisa, publicada pelo Sesc: <http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura>.

Brian Selznick], inclusive eu tenho que pegar um com uma menina. São esses daí que eles preferem. *As Crônicas de Nárnia* também. Eles sempre me perguntam: tem a sequência? Eu eu digo: Olha, eu não entendo desses livros. Como a gente ganhou tá aí *O Alquimista*.”<sup>51</sup> Como é possível observar, todas as preferências de leitura citadas pela professora tiveram versões adaptadas para o cinema. Isso nos leva a crer que após assistirem aos filmes, os alunos acabam se interessando em procurar as histórias nos originais literários.

Assim como no caso do game de ficção história, *Assassin's Creed*, consideramos que os estímulos podem ser positivos, quando se materializam na forma de indutores de leitura e, eventualmente, pesquisa. Principalmente em uma amostragem como a nossa, onde os garotos são avessos aos livros ou, ainda, pouco interessados em leitura.

Tendo no horizonte a concorrência acirrada com as versões em tela – a Internet lidera a preferência dos alunos, conforme dados do levantamento citados anteriormente – , resolvemos criar um contraponto com esse universo predominantemente imagético, fazendo o caminho inverso ao colocar os meninos em contato com textos literários que tivessem uma linguagem adequada para a sua faixa etária e procurando saber se a literatura como instrumento pedagógico ainda pode influenciar no processo de produção do conhecimento histórico dos alunos.

Além disso, optamos por diversificar a prática cotidiana de ensino que estava sendo conduzida pelo professor, proposta muito bem aceita e até defendida por ele. “Porra. É o que mais ajuda porque desperta o interesse do aluno, quebra a rotina na sala de aula, não fica aquela coisa maçante do cara ficar falando, ficar copiando o texto. Você vê na cara do aluno que ele, tirando esses [alunos] daí que não querem nada, quando corta a rotina, é sempre bom quando corta a rotina. Acho que é a melhor coisa quando você apresenta um material novo e uma nova forma de apresentar o conteúdo é sinal de que é sempre bom. Se eu tivesse o mesmo conhecimento de Literatura para cada tema que eu abordo, faria a mesma coisa. Aliás, principalmente com texto, já que os alunos, pelo menos daqui, não conseguem interpretar nada, não tem conhecimento nenhum.”<sup>52</sup>

É unânime a crítica de que os estudantes escolhidos têm sérias dificuldades para interpretar o que lêem. Detectamos em alguns trabalhos solicitados pelo professor a padronização de respostas prontas de sites de pesquisa, prática bastante difundida pela geração Ctrl+C, Ctrl+V. O mais grave da cultura copiar e colar é que o aluno apresenta

<sup>51</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Anexo 13.

<sup>52</sup> Entrevista com o professor. Op. cit.

ao professor uma seleção de textos como sendo de sua autoria, sem colocar aspas nem citar fontes.

Em um dos casos, o enunciado do exercício pedia para discorrer sobre qual era a importância do dia da consciência negra na sociedade atual. Tivemos acesso as respostas e uma delas chamou a atenção porque apareceu repetidamente nos textos entregues. Tratava-se, na verdade, de um trecho extraído do site Suapesquisa.com, portal de pesquisas temáticas: “Os negros africanos colaboraram muito, durante nossa história, nos aspectos políticos, sociais, gastronômicos e religiosos de nosso país. É um dia que devemos comemorar nas escolas, nos espaços culturais e em outros locais, valorizando a cultura afro-brasileira.”<sup>53</sup>

No Relatório dos Estudos do Saresp 2013, entre os propósitos de uso da Internet, com percentuais médios superiores a 85%, os alunos de todos os anos/séries indicaram que utilizam a rede mundial de computadores para fazer pesquisas e trabalhos escolares. No caso da 8ª série/9º ano, os trabalhos da escola alcançaram 86,7% da amostragem e as pesquisas da escola, 85,6%. Ambas taxas são superiores à média geral. Cerca de 83,3% desses alunos ainda declararam que usam a Internet para conversar com amigos.<sup>54</sup>

Segundo Roger Chartier, a Internet frequentemente aparta o todo literário:

(...) ninguém é obrigado a ler todas as páginas de um livro impresso, pode-se folhear este livro, fazer a leitura de um fragmento, uma leitura descontinuada, mas há uma grande diferença: no caso do livro impresso esta descontinuidade ou este fragmento são relacionados a uma totalidade que é imediatamente tornada perceptível pelo objeto, ao passo que no universo digital este fragmento pode ser absolutamente apartado de qualquer compreensão da totalidade de que é extraído, se é que essa expressão faz sentido. De modo que vemos a relação entre fragmento e totalidade ser completamente alterada pela passagem do códex para a tela.” (CHARTIER, 2012, p. 175)

Portanto, todos esses fatores também corroboraram para a escolha da utilização da produção literária como recurso didático para o ensino de História na perspectiva de que os alunos pudessem produzir algo mais espontâneo, despregando-se para além das idéias dicotômicas de certo e errado. Afinal: “(...) o texto proporciona a representação de um mundo vivenciado ou mesmo idealizado por seu autor. O leitor, por sua vez, tenta

---

<sup>53</sup> Disponível em [http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia\\_consciencia\\_negra.htm](http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_consciencia_negra.htm). Acesso em: 25/3/2015.

<sup>54</sup> Para mais informações, ver: TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Op. cit., p. 47 e 48.

apreender esse mundo criando sua própria imagem do representado.” (ABUD, ALVES e SILVA, 2010, p. 43)

### CAPÍTULO 3

## LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: MUDANÇAS NAS REPRESENTAÇÕES DOS ESTUDANTES

“(…) Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças”.<sup>1</sup>

Partimos de uma concepção de utilização da Literatura que se distancia da noção de que as obras literárias devam ser usadas apenas como meras ilustrações do que é dito em sala de aula para a análise de sua construção enquanto ficção, documento ou discurso da história, das representações que contém e de como elas podem interagir com o conhecimento dos alunos na produção de novos conhecimentos, o que inclui, ainda, mudanças nas representações dos estudantes.

Podemos dizer que hoje, com o advento da Internet, vivemos uma nova fase do processo iniciado na virada do século XIX para o XX, marcado pelo surgimento das tecnologias que estruturaram diferentes formas de lazer e comunicação, como o cinema, o rádio, o jornal e, décadas depois, a televisão, e que tiveram como efeito o estreitamento do espaço literário. Esse cenário de adaptação da produção literária na luta pela sobrevivência foi captado por Nicolau Sevcenko em sua obra *Literatura como Missão*.

(...) O fracionamento do romantismo em várias escolas que acabaram se equiparando e mantendo-se equidistantes, impedindo a definição de uma nova grande corrente, arruinou irremediavelmente o grande império literário do século XIX, expondo os escritos à concorrência da Ciência, do jornalismo e até do cinematógrafo. (SEVCENKO, 1995, p. 97)

---

<sup>1</sup> LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. Editora Globo, 1ª edição. São Paulo, 2010, p. 462. Carta enviada a Godofredo Rangel, datada de 9 de fevereiro de 1921.



Sevcenko percebeu como o surgimento das novas tecnologias impactou quase que imediatamente o texto literário, sobretudo, na utilização cada vez mais maciça das imagens geradas pelas técnicas fotográficas e cinematográficas.

As transformações nas técnicas de comunicação, acompanhando e aprofundando as mudanças do modo de vida em todo o mundo, nesse curto espaço de tempo, abalaram definitivamente a posição até então ocupada pela literatura. A foto e o cinema tornaram dispensáveis e enfadonhos os longos comentários dos cronistas tradicionais. A transformação súbita dos cenários urbanos e rurais, os novos objetos, instrumentos, hábitos e rotinas gerados e estabelecidos num prazo surpreendentemente curto tornaram inadequadas e mesmo ultrapassadas as imagens literárias tradicionais. (SEVCENKO, 1995, p. 97)

Em outra colocação, o historiador afirma que as mudanças extraordinariamente rápidas impostas à linguagem escrita causaram a forte descaracterização da literatura como era até então concebida.

Ao mesmo tempo que entravavam a linguagem escrita com neologismos e adaptações apressadas, que, carentes da familiaridade e do polimento que só o longo trato artístico dá às palavras, impediam a pronta adaptação da literatura ao novo mundo, a não ser ao custo de assumir uma *secura* que a descaracterizava fortemente se contrastada com o seu passado. A adaptação custaria o preço da sua sacralidade. Seria ela que se adaptaria ao mundo, e não mais o mundo a ela, como no século XIX romântico. (SEVCENKO, 1995, p. 97)

O historiador também mostra como a relação com o tempo se alterou, obrigando a uma necessária mudança no padrão literário vigente que, atrelado às novas formas tecnológicas, vai se aproximando, paulatinamente, da linguagem jornalística, mais direta e objetiva.

O novo ritmo da vida cotidiana eliminou ou reduziu drasticamente o tempo livre necessário para a contemplação literária. A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia, estreitaram ao extremo o papel da literatura. As novas condições obrigavam a um rigoroso processo de seleção e exclusão, previamente à leitura. A ampla difusão da imprensa e as oscilações sociais que tumultuaram o período concorreram, por sua vez, para a perda progressiva do gosto literário. (SEVCENKO, 1995, p. 97 e 98)

Atualmente, com a pressão gerada pela concorrência da Internet, essa pesquisa pode contribuir para melhor compreensão do papel da Literatura no cotidiano dos jovens alunos ao procurar desvendar quais são concretamente as possibilidades e os limites de sua utilização no ensino de história.

## **O instrumento de pesquisa: a obra lobatiana**

Ninguém melhor que José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) para nos acompanhar nesta jornada. No criador da coleção *Sítio do Picapau Amarelo* encontramos a confluência dos caminhos. Para começar, Lobato foi um homem que vivenciou direta e ativamente todo o processo de profunda transformação histórico-social pelas quais o mundo passou no final do século XIX e na primeira metade do século XX, recorte temporal que, conforme contextualizamos, se encaixa com nossos anseios.

Nascido nos últimos anos do Império, Lobato passou por todas as mudanças que deram origem ao Brasil de hoje: o fim do Império; o nascimento da República; o surgimento do Modernismo; toda a República Velha; a Revolta da Vacina; as Revoluções de 24 e de 30; o tenentismo; a entrada da era do rádio; Getúlio Vargas e o Estado Novo; e a redemocratização de 46. Isso, sem contar o cenário internacional: a Revolução Russa; a Depressão americana; as duas grandes guerras. (CATINARI, 2006, p. 57)

Inserido no contexto de alterações geradas no final da Belle Époque, com o agravamento das disputas coloniais entre as grandes potências que levaram à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o escritor, em meio ao conflito que acompanhava através dos jornais que assinava, publicou, aos 32 anos, numa coluna do jornal *O Estado de S. Paulo*, dois artigos que iriam torná-lo célebre polemista em torno de candentes assuntos nacionais: *Uma velha praga e Urupês*.<sup>2</sup>

A situação da guerra viria, contudo, ampliar inesperadamente o seu espaço de ação. Apesar de todas as dificuldades e talvez mesmo por causa delas, os intelectuais mais conseqüentes e independentes procuraram revalidar a literatura, livrando-a do seu rumo de degradação, inflamando-a com seu credo nacionalista exacerbado pela

---

<sup>2</sup> “No primeiro, protestava contra a prática das queimadas, responsáveis pelo empobrecimento gradativo da terra e, no segundo, atacou diretamente o camponês atrasado, retrógrado e resistente a qualquer tipo de modernização.” In: CATINARI, Antonella Flavia. Monteiro Lobato e o Projeto de Educação Interdisciplinar. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006, p. 61.

conjuntura. (...) Obrigados a voltar-se para si mesmos, para o seu território e sua própria gente, na necessidade crua de garantir a sua sobrevivência de prover um saber eficaz sobre a realidade da nação. E mesmo a desconfiança e o desprezo para com a elite política, que renasceram intensificados após um período de latência, convergiam nesse sentido. É desse entrecruzamento de fatores que nasceu a proposta estética mais candente desse fim de período, da pena de Monteiro Lobato. (SEVCENKO, 1995, p. 107)

Em sintonia com estas transformações, o escritor vinha colaborando na *Revista do Brasil*, a qual havia sido fundada em 1916 por um grupo de paulistas, entre eles Júlio de Mesquita, Luiz Pereira Barreto e Alfredo Pujol.

Com uma linha editorial bastante bem definida, disposta a criar uma consciência nacionalista no País, combatendo o que hoje seria chamado de colonialismo cultural, a *Revista do Brasil* era o veículo perfeito para as idéias e sentimentos do escritor Monteiro Lobato, preocupado, com os outros membros do conselho editorial da publicação, com a espantosa facilidade com que nossos homens cultos preferiam pensar e falar no idioma de Racine. (DUPONT, s/d, p. 27)

Lobato acabou comprando a *Revista do Brasil* em 1918, dando início a sua atividade de editor. Em julho, publica, pela sua própria editora, ainda chamada de *Revista do Brasil*, o livro *Urupês*, sua primeira coletânea de contos.<sup>3</sup>

(...) Idéia lentamente amadurecida em sua cabeça, a obra vinha precedida de um desafio do próprio autor, feito anos antes: ‘ou coisa que preste, que esborrache o indígena, ou não dou coisa alguma’. Na verdade, o livro, ao reunir todos os contos publicados antes em jornais e revistas, o que fazia de Lobato um nome relativamente conhecido, cai como autêntica bomba no morno ambiente intelectual brasileiro da época. As repercussões são imensas, um acontecimento sem precedentes nas letras do país, e gente do nível de Oswald de Andrade concorda ter sido a obra um verdadeiro marco zero do movimento modernista, que estouraria quatro anos mais tarde em São Paulo (...). (DUPONT, s/d, p. 27)

Lobato rompe com o padrão literário vigente, demonstrando vivo interesse pela nossa realidade.

“Urupês” representava, “em meio às indecisas tendências literárias a que se filiavam os escritores brasileiros da época, uma inovação. Não pertencia à corrente que se poderia chamar de psicológica, liderada por

---

<sup>3</sup> “O conto que dá nome ao primeiro livro (...) ficou conhecido como o texto que apresenta o caipira como Jeca Tatu”. In: ZENI, Bruno. Lobatos para Marmanjo. Guia Folha, 28 de junho de 2014, p. 6.

Machado de Assis. Nem a social, de que Canaã, de Graça Aranha, continuava sendo o melhor exemplo. E muito menos a dos diletantes, encabeçada por Afrânio Peixoto...”. (DUPONT, s/d, p. 27)<sup>4</sup>

Cabe lembrar que naquele mesmo ano, 1918, Lobato “editou seu primeiro livro, uma espécie de enquete sobre o saci” (CATINARI, 2006, p. 63), o qual foi lançado antes de *Urupês*.

Querendo levantar polêmica sobre a questão do folclore e da identidade nacional, Lobato inventou uma espécie de pesquisa sobre o saci-pererê na edição vespertina do *Estado de São Paulo*, o *Estadinho*. A idéia era que os leitores escrevessem para o jornal, respondendo perguntas e contando ‘causos’ a respeito do ‘insigne perneta’.” (CATINARI, 2006, p. 63).

Segundo a pesquisadora, neste livro, “Lobato funcionou como autor e também editor, pegando o gosto pela atividade editorial após comprovar o enorme sucesso alcançado pela publicação.” (CATINARI, 2006, p. 64)

Ao invés de enxergar o jornal diário como forte concorrente, o autor paulista fez dele um laboratório de criação.

A arquitetura do livro (...) é jornalística – com a inclusão de editorial, anúncios, cartas de leitores –, mas as linguagens utilizadas compõem um verdadeiro mosaico, um *pot-pourri* de gêneros que se implodem mutuamente, combinando com a origem jornalística do texto. Lajolo chegou a afirmar que o Sacy-Pererê é um livro hipermidiático, povoado pela polifonia de linguagens, típica nos jornais impressos. (CATINARI, 2006, p. 63)

A partir da aquisição da *Revista do Brasil* foi dado o primeiro passo para a fundação de sua própria editora, a Monteiro Lobato & Companhia. Sua contribuição mais significativa, ao entrar no ramo editorial, foi, sem dúvida, a renovação trazida às obras didáticas e infantis. “O conjunto da obra de Lobato dedicada às crianças e aos jovens foi um projeto literário e pedagógico pensado e estruturado de acordo com a visão moderna e empreendedora que caracterizou toda a sua vida de escritor e, sobretudo, de editor.” (CATINARI, 2006, p. 49)

---

<sup>4</sup> A biografia de Monteiro Lobato, escrita por Edgard Cavalheiro, seu amigo pessoal, é considerada por estudiosos como sendo a mais completa. Para mais informações: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: vida e obra. Tomos I e II. Editora Brasiliense. São Paulo, 1962.

A primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*, de 1921, inaugura a saga de 39 histórias – das quais trinta e sete são originais e duas adaptações – destinada a um novo público, ou melhor dizendo, a um público mais novo. “(...) Quando ao escrever a história de Narizinho, lá naquele escritório da rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono.” (LOBATO, 2010, p. 557).

Independentemente da classificação que se dê à literatura lobatiana a partir de então – infantil, juvenil, infanto-juvenil – tomaremos o cuidado de não enquadrar sua obra-prima, *Sítio do Picapau Amarelo*, em função de um simples rótulo, correndo o risco de sermos reducionistas, até porque os próprios conceitos de infância e juventude têm sido revistos na dinâmica do contexto social. O maior legado de Lobato foi falar indistintamente para várias gerações de leitores, sejam crianças, jovens e adultos.

Acreditamos que tenha havido uma inadequação do olhar sobre a obra do Picapau Amarelo, a qual tem sido associada apenas às crianças bem pequenas. Mais recentemente, “O Mundo do Sítio”, parceria entre a Editora Globo e a Globo Marcas, lançado em 2011 com a promessa de ser a “primeira rede social infantil totalmente brasileira”,<sup>5</sup> encerrou suas operações em 27 de fevereiro de 2015. Consistia numa espécie de comunidade virtual com mais de 30 jogos e atividades voltados para crianças entre cinco e dez anos.

Ao se declarar como um “produto 100% digital”<sup>6</sup> e um “site especialmente direcionado para as crianças da nova geração tão acostumadas com internet, rede sociais e videogame”<sup>7</sup> tinha uma pequena área aberta, enquanto a maior parte do conteúdo era vendida por meio de assinaturas. Desconhecemos os motivos que levaram ao fechamento do site – vendas baixas, alto custo de manutenção, pouca adesão, entre outras possibilidades –, mas, talvez, isso possa ter ocorrido em razão de distorções quanto ao conteúdo oferecido e consequentes falhas no seu direcionamento.

A infantilização nos traços dos personagens é perceptível também em diversos suportes, como DVDs do desenho animado, quebra-cabeças, canecas, gorros, bonés, *squeezes*, camisetas, almofadas, capas para iPhones e bonecos. O clássico escritor parece estar mesmo sendo oferecido de forma inadequada para o público. Esse equívoco fica atestado na conversa com a professora responsável pela Sala de Leitura, espaço onde

<sup>5</sup> Disponível em: <http://editoraglobo.globo.com/mundodositio/news03.html> e em <http://media.mundodositio.encerramento.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/>. Acesso em: 5/4/2015.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://editoraglobo.globo.com/mundodositio/news03.html>. Acesso em: 5/4/2015.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.techtodo.com.br/tudo-sobre/mundo-do-sitio.html> Acesso em: 5/4/2015.

Lobato encontra-se esquecido entre best-sellers e livros de exames vestibulares, apesar de estar presente em diferentes edições, incluindo a coleção completa de capa dura ou cartonada da Editora Brasiliense dos anos 50 e 70 e também as brochuras mais recentes da Editora Globo.

“Também não tenho recomendado muito para eles lerem, né. Lobato não é um autor procurado. O Narizinho [*Reinações de Narizinho*], saiu um pouco, mas é difícil. Até eu tinha deixado aqui que era o lugar mais fácil de pegar. Sai pouco. Mas, agora, *Os Doze Trabalhos de Hércules* sai porque eles gostam muito de Mitologia. Até os pequenos de quinta série gostam. Eles vêm sempre e pedem. Acredito que seja um autor mais influente entre alunos da primeira a quarta série do fundamental.”<sup>8</sup>

No ano da pesquisa, os alunos da 8ª série/9º ano receberam dois tipos de kit literário<sup>9</sup>, um para cada série. A 8ª A recebeu o kit A com os títulos *Para Querer Bem* (poesias), de Manuel Bandeira, *O Assassinato de Roger Ackroyd* (romance policial), de Agatha Christie e *Histórias da Pré-História* (fábulas), de Alberto Moravia. A 8ª B recebeu o kit B com os títulos *Adolescente Poesia* (poesias), de Sylvia Orthof, *Sociedade da Caveira de Cristal* (romance juvenil), de Andréa Del Fuego e *Histórias para Ler sem Pressa* (contos), de Mamede Mustafa Jarouche. A obra *O Saci* (1921), de Monteiro Lobato, foi o único título do autor a integrar um kit literário e foi destinado aos alunos da 5ª série/6º ano, recém-saídos do primeiro ciclo do ensino fundamental.

Vale ressaltar que boa parte das obras do Picapau Amarelo, publicada pela Companhia Editora Nacional – herdeira natural da Monteiro Lobato & Companhia – passou a compor a série *Literatura Infantil*,<sup>10</sup> da coleção *Biblioteca Pedagógica*

<sup>8</sup> Entrevista com a professora da sala de leitura. Anexo 13.

<sup>9</sup> Em 2013, foram distribuídos 10,6 milhões de publicações através do programa “Apoio ao Saber”, projeto da Secretaria da Educação que tem como objetivo incentivar a leitura. “O programa estabelece a entrega anual de um kit composto por três livros para cada um dos cerca de 3,5 milhões de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além do Ensino Médio da rede”. In: PESQUISA DO APOIO AO SABER IRÁ IDENTIFICAR GÊNEROS LITERÁRIOS PREFERIDOS DE ALUNOS. Site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 17 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/pesquisa-do-apoio-ao-saber-ira-identificar-generos-literarios-preferidos-de-alunos>. Acesso em 6/4/2015.

<sup>10</sup> “A Biblioteca Pedagógica Brasileira, constituída em torno de autores alinhados ao projeto de renovação educacional, se subdividia em cinco séries: 1ª série Literatura Infantil, 2ª série Livros Didáticos, 3ª série Atualidades Pedagógicas, 4ª série Iniciação Científica, 5ª série Brasileira. In: ALCANFOR, Lucilene Rezende. As Reinações de Monteiro Lobato: do projeto editorial ao projeto literário infantil. Anais Eletrônicos do VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)/Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, maio de 2013, p. 6. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/AS%20REINACOES%20DE%20MONTEIRO%20LOBATO-%20DO%20PROJETO%20EDITORIAL%20AO%20PROJETO%20LITERARIO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 9/4/2015.

*Brasileira* criada logo após a Revolução de 1930, pelo educador Fernando Azevedo.<sup>11</sup> O livro *História do Mundo para Crianças* inaugurou, em 1933, a coleção – é provável que o formato tenha sido inspirado nas enciclopédias, modelo de grande sucesso editorial oitocentista francês – com temáticas escolares, como História, Português, Matemática, Geografia, Física, Astronomia, Ciências Naturais, entre outros assuntos.<sup>12</sup> Dos títulos famosos fazem parte *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de D. Benta*, *História das Invenções*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Serões de D. Benta e Aventuras de Hans Staden*.

Após a reforma realizada no Distrito Federal (1927-1930), como diretor de Instrução Pública, Fernando Azevedo se projetou como um dos principais nomes em torno dos quais se constituiu o projeto político educacional de bases escolanovistas. “No caso da Biblioteca Pedagógica Brasileira, o projeto dirigido por Fernando de Azevedo tinha por objetivo a ‘ofensiva contra a literatura escolar tradicional’ e ao ‘último reduto da escola tradicional’, portanto, vinculando seu projeto político ao empreendimento comercial da editora. (Idem, p. 54).<sup>13</sup> (ALCANFOR, 2013, p. 6)

Nesse sentido, as preocupações didáticas de Lobato – nas quais o cuidado com a linguagem se inseria – se relacionavam com o contexto de sua época e as influências sobre o escritor das idéias da Escola Nova, baseadas na concepção do Homem Novo,<sup>14</sup> que tendo suas origens no final do século XIX, ainda pautavam as grandes discussões nacionais. Lobato percebe o potencial educativo das novas formas de comunicação, além dos aprimoramentos técnicos da indústria gráfica, os quais deram suporte para uma maior circulação dos livros.

<sup>11</sup> LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.

<sup>12</sup> LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, p. 7.

<sup>13</sup> O trecho citado por Lucilene Rezende Alcanfor, identificado como “Idem, p. 54”, é de autoria de: TOLEDO, M. R. A. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). Tese de Doutorado em História e Filosofia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. In: ALCANFOR, Lucilene Rezende. As Reinações de Monteiro Lobato: do projeto editorial ao projeto literário infantil. Anais Eletrônicos do VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)/Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, maio de 2013, p. 6. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/AS%20REINACOES%20DE%20MONTEIRO%20LOBATO-%20DO%20PROJETO%20EDITORIAL%20AO%20PROJETO%20LITERARIO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 9/4/2015.

<sup>14</sup> Para saber mais: LUCA, T. R. de. A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. Editora da Unesp. São Paulo, 1999.

Lobato é portador da modernidade em seus textos para a infância, sendo um dissidente do projeto do nacionalismo eufórico predominante, até então, no cenário nacional, ao criticar o meio rural brasileiro; ao rejeitar os cânones gramaticais restritivos; ao trazer para sua literatura tanto os elementos que caracterizam a cultura clássica da Antigüidade, e elementos do folclore nacional, quanto elementos da chamada cultura de massas, do cinema, dos quadrinhos e dos desenhos animados, assumindo a sua contemporaneidade; ao tomar para si, antes mesmo de sua promulgação e implementação, um projeto pedagógico afinado com o que havia de mais moderno em termos de educação: o projeto escolanovista de Anísio Teixeira e de Fernando de Azevedo; ao trazer para leitores-criança temas que até então não eram considerados apropriados à infância, como a guerra, a política, a filosofia, a ciência e a exploração do petróleo, dentro de uma visão nada convencional, para a época, do que era a criança. (CATINARI, 2006, p. 48 e 49)

Cabe lembrar que os problemas pelos quais o escritor passou com a ditadura Vargas – incluindo sua prisão por causa, entre outros motivos, de uma carta enviada ao presidente na qual criticava a política governamental no campo dos minérios – foram resultados das influências sobre ele das idéias da Escola Nova e do Homem Novo, a partir de uma perspectiva democrática, a qual incomodava um governo baseado na concepção de que o Estado deveria exercer o monopólio da formação, estruturação e funcionamento da nação.

De acordo com Kátia Maria Abud:

Nacionalismo e pensamento autoritário caminhavam juntos no Brasil. (...) A concepção de realidade e de sociedade, que se originava do nacionalismo e do antiliberalismo, levava à responsabilização do Estado pela formação da nacionalidade e pela direção do povo. Este era considerado simplesmente como ‘massas’ que deveriam ser guiadas pelas elites, verdadeiro motor das transformações pelas quais o Brasil deveria passar para chegar ao desenvolvimento. (ABUD, 1998, p. 33 e 34)

Partindo desse recorte temporal, após o recesso do mês de julho, na volta às aulas, combinamos com o professor de dar continuidade às nossas atividades, propondo um cronograma de inserções em determinadas aulas, uma vez que a apresentação do tema e da documentação a ser utilizada como recurso didático no ensino de História e sua interação com a aprendizagem dos alunos relacionava-se diretamente com o período que estava sendo trabalhado em sala de aula: a Era Vargas.

(...) é no estudo da mentalidade de uma época que reside a principal contribuição da Literatura para o ensino de História. É necessário discutir com os alunos não só o ambiente histórico no qual ocorreu a



escrita literária como também sua efetiva influência na elaboração do autor; mostrar que ninguém está divorciado de seu presente, pelo contrário, é exatamente dele que se parte para construir a representação de um passado recente ou distante, ou mesmo do futuro. (ABUD, ALVES e SILVA, 2010, p. 51)

## **Em contato com um tal Monteiro Lobato**

As aulas expositivas seguiram uma dinâmica proposta pelo professor em que os alunos foram estrategicamente colocados em círculo para discutir a ditadura no Estado Novo. “Vamos ver se dá certo. Vou dar os fatos pros caras e os alunos vão indicar quem vai fazer o discurso esquerdista aí e quem vai encarnar a situação. Arsenal de acusação e arsenal de defesa. Deixa os caras se matar pra ver se, pelo menos, aprendem alguma coisa. Depois vou lá aguentar a sétima série.”<sup>15</sup>

Para descobrir como se dava a apropriação de Lobato nos grupos pesquisados, propusemos inicialmente uma pergunta aberta no questionário social que tinha como enunciado: Você já ouviu falar sobre Monteiro Lobato? Como alternativa, o aluno podia assinalar sim ou não. Em caso positivo, havia uma questão complementar: Se sim, o que sabe sobre ele?

Na 8ª B, de um total de trinta e três [33] alunos, vinte e quatro [24] responderam sim, seis [6] responderam não e três [3] não quiseram responder a primeira parte da pergunta. De vinte e quatro [24] respostas positivas, quinze [15] quiseram escrever por extenso o que sabiam sobre o autor e nove [9] não quiseram. Das quinze [15] respostas dadas por extenso, em oito [8] delas ficou evidente que os alunos não sabiam quem era o escritor: nada; não me lembro; poeta famoso; poemas; nada, soovi o nome; sim, mas não me recordo; esqueci tudo; além de um aluno que “respondeu” oralmente aventando se, por acaso, o autor não tinha sido o inventor do avião. Se somarmos seis [6] alunos que escolheram a alternativa não, mais nove [9] que responderam pela alternativa sim, mas não se manifestaram por escrito e oito [8] que mostraram desconhecimento na tentativa de ter de dizer algo, chegaremos ao número de vinte e três [23] alunos de um total de trinta e três [33] que desconhecem Monteiro Lobato, ou seja, 70% da sala.<sup>16</sup>

Na 8ª A, de um total de trinta e um [31] alunos, vinte [20] responderam sim e onze [11] responderam não na primeira parte da pergunta. De vinte [20] respostas positivas,

<sup>15</sup> Essa seção foi realizada nos dias 10 e 17 de setembro.

<sup>16</sup> Dados das respostas dos alunos da 8ª A e 8ª B ao questionário social. Ver anexos 4 e 5.

dezenove [19] quiseram escrever por extenso o que sabiam sobre o autor e apenas um (1) não quis. Das dezenove [19] respostas dadas por extenso, em apenas duas [2] delas ficou evidente que os alunos não sabiam quem era o escritor: não lembro; não me lembro. Se somarmos essas duas [2] respostas onde ficou nítido o desconhecimento dos alunos com a única [1] resposta onde um aluno respondeu pela alternativa sim, mas não se manifestou por escrito e mais os onze [11] que escolheram a alternativa não, chegaremos ao número de catorze [14] alunos de um total de trinta e um [31] que desconhecem Monteiro Lobato, ou seja, 45%. Portanto, no resultado desta turma pouco mais da metade da sala, 55%, sabe quem foi Monteiro Lobato.<sup>17</sup>

Ao nos depararmos com jovens de 13 a 17 anos, podemos aferir que a versão mais recente das histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* para a televisão ajudou a perpetuar o legado do escritor entre eles, pois muitos dos alunos levantaram a mão para sinalizar que tinham ouvido falar de Monteiro Lobato, embora não tenham conseguido identificar, com precisão, a relação do autor com o Sítio em suas respostas. Na 8ª A, quinze [15] alunos fizeram referência direta a Lobato como criador do *Sítio*, enquanto, na 8ª B, somente três estudantes o reconheceram como autor da série.

O nome de Monteiro Lobato vem geralmente associado à sua produção destinada ao público infanto-juvenil, através do qual é mais comumente associado. Seus livros foram bastante populares até quase o final do século XX, como veremos no próximo capítulo. Mas, apesar do escritor ter reinado soberano na época em sua faixa de público, a obra infanto-juvenil lobatiana perdeu considerável espaço nas livrarias entre os anos de 1970 e a primeira década dos anos 2000, devido “a uma briga judicial entre os herdeiros do escritor e a Editora Brasiliense, que ficou impedida de fazer qualquer atualização editorial e gráfica nas edições – que se tornaram pouco interessantes”.<sup>18</sup>

É possível que o impasse jurídico que se prolongou por quase quatro décadas tenha acabado comprometendo uma presença mais marcante dessa produção entre os leitores das novas gerações. Conforme dissemos no segundo capítulo, a preferência por autores estrangeiros predomina entre os jovens estudantes pesquisados, fenômeno que merece ser melhor investigado pelos educadores. Segundo dados do *Relatório de Livros*

---

<sup>17</sup> Dados das respostas dos alunos da 8ª A e 8ª B ao questionário social. Ver anexos 4 e 5.

<sup>18</sup> JUNIOR, Gonçalo. O latifúndio de Lobato. Revista Pesquisa Fapesp, edição 157, março de 2009. Versão on-line. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/03/01/o-latifundio-de-lobato/>.

*Mais Emprestados 2013*, o autor paulista não aparece na lista dos 100 autores mais lidos (emprestados) pelo Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo.<sup>19</sup>

Quando analisamos a lista do ano de 2013<sup>20</sup> dos dez autores mais lidos ou que tiveram maior quantidade de obras emprestadas na Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato<sup>21</sup>, seu patrono aparece em quarto lugar (107 empréstimos), atrás de três autores estrangeiros: J. K. Rowling (133), Jeff Kinney (129) e Rick Riordan (121). Depois de Monteiro Lobato, temos Graciliano Ramos em quinto lugar (65), José de Alencar na sexta colocação (57) e, em sétimo, Machado de Assis (56). Depois deles, da oitava à décima posição, aparecem outros escritores estrangeiros: Becca Fitzpatrick (49), Suzanne Collins (47) e William Shakespeare (45). Todas as obras emprestadas de Monteiro Lobato são da série *O Sítio do Picapau Amarelo: Emília no País da Gramática* (18), *Reinações de Narizinho* volume 2 (14), *Memórias da Emília* (13), *O saci* (12), *Reinações de Narizinho* volume 1 (12), *Reinações de Narizinho* (11), *A reforma da natureza* (9), *Aritmética da Emília* (9), *Caçadas de Pedrinho* (9).

## **Renovação trazida à linguagem**

As narrativas do *Sítio do Picapau Amarelo* foram criadas entre o início da década de 1920 e meados da década de 1940. A saga foi concluída em 1946, quando Lobato escreve a última história, *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. Assim fiz no Hércules, e na segunda edição deixá-lo-ei ainda menos literário do que está. Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus! (LOBATO, 2010, p. 572).

Avesso aos formalismos da linguagem e a rigidez gramatical,

---

<sup>19</sup> RELATÓRIO DE LIVROS MAIS EMPRESTADOS 2013. Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB)/Secretaria Municipal de Cultural (SMC)/Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP)/Sistema Alexandria Online. São Paulo, junho de 2015.

<sup>20</sup> A lista foi fornecida no dia 10 de setembro de 2015, por e-mail, pela Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas.

<sup>21</sup> A Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato integra o Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo e é a mais antiga biblioteca infantil em funcionamento no Brasil, tendo sido inaugurada em 1936. Além disso, sua sede fica na região central da cidade.

Lobato externava constantemente – o que pode ser comprovado ao lermos sua correspondência com Godofredo Rangel, em *A Barca de Gleyre* – sua preocupação em ‘desliteraturizar’ a linguagem, estabelecendo, com isso uma crítica ao estilo parnasiano ainda em voga na tradição bacharelesca das primeiras décadas do século XX. (CATINARI, 2006, p. 51)

São textos literários que foram escritos em uma linguagem simples e direta, “estilo clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido (...)” (LOBATO, s/d, p. 1715), embora tratem de conteúdos complexos, áridos. No entanto, nada possuem de superficial “(...) no sentido de exigir pouco do leitor, seja ele em formação ou proficiente.” (CATINARI, 2006, p. 50). A clareza da linguagem de Lobato e seu estilo direto foram elementos decisivos para a escolha de seus livros.

A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a *Beleza literária*. Mas o que é beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças. As tuas histórias do tempo de onça são escritas para os sabedores de língua, para os espíritos literariamente cultivados; não para as crianças. É o que me pareceu. Resta agora a opinião do teste supremo: elas. Se elas disserem o contrário do que digo aqui, paciência; darei as mãos à palmatória e terei de revogar minhas teorias. Consulte-as. (LOBATO, 2010, p. 572).

Em sintonia com o desejo do escritor, como instrumento de pesquisa selecionamos trechos de três livros da série *Sítio do Picapau Amarelo* para investigarmos de que forma o contato com temas históricos presentes nos textos literários infanto-juvenis lobatianos pode ou não interferir nas concepções prévias dos estudantes por meio, respectivamente, de possíveis alterações ou permanências em seu conjunto de representações sociais.<sup>22</sup> O objetivo foi identificar qual idéia ou imagem vem “antes” da leitura na experiência dos alunos e o que vem “depois”.

*História do Mundo para Crianças* (1933), *Geografia de D. Benta* (1935) e *Aventura de Hans Staden* (1927) foram os títulos escolhidos porque são livros educativos. Coincidentemente, depois de ter feito a escolha, localizamos na bibliografia de referência a identificação de pontos comuns nas narrativas das referidas obras.

---

<sup>22</sup> A base conceitual da pesquisa foi estruturada a partir dos conceitos e idéias sobre representações sociais elaboradas pelo pesquisador romeno Serge Moscovici.

Para alguns estudiosos da obra lobatiana, como Alice Áurea Penteadó Martha e Nelly Novaes Coelho, obras como *Aventura de Hans Staden* (1927), *História do Mundo para Crianças* (1933), *Geografia de D. Benta* (1935), entre outras, são caracterizadas como narrativas que atendem a um duplo objetivo: transmitir conhecimento (conquistas da ciência, mitos, aspectos da história) e questionar verdades construídas (valores cristalizados pelo homem).<sup>23</sup> (ZORZATO, 2008, p. 155)

Em sua pesquisa, Antonella Flavia Cantinari cita um artigo<sup>24</sup> produzido para o Senado Federal pelo então senador Artur da Távola, escrito para comemorar os 60 anos da boneca Emília, onde o político, por sua vez, citou artigo de Renato J. C. Pacheco, publicado na *Revista Brasiliense*, que estabeleceu uma divisão dos livros infantis de Lobato em três tipos, de acordo com os objetivos educacionais de cada um: “De instrução”, “Mistas” e “De diversão”. Transcrevemos aqui, o que Cantinari transcreveu em sua dissertação, pois, como a pesquisadora, também consideramos a catalogação de Pacheco simples e funcional.<sup>25</sup>

Obras de instrução – “História do mundo para crianças”; “Emília no País da Gramática”; “Aritmética da Emília”; “História das invenções”; “Geografia de Dona Benta”; “O poço do Visconde”; “Serões de Dona Benta”; e “O espanto das gentes”.

Obras mistas – “Fábulas”; “Viagem ao céu”; “Aventuras de Hans Staden”; “Peter Pan”; “Dom Quixote das crianças”; “O Minotauro”; e “Os 12 trabalhos de Hércules”.

Obras de diversão – “Reinações de Narizinho”; “O Saci”; “As caçadas de Pedrinho”; “Memórias de Emília”; “Histórias de Tia Nastácia”; “O Picapau Amarelo”; “A chave do tamanho”; “A reforma da natureza”; e “Histórias diversas”. (CANTINARI, 2006, p. 102 e 103)

De acordo com essa classificação, *História do Mundo para Crianças* e *Geografia de D. Benta* são considerados livros “de instrução” e foram escolhidos na primeira etapa do trabalho de campo, enquanto *Aventura de Hans Staden* é tida como uma obra “mista” e foi aplicada posteriormente na sala de leitura. Conforme relatamos alguns parágrafos antes, através dos programas de difusão de leitura na escola, notamos uma tendência na indicação dos títulos “de diversão”, a exemplo de *Reinações de Narizinho* e *O Saci*,

<sup>23</sup> A citação acima é uma reprodução da nota 9 do texto da autora, onde a mesma analisa o papel de D. Benta enquanto personagem responsável pela transmissão de conhecimentos e pelo questionamento de “verdades absolutas”, características que estruturam o projeto pedagógico lobatiano.

<sup>24</sup> TÁVOLA, Artur da. Monteiro Lobato: o imaginário (60 anos da boneca Emília). Brasília, Senado Federal, 1977. Artigo citado por CANTINARI, Antonella Flavia. Monteiro Lobato e o Projeto de Educação Interdisciplinar. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006, p. 102 e 103.

<sup>25</sup> CANTINARI, Antonella Flavia. Op. cit., p. 102 e 103.

processo que eventualmente pode estar contribuindo para reforçar o estereótipo de que as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* devam ser difundidas numa perspectiva puramente lúdica.

De fato, quando mencionamos sobre a série para os alunos, muitos “torceram o nariz”, dizendo ser “coisa de criancinha”. No entanto, assim que receberam os trechos reproduzidos do livro *História do Mundo para Crianças*<sup>26</sup> e a leitura conjunta foi iniciada em voz alta, os estudantes foram, aos poucos, mostrando-se surpresos com a temática apresentada a partir da visão do autor em relação à História, conforme mostraremos nesta seção.

Portanto, em um primeiro momento, para o texto lido em voz alta a leitura foi audição da palavra. Depois, os alunos puderam ficar com as cópias dos textos para responder as questões, realizando, portanto, a segunda leitura em silêncio, focada no objeto impresso. “É grande a distância entre o relato pronunciado e a escrita impressa. Contudo, ela não deve fazer esquecer que são numerosos os seus laços. (...) a manutenção dessa dependência assegura o regresso à oralidade de múltiplos textos, lidos em voz alta (...).” (CHARTIER, 1990, p. 126)

Metodologicamente nossa preocupação inicial foi reforçar reiteradamente para os estudantes que cada um ao seu modo tem uma forma de vivenciar o mundo e, sendo assim, quando fazemos a mesma pergunta para um grupo de pessoas, por exemplo, “Para você, o que é História?”, obviamente é esperado que João deva responder com suas palavras o que a História significa para ele e Maria deva frisar com suas palavras o que a História representa para ela. Ambos conceitos do que é História podem ser antagônicos ou não.

## **O conceito de História: representações prévias dos alunos**

Diferentemente das avaliações de História aplicadas pelas provas externas, como o Saresp, que utilizam os testes de múltipla escolha, ou seja, a resposta necessariamente está em uma das alternativas, optamos por aprofundar mais ao aplicar questões dissertativas ou discursivas em que o aluno precisa escrever, expondo suas formas de pensar. Por isso, para fazer a análise da compreensão dos alunos em relação ao conceito de História, elaboramos um primeiro questionário com três perguntas prévias que foram

---

<sup>26</sup> LOBATO, Monteiro. *O Sítio do Picapau Amarelo*. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.

respondidas antes da leitura dos trechos extraídos de *História do Mundo para Crianças*. A primeira pergunta foi: Para você, o que é a História? Justifique sua resposta.

Ao analisar as respostas reproduzidas nas tabelas a seguir, conseguimos aferir que representações os estudantes têm da História. As visões emitidas pelos alunos em suas frases foram classificadas em duas categorias de representações: **senso comum** e **reificadas**.

Classificamos como senso comum as respostas que consideraram a História enquanto mero conjunto de fatos do passado, “coisas” do passado ou, simplesmente, passado. Por sua vez, as respostas caracterizadas como reificadas se dividiram em duas subcategorias: **conhecimento escolar** e **conhecimento científico**.

Senso comum é uma classificação baseada na noção de que História é um conjunto de conhecimentos sobre o passado, mas sem que o aluno tenha manifestado saber/compreender a origem deste conjunto de conhecimentos, ou seja, sua origem no método de trabalho científico, historiográfico. Exemplos: “História é o que nós aprendemos sobre o passado dos países, acontecimentos marcantes, pessoas que mudaram nosso país, e conflitos entre eles.” (Bruna).

Para estabelecermos esta tipologias de classificação, nos baseamos nas ideias e concepções de Jörn Rüsen sobre o funcionamento do pensamento humano e como o mesmo estrutura ou interpreta a História. Segundo o historiador alemão, há dois universos de pensamento: o científico, ligado ao universo reificado – o qual, permite, portanto, a existência do pensamento histórico científico –, e o consensual – gerador do pensamento histórico comum ou não-científico.

(...) o pensamento é um processo genérico e habitual da vida humana. A ciência é um modo particular de realizar esse processo. O homem não pensa porque a ciência existe, mas ele faz ciência porque pensa. (...) esse modo particular, científico, do pensamento humano está enraizado no pensamento humano em geral. (RÜSEN, 2001, p. 54)

Ainda, segundo Moscovici:

No caso do discurso do conhecimento comum, do mesmo modo que do conhecimento científico, é uma questão de perguntar o que desempenha o papel de primeira idéia na formação de famílias de representações no campo específico que propicia uma forma ‘típica’ aos objetos e situações relacionados com essa idéia dentro desses campos. Ela vem à tona toda vez que elas repassam os desdobramentos discursivos com o objetivo de ilustrá-los e de lembrá-los e, sobretudo, de reorganizá-los

como uma função de um grupo, de uma história, de um projeto de ação. (MOSCOVICI, 2003, p. 228-229)

As respostas foram classificadas como conhecimento científico quando os estudantes manifestaram noções da História enquanto processo de construção do conhecimento. Exemplos: “(...) é uma forma de contar algo (...)” (Alicia); “(...) História é a maneira mais lógica de estudo, da forma que podemos nos conscientizar do que aconteceu no passado do nosso mundo.(...)” (Denilson).

Por sua vez, conhecimento escolar foi a classificação utilizada para as representações que trazem a noção de conhecimento restrito ao campo escolar, como conjunto de conhecimentos a serem aprendidos, sem manifestar consciência da origem destes conhecimentos nos processos de investigação científica. Exemplos: “A ajuda ler aprender as coisa sobre o mundo.” (Guilherme); “Para imhistoria e que nos aprendemos coisas dos passado.” (Nicole).

Na 8ª A conseguimos a participação de vinte e quatro [24] alunos<sup>27</sup> na amostragem. Deste total, dezesseis [16] manifestaram respostas que nos permitiram classificar suas concepções de História na categoria reificada enquanto oito [8] foram classificadas como senso comum. Ou seja, nesta turma houve um predomínio das concepções reificadas – nove [9] conhecimento escolar e sete [7] conhecimento científico.

### 8ª A

<b>SENSO COMUM</b>
<b>Bernardo:</b> Coisas sobre o passado nossos ancestrais etc.
<b>Bruna:</b> História é o que nós aprendemos sobre o passado dos países, acontecimentos marcantes, pessoas que mudaram nosso país, e conflitos entre eles.
<b>Fabício:</b> Tudo que marcou o mundo, os herói e os vilões da vida.

<sup>27</sup> O aluno Lair respondeu apenas a primeira questão desta fase da pesquisa e precisou ir embora. Por isso, nas demais questões temos vinte e três [23] alunos participantes.



<b>Joaquim:</b> Sei lá, eu acho que é coisa que já aconteceu no passado e marco no mundo!
<b>Leonel:</b> Passado. Coisas que aconteceu a muito tempo.
<b>Murilo:</b> A História para mim é falar sobre o que já aconteceu, a que isso é forneceu para o mundo, países que participaram de guerras. Pessoas importantes, etc.
<b>Wanderson:</b> Historia é tudo que já passou nas nossas vidas, e todos os costumes e tradições dos ancestrais e um monte de coisas.
<b>TOTAL:</b> 7 (29,16%)

<b>REIFICADO</b>
<b>CONHECIMENTO CIENTÍFICO</b>
<b>Alícia:</b> História pra mim é uma forma de contar algo, que acontece ou aconteceu, tanto no passado como no futuro.
<b>Brandon:</b> História é tudo aquilo que acontecel no passado e é reencontrada hoje em dia.
<b>Denilson:</b> Para mim História é a maneira mais lógica de estudo, da forma que podemos nos conscientizar do que aconteceu no passado do nosso mundo. Podemos aprender muito com a História.
<b>Frederico:</b> Historia para mim é importante pois mostra os passados da noça grande nação, mostra como era a nossa origem.
<b>Horácio:</b> A historia para mim e um estudo muito importante que ajuda nós a saber sobre o passado do nosso mundo etc.
<b>Jonathan:</b> Eu acho que é uma relembra de tudo que passou no mundo!
<b>Karen:</b> Historia é o conhecimento que o homem tem sobre o passado.

<b>Thiago:</b> história pra mim é um meio de saber o que aconteceu no passado pra prevenir no presente e no futuro.
<b>TOTAL:</b> 8 (33,33%)

<b>REIFICADO</b>
<b>CONHECIMENTO ESCOLAR</b>
<b>Guilherme:</b> A ajuda ler aprender as coisa sobre o mundo.
<b>João:</b> aprende coisa do passado que eu na vi.
<b>Josué:</b> Pra mim História é um tipo de matéria que te informa sobre antigamente, que fala dos tempos antigos.
<b>Lair:</b> A história e uma coisa inturtiva para os jovem. [Esse aluno precisou ir embora e não respondeu as demais questões desta fase da pesquisa]
<b>Margarida:</b> Historia para mim, é uma matéria super importante, que porém admiro muito. A historia em si nos revela grandes acontecimentos, e podemos perceber que, momentos ocorridos no passado, voltam, e passamos pelo mesma situação.
<b>Nicole:</b> Para imhistoria e que nos aprendemos coisas dos passado.
<b>Solange:</b> historia é uma matéria que fala bastante sobre pessoas importantes que já morreram e fala também sobre guerras, etc.
<b>Tatiana:</b> A historia é pra gente aprender sobre o passado.
<b>Rogério:</b> Texto, e o que os professores passa na sala.
<b>TOTAL:</b> 9 (37,5%)

Enquanto na 8ª A houve um equilíbrio entre as três representações de História (senso comum – 8, conhecimento científico – 7, conhecimento escolar – 9), na 8ª B, com um total de vinte e sete [27] respostas, houve o predomínio da concepção de História enquanto senso comum – dezesseis [16]. A representação da História enquanto conhecimento científico teve seis [6] respostas e enquanto conhecimento escolar, cinco [5], o que evidencia que poucos alunos compreenderam os diferentes processos de construção do conhecimento histórico, sobretudo os que retiram representações do senso comum, transformando-as em reificadas depois de passarem pelas comprovações estruturadas pelo método científico.

Esses resultados coincidem com a má fama dos alunos da 8ª B, turma considerada pelos professores e gestores escolares como de menor rendimento escolar se comparados aos colegas da outra classe.

### 8ª B

<b>SENSO COMUM</b>
<b>Cleyton:</b> História é uma coisa que passa pela a vida de todo o ser humano
<b>Daniela:</b> “História é uma ciência que busca conhecer os diversos aspectos do passado da humanidade e aumentar a nossa capacidade de entender o presente e criar as bases para ampliarmos nossa visão sobre o futuro.”  <b>Observação:</b> Conforme informamos no capítulo 1, a aluna cometeu plágio nessa resposta por meio do uso do celular. Apesar de estar classificada aqui, esta resposta acaba não tendo validade.
<b>Dênis:</b> E tudo que é velho, ja foi, ja passo, é História!
<b>Eduarda:</b> São as coisas marcantes que passaram pela nossas vidas.
<b>Fayal:</b> Tudo coisa antiga que ficou marcada no antepassado.

**Fernando:** Para mim, são fatos que aconteceram no passado.

**Jurandir:** Pra mim história é coisas de filme, de capitalismo e Imperialismo e coisas de outra épocas. (**Considera os filmes enquanto documentos, retratos do passado, expressões da verdade**)

**Giovanna:** Historia para mim e tudo que aconteceu no passado que marco.

**Kaique:** História, é a melhor coisa com ela você, conhece nosso passado. Historia é foda! **Observação: Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:** Pra mim a história conta coisas que aconteceram no passado, e conta oque as pessoas antigamente faziam, se era boas ou ruins, e Por exemplo, hitler fez muita coisa ruim

**Kátia:** História é o passado de nós, tudo o que aconteceu a séc ou até mais tempo atrás. Historia de guerras, povos tudo.

**Kauã:** Pra mim a historia é algo que lembra o passado que lembra o que aconteceu que pessoas mudaram nosso mundo etc...

**Letícia:** Bom. Eu amo História eu acho muito importante pra mim por que gosto de saber o meu passado.

**Luciana:** São os acontecimentos do passado.

**Marcos:** algo que ja passo, passado!

**Rodrigo:** Historia para mim é coisas de quadrinhos, filmes, etc. (**Considera os quadrinhos e filmes enquanto documentos, retratos do passado, expressões da verdade**)

**Yago:** É sobre os fatos mais históricos da vida.

**TOTAL:** 16 (59,25%)

**Observações:** Muitos alunos desta turma, apesar de terem apresentado representações da História enquanto conhecimento, relacionaram este conhecimento com fatos do passado familiar ou, até mesmo, de ordem pessoal.

<b>REIFICADO</b>
<b>CONHECIMENTO CIENTÍFICO</b>
<b>Francisca:</b> O nome já diz “HISTORIA” é o estudo do passado, com ao podemos saber dos nossos antepassados.
<b>Jerusa:</b> Historia é um jeito de a antiguidade vim para atualidade, trazendo etapas importantes da época anterior, falando e descrevendo um pouco dos povos antigos.
<b>Leandro:</b> É um fato que ocorreu no passado, que no futuro será contado em forma de historia. Pra mim, história é tudo aquilo que já aconteceu.
<b>Marcelo:</b> É o que aconteceu. Ela só fala o já aconteceu.
<b>Mariana:</b> História nos ajuda a nos aprofundar no passado, saber um pouco de tudo sobre antigamente.
<b>Marisa:</b> É o conhecimento do mundo antes de Hoje; por que antes o mundo tinha varias que não tem Hoje.
<b>TOTAL:</b> 6 (22,22%)

<b>REIFICADO</b>
<b>CONHECIMENTO ESCOLAR</b>
<b>Davi:</b> Eu acho que a história é um modo da gente aprender sobre o que já ocorreu no mundo, e para sabermos o que acontecia antigamente.
<b>Paula:</b> É uma materia escolar, que nos ajuda conhecer varias Histórias.
<b>Plínio:</b> Historia é o aprendizado do passado com biografias e histórias colocadas em livros e alguns são achado na internet.

<b>Renata:</b> Historia é uma forma de trazer coisas passadas e importante para o tempo de hoje.
<b>Valdir:</b> historia e uma materia boa que fala sobre muitas coisas fora do brasil e, também fala do nosso brasil.
<b>TOTAL:</b> 5 (18,51%)

## Representações e mutabilidade

Depois de identificarmos as concepções de História dos alunos (descritas nas tabelas), procuramos averiguar a importância dada por cada um deles a essa área do conhecimento: Para você, a História é importante? Justifique sua resposta.

Classificamos as respostas em sim, não e indefinida. Em ambas as turmas, o interessante é que as respostas reafirmam, sobretudo, a concepção de História enquanto senso comum, destacando, com frequência, a importância de se saber sobre o passado, nossas origens, o que dá sentido ao presente e nos ajudando a evitar os erros já cometidos. Mas também reafirmam as concepções de conhecimento escolar e enquanto conhecimento científico.

Também foi possível evidenciar que alguns alunos, os quais na questão anterior manifestaram determinada concepção, agora manifestaram outra – indicada pela palavra MUDOU, nos alvéolos das tabelas – o que evidencia que as representações não são absolutas, mas se sobrepõem e convivem mutuamente dentro da complexidade do pensamento humano, o qual não pára de receber estímulos, interpretando a realidade e, neste processo, reelaborando constantemente seus conhecimentos.

(...) representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um ‘referencial de um pensamento preexistente’; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis. Esse processo de troca e composição de ideias é sobretudo necessário, pois ele responde às

duplas exigências dos indivíduos e das coletividades. Por um lado, para construir sistemas de pensamento e compreensão e, por outro lado, para adotar visões consensuais de ação que lhes permitem manter um vínculo social, até mesmo a continuidade da comunicação da ideia. (MOSCOVICI, 2003, p. 216).

Consideramos, portanto, as representações sociais como formas dinâmicas, as quais são modificadas constantemente pelas pessoas ao longo da vida, na medida em que as mesmas vivenciam diversas experiências em diferentes instituições e grupos, o que as estimulam a reinterpretar constantemente a realidade.

Na 8ª A, catorze [14] alunos mantiveram suas concepções de História enquanto sete [7] mudaram. As respostas de dois [2] deles não permitiram aferir se houve mudança ou permanência em suas representações. Da 8ª B, dezessete [17] alunos mantiveram suas concepções de História e dez [10] mudaram.

### 8ª A

<b>SIM</b>
<b>Alícia:</b> Sim, Por que sem a Historia não saberíamos a Hitoria do Brasil e do mundo. <b>(MANTEVE: conhecimento científico)</b>
<b>Bernardo:</b> Sim porque é uma cultura antiga que devemos estudar. <b>(MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar)</b>
<b>Brandon:</b> Sim, a História ajuda agente a enter um pouco mais do passado das coisas <b>(MANTEVE: conhecimento científico)</b>
<b>Bruna:</b> Sim por que se não, não saberíamos o que nosso país tem passado durante todos os anos. <b>(MANTEVE: senso comum)</b>
<b>Denilson:</b> Repetir a um. [Para mim História é a maneira mais lógica de estudo, da forma que podemos nos conscientizar do que aconteceu no passado do nosso mundo. Podemos aprender muito com a História] <b>(MANTEVE: conhecimento científico)</b>

<p><b>Fabício:</b> Sim. Porque se não e os não saberia sobre o Hitler ou então as bombas atômicas que o EVA atacou nas cidades de Hiroshima e nagasaki (<b>MUDOU: de senso comum para conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Frederico:</b> Sim pois mostra a vida de grandes países do mundo. Repetir a 1. [Historia para mim é importante pois mostra os passados da noça grande nação, mostra como era a nossa origem]. (<b>MANTEVE: conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Guilherme:</b> É importante para min ajuda nas coisa do mundo (<b>MANTEVE: conhecimento escolar. É possível perceber ao ler a anterior</b>)</p>
<p><b>Horácio:</b> Repetir a Um. [A historia para mim e um estudo muito importante que ajuda nós a saber sobre o passado do nosso mundo etc.] (<b>MANTEVE: conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>João:</b> sobre do passando (<b>MUDOU: conhecimento científico para senso comum</b>)</p>
<p><b>Josué:</b> Sim Pois sem a História nós não saberíamos sobre pessoas famosas, guerras, muitas coisas importantes. (<b>MUDOU: conhecimento escolar para conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Karen:</b> Sim, para podermos saber oque aconteceu antigamente (<b>MANTEVE: conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Margarida:</b> Sim para mim é importante, ainda mais no ramo do político, porque se não houvesse historia, não poderíamos entender o agora, e para podermos nos colocar a um lado e não cometer o erro de antes. (<b>MUDOU: conhecimento escolar para conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Murilo:</b> Sim, porque mostra oque pessoas importantes representavam, como o Ayrton Senna para F1, o Pelé no futebol, entre outros (<b>MANTEVE: senso comum</b>)</p>
<p><b>Nicole:</b> Sim e importante para saber mais sobre a historia do Brasil (<b>MUDOU: conhecimento escolar para conhecimento científico</b>)</p>
<p><b>Rogério:</b> sim porque é bom de escrever e de ler (<b>MANTEVE: conhecimento escolar. O aluno percebe a História como processo de aprendizagem vinculado ao ato de leitura e escrita na sala de aula</b>)</p>



<b>Solange:</b> Sim, para saber sobre o passado importante ( <b>MANTEVE: conhecimento escolar. A leitura da resposta anterior em conjunto com esta permite a percepção de que não houve mudança</b> )
<b>Tatiana:</b> Sim, porque agente aprende sobre varias coisas importantes. ( <b>MANTEVE: conhecimento escolar</b> )
<b>Thiago:</b> É importante porque ela nos ensina varias lições, a gente fica sabando do que aconteceu no passado, sobre as guerras, etc... ( <b>MUDOU: conhecimento científico para conhecimento escolar</b> )
<b>Wanderson:</b> Sim Porque tudo oque os povos antigos já fez, agente ta evoluindo nos costumes e outras coisas até nas guerras. ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>TOTAL: 20 (86,25%)</b>

<b>NÃO</b>
<b>Joaquim:</b> Não, porque pra mim não serve de nada. ( <b>Não manifestou representação</b> )
<b>Leonel:</b> Não muito porque já aconteceu e não tem como reverter ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>TOTAL: 2 (8,69%)</b>

<b>INDEFINIDA</b>
<b>Jonathan:</b> mais ou menos ( <b>Não manifestou representação</b> )
<b>TOTAL: 1 (4,34%)</b>

## 8ª B

<b>SIM</b>
<b>Cleyton:</b> É importante por quê sobre sua vida ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>Daniela:</b> Sim, por um motivo bem simples: para sabermos porque o mundo é assim, precisamos conhecer os processos que fizeram chegar onde estamos. Pelo passado da história entendemos a forma do presente. ( <b>MUDOU: de senso comum para conhecimento científico</b> )
<b>Davi:</b> Eu acho que sim é importante para sabermos o que já houve no mundo. ( <b>MUDOU: conhecimento escolar para conhecimento científico</b> )
<b>Dênis:</b> Sim, porque é o que controla o futuro. ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>Eduarda:</b> Sim. por que ela faz parte da vida. ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>Fayal:</b> Para mim não é importante e tudo antigo... ( <b>MANTEVE: senso comum</b> )
<b>Fernando:</b> Sim, é bom para o nosso conhecimento e os nossos ancestrais. ( <b>MUDOU: de senso comum para conhecimento científico</b> )
<b>Francisca:</b> Sim, porque nós aprendemos o porque que algumas coisas estão assim hoje por conta do passado ( <b>MANTEVE: conhecimento científico</b> )
<b>Giovanna:</b> Sim, me ensinam muitas coisas! ( <b>MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar</b> )
<b>Jerusa:</b> Sim é importante pois você sabe um pouco dos povos antigos, e o que eles contém ( <b>MANTEVE: conhecimento científico</b> )
<b>Jurandir:</b> Para aprender coisas da época passada. ( <b>MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar</b> )

**Kaique:** Bom, é a melhor coisa do mundo, importante pra caralho, ela ensina as coisas que acontecia antes de eu nascer, e as coisas antes era muito loko, era cinema, sangue, poma, no meu tempo atualmente só tem filhos da puta e cantando funk.!. **Observação: Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:** Sim, porque com ela conseguimos identificar a nosso país, e talvez Podemos mudar ou melhorar com os atos que não foram feitos no passado do nosso País. **(MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar)**

**Kátia:** Sim, pois do jeito que vivemos hoje foi graças a um ato do passado, então sim é importante saber do mundo antigo. **(MANTEVE: senso comum)**

**Kauã:** Sim lembra os caras que foram importantes e os que abalou países tipo Hitler **(MANTEVE: senso comum)**

**Leandro:** Sim, porque conforme o tempo passa, situações vão acontecendo, que algum dia serem contadas como uma história. Ela é importante para nos sabermos oque aconteceu no passado. **(MANTEVE: conhecimento científico)**

**Letícia:** Muito pois e Bom saber tudo que aconteceu antes no país e no mundo **(MANTEVE: senso comum)**

**Marcelo:** Sim. Pois assim não cometemos o mesmo erro depois. **(MUDOU: conhecimento científico para senso comum)**

**Marcos:** Sim, para nos ficar sabendo o que já aconteceu, nossos passados, para ficarmos mas cultos. **(MANTEVE: senso comum)**

**Mariana:** Sim, muito importante, para saber da nossa história. **(MANTEVE: conhecimento científico)**

**Marisa:** Sim, por que temos que saber como era a vida antes de termos essa de Hoje. **(MANTEVE: conhecimento científico)**

**Paula:** Sim porque, não custa nada conhecer a História do país em que moramos. **(MANTEVE: conhecimento escolar)**

**Plínio:** Claro, sem história não temos informação e aprendizado dos passados de vários lugares do mundo. **(MANTEVE: conhecimento escolar)**

<b>Renata:</b> Sim, mas muita jente não liga História a materia é muito bom saber o que passou antigamente. E Historia de livro é bom para melhorar a imaginação e a leitura <b>(MANTEVE: conhecimento escolar)</b>
<b>Rodrigo:</b> Sim você aprende lazer muita coisas, como aprender a ler e coisas da época antiga <b>(MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar)</b>
<b>Valdir:</b> muito importante para nosso estudos e etc <b>(MANTEVE: conhecimento escolar)</b>
<b>Yago:</b> Sim, eu da pra mim saber oque aconteceu no passado. <b>(MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar)</b>
<b>TOTAL:</b> 26 (96,29%)

<b>NÃO</b>
<b>Luciana:</b> Pra mim não, mais si ensina Historia na escola é necessário e pode ate ser importante. <b>(MUDOU: de senso comum para conhecimento escolar)</b>
<b>TOTAL:</b> 1 (3,71%)

## **História: ensino, cotidiano e conhecimento**

Neste primeiro bloco de questões, a terceira pergunta teve como objetivo descobrir qual era o fato histórico mais marcante no conjunto de representações dos alunos: Para você, qual foi o acontecimento mais marcante na História? Justifique sua resposta.

Os alunos trouxeram para estas respostas o que estava sendo visto em sala, nas aulas de História – esses conteúdos foram descritos no Capítulo 2, incluindo as estratégias e recursos didáticos utilizados pelo professor, incluindo atividades extraclasse – ou o que estava em seu cotidiano, seja por meio da mídia ou da internet, como as redes sociais, sobretudo o Facebook – eleito por Dênis e Eduarda, ambos da 8ª B, como o acontecimento

mais marcante da História –, o que evidencia a falta de percepção com relação à importância social dos fatos históricos, suas causas e efeitos, sobretudo os de longa duração.<sup>28</sup>

### 8ª A

<b>GUERRAS MUNDIAIS E ASSUNTOS CORRELATOS (VISTOS NAS AULAS DE HISTÓRIA)</b>
<b>Brandon:</b> A Segunda Guerra Mundial Foi um período marcante na História que aconteceu a 74 anos e é contada até Hoje
<b>Bruna:</b> A 2ª Guerra Mundial por que foi a pior guerra depois da 1ª, fazendo surgir varias polêmicas e acontecimentos marcantes
<b>Fabício:</b> Hitler porque ele foi muito mau com os judeus/negros, ciganos e não alemães.
<b>Guilherme:</b> Do judeus.
<b>Joaquim:</b> Acho que as Guerras Mundiais, foi as coisas que mais marcaram na História.
<b>João:</b> Segunda Guerra Mundial
<b>Jonathan:</b> O acontecimento foi das Guerra mundiais etc...
<b>Murilo:</b> A 2ª Guerra Mundial, por ter sido uma guerra que teve muitas feridas, a criação de países, a crise em sertos países, criação de armas, etc.
<b>Nicole:</b> 2ª Guerra Mundial

<sup>28</sup> Para saber mais sobre os conceitos de tempo (curta e longa duração), ver: BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

<b>Solange:</b> Hitler, porque ele foi muito rigoroso, com judeus, pretos, ciganos é uma historia chocante e interessante
<b>Tatiana:</b> 2ª Guerra Mundial
<b>Thiago:</b> A Segunda Guerra Mundial
<b>TOTAL:</b> 12 (52,17%)

<b>REVOLUÇÃO INDUSTRIAL</b>
<b>Frederico:</b> A revolução industrial pois foi aonde surgiu as nossas grandes invenções, o avião o carro e etc
<b>Karen:</b> Revolução Industrial
<b>Margarida:</b> Para mim o período mais marcante foi a Revolução Industrial, me marco muito pois de fato isso ainda ocorre nos dias de hoje. E a coragem dos pobres proletariados que trabalham e ganhavam poucos salarios, a coragem de tentar vencer a burguesia, mesmo não dando certo como esperavado eles acreditavam que poderiam fazer a diferença. Muitos dizem que hoje em dia isso acabo, de fato “diminiu” mas ainda muitas pessoas são exploradas.
<b>TOTAL:</b> 3 (13,04%)

<b>ATENTADO DO 11 DE SETEMBRO DE 2001</b>
<b>Denilson:</b> 11/09/2001, que foi quando o “prédio do World Trade Center” veio abaixo por conta de um ataque terrorista e foi um acontecimento que marcou a História.
<b>Josué:</b> Foi o ATAQUE DE 11 DE SETEMBRO Pois aconteceu muitas mortes muitos Estragos

**Leonel:** O atentado das torres gêmeas nos Estados Unidos. Porque era um atentado terrorista em um país.

**TOTAL:** 3 (13,04%)

### ESCRAVIDÃO

**Alícia:** Pra mim foi a Escravidão: por que a maneira que eles foram tratados e escravizados.

**TOTAL:** 1 (4,34%)

### A MORTE DE OSAMA BIN LADEN

**Bernardo:** A morte do Osama Bin Laden Porque ele era um Grande terrorista (**Obs: O aluno pediu para o professor de História escrever o nome do líder e fundador da al-Qaeda por extenso no espaço para resposta**)

**TOTAL:** 1 (4,34%)

### A EXPLOSÃO DO BIG BANG

**Horácio:** A explosão do Big Bang, pois foi daí que tudo começou. (**O aluno teve uma visão evolucionista, desse evento como o início de tudo, extrapolando a concepção da História humana, mas considerando a História do Universo**)

**TOTAL:** 1(4,34%)

### ACONTECIMENTOS MAIS RECENTES

<b>Wanderson:</b> enchente no Japão com vários mortos e também o incêndio da boate Kiss
---

<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)
-------------------------

<b>NENHUM</b>
---------------

<b>Rogério:</b> nenhum
------------------------

<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)
-------------------------

### 8ª B

<b>GUERRAS MUNDIAIS E ASSUNTOS CORRELATOS (VISTOS NAS AULAS DE HISTÓRIA)</b>
--

<b>Daniela:</b> Segunda Guerra Mundial.
---

<b>Davi:</b> A bomba Hiroshima, pois causanvarias mortes no Japão
---

<b>Francisca:</b> Hitler é interessante
---

<b>Jerusa:</b> Para mim foi A segunda Guerra Mundial, porque o Brasil entrou.
---

<b>Kaique:</b> Porra, a 2ª Guerra Mundial é claro né, muito foda, não tem oque dizer foi a 2ª Guerra né, e ela foi foda! <b>Observação: Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:</b> A segunda guerra mundial porque foi uma guerra entre países, e o fato mais legal foi quando o Hitler Se suicidou com sua esposa.
--

<b>Kátia:</b> A Segunda Guerra Mundial, por causa do egoísmo que os Estados Unidos teve quando jogou as 2 bombas.
---



<b>Leandro:</b> Muitas coisas aconteceram enquanto o tempo passara, uma delas foi a 2ª guerra Mundial que, para mim, marcou bastante
<b>Marcos:</b> A Primeira Guerra Mundial
<b>Mariana:</b> A Segunda Guerra Mundial que afetou muito o Estados Unidos
<b>Marisa:</b> A primeira guerra Mundial e a segunda.
<b>Paula:</b> 2ª Guerra Mundial
<b>Renata:</b> A primeira e segunda Guerra Mundial
<b>Valdir:</b> pra mim uma coisa boa foi a primeira guerra mundial.
<b>Yago:</b> Foi o Hitler no poder, porque ele foi falso e racista.
<b>TOTAL:</b> 14 (51,85%)

<b>O DESCOBRIMENTO DO BRASIL</b>
<b>Giovanna:</b> O descobrimento do Brasil.
<b>Kauã:</b> o descobrimento do Brasil
<b>Letícia:</b> Quando o Brasil, foi descoberto.
<b>TOTAL:</b> 3 (11,11%)

<b>REVOLUÇÃO FRANCESA</b>
---------------------------

**Marcelo:** Revolução Francesa, Pois ela foi muito loca

**TOTAL:** 1 (3,7%)

### **A INEXISTÊNCIA DOS DINOSSAUROS**

**Fayal:** A inexistência dos dinossauros

**TOTAL:** 1 (3,7%)

### **GUERRA FRIA**

**Fernando:** durante guerra fria

**TOTAL:** 1 (3,7%)

### **A MORTE DE TUPAC AMARU SHAKUR**

**Plínio:** A morte de Tupac Amaru Shakur. (**Observação:** aluno se referiu ao rapper norte-americano Tupac Amaru Shakur mais conhecido pelos seus nomes artísticos 2Pac, Makaveli ou apenas Pac)

**TOTAL:** 1 (3,7%)

### **ACONTECIMENTOS MAIS RECENTES**

**Dênis:** A criação de Facebook, porque o face é zika.

<b>Eduarda:</b> a criação do facebook
<b>TOTAL:</b> 2 (7,4%)

<b>GUERRAS (SEM ESPECIFICAÇÃO)</b>
<b>Jurandir:</b> Guerras
<b>Rodrigo:</b> Guerras.
<b>TOTAL:</b> 2 (7,4%)

<b>INDEFINIDO</b>
<b>Cleyton:</b> Não tenho opinião
<b>Luciana:</b> São os acontecimentos do passado.
<b>TOTAL:</b> 2 (7,4%)

### **Literatura lobatiana e História**

Na segunda parte da atividade, explicamos aos alunos que devemos aprender a ler o mundo com sentido crítico e que no texto que tinham em mãos o escritor permite que haja diversos pontos de vista, a partir do contraste das visões da narradora, Dona Benta, com as de outros personagens, que ora concordam, ora discordam do que ouvem. Como um extra para despertar a atenção, aproveitamos as marcas explícitas de oralidade presentes na referida obra para realizar uma leitura com emoção, simulando as diferentes

vozes para dar a impressão de estar participando de uma conversa com o narrador do texto.

D. Benta encomenda “dum livreiro da capital” um novo título.

Leu o livro com cara de quem estava gostando; depois folheou e releu vários volumes da sua biblioteca que tratavam de assuntos semelhantes e disse consigo: Bela idéia! A história do mundo é um verdadeiro romance que pode muito bem ser contado às crianças. Meninos assim da idade do Pedrinho e Narizinho estou certa de que hão de gostar e aproveitar bastante. (LOBATO, s/d, 1525)

Avisa, então, que vai contar certos fatos históricos aos habitantes do sítio – Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia, Emília e Visconde – explicando que não existem respostas para todas as perguntas, mas hipóteses para muitas delas, o que pressupõe dúvidas e possíveis respostas, em um claro estímulo para as crianças-aprendizes descobrirem o conhecimento de maneira ampla, através da dedicação constante à leitura.

Dona Benta é a professora de fala “sentada”, culta, que nunca nega o acesso ao saber e que propicia a seus alunos a liberdade para experimentar, comprovar ou mesmo refutar as informações por ela trazidas. (...) É a figura da sabedoria acumulada, da inteligência, do livre-pensar. (...) É a representante das contadeiras e histórias mas de alguém que as conta do seu jeito, de uma forma gostosa, abasileirada e “sem bolor”. Dona Benta produz a intermediação entre o saber livresco e as crianças do Sítio. (...) Sem abrir mão do suporte do livro, com seu jeito de contar, seduz e desperta o interesse de seus pequenos leitores. (CATINARI, 2006, p. 89)

Diferente de Júlio Verne, a quem admirava, Lobato não criou personagens cientistas, mas crianças-aprendizes, enquanto Dona Benta personaliza o compromisso lobatiano com a educação, traduzida, neste caso, na aprendizagem da História, de maneira específica, como uma forma de se atingir uma sociedade melhor, mais desenvolvida, enfim, formada por “novos homens”.

*História do Mundo para Crianças* é uma adaptação ao universo do *Sítio do Picapau Amarelo* de um livro do americano Virgil Morres Hillyer: *A Child's History of the World* (1924). É neste livro que Lobato mais evidencia sua valorização da História enquanto campo fundamental do conhecimento humano. Segundo afirma Pallotta (2008, p. 227) ao citar Penteadó (1997): “Penteadó, por sua vez, apesar de não classificar as

obras infantis lobatianas em grupos, entende ser essa obra o ‘primeiro dos livros ‘didáticos’ ou ‘paradidáticos’ de Lobato’ (Penteado, 1997, p. 194).”<sup>29</sup>

A aceitação de *História do mundo para as Crianças* e, portanto, do projeto pedagógico lobatiano – baseado na formação crítica das crianças, futuros cidadãos preparados para exercer ou, se fosse o caso, exigir a democracia –, foi tão ampla que por três décadas o livro se tornou o campeão de tiragem com relação ao restante da obra de Lobato.

De todas as obras lobatianas, essa foi a que teve maior tiragem editorial entre os anos 1927-1955, conforme levantamento feito por Penteado (Penteado, 1997, p. 171). Nesse período foram editados, no total, 92.156 exemplares, sendo 67.164 pela Companhia Editora Nacional e 24.992 pela Editora Brasiliense. (PALLOTTA, 2008, p. 222)

Como neste livro a História “é narrada de forma cronológica, linear e contínua”,<sup>30</sup> os trechos extraídos precisaram ser organizados de acordo com essa concepção, com começo, meio e fim, como forma dos alunos compreenderem o que estava sendo narrado. A partir desses recortes, reproduzimos o texto em duas páginas, preservando a diagramação da edição utilizada (dos anos 70) e distribuimos cópias aos estudantes.

“A enunciação gráfica pode contribuir para os sentidos do texto, exercendo papel semelhante ao que, na enunciação oral, desempenha a entonação, os gestos, a fisionomia e o olhar – ou seja, intensificando, relativizando ou contradizendo sentidos (como ocorre na ironia)”. (CAMARGO, 2008, p. 38)

Com um total de 81 capítulos curtos<sup>31</sup>, selecionamos fragmentos de oito deles. Conforme destacamos a seguir, nossa intenção foi explorar e reforçar as concepções de História de Monteiro Lobato, contidas na obra, caracterizadas por duas representações

<sup>29</sup> A obra na qual se baseou a autora é: PENTEADO, J. R. Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Qualtymark/Dunya, 1997.

<sup>30</sup> PALLOTTA, Miriam Giberti Páttaro. Op. cit., p. 230.

<sup>31</sup> Sob o título *A nova leitura*, na coluna Painel das Letras do jornal *Folha de S. Paulo*, publicada no dia 28 de dezembro de 2013, a jornalista Raquel Cozer, especializada na cobertura de literatura, mercado editorial e política de livro e leitura, abre seu texto com a seguinte colocação: “Quanto maior um thriller, mais provável que o leitor pule para o fim em busca da solução do mistério”. A colunista apresenta um dado preocupante: “Leitores têm 25% mais chance de terminarem um livro se ele tiver capítulos curtos. As constatações integram as primeiras análises de dados dos serviços americanos de leitura Scribd e Oyster – nos quais os usuários pagam uma mensalidade pelo acesso a milhares de títulos. Lojas como a Amazon já têm dados do gênero, mas os mantêm privados. A Scribd e a Oyster, informa o ‘New York Times’, querem oferecê-los a autores e editores como parte do negócio. Há quem tema o processo: isso pode restringir mais ainda a criatividade do mercado editorial, já tão dependente das listas de mais vendidos”. In: COZER, Raquel. A nova leitura. Folha de S. Paulo. Coluna Painel das Letras. Caderno Ilustrada. São Paulo, 28 de dezembro de 2013, p. 2.

antagônicas, mas que se complementam na narrativa: guerras e invenções. A primeira, destrutiva, enquanto a segunda, criativa, edificadora.

### **Primeiro trecho: No tempo das cavernas**

*– Tais desenhos eram evidentemente feitos com ponta de pedras lascadas. Por mais que a gente dê tratos à bola não consegue descobrir outro lápis possível em tal época. Esses homens alimentavam-se do que podiam apanhar – de caça, de castanhas, de mel, de frutas, de ovos furtados aos ninhos. E tudo comiam cru, pois que o fogo ainda não fora descoberto. Deviam ser de uma ferocidade sem par.*

*– E que língua falavam, vovó? – perguntou Pedrinho.*

*– Expressavam-se por meio de grunhidos. No entanto, foi desses bárbaros grunhidos que provieram todas as línguas modernas. Como roupas usavam sobre o corpo a pele dos animais caçados – não peles curtidas e macias como as temos hoje, mas cruas e com mau cheiro. Horríveis e desagradabilíssimos, esses nossos antepassados! O meio de conseguir mulher não era namorar uma rapariga e pedi-la em casamento. Nada disso. O pretendente marcava na caverna próxima uma que lhe agradasse e de repente entrava lá de cacete em punho, amassava a cabeça da menina, ou dos pais, caso a defendessem, e a levava sem sentidos, arrastada pelos cabelos. Uma pura caçada.*

*Eram homens de luta permanente. Atacar, roubar, matar o mais fraco, bem como fugir do mais forte, constitui a regra de vida que vem da primeira lei da Natureza: – cada qual por si. Ou mata ou é matado; ou rouba ou é roubado. Nós somos descendentes dessas bárbaras criaturas e por isso temos no sangue muito de sua selvageria. Apesar da educação que o progresso geral trouxe, inúmeros homens hoje ainda agem como os da Idade da Pedra. Por isso é que existem tantas cadeias e forcas e cadeiras elétricas.<sup>32</sup>*

Para começar, tentamos criar traços de identificação entre a narrativa e o cotidiano dos estudantes, como um primeiro passo para prender a atenção, sobretudo, dos garotos, que, como relatamos no primeiro capítulo, costumam se envolver mais facilmente em brigas e confusões. Além disso, expressões como atacar, matar descrevem algumas ações praticadas nos videogames ou jogos eletrônicos tão populares entre eles. Ainda durante a leitura, um ou outro aluno arriscou dizer que se tratava da Pré-História, demonstrando conhecimento pelo assunto.

---

<sup>32</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1529 e 1530.

## Segundo trecho: O novo campeão

*Roma então resolveu entrar pelo caminho das conquistas.*

*– Mas não era isso um crime, vovó? Isso de ir invadindo os outros países e destruindo e incendiando e roubando?...*

*– Está claro que era, mas que quer você, minha filha? A história da humanidade não passa disso. Não passa de uma série imensa de crimes cometidos pelo mais forte contra o mais fraco. Por essa época o romano estava mais forte e portanto ia assaltar e roubar os outros, com este ou aquele pretexto, e iria fazer isso até que surgisse quem por sua vez lhe fizesse o mesmo.*

*Roma já estava senhora da Espanha e do Norte da África, com exceção do Egito. Gostou. Achou excelente negócio saquear as riquezas acumuladas pelos outros povos – e não parou mais. Por muitos séculos a sua grande indústria iria ser a pilhagem dos mais fracos.<sup>33</sup>*

Destacamos as rivalidades entre os povos e suas trágicas consequências para a humanidade como forma de provocar o senso crítico dos alunos – os quais, boa parte das vezes, como analisamos anteriormente, estão inseridos em uma cultura de violência. Nesta passagem, o escritor também fornece a primeira pista de sua visão de história que aparece como “uma série imensa de crimes cometidos pelo mais forte contra o mais fraco”.

## Terceiro trecho: Um mau rei

*Nas fitas de cinema há sempre um vilão – um sujeito ruim, que passa a vida a fazer ruindades e patifarias, recebendo o castigo no último ato. Também a **História** está cheia de vilões com a coroa real na cabeça. Infelizmente não aparece no último ato nenhum castigo para eles.<sup>34</sup>*

Os filmes foram apontados, conforme descrevemos anteriormente, como uma das principais ações a serem oferecidas pelo professor nas aulas de História, apesar do docente que acompanhamos ter utilizado constantemente os mesmos como recursos

<sup>33</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1582.

<sup>34</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1631.

didáticos em suas aulas. Consideramos que uma menção ao cinema poderia favorecer uma melhor associação dos alunos em relação a aquilo que estava sendo lido.

#### **Quarto trecho: A agulha mágica e o pó invencível**

*– Era a pólvora. Até o ano de 1300 ninguém sonhava na Europa com espingardas e canhões. Os homens nas guerras matavam-se com armas brancas, isto é, espadas, facas, lanças; ou com armas de arremesso, como flechas e máquinas de jogar pedras, armas todas elas de pequeno alcance. A espada, por exemplo, só vale à distância de um metro do soldado que a maneja – e com uma boa armadura o inimigo defende-se dos seus golpes. Também a flecha não vai muito longe. Mas com a espingarda ou canhão, a conversa fia mais fino. Diante da espingarda e do canhão as armaduras nada valem, as muralhas dos castelos não resistem. Isso fez que o uso da pólvora viesse mudar completamente muita coisa no mundo. A arte da guerra teve de ser reformada.*

*– Arte da guerra! – exclamou Narizinho. – Que monstruosidade isso de arte da guerra – arte de matar gente...<sup>35</sup>*

Esse fragmento serve para mostrar como os avanços tecnológicos podem impactar uma sociedade e mudar o curso da história. Ao mencionar sobre as muralhas dos castelos que passaram a não aguentar as agressões dos canhões movidos a pólvora, Lobato toca no enfraquecimento do poder dos senhores feudais, antes fortemente baseado na força quase inexpugnável de suas fortalezas. Os alunos quiseram saber:

*– Tia, como chamavam mesmo as tais ‘máquinas de jogar pedras’?*

*– Catapultas!*

#### **Quinto trecho: A guerra dos cem anos**

*No outro dia Dona Benta avisou Pedrinho de que ia dar um prato muito de acordo com a belicosidade dele – uma guerra de cem anos. Mas a menina protestou.*

*– Chega de matança, vovó! – disse ela fazendo cara de misericórdia. – Já ando cansada de mortandades...*

*– A história do mundo, minha filha, é a história das guerras e das invenções. Guerras e invenções vão constantemente mudando a face das coisas. Infelizmente as*

---

<sup>35</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1635.



*invenções, às quais devemos todas as melhorias da nossa vida, são, logo que aparecem, postas a serviço da guerra. Veja o aeroplano. Quando Santos Dumont o inventou, nem por sombras lhe veio à cabeça que o maravilhoso aparelho voador iria ser aplicado para matar gente e destruir cidades. E dizem que o que lhe apressou a morte foi ver sua máquina de voar planando sobre as cidades para jogar bombas lá de cima.*<sup>36</sup>

Esse recorte é imprescindível na análise porque contém as concepções centrais de História do autor. “O conceito de história assumido pelo livro privilegia dois assuntos: ‘guerras’, que são condenadas, e ‘invenções’, que representam o saber e são enaltecidas”. (PALLOTTA, 2008, p. 233) Em pelo menos dois casos, os alunos se confundiram e afirmaram ter sido Lobato, ao invés de Santos Dumont, o inventor do avião. Nas aulas sobre a Belle Époque, o professor chegou a falar sobre as inovações tecnológicas inspiradas pelas novas percepções da realidade, como telefone, telégrafo sem fio, cinema, automóvel e, com ênfase, o avião, citando o 14 bis como criação de Santos Dumont. Portanto, a informação sobre o invento já tinha sido introduzida para os estudantes. “Nota-se o comentário sobre o uso da tecnologia, símbolo do progresso que também provoca horror (...)”. (PALLOTTA, 2008, p. 224)

### **Sexto trecho: O Libertador**

*A história do mundo, como tenho mostrado a vocês, não passa dum Amazonas de sangue e dor, de desgraças e horrores de toda sorte, tudo por causa da divisão da humanidade em pedaços inimigos uns dos outros. O remédio para esse cancro é um só: a unidade política do mundo.*<sup>37</sup>

Mais uma vez a violência que marca certos acontecimentos históricos aparece como temática recorrente na narrativa. A representação da história do mundo, a qual “não passa dum Amazonas de sangue e dor”, pressupõe o conhecimento dos estudantes acerca das dimensões do rio Amazonas, que possui a maior vazão de água do mundo e é o segundo rio mais extenso do planeta, com quase sete mil quilômetros. Neste trecho, o “remédio” apontado por Lobato para acabar com os conflitos da humanidade é a construção de uma unidade política mundial, “a fim de que a humanidade finalmente vivencie sua Idade do Ouro”. (PALLOTTA, 2008, p. 223)

<sup>36</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1637.

<sup>37</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1673.

### Sétimo trecho: A era dos milagres

– *Mas será que as invenções melhoram a vida, vovó? – perguntou a menina.*

– *Melhoram a vida, sim, embora não melhorem o homem. A nossa vida hoje podemos dizer que é riquíssima, se a compararmos com a de um século atrás. Entretanto o homem é o mesmo animal estúpido de todos os tempos. Abra o jornal e leia os principais telegramas. Só falam em miséria, em crimes, em guerras. A humanidade continua a sofrer dos mesmos males de outrora – tudo porque a força da Estupidez Humana ainda não pôde ser vencida pela força da Bondade e da Inteligência. Quando estas ficarem mais fortes do que aquela, então, sim, teremos chegado à Idade do Ouro.*<sup>38</sup>

“(…) A visão histórica explicitada não sofre desvios, mas a oposição em relação às guerras e à exaltação do saber e do progresso (técnico, jurídico e de costumes) são ainda mais ressaltadas”. (PALLOTTA, 2008, p. 224) Entusiasta dos meios de comunicação, Lobato cita o jornal impresso como importante veículo transmissor de notícias, ainda que os telegramas lidos não sejam positivos: “Só falam em miséria, em crimes, em guerras”. Esse fragmento também serviu para suscitar reflexões ou pelo menos algum grau de questionamento acerca do curso da humanidade, que, por sua vez, “continua a sofrer dos mesmos males”, como efeito da ignorância das pessoas ou da “força da Estupidez Humana”.

### Oitavo trecho: Hiroshima

*Narizinho deu um suspiro.*

– *E com certeza teremos também guerras atômicas, vovó. A História é só guerras, guerras e mais guerras. Nem bem o mundo sai de uma e já começa a preparar-se para outra...*

– *De fato minha filha, a vida do homem na terra tem sido uma luta constante entre povos. Mas sabe a razão disso? Criançice. Falta do juízo que só a maturidade traz. A humanidade é ainda muito criança. Está ainda no período dos meninos de escola que depois das aulas vêm para a rua engalfinhar-se pelos motivos mais fúteis.*<sup>39</sup>

Para terminar, escolhemos um trecho do capítulo final do livro acrescentado na 11ª edição e que “constitui-se mais como uma crítica à violência que ainda atinge a

<sup>38</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1688.

<sup>39</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1690.

humanidade e que, segundo Dona Benta, advém da imaturidade do ser humano (...).” (PALLOTTA, 2008, p. 223)

Testemunha ocular das duas guerras mundiais, Lobato mostra, por meio de comentários para algumas situações que considera críticas, os dois lados da “moeda”: se por um lado, a aplicação de diversos avanços tecnológicos conduz o ser humano ao necessário progresso, por outro lado, o uso da tecnologia também provoca desastrosos efeitos para a Humanidade, como a mortandade em massa. A causa de tal contradição? O estágio atrasado do processo civilizatório no campo das mentalidades. Essa idéia fica clara no capítulo II, No tempo das cavernas, no qual D. Benta diz que: “(...) Apesar da educação que o progresso geral trouxe, inúmeros homens hoje ainda agem como os da Idade da Pedra. Por isso é que existem tantas cadeias e forcas e cadeiras elétricas.”<sup>40</sup> Conseguimos, com isso, estabelecer o fio condutor, ligando o desfecho ao excerto inicial.

Neste livro, os conteúdos não são transmitidos de forma retórica, distante da realidade e sem indagações; ao contrário, cada assunto tratado fomenta debates e polêmicas. “Mesmo tratando do passado, o objetivo principal da obra *História do mundo* para as crianças é despertar o leitor para o conhecimento de sua realidade.” (PALLOTTA, 2008, p. 223)

Novas questões foram dirigidas aos alunos, mas agora nosso interesse residiu em saber se o contato com temas históricos presentes nos textos literários interferiu nas concepções prévias dos estudantes por meio de possíveis mudanças em seu conjunto de representações sociais, operando a desconstrução de conceitos e a construção de novos. No processo de análise dos dados obtidos, os quais serão reproduzidos em seguida, procuramos identificar a maneira pela qual a obra literária indicada pôde influenciar a compreensão da História.

Nesse sentido, buscamos entender também os diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nas representações históricas dos alunos, os quais podem ser compreendidos e utilizados de maneira diagnóstica pelos professores na construção de ligações entre o “antes” e o “depois” na leitura de um texto literário realizada com os alunos.

A primeira pergunta do segundo bloco de questões tinha o seguinte enunciado: “Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Histórias do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato, como o autor define a História? Dê exemplos.” A maioria dos alunos

---

<sup>40</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., s/d, p. 1530.

da 8ª A conseguiu interpretar/compreender a representação de História apresentada pelo autor. Entretanto, apesar da maioria dos estudantes da 8ª B também terem conseguido isso, boa parte deles compreendeu o texto ao pé da letra, repetindo a mensagem do título como forma de tentar definir o que é a História para o autor: “Ele define a historia com linguagem de crianças, exemplo os textos e seus trechos.” (Jerusa) Ou, muitas vezes, em frases desconexas: “que antigamente pessoas viviam em caverna e não casavam e sim casavam.” (Kauã)

### 8ª A

<b>GUERRAS/CONFLITOS/VIOLENCIA</b>
<b>Alícia:</b> Ele define comtando sobre as guerras que acontecião
<b>Bernardo:</b> Define Guerra com exemplos de outras guerras que aconteceram no passado
<b>Denilson:</b> Ele está explicando que o mundo desde que foi criado a humanidade tem sido bem violenta e desrespeitosa. Ele tenta nos mostrar que se nós não nos movimentarmos o mundo não anda. É como se você tivesse que roubar, p/ não ser roubado, isso significa que o mundo está bem violento e que estão acontecendo muitas coisas naturais/causadas pelo homem como as guerras que aconteciam na Europa.
<b>Fabício:</b> Uma vida de mortes e mais mortes.
<b>Frederico:</b> Ele fala da historia que só tinha guerra, da pré-historia até os tempos de hoje por exemplo a bomba de Hiroshima e Nagashaque então foi a guerra que moveu a historia
<b>Horácio:</b> Ele definia a historia como guerra atrás de guerra.
<b>Jonathan:</b> Das guerra mundiais

<b>Josué:</b> define que esta falando sobre os acontecimentos de muitas guerras e falando dos homens como são hipócritas
<b>Karen:</b> Define em guerra com exemplo das antigas guerras que aconteceram no passado.
<b>Leonel:</b> Define em guerra com exemplo das antigas guerras que aconteceram no passado. Exemplo das armas: flechas, espadas, lanças, arma, cataputas e facas.
<b>Murilo:</b> Como uma História de guerras e mais guerra, que sempre no mundo foi baseado em guerra.
<b>Solange:</b> ele define como se tudo fosse só guerra
<b>Thiago:</b> Que a história so vem falando de guerras, guerras e mais guerras
<b>Wanderson:</b> Guerras
<b>TOTAL:</b> 14 (60,86%)

### HUMANIDADE

<b>Brandon:</b> Ele descreve que a historia é a humanidade
<b>Bruna:</b> Define ela que foi o homem quem a criou, pois sem acontecimentos com ele, não haveria história
<b>TOTAL:</b> 2 (8,69%)

### OPRESSÃO

<b>Margarida:</b> Ele define a historia com uma visão crítica e certa posi ele diz que a historia da humanidade não passa disso do mais forte oprimindo o mais fraco. E o
---

<p>mundo sendo mais evoluído e o homem não o homem não evoluiu mentalmente e isso traz muitas coisas ruins ao mundo.</p>
--

<p><b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)</p>
--------------------------------

<p style="text-align: center;"><b>INDEFINIDO</b></p>
--

<p><b>Guilherme:</b> Ele fala sobre a vida como era antes.</p>
--

<p><b>Joaquim:</b> Não sei</p>
--------------------------------

<p><b>João:</b> que ele vive na vida real</p>
---

<p><b>Rogério:</b> não sei</p>
--------------------------------

<p><b>TOTAL:</b> 4 (16,66%)</p>
---------------------------------

<p style="text-align: center;"><b>NÃO RESPONDERAM</b></p>
---

<p><b>Nicole:</b> a aluna não respondeu</p>
---

<p><b>Tatiana:</b> aluna não respondeu</p>
--

<p><b>TOTAL:</b> 2 (8,33%)</p>
--------------------------------

**8ª B**

<p style="text-align: center;"><b>GUERRAS/CONFLITOS/VIOLENCIA</b></p>
---

<b>Cleyton:</b> dizendo sobre guerras.
<b>Daniela:</b> Define com muitas guerras, pessoas ruins, invenções.
<b>Davi:</b> Uma lição de vida para os jovens verem que guerras não são boas.
<b>Fernando:</b> falando sobre guerras etc.
<b>Francisca:</b> Ele fala sobre a realidade que no começo muitos temiam como guerras, roubos, etc...
<b>Jurandir:</b> Ele diz sobre guerra
<b>Leandro:</b> Cheia de guerras, mentiras e invenções foram construindo uma história.
<b>Luciana:</b> Que a Humanidade é muito violenta, ignorante e infantil. Exemplo: A vovó falando com a criança
<b>Marcelo:</b> Com a natureza do homem, porque a natureza do homem é ruim...
<b>Marcos:</b> Uma lição de vida para os jovens que as guerras não são boas
<b>Rodrigo:</b> Ele diz sobre guerra.
<b>TOTAL:</b> 11 (40,74%)

### HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

**Fayal:** Ele define a história como é ou tem que ser a vida de uma criança.

**Jerusa:** Ele define a história com linguagem de crianças, exemplo os textos e seus trechos.

<b>Kátia:</b> Define a história para crianças
<b>Mariana:</b> Ele exhibe com a linguagem de crianças
<b>TOTAL:</b> 4 (14,81%)
<b>OBSERVAÇÃO:</b> Se basearam no nome do livro, História do Mundo para Crianças, sem conseguir interpretar/perceber, a partir da leitura dos trechos, a visão/conceito do autor sobre a História.

<b>VELHA/ANTIGA</b>
<b>Dênis:</b> A História é velha.
<b>Eduarda:</b> Que é uma historia antiga.
<b>Yago:</b> Que é uma história antiga
<b>TOTAL:</b> 3 (11,11%)

<b>HISTÓRIA COMO PRÉ-HISTÓRIA</b>
<b>Letícia:</b> Como pré-Histórica
<b>TOTAL:</b> 1(3,7%)
<b>OBSERVAÇÃO:</b> A aluna se reteve apenas ao início do texto, quando o autor menciona a Pré-História – que desde este período a trajetória humana é marcada pela violência –, mas sem definir a História como tal.

<b>HISTÓRIAS DE VIDA</b>



<b>Plínio:</b> Histórias de vida que se passaram a algum tempo atrás.
<b>TOTAL:</b> 1 (3,7%)

<b>INDEFINIDO</b>
<b>Giovanna:</b> Define em varios sentidos
<b>Kaique:</b> Sim porque nem não tem o que dizer é assim e pronto entendeu?
<b>Kauã:</b> que antigamente pessoas viviam em caverna e não casavam e sim casavam
<b>Marisa:</b> Ele define com efeitos nas palavras e explicação para o leitor.
<b>Renata:</b> com muito drama.
<b>Valdir:</b> Ele apenas pensa do jeito dele si ele não matase ele era morto.
<b>TOTAL:</b> 7 (25,92%)

<b>NÃO RESPONDEU</b>
<b>Paula:</b> (não respondeu)
<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)

Na segunda pergunta deste bloco quisemos saber dos alunos: Você concorda com a visão do autor sobre a História? Por quê?

A maioria concorda com o autor, sem questionar, atribuindo estatuto de verdade ou realidade ao que foi “falado”. Fica evidente que o falado é, na prática, o que está escrito, por isso, verdade inquestionável, absoluta, capaz de somar outras representações às manifestadas pelos alunos na primeira questão do primeiro bloco. Fica evidente a força da literatura enquanto narrativa ou discurso capaz de influenciar mudanças nas representações dos alunos e, portanto, em seus processos de construção do conhecimento, incluindo o histórico.

Analizamos as respostas descritas abaixo em comparação com as respostas dadas para a primeira pergunta – Para você, o que é a História? –, evidenciando os alunos que mudaram de representação a partir do contato com a literatura e que passaram a concordar com a visão lobatiana sobre a História, pelo fato de considerarem o que está escrito como sendo “verdade”.

Na 8ª A, dezoito [18] alunos mudaram suas representações enquanto apenas três [3] não mudaram. No caso das respostas de dois [2], não foi possível aferir, sendo que um, Joaquim, não soube dizer porque não concorda com o autor. Na 8ª B, vinte e cinco [25] alunos mudaram suas visões sobre a História e apenas dois [2] não mudaram e não souberam dizer por quê.

### 8ª A

<b>SIM</b>
<b>Alícia:</b> Sim: Porque as etorias são realistas. (MUDOU)
<b>Bernardo:</b> Sim Porque é a verdade (MUDOU)
<b>Brandon:</b> Sim Porque ele ve do jeito que é a história (MUDOU)
<b>Bruna:</b> Sim, pois foi com o homem que se teve história, e foi com o homem que se teve evoluções também (MUDOU)

<b>Denilson:</b> Sim porque nós não devemos discordar de um ponto de vista de uma pessoa com mais experiência, porque afinal ele esta certo. (MUDOU)
<b>Fabício:</b> Sim, Henry Ford ao inventar o carro nunca Pensou que o carro viraria uma arma poderosa (o tanque de guerra). (MUDOU)
<b>Frederico:</b> Sim pois mostra a verdade das coisas por outro ângulo que ninguem nunca pensou (MUDOU. <b>O aluno destaca o papel da literatura em fazer pensar, refletir e produzir novos conhecimentos.</b> )
<b>Guilherme:</b> Sim (MUDOU)
<b>Horácio:</b> Sim ele mostra a historia de outro jeito como nunca tínhamos visto. (MUDOU. <b>O aluno destaca o papel da literatura em fazer pensar, refletir e produzir novos conhecimentos.</b> )
<b>João:</b> Sim porque ele fala a verdade (MUDOU)
<b>Jonathan:</b> Sim (MUDOU)
<b>Josué:</b> Sim Pois eu acho que acontece o que é falado (MUDOU)
<b>Karen:</b> Sim porque qualquer momento pode acontecer outra guerra (MUDOU)
<b>Leonel:</b> Sim. Porque aqualquer momento pode acontecer outra guerra (MUDOU)
<b>Margarida:</b> Sim. Eu concordo com a opinião do autor. Por que podemos perceber isso não é necessário estar naquela época para sabermos que isso ocorre sim, muitas vezes no dia de hoje, muitas vezes infelizmente ainda ocorre. (MUDOU)
<b>Nicole:</b> Sim (MUDOU)
<b>Rogério:</b> Sin (MUDOU)
<b>Solange:</b> sim, porque é verdade (MUDOU) (MUDOU)

<b>TOTAL:</b> 18 (78,26%)
---------------------------

<b>NÃO</b>
------------

<b>Joaquim:</b> Não, Porque não ( <b>NÃO MUDOU</b> )
--

<b>Thiago:</b> não eu acho que a vida não é só apenas guerras, tem muitas coisas boas além disso ( <b>NÃO MUDOU, pois o aluno argumentou que a História é mais complexa que apenas guerras e invenções. Na primeira pergunta, o aluno revelou ver a História como conhecimento científico</b> )
---

<b>TOTAL:</b> 2 (8,69%)
-------------------------

<b>INDEFINIDO</b>
-------------------

<b>Murilo:</b> Depende, porque uma base da História foi de guerras mais nem tudo. ( <b>NÃO MUDOU, resposta semelhante à do aluno Thiago. Mas esse aluno revelou uma concepção “senso comum” na resposta dada à primeira pergunta.</b> )
---

<b>Wanderson:</b> Não, sei ( <b>Não foi possível aferir</b> )
---

<b>TOTAL:</b> 2 (8,69%)
-------------------------

<b>NÃO RESPONDEU</b>
----------------------

<b>Tatiana:</b> aluna não respondeu ( <b>Não foi possível aferir</b> )
--

<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)
-------------------------

<b>SIM</b>
<b>Cleyton:</b> Sim. Por quê nossa Historia teve vários conflitos e guerras. (MUDOU)
<b>Daniela:</b> Sim porque as coisas ruins que aconteceram invenções e mentiras, se tornaram uma história. (MUDOU)
<b>Davi:</b> Sim, por que guerras matão demais (MUDOU)
<b>Eduarda:</b> Sim. Por tem muitas guerras e é isso. (MUDOU)
<b>Fayal:</b> Sim, porque ele está certo, e ele queria estouro com essa história (MUDOU)
<b>Fernando:</b> Sim. Porque realmente nossa história teve varios conflitos. (MUDOU)
<b>Francisca:</b> Sim, porque ele expressa o que nós realmente sentimos. (MUDOU)
<b>Giovanna:</b> Sim, porque ele passa outra Visão da Historia (MUDOU)
<b>Jerusa:</b> Sim, concordo, porque a historiaantiguamente e em hoje em dia e so isso (MUDOU)
<b>Jurandir:</b> Sim. Porque teve muitas guerras e conflitos (MUDOU)
<b>Kaique:</b> Sim porque não concordaria? O cara é foda meu. (MUDOU)
<b>Kátia:</b> Sim, porque hoje o mundo não liga para nada. (MUDOU)
<b>Kauã:</b> Sim porque ele conta Historias que aconteceu muito tempo atrás (MUDOU)
<b>Leandro:</b> Sim, a história é cheia de invenções, mentiras e tudo de ruim. mastambem coisas boas porque afinal tudo que já aconteceu hoje em dia é uma história. (MUDOU)

<b>Letícia:</b> Sim pois o mundo moderno (MUDOU)
<b>Luciana:</b> Sim, Porque é a Verdade. (MUDOU)
<b>Marcelo:</b> Sim, porque ele falo a verdade (MUDOU)
<b>Marcos:</b> Sim! porque guerras matam demas (MUDOU)
<b>Mariana:</b> Sim, porque o mundo está um lixo ninguém liga para nada. (MUDOU)
<b>Marisa:</b> Sim, por que ele achou a melhor maneira para se comunica e falar sobre a História. (MUDOU)
<b>Paula:</b> Sim, porque o Monteiro Lobato, pensa como agente. (MUDOU)
<b>Plínio:</b> Sim, porque o mundo precisa de paz e bondade, e não de guerra e conflitos por coisas fúteis (MUDOU)
<b>Renata:</b> Sim (MUDOU)
<b>Rodrigo:</b> Sim porque teve muitas guerras e conflito (MUDOU)
<b>Valdir:</b> sim por que ele conta apenas a realidade. (MUDOU)
<b>TOTAL:</b> 25 (92,59%)

<b>NÃO</b>
<b>Dênis:</b> Não, porque não concordo.
<b>Yago:</b> Porque não, não

<b>TOTAL:</b> 2 (7,4%)
------------------------

Na terceira e última pergunta do bloco questionamos: Você concorda com o autor sobre os papéis da guerra e das invenções na História? Por quê? Dê exemplos.

Quase 80% dos alunos de cada turma concordam com a visão de Lobato e utilizaram o próprio texto lido para embasar sua argumentação, pois o que os moveu é a concepção do que se está escrito (se é falado) é verdade: 78,26% (8ª A) e 77,77% (8ª B).

Os alunos que discordaram do autor não souberam dizer os motivos.

### 8ª A

SIM
<b>Alícia:</b> Sim: porque a guerra em qualquer momento
<b>Bernardo:</b> Sim porque todos falam o que ele falou deve ser verdade catapulas espadas etc.
<b>Brandon:</b> Sim Ele fala que a guerra é monstruosidade e isso é a arte da guerra
<b>Bruna:</b> Sim, pois foi com as invenções do homem que se tem as armas e canhões de hoje em dia.
<b>Denilson:</b> Sim pq quando o Santos Dumont inventou o avião ela pensava que o avião não iria trazer malefícios, mas trouxe bastante.
<b>Fabício:</b> Sim, Porque Henry For ao inventar o carro não pensou que o carro iria virar o Tanque de guerra
<b>Frederico:</b> Sim Por que as invenções do avião Santos Drumon não sabia que ia usar sua grande obra seria usado para meios errados e inadequados

<b>Guilherme:</b> Sim. Por que eles falam das guerra e como era a vida antes e delas falo sobre os armamento e das armas branca
<b>Horácio:</b> Que o inventor não acreditav que os aviões não seriausado pra o bem e sim para o mal
<b>João:</b> Sim igual O Carandiru
<b>Josué:</b> Sim, Porque tem tudo isso que falado
<b>Karen:</b> Sim, porque Foi assim que aconteceu as guerras.
<b>Leonel:</b> Sim. Porque foi assim que acontecia as guerras
<b>Margarida:</b> Sim. Infelizmente, isso não é valorizado, temos a vida mais rica em questão ao “passado”, mais infelizmente quanto mais é evoluído mais o homem usa para guerrear contra o próximo e não percebe que esta prejudicando a si mesmo.
<b>Murilo:</b> Sim porque grandes invenções foram usadas em guerras, como aviões para soltar bombas, gipes de guerras, barcos de guerras, entre outros.
<b>Nicole:</b> Sim
<b>Solange:</b> sim, não sei explicar.
<b>Thiago:</b> Sim... as guerras não ajudaram o mundo em nada...
<b>TOTAL:</b> 18 (78,26%)

### NÃO

**Joaquim:** Não Porque não



<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)
-------------------------

<b>INDEFINIDO</b>
-------------------

<b>Rogério:</b> não sei
-------------------------

<b>TOTAL:</b> 1 (4,34%)
-------------------------

<b>NÃO RESPONDERAM</b>
------------------------

<b>Jonathan:</b> aluno não respondeu
--------------------------------------

<b>Tatiana:</b> aluna não respondeu
-------------------------------------

<b>Wanderson:</b> aluno não respondeu
---------------------------------------

<b>TOTAL:</b> 3 (13,04%)
--------------------------

**8ª B**

<b>SIM</b>
------------

<b>Cleyton:</b> Sim. Porquê os papeis dele são muitos bons.
---

<b>Daniela:</b> Sim, uma das invenções de Lobato foi usado para matar na mão dos homens
---

<b>Davi:</b> Por que matam muito.
-----------------------------------

<b>Fernando:</b> Sim. com diversas invenções
<b>Francisca:</b> Sim pois ele expressa a realidade no papel. A historia já é o exemplo.
<b>Giovanna:</b> Sim!
<b>Jerusa:</b> Sim, porque o mundo naquela época so queria matar e matar, nem pensava nas consequencias, e naquela época o racismo dominava provocando guerras
<b>Jurandir:</b> Sim. Com diversas invenções
<b>Kaique:</b> A não tem o que dizer, o Monteiro é foda! foda para caralho
<b>Kátia:</b> Sim, pois temos como exemplo no texto, o homem inventou um aparelho que voasse, mas não voasse p/ matar nas guerras.
<b>Kauã:</b> Sim
<b>Leandro:</b> Sim, por exemplo, umas das invenções de Lobato, foi usada para matar e destruir na mão dos homens.
<b>Luciana:</b> Sim, é o que aconteceu. Exemplo: A Historia.
<b>Marcelo:</b> Sim porque, ajuda “A medicina curou, o que a bomba feriu”
<b>Marcos:</b> porque matam muito
<b>Mariana:</b> Sim, pois fizeram a invenção do avião para matar.
<b>Marisa:</b> Sim
<b>Plínio:</b> Porque não sei, só confirmo

<b>Renata:</b> Sim
<b>Rodrigo:</b> Sim porque teve diversas invenções
<b>Valdir:</b> sim por que eles não matase eles eram morto brutaumente.
<b>TOTAL:</b> 21 (77,77%)

<b>NÃO</b>
<b>Dênis:</b> Não, por que não tuin.
<b>Eduarda:</b> Não por que não
<b>Letícia:</b> Não porque
<b>Yago:</b> Não porque não.
<b>TOTAL:</b> 4 (14,81%)

<b>INDEFINIDO</b>
<b>Fayal:</b> Guerras não porque só termina em mortes, invenções sim, porque po ser bom.(o aluno não entendeu a questão)
<b>TOTAL:</b> 1 (3,7%)

<b>NÃO RESPONDEU</b>
<b>Paula:</b> (não respondeu)

<b>TOTAL:</b> 1 (3,7%)
------------------------

Após detectarmos as concepções prévias de História dos alunos e percebermos o impacto da literatura nas suas representações, partimos para a aplicação de questionários voltados para a análise da reação dos alunos e se nas mesmas há o reconhecimento ou não de sentimentos ou elementos identitários, procurando descobrir se as concepções disseminadas, sobretudo, a partir dos anos de 1930 e presentes na literatura lobatiana ainda são aceitas e constituem parte de nosso ideário identitário, como, por exemplo, a concepção de que os brasileiros são, fundamentalmente, resultados da fusão étnica de europeus, africanos e índios.

Além disso – e especialmente depois do seu retorno dos Estados Unidos –, Lobato produziu uma obra que abria, para a criança brasileira, os caminhos da cultura mundial. Colocou-a a par do que acontecia lá fora, recorrendo a figuras do cinema e de histórias em quadrinhos – como Shirley Temple, Tom Mix ou o Gato Félix, entre outros – e a referências a fatos de repercussão internacional, cidades, pessoas famosas. Em suas fábulas conviviam Alice do país das maravilhas, Chapeuzinho Vermelho e Peter Pan, ao lado de dezenas de outras personagens – que tanto poderiam pertencer à sua época quanto emergir de tempos remotos, como a Grécia antiga. Ao mesmo tempo, recuperava as três culturas que construíram o Brasil, valorizando, em termos de sua contribuição para o feitiço da nação, tanto o negro africano, quanto o indígena autóctone e o branco europeu. (SACHETTA; CAMARGOS e AZEVEDO, 2000, p. 83 e 84)

Mas nosso objetivo principal foi aprofundar a análise da influência da Literatura nos processos de construção de conhecimentos. Por isso, nos próximos capítulos, por meio da análise das respostas dos alunos aos questionários aplicados antes e depois da leitura dos textos extraídos de *Geografia de Dona Benta* e *Aventuras de Hans Staden*, buscamos identificar as famílias ou categorias de representações presentes em suas narrativas e de que forma elas contribuem na construção do conhecimento histórico sobre o período colonial brasileiro e, de maneira específica, sobre o índio e o colonizador e suas relações com a identidade paulista e brasileira.

## CAPÍTULO 4

### HISTÓRIA E CONTINUIDADE NO TEMPO: FRAGILIZAÇÃO DA MEMÓRIA E CRISE DE IDENTIDADE

*“Prezado amigo:*

*Sr. Monteiro Lobato*

*Quando li seu primeiro livro de historia, As aventuras de Hans Staden, gostei muito. Depois li a Historia do Mundo para crianças que me tem sido de muita utilidade nos meus estudos de História da civilização. A Geografia de Dona Benta também. Então com aqueles apartes de Emília torna-se muito engraçado... Aceite um apertado abraço do amigo que muito o admira  
Breno Augusto Ribeiro Maciel. (Grifo Nosso)”<sup>1</sup>*

#### **Intenção educativa**

Na fase inicial da pesquisa de campo, como expusemos no capítulo anterior, selecionamos trechos de *História do Mundo para Crianças* (1933) e *Geografia de Dona Benta* (1935), ambos considerados livros “de instrução”, enquanto *Aventura de Hans Staden* (1927), tida como uma obra “mista”, foi aplicada nas etapas posteriores realizadas na sala de leitura ou biblioteca da escola com uma amostragem qualitativa constituída por 20% dos alunos de cada uma das duas turmas da oitava série analisadas em nosso estudo comparativo, definida a partir das observações em sala de aula de acordo com critérios que serão melhor explicitados na próxima seção.

Criações originais como *Geografia de Dona Benta* ao lado de “adaptações inteligentíssimas” como *História do Mundo para Crianças* e *Aventura de Hans Staden* formam, segundo Cavaleiro (1962, p. 152), “(...) todo um ciclo maravilhoso, sem-par na literatura universal”. Monteiro Lobato criou, nas palavras de seu principal biógrafo, “(...) todo um ‘mundo’, uma ‘obra’, um ciclo, uma literatura completa. Tornou-se o mais lido

---

<sup>1</sup> ZORZATO, Lucila Bassan. Op. cit., p. 166. A pesquisadora fornece aos leitores, na nota 21, da página citada, informações sobre a carta (número 46), datada de 04 de julho de 1936, depositada na Caixa I, pasta I, pertencente ao Arquivo Raul de Andrade e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP).

dos escritores infantis de língua portuguesa e espanhola. (...) Como entender e explicar as razões de tão extraordinária repercussão?” (CAVALHEIRO, 1962, p. 152)

Até então,

(...) o que havia no Brasil eram textos mal traduzidos que levavam as crianças a viver, pela imaginação, fora de seu meio. (...) Numa língua saborosa, Monteiro Lobato faculta à infância brasileira, com o prazer da leitura, o sentimento das coisas da terra. (...) A lição dos personagens lobatianos, diz Guimarães Menegale, mesmo quando se trata de animais, é antropométrica – tudo e todos, nas suas histórias, tem a vida humana como centro superior de interesse. Talvez por isso tais histórias agradem tanto aos adultos quanto às crianças, e sejam, como já observaram, “mais para crianças, do que infantis”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 156)

O trecho da correspondência endereçada a Lobato pelo leitor mirim Breno Maciel, que serve de epígrafe a este capítulo, ilustra o apreço e interesse provocados no público “dos figurantes de palmo e meio” (CAVALHEIRO, 1962, p. 150) pelos títulos supracitados – *Hans Staden, História do Mundo para Crianças e Geografia de Dona Benta*, na ordem em que aparecem na carta do menino –, sobretudo, por seu viés didático, que tenderia para certo utilitarismo ao privilegiar determinada finalidade prática: auxiliar nos estudos. “E o ter dado forma didática aos primeiros racontos, mostra que mais do que as crianças, visava os ‘escolares’. A primeira edição de ‘Narizinho Arrebitado’ traz o subtítulo de ‘segundo livro de leitura para uso das escolas primárias’”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 150)

Alguns pesquisadores afirmam que, de fato, nas décadas iniciais do século XX, a literatura para crianças produzida no Brasil tinha um perfil marcadamente didático.

Além do objetivo didático, havia uma forte preocupação com a transmissão de valores morais que estivessem de acordo com os interesses da burguesia agrária dominante. Como consequência deste quadro geral, os textos não atraíam o leitor infantil por serem desinteressantes. (SOUZA, 2004, p. 10)

Pode parecer contraditório, mas apesar do apelo didático, alguns títulos infanto-juvenis de Lobato foram classificados de “antipedagógicos” por estar em desacordo com os padrões morais e sociais vigentes e perseguidos pelas autoridades políticas e religiosas por conter conceitos polêmicos como a antropofagia (aplicada ao índio) e também alguns

conselhos “perigosos” do tipo: “Quem for *amigo da verdade*, traga *couraça no lombo*”.<sup>2</sup> Sobre as acusações de que os livros de Lobato seriam antipedagógicos, Cavalheiro (1962, *Tomo II*, p. 157) afirma: “(...) Podem ter razão. Mas a verdade é que, diante do êxito de tais obras e da irresistível atração que exercem sobre a meninada, pedagogos e educadores estão sendo obrigados a refazer teorias e métodos experimentais de ensino”.

Conforme dissemos anteriormente, embora tratem de conteúdos complexos, são textos literários que foram escritos em uma linguagem simples e direta.

(...) Inventando aventuras engraçadas ou sensacionais, ensina aquilo que as crianças mais detestam aprender. Não pelas matérias em si, mas pelos métodos ranceiros dos nossos pedagogos de meia tigela. (...) Pela boca de Dona Benta tudo lhes parece fácil, agradável e pitoresco. Até Geologia, que é coisa muito complicada, aprendem facilmente. E que dizer então de História e Geografia, Gramática e Aritmética, Folclore, Mitologia, Química, Física ou Biologia? Tudo muito simples, despido de mistérios, de impenetrabilidades. (...) Dona Benta (...) troca tudo em miúdos, expõe os fatos e as consequências com absoluta clareza e sempre na ordem direta. (CAVALHEIRO, 1962, *Tomo II*, p. 158)

O êxito de sua literatura pode ser explicada pelo talento com que produziu narrativas capazes, antes de mais nada, de agradar sua “clientelazinha” pelo viés da fantasia e da imaginação.

Obras que visam a ensinar tais matérias existem inúmeras, em todos os países do mundo. Todas são orientadas no mesmo sentido construtivo. Mas, segundo Viriato Correia, é na prodigiosa habilidade com que coloca, em meio à narrativas, os atrativos indispensáveis para fascinarem a criança, que reside o grande segredo do criador de “Narizinho Arrebitado”. (...). Neste sentido os livros educativos como (...) “História do Mundo para Crianças” e “Geografia de Dona Benta”, são exemplos bem ilustrativos. (CAVALHEIRO, 1962, *Tomo II*, p. 159)

Na acepção explicitada em nossa pesquisa, a literatura infanto-juvenil lobatiana possui o status de produção educativa de qualidade merecedora de ser mais adequadamente disseminada entre os escolares na atualidade. Apesar de comumente estar associada às crianças bem pequenas, conforme dissemos no terceiro capítulo, a obra do Picapau Amarelo, se estruturada a partir de objetivos e questões claramente definidos a

---

<sup>2</sup> A fábula “Os dois Viajantes da Macacolância”, segundo Cavalheiro, é vigoroso panfleto contra a hipocrisia social. In: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962, *Tomo II*, p. 162.

partir da formulação de um projeto didático no ensino de história, pode ser aplicada, sem qualquer restrição, para alunos de todas as séries, independentemente de sua faixa etária.

No nosso caso, o processo de aplicação de excertos de romance para alunos da oitava série tendo o documento literário como percurso didático nas aulas de História foi iniciado com a utilização de trechos mais curtos. Depois, partimos para a aplicação de um capítulo inteiro e, por fim, com a maturação dos trabalhos, oferecemos textos longos, com termos e expressões indígenas frequentes ao longo da narrativa e maior dificuldade analítica. Como vimos na seção anterior, na 8ª A, pouco mais da metade da sala, 55%, sabe quem foi Monteiro Lobato, enquanto na 8ª B, 70% dos alunos desconhecem o literato. Da mesma forma, constatamos que os episódios que culminaram com a prisão do escritor por três meses pela polícia de Getúlio Vargas, em 1941, desencadeados após sua recusa em ocupar o cargo de diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), eram igualmente desconhecidos para os estudantes. No entanto, longe de considerar esse ponto um empecilho, entendemos que ao discutir o autor em seu tempo estamos inserindo os alunos no contexto histórico da escrita do texto. (ABUD, ALVES e SILVA, 2010, p. 48)

Provocá-los a perceber as nuances políticas, socioeconômicas e culturais do período escrito constitui tarefa essencial para que tenham instrumentos de análise das representações criadas pelo literato, independentemente da modalidade temporal representada (se o texto remete ao passado, presente ou futuro em relação ao autor) ou de os espaços retratados serem reais ou ficcionais. Evidentemente, a organização de um roteiro que registre esse processo é de suma importância para que, em seguida, seja possível analisar as representações construídas pelo autor e o estudo da mentalidade do tempo do escrito. (ABUD, ALVES e SILVA, 2010, p. 48 e 49)

Nomeado pelo então presidente da República, Washington Luís, Lobato trabalhou nos Estados Unidos como adido comercial de 1927 a 1931. Depois de viver quatro anos por lá, inconformado com nosso atraso em relação aos norte-americanos, teve a idéia de fazer, em plena Era Vargas, as campanhas do ferro e do petróleo. Com o ferro, tentou a parceria com o governo e não obteve êxito. No caso do petróleo, foi um dos líderes da campanha para a nacionalização das reservas petrolíferas, iniciada em 1933, que mobilizou milhares de brasileiros. Lutou sozinho contra os trustes internacionais, denunciando também as manobras do governo lesivas à economia nacional. (SACCHETTA, CAMARGOS e AZEVEDO, 2000, p. 158)



A ordem, politicamente estabelecida, não vê com bons olhos a empreitada de Lobato em prol do petróleo brasileiro, através da criação da Companhia de Petróleo do Brasil e de suas viagens por vários recantos do país apregoando o seu crescimento econômico propiciado pela extração do ouro negro. Para agravar a situação, em 1936, Lobato publica o livro *O escândalo do petróleo*, denunciando as atitudes tomadas pelo poder para invalidar o progresso do Brasil. (DEBUS, 2001, p. 145 e 146)

O título dedicado às crianças a partir do seu envolvimento com a causa petrolífera, *O Poço do Visconde* (1937), é o volume número dez da série infanto-juvenil lobatiana e conta sobre a descoberta de petróleo nas terras de Dona Benta, vencendo, para isso, a sabotagem planejada pelos “trusts norte-americanos” (CHIARADIA, 2008, p. 355 e 356). Mais uma vez, Lobato não se omite de apresentar aos jovens leitores as imperfeições e os problemas do mundo, aproximando-os da realidade em que vivem.

Segundo Cavalheiro (1962, Tomo II, p. 166), nesse mesmo ano, 1937,

(...) pela boca dos técnicos oficiais, o Brasil não tinha nem poderia ter petróleo. As afirmativas do Visconde não passavam de heresia. Ao fogo, portanto, com o herege. Mas dois anos depois, em Lobato, no Estado da Bahia, justamente no local indicado pelo Visconde, o petróleo brotou da terra.<sup>3</sup>

De acordo com Sacchetta, Camargos e Azevedo (2000, p. 171), na visão do procurador Clóvis Kruel de Moraes,

(...) os livros de Lobato predispunham a ‘doutrinas perigosas e práticas deformadoras do caráter’, chocando-se com o projeto do Estado Novo de formar uma juventude saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã. E, transcrevendo trecho de editorial do Nordeste, de Fortaleza, reiterava: ‘Se nas atividades petrolíferas há atentados contra a economia nacional, nas atividades literárias infantis há atentado contra a defesa nacional. [...] Seria bom, pois, que, a par da interdição das atividades petrolíferas do homem do Jeca Tatu, se proibisse a circulação dos seus livros destinados à infância.’<sup>4</sup>

<sup>3</sup> O bairro do Lobato, onde o primeiro poço do Brasil foi descoberto, fica no subúrbio ferroviário de Salvador. “(...) Gabriel Soares de Souza em sua magnífica obra “Tratado Descritivo do Brasil” em 1587 já se referia ao nome Lobato. Diz ele: “Francisco Rodrigues Lobato foi um senhor de engenho, dono da região onde existiu uma pedreira de nome Lobato”. Nas proximidades fora descoberto o petróleo brasileiro e baiano de Lobato. Acesso em: 25/7/2015. Blog Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com.br/2010/10/suburbio-ferroviario-de-salvador-8.html>.

<sup>4</sup> Os trechos citados, da autoria de Clóvis Kruel de Moraes, foram reproduzidos por: SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. Monteiro Lobato: Furção na Botocúndia. Editora Senac, São Paulo, 2000.

Como mostraremos no decorrer do início desse capítulo, Lobato recebeu contundentes desaprovações que lhe renderam sérias acusações e até proibições de seus livros em muitas escolas.

Instintivamente, a vocação pedagógica, o dom de proselitista, de reformador, se infiltra aqui e ali. E em obras de primordial caráter educativo, como ‘História do Mundo para Crianças’, ‘Geografia de Dona Benta’, ‘O Poço do Visconde’, e outras, o jogo é aberto com toda a rude franqueza, as verdades são proferidas com tôdas as letras. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 163 e 164)

Acreditamos que o principal motivo desses livros terem sofrido perseguições, em especial, entre os escolares, foi porque escancararam os problemas nacionais de forma direta, sem meias palavras ou idéias e sentidos subentendidos. “Tudo é direto, preciso. Nada de rodeios inúteis ou de retórica pedante.” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 152). Portanto, “se ao escrever só tem a preocupação da clareza e simplicidade” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 153), Lobato pagaria a fatura por sua extrema objetividade, que pode ser observada nas narrativas que compõem a saga do Sítio do Picapau Amarelo, por meio da qual se tornou mais conhecido.

## **Livros censurados**

Pode-se dizer que a apreciação crítica dos livros infantis de Monteiro Lobato não é um conjunto coeso e unânime de opiniões. O consenso, quer seja negativo, quer seja positivo em relação a sua obra, ao que nos parece, nunca se enraizou. Acolhido como o pai da literatura infantil brasileira, é, ao mesmo tempo, recolhido das bibliotecas públicas e escolas católicas nas décadas de 30 e 40. (DEBUS, 2001, p. 145)

O cerceamento de suas idéias começou a ganhar contornos ainda mais sombrios com a intervenção promovida pelas autoridades políticas e religiosas.

Os discursos das autoridades eclesiásticas e governamentais não divergem da opinião de alguns críticos leigos do período. Porém, enquanto a crítica mediava a leitura com opiniões contrárias ou favoráveis sobre determinado livro, a Igreja e o Estado exerciam o seu poder inviabilizando a leitura de forma concreta. (DEBUS, 2001, p. 145)

No âmbito das autoridades eclesiásticas, a ordem consistia em combater a influência de um escritor capaz de criar personagens que, longe de serem inofensivos, eram “exemplos de maus costumes”.

Para as autoridades clericais, Lobato é considerado perigoso e a leitura de seus livros infantis, condenável e nociva à formação cristã da criança católica. O escritor é acusado de produzir um discurso anticlerical e amoral, além de propagar idéias permissivas e divulgar exemplos de maus costumes através de suas personagens. Contudo, esse aspecto está estreitamente entrelaçado com o político, à medida que sua postura ideológica (materialista dogmático e dialético), segundo os censores católicos, vai contra a ordem estabelecida. (DEBUS, 2001, p. 145)

Atento à influência de Lobato na formação das crianças, Igreja e Estado se unem para coibir a leitura de alguns títulos infantis abrangendo os colégios católicos nos dois grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro.

A Igreja, com o poder sobre as instituições educacionais católicas, e o Estado, sobre as instituições públicas, movidos por questões de ordem religiosa e política, aplicaram severas retaliações aos livros infantis de Monteiro Lobato, colocando-os como livros indesejáveis e desaconselháveis para as crianças. (DEBUS, 2001, p. 146)

*História do mundo para crianças* e *Geografia de Dona Benta* estão entre os principais alvos de retaliações.

A *União*, semanário católico do Rio de Janeiro, provavelmente para fomentar a discussão dos professores católicos no âmbito do Distrito Federal, traz em sua edição de 11 de outubro de 1936 transcrição de documento da Associação de Professores Católicos de Diamantina, que solicita ao Arcebispo D. Serafim Gomes Jardim a proibição naquela arquidiocese da leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato, especialmente *Geografia de Dona Benta*, *História do mundo para crianças* e *História das invenções*, por carregarem em suas páginas ‘uma orientação que absolutamente não satisfaz à consciência cristã da juventude brasileira’. (DEBUS, 2001, p. 146)

Lobato tão pouco escapou de ser criticado pelo uso de expressões julgadas impróprias, mais precisamente “chulas”, logo ele que, ao despregar a língua dos entraves das regras gramaticais, acaba inventando vocábulos como, “perguntativos”, “mentirada”, “borboletograma”, “jabutigrama”, “homões”, “panaria” (monte de panos),

“nenhumíssima”, “sabença”, “lobença”, “pernilonguíssimo”, “fedorências”, “filhenta”, “bichinidade”, “tamanhudos”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 153).

O documento assinado pelo presidente da Associação, padre Antônio Cecílio, e o assistente eclesiástico, padre José Avelar, destaca os motivos para tal reprimenda, deixando clara a transposição do teor pedagógico em razão do aspecto político-religioso: “Além dos defeitos de pedagogia, que assinalaram os entendidos e que não são propriamente da nossa competência, sobretudo a frequência de palavras e expressões chulas (como: o Raio do governo, etc.) tais livros são eivados do começo ao fim do materialismo mais crasso e o que é para lastimar são destinados às criancinhas, incapazes ainda de defender a sua fé. [...] (DEBUS, 2001, p. 146 e 147)

O cerco se apertava lentamente, buscando sufocar as obras e, conseqüentemente, o prestígio e as finanças do escritor.<sup>5</sup>

O “incompetente”, no aspecto pedagógico, presidente da Associação de Professores ilustra com fartos exemplos, extraídos dos livros infantis de Lobato, o motivo das acusações feitas. A resposta, fundamentada no Código de Direito Canônico, do arcebispo de Diamantina, D. Serafim Gomes Jardim, em 26 de setembro de 1936, foi a aprovação irrestrita do pedido que colaborava “para a retirada das mãos das crianças de livros tão perniciosos”. (DEBUS, 2001, p. 147)

Em Taubaté, cidade natal de Lobato, a violência talvez tenha atingido seu ponto mais elevado: o nome do filho pródigo do município foi vetado de aparecer inclusive como tópico de palestra.

O auto-de-fé contra a literatura infantil de Lobato e a sua pessoa, apregoado pela Igreja Católica, encontrou adeptos na cidade natal do escritor – Taubaté –, onde o seu nome foi impedido de circular até mesmo como tema de conferência. Tristão de Athayde assim se reporta a inesperada visita que recebeu no hotel, antes de sua conferência, fato

---

<sup>5</sup> Essa hipótese ganha força, uma vez que a Companhia Editora Nacional, responsável por publicar boa parte das obras do Sítio do Picapau Amarelo, através de uma coleção específica, passa a ser alvo dos censores. “À Companhia Editora Nacional são direcionadas acusações de cumplicidade ao publicar, numa coleção denominada ‘Biblioteca Pedagógica Escolar, livro de caráter antinacionalista e separatista (...). O autor do artigo descarta o recurso, muitas vezes tomado por atitudes individuais de professores, de arrancar as páginas ‘de livros perniciosos’ e aconselha uma posição firme e enérgica das autoridades: ‘Chamamos para esse livro a atenção de nossos chefes militares, da mocidade das escolas de guerra, dos patriotas, das associações cívicas’”. In: DEBUS, Eliane Santana Dias. Caça às bruxas: Lobato na mira da censura. In: Letras de Hoje: Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa, v. 37, nº 2, p. 145-151. Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, junho de 2001, p. 148 e 149. O trecho final, em aspas simples, foi extraído do artigo O Brasil insultado por Brasileiros, publicado no jornal carioca Diário da Noite em 13 de março de 1936. Ver nota 9 do artigo de Eliane Santana Dias Debus.

acontecido na década de 30: ‘Era um emissário da Ação Católica local, advertindo-me do risco de ‘escândalo’ que poderia causar na cidade [sic]. Tal era o preconceito, inclusive local, sobre suas idéias e até mesmo sobre sua coragem de revolucionar os clássicos preceitos da literatura infantil convencional [...]. (DEBUS, 2001, p. 147)<sup>6</sup>

Visto como alguém prejudicial à “tranquilidade do Brasil”, Lobato foi alvo do conservadorismo que via na sua figura uma ameaça real ao ideário e, conseqüentemente, ao projeto de unidade nacional do Estado Novo<sup>7</sup>.

No livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*, o Padre Sales Brasil exemplifica com trechos extraídos da produção infantil de Lobato o quanto a sua obra é perniciosa para a formação cristã das crianças. Seu livro resulta, segundo o autor, num clamor: “Clamor aos responsáveis pela tranquilidade do Brasil, para que – imitando o exemplo que, a esse respeito, nos dá o glorioso e por nós tão venerado Portugal – tenham mão nesses revolucionários de brinquedo. Nesse “pessoalzinho”, que dizendo-se habitar no “chamado mundo de mentira”, vai emigrando de verdade para tantas inteligências: pixando a inocência das crianças – o muro mais limpo, entre os que protegem e exornam a cidadela de nossa tradições”. (DEBUS, 2001, p. 147 e 148)<sup>8</sup>

No pensamento das autoridades religiosas e políticas, espaços de educação formais (escolas, colégios internos) e informais (bibliotecas, livrarias)<sup>9</sup> eram ambientes

---

<sup>6</sup> Eliane Santana Dias Debus cita trecho de depoimento escrito por Tristão Athayde sobre a perseguição sofrida por Lobato em Taubaté. Para saber mais, ver: ATHAYDE, Tristão. *Monteiro Lobato – I*. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo, Traço Editora, 1982, p. 51.

<sup>7</sup> “Na prática essa matriz autoritária se traduziu no fortalecimento do poder central em detrimento do poder das oligarquias estaduais, ou seja, na promoção da união nacional a partir de uma centralização política-administrativa. O que ou quem não se situou nessa proposta – basicamente comunistas e anarquistas – foram excluídos pelos círculos do poder que, apesar de compartilharem de um único objetivo (a união nacional), eram formados por diferentes visões políticas, culturais e de estratégias a serem desenvolvidas para atingi-lo. Obviamente houve as exceções, como o escritor Graciliano Ramos que, após um período no cárcere, quando libertado aceitou um cargo no governo.” Para saber mais sobre a Era Vargas e o projeto de unidade nacional ver: SILVA, A.C.M. *Ensino de História, Cinema, Imprensa e Poder na Era Vargas (1930-1945)*. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). São Paulo, 2005, p. 75.

<sup>8</sup> Eliane Santana Dias Debus cita trecho escrito por Sales Brasil. In: BRASIL, Padre Sales. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. Bahia, Aguiar&Souza, 1957, p. 307.

<sup>9</sup> Edgard Cavalheiro relata episódio inicial da trajetória de Monteiro Lobato como editor/empresário quando o escritor obteve uma lista com milhares de nomes e endereços de estabelecimentos comerciais espalhados pelo Brasil, onde, por meio de uma carta, ofereceu seus livros para venda, em consignação, como se fossem quaisquer produtos comerciais. O resultado é que Lobato conseguiu dar um salto de pouco mais de 30 pontos de venda, que eram exclusivamente livrarias, para mais de mil endereços, o que incluía lojas de ferragens, farmácias, bazares, bancas de jornais e papelarias. Na prática, o que Lobato criou foi, provavelmente, o maior sistema de distribuição e comércio de livros que o Brasil jamais havia visto. O escritor permitiu, portanto, a ampliação em massa do acesso à literatura. Ainda que à sua literatura. “As edições, que antes não ultrapassavam 400 ou 500 exemplares, e assim mesmo muito espaçadas, pulam imediatamente para três mil exemplares, e começam a surgir quatro, cinco, seis e até mais livros por mês.”

restritos por onde circulavam os livros do pai da boneca de 40 centímetros de altura – “Emília nasceu como nascem as válvulas de segurança (...) ou a seção livre dos jornais” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 159) – como se a prática leitora fosse realizada apenas nesses âmbitos. Mas o que os conservadores não levaram em conta é que era impossível controlar o acesso às obras de Lobato em outros espaços como as famílias ou grupos de amigos.

Com exceção do padre Sales Brasil, que se detém no conjunto da produção infantil de Lobato, todos os outros ‘censores’ se referem aos livros voltados para a vida escolar, que abordam conteúdos voltados para o currículo escolar. Entre eles: *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções*, *Emília no país da gramática*, *História do mundo para crianças*. *Peter Pan* é o único título que foge dessa linha e é citado nos discursos de proibição. (DEBUS, 2001, p. 147)

## História ou propaganda

Por questões de clareza e de ênfase, nos deteremos na análise de cada uma das obras da série Picapau Amarelo selecionadas para a pesquisa, as quais foram hostilizadas mediante o poder exercido pela censura, o que de forma alguma implica na falta de importância dos outros títulos da coleção que também sofreram duras repreensões, mas não serão examinados: *História das invenções*, *Emília no país da gramática* e *Peter Pan*.

Lobato costumava responder as críticas e, em entrevistas concedidas pelo escritor, pudemos encontrar comentários sobre a forma distorcida como a história, a seu ver, estava sendo ensinada nas escolas. Transcrevemos uma das posições sobre esse assunto no trecho a seguir, considerado um dos mais contundentes de seu artigo-entrevista intitulado “Inglaterra e Brasil”<sup>10</sup>, cujo conteúdo foi “a razão concreta, jamais admitida pelos círculos oficiais”<sup>11</sup> da ação policial contra Lobato.

---

In: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962, Tomo I, p. 193-194.

<sup>10</sup>“(...) no seu artigo-entrevista ‘Inglaterra e Brasil’, irradiado pela BBC de Londres em diversos idiomas a 30 de dezembro de 1940 e reproduzido pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina (...) ao apontar o poema ‘Se’, de Rudyard Kipling, como a chave para a compreensão da resistência dos ingleses na Segunda Guerra Mundial, ele [Lobato] aproveita para alfinetar a ditadura brasileira, furando, em nível internacional, o cerco do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).” In: SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. Editora Senac, São Paulo, 2000, p. 161.

<sup>11</sup> SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. Editora Senac, São Paulo, 2000, p. 161.

Desnorteada com a liquefação de todos os valores cristalizados em séculos, a humanidade tonteia diante do surto dos valores da violência, que os partidos vitoriosos por assalto ao poder forçam sobre o indefeso homem comum. O justo passa a injusto, o certo é o errado e o errado é o certo; o bom é o mau e o mau é o bom; o pensamento livre é o crime e a delação é a virtude; a história é falseada nas escolas para que também se torne instrumento dessa obra de *inversão de todos os valores*. (LOBATO, 1948, p. 175)<sup>12</sup>

Segundo Debus (2001, p. 149):

Em outra entrevista ao *Diário da Noite*, o centro da discussão é a publicação no editorial do órgão oficial português *Diário da Manhã* a proibição da venda, naquele país, do livro infantil de Monteiro Lobato *História do Mundo para Crianças*. Os motivos se restringem ao tratamento dado por Lobato ao descobrimento do Brasil por Álvares Cabral como “por acaso” e à referência às 1.600 orelhas cortadas da marinhagem árabe por Vasco da Gama. O escritor se defende: “Nada mais fiz senão mencionar um fato histórico que todos os compêndios de história, não torcidos de acordo com as conveniências deste ou daquele povo, mencionam. Ou a história é a história e conta o que houve, ou ajeita os fatos conforme o convém aos interesses dum grupo e passa a ser propaganda”. (DEBUS, 2001, p. 149)<sup>13</sup>

“*História do Mundo para Crianças* foi uma das obras de Lobato que recebeu mais críticas nos anos subseqüentes à sua publicação”. (PALLOTTA, 2008, p. 225) Segundo Cavalheiro, o livro

(...) suscitou reações da chefia do “Serviço das Instituições Auxiliares da Escola”, do Departamento de Educação da Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública, do Estado de São Paulo, que em parecer oficial condena o livro, enumerando-lhe as inconveniências. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 165).

<sup>12</sup> O trecho escrito por Monteiro Lobato foi citado por: SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. Editora Senac, São Paulo, 2000, p. 162. E, segundo os autores, foi extraído de: LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. São Paulo, Brasiliense, 1948, p. 174-176.

<sup>13</sup> O trecho da autoria de Monteiro Lobato, reproduzido por Eliane Santana Dias Debus, foi extraído de: LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. São Paulo, Brasiliense, 1964, p. 235. “(...) *História do Mundo para Crianças* provocaria reações também fora do Brasil. O órgão oficial do Governo português pediu, e obteve, a proibição da obra em Portugal e colônias. Interpelado sobre as razões de tal atitude, Monteiro Lobato responde só encontrar explicação no fato de pertencer à corrente que afirma ter sido o Brasil descoberto ‘por acaso’. Ou então, hipótese mais provável, a de ter registrado a história das 1600 orelhas cortadas à marinhagem árabe por Vasco da Gama, em Calicut, acontecimento, aliás, que os portugueses omitem, mas que pode ser encontrado, entre outros, no compêndio de Albert Malot”. In: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Editora Brasiliense, 3ª edição. Tomo II. São Paulo, 1962, p. 166.

Entre as tais “inconveniências”, nos deteremos no ponto em que o documento refuta veementemente o trecho sobre Santos Dumont, que diz o seguinte:

Veja o aeroplano. Quando Santos Dumont o inventou, nem por sombras lhe passou pela cabeça que o maravilhoso aparelho de voar iria ser aplicado para matar gente e destruir cidades. E dizem que o que apressou sua morte foi ver a sua máquina de voar planando sobre as cidades paulistas na revolução de 1932 e lançando bombas sobre seus habitantes. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 165).

Em função do parecer negativo, detectamos que na edição escolhida<sup>14</sup> para aplicação dos trabalhos com os alunos aparece uma versão modificada do referido trecho, provavelmente em um ato de autocensura do escritor que estava sob vigilância dos órgãos oficiais. O original “(...) E dizem que o que apressou sua morte foi ver a sua máquina de voar planando sobre as cidades paulistas na revolução de 1932 e lançando bombas sobre seus habitantes” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 165) ficou assim: “(...) E dizem que o que lhe apressou a morte foi ver sua máquina de voar planando sobre as cidades para jogar bombas lá de cima”. (LOBATO, s/d, p. 1637)

De tão incendiária, a obra foi parar na fogueira.

Por essas e outras é que não tarda surgir, em escolas oficiais, e praticamente em todos os colégios católicos do País, uma ordem absurda, chocante: os livros de Monteiro Lobato devem ser retirados das bibliotecas escolares. As explicações para tais medidas falam em excessivo regionalismo, críticas desairosas ao Brasil, comunismo e outras pelo estilo. Algumas gazetas católicas passam mesmo a publicar, em amplos quadrados, este anúncio: “Cuidado! Tornamos a avisar a todos que o livro ‘História do Mundo para Crianças’ é péssimo e não pode ser lido por ninguém...’ No externato do Colégio Sacré Coeur de Jesus, em Laranjeiras, Rio de Janeiro, Capital do Brasil, piedosa Freira solicita de todas as alunas que possuam livros do criador de Narizinho, que os levassem ao Colégio, para certo fim não muito bem especificado. ‘Reunidos os volumes, depõe Raul Lima, a Revma. Irmã e educadora fez uma fogueira, com alguns paus de bambu, e queimou-os todos’. Um autêntico auto-de-fé. Em pleno ano de 1942! Na capital do Brasil!” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 166 e 167)<sup>15</sup>

<sup>14</sup> LOBATO, Monteiro. Histórias do Mundo para as Crianças. Volume 13. In: O Sítio do Picapau Amarelo, Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.

<sup>15</sup> O anúncio citado por Cavalheiro foi publicado em O Sino de São José, publicação semanal da Freguesia de São José (Belo Horizonte), em 04 de fevereiro de 1934.



Os anos da década de 40 foram conturbados e as reações negativas ao livro não cessavam.

Um boletim da “Liga Universitária Católica Feminina” passa em revista a obra de Monteiro Lobato (...). Apontam-lhe os deslizes, não de estilo, mas da concepção moral e filosófica que o autor tem da vida. (...) Salvam-se, tão-somente, “Viagem ao Céus”, “Reinações de Narizinho” e “A Reforma da Natureza”, nas quais não encontram senões de ordem moral. Mas adaptações como “História da Invenções” ou “História do Mundo para Crianças” são rijamente atacadas. No primeiro, por exemplo, escrito em 1935, o autor “faz alusões a futuras guerras que são assinaladas ao pé da página como “profecias”; adota a teoria evolucionista para explicar o aparecimento do homem sobre a terra e usa gíria em excesso. No segundo, explica a vida por geração espontânea, transformismo, evolucionismo, “diz inverdades e irreverências a respeito da Bíblia e da Religião”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 167 e 169).

Mesmo depois de enfrentar órgãos de censura, restrições de toda sorte e proibições para interromper sua circulação, *História do Mundo para Crianças*, de todas as obras lobatianas, foi a que teve a maior tiragem editorial durante três décadas seguidas contadas do seu lançamento<sup>16</sup>. “Apesar de toda a perseguição – proibido em bibliotecas oficiais, queimado em colégios religiosos – ao encerrar a série com ‘Os Doze Trabalhos de Hércules’, Monteiro Lobato é não só o escritor infantil mais lido do Brasil, mas da própria América Latina.” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo I, p. 171)<sup>17</sup>

## São Paulo, pequeno país

A próxima obra aplicada junto aos alunos também foi alvo de ataques. “‘Geografia de Dona Benta’, por exemplo, foi denunciada como obra deletéria, separatista, ‘sintoma alarmante da desagregação subterrânea do Brasil’”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 164) A crítica veiculada no artigo “O Brasil insultado por brasileiros” (*Diário da Noite*, 13 de março de 1936) “fundamenta-se no episódio em que dona Benta expõe às crianças

<sup>16</sup> PALLOTTA, Miriam Giberti Páttaro. Op. cit., p. 222.

<sup>17</sup> Neste trecho, Cavalheiro cita, na nota 11 de sua obra, o posicionamento da bibliotecária Mary Kiersted Pidgeon, da Escola Benjamin Franklin, de Nova Iorque (Estados Unidos), sobre a obra lobatiana, o qual, por seu teor, reproduzimos integralmente: “Entre os volumes que recebemos por intermédio da União Pan-Americana, só há um grupo que reúne todas as qualidades necessárias; os devidos à pena do escritor Monteiro Lobato. Se fossem escritos em espanhol e não em português, já de há muito os educadores teriam percebido a extensão do serviço prestado às crianças americanas, em geral, pelo que o Sr. Monteiro Lobato produziu.”. O depoimento foi publicado originalmente no jornal Folha da Manhã (São Paulo), em 23 de novembro de 1940.

uma visão panorâmica de São Paulo e atribui os problemas existentes nas redes ferroviárias e a seu mau gerenciamento pelo governo”. (CARDOSO, 2008, p. 291)

Ao citar “trechos que diz de ‘maior gravidade’, isto é, os ‘mais insultantes para o Brasil’” (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 164), o articulista transcreveu o seguinte diálogo:

“– Estou também vendo dois trens em marcha, um que vem do Rio e outro que vem de São Paulo...”

“– Então feche os olhos antes que se choquem. Essa estrada diverte-se todos os dias em brincar de desastre de trens. É federal...”

Mais adiante reproduz como sintoma do perigoso separatismo que anima o livro, as seguintes frases:

“São Paulo é um pequeno País, capaz de viver por si mesmo, bastando-se a si próprio em tudo. Mato Grosso, que fica lá atrás, não passa de uma dependência de São Paulo, espécie de fundo de quintal”. “O verdadeiro São Paulo é composto de São Paulo, Paraná e Mato Grosso”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 164)

Lobato respondeu as “conclusões” do crítico dizendo que Dona Benta contou aos seus netos a mais

“(…) pura verdade, e uma verdade de conhecimento do mundo inteiro. Não há nenhum insulto ao Brasil no fato de uma vovó contar aos netos o que é verdade e todos os adultos sabem. Insulto ao Brasil é a Central, e todos os outros serviços públicos federais serem o que são. Não será mentindo às crianças que concertaremos as coisas tortas”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 165)

Segundo Cavalheiro, neste episódio o escritor defende-se contra-argumentando

“(…) que constatar uma verdade, como essa de São Paulo ser um pequeno País, capaz de viver por si mesmo, não é separatismo, e nem deve ser motivo de pasmo o ter afirmado que o verdadeiro São Paulo compõe-se também do Paraná e Mato Grosso. O erro cometido por Dona Benta, acrescenta, foi não ter incluído na lista o Triângulo Mineiro e o Estado de Goiás, pois o autêntico São Paulo geográfico compreende o território de todos esses Estados. “O complexo econômico é o mesmo, a norma de desenvolvimento é a mesma, e a capital natural de toda imensa região é a mesma: a cidade de São Paulo”. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 164 e 165)

Mais uma vez pudemos identificar que na edição escolhida<sup>18</sup> aparece uma versão em que foram suprimidos os trechos que tinham sido apontados pelo artigo do jornal carioca como desabonadores.<sup>19</sup> “*Geografia de Dona Benta*, publicada em 1935, é uma de suas obras que teve por alvo o público escolar. Foi editada pela Companhia Editora Nacional com a significativa tiragem de quinze mil exemplares, em sua primeira edição, e seis mil, na segunda, em 1939.”<sup>20</sup>

São Paulo é o título do oitavo capítulo da edição de *Geografia de Dona Benta* selecionada para os trabalhos em sala de aula. Esse volume possui 30 capítulos. Entretanto, adotamos novas estratégias para a análise desse livro em relação a experiência anterior com *História do Mundo para Crianças*. Ao invés de trechos mais curtos, optamos por aplicar um capítulo inteiro, preservando, assim, o texto original na íntegra. Como contraponto, o tom narrativo também mudou. Neste livro, Lobato enaltece “a capital do Estado e a primeira do Brasil em população”<sup>21</sup> revelando-lhe os pontos positivos acerca do progresso tão sonhado por ele:

(...) O Estado que temos diante de nós é o mais desenvolvido do Brasil. Além de intensa agricultura, possui notável indústria. São Paulo produz quase todos os artigos de que precisa e exporta grande variedade deles para os outros Estados – como sejam veículos, máquinas tecidos, sapatos, chapéus, papel, livros (só a companhia editora que faz os nossos livros exporta mais de um milhão por ano), sacos de juta, vidro, objetos de metal, etc. (LOBATO, s/d, p. 1176)

<sup>18</sup> LOBATO, Monteiro. *Geografia de D. Benta*. Volume 10. In: *O Sítio do Picapau Amarelo*. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.

<sup>19</sup> Os órgãos de vigilância “recomendavam” a retirada de trechos ou palavras indesejáveis. Por isso, acreditamos que, para evitar novas represálias, Lobato tenha cometido um ato de autocensura, vendo-se obrigado a “cortar da própria carne” ao acatar tais apontamentos. “A campanha contra a permanência dos livros infantis de Lobato nas escolas públicas se faz representativa no ofício datado de 13 de novembro de 1939, da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola do Departamento de Educação, Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo, representada por Máximo Moura Santos, informa aos diretores da Companhia Editora Nacional a impossibilidade de adoção do livro infantil de Lobato *Emília* no país da gramática nos estabelecimentos escolares de São Paulo: ‘Esta chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontadas pela comissão. Reitero a V.S. os protestos de elevada consideração’”. In DEBUS, Eliane Santana Dias. *Caça às bruxas: Lobato na mira da censura*. In: *Letras de Hoje: Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa*, v. 37, nº 2, p. 145-151. Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, junho de 2001. A pesquisadora extraiu os trechos citados de CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1955, p. 596.

<sup>20</sup> CARDOSO, Rosimeiri Darc. Op. cit., p. 290.

<sup>21</sup> LOBATO, Monteiro. *Geografia de D. Benta*. Volume 10. In: Op. cit., p. 1175.

Antes de iniciar a leitura, o texto foi reproduzido em três páginas a partir da edição original, da página 1175 a 1177, para preservar sua estrutura visual (diagramação), sendo que na primeira delas havia uma ilustração da Rosa dos Ventos, o que despertou o interesse de alguns alunos, que resolveram fazer uma versão do desenho em suas folhas de respostas.

As cópias do texto foram entregues e, assim, explicamos aos estudantes que desta vez seria lido um capítulo completo de um dos livros da série do *Picapau Amarelo*, em que os personagens do sítio viajam a bordo de um navio voador faz-de-conta, inventado por Emília, “O Terror-do-Mares”, sob o comando de D. Benta, para conhecer o território e a história de personagens e curiosidades de várias partes do globo. Contamos aos alunos que, neste ponto da história, os “picapauzinhos” encontravam-se na costa brasileira, saindo do Sul do Brasil rumo a São Paulo. Ao se aproximar da costa de São Paulo, avistam a cidade de Santos através de uma luneta mágica “de ver ao longe em punho”.<sup>22</sup>

*“– Santos é o grande porto de São Paulo, e disputa com o de Paranaguá o primeiro lugar do Brasil, lugar que ocupava até há pouco tempo. Ainda hoje, não fosse o café, seria o mais importante. Podemos dizer que é a porta de entrada e de saída para toda espécie de mercadorias. A Via Anchieta, que corre serra acima, vai dar a outra cidade...”*

*– Estou vendo! É São Paulo...*

*– Exatamente, a capital do Estado e a primeira do Brasil em população. São Paulo possui pouco mais de 6 milhões de habitantes, com boa porcentagem de estrangeiros – italianos, alemães, espanhóis, sírios, russos, japoneses. É intensamente industrial. Em São Paulo há fábricas de tudo. Vejam quantas chaminés!*

*– Estou vendo – confirmou a menina. – Também estou vendo o Museu do Ipiranga, os viadutos...*

*– O Museu do Ipiranga é um verdadeiro monumento arquitetônico construído para comemorar a Proclamação da Independência do Brasil. Foi exatamente naquele ponto que D. Pedro I deu o célebre Grito do Ipiranga – Independência ou Morte!”<sup>23</sup>*

Nesse diálogo entre Dona Benta e Narizinho, percebemos uma valorização de São Paulo enquanto protagonista central da história brasileira, desde a Independência até o presente (na época em que foi escrito), onde São Paulo era visto como motor industrial da nação, ou mais do que isso, como vetor principal do progresso e da riqueza do Brasil.

<sup>22</sup> LOBATO, Monteiro. Geografia de D. Benta. Volume 10. In: Op. cit., p. 1168.

<sup>23</sup> LOBATO, Monteiro. Geografia de D. Benta. Volume 10. In: Op. cit., p. 1175 e 1176.

Além disso, Lobato também destaca como características fundamentais dos paulistas a industrialização e o cosmopolitismo. O Museu do Ipiranga, cartão-postal e um dos principais pontos turísticos da cidade, surge como símbolo de relevância histórica.

Todas essas visões do engrandecimento de São Paulo ficam ainda mais nítidas na seguinte passagem:

*“(...) O Estado que temos diante de nós é o mais desenvolvido do Brasil. Além de intensa agricultura, possui notável indústria. São Paulo produz quase todos os artigos de que precisa e exporta grande variedade deles para os outros Estados – como sejam veículos, máquinas, tecidos, sapatos, chapéus, papel, livros (só a companhia editora que faz os nossos livros exporta mais de um milhão por ano), sacos de juta, vidro, objetos de metal, etc.”<sup>24</sup>*

Em *Geografia de Dona Benta*, o escritor explica de que é feita a gasolina, desdobrando a questão para colocar em pauta o que defende ser “os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos”, ferro e petróleo, o qual surge como “o rei dos combustíveis modernos, de modo que só são fortes, ricos e respeitados os países que o possuem”.

Militante da causa do progresso, Monteiro Lobato percebeu acertadamente que só através dos jovens seria possível apressar a modificação do mundo. Assim, deduzindo que, ao influir na formação da criança, contribuiria para construir o Brasil do futuro, ele resolve dedicar-se definitivamente aos livros infantis. (SACCHETTA, CAMARGOS e AZEVEDO, 2000, p. 173)

*“– Olhe, vovó! Tantos carros rodando por aquelas estradas. Deve ser necessária muita gasolina para todos eles. De que é feita a gasolina?*

*– Gasolina é o petróleo refinado. O petróleo é o rei dos combustíveis modernos, de modo que só são fortes, ricos e respeitados os países que o possuem. Graças ao petróleo é que os automóveis e aviões existem. Ferro e petróleo: eis os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos. Os Estados Unidos tornaram-se o País mais rico do mundo porque é de todos o que produz mais petróleo.”*

Definida como vetor de progresso da nação brasileira, a concepção do autor sobre São Paulo é de Estado-locomotiva, ou seja, aquele que “puxa” os outros estados (vagões),

---

<sup>24</sup> LOBATO, Monteiro. Geografia de D. Benta. Volume 10. In: Op. cit., p. 1176. O trecho, citado anteriormente, foi reproduzido novamente aqui como forma dos leitores desta tese terem acesso, na íntegra, do capítulo aplicado junto aos alunos.

responsável pela pujança da União brasileira. “*A população de São Paulo anda por mais de 17 milhões de habitantes. Forma um núcleo humano dos mais operosos. O Estado é, de longe, o maior entre todos do ponto de vista do desenvolvimento econômico. Até hoje é conhecido como Estado-locomotiva. O clima é dos mais favoráveis, de modo que a gente de todos os países do mundo gosta de viver em São Paulo*”.<sup>25</sup>

As intervenções das crianças contrastam com a seriedade da narrativa. O capítulo termina com a sabedoria de Tia Nastácia, apreendida nas experiências do cotidiano. Tanta abundância do Estado de São Paulo “perderia o sentido” se os viajantes estivessem de barriga vazia. O diálogo final é marcado pelo humor:

“*Nesse momento foram interrompidos por tia Nastácia, de avental e gorro, como convinha ao “cozinheiro” de bordo.*

– *O almoço hoje é só virado de feijão com torresmos e uma fritada de sardinha – disse ela. – O senhor Imediato falou muito nos peixes que ia pescar mais se eu não tivesse tido a lembrança de trazer uma lata de sardinha não sei o que seria de nós...*

– *Que vergonha! – exclamou o Capitão. – Nós em cima desta imensidade oceânica e a comer sardinha enlatada! Mas antes disso do que zero. Vamos à bóia, meus lobinhos do mar!*”<sup>26</sup>

As críticas envolvendo as obras *Geografia de Dona Benta* e *História do Mundo para Crianças* devem ser entendidas no seu contexto histórico onde os projetos do Estado Novo visavam reforçar a unidade nacional ainda relativamente frágil. Por isso, opiniões ou julgamentos à união, ao poder central e a exaltação a São Paulo poderiam ser interpretados como uma atitude separatista, percepção ressaltada também pelo fato da revolução de 30, que levou Vargas ao poder e posterior fundação do Estado Novo, ter alijado São Paulo do comando do poder federal.

Na história recente, em um contexto de afirmação de identidades e direitos, Monteiro Lobato volta a ser alvo de críticas, mas, agora, de outra ordem. Em 2010, o livro *Caçadas de Pedrinho* (1933), do conjunto de sua produção infantil, foi objeto de polêmica depois que alguns integrantes do Conselho Nacional de Educação (CNE) emitiram um parecer classificando o livro de “racista”. A recomendação, assim como nos tempos de outrora, era que o livro fosse retirado das escolas. Há que se considerar o contexto histórico em que a obra foi escrita, evitando anacronismos em sua utilização didática.

<sup>25</sup> LOBATO, Monteiro. Geografia de D. Benta. Volume 10. In: Op. cit., p. 1176 e 1177.

<sup>26</sup> LOBATO, Monteiro. Geografia de D. Benta. Volume 10. In: Op. cit., p. 1177.

## Relações de proximidade

Para identificar quais eram as representações prévias dos alunos sobre São Paulo, elaboramos três questões que foram respondidas antes da leitura do capítulo São Paulo de *Geografia de Dona Benta*: 1. Qual é a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta. 2. O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê? 3. Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos. Como nos lembra Lee (2006, p. 137), ao citar Donovan (e outros): “Os alunos vão para as salas de aula com pré-conceitos sobre como funciona o mundo. Se suas compreensões iniciais não são levadas em conta, podem falhar em entender novos conceitos e as informações que lhes são ensinados ou podem aprendê-los para uma prova, mas reverterem para seus pré-conceitos fora da sala de aula (DONAVAN; BRANSFORD; PELLEGRINO, 1999).”

Nesta etapa dos trabalhos conseguimos a participação de vinte e cinco [25] alunos da 8ª A e vinte e oito [28] da 8ª B, a quase totalidade das turmas. Na primeira pergunta – Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta – obtivemos os seguintes conjuntos de respostas:

Positivas – 8ª A (3 ou 12%); 8ª B (13 ou 46,42%)

Mistas – 8ª A (9 ou 36%); 8ª B (5 ou 17,85%)

Negativas – 8ª A (10 ou 40%); 8ª B (9 ou 32,14%)

Indefinidas – 8ª A (3 ou 12%); 8ª B (1 ou 3,57%)

Como é possível observar temos uma predominância de representações positivas de São Paulo na turma B, enquanto na A prevaleceram respostas com conteúdo negativo. Mesmo com o predomínio de representações positivas na turma B o índice de representações negativas nesta turma foi alto (32,14%) próximo ao da turma A (40%).

Muitas imagens/representações detectadas nas respostas dos alunos não são históricas, mas se relacionam/partem da atualidade, mais exatamente, do que é próximo, do que está presente em seu cotidiano ou é visto por meio da televisão e Internet. Isto é perceptível porque muitos consideraram em suas respostas como referência a capital paulista e não o Estado, como foi questionado. Ou seja, muitos não têm uma noção clara do Estado, provavelmente porque não conhecem outras cidades/regiões de São Paulo, se limitando, portanto, ao que lhes é próximo.

Por isso, classificaram São Paulo como bom lugar, desenvolvido, quando revelaram representações positivas, ou consideraram a cidade um lugar relacionado à

violência, poluição, enchentes e outros problemas do cotidiano, em representações que classificamos como negativas. Alguns jovens apresentaram um conjunto de representações mistas sobre São Paulo (positivas e negativas).

Há também os alunos que têm representações positivas de São Paulo, mas expressadas por meio de símbolos ou pontos turísticos/geográficos, ou “lugares bonitos”, em especial o Pico do Jaraguá, novamente em decorrência da proximidade, pois boa parte dos jovens são oriundos de bairros próximos a esse marco geográfico ou porque a própria escola também fica relativamente próxima. Nesses casos classificamos a representação de “representação geográfica” (RG). Na 8ª A, a aluna Bruna, que manifestou uma visão mista de São Paulo, apresentou elementos geográficos em sua representação (pontos turístico), incluindo a concepção de que São Paulo seria um País: “Sobre o estado de SP eu tenho uma imagem boa, pois aqui se tem vários pontos turísticos, lugares bonitos e várias atrações mas agora do Governo eu tenho acho horrível; Pois é um país que não tem melhoras.”

### 8ª A

**Pergunta 1: Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta.**

### 8ª A POSITIVAS

**Nicole:** Uma cidade boa de morar. **(Bom lugar)**

**Rogério:** A imagem de São Paulo pra mim e bom, na onde eu moro também e e melhor. **(Bom lugar)**

**Thiago:** A imagem que eu tenho do estado de são paulo, é que e uma cidade grande qu está crescendo evoluindo aos poucos. **(Bom lugar, desenvolvido)**

**Total:** 3 (12%)



**Observação:** Predomínio da representação de “Bom lugar”.

### 8ª A

#### MISTAS (COM ELEMENTOS POSITIVOS E NEGATIVOS)

**Brandon:** O Estado de São Paulo tem muitas pessoas e esse tanto de pessoas acaba gerando o trânsito em SP São Paulo é uma cidade muito rica e muito bonita também e também muito poluída. **(Bom lugar, desenvolvido, trânsito, poluição)**

**Bruna:** Sobre o estado de SP eu tenho uma imagem boa, pois aqui se tem vários pontos turísticos, lugares bonitos e várias atrações mas agora do Governo eu tenho acho horrível; Pois é um país que não tem melhoras. **(Bom lugar, representação geográfica, governo horrível, país sem melhorias)**

**Lair:** uma imagem mais ou menos porque pelos comercios ainda bem os vadios o trasito é ruim e a poluição. **(Desenvolvido, trânsito, poluição)**

**Leonel:** Meu ponto de vista é mais da capital do estado de SP. Meu ponto de vista é que tem muito usuário de drogas, mas tem o lado bom que são os corretos que querem ser algo na vida e estudam, saem com os amigos que não usam, injetam nem nada apenas vivem com uma saúde boa. **(Gente correta, mas com muitos usuários de drogas)**

**Margarida:** A imagem que eu tenho de São Paulo é que é uma cidade grande com varias produções importantes, e destacadas por outros países mas também uma cidade maltratada suja e que necessita de governos melhores e habitantes mais conscientizados de seus erros e ações **(Bom lugar, mas suja, precisa de governo e cidadãos conscientes)**

**Murilo:** Eu acho um lugar bom, pois tem muitas coisas para fazer como shoppings, cinema, parques, etc. Mas também é ruim pelo trânsito, a criminalidade, e o aperto no trem e ônibus. (Isso em São Paulo cidade) **(Bom lugar, trânsito, violência, transportes ruins)**

**Nivaldo:** imagem de um estado exemplar para outros estados brasileiros, e ruim para imprensa internacional sobre o protesto que fizeram quebra quebra no patrimonio publico **(Bom lugar, exemplar, mas com protestos. O aluno declarou as imagens que outras pessoas podem ter de São Paulo a partir do contexto brasileiro e do**

**internacional. Ou seja, ele baseia suas representações a partir de contextos diferentes)**

**Stephania:** Eu não gosto de S.P. por causa da poluição, trânsito, aperto nos metros e trens, assaltos, entre outras. Eu gosto por causa de cinema (**Poluição, trânsito, violência, cinema é bom**)

**Wanderson:** Uma imagem mais ou menos porque temos algumas melhorias no transporte, por exemplo, pros ciclistas e outros. mais também temos coisas ruins como insegurança nas ruas como os empregos e outros também (**Transporte melhorou, mas tem insegurança, falta de empregos**)

**Total:** 9 (36%)

**Observação:** Predomínio da representação de “Bom lugar”, junto com as representações de lugar violento e sujo.

#### **8ª A NEGATIVAS**

**Alícia:** Bom hoje em dia Eu vejo São Paulo – com uma cidade que á desigualdade, e injustiça. Porque a muitos roubos, mortes, sem-justificação e falta de emprego e muito preconceito com as classes sociais (**Violência**)

**Denilson:** Por enquanto tenho a imagem de um país corrupto de políticos que gostam de roubar nosso dinheiro e não trazem nenhum benefícios para os paulistas. (**Corrupção**)

**Fabício:** É uma cidade suja, poluída e caótico. (**Suja, poluída e caótica**)

**Frederico:** É muito difícil explicar pois como todo o estado tem coisas boas e ruins mas eu acho uma grande imagem ruim por causa trânsito congestionado, grande número de habitantes de rua, saúde precária e grande numero de assaltos e homicídios (**Violência, trânsito, saúde precária, habitantes de rua**)

**Guilherme:** Eu não gosto de São Paulo Por que tem muitos bandidos nas rua de São Paulo e o bandidos fica roubando as pessoas inocente, e os transporte publico e muito ruim para pega e tem muita poluição. (**Violência, poluição, transporte ruim**)

<b>Horácio:</b> Ruim Pois no estado de São Paulo so acontece coisas ruim nunca acontece coisas boas, e gente matando gente entre outras coisas que acontece. ( <b>Violência</b> )
<b>João:</b> O São paulo muito poluído muito morando de rua muito ...em São paulo e o posto de saúde com atendimento medico ( <b>Poluição, moradores de rua</b> )
<b>Karen:</b> Uma cidade violenta, agitada que não dorme. ( <b>Violência, agitada</b> )
<b>Solange:</b> eu acho que o Estado de São Paulo é um lugar poluído, com muita violência. ( <b>Violência, poluição</b> )
<b>Sueli:</b> Eu acho que o Estado de São Paulo poluído, sujo e imundo ( <b>Poluído, sujo e imundo</b> )
<b>Total:</b> 10 (40%)
<b>Observação:</b> Predomínio das representações de lugar sujo, poluído, violento, com trânsito ruim, corrupto e muitos moradores de rua.

**8ª A  
INDEFINIDAS**

**Joaquim:** Sei lá, nunca procurei saber sobre o meu estado!

**Jonathan:** Sei lá!!!

**Tatiana:** Que é uma cidade aoo de moro

**Total:** 3 (12%)

**8ª B**

**Pergunta 1: Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta.**

**8ª B  
POSITIVAS**

**Antonio:** Eu lembro São Paulo por uma linda imagem que é o pico do Jaragua **(Imagem enquanto paisagem, região geográfica, relação de proximidade)**

**Beatriz:** E um lugar ótimo pra se viver mas também tem seus riscos como qualquer outro lugar, por exemplo roubos, assaltos. Mas não podemos esquecer das nossas culturas, por exemplo o carnaval nossas comidas, um povo amistoso, nossa alegria **(Bom lugar, admite problemas, como violência, mas situa o problema como geral, o que não desmerece São Paulo)**

**Eduarda:** São Paulo é uma cidade grande muito grande mais é grande mesmo com vários pontos turísticos muitos pontos turísticos. SP é uma cidade legal **(Bom lugar)**

**Fernando:** Eu tenho a imagem de um Esta [o aluno escreveu a palavra Estado cortada] grande e bem desenvolvido **(Desenvolvido)**

**Francisca:** São Paulo é uma cidade imensa, cheias de pontos turísticos, movimentado etc... **(Desenvolvido)**

**Jerusa:** A imagem do Estado de São Paulo é um estado que representa diversidade, turismo, representa umas das principais cidades com maior riqueza, uma população bem rica, uma cidade de cultura **(Bom lugar, desenvolvido)**

**Kátia:** A cidade grande, pela qual vem pessoas de outros estados para buscar emprego. **(Desenvolvido)**

**Kauã:** turismo, desenvolvimento escolares **(Desenvolvido)**

**Letícia:** A eu acho bem movimentada, com poluição e talz..... mais tem parques, praias lindas Bom amo SP. **(Bom lugar, desenvolvido, apesar de ter poluição, predomina visão positiva)**

<p><b>Luciana:</b> Por sempre morrar em São Paulo eu amo tudo por a varios pontos turisticos estádios, shopping e pra mim nem um lugar é melhor do que SP. <b>(Bom lugar, desenvolvido)</b></p>
<p><b>Marcos:</b> Pico do Jaragua <b>(Imagem enquanto paisagem, região geográfica, relação de proximidade)</b></p>
<p><b>Mariana:</b> É um estado que você encontra muitas possibilidades de emprego, cultura, lazer. <b>(Bom lugar, desenvolvido)</b></p>
<p><b>Valdir:</b> Pra mim e o corinththian que tem uma historia linda e també tem uma torci gue e uma nação. (Corinthians minha vida.) <b>(Associa ao seu time de futebol)</b></p>
<p><b>Total:</b> 13 (46,42%)</p> <p><b>Observações:</b> Predomínio da representação de “Bom lugar”, “desenvolvido”. A representação “desenvolvido” apareceu nesta turma com força, diferente da outra. Outro dado importante é que, diferente da outra turma, nesta houve o predomínio de representações positivas de São Paulo. A 8ª A pareceu ser mais crítica, apresentando quase que a mesma quantidade de representações mistas (9) e negativas (10), baseadas, principalmente, na imagem de São Paulo como um lugar violento.</p>

<p><b>8ª B</b> <b>MISTAS (COM REPRESENTAÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS)</b></p>
<p><b>Fayal:</b> Por um lado eu tenho um lado bom e o outro ruim por causa das enchentes, poluição. Pico do Jaraguá é um pico grande que tem uma paisagem bonita. <b>(Imagem enquanto paisagem, região geográfica, relação de proximidade, mas poluída e com enchentes)</b></p>
<p><b>Jurandir:</b> A imagem é boa mas, o que acontece em hoje em dia não é muito bom <b>(Bom lugar, mas com violência)</b></p>
<p><b>Paula:</b> Um Estado bem movimentado com fabricas e muitas poluição. <b>(Desenvolvido mas com poluição)</b></p>
<p><b>Renata:</b> Uma imagens de muito transtorno e muito investimento <b>(Desenvolvido, mas com muito transtorno)</b></p>

**Rodrigo:** A imagem é boa mais o que está acontecendo hoje em dia não é boa. **(Bom lugar, desenvolvido, mas com coisas ruins acontecendo, provavelmente relacionadas à violência)**

**Total:** 5 (17,85%)

**Observações:** Predomínio da representação de “Bom lugar”, junto com as representações de lugar violento e poluído.

### **8ª B NEGATIVAS**

**Daniela:** É um Estado que contém um número alto de população, por esse fato deveria ter menos violência, mais humanidade entre as pessoas. **(Violência)**

**Davi:** Eu acho que o estado de São Paulo não é muito bom, por ter muita atividade de traficantes e bandidos e isso influencia a cabeça das crianças e dos jovens de São Paulo. **(Violência)**

**Dênis:** Para mim a imagem de São Paulo é uma bosta. **(Sem definição)**

**Giovana:** Uma cidade muito violenta **(Violência)**

**Leandro:** Eu acho que ele é um estado grande tem muita violência em alguns lugares e precisa de melhorias. **(Violência)**

**Marcelo:** Um lugar até que sujo e feio. Porém algumas pessoas (algumas) se destacam e fazem ela parecer moderna **(Poluído, sujo)**

**Marisa:** Uma bosta, por que ninguém tem respeito com a própria moradia. **(Sem definição)**

**Plínio:** Bem... eu acho a cidade de São Paulo uma cidade média, tipo meio a meio.. tem seus lados ruins e seus lados bons. O lado ruim é como sempre o excesso de violência e a roubalheira, de políticos que não nem ai para você e de pouco

investimento em saúde para colocar em estádios... E o lado bom, o pouco lado bom, é que... na verdade, não tem lado bom... ( <b>Violência</b> )
<b>Yago:</b> Uma bosta, tem poucas possibilidade de emprego, pra você sobreviver aqui tem que ter mais de 2 pessoas trabalhando em casa e nem isso as vezes ( <b>Pouco emprego</b> )
<b>Total:</b> 9 (32,14%) <b>Observação:</b> Predomínio da representação de lugar violento.

<b>8ª B</b> <b>INDEFINIDAS</b>
<b>Cleyton:</b> Não tenho imagem do estado de São Paulo.
<b>Total:</b> 1 (3,57%)

Na questão anterior, os alunos foram instados a revelar suas representações sobre São Paulo. O resultado é que os jovens formularam suas respostas a partir de representações relacionadas ao seu cotidiano, ou seja, em uma relação de proximidade, com ligeiro predomínio das representações negativas. Conforme pudemos observar, São Paulo como um lugar violento foi a representação predominante, em sintonia com a realidade dos bairros de origem da maioria dos alunos, o que significa que eles manifestaram uma visão quase sinônima entre a cidade (São Paulo) e o bairro onde moram. Isso porque a questão se referia ao Estado de São Paulo. A maioria dos jovens se referiu à cidade de São Paulo por não ter o conhecimento traduzido em vivência de outras regiões do Estado.

Na segunda questão, mudamos o referencial. Os estudantes foram estimulados a revelar suas representações do Estado de São Paulo com relação à sua importância para o País: O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê?

As respostas revelaram, na maior parte dos casos, mudanças no posicionamento dos alunos que tinham manifestado representações negativas, substituída por

representações positivas do Estado, com destaque para o desenvolvimento econômico e riqueza de São Paulo, bem como sua abertura para receber povos de diferentes origens. No geral, revelaram a visão/representação do Estado-locomotiva (mais rico, dinâmico do país), ainda presente, portanto, na concepção de identidade paulista.

Falamos do Estado pelo fato de, aqui, ao fornecermos um referencial mais amplo, no caso o País, os alunos saíram de uma relação proximal/cotidiana com o objeto da questão – traduzida na referência à cidade de São Paulo e não ao Estado, na maioria das respostas – revelando outras visões/representações de São Paulo.

A maioria dos alunos apresentaram imagens positivas do Estado de São Paulo. Mas, o mais interessante é que estas representações, na maior parte dos casos, são vinculadas à imagem do *Estado-locomotiva* presente, ainda, portanto, no imaginário da identidade paulista e presente no capítulo selecionado da obra lobatiana para essa etapa da pesquisa.

Segundo Lee (2006, p. 137):

Quais idéias os alunos trazem para a história? As pessoas quase sempre assumem que a história é uma matéria de ‘senso comum’ sem as abstrações encontradas em ciências ou matemática. Esse pode ser um ponto de vista profundamente equivocado. Se observarmos as respostas dos alunos para uma ampla variedade de questões de pesquisa em uma gama considerável de circunstâncias, encontramos uma série de idéias básicas.

Quando analisamos as respostas da pergunta dois e encontramos como idéia central a imagem de São Paulo como Estado-locomotiva da nação comprovamos algo que Lee não considerou: ao mudar o referencial da questão obtivemos outras tipologias de respostas, não apenas “uma série de idéias básicas” como o historiador inglês frisou, mas novas representações, elaboradas e mais amplas, conforme o próprio referencial dado, o qual funciona como ponto de apoio ou partida para a reflexão dos alunos.

A mudança no padrão de respostas dos alunos, a partir de um novo estímulo, evidencia a forma como as representações sociais estão presentes no repertório dos estudantes, que as utilizam e as modificam constantemente, reelaborando-as e, em última instância, construindo novos conhecimentos.

De acordo com Moscovici (2003, p. 216):

(...) representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um ‘referencial de um pensamento preexistente’;



sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis. Esse processo de troca e composição de idéias é sobretudo necessário, pois ele responde às duplas exigências dos indivíduos e das coletividades. Por um lado, para construir sistemas de pensamento e compreensão e, por outro lado, para adotar visões consensuais de ação que lhes permitem manter um vínculo social, até mesmo a continuidade da comunicação da idéia.

Para Moscovici, as representações sociais são dinâmicas<sup>27</sup>, pois as pessoas as modificam ao longo do tempo a partir de suas experiências sociais, sejam elas macro (institucionais, por exemplo) ou microculturais (familiares, com grupos de amigos, entre outras). De acordo com ele, as representações são instrumentos para a compreensão da realidade (ao mesmo tempo em que a cria, assim como ao senso comum).<sup>28</sup>

### 8ª A

**Pergunta 2: O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê?**

### 8ª A SIM

**Alícia:** Bom eu axo que sim, por que São Paulo alem de ser um ponto turístico é mais aberto as raças. (MUDOU) (LIBERDADE)

**Brandon:** Sim. Porque o estado de São Paulo é onde tem mais população e é mais rica. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)

<sup>27</sup> MOSCOVICI, Serge. Op. cit., 2003.

<sup>28</sup> MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org.). As representações sociais. Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Eduerj), Rio de Janeiro, 2001, p. 49.

<p><b>Bruna:</b> Apesar de todas as desgraças que acontece, eu acho que sim porque além dele ser “famoso” é o estado que tem mais evoluções <b>(MANTEVE) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Denilson:</b> Sim. Porque na maioria das vezes as coisas, negócios e obras que trazem benefícios para o Brasil acontecem aqui em São Paulo, até mesmo porque a presidenta da républica Dilma Roussef, vive aqui na maioria das vezes. <b>(MUDOU) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Fabício:</b> Ele é o Estado quemais produz dinheiro ao Brasil. <b>(MUDOU) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Frederico:</b> Sim pois é a base da economia do brasil tem uma grande pubico de empregos tem um dos maiores transportes do brasil como por exemplo: trens, metro, ônibus e peruas <b>(MANTEVE, pois esclareceu o lado bom, não descrito na resposta da primeira questão) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Guilherme:</b> Eu acho os Esportes para as crianças de São Paulo e para os adutos tamem. <b>(MUDOU) (Esportes para a população)</b></p>
<p><b>João:</b> porque tem muita pessoas onentas [entendemos honestas] <b>(MUDOU) (Pessoas honestas)</b></p>
<p><b>Karen:</b> Sim <b>(MUDOU)</b></p>
<p><b>Lair:</b> o Estado de São Paulo é importante para o Brasil porque eu cresci em são paulo é bom de si viver varias cois lugares pra ir <b>(MUDOU) (Tem vários lugares para ir)</b></p>
<p><b>Leonel:</b> O crescimento populacional de imigrantes quando havia guerras e crises economicas em outros países. <b>(MANTEVE) (Abrigo para imigrantes)</b></p>
<p><b>Margarida:</b> Sim acho muito importante, São Paulo tem grande concentração de agricultura, produtos e etc... <b>(MANTEVE) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Murilo:</b> Sim, por ser uma das maiores do brasil, Isso no esporte, infraestrutura, desenvolvimento, entre outros. <b>(MANTEVE) (Estado-locomotiva)</b></p>
<p><b>Nicole:</b> Sim porque em São Paulo tem mais pessoas. <b>(MANTEVE) (Estado-locomotiva)</b></p>

<b>Nivaldo:</b> Sim, a cidade que produz roupa e outros produtos importandos, respeito no transito e etc. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Rogério:</b> É por quê eu gosto do são Paulo foi na onde eu nasci eu não abandono (MANTEVE)
<b>Stephania:</b> Sim, porcausa do grande desenvolvimento (MUDOU) (Estado-locomotiva)
<b>Tatiana:</b> Sim porque tem muitas coisas (MANTEVE)
<b>Thiago:</b> Sim, são Paulo é importante para o Brasil porque é uma das maiores cidades do pais, que tem mais exportações e faz mais exportação de produtos. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Wanderson:</b> Sim, porque e o maior estado do Brasil temos a população e um dos bons lugares vistos para o brasil todo como coisas de emprego e tal (MUDOU) (Estado-locomotiva)
<b>Total:</b> 20 (80%)

<b>8ª A NÃO</b>
<b>Horácio:</b> Mais ou menos pois ne São Paulo so acontece desgraça em São Paulo não acontece nada que preste então São Paulo não e importante para o Brasil. (MANTEVE)
<b>Solange:</b> não (MANTEVE)
<b>Sueli:</b> Eu acho que o Estado de São Paulo têm muitas violencias. (MANTEVE)
<b>Total:</b> 3 (12%)

**8ª A**  
**INDEFINIDAS**

**Joaquim:** Sei não [aluno desenhou ao lado uma carinha com dois olhinhos e um sorriso]

**Jonathan:** A não sei vai saber!

**Total:** 2 (8%)

**8ª B**

**Pergunta 2: O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê?**

**8ª B**  
**SIM**

**Antonio:** Sim o Estado de São Paulo é importante por que esse estado é importante para mim (MANTEVE) (Importante para ele)

**Beatriz:** Sim, porque São Paulo é um estado que tem muitas oportunidades de emprego e tem muitas culturas e lazeres. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)

**Daniela:** Sim porque em São Paulo localiza-se grandes indústrias de comércio, tem uma população grande. (MUDOU) (Estado-locomotiva)

**Davi:** O Estado de São Paulo é importante para a economia do Brasil por ser a cidade com mais movimento de pessoas de todo o Brasil que vem aprender empregos em São Paulo. (MUDOU) (Estado-locomotiva)

**Eduarda:** Sim, porque São Paulo é uma cidade grande onde tem muitos lugares legais aonde várias pessoas vão de todos os lugares. (MANTEVE) (Cidade grande)

<b>Fayal:</b> Sim. Por quê é um estado que tem muitas, industrias é um estado é muito grande e importante. (MUDOU) (Estado-locomotiva)
<b>Fernando:</b> Sim. Porque é um Estado onde possui um grande numero de pessoas e por que tem muitas oportuidades de trabalho (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Francisca:</b> Sim, pois São Paulo é uma cidade grande onde se localiza vários lugares onde pessoas de outros estados até mesmo de outros países vem em busca de lugares, itens , etc... que não há na sua cidade natal (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Giovana:</b> Sim, claro! (MUDOU)
<b>Jerusa:</b> Sim ele é importante, porque é um dos principais meios econômicos que gera mais lucros para o Brasil. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Jurandir:</b> É por que ele é Estado desenvolvido (MANTEVE. Como o aluno apresentou uma imagem mista anteriormente, ou seja com elementos positivos e negativos, agora predominou a representação positiva de São Paulo, diante de um novo parâmetro, que é em relação ao Brasil) (Estado-locomotiva)
<b>Kauã:</b> Sim, porque tem muitas impresas meios de transporte, turismo, hospitais (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Leandro:</b> Sim, é um estado que caracteriza muito o Brasil. (MANTEVE)
<b>Letícia:</b> Por que é onde você pode ficar livre. (MANTEVE a positividade sobre São Paulo, mas, aqui, aparece a representação de uma terra de “Liberdade”)
<b>Luciana:</b> R – Sim, Porque sinão tivesse estado de São Paulo não haveria O Brasil. (MANTEVE) (Estado-locomotiva)
<b>Marcos:</b> Sim! porque em SP tem muitos empregos (MUDOU) (Estado-locomotiva)

<b>Mariana:</b> Sim, tem boas oportunidades de emprego e muito mais <b>(MANTEVE)</b> <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Paula:</b> Sim, Porque como outros Estados aqui também tem fabricas importantes. <b>(MUDOU)</b>
<b>Plínio:</b> Por mais de ruim que seja, eu acho muito importante mas só por motivos de moradia e nada mais. <b>(MUDOU)</b>
<b>Renata:</b> Sim por que São Paulo indentifica o Brasil uma cidade movimentada e trabalhadora <b>(MUDOU)</b> <b>(Estado-locomotiva, ainda que se refira a São Paulo como uma cidade)</b>
<b>Rodrigo:</b> Por que estado desenvolvido. <b>(MANTEVE)</b> <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Valdir:</b> Sim por que e uma cidade gue si dizolve e etc. <b>(MUDOU)</b> <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Total:</b> 22 (82,14%)

**8ª B**  
**NÃO**

**Dênis:** não, porque num serve pra Bosta nenhuma. **(MANTEVE)**

**Kátia:** Não, pois por exemplo, tudo que o RJ tem São Paulo tem **(MUDOU, destoando da resposta à primeira questão, que atribuiu à São Paulo uma visão positiva, de lugar de muitos empregos para as pessoas)**

**Marcelo:** Acho que meio a meio, pois ela tem uma das “maiores” taxas de economia, mas se não tivesse São Paulo, outro estado seria (ou até melhor) uma espécie de São Paulo **(MANTEVE)**

**Marisa:** Seria se todo colaborasse porque se fosse depender dos politico corruptos nós estaríamos na merda como hoje. **(MANTEVE)**

<b>Yago:</b> Não, porque a maioria das pessoas são de classe alta. (MANTEVE)
<b>Total:</b> 5 (17,85%)

<b>8ª B</b> <b>INDEFINIDAS</b>
<b>Cleyton:</b> O estado populacional. (MANTEVE)
<b>TOTAL:</b> 1 (3,57%)

Ao classificarmos as representações (usamos, para isso, tipologias) dos alunos por meio da análise de suas respostas à terceira questão – Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos – chama a atenção o fato da maior parte dos estudantes de ambas as turmas não ter conseguido manifestar representações válidas dos paulistas, o que nos levou a classificar suas respostas como Indefinidas – na 8ª A foram 14 (56%) e, na 8ª B, 15 (53,57%). Manifestações – protestos que ocorreram em São Paulo no ano de 2013 –, representações geográficas – Pico do Jaraguá, Pão de Açúcar (que sequer fica em São Paulo) – e futebol foram algumas das respostas, as quais, nem de longe, são características dos paulistas, o que evidencia uma crise de identidade, talvez, causada pela rapidez com que os jovens têm acesso às informações (em excesso, também), o que pode ser que esteja impedindo a sua devida incorporação à memória.

A memória, acionada pela nossa consciência histórica, é capaz de nos situar no tempo a partir da estruturação de nosso pensamento histórico, desde que façamos a relação de continuidade com o passado, o que resulta, em última instância, na criação de nossa identidade, base fundamental para que os seres humanos consigam se situar adequadamente no tempo presente e possam estabelecer expectativas com relação ao

tempo futuro.<sup>29</sup> Como veremos adiante, os jovens foram capazes de estabelecer sentido de continuidade com relação ao passado do Estado de São Paulo, mas não com relação a si próprios na condição de paulistas.

Além das Indefinidas, classificamos as respostas em conjuntos de Positivas, Negativas e Mistas. Dentro destes conjuntos, apareceram representações dos paulistas como um povo lutador, trabalhador, alegre e educado (nas Positivas e Mistas).

Há duas respostas classificadas como Negativas, na 8ª A, que também poderiam entrar na categoria de Indefinidas, pois não há característica do paulista manifestada em ambas respostas: “São marcados por trânsitos, avenidas, prédios, favelas, ricos e pobres, acidentes, governo péssimo e deputados corruptos” (Bruna); “Na minha opinião as características que mais marcam aqui em São Paulo são: trânsito, intolerância, falta de respeito, corrupção, e etc.” (Denilson).

Na 8ª B, não encontramos nenhuma resposta de natureza mista, bem como foi a sala onde obtivemos a maior quantidade de representações positivas (9 ou 32,14%). Por sua vez, na 8ª A foram apenas 4 (16%). Pelo fato de cada turma ter a sua própria teia de relações ou microcultura<sup>30</sup> interna seria interessante realizar estudos que se dediquem a analisar como a influência desses elementos do grupo, normalmente difíceis de identificar (passar do plano abstrato para o real), impactam seus processos de construção do conhecimento histórico.

### 8ª A

**Pergunta 3: Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos.**

<sup>29</sup> Para ler mais sobre o processo de formação da identidade pelos seres humanos, ver: RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da História: Fundamentos da Ciência Histórica*. Brasília, Editora da UnB, 2001, p. 53-67; e RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. SCHMIDT, M.A., BARCA, I. e MARTINS, E. de R. (orgs.). Editora UFPR/Universidade do Minho (Instituto de Educação). Curitiba, 2010, p. 96-97.

<sup>30</sup> Mais informações sobre o conceito de microcultura em: ERICKSON, Frederick. *Metodos cualitativos de investigacion sobre la enseñanza*. In: WITTROCK, M. C. (org.). *La investigacion de la enseñanza, II. Métodos cualitativos y de observacion*. Barcelona, Ediciones Paidós, 1989.



<b>8ª A POSITIVAS</b>
<b>Alícia:</b> Ser trabalhadores esforçados, e muitos esquentado. Com as desigualdade Ex: almento de passagem. os paulistanos fizeram um protesto pra baixar á trafifo. <b>(TRABALHADORES)</b>
<b>Fabrício:</b> Bonitos, espertos, trabalhadores... <b>(TRABALHADORES)</b>
<b>Solange:</b> Guerreiros, trabalhadores, torcedores. <b>(TRABALHADORES)</b>
<b>Sueli:</b> Os trabalhadores <b>(TRABALHADORES)</b>
<b>Total:</b> 4 (16%)

<b>8ª A NEGATIVAS</b>
<b>Bruna:</b> São marcados por trânsitos, avenidas, prédios, favelas, ricos e pobres, acidentes, governo péssimo e deputados corruptos. <b>(Apesar de termos classificado esta como negativa, também poderia ter sido classificada como INDEFINIDA, pois não há característica do paulista manifestada nesta resposta)</b>
<b>Denilson:</b> Na minha opinião as características que mais marcam aqui em São Paulo são: trânsito, intolerância, falta de respeito, corrupção, e etc. <b>(Apesar de termos classificado esta como negativa, também poderia ter sido classificada como INDEFINIDA, pois não há característica do paulista manifestada nesta resposta)</b>
<b>Horácio:</b> Come de mais, mentir, Brincalhar de mais, alguns tem cultura etc. <b>(GULOSOS, MENTIROCOS, BRINCALHÕES DEMAIS, ALGUNS CULTOS)</b>
<b>Margarida:</b> São testemunhar erros dos outros e não olhar pra ti, discutir a toa. Ter preço pra fazer tudo e começar a fazer algo e não terminar. <b>(BRIGUENTOS, INTERESSEIROS E PREGUIÇOSOS)</b>
<b>Thiago:</b> Talvez possa ser a ganancia, bastante pessoas só pensam em dinheiro etc... <b>(GANANCIOSOS)</b>

<b>Total: 5 (20%)</b>

<b>8ª A MISTAS</b>
<b>Brandon:</b> O transito insuportável e a poluição e a riqueza
<b>Frederico:</b> Malefícios: transico congestionado, moradia irregular, saúde precária, transporte publico precário, grande numero de assalto, grande número de acidentes, grande numero de habitantes na rua (mendingos). Benefícios: tem um grande publico de trabalho, é a base da economia do brasil.
<b>Observação:</b> O aluno respondeu por tópicos ou itens desenhando uma tabela em que colocou Malefícios de um lado e Benefícios do outro. Além disso, predomina a percepção do paulista como TRABALHADOR.
<b>Total: 2 (8%)</b>

<b>8ª A INDEFINIDAS</b>
<b>Guilherme:</b> lugares bom para ....
<b>Joaquim:</b> Futebol.
<b>João:</b> O protestos que teve em são Paulo e o massacre no caradiru
<b>Jonathan:</b> O futebol principalmente!
<b>Karen:</b> As pessoas são muito diferentes, é uma mistura.
<b>Lair:</b> o futebol o Corinthians, o brasil com a vitória dele e o Corinthians fortalecendo acada dia mais

<b>Leonel:</b> A greve dos 20 centavos no estado e em muitos lugares do Brasil. Foi bom para uma certa melhoria no país não só no estado de SP
<b>Murilo:</b> Para mim o esporte ou seja o futebol, os protestos por ter lugares bom para passear.
<b>Nicole:</b> Pico do Jaraguá, Pão de açúcar.
<b>Nivaldo:</b> De protesto e onibus e lotacao lotadostodos os dias, no protesto teve muito massacre ao patrimonio publico.
<b>Rogério:</b> Mais marcante e o jogos do corinthians que eu assitu todos jogos do timão
<b>Stephania:</b> o futebol principalmente o Corinthians rs
<b>Tatiana:</b> Pico do Jaragua, Pão de açúcar.
<b>Wanderson:</b> Gotam de Futebol, são de ir pra balada e etc.
<b>Total:</b> 14 (56%)

### 8ª B

**Pergunta 3. Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos.**

**8ª B  
POSITIVAS**

<b>Beatriz:</b> Os paulistas são amigáveis, bonitos, simpáticos e muito mais. <b>(AMIGÁVEIS, BONITOS E SIMPÁTICOS)</b>
<b>Davi:</b> Bom, umas das características e chamam biscoito de bolacha e por serem pessoas de bom com a vida <b>(BEM HUMORADOS)</b>
<b>Eduarda:</b> Sim. Porque a gente é legal <b>(LEGAL)</b>
<b>Fayal:</b> Ser, alegre, um povo que luta pelo que quer, e etc... <b>(ALEGRE, LUTADOR)</b>
<b>Francisca:</b> Nós paulistanos somos educados, atenciosos etc... <b>(EDUCADOS)</b>
<b>Letícia:</b> O Bom Humor e Humildade <b>(BEM HUMORADOS E HUMILDES)</b>
<b>Marcos:</b> A simpatia, a alegria <b>(SIMPÁTICOS E ALEGRES)</b>
<b>Valdir:</b> O povo Brasileiro tem simpatia [simpatia] e muita alegria. Uma cidade acelerado, que não para. Um povo agitado, que corre no ritmo do Relógio. <b>(SIMPÁTICOS, AGITADOS, NO SENTIDO DE TRABALHADORES)</b>
<b>Yago:</b> trabalhos. <b>(TRABALHADORES)</b>
<b>Total:</b> 9 (32,14%)

**8ª B  
NEGATIVAS**

<b>Dênis:</b> fala muiiiitooo! <b>(FALANTES)</b>
<b>Renata:</b> O jeito de falar e agir sem pensar <b>(FALANTES, AGEM SEM PENSAR)</b>
<b>Total:</b> 2 (7,14%)

**8ª B**  
**INDEFINIDAS**

**Antonio:** As características mais marcante pra mim é a inchente.

**Cleyton:** São os lugares turisticos.

**Daniela:** O jeito que fala, as comida típicas.

**Fernando:** São os lugares turísticos onde são muitos estrangeiros e um deles é o bairro da Liberdade

**Giovana:** Varias coisas posha

**Jerusa:** As características mais importantes, é o samba paulista, que é destacado no mundo inteiro, suas comidas típicas.

**Jurandir:** São os Pontos Turísticos

**Kauã:** postos, escolas, prédios etc...

**Leandro:** É uma população única

**Luciana:** Ser bem recebidos,

**Marcelo:** Que ele é um pouco de tudo, e mesmo assim tem suas diferenças

**Marisa:** Tem muitas boas e ruins; mas é tudo que temos e vamos ter que asseitar.

**Paula:** Não sei bem dizer, porque para cada Paulista, mais São Paulo tem muitos lugares como campos de futebol museus e shopping são muitos marcantes deixa o estado mais movimentado até.

**Plínio:** O futebol, horrível política e o péssimo investimento em saúde.

<b>Rodrigo:</b> Os pontos turísticos
<b>Total:</b> 15 (53,57%)

<b>8ª B</b> <b>NÃO RESPONDEU</b>
<b>Kátia:</b> aluna não respondeu
<b>Mariana:</b> a aluna não respondeu
<b>Total:</b> 2 (7,14%)

### **Estado-locomotiva**

Na segunda etapa da atividade, cada aluno recebeu três páginas do texto reproduzidas a partir da edição original para responder mais três perguntas: 1. Ao ler o capítulo “São Paulo” do livro *Geografia de D. Benta*, de Monteiro Lobato, qual é a visão do autor sobre o Estado de São Paulo? 2. Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê? 3. Por que o autor chama São Paulo de “Estado-locomotiva”?

A análise das respostas à essa questão mostra os alunos descrevendo as representações de Lobato sobre São Paulo, no caso, positivas, e pautadas pela ideia do Estado-locomotiva (representada por classificações como rica, que puxa os outros estados, moderna, entre outras).

Apenas um aluno, Dênis (da 8ª B), negou a realidade, ao escrever que a visão de Lobato é a de “Que São Paulo é zoado”. E uma aluna, Giovana, questionou o autor, ao afirmar: “Ele passa uma visão que não é muito realista epa”. Como é possível perceber, os alunos rejeitam a visão lobatiana sobre São Paulo, como se a mesma fosse uma fraude, usando, inclusive, uma interjeição de incredulidade (“epa”) para fortalecer sua opinião, contrária. Segundo Lee (2006, p. 145): “(...) Os alunos que nunca vão além das

concepções do senso comum da história acharão mais fácil aceitar versões prontas do passado, ou alternativamente rejeitar todo o empreendimento como inerentemente fraudulento.”

A primeira pergunta desse bloco serviu para estimular a interpretação dos alunos do texto selecionado, localizando a visão de Lobato sobre São Paulo, como passo fundamental para medirmos, posteriormente, se a obra produziria mudanças em seu conjunto de representações e, em última instância, em seus conhecimentos históricos, o que ocorreu.

Ainda, com relação a essa questão, a maioria de ambas as turmas conseguiu perceber, ou seja, interpretar corretamente que Lobato tinha uma visão positiva sobre São Paulo. Na 8ª A foram 19 (76%) e na B 26 (92,85%), ou seja, no segundo caso, quase a totalidade da turma.

Alguns ficaram surpresos com o que leram: “É uma visão muito interessante pois mostra as coisas boas da grande cidade de São Paulo. E uma visão muito legal pois mostra grande ideias de São Paulo”. (Frederico, 8ª A) Outros atribuíram características que nem foram descritas pelo autor, caso de Marcelo (8ª B), que considerou São Paulo como um pólo distribuidor de tecnologia, característica atual do Estado, mas não na época do autor: “Ele acha São Paulo o maior distribuidor de tecnologia do Brasil e que ela é Bonita.” É perceptível que o aluno relacionou a produção de itens industrializados com a distribuição de tecnologia, situação mais próxima da atualidade, apesar de boa parte da tecnologia continuar sendo importada.

É perceptível em duas respostas que os alunos reforçam a posição do escritor enquanto “testemunha ocular da História”: “Sim, por que ele é realista e sincero.” (Eduarda, 8ª B); “Ele tem até uma visão boa e prazerosa, até porque a São Paulo do tempo dele, é melhor que a São Paulo de hoje.” (Plínio, 8ª B)

Para eles, além de ter vivenciado uma São Paulo de outrora, Lobato deixou registrado o que viu. E, pelo fato de estar escrito, é considerado “verdade”, como já identificamos anteriormente. Ainda que seja uma obra literária – sem pretensão historiográfica –, esse fenômeno foi observado por Rosalyn Ashby em algumas de suas pesquisas de campo com jovens estudantes ingleses.

Outras respostas sobre os tipos de fontes necessárias foram mais explícitas, e ‘fontes de época’ foram frequentemente vistas como as de maior credibilidade. No entanto, essas fontes que são referidas como ‘de época’ parecem estar sendo usadas como testemunhas oculares,

esteja ou não a fonte de época afirmando ser testemunha do evento que está descrevendo. Há uma grande evidência a partir dos dados, sugerindo que os alunos que usaram 'de época', o fizeram com precisão limitada sobre o que uma 'fonte de época' é capaz de sustentar. (ASHBY, 2006, p. 164)

### 8ª A

**Pergunta 1: Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Geografia de D. Benta*, de Monteiro Lobato, qual é a visão do autor sobre o Estado de São Paulo?**

### 8ª A POSITIVAS

**Alicia:** A visão é que São Paulo é rica em exportação é muito boa em turismo e é bela  
(**Estado-locomotiva**)

**Brandon:** Que é uma capital que é bom de ser morar e o porto de Santo é muito belo  
(**Bom lugar**)

**Bruna:** É que SP teve muitas evoluções (**Evoluído**)

**Denilson:** A visão acha é que São Paulo é um Estado que leva o outro. E nós temos vários recursos para modernizarmos o Brasil. Ele entra em concordância que São Paulo é o Estado quem puxa todos os outros. (**Estado-locomotiva**)

**Fabício:** A locomotiva do Brasil, a primeira capital do Brasil (**Estado-locomotiva**)

**Observação:** O aluno confundiu a condição de capital estadual da cidade de São Paulo como se a mesma tivesse sido a primeira capital do Brasil, associando a liderança econômica ao passado de primeira capital.

**Frederico:** É uma visão muito interessante pois mostra as coisas boas da grande cidade de São Paulo. E uma visão muito legal pois mostra grande ideias de São Paulo (**Visão boa de São Paulo**)



<b>Horácio:</b> Uma visão boa. ( <b>Visão boa de São Paulo</b> )
<b>Karen:</b> Uma cidade grande, com muitas coisas, referencias pontos turiscos e cidades ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Lair:</b> a visão é que é cidade grande tem mercadorias ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Leonel:</b> Que muitas coisas acontecem no estado de São Paulo e que ele (o estado) é muito importante ( <b>Importante</b> )
<b>Margarida:</b> A visão do autor é positiva, ele explica que São Paulo é uma cidade dinamica produtiva e etc... ( <b>Dinâmica, produtiva</b> )
<b>Murilo:</b> Que é um ótimo estado que tem seus bom clima, uma boa agricultura, industria, entre outros. ( <b>Ótimo estado</b> )
<b>Nicole:</b> uma cidade agitada grande. ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Nivaldo:</b> Muitos pontos de vista, é lugares importantes. ( <b>Importante</b> )
<b>Rogério:</b> Que ela falo a verdade ( <b>Autor falou a verdade</b> )  <b>Observação:</b> Aluno atribui ao que está escrito o status de verdade absoluta, porém sem dizer o que é essa verdade.
<b>Solange:</b> uma cidade grande ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Stephania:</b> A visão é que São Paulo é uma cidade grande, com muitas coisas e tem muitas referencia ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Tatiana:</b> uma cidade agitada grande. ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Thiago:</b> Que o estado é grande comparado doutros em desenvolvimento, que importa e exporta muito. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Total:</b> 19 (76%)

**8ª A**  
**INDEFINIDAS**

**Guilherme:** Ele fala sobre as coisa que aconteceria sobre São Paulo.

**Joaquim:** Não, prestei atenção. ( **O aluno desenhou ao lado uma carinha com dois olhinhos e um sorriso**)

**João:** ele fala sobre o acontece em São paulo

**Sueli:** Essa cidade é mesmo santos.

**Wanderson:** não sei lhe responder

**Total:** 5 (20%)

**8ª A**  
**NÃO RESPONDEU**

**Jonathan:** aluno não respondeu

**Total:** 1 (4%)

**8ª B**

**Pergunta 1:** Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Geografia de D. Benta*, de Monteiro Lobato, qual é a visão do autor sobre o Estado de São Paulo?

<b>8ª B POSITIVA</b>
<b>Antonio:</b> A visão do Estado de São Paulo é a imagem de São Paulo bonita ( <b>Bonito</b> )
<b>Beatriz:</b> É um estado desenvolvido. ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Cleyton:</b> O estado desenvolvido ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Daniela:</b> Estado de grandes indústrias. ( <b>Industrializado</b> )
<b>Davi:</b> É uma visão boa por São Paulo ser uma grande cidade e ter o ponto de eventos ( <b>Cidade grande</b> )
<b>Eduarda:</b> Sim, por que ele é realista e sincero. ( <b>Não definiu a visão de Lobato</b> )
<b>Fayal:</b> A visão de que parecer ser uma visão boa do Estado de São Paulo. ( <b>Visão boa de São Paulo</b> )
<b>Fernando:</b> Sua visão é um estado desenvolvido o mais do Brasil ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Francisca:</b> Ele se expressa com os personagens dizendo o que ele pensa de SP ( <b>Não definiu a visão de Lobato</b> )
<b>Jerusa:</b> Um estado distribuído, que distribui suas mercadorias para outro estado. Um estado importante para o país ( <b>Importante</b> )
<b>Jurandir:</b> Sua visão é um Estado muito desenvolvido ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Kátia:</b> A visão do autor é que o estado de São Paulo tem muitas indústrias, muita agricultura, em fim o mais desenvolvido. ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Kauã:</b> que era muito bem desenvolvido ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Leandro:</b> Uma visão de uma cidade muito grande com muita população de estrangeiros. ( <b>Cidade grande</b> )

<b>Letícia:</b> Que a cidade é Bem movimentada e agitada ( <b>Cidade agitada</b> )
<b>Luciana:</b> A muitas pessoas com estilo diferente, Há coisas diferente e bem legais, fala sobre comida o petróleo e etc. ( <b>Legal</b> )
<b>Marcelo:</b> Ele acha São Paulo o maior distribuidor de tecnologia do Brasil e que ela é Bonita. ( <b>Distribuidor de tecnologia</b> )
<b>Marcos:</b> que o Estado de São Paulo é um Estado lotado de fabricas, ou seja um Estado industrial ( <b>Industrializado</b> )
<b>Mariana:</b> Que é um estado muito bem desenvolvido. ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Marisa:</b> Um Estado de muitas Riquezas. ( <b>Rico</b> )
<b>Paula:</b> Sim São Paulo, Podemos dizer que é a porta de entrada e saída para toda espécie de mercadorias. ( <b>Comércio</b> )
<b>Plínio:</b> Ele tem até uma visão boa e prazerosa, até porque a São Paulo do tempo dele, é melhor que a São Paulo de hoje. ( <b>Visão boa de São Paulo</b> )
<b>Renata:</b> Um Estado que produz muito. ( <b>Produtivo</b> )
<b>Rodrigo:</b> Sua visão é um estado desenvolvido ( <b>Desenvolvido</b> )
<b>Valdir:</b> Ele tem uma visão muito boa, ele fala em varias coisas. ( <b>Visão boa de São Paulo</b> )
<b>Yago:</b> Que São Paulo e mil maravilhas. ( <b>Visão boa de São Paulo</b> )
<b>TOTAL:</b> 26 (92,85%)

--

<b>8ª B</b> <b>NEGATIVA</b>
<b>Dênis:</b> Que São Paulo é zoado.
<b>Giovana:</b> Ele passa uma visão que não é muito realista epa.
<b>TOTAL:</b> 2 (7,14%)

A análise das respostas à esta questão comprova a hipótese de que a literatura é capaz de produzir mudanças no conjunto de representações das pessoas, no caso, jovens estudantes, e, portanto, em seu conjunto de conhecimentos, notadamente ao compararmos as respostas às questões 1 e 2 do Primeiro Bloco, quando perguntamos qual era a imagem do Estado de São Paulo (questão 1) e, posteriormente, se o mesmo era importante para o Brasil (questão 2).

Conforme descrito anteriormente, a mudança de referencial permitiu a alteração ou, no mínimo, a manifestação de representações diferentes sobre São Paulo, dado que os pontos de partida ou referência dos jovens foram modificados – as respostas da questão 1 se basearam, principalmente, na relação proximal ou cotidiana deles com a cidade enquanto que nas respostas à questão 2 os jovens relacionaram ou consideraram São Paulo em um contexto mais amplo, que é o Brasil.

No caso das respostas à questão 2 do Segundo Bloco, os alunos foram instados a dizer se concordavam ou não com a visão do autor sobre São Paulo, notadamente uma visão positiva. Conforme já dito, a maioria de ambas as turmas manifestaram visões positivas e, na segunda parte da questão (Por que?), reproduziram a argumentação do autor (por termos muita riqueza, indústrias e empregos, ou seja, a visão da locomotiva) ou simplesmente consideraram o que leram (o que está escrito) como verdade, em uma concepção de que o que está escrito é documento e documento, incluindo literatura, não se questiona.

Alguns ainda manifestaram a concepção de que o escritor seria uma testemunha do passado, pois ele “conta” como era São Paulo, a qual ainda continua como era no passado em termos de liderança econômica nacional. Ou seja, os alunos foram capazes de estabelecer um sentido de continuidade, como forma de se situarem no tempo.

Segundo Rüsen (2010, p. 96-97), a especificidade da narrativa histórica ocorre pelo fato da mesma ter três qualidades<sup>31</sup> que se relacionam sistematicamente.

Uma narrativa histórica serve para estabelecer a identidade de seus autores e ouvintes. Essa função determina se um conceito de continuidade é plausível ou não. Este conceito de continuidade deve ser capaz de convencer os ouvintes de suas próprias permanência e estabilidade na mudança temporal de seu mundo e de si mesmos. Por estas três qualidades, a narrativa histórica possibilita a orientação da vida prática no tempo – uma orientação sem a qual torna-se impossível para os seres humanos encontrar o seu caminho. (RÜSEN, 2010, p. 96-97)

Além disso, ao compararmos as respostas à questão 2 do Segundo Bloco (Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?) com as respostas à questão 1 do Primeiro Bloco (Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta), percebemos que a maioria dos alunos que manifestaram representações negativas de São Paulo mudaram suas representações para visões positivas, concordando com o autor. Afinal, se está escrito, como questionar?

Na 8ª A, dos 25 alunos participantes, 18 mudaram suas representações iniciais depois do contato com a literatura, anteriormente mistas, indefinidas e, sobretudo, negativas, para representações exclusivamente positivas. Esse número corresponde a 72% dos estudantes que, se somados aos quatro alunos que desde o início apresentaram visões positivas e as mantiveram nas suas respostas pós leitura do capítulo São Paulo, temos um total de 22 alunos ou 88% da sala.

Na 8ª B, dos 28 participantes, 11 (39,28%) mudaram suas concepções para positivas. Outros 12 (42,85%) mantiveram manifestações positivas desde o começo, o que totaliza 23 alunos (82,14%). Ainda acrescentamos duas respostas em que os alunos que tinham representações negativas passaram a ter visões mistas, incluindo elementos positivos em suas representações a partir do que aprenderam com a literatura.

---

<sup>31</sup> As outras duas qualidades da narrativa histórica as quais o autor se refere são: “1) Uma narrativa histórica está ligada ao ambiente da memória. Ela mobiliza a experiência do tempo passado, a qual está gravada nos arquivos da memória, de modo que a experiência do tempo presente se torna compreensível e a expectativa do tempo futuro, possível. 2) Uma narrativa histórica organiza a unidade interna destas três dimensões do tempo por meio de um conceito de continuidade. Esse conceito ajusta a experiência real do tempo às intenções e às expectativas humanas. Ao fazer isso, faz a experiência do passado se tornar relevante para a vida presente e influenciar a configuração do futuro.” In: RÜSEN, Jörn. Jörn Rüsen e o Ensino de História. SCHMIDT, M.A., BARCA, I. e MARTINS, E. de R. (orgs.). Editora UFPR/Universidade do Minho (Instituto de Educação). Curitiba, 2010, p. 96-97.

A do aluno Plínio era assim: “Bem... eu acho a cidade de São Paulo uma cidade média, tipo meio a meio.. tem seus lados ruins e seus lados bons. O lado ruim é como sempre o excesso de violência e a roubalheira, de políticos que não nem ai para você e de pouco investimento em saúde para colocar em estádios... E o lado bom, o pouco lado bom, é que... na verdade, não tem lado bom...”. E passou para: “Mais ou menos, porque para quem já nasceu em uma outra São Paulo, é meio difícil achar esse lugar meio prazeroso”. Da aluna Marisa era assim: “Uma bosta, por que ninguém tem respeito com a própria moradia”. E foi reescrito para: “Sim; pois nós temos um Estado que tem muita produção e muita violência”.

Outra questão é que os jovens mantiveram uma relação de continuidade no tempo, entre o Estado de São Paulo da época lobatiana com o de hoje, dado que o mesmo continua na posição de ente da federação mais importante para a economia brasileira.

O único que fez uma separação mais nítida entre passado e presente, mas sem ruptura entre ambos, foi Fayal, da 8ª B: “Sim, por que ele conta como era São Paulo antigamente”. O aluno apresenta esta representação da obra, “um testemunho do autor sobre o passado”. O jovem não mudou sua visão, pois na resposta à questão 1 do Primeiro Bloco apresentou uma representação mista – “Por um lado eu tenho um lado bom e o outro ruim por causa das enchentes, poluição. Pico do Jaraguá é um pico grande que tem uma paisagem bonita” –, relativa à São Paulo contemporânea, enquanto nesta resposta deixa claro que concorda com o autor por ele contar como era São Paulo antigamente.

Vale ressaltar que o enunciado desta questão (Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?) não deu nenhum referencial aos alunos se São Paulo se tratava de cidade ou Estado, mas os estudantes entenderam que se tratava de São Paulo enquanto Estado, dado o teor das questões anteriores e obviamente as informações encontradas no texto selecionado.

## 8ª A

**Pergunta 2: Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?**

<b>8ª A SIM</b>
<b>Alícia:</b> Sim por que antes de si tornar o que é agora era muito mais belo ( <b>Mas MANTEVE representação NEGATIVA</b> )
<b>Brandon:</b> Sim, Porque ele mostra que são Paulo é rica em detalhes ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>Bruna:</b> Sim, porque SP sempre foi uma cidade que produz muito ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>Denilson:</b> Sim porque pelo ponto de vista que o autor nos mostra pode-se concluir que nós não temos com o que comparar pq não vamos ser nós que podemos julgar ou não, e nesse ponto eu concordo com ele. ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Fabício:</b> Sim, porque se São Paulo parar o resto do Brasil para. ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Frederico:</b> Sim pois esse capítulo exprime a ideia que São Paulo puxa os outros estados menos desenvolvidos da economia então isso é muito legal para aprendermos sobre o nosso grande estado de São Paulo ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Guilherme:</b> Sim Por que São Paulo é o estado que fabrica coisas. ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Horácio:</b> Sim por que ele fala sobre tudo, as coisas ruins e boas que acontece em São Paulo. ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Joaquim:</b> Sim ( <b>MUDOU de INDEFINIDA para POSITIVA</b> )
<b>João:</b> Sim porque tem uma coisa que acontece no dia-dia do paulista ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Jonathan:</b> Sim, porque eu acho que é tudo verdade ( <b>MUDOU de INDEFINIDA para POSITIVA</b> )
<b>Karen:</b> Sim ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )



<b>Lair:</b> Sim porque ele disse a verdade ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>Leonel:</b> Sim. Por que a muitas industrias, grandes que importa e porta mercadoria de fora pra cá. ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>Murilo:</b> Sim, porque São Paulo é um estado que fabrica muitas coisas, também tem um clima bom, entre outros. ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>Nicole:</b> Sim porque tudo que ele disse acontece. ( <b>MANTEVE</b> )
<b>Nivaldo:</b> Sim, por que ele falou a verdade. ( <b>MANTEVE</b> )
<b>Rogério:</b> Sim Porque não sei ( <b>MANTEVE</b> )
<b>Solange:</b> Sim. ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Sueli:</b> Sim ( <b>MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA</b> )
<b>Tatiana:</b> Sim, porque é bom morar em uma cidade agitada. ( <b>MUDOU de INDETERMINADA para POSITIVA</b> )
<b>Thiago:</b> Sim, eu vejo São Paulo da mesma maneira um apis grande um estado desenvolvido que ainda evoluindo ( <b>MANTEVE</b> )
<b>Wanderson:</b> Sim, porque eu acho que e tudo verdade ( <b>MUDOU de MISTA para POSITIVA</b> )
<b>TOTAL:</b> 23 (92%)

**8ª A**  
**NÃO**

**Stephania:** Não (**MANTEVE**)

**TOTAL:** 1 (4%)

**8ª A  
MISTAS**

**Margarida:** Sim. Porque acredito na capacidade São Paulo em suas produções e ações, São Paulo tem seu lado positivo e negativo. (MANTEVE)

**TOTAL:** 1 (4%)

**8ª B**

**Pergunta 2: Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?**

**8ª B  
SIM**

**Antonio:** Sim porque o Estado de São Paulo esta sempre movendo (MUDOU de REGIÃO GEOGRÁFICA para POSITIVA)

**Beatriz:** Sim é um estado desenvolvido com otimas opiniões de emprego. (MANTEVE)

**Cleyton:** Sim. Por quê é muito interessante. (MUDOU de INDETERMINADA para POSITIVA)

**Daniela:** Sim, porque eu também vejo São Paulo dessa forma (MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA)

<b>Davi:</b> Eu concordo por que acho que São Paulo é boua. (MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA)
<b>Eduarda:</b> Sim por que São Paulo é uma cidade movimentada. (MANTEVE)
<b>Fayal:</b> Sim, por que ele conta como era São Paulo antigamente (MANTEVE, TESTEMUNHO)  <b>Observação:</b> O aluno apresenta esta representação da obra, “um testemunho do autor sobre o passado”. O aluno não mudou sua visão, pois na resposta à questão 1 do Primeiro Bloco apresentou uma representação mista, relativa à São Paulo contemporânea, enquanto nesta resposta deixa claro que concorda com o autor por ele contar como era São Paulo antigamente.
<b>Fernando:</b> Sim. (MANTEVE)
<b>Francisca:</b> Sim, porque ele conta o que as pessoas pensam quando chegam em 1 cidade grande (MANTEVE)
<b>Jerusa:</b> Sim porque São Paulo é praticamente uma das principais cidades ricas, e absolutamente com uma economia boa, e população de alto nível (MANTEVE)
<b>Jurandir:</b> Sim (MANTEVE)
<b>Kátia:</b> Sim, porque São Paulo tem muitos estrangeiros, é o mais desenvolvido, o autor citou São Paulo bem. (MANTEVE)
<b>Kauã:</b> Sim porque temos muitas opções de emprego e grandes desenvolvimentos com ajuda de estudos (MANTEVE)
<b>Leandro:</b> Sim, São Paulo esta entre os maiores de desenvolvimento econômico. (MUDOU de MISTA para POSITIVA)
<b>Letícia:</b> Sim por que ele foi sincero e realista (MANTEVE)  <b>Observação:</b> Apresentou representação de TESTEMUNHO
<b>Luciana:</b> Sim, Porquê é (MANTEVE)

<p><b>Marcelo:</b> Até que sim, porém São Paulo está se degradando diante de problema. (MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA, ainda que faça a ressalva de que está se degradando, ou seja, não abandona totalmente a representação negativa)</p>
<p><b>Marcos:</b> Sim, porque São Paulo é sim um Estado industrial: e muito acolhedor (MUDOU, pois tinha apresentado uma representação geográfica de São Paulo)</p>
<p><b>Mariana:</b> Sim, ele coloca a visão que é um estado muito bom pra emprego, muito desenvolvido. (MANTEVE)</p>
<p><b>Paula:</b> Sim, por que ele conta no texto é verdade. (MUDOU de NEGATIVA para POSITIVA)</p>
<p><b>Renata:</b> Sim por que com uma produção grande você tem lucro e o Brasil também (MUDOU de MISTA para POSITIVA)</p>
<p><b>Rodrigo:</b> Sim (MUDOU de MISTA para POSITIVA)</p>
<p><b>Valdir:</b> sim por que tem muitos habitantes de outros países, e muitas fabricas e etc. (MUDOU de INDEFINIDA para POSITIVA)</p>
<p><b>TOTAL:</b> 23 (82,14%)</p>

<p><b>8ª B</b> <b>NÃO</b></p>
<p><b>Dênis:</b> não, porque não (MANTEVE)</p>
<p><b>Giovana:</b> Não concordo não, não é muito real. (MANTEVE)</p>
<p><b>Yago:</b> Não, porque nem é só São Paulo é o brasil inteiro que é uma bosta. (MANTEVE)</p>
<p><b>TOTAL:</b> 3 (10,71%)</p>

<b>8ª B MISTA</b>
<b>Plínio:</b> Mais ou menos, porque para quem já nasceu em uma outra São Paulo, é meio difícil achar esse lugar meio prazeroso. (MUDOU de NEGATIVA para MISTA)
<b>Marisa:</b> Sim; pois nós temos um Estado que tem muita produção e muita violência (MUDOU de negativa para MISTA)
<b>TOTAL:</b> 2 (7,14%)

A análise evidencia, novamente, a mudança nas representações da maioria dos estudantes, que passaram a concordar com a representação de São Paulo como o Estado-locomotiva, presente na literatura lobatiana, reafirmando, novamente, a percepção de que, se está escrito, é verdade, o que reforça o papel da literatura como importante instrumento de produção de conhecimento e da necessidade de se resgatar este papel no ensino, por mais que haja concorrência com outras fontes de informação, sobretudo a Internet. Essa questão também serviu para aferirmos se os alunos souberam interpretar o texto e localizar o seu conceito-chave: São Paulo como o Estado-locomotiva do Brasil.

Na 8ª A, 23 alunos (92%) foram capazes de compreender a visão lobatiana. Apenas 1 (4%) não conseguiu. Tivemos ainda uma resposta indefinida: “Não sei” (Rogério).

Na 8ª B, 22 (78,57%) alunos entenderam a expressão Estado-locomotiva. Detectamos que quatro alunos (14,28%) mantiveram sua visão negativa inicial e não aceitaram sedimentar mudanças – no caso de Giovana, apenas quando colocamos o referencial Brasil a aluna aceitou que São Paulo era importante para o País. A situação pode ser atribuída às dificuldades do cotidiano e o contexto de violência dos bairros onde moram, situação material da família, entre outros elementos (não manifestados por eles). Houve ainda uma resposta classificada de Indefinida: “Eu Prefiro são Paulo” (Cleyton).

**Pergunta 3. Por que o autor chama São Paulo de “Estado-locomotiva”? Você concorda com essa visão?**

**8ª A  
SIM**

**Alícia:** Sim por que São Paulo é com o vagão ele exporta coisa para os outros continentes países e capitais (**Estado-locomotiva**)

**Brandon:** Sim. Porque ele transporta coisas do Mato Grosso até São Paulo e uma cidade que leva e trás coisa. (**Estado-locomotiva**)

**Bruna:** Concordo porque SP é o estado mais “importante” por causa de suas histórias e por sempre ter mais polêmicas (**Estado-locomotiva**)

**Denilson:** Sim. Porque é como São Paulo fosse uma locomotiva que puxa todos os outros estados seja ela para uma coisa boa ou não, e é ela quem fara o Brasil andar, porque SP tem mais iniciativa e comandos políticos (**Estado-locomotiva**)

**Fabício:** Porque São Paulo é onde tudo acontece. (**Estado-locomotiva**)

**Frederico:** É porque são Paulo é como um trem ele e que puxa os outros estados e São Paulo, que leva alimento, e etc. para outras regiões, e é o estado mais desenvolvido da economia (**Estado-locomotiva**)

**Guilherme:** Sim. (**Estado-locomotiva**)

**Horácio:** Sim ele fala deste jeito porque ele tem uma visão do mundo como um mundo que não para com carros, trêns, ônibus etc. (**Estado-locomotiva**)

**Joaquim:** Sim (**Estado-locomotiva**)

**Jonathan:** SIM!!! (**Estado-locomotiva**)

<b>Karen:</b> Sim, porque ele que conduz os outros estados ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Lair:</b> Sim porque a cidade não para ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Leonel:</b> Porque acontece migrações dentro do nosso estado de uma indústria para outras, concordo. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Margarida:</b> Sim. Porque São Paulo não para e puxa outros países pro bem e para o mal. São Paulo está sempre correndo, e nunca para. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Murilo:</b> Por ser, um país que exporta muitas coisas para o país, e eu concordo. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Nicole:</b> Por que puxa o resto dos estados. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Nivaldo:</b> Sim, porque os estados seguem o exemplo de São Paulo. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Solange:</b> porque são Paulo está na frente. Carregando outros atras, sim. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Sueli:</b> Sim ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Stephania:</b> Sim, porque ele que conduz os outros estados ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Tatiana:</b> Porque, puxa o resto dos estados. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Thiago:</b> Sim, porque o estado ta sempre se mexendo, por exemplo, evoluindo ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Wanderson:</b> ele quer dizer que São Paulo e o coração do Brasil e o mais estado e tudo mais desenvolvido ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>TOTAL:</b> 23 (92%)

<b>8ª A NÃO</b>
<b>João:</b> Não ( <b>MANTEVE</b> representação negativa)
<b>TOTAL:</b> 1 (4%)

<b>8ª A INDEFINIDA</b>
<b>Rogério:</b> Não sei
<b>TOTAL:</b> 1 (4%)

**8ª B**

**Pergunta 3. Por que o autor chama São Paulo de “Estado-locomotiva”? Você concorda com essa visão?**

<b>8ª B SIM</b>
<b>Antonio:</b> Sim porque o Estado de São Paulo é o que produz mais petróleo e veículo locomotivo ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Beatriz:</b> Porque é o estado mais desenvolvido econômico. ( <b>Estado-locomotiva</b> )



<b>Daniela:</b> Porque São Paulo exporta uma grande quantidade e variedade de produtos para outros Estados. Sim. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Davi:</b> Concordo, e estado-locomotiva por que sempre está se desenvolvendo mais e mais conforme o tempo <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Eduarda:</b> Sim, por que São Paulo tá ficando cada dia mais moderna. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Fayal:</b> Sim. Porque vem muitas pessoas para São Paulo, as industrias nunca para ta sempre inovando. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Fernando:</b> Sim. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Francisca:</b> Sim, pois nosso estado é agitado, moderno, movimentado. etc... <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Jerusa:</b> Porque possui muitos carros, motos, é um estado que possui grande aceleração nas novidades tecnológicas dos avanços e modernização do carro. Sim eu concordo <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Jurandir:</b> Sim <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Kátia:</b> Sim, pois de São Paulo é o estado mais desenvolvido em tudo, ele puxa o país, ou seja, ele que leva o Brasil. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Kauã:</b> Sim concordo, a cidade de São Paulo e muito locomotivas por causa de empregos entre outras coisas por isso tem muitos carros ônibus aviões no caso de viagens. <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Letícia:</b> Sim pois São paulo é muito movimentada <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Marcelo:</b> Porque ela não para. nisso eu concordo <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Marcos:</b> Por causa da quantidade de locomotivas “carro”. Sim <b>(Estado-locomotiva)</b>
<b>Mariana:</b> É o estado do desenvolvimento. <b>(Estado-locomotiva)</b>

<b>Marisa:</b> 1R: Por que é um Estado de muita produção. 2R: Sim ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Paula:</b> Sim, por que está sempre renovando São Paulo nunca para ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Plínio:</b> Sim, até, São Paulo mudou muito de 30 para hoje, mudou muito. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Renata:</b> Porque é um Estado que sempre procura inovar. Sim ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Rodrigo:</b> Sim ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>Valdir:</b> Sim por que tem muitas coisa pra você si movimenta pra gualgue luga do estado de são paulo ou do Brasil. ( <b>Estado-locomotiva</b> )
<b>TOTAL:</b> 22 (82,14%)

<b>8ª B NÃO</b>
<b>Dênis:</b> não, não ( <b>MANTEVE sua representação negativa</b> )
<b>Giovana:</b> Não sei o por que, não concordo não ( <b>MANTEVE sua representação negativa</b> )
<b>Leandro:</b> Ele diz que como o clima é estável, dos mais favoráveis, muita gente de fora vem e gostaria de morar no Brasil. Não concordo. ( <b>MANTEVE sua representação negativa</b> )
<b>Yago:</b> Que é uma cidade linda, não é a verdadeira bosta. ( <b>MANTEVE sua representação negativa</b> )
<b>TOTAL:</b> 4 (14,28%)

<b>8ª B</b> <b>INDEFINIDO</b>
<b>Cleyton:</b> Eu Prefiro são Paulo.
<b>TOTAL:</b> 1 (3,57%)

<b>8ª B</b> <b>NÃO RESPONDEU</b>
<b>Luciana:</b> a aluna não respondeu
<b>TOTAL:</b> 1 (3,57%)

## CAPÍTULO 5

### RESISTÊNCIA À ANTROPOFAGIA E CRENÇA NO MITO DO BOM SELVAGEM

*“Livros não existem para que se acredite neles, mas para serem submetidos a questionamentos”.*<sup>1</sup>

Para participar da segunda etapa dos trabalhos de campo selecionamos um total de dezesseis [16] alunos, sendo oito [8] de cada oitava série, o que constituiu uma amostragem qualitativa de 20% dos estudantes pesquisados, a partir do acompanhamento realizado com as duas turmas, A e B, em sala de aula. A obra *Aventura de Hans Staden* foi aplicada nessa fase com atividades na sala de leitura ou biblioteca da escola em período equivalente a 12 horas-aula para cada grupo. Os encontros ocorreram durante os meses de setembro e outubro de 2013.

Os alunos foram selecionados segundo critérios estabelecidos por meio de observação participante na classe durante as aulas de História. Para melhor ilustrar as características do grupo de estudantes criamos uma classificação baseada no comportamento, no interesse e no desempenho na disciplina de História, como forma de termos uma amostragem representativa dos diferentes perfis (ver tabela 1). Contudo, uma vez que as turmas eram constituídas majoritariamente por rapazes, os quais representavam quase dois terços da sala, optamos por equilibrar a presença de ambos os gêneros, permitindo que houvesse igual representação de meninos e meninas na amostragem. “Pode-se considerar as diferenças entre os sexos como uma diferença social.” (CHARTIER, 2012, p. 164)

**Tabela 1 (Amostragem)**

Características	8 <sup>a</sup> A	8 <sup>a</sup> B
Estudiosos ou cê-dê-efes	Denilson	Francisca

<sup>1</sup> Frase atribuída pelo Jornal Destak a Umberto Eco, escritor e professor italiano (1932- ). Coluna Frases. São Paulo, 28 de novembro de 2013, p. 16.

Curiosos ou mais interessados	Margarida	Marcelo
Questionadores ou mais participativos	Fabício	Katia
Novatos ou transferidos	Bruna	Leandro
Problemáticos ou incompreendidos	Frederico	Plínio
Desinteressados ou indiferentes	Karen	Davi
Aplicados ou esforçados	Alícia	Renata
Baixa-autoestima	Horácio	Jerusa

Os cê-dê-efes ou estudiosos (Denilson, 8<sup>a</sup> A, e Francisca, 8<sup>a</sup> B), vistos como “bonzinhos” e “comportadinhos”, são, vez ou outra, os alvos preferenciais de provocações e pequenos boicotes, vistos como figuras, ao mesmo tempo, mais distanciadas do comportamento valorizado pelos “bagunceiros” e mais próximas do modelo tradicional de aluno exemplar. São declaradamente “queridos” por professores e diretora da escola.

Habitualmente hostilizado em sala, Denilson se dirigia a direção para se queixar das perseguições. Em uma das nossas atividades realizadas na sala de leitura,<sup>2</sup> o garoto acabou esquecendo um dos cadernos embaixo da carteira e, ao retornar para a classe, encontrou a brochura com páginas riscadas, rasgadas, algumas até arrancadas e sem a capa. Em suma, o caderno foi destruído. Dias depois do ocorrido, nos contou que já tinha passado tudo a limpo, mas ainda carregava um semblante tristonho.

Classificamos de “curiosos ou mais interessados” (Margarida, 8<sup>a</sup> A, e Marcelo, 8<sup>a</sup> B) os alunos que buscam por conta própria outras fontes para estudar além das sugeridas ou indicadas nas aulas. São estudantes movidos pela curiosidade, despregados da opinião alheia. Dizem gostar de inventar e escrever histórias como passatempo predileto quando estão com seus amigos ou fazer leituras variadas, incluindo, por exemplo, mangás (HQ japoneses). São figurinhas conhecidas na sala de leitura da escola. Em reunião de Conselho de Classe e Série, a diretora propôs que esses alunos recebam, por sua conduta, uma espécie de homenagem ou menção equivalente.

<sup>2</sup> Essa sessão foi realizada no dia 12 de setembro.

A exemplo dos cê-dê-efes, os “curiosos” também costumam estar na mira de artimanhas e truques para tentar desestabilizá-los. Margarida ostentava com orgulho o fato de ter apenas 13 anos e estar na 8ª série. Considerada adiantada para o nível da turma e recebia elogios constantes por parte da equipe gestora. Em uma das aulas, a menina reclamou que alguém tinha desaparecido com seu caderno e o professor foi logo avisando que se o mesmo não aparecesse ele iria pessoalmente chamar a vice-diretora. Ao vê-lo sair da sala, resolvemos propor um trato: “Se o caderno da Margarida for devolvido, manteremos a exibição do filme *Adeus, Lênin*, prevista para a próxima aula no auditório”. Rogério, sentado na primeira carteira na frente da mesa do professor, atende prontamente ao pedido, dizendo: “Olha, não fui eu não, mas deixaram o caderno dela comigo”.

Na categoria “questionadores ou mais participativos” (Fabrício 8ª A, e Katia, 8ª B) estão os alunos centrados nas explicações dadas em aula, com atenção voltada ao professor. Geralmente interrompem as falas do docente para perguntar sobre o que acabou de ser dito, seja para interrogá-lo ou mesmo para acrescentar suas considerações ou dúvidas sobre o assunto. São antipatizados por terem um perfil assumidamente crítico. Ficam a parte do grupo por causa do estigma que os cercam. Kátia é vista com uma menina exibida e antipática (“pedante”).

Conforme informado no primeiro capítulo, pedidos de transferência têm fluxo contínuo na instituição escolhida e somam entre 200 e 300 alunos por ano, resultando em uma situação instável de vai-e-vem que impede uma solidez maior das relações do corpo discente, sujeitos à saída e entrada constantes de novos alunos. Por isso, consideramos que uma categoria dedicada aos “novatos ou transferidos” seria tão importante quanto às demais pelo fato de contemplar uma realidade muito específica da unidade escolar onde foi desenvolvida a pesquisa. Os alunos Bruna, da 8ª A, e Leandro, da 8ª B, eram irmãos gêmeos recém-transferidos e são os representantes dessa categoria.

Receberam a classificação de “problemáticos ou incompreendidos”, os estudantes que possuem perfis peculiares ou excêntricos, recebendo desaprovações veementes dos professores. Frederico, da 8ª A, com seus óculos de lentes grossas e tapa-olho ostentava o título de “nerd” por seu extremo e obsessivo interesse com estudos, introversão e dificuldade para se relacionar socialmente. O professor de História costumava tecer frequentes comentários sobre o garoto: “Ele é chato demais, interrompe o tempo todo e nem deixa a gente falar direito. Poxa, também não precisa ser assim não”.

Plínio, da 8ª B, encaminhado para o Conselho Tutelar conforme relatamos no primeiro capítulo, era disperso e aéreo em sala. Tinha dificuldades em estabelecer sintonia

com os professores e mostrava-se avesso a realização de qualquer tarefa que lhe fosse proposta. Os professores diziam ter sérias dificuldades em lidar com ele. Em uma das reuniões do Conselho de Classe e Série, assim o definiu a professora de Artes, com a anuência/concordância da diretora: “Esse menino é um problema que está sendo jogado para frente”. Ao que a vice-diretora informou: “O pior é que a avó vem sempre aqui chorar e dizer que a culpa é dela. Olha é de dar dó!”. De fato, quando participamos das reuniões de pais e responsáveis, a avó de Plínio era a única da família a comparecer e costumava se lamentar ao professor e a mim: “É eu e Deus, meus filhos!”.

Frederico era constantemente o centro de retaliações verbais na classe e dizia-se vítima de golpes físicos. No trecho a seguir, o menino deixa um registro dos problemas enfrentados através de um exercício extra-sala que propunha aos alunos comentarem se já tinham presenciado ou mesmo sido vítimas de algum tipo de discriminação:

*“Muito (...) eu já vi me chamarem de escremento (cocô) gostam de bater, magoar e humilhar a pessoa por isso eu penso porque eu sou assim, mas os meus amigos de verdade falam que o problema não é comigo e sim com o agressor. Eles zouam até a minha família com o nome do meu pai e me chamam de filho da pu... (...) minha mãe pergunta – porque está machucado eu digo – que não foi nada eu cai na escola (...). Por isso eu tento avisar para uma pessoa mas ninguém me ouve eu quero gritar bem assim:*

*– Pára de me zoar. Então pare com isso.”* (Frederico, 13 anos, 8<sup>a</sup> A)

Karen (8<sup>a</sup> A) e Davi (8<sup>a</sup> B) foram enquadrados na categoria “desinteressados ou indiferentes” por demonstrarem praticamente nenhum interesse no teor das aulas. Indiferentes aos assuntos que estavam sendo expostos, não se importavam nem em falar, muito menos em escrever sobre as coisas. Não pareciam se importar com o que estava sendo dito ou pedido, como se suas permanências em sala fossem por mera formalidade. Eram alunos que pareciam estar apenas de corpo presente e com as cabecinhas bem longe dali. Davi foi levado algumas vezes para a diretoria. Em uma dessas vezes,<sup>3</sup> a professora de Inglês, que se queixava dos seus modos e de sua postura, avisou: “Esse aluno está com notas cada vez mais baixas, quase não vem nas aulas, nunca participa e ainda responde quando pedimos pra ele fazer alguma coisa”.

Em oposição a classificação anterior, os estudantes “aplicados ou esforçados” (Alícia, 8<sup>a</sup> A e Renata, 8<sup>a</sup> B) mostravam-se dedicados a prestar substancialmente atenção

---

<sup>3</sup> Esse episódio ocorreu no dia 28 de agosto.

na aula, copiando textos, enunciados e outras tarefas. Realizavam as atividades com certa disposição e conservavam uma postura aberta.

Os jovens com baixa-autoestima ganharam um espaço na amostragem justamente pelo fato de se verem como incapazes para preencher tal espaço. Inconformado por ter sido um dos selecionados para continuar na pesquisa, Horácio (8<sup>a</sup> A) quis saber: “Tia, você me escolheu porque sou burro?”. A ausência de fé em si mesmos faz com que tenham dificuldade em lidar com tentativas de desmoralizá-los frente a turma. O problema se amplia na medida em que eles próprios deixam que isso aconteça com eles. Jerusa mal frequentava as aulas, vivia com atestados, alegando motivo de doença.

Um terço dos alunos da amostragem foi escolhido por sua teia de relações como forma de mantermos uma situação característica das turmas, com suas “panelinhas ou grupinhos”, comuns em classe, como forma de não rompermos bruscamente com o ambiente ao qual os jovens estavam acostumados. Os trios de cada série (ver tabela 2) eram inseparáveis em classe e fora dela também, como nos intervalos e horários de entrada e saída da escola.

**Tabela 2 (Amostragem)**

<b>8<sup>a</sup> A</b>	<b>8<sup>a</sup> B</b>
Denilson (cê-dê-efe)	Davi (desinteressado e/ou indiferente)
Horácio (baixa auto-estima)	Marcelo (mais interessado)
Marlene (mais interessada)	Plínio (problemático)

Tendo definida a amostragem, partimos para o terceiro e último título selecionado da coleção *Sítio do Picapau Amarelo: Aventuras de Hans Staden*. Neste estágio adotamos algumas técnicas de microetnografia ou microanálise por meio da realização de entrevistas com os alunos selecionados, gravadas em mp3, o que nos permitiu analisar as reações dos entrevistados diante das suas colocações.

*Aventuras de Hans Staden* soma-se ao universo de adaptações de clássicos da literatura empreendidas por Monteiro Lobato para a série *Sítio do Picapau Amarelo*.

A obra *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, publicada em outubro de 1925, dá início às atividades da Companhia Editora Nacional, com tiragem de três mil exemplares. A boa recepção do livro



promove uma segunda edição em março de 1926, e outra – a terceira – em junho de 1927.<sup>4</sup> (ZORZATO, 2008, p. 152).

Em carta ao amigo Godofredo Rangel, Lobato escreve sobre a publicação de estréia da recente editora:<sup>5</sup>

Mando-te um Staden, a edição primogênita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial está no fim. Vamos tirar outra e maior.<sup>6</sup>

Menos de quatro meses depois de suas primeiras tiragens, Lobato, mais uma vez em correspondência a Godofredo Rangel, aponta que a obra foi um sucesso de público: “A edição do Hans Staden (recebeu?) foi um triunfo – oito mil em três meses – e está entrando nas escolas.”<sup>7</sup>

Segundo Zorzato (2008, p. 152):

As altas tiragens imediatamente absorvidas pelo público atestam o êxito do projeto e talvez ainda justifiquem a iniciativa do escritor em adaptar a obra para o público infantil. No prefácio da primeira edição de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925), o próprio escritor apresenta a sugestão de colocar a obra ao alcance desse público, como um livro de valor documental sobre a História do Brasil – ‘É obra que deveria entrar nas escolas, pois nenhuma dará aos meninos a sensação da terra que foi o Brasil em seus primórdios’ (Lobato, 1925b, p. 4).<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> A respeito das diferentes edições nacionais do livro *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, “a obra de Hans Staden é publicada pela primeira vez em 1557 e, desde então, tem notável aceitação entre o público. A primeira tradução da obra para o português é de 1892, feita por Alencar Araripe e publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Em 1900, nova edição vem a público, organizada por Alberto Löfgren e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). A essas, segue-se a edição organizada por Monteiro Lobato, publicada pela Editora Nacional, em 1925.” Esse texto foi extraído da nota 4 de: ZORZATO, Lucila Bassan. Hans Staden à lobatiana. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, p. 152.

<sup>5</sup> A “pequena empresa” Companhia Editora Nacional surge dos escombros da Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Para ler mais: CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Tomo I. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962, p. 210.

<sup>6</sup> LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. Editora Globo, 1ª edição. São Paulo, 2010, p. 509. Carta enviada a Godofredo Rangel, datada de 26 de janeiro de 1926.

<sup>7</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., 2010, p. 512. Carta enviada a Godofredo Rangel, datada de 7 de maio de 1926.

<sup>8</sup> O prefácio ao qual Lucila Bassan Zorzato se refere está contido na obra: STADEN, Hans. *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. Organização de Monteiro Lobato. 1ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1925.

A exemplo de *Histórias do Mundo para Crianças e Geografia de Dona Benta, Aventuras de Hans Staden* também esteve na mira da Igreja. A Liga Universitária Católica Feminina faz a seguinte crítica: “Nas ‘Aventuras de Hans Staden’ são condenáveis algumas cenas de antropofagia, descritas ‘tão ao vivo que podem impressionar crianças muito pequenas ou muito sensíveis’”. (CAVALHEIRO, Tomo II, 1962, p. 168)

Em *Aventuras de Hans Staden* há várias passagens da narrativa em que “o homem que naufragou nas costas do Brasil em 1553 e esteve oito meses prisioneiro dos índios Tupinambás (...)”<sup>9</sup> recorre a sua fé na providência divina para conseguir se salvar. Alguns exemplos: “O que Deus fez por mim – concluiu ele – também fará por vós. Entregai-vos, pois, à vontade divina, certos de que este mundo é mesmo um vale de lágrimas”;<sup>10</sup> “(...) O nosso artilheiro foi conduzido para lá, onde o entregaram a Abati, com recomendação de não lhe fazerem mal, porque o deus de Hans se mostrava terrível quando o maltratavam”.<sup>11</sup> Mas, como o escritor era assumidamente anticlerical: “(...) As alterações propostas por Lobato, suprimindo e/ou modificando trechos referentes à religião, são bastante significativas já que se distanciam do sentido religioso presente nas versões originais.” (ZORZATO, 2008, p. 158 e 159)

Segundo Zorzato (2008, p. 161):

(...) Relativamente à questão religiosa, a versão lobatiana aponta a ingenuidade de qualquer um (branco ou índio) que se prenda à crença no auxílio divino. Assim, Hans Staden, embora retratado em seus momentos de orações, invocando os poderes de Deus nas horas de perigo ou rendendo graças às conquistas obtidas, ao findar de cada impasse, tem sua religiosidade questionada. O mesmo se aplica aos índios mostrados como supersticiosos, já que acreditam na ‘magia’ de Staden, contra a qual nada podem fazer.

Ao mantermos a coerência de escolha das obras e metodologia para análise, no livro *Aventuras de Hans Staden* é igualmente possível reconhecer a preocupação lobatiana em tornar a criança-aprendiz capaz de conhecer e entender o processo de colonização do Brasil e a diversidade cultural dos povos indígenas na América em meados do século XVI, despertando sua capacidade de julgamento, sobretudo sobre as condições de vida nesse período.

<sup>9</sup> LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. Volume 8. In: O Sítio do Picapau Amarelo, Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d., p. 981.

<sup>10</sup> LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. Volume 8. In: Op. cit., p. 1016.

<sup>11</sup> LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. Volume 8. In: Op. cit., p. 1018.

Em alguns momentos, a narração assume um tom pedagógico, característica que inscreve o livro na concepção de alguns estudiosos na série de histórias paradigmáticas protagonizadas por Dona Benta, cuja figura parece, assim concretizar o projeto pedagógico de Lobato, que se cristaliza no decorrer de sua vasta obra, exprimindo-se quer através de questões referentes à própria linguagem, quer através de questões de caráter ideológico, como – em Hans Staden – quando é debatida, por exemplo, a representação do índio e de sua cultura. (ZORZATO, 2008, p. 155)

Para identificar quais representações prévias dos alunos prevaleciam sobre os colonizadores do Brasil e os indígenas do passado colonial brasileiro, assim como na atualidade, elaboramos, inicialmente, questões que foram dirigidas aos jovens antes da leitura dos trechos extraídos de *Aventuras de Hans Staden*.

Acrescentamos, ainda, nesse primeiro bloco de perguntas, um quarto questionamento quanto à veracidade dos fatos narrados enquanto elementos que compõem o discurso histórico: Na sua opinião, quem escreve a História: os vencedores ou os perdedores? Por quê? Esse dilema precisou ser contextualizado, estendendo aos alunos a possibilidade de citar as duas opções como resposta ou até mesmo nenhuma delas. Os estudantes ficaram livres para se manifestar da forma como julgassem mais adequada.

## **Um moço natural de Hesse**

*Aventuras de Hans Staden* possui 22 capítulos curtos com um total de 38 páginas. Dessa divisão, nove capítulos foram contemplados para a pesquisa na ordem cronológica em que são apresentados na narrativa: “Quem era Hans Staden”, “A revolta dos índios”, “A volta para Lisboa”, “O forte de Bertioga”, “A captura de Hans Staden”, “Rumo à taba”, “Os Maracás”, “Hans muda de taba” e “A salvação”.

Foram escolhidos os episódios mais significativos da história, que mostram a relação do índio com o branco no processo de colonização das terras brasileiras e também as rivalidades entre tribos, fato desconhecido pela maioria dos alunos. Trabalhamos, sobretudo, com a representação do índio e do colonizador nas diferentes etapas da análise.

Os fragmentos selecionados foram organizados e reproduzidos em três páginas seguindo o padrão de diagramação (organização visual) da edição do livro. Quisemos saber se alguém conhecia a origem do nome *Hans*. Um aluno de cada turma foi capaz de

acertar: “Alemão”, responderam Frederico (8ª A) e Danilo (8ª B). Lembramos que os grupos de cada série foram levados separadamente para a biblioteca ou sala de leitura. Portanto, o mesmo esquema para contar a história foi adotado para ambas as turmas.

Assim, como no livro, apresentamos primeiramente aos estudantes o protagonista seguindo *ipsis litteris* o modelo da cena inicial do serão de leitura que principia com a fala de Dona Benta sentada na “sua velha cadeirinha de pernas serradas (...)”<sup>12</sup>:

“– *Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade do Estado de Hesse, na Alemanha.*

– *De S?* – *exclamou Pedrinho, dando uma risada. Que engraçado!*

– *Não atrapalhe – disse Narizinho. Assim como em S. Paulo há a Freguesia de Nossa Senhora do Ó, bem pode haver o Estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?*

– *Não digam tolices – interrompeu Dona Benta. Esse estado da Alemanha escreve-se em português H E S S E, diz-se Hessen em alemão. Nada tem que ver com a letra S.*

*Depois desta lição Dona Benta continuou:*

– *O moço Staden tinha o temperamento aventureiro; não se contentava com o sossego da cidade natal. Queria ver o mundo, viajar, cortar os mares, e insistia nisso por mais que seu pai lhe dissesse que boa romaria faz quem em casa fica em paz.*

*Um dia resolveu sair de Homberg.*

– *‘Adeus, meu pai! Não nasci para árvore. Quero voar, conhecer o mundo. Adeus!’*”<sup>13</sup>

Os alunos revelaram incredulidade por saber que o jovem aventureiro era de fato bem jovem: tinha 20 e poucos anos de idade. Posto isso, introduzimos algumas informações necessárias para a melhor compreensão da narrativa que foi lida posteriormente. Explicamos que, na verdade, aquela não era a primeira, mas a segunda vez que o mercenário Hans Staden, nascido na cidade de Homberg, região central da Alemanha, vinha ao Brasil. Chegou a bordo de um navio espanhol, na região de São Vicente, após uma sequência assombrosa de naufrágios e motins.

### **Primeiro trecho: Quem era Hans Staden**

<sup>12</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 981.

<sup>13</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 981.

– *Ah, minha filha, a história da humanidade é uma pirataria que não tem fim. O mais forte, sempre que pode depreda o mais fraco. Só quando a Justiça for uma realidade, em vez de ser um ideal, é que as coisas mudarão de rumo.*

Escolhemos essa passagem por conter o conceito central do autor sobre a história da humanidade como um conjunto de conflitos entre os homens ou “(...) uma pirataria que não tem fim”. Tomamos o cuidado de rerepresentar a visão de Lobato sobre a História enquanto campo do conhecimento a partir de outra narrativa, possibilitando aos alunos se situarem melhor logo no início do texto. A idéia consistiu também em revisitar as concepções de História do autor que pudessem ser comparadas com os trechos lidos em *História do Mundo para Crianças*.

### **Segundo trecho: A revolta dos índios**

– *Porque os colonos haviam capturado e escravizado alguns selvagens. A raça vermelha, ou índia, nunca suportou a escravidão. Prefere a morte, e se não fosse a ganância dos brancos, quer portugueses, que espanhóis, ganância que os levou a insistir na escravidão dos índios, não teria havido nas Américas os horrores que houve.*<sup>14</sup>

Esse trecho é importante porque introduz pela primeira vez na narrativa a representação dos indígenas e de sua cultura. “A raça vermelha, ou índia” é retratada por sua hombridade “nunca suportou a escravidão” e coragem “Prefere a morte”. Em oposição, os colonizadores são destacados por sua “ganância”, mal causador dos “horrores” no processo de colonização nas Américas.

### **Terceiro trecho: A volta para Lisboa**

*Como o navio não se achasse em condições de resistência, os seus tripulantes fugiram todos para terra. Penteado apossou-se do barco sem luta, e fez ótimo negócio, tanta farinha e vinho encontrou nos porões.*

*Foi um regalo. Os vencedores tiraram a barriga da miséria, comendo e bebendo pelo resto do ano.*

– *Que boa vida! – exclamou o menino. Bem diz vovó que a história da humanidade é uma pirataria sem fim...*

---

<sup>14</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 984.

– *Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.*

– *É a fábula do lobo e do cordeiro... – lembrou a menina.*

– *Qual cordeiro! – protestou Pedrinho. É a fábula do lobo forte e do lobo fraco, uma que me anda na cabeça.*<sup>15</sup>

A concepção de História como “uma pirataria sem fim” reaparece nesse trecho. Da mesma forma, a idéia do mais forte se sobrepondo ao mais fraco ressurgiu de forma ainda mais enfática. Para melhor ilustrar esse contraste, Narizinho recorre a uma das formas literárias mais antigas da humanidade, a fábula. O fabulista francês Jean de La Fontaine (1621-1695) é a principal referência de Lobato na adaptação de fábulas, entre elas, a clássica versão de *O lobo e o cordeiro*.

Tive idéia do livrinho que vai para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhuma. [...] Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos.<sup>16</sup>

O espaço reservado para os comentários dos personagens é sempre valorizado na coleção do *Sítio do Picapau Amarelo*. No final deste trecho, Pedrinho redarguiu ao comentário de Narizinho que lhe “anda na cabeça” a fábula do lobo forte e do lobo fraco, numa referência à criatividade das crianças-aprendizes, como estímulo para o jovem leitor.

#### **Quarto trecho: A volta para Lisboa**

*Nas jazidas à flor da terra e no cascalho de certos rios o ouro realmente abundava de maneira maravilhosa, e o que os portugueses e espanhóis tiraram da América não tem conta. Foram milhares e milhares de arrobas!*

– *Por que, então, não se tornaram esses países os mais ricos do mundo? – perguntou Pedrinho.*

– *Porque não souberam guardá-lo – respondeu Dona Benta. Não basta ganhar, é preciso conservar, coisa muito mais difícil. Todo o ouro que Portugal tirou do Brasil*

<sup>15</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 987.

<sup>16</sup> LOBATO, Monteiro. Op. cit., 2010, p. 436. Carta enviada a Godofredo Rangel, datada de 13 de abril de 1919.

*foi se passando aos poucos para os países industriais, sobretudo para a Inglaterra, em troca de produtos das suas fábricas. Quando os portugueses abriram os olhos, era tarde – o ouro do Brasil estava todo em mãos de gente mais esperta.*<sup>17</sup>

A imagem dos colonizadores como gananciosos e saqueadores que se movem na busca de riquezas e conquistas ressurgiu para retomar a concepção apresentada no segundo trecho selecionado. Essa leitura foi seguida de comentários mais entusiasmados dos alunos pelo fato dos colonizadores portugueses terem sofrido um revés, perdendo todo o ouro retirado do Brasil para “mãos de gente mais esperta”: – Que burros!, comentou, entre risos, o aluno Fabrício, da 8ª A.

### **Quinto trecho: O forte de Bertioga**

*Os tupinambás odiavam aos portugueses por se terem aliado aos tupiniquins, e como a cinco milhas de S. Vicente ficasse a Bertioga, onde havia um canal de fácil entrada às suas canoas, um grupo de irmãos mamelucos, lá residentes, tratou de erguer ali um forte. Era o meio de proteger contra as incursões desses índios as lavouras que começavam a formar-se nos arredores.*

– *Que é mameluco?*

– *Chamavam-se mamelucos os nascidos no Brasil filhos de pai branco e mãe índia. Esses irmãos eram Diogo, João, Domingos, Francisco e André Braga, filhos de um tal Diogo Braga.*

*Com o auxílio de alguns portugueses e vários índios eles ergueram à entrada do canal um fortim, construíram casas e principiaram a cultivar as terras da Bertioga.*

*Logo que os tupinambás souberam disso prepararam uma expedição contra esses colonos e certa noite surgiram no canal em setenta canoas.*

*O ataque deu-se pela madrugada. Os mamelucos e portugueses entrincheiraram-se nas casas e resistiram heroicamente. Mas foram vencidos, embora pudessem milagrosamente fugir. O mesmo não aconteceu com os tupiniquins que viviam com os irmãos mamelucos, os quais foram mortos, divididos em postas e assim conduzidos para a terra tupinambá. Quanto ao forte, os índios puseram-lhe fogo e fizeram-no arder como grande fogueira.*

– *Conduzidos em postas? – interrogou Narizinho. Para serem enterrados lá?*

---

<sup>17</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 988.

- *Não, minha filha: para serem comidos...*
- *Que horror! – exclamou a menina, fazendo uma careta de asco.*
- *Os tupinambás eram grandes apreciadores de carne humana, como vocês vão ver no decurso desta história.*<sup>18</sup>

Podemos considerar esse trecho um fragmento-chave da obra porque contém importantes informações sobre o convívio entre brancos e índios no processo de colonização das terras brasileiras, incluindo as rivalidades entre tribos, fato desconhecido pela maioria dos alunos, conforme veremos adiante.

“Mameluco” tem seu significado transcrito de maneira sucinta no texto: “Chamavam-se mamelucos os nascidos no Brasil filhos de pai branco e mãe índia”. Essa passagem serviu para ilustrar a formação do povo brasileiro, a partir de suas diferentes origens.

A narrativa traz também uma primeira menção ao canibalismo como costume dos povos indígenas.

O ritual antropofágico, descrito na versão infantil, é diversas vezes anunciado, aguçando a expectativa do leitor e o sentido de aventura que o narrador confere à descrição da cerimônia. A descrição do ritual está dispersa por vários capítulos, embora alguns deles, como, por exemplo, os intitulados ‘Antropofagia’, ‘Cenas de canibalismo’ e ‘Festas de canibais’, sejam mais direcionados para a representação da cerimônia. As cenas mais fortes são retratadas ora com humor, ora com argumentos culturais que expõem o sentido que, na cultura indígena, tem o ritual de devoração dos inimigos. (ZORZATO, 2008, p. 161)

### **Sexto trecho: O forte de Bertioga**

*Nesse entretempo os vicentinos escreveram a el-rei, contando como era boa e bonita a terra onde moravam, prejudicada apenas pelo mal que aos seus moradores faziam os índios. E o rei mandou, para acudi-los, o Coronel Tomé de Sousa.*

- *Já havia coronéis naquele tempo, hem, vovó! – filosofou Pedrinho.*
- *Sim, meu filho, mas em menor número que hoje – e melhores, como esse Tomé de Sousa, que foi um benemérito.*

*Logo que este oficial chegou os vicentinos lhe falaram com muitos elogios dos préstimos de Hans Staden, da sua coragem e dedicação. Tomé de Sousa foi examinar o forte, louvou o intrépido artilheiro e prometeu recomendá-lo ao rei quando regressasse*

---

<sup>18</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 995.



*ao reino. E como estivesse a terminar o prazo dos quatro meses, Tomé de Sousa propôs-lhe novo contrato por mais dois anos, findos os quais o enviaria a Portugal pelo primeiro navio. Hans aceitou e continuou no forte, já agora melhorado e aumentado de mais alguns canhões.*<sup>19</sup>

O referido excerto serviu como elo da narrativa ao contextualizar a permanência do protagonista, Hans Staden, em terras brasileiras. Logo nas primeiras linhas, fica evidenciado o valor documental dos relatos sobre as condições de vida no Brasil em seus primórdios. “Nesse entretempo os vicentinos escreveram a el-rei, contando como era boa e bonita a terra onde moravam, prejudicada apenas pelo mal que aos seus moradores faziam os índios”. Nota-se que a representação do índio é despregada da imagem do bom selvagem. “Nesse sentido, a obra tenta resgatar a figura do índio e sua importância na história do país, a partir de uma visão na qual do índio não é romanticamente idealizado”. (ZORZATO, 2008, p. 162).

Explicamos aos alunos sobre a estratégica função desempenhada por Hans Staden no forte de São Vicente, no litoral paulista. O alemão era “artilheiro”, soldado que atira com armas pesadas, como os canhões.

### **Sétimo trecho: A captura de Hans Staden**

*– Hans tinha consigo no forte um escravo carijó, que para ele caçava e o acompanhava em suas excursões.*

*Certo dia em que apareceu de visita ao forte um tal Heliodoro Hesse, gerente de um engenho de cana de S. Vicente, Hans, que na véspera mandara o carijó à caça, ficou apreensivo com a sua demora. Já passava de meio-dia e nada do índio aparecer. Como não fosse bom sinal aquilo, Hans se foi a procurá-lo.*

*Encontrou-o, e já vinham os dois de volta, a conversar, quando de súbito uma gritaria irrompeu de dentro da mata e um bando de selvagens surgiu, de flechas apontadas.*

*– “Valha-me Deus”! gritou Hans, e caiu ferido numa perna.*

*Os índios agarraram-no e despiram-no incontinenti. Um tirou-lhe a gravata e pôs-se a dançar de gosto com ela na mão. Outro tirou-lhe a camisa; outro, o chapéu. Enquanto isso dois selvagens disputavam entre si a posse do corpo de Hans. Um berrava*

---

<sup>19</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 997.

*que lhe pertencia, porque lhe pusera a mão primeiro. O segundo alegava que não, pois fora ele que o derrubara. Como não chegassem a acordo, engalfinharam-se e começaram a espancar-se mutuamente com os arcos. Vendo aquilo, os outros agarraram o prisioneiro e levaram-no a correr para onde estavam as canoas.*

*– Tal qual na fábula do burrinho e dos ladrões – lembrou a menina. Quando dois brigam, lucra um terceiro...*

*– É sempre assim na vida, e quanto mais vocês viverem tanto mais se convencerão da sabedoria das velhas fábulas. Mas levaram-no para as canoas e lá viu Hans surgirem novos índios, que vinham a correr numa grande alegria, mordendo os braços como para indicar que o iam comer.*

*– Que horror, vovó! – exclamou a menina horripilada. Comer um homem!...*

*– Pois é, minha filha, davam sinais de que iam comê-lo e com um prazer enorme.*

*Diante do pobre Hans postou-se um murubixaba, ou cacique, armado de tacape, que contou aos outros como havia caçado aquele pero.*

*– ?*

*– Os índios chamavam peros aos portugueses, talvez porque o chefe dos primeiros aparecidos por cá fosse Pero, ou Pedro Alvares Cabral.*

*Esses índios não eram todos da mesma taba, de modo que logo surgiu dúvida sobre a posse do prisioneiro; por fim um deles propôs que o matassem ali mesmo e cada qual levasse o seu quinhão.*

*Ouvindo aquilo o pobre Hans começou a encomendar a alma a Deus, certo de que não teria nem mais um minuto de vida. O cacique, porém, decidiu de outra maneira. Havia de levá-lo vivo à taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele; depois o matariam e – “Kaiuim pipeg!” isto é, muito cauim havia de correr. Prometeu preparar bastante cauim, devendo todos os presentes lá se reunirem para o devorar em sociedade.<sup>20</sup>*

Esse trecho, o mais longo aplicado aos alunos nesta etapa da pesquisa, foi selecionado por concentrar uma gama de informações essenciais à compreensão da narrativa, sendo o que mais prendeu a atenção dos jovens. Primeiramente ele traz a informação de que o jovem Hans Staden era ajudado por um “escravo carijó”, que servia-lhe de apoio em um território estranho e desconhecido.

---

<sup>20</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 998.

*“Os carijós ocupavam áreas que iam de Cananeia, no litoral sul de São Paulo, até a lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Por aceitaram bem a catequese cristã, foram considerados dóceis, o que não evitou que fossem escravizados pelos portugueses. Hans Staden, quando comandava o forte de São Vicente, tinha como escravo um índio carijó. Os índios carijós eram inimigos dos tupiniquins.”*<sup>21</sup>

A imprevisibilidade criada pelo sumiço do índio leva naturalmente ao sentimento de perigo a qual estaria exposto o protagonista. O suspense é marcadamente quebrado com uma interjeição que serviu para exprimir de modo eficiente um sentimento violento, uma emoção:

Valha-me Deus!”. “O trabalho com a linguagem é outra estratégia lobatiana de apropriação do texto. (...) Em Hans Staden, Lobato procura usar uma linguagem próxima do universo infantil, simplificada no nível sintático e vocabular, acrescida de interjeições e de expressões populares e gírias: ‘Valha-me Deus!’; ‘Nossa!’, ‘derrota!’.” (ZORZATO, 2008, p. 160).

Para instruir o leitor, os termos e expressões indígenas têm seu significado reproduzido de maneira concisa. Assim usa-se “peros” para designar portugueses e “Kaiuim pipeg! (...) isto é, muito cauim havia de correr”. Perguntamos oralmente para os alunos se alguém sabia o que era cauim. Apenas Frederico, da 8ª A, disse tratar-se de uma bebida alcoólica feita através da fermentação da mandioca ou do milho.

Na disputa entre membros que não eram todos da mesma taba pela posse do prisioneiro “em que lucra um terceiro” seguem momentos de indecisão em prol de se traçar um destino mais apropriado para o cativo. Fica atribuída ao canibalismo, sempre exposto de forma explícita, à acepção de selvageria com requintes de crueldade:

(...) e lá viu Hans surgirem novos índios, que vinham a correr numa grande alegria, mordendo os braços como para indicar que o iam comer. (...) por fim um deles propôs que o matassem ali mesmo e cada qual levasse o seu quinhão. (...) Havia de levá-lo vivo à taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele. (...) Prometeu preparar bastante cauim, devendo todos os presentes lá se reunirem para o devorar em sociedade.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> ORTEGA, Denise. Monteiro Lobato em quadrinhos: Aventuras de Hans Staden. Adaptado da obra de Monteiro Lobato por Denise Ortega e Stil (roteiro). Ilustrações de Arcon. Editora Globo, São Paulo, 1ª edição, 1ª reimpressão, 2009, p. 89.

<sup>22</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 998.

### **Oitavo trecho: Rumo à taba**

*As mulheres deixaram a roça e vieram rodeá-lo, cheias de curiosidade. Pela primeira vez viam um bípede implume louro, de olhos azuis e cara vermelha como presunto.*

*Os homens entregaram-lhes o prisioneiro, antes de irem para as cabanas guardar as armas e repousar. Então as mulheres, entoando os cantos que usavam quando iam devorar um inimigo, conduziram-no até à caçara ou cercado de paus-a-pique que fechava a taba. Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba.<sup>23</sup>*

A descrição do prisioneiro como “um bípede” o faz aproximá-lo de uma figura animalizada que apenas se apóia ou anda em dois pés. A desumanização conferida a Hans Staden e sua condição reduzida a de um animal a ser comido ou devorado é ainda reforçada pelas palavras “cara vermelha como presunto”. A promessa anteriormente feita de “levá-lo vivo à taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele” se torna concreta no decurso da história, aqui acrescida de cenas de violência caracterizadas por agressões físicas, humilhação e tortura: “Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba”.

### **Nono trecho: Rumo à taba**

*Nisto, uma índia surgiu com uma lasca de cristal na mão, com a qual se pôs a cortar-lhe as sombrancelhas. Depois quis fazer-lhe o mesmo à barba. Hans achou que era demais e pediu que o matassem com barba e tudo. As mulheres então lhe disseram que não iam matá-lo ainda. Hans conseguiu dessa vez salvar a barba. Só mais tarde é que lha cortaram, com uma tesoura que os franceses haviam introduzido na aldeia.*

– *Que é que tinham os franceses com esses índios? – perguntou o menino.*

– *Os franceses faziam-se aliados de todas as tribos inimigas dos portugueses. Era o meio de poderem negociar em pau-brasil e outros produtos da terra, contra a vontade dos que se julgavam donos e queriam monopolizar o comércio do Brasil.*

– *Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?*

---

<sup>23</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 1000.

– *O direito dos portugueses era o direito do mais forte. Os índios deixaram-se vencer e desse modo perderam a terra que até então haviam possuído.*

– *Sempre a fábula do lobo forte e do lobo fraco – comentou Pedrinho filosoficamente.*<sup>24</sup>

O excerto traz uma seqüência dos maus-tratos físicos e emocionais impostos, sem compaixão, ao prisioneiro, mas também conta sobre as relações sociais e comerciais entre europeus e índios. A informação de que “(...) os franceses faziam-se aliados de todas as tribos inimigas dos portugueses”, ajudou a explicar aos alunos as principais estratégias adotadas por Hans para se ver livre do cativo. Embora os índios o considerassem português, o prisioneiro se fez passar por francês para ganhar tempo até conquistar a confiança de seus algozes. Explicamos que o alemão costumava evocar “seu deus” para reverter situações mais complicadas como fortes tempestades e doenças que abatiam os indígenas.

Ao indagar: “Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?”, podemos estabelecer uma conexão com uma das questões aplicadas previamente nessa etapa da pesquisa, na qual detectamos que a idéia de que os índios são os primeiros “donos” das terras brasileiras é senso comum entre os alunos.

### **Décimo trecho: Os Maracás**

– *Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça aos selvagens do Brasil eles seriam amigos – observou Pedrinho.*

– *Certamente – respondeu Dona Benta. Mas os conquistadores do Novo Mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para o conseguirem não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada.*

– *Mas como é então, vovó que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?*

– *Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar a impressão de que é um magnânimo herói. Há uma fábula a este respeito. À entrada de certa cidade*

---

<sup>24</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 1001.

*erguia-se um grupo de mármore, que representava um homem vencendo na luta ao leão. Passa um leão, contempla aquilo e diz: Muito diferente seria essa estátua, se os leões fossem escultores!*<sup>25</sup>

A importância desse trecho residiu em demonstrar para os alunos que quando escrevemos estamos registrando nossa história, por meio de nossas memórias e impressões. Ao introduzir a polêmica discussão acerca de quem escreve a história “dos heróis” na visão do autor, preparamos uma questão a respeito, para saber a opinião dos alunos sobre quem seria o responsável pela escrita, digamos, “oficial”, antes de revelar o ponto de vista dado pela narrativa. Inicialmente propusemos a concepção de que há vencedores e perdedores, acrescentando que outras possibilidades poderiam ser consideradas: ambos, nenhum, outros autores, etc.

### **Décimo primeiro trecho: Hans muda de taba**

*Abati-poçanga declarou então que consentia na sua partida com a condição de voltar no ano seguinte. Era seu amigo, considerava-o seu filho e estava zangado com os de Ubatuba por terem querido devorá-lo.*<sup>26</sup>

### **Décimo segundo trecho: A salvação**

*Hans regressou à sua pátria, onde escreveu o livro em que conta estas histórias, livro precioso para nós porque foi o primeiro publicado a respeito de coisas do nosso país.*<sup>27</sup>

No desenlace, o prisioneiro consegue escapar e salvar sua vida. Os alunos ficaram curiosos para saber como Hans teria conseguido esta façanha. Nesse sentido, demos algumas pistas, procurando aguçar a curiosidade dos estudantes e estimulá-los a ler a narrativa completa.

O principal propósito foi dar continuidade a idéia anterior sobre a escrita da história a exemplo do que fez Hans, que acabou registrando no livro *Duas Viagens ao Brasil*, o que viveu em terras brasileiras em meados do século 16. Os alunos ficaram impressionados em descobrir que a obra constitui os primeiros registros publicados sobre

<sup>25</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 1002.

<sup>26</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 1019.

<sup>27</sup> LOBATO, Monteiro. Aventuras de Hans Staden. Volume 8. In: Op. cit., p. 1019.

o Brasil. Dessa forma, reforçamos a importância do valor documental do texto de Staden para a História do nosso País e, conseqüentemente, da adaptação lobatiana para o alcance do público mais jovem.

### **Uma história dentro de outra história**

Depois da leitura dos trechos selecionados, elaboramos seis questões para ser respondidas pelos estudantes. Durante o desenvolvimento dos exercícios, percebemos que o termo “História”, escrito com letra maiúscula para designar campo do conhecimento – método adotado nos questionários anteriores –, levou muitos alunos a percorrer caminhos imprevisíveis.

Parte dos estudantes entendeu a “História” como sendo a mediada por Dona Benta, que é a avó contadora de histórias do Sítio. Em outros casos, a “História” foi percebida como a narrada pelo escritor Monteiro Lobato em sua adaptação, e, por fim, a expressão “História” foi interpretada como a saga vivida pelo viajante Hans Staden através de seus relatos (sem a mediação de D. Benta). Nesse ponto, deixamos os estudantes se expressarem livremente.

Esse episódio coincide com um dos recursos definidos pelo autor no processo de adaptação do texto para os leitores mirins, ou seja, o uso de três vozes na narrativa: a de Dona Benta, a do próprio Lobato e, nesse caso, a de Hans Staden (ZORZATO, 2008, p. 154).

Da primeira pessoa da narrativa original, o texto passa a ser narrado na terceira, já que a avó Dona Benta, sob o ponto de vista de Lobato, conta para seus netos a história do viajante alemão preso entre índios antropófagos, grandes apreciadores de carne humana. Assim, a adaptação apresenta-se como uma história dentro de outra história, e a avó assume a figura de um “contador de histórias”. (ZORZATO, 2008, p. 154)

Na primeira pergunta – Qual é a visão que você tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil? – identificamos diversas categorias entre as representações prévias dos alunos. Os portugueses como exploradores do Novo Mundo, colonizadores no sentido positivo de ocupar a terra, invasores, escravizadores de índios, oportunistas, dominadores, golpistas e até mesmo pós-descobridores do Novo Mundo, o que significa considerar os índios como descobridores do Brasil, foram as representações detectadas.

Entretanto, não se trata apenas da categoria de representação em si, mas dos sentidos atribuídos (interpretação) a cada uma delas que chamam a atenção, como, por exemplo, a estudante Alícia (8ª A), que considerou o fato dos portugueses explorarem os recursos e os habitantes do Novo Mundo como algo positivo: “Bom eles foram muito espertos ao chegar no Brasil. Por que Eles não conheçião o território Brasileiro e usaram os índios para achar as riquezas.”

Outro caso de concepção positiva foi da aluna Jerusa (8ª B), que interpreta a ação colonizadora dos portugueses como transformadora do mundo para melhor: “Que eles foram um dos principais acontecimentos na historia, e que com eles o mundo mudou para melhor porque precisava de ter alguém para descobrir o Brasil.”

Assim, apesar de termos detectado categorias de representações dos alunos, classificamos essas categorias a partir dos sentidos atribuídos a elas por cada jovem em positivas, negativas, mistas, neutras ou indeterminadas. Há casos de alunos que manifestaram visões mistas sobre os portugueses, considerando os dois lados do legado lusitano na América: “Uma visão boa, porque eles descobriram o Brasil e graças à ele o país foi se evoluindo. O ruim é que eles expulsaram os índios de suas casas e o maltrataram muito durante os anos.” (Bruna, 8ª A).

Encontramos uma resposta em que há uma representação dos índios como descobridores do País, enquanto o estatuto dos portugueses é de colonizadores que se apoderaram do Brasil. “Os portugueses na minha visão eles colonizaram o Brasil e os índios descobriram, os portugueses de certa forma se apoderaram do Brasil.” (Francisca, 8ª B).

Em contrapartida, um estudante fugiu da dicotomia do mundo dividido entre bons e maus, apresentando uma visão neutra, pois considerou os portugueses como pós-descobridores do Brasil. Nesse caso, a visão do indígena como o legítimo descobridor do Brasil está implícita: “Os portugueses são Pós descobridores porque os índios já moravam aqui no Brasil, então quem descobriu o Brasil.” (Fabrício, 8ª A). A aluna Karen apresentou uma resposta semelhante ao colega.

Nas concepções negativas, os portugueses aparecem como golpistas e escravizadores, caracterizados por Denilson (8ª A) como “povo totalmente egoísta”: “Bom observando todos os dados, nós sabemos que Pedro Alvares Cabral não ‘descobriu’ totalmente o Brasil, antes deles acharem o Brasil, os índios habitavam nossa terra, sendo assim então que, para mim, nós fomos colonizados por um povo totalmente egoísta, que praticamente nos escravizam porque sabiam que os índios já tinham habitado no Brasil



mas não pensaram nos benefícios ou malefícios que poderiam atribuir na década da colonização do Brasil. Mas temos que nos contemplar com isso, afinal nossos antepassados são portugueses e índios.”

Em algumas respostas a imagem do português aparece como invasor, suscitando, inclusive, em uma das colocações certo questionamento sobre a veracidade da descoberta das terras brasileiras: “Uma visão triste por causa dos índios que já habitavam no Brasil, pois os portugueses chegaram e nomearam que foi uma descoberta deles, mas não foi, o Brasil pertencia aos índios bem antes, então não entendo até hoje o porque dizem que o Brasil foi descoberto pelos portugueses.” (Kátia, 8ª B)

### 8ª A

**Pergunta 1. Qual é a visão que você tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil?**

### 8ª A POSITIVAS

**Alícia:** Bom eles foram muito espertos ao chegar no Brasil. Por que Eles não conheciam o território Brasileiro e usaram os índios para achar as riquezas. **(EXPLORADORES)**

**TOTAL:** 1 (12,5%)

### 8ª A MISTAS

**Bruna:** Uma visão boa, porque eles descobriram o Brasil e graças à ele o país foi se evoluindo. O ruim é que eles expulsaram os índios de suas casas e o maltrataram muito durante os anos. **(COLONIZADORES/INVASORES)**

**Margarida:** A visão que tenho deles, e que vieram e disseram que colonizou o país, mais ao certo não foram eles, os índios já estavam aqui e eles meio que se aproveitaram dos índios, porque para os índios nada disso tinha valor e eles trocavam objetos com os índios por ouros. Na minha opinião deveriam ter falado a verdade e depois se os índios não tivessem como colonizar, entrava em um acordo! **(INVASORES)**

**Horácio:** A visão que eu tenho sobre a colonização e que foi o tempo que o “Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil” mais antes dele “descobrir” já existia os Índios o Pedro Álvares Cabral levou algumas coisas para trocar com os Índios que tinha valor e com um tempo eles fizeram os índios de escravos. **(ESCRAVIZADORES)**

**TOTAL:** 3 (37,5%)

#### **8ª A NEGATIVAS**

**Denilson:** Bom observando todos os dados, nós sabemos que Pedro Alvares Cabral não “descobriu” totalmente o Brasil, antes deles acharem o Brasil, os índios habitavam nossa terra, sendo assim então que, para mim, nós fomos colonizados por um povo totalmente egoísta, que praticamente nos escravizam porque sabiam que os índios já tinham habitado no Brasil mas não pensaram nos benefícios ou malefícios que poderiam atribuir na década da colonização do Brasil. Mas temos que nos contemplar com isso, afinal nossos antepassados são portugueses e índios. **(ESCRAVIZADORES)**

**Frederico:** Que os colonizadores foram um gosse de Portugal para achar novas terras mas eles ficaram frustrados quando souberam que já havia habitantes por ali (Índios) **(GOLPISTAS)**

**TOTAL:** 2 (25%)

#### **8ª A NEUTRAS**

**Fabício:** Os portugueses são Pós descobridores porque os índios já moravam aqui no Brasil, então quem descobriu o Brasil. **(PÓS-DESCOBRIDORES)**

**Fugiu da dicotomia do mundo dividido entre bons e maus.**

**Karen:** Os colonizadores são pos-descobridores pois quando chegaram ao Brasil a terra já era ocupada por índios. (**PÓS-DESCOBRIDORES**)

**Fugiu da dicotomia do mundo dividido entre bons e maus.**

**TOTAL:** 2 (25%)

### 8ª B

**Pergunta 1. Qual é a visão que você tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil?**

### 8ª B POSITIVAS

**Jerusa:** Que eles foram um dos principais acontecimentos na história, e que com eles o mundo mudou para melhor porque precisava de ter alguém para descobrir o Brasil (**DESCOBRIDORES/TRANSFORMADORES DO MUNDO PARA MELHOR**)

**TOTAL:** 1 (12,5%)

### 8ª B MISTAS

**Davi:** Uma visão boa ou ruim, boa por que eles colonizaram o Brasil; e ruim por que escravizaram pessoas para fazerem os trabalhos pesados. (**COLONIZADORES/ESCRAVIZADORES**)

**Francisca:** Os portugueses na minha visão eles colonizaram o Brasil e os índios descobriram, os portugueses de certa forma se apoderaram do Brasil. **(COLONIZADORES)**

**Também há na resposta representação dos índios, considerados DESCOBRIDORES.**

**Plínio:** Uma visão normal, nem tao boa, nem tão ruim. Eles trouxeram a bela cultura Portuguesa para o “Brasil” e até hoje é muito adorada por brasileiros e até gringos **(VISÃO MISTA, TROUXERAM A CULTURA PORTUGUESA PARA O BRASIL)**

**TOTAL:** 3 (37,5%)

### **8ª B NEGATIVAS**

**Katia:** Uma visão triste por causa dos índios que já habitavam no Brasil, pois os portugueses chegaram e nomearam que foi uma descoberta deles, más não foi, o Brasil pertencia aos índios bem antes, então não entendo ate hoje o porque dizem que o Brasil foi descoberto pelos portugueses. **(INVASORES)**

**Marcelo:** Creio eu que eles achava uma “mina de ouro sem dono” e aproveitaram disso por muito anos, eles são oportunistas. **(OPORTUNISTAS)**

**Renata:** A minha visão é de pessoas que queriam tomar conta de tudo e de todos **(DOMINADORES)**

**TOTAL:** 3 (37,5%)

### **8ª B INDETERMINADAS**

**Leandro:** Quando chegaram no Brasil, se deram conta de que não era tão simples assim dominar um país, ainda mais porque ele já estava ocupado pelos índios.

<b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)
-------------------------

Na segunda pergunta – Qual é a visão que você tem dos índios do passado colonial brasileiro? – as categorias de representações dos alunos puderam ser classificadas em positivas e negativas. Como positivas, a imagem do bom selvagem predomina nas respostas, incluindo a visão do índio inocente, escravizado e vítima. Ao todo temos seis respostas da 8ª A que se encaixam nessa categoria. Em dois resultados os alunos demonstraram suas interpretações negativas sobre o indígena: tolos e ignorantes. “Os índios foram tolos em entregar o ouro que tinha no Brasil” (Fabrício); “Na minha visão os índios eram nús, ignorantes e não imaginava como a terra deles eram ricas então eles trocavam as suas terras por coisas superfulas como por exemplo espelhos, pentes, Polvora e etc.” (Frederico).

Na 8ª B, sete alunos classificaram os índios de maneira positiva. Desses, cinco consideraram os índios como Bons Selvagens, enquanto uma aluna, Jerusa, classificou os indígenas como Descobridores e um aluno, Leandro, como Donos do Brasil.

Apenas uma das respostas refletiu uma interpretação negativa, do indígena como alguém de pouca sorte e sofredor: “De pessoas que não tiveram muita sorte com a vida e acabou sofrendo com os colonizadores.” (Renata)

A análise das respostas dadas para essa questão evidencia, portanto, a força da representação do Bom Selvagem em nosso imaginário. Disseminada, sobretudo, a partir das obras dos escritores românticos do século XIX (Gonçalves Dias, José de Alencar, entre outros), o Bom Selvagem é uma das bases do nosso ideário identitário, estruturado a partir da ideia de miscigenação de índios, europeus e africanos. A “cordialidade” e “bondade” do brasileiro teriam sido, portanto, herdadas – se não de maneira integral, pelo menos, boa parte delas –, dos indígenas. Como admitir que haviam conflitos, guerras entre os índios, incluindo práticas de canibalismo? Este foi o problema que os jovens se depararam ao entrarem em contato com informações presentes na obra lobatiana sobre os índios, incluindo a questão do canibalismo. Os alunos tiveram imensa dificuldade em admiti-la, pois esta informação foi capaz de desestruturar suas representações sobre o índio de nosso passado colonial.

**Pergunta 2. Qual é a visão que você tem dos índios do passado colonial brasileiro?**

**8ª A  
POSITIVAS**

**Alícia:** Os índios eram pessoas que foram usadas por que eles não eram má pessoas. **(BOM SELVAGEM)**

**Bruna:** De eles sofreram muito foram tirados de suas casas, maltratados, discriminados e escravizados, tudo por causa dos portugueses que acharam o país e em pouco tempo, já tinham muito domínio sobre ele. **(BOM SELVAGEM/VÍTIMAS/ESCRAVIZADOS)**

**Denilson:** Os índios para mim são bem significativos, pois são eles que viviam no Brasil até porque nos herdamos características deles até então, porque eles no passado tinham um visão bem diferente das coisas como eles achavam que a água poderia pegar fogo, e entre outros. Eu acho que eles não deveriam se escravizados porque eles não cometiam nada de errado. **(BOM SELVAGEM)**

**Horácio:** A visão que tenho sobre os Índios e que eles foram escravizados, a escravidão foi um período muito ruim para os Índios pois eles foram escravizados, maltratados, humilhados foram feitos de empregados **(BOM SELVAGEM/VÍTIMAS/ESCRAVIZADOS)**

**Karen:** Minha visão é que quando os colonizadores chegaram, já existia índios e que eles eram pessoas sem muito conhecimento sobre o mundo que havia fora do Brasil. **(BOM SELVAGEM/INOCENTES)**

**Margarida:** A visão que tenho é que os índios eram inocentes e não tinham ideias de ouro ou dinheiro que tinham, e eles eram felizes assim mesmo, depois vieram os portugueses e meio que mudaram seus costumes e seu modo de vida. **(BOM SELVAGEM/INOCENTES)**

TOTAL: 6 (75%)

**8ª A**  
**NEGATIVAS**

**Fabício:** Os índios foram tolos em entregar o ouro que tinha no Brasil. **(TOLOS)**

**Frederico:** Na minha visão os índios eram nús, ignorantes e não imaginava como a terra deles eram ricas então eles trocavam as suas terras por coisas superfulas como por exemplo espelhos, pentes, Polvora e etc. **(IGNORANTES)**

TOTAL: (25%)

**8ª B**

**Pergunta 2. Qual é a visão que você tem dos índios do passado colonial brasileiro?**

**8ª B**  
**POSITIVAS**

**Davi:** Uma visão boua, pois viveram da natureza e usarem todos os recursos de arvorés, plantas, lagos e rios. **(BOM SELVAGEM)**

**Francisca:** Na minha visão os indios viviam no canto deles sem fazer guerras com outros países pois não foram atitudes dos indios que trouxeram os portugueses e sim um erro no trajeto enfim. **(BOM SELVAGEM)**

**Jerusa:** Os índios na minha opinião era para ser o descobridor do Brasil, porque eles foram os primeiros a esta no território brasileiro, mas nem todo mundo acredita nesse conceito. **(DESCOBRIDORES)**

**Katia:** Pessoas que não souberam ser **vistas**, sobreviviam sozinhos, com a união deles. Até chegar os portugueses e retira-los e dominar as terras deles sem estar nem ai com eles. **(BOM SELVAGEM)**

<b>Leandro:</b> Eles praticamente dominaram o Brasil inteiro, eram eles que faziam o país, do jeito deles. Muitas tribos, diferentes costumes, culturas, isso era o Brasil. <b>(DONOS DO BRASIL)</b>
<b>Marcelo:</b> Eram pessoas que não sabiam ao certo do que o homem-Branco eram capazes de fazer, e nem como lidar com as mudanças que aconteceram. <b>(BOM SELVAGEM/INOCENTES)</b>
<b>Plínio:</b> Eles já habitavam no país, eles tinham uma vida sábia, até que chegou os portugueses. Essa é a visão que eu tenho dos índios, são calminhos e inocentes. <b>(BOM SELVAGEM/INOCENTES)</b>
TOTAL: 7 (87,5%)

<b>8ª B NEGATIVAS</b>
<b>Renata:</b> De pessoas que não tiveram muita sorte com a vida e acabou sofrendo com os colonizadores <b>(SOFREDORES)</b>
TOTAL: 1 (12,5%)

Ao questionarmos os alunos sobre suas visões dos índios contemporâneos, cinco estudantes da 8ª A e três da 8ª B manifestaram representações positivas, sendo que, dois admitiram que os índios de hoje não são mais tão inocentes e, por isso, não seriam mais “Bons Selvagens” (mudaram suas representações): “Bom hoje em dia os índio já conhece as coisas, tem conhecimento. De tudo.” (Alicia, 8ª A); “os índios que temos na atualidade são poucos, mas eles ainda existem, estão basicamente mais evoluídos, porque com o passar do tempo, as pessoas vão evoluindo, e assim, os índios também.” (Bruna, 8ª A).

Quatro consideraram que os índios continuam sendo bons selvagens. Um das respostas mais interessantes foi a de Margarida (8ª A), que considera que os índios



evoluíram, sobretudo no campo do conhecimento, mas continuam sendo “Bons Selvagens”, pois ajudam a sociedade: “A minha visão dos índios agora é que eles não se deixaram levar por nós e continuaram com suas cresças. Alguns evoluíram, estudaram e hoje trabalham mais alguns ainda vive em suas aldeias acho que eles produzem muito para o Brasil, e ajuda nós com remédios etc...”. Outra foi a de Katia (8ª B), que acredita que os índios vivem, atualmente, como viviam no período colonial: “Que são pessoas que merecem muito respeito, pois são pessoas que vivem pela naturalidade deles, não precisam da modernidade, nem de tecnologias. Vivem sem nada disso. Ou seja, não precisam disso.”

Ao somarmos as respostas negativas de alunos de ambas as turmas, chegamos a um total de seis. Todos têm visões diferentes dos índios atuais com relação às manifestadas sobre os índios do passado. As mais significativas foram as de Denilson e Horácio, ambos da 8ª A, pois esses alunos manifestaram representações antagônicas dos índios atuais, considerados agressivos, violentos, ao contrário de seus antepassados, vistos pelos jovens como “Bons Selvagens”: “Hoje, sinceramente minha visão é outra porque agora os índios nos atacam para defender qualquer coisa, não que eles estejam errados, mas agora eles querem resolver tudo á ignorância, brigas e confusões mas eu acho que não são assim que as coisas se resolvem, nos temos que lutar pelo o que é nosso, da mesma forma que eles lutem pelo que é deles.” (Denilson); “Eu tenho uma visão de que os Indios hoje não gosta dos Brasileiros eles são contra nós pois eles pençam que a gente pode fazer algum mal para eles,”. (Horácio)

A resposta de Horácio, além de considerar os índios agressivos, violentos, revela que o aluno vê o indígena como um ente despregado no restante do Brasil, como se os mesmos não fossem brasileiros e nem tivessem contribuído para gerar o povo brasileiro, em um antagonismo extremo que, talvez, possa ter relação com a cobertura, pela mídia, de protestos indígenas, demarcações de terras, que acabam por não evidenciar estas condições.

### 8ª A

**Pergunta 3. Qual é a visão que você tem dos índios brasileiros na atualidade?**

**8ª A**  
**POSITIVAS**

**Alícia:** Bom hoje em dia os índio já conhece as coisas, tem conhecimento. De tudo. **(TÊM MAIS CONHECIMENTOS)**

**MUDOU**

**O que significa que os índios já não são mais bons selvagens, na concepção da estudante.**

**Bruna:** os índios que temos na atualidade são poucos, mas eles ainda existem, estão basicamente mais evoluídos, porque com o passar do tempo, as pessoas vão evoluindo, e assim, os índios também. **(TÊM MAIS CONHECIMENTOS/EVOLUÍDO)**

**MUDOU**

**O que significa que os índios já não são mais bons selvagens, na concepção da estudante.**

**Fabício:** Os índios tentam manter a tradição que tinham mas não tem como pois mundo esta tecnológico por isso eles não conseguem continuar as suas tradições. **(TENTAM MANTER TRADIÇÃO)**

**MANTEVE a representação de que são IGNORANTES/INOCENTES, pois tentam manter suas tradições, o que, para o aluno, diante da tecnologia atual, é impossível. Ignorantes para o aluno, é no sentido de falta de conhecimento, de inocência gerada por esta condição.**

**Frederico:** Eles são naturalistas, vivem em colônias, moram em lugares selvagem suas tintas são feitas de pigmento de frutas e flores e são menos ignorantes doque no passado. **(MENOS IGNORANTES)**

**MANTEVE**

**Nesse caso classificamos como positiva pelo fato do aluno considerar que os índios são, atualmente, menos ignorantes que no passado. Entretanto, o aluno mantém a representação de que os indígenas são ignorantes. Ou seja, o critério adotado foi o da comparação com o teor da resposta anterior. Mas essa resposta também poderia ser considerada como negativa.**

**Margarida:** A minha visão dos índios agora é que eles não se deixaram levar por nós e continuaram com suas cresças. Alguns evoluíram, estudaram e hoje trabalham mais

alguns ainda vive em suas aldeias acho que eles produzem muito para o Brasil, e ajuda nós com remédios etc... **(EVOLUÍRAM)**

**MANTEVE BOM SELVAGEM**

**TOTAL: 5 (50%)**

**8ª A  
INDEFINIDA**

**Karen:** Existem muitas tribos que tentam manter a tradição, mas o mundo mudou e esta mais moderno, por isso eles acabam recorrendo ao mundo moderno, mas nada é como era antes.

**TOTAL: 1 (12,5%)**

**8ª A  
NEGATIVAS**

**Denilson:** Hoje, sinceramente minha visão é outra porque agora os índios nos atacam para defender qualquer coisa, não que eles estejam errados, mas agora eles querem resolver tudo á ignorância, brigas e confusões mas eu acho que não são assim que as coisas se resolvem, nos temos que lutar pelo o que é nosso, da mesma forma que eles lutem pelo que é deles. **(AGRESSIVOS/VIOLENTOS)**

**MUDOU. Antes era BOM SELVAGEM.**

**Horácio:** Eu tenho uma visão de que os Indios hoje não gosta dos Brasileiros eles são contra nós pois eles pençam que a gente pode fazer algum mal para eles, **(NÃO GOSTAM DE BRASILEIROS)**

**MUDOU. Antes era VÍTIMAS/ESCRAVIZADOS.**

**TOTAL: 2 (25%)**

## 8ª B

**Pergunta 3. Qual é a visão que você tem dos índios brasileiros na atualidade?**

**8ª B  
POSITIVAS**

**Davi:** Uma visão boa, por que eles agora podem estudar, se vestir, comer e dormir em casas a o ives de passar frio na floresta. **(VISÃO BOA/SER CIVILIZADO?/TEM ACESSO AOS AVANÇOS MATERIAIS DA SOCIEDADE)**

**MANTEVE representação do BOM SELVAGEM.**

**Francisca:** Na verdade não ouço falar frequentemente sobre eles, mas eles continuam com a cultura deles só que agora eles precisam as vezes protestar por algumas coisas. **(PRESERVAM SUA CULTURA)**

**MANTEVE representação do BOM SELVAGEM.**

**Katia:** Que são pessoas que merecem muito respeito, pois são pessoas que vivem pela naturalidade deles, não precisam da modernidade, nem de tecnologias. Vivem sem nada disso. Ou seja, não precisam disso. **(MERECEM RESPEITO. VIVEM SEM TECNOLOGIA.)**

**MANTEVE representação do BOM SELVAGEM**

**TOTAL: 3 (37,5%)**

**8ª B  
MISTA**

**Leandro:** Estão muito restritos, só em alguns lugares do país que ainda alguns prevalecem. Seus costumes, artes e culturas ainda são as mesmas, porém, não com tanta frequencia, pois depois da chegada dos Portugueses muitas coisas mudaram. **(CULTURA DELES MUDOU)**

**MUDOU. Antes era DONOS DO BRASIL.**

**TOTAL: 1 (12,5%)**

**8ª B  
NEGATIVAS**

**Jerusa:** Os índios na atualidade estão sendo abandonados, pelo governo e não estão evoluídos na sociedade (**ABANDONADOS/NÃOEVOLUÍDOS**)

**MUDOU. Antes era DESCOBRIDORES.**

**Marcelo:** São pessoas que se misturarão com a cultura do homem-Branco, deixando seus antigo costumes ou então, não estão mais levando sério. (**PERDERAM SEUS COSTUMES/MISTURARAM-SE COM O HOMEM-BRANCO**)

**MUDOU. Antes era BOM SELVAGEM.**

**Plínio:** Muitos índios hoje em dia estão jogados nas ruas, sem abrigo e sem comida, então em olhar os índios de hoje com os índios de antigamente; Hoje eles estão bem perdidos no país. (**PERDIDOS**)

**MUDOU. Antes era BOM SELVAGEM.**

**Renata:** De muita diferença. No passado antes dos colonizadores chegarem eles tinham mais liberdade com a natureza e hoje em dia tem que tomar mais cuidado (**MENOS LIBERDADE**)

**MUDOU. Antes era SOFREDORES.**

**TOTAL: 4 (50%)**

Nas respostas à próxima pergunta, os alunos puderam escolher se, para eles, eram os vencedores ou os perdedores que escrevem a História. A maioria dos jovens de ambas as turmas não se conformaram com a limitação das opções dadas e manifestaram

respostas que exigiram a criação de outras categorias: ambos – alunos que afirmaram que vencedores e perdedores escrevem a História – e outros – jovens que afirmaram que quem escreve a História são as pessoas que têm conhecimento do passado.

Apenas três alunos responderam que quem escreve a História são os vencedores: Alícia, da 8<sup>a</sup> A, e Marcelo e Plínio, ambos da 8<sup>a</sup> B. Marcelo foi o aluno que melhor manifestou/compreendeu a relação da escrita da História com as relações de poder: “Os vencedores, pois os vencedores controlam tudo que está em seu domínio...incluindo a informação!!”

Com relação aos perdedores, somente Davi (8<sup>a</sup> B) afirmou que são os perdedores que escrevem a História, alegando, para isso que, com o fim da escravidão dessas pessoas, elas passaram a ser dignas de suas terras e, implicitamente, tiveram condições de começar a escrever sua versão da História. “Os perdedores, por que eles sempre foram escravizados e punidos, por nada, aí quando pararam de ser escravizados passaram a ser dignos de suas terras.”

“Ambos” foi a categoria que mais teve respostas: cinco alunos da 8<sup>a</sup> A e cinco da 8<sup>a</sup> B. O principal motivo alegado é que a História traz o relato do que aconteceu com ambos. Entretanto, os alunos não perceberam que a questão não é apenas o relato, mas a forma como o relato histórico apresenta os vencedores ou perdedores.

As respostas mais interessantes foram as de Horácio e Margarida (ambos da 8<sup>a</sup> A): “Na minha opinião não tem isso de quem escreve a historia, na minha opinião quem escreve a historia é quem tem conhecimento quem gosta de ler quem reflete, quem pença, quem tem uma memoria boa.” (Horácio); “Na minha opinião, não é nem os vencedores nem os perdedores, escreve quem tem ou tinha muito conhecimento naquela época, porque ao ser se os vencedores ou perdedores tivessem escrito iria ficar meio confuso nos não sabíamos em quem acreditar!” (Margarida).

O aluno percebeu a História enquanto campo do conhecimento (ciência), construído por quem estuda, pensa, reflete (os especialistas, no caso, os historiadores) e a aluna, em um passo a mais com relação ao seu colega, entendeu que, além de quem escreve a História é quem tem conhecimento (os especialistas, historiadores atuais), quem tinha muito conhecimento naquela época, ou seja, os historiadores ou escritores que viveram no período em que ocorreram os fatos, também eram responsáveis pela escrita da História – nesse caso, com validade documental maior do que no primeiro caso.

Segundo concluiu Ashby (2006, p. 164), a partir da análise do processo de construção de conhecimentos históricos de jovens ingleses, as fontes de época são vistas

com maior credibilidade pelos alunos, como testemunhas oculares, apesar das limitações da compreensão sobre o que é uma fonte de época:

Outras respostas sobre os tipos de fontes necessárias foram mais explícitas, e ‘fontes de época’ foram frequentemente vistas como as de maior credibilidade. No entanto, essas fontes que são referidas como ‘de época’ parecem estar sendo usadas como testemunhas oculares, esteja ou não a fonte de época afirmando ser testemunha do evento que está descrevendo. Há uma grande evidência a partir dos dados, sugerindo que os alunos que usaram ‘de época’, o fizeram com precisão limitada sobre o que uma ‘fonte de época’ é capaz de sustentar.

Para a historiadora, o que precisa ser trabalhado pelos professores para que os estudantes compreendam melhor as fontes históricas é o contexto em que foram produzidas: “(...) Olhar os testemunhos a partir das circunstâncias em que foram produzidos é um aspecto importante da compreensão dos alunos sobre a natureza das fontes históricas e, portanto, das afirmações que poderiam ser feitas baseadas nos fatos citados.” (ASHBY, 2006, p. 165) Como escreve Lee (2006, p. 140): “(...) A gama de descrições válidas aplicáveis ao passado muda com a ocorrência de novos eventos e processos. As considerações históricas são construções, não cópias do passado.”

As respostas de Horácio, de maneira geral, surpreenderam. Considerado “burro” pelos colegas, com baixa autoestima, o jovem apresentou, constantemente, ao longo do desenvolvimento da etapa de campo do estudo, respostas elaboradas, que refletem um estágio relativamente desenvolvido de seus conhecimentos históricos, o que também pode indicar que o aluno possui uma consciência histórica bastante ativa. Apesar disso, como veremos, o aluno, ao responder a terceira questão da segunda parte (bloco), confundiu Hans Staden com Pedro Álvares Cabral, citado ao longo da narrativa.

## 8ª A

**Pergunta 4. Na sua opinião, quem escreve a História: os vencedores ou os perdedores? Por quê?**

**8ª A**  
**VENCEDORES**

**Alícia:** Bom eu acho que quem escreve a historia são os vencedores. Por que eles não relatam sua verdade. só as coisas que fazem sucesso.

**TOTAL:** 1 (12,5%)

**8ª A**  
**AMBOS**

**Bruna:** Eu acho que os dois, porque todo perdedor sempre tem uma história de como perdeu, e os vencedores sempre em algum momento, perdem.

**Denilson:** Na minha opinião os dois. Porque quem ganha, comemora porque adquire mais conhecimentos para poder ganhar mais e quem perde, aprende a aceitar numa boa sua derrota para poder corrigir o que foi feito de errado, para poder um dia melhorar.

**Fabício:** Os dois, porque sem perdedores não teria ganhadores.

**Karen:** Eu acho que os dois, pois não existiria vencedor sem perdedor.

**Frederico:** São parcialmente pois as grandes revoluções que teve os dois lados se expressavam tinha seus ideais diferentes mas eram livres para fazer oque quizerem.

**TOTAL:** 5 (62,5%)

**8ª A**  
**OUTROS**

**Horácio:** Na minha opinião não tem isso de quem escreve a historia, na minha opinião quem escreve a historia é quem tem conhecimento quem gosta de ler quem reflete, quem pença, quem tem uma memoria boa.



**Margarida:** Na minha opinião, não é nem os vencedores nem os perdedores, escreve quem tem ou tinha muito conhecimento naquela época, porque ao ser se os vencedores ou perdedores tivessem escrito iria ficar meio confuso nos não sabíamos em quem acreditar!

**TOTAL:** 2 (25%)

### 8ª B

**Pergunta 4. Na sua opinião, quem escreve a História: os vencedores ou os perdedores? Por quê?**

### 8ª B VENCEDORES

**Marcelo:** Os vencedores, pois os vencedores controlam tudo que está em seu domínio...incluindo a informação!!

**Plínio:** Acho que os dois, até porque a história será um fato eternizado em todo país, então quem escreve a história são os vencedores, até para dar um “ar” de superiores.

**TOTAL:** 2 (25%)

### 8ª B AMBOS

**Francisca:** Os dois porque a História é feita de conflitos entre homens de bom e mal caráter, então ao meu ver sem perdedores ou vencedores não haveria a História.

**Jerusa:** Os dois escrevem, porque a história relata tanto a versão dos vencedores como as dos perdedores.

<b>Katia:</b> Os dois, pois sem vencedores não haveria perdedores ou vice versa. O conjunto de tudo, escreve a história.
<b>Leandro:</b> Os dois, porque foram ambos que escreveram a história. A história já está feita, e continua crescendo e, na minha opinião, a história que conhecemos hoje não seria a mesma se algo tivesse sido diferente.
<b>Renata:</b> Nenhum nem o outro os dois podem contar. Por que ficaria emocionante dos dois jeito, e tanto o vencedor como o perdedor tem capacidade para motar a historia
<b>TOTAL:</b> 5 (62,5%)

<b>8ª B PERDEDORES</b>
<b>Davi:</b> Os perdedores, por que eles sempre foram escravizados e punidos, por nada, aí quando pararam de ser escravizados passaram a ser dignos de suas terras.
<b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)

## O Bom Selvagem

Nessa etapa, começamos com a questão: Como o autor define a História? Você concorda ou discorda da definição do autor sobre a História? Por quê?

Surpreendentemente, 50% dos alunos da 8ª A não entenderam que a questão se referiu à História enquanto ciência e não enquanto “estória”. O resultado foi que, em suas respostas, eles se detiveram no conflito entre os portugueses e os índios. E o mais surpreendente é que essa turma era considerada com melhor desempenho com relação à 8ª B, onde apenas dois não compreenderam a pergunta.

“A História nos mostra o que portugueses antes mesmo de colonizar o Brasil tinham uma forte briga com a França por conta de territórios que queriam “roubar do Brasil” e que os índios eram meio que sem conhecimento por os portugueses traziam coisas para os índios, em troca de ouro. Eu discordo, porque eles faziam coisas que não

eram justas, engavam os índios sem eles saberem que estavam sendo tapiados.” (Denilson, 8ª A)

Dos que compreenderam a pergunta na 8ª A, num total de quatro, todos concordaram com a visão de Lobato de que a História é uma constância ou um conjunto de guerras, conflitos, de pirataria do forte sobre o mais fraco.

Na 8ª B, foram seis que concordaram com a visão do autor: “O autor define assim ‘O mais forte, sempre que pode depreda o mais fraco’. Concordo, porque até hoje a humanidade age assim.” (Katia); “Concordo, pois vivenciamos isso até hoje...e ele define a história como o mais forte decide como vai contar os acontecimentos (se contar)”. (Marcelo)

Ambas respostas evidenciam o poder que o texto exerce sobre os leitores, mas, ao mesmo tempo, o processo de produção de sentidos e conhecimentos de cada pessoa, baseado em suas trajetórias singulares, portanto, na experiência individual com o tempo (vivência ou interação com o contexto), o que inclui a estruturação de seus valores e crenças pessoais. Como afirma CHARTIER (1990, p. 121):

(...) quer se considere o caráter todo-poderoso do texto, e o seu poder de condicionamento sobre o leitor – o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma –; quer se considere como primordial a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares – o que significa encarar os atos de leitura como uma coleção indefinida de experiências irredutíveis umas às outras. Transformar em tensão operatória aquilo que poderia surgir como uma aporia inultrapassável é o desígnio, a aposta, de uma sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objetivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais –, e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação.

É importante salientar que Monteiro Lobato expressou uma visão de senso comum (ver categorias descritas no Capítulo 3), ou seja, da História como um conjunto de fatos, no caso de guerras, conflitos e atos de pirataria dos fortes contra os fracos. Pelo menos no trecho trabalhado, o autor não faz referência às definições de História como ciência ou conhecimento escolar.

Ao responder à questão, os alunos se retiveram na definição dada pelo autor para a História, sem acionar as representações da mesma manifestadas anteriormente, quando foram estimulados a descrever suas representações sobre a História. Isso ocorreu, provavelmente, pela atribuição do status de verdade documental ao que está escrito, nesse

caso, somado à legitimidade que um autor famoso dá, na concepção da maioria das pessoas (outros sentidos comuns), mecanismo que legitima o que Chartier chamou de, como descrevemos anteriormente, “o caráter todo-poderoso do texto, e o seu poder de condicionamento sobre o leitor”, ainda que o historiador francês também nos lembre que as formas individuais de apropriação do texto pelas pessoas e o contexto sejam fundamentais no processo de construção do conhecimento.

### 8ª A

**Pergunta 1. Como o autor define a História? Você concorda ou discorda da definição do autor sobre a História? Por quê?**

### 8ª A

#### **GUERRAS/CONFLITOS/PIRATARIA DO FORTE SOBRE O MAIS FRACO**

**Alícia:** Sim, por que não só na aquela época. Mais nos dias atuais só vemos conflitos no mundo. Qual pessoa hoje em paz. nem uma. por que naquele tempo já avia guerra entre índios e colonizadores. **(Concorda com o autor)**

**Bruna:** Ele define que a história é uma pirataria sem fim, que o mais forte sempre vence o mais fraco. Eu concordo com isto, porque durante todos os anos, sempre teve guerra e a maioria delas eram o mais forte, contra o mais fraco, e quem tinha muito poder e influência sobre as pessoas, sempre acabam ganhando. **(Concorda com o autor)**

**Fabício:** Os índios trocavam tudo que tinha por coisas tolas que os portugueses eram um tipo de ditadores. Concordo porque eles faziam isso como os índios a força. **(Concorda com o autor)**

**A análise da resposta dos alunos nos permite perceber que o aluno entendeu a concepção de História lobatiana como sendo uma pirataria dos fortes contra os mais fracos.**

**Karen:** Sim, pois o que ele fala realmente é certo, normalmente as pessoas pensam mais em si e quando tem oportunidade tenta, consegui o que quer “nas costas” dos mais inocentes ou com falta de conhecimento (**Concorda com o autor**)

**TOTAL:** 4 (50%)

**8ª A**  
**NÃO ENTENDERAM A QUESTÃO**

**Denilson:** A História nos mostra o que portugueses antes mesmo de colonizar o Brasil tinham uma forte briga com a França por conta de territórios que queriam “roubar do Brasil” e que os índios eram meio que sem conhecimento por os portugueses traziam coisas para os índios, em troca de ouro. Eu discordo, porque eles faziam coisas que não eram justas, engavam os índios sem eles saberem que estavam sendo tapiados.

**Frederico:** Eu discordo pois ele se embeleza e se vangloria mas eu acho isso meio errado pois as vezes a historia não é a que conta como exemplo: as aventuras de Hans Staden.

**Horácio:** Eles define a Historia como os portugueses inimigos dos Indios que eles viviam em tipo um guerra eles não gostava dos portugueses. Do que eles não conheciam os portugueses então não foram com a cara deles. Eu discordo por que os índios deveriam conhecer primeiro e depois julgalos.

**Margarida:** O autor sempre define a historia como os portugueses super “vilões”, certamente não consta se antes eles fizeram algo ruim. Mas depois de se aproveitarem dos índios que não sabiam o valor que tinham, em mãos, não acho certo eles terem se aproveitado dessa situação.

**TOTAL:** 4 (50%)

**8ª B**

--

**Pergunta 1. Como o autor define a História? Você concorda ou discorda da definição do autor sobre a História? Por quê?**

**8ª B**

**GUERRAS/CONFLITOS/PIRATARIA DO FORTE SOBRE O MAIS FRACO**

**Davi:** Define a História como uma “pirataria que não tem fim”. Eu concordo por que os Portugueses eram muito exagerados em suas Histórias. **(Concorda com o autor)**

**Francisca:** O autor define a história, toda vez em que ele cita que os fortes empre depredam os mais fracos. E eu concordo porque são os poderosos que ditam às regras de uma certa forma até hoje **(Concorda com o autor)**

**Katia:** O autor define assim “O mais forte, sempre que pode depreda o mais fraco”. Concordo, porque até hoje a humanidade age assim. **(Concorda com o autor)**

**Leandro:** Define como “pirataria”. Cheio de ataques de índios, dos colonos, dos tupinambás e dos tupiniquins. Concordo. **(Concorda com o autor)**

**Marcelo:** Concordo, pois vivenciamos isso até hoje...e ele define a história como o mais forte decide como vai contar os acontecimentos (se contar) **(Concorda com o autor)**

**Renata:** Ele define como humanidade sem fim. Concordo com o autor sobre a história por que hoje em dia vence sempre o mais forte. **(Concorda com o autor)**

**TOTAL: 6 (75%)**

**8ª B**

**NÃO ENTENDERAM A QUESTÃO (INDEFINIDAS)**

**Jerusa:** Ele define a história como um meio de diversão, e aborta o assunto com detalhes. Porque eu concordo, pois assim as crianças se divertiram e aprimoravam o conhecimento (primeira versão)

<p><b>Plínio:</b> Define como uma história importante por seu uma história do Brasil. Concordo sim é uma história interessante para a história do país Brasil.</p>
<p><b>TOTAL:</b> 2 (25%)</p>

Na segunda pergunta, pedimos para os estudantes descreverem qual é a visão do autor sobre os colonizadores do Brasil, bem como para exprimir se eles concordavam ou não com Lobato, como forma de medir o impacto da leitura da obra sobre os jovens, na medida em que, na primeira questão do bloco anterior, eles foram questionados sobre qual era a imagem que eles tinham dos colonizadores (portugueses).

Na 8ª A, todos os alunos afirmaram que concordam com a visão do autor, o qual define os colonizadores como gananciosos e movidos na busca de riquezas e conquistas. Na 8ª B, cinco alunos concordaram, um não concordou, uma não entendeu o enunciado da questão e um não se posicionou.

Ao compararmos essas respostas com as obtidas na primeira questão do primeiro bloco foi possível percebermos que, na 8ª A, quatro alunos mantiveram suas visões dos colonizadores (as quais já eram negativas) e outros quatro mudaram (de positivas para negativas), seguindo a concepção do autor. Na 8ª B, três mantiveram suas opiniões (também já negativas) e quatro mudaram (de positivas para negativas), em concordância com o ponto de vista de Lobato. Apenas a aluna Renata confundiu o colonizador com o índio: “O autor tem uma opinião ruim e achavam eles burros. Discordo com a opinião dele. Eles são muitos esperto eles vive na mata e consegue sobreviver na natureza.”

Portanto, a análise comparativa dessas respostas nos permite afirmar que a literatura foi capaz de modificar as representações dos jovens estudantes, e, portanto, seus conhecimentos.

A consciência estrutura o pensamento histórico a partir da necessidade dos homens de se situarem no tempo, de entenderem o presente e fazerem projeções de futuro.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. UnB, Brasília, 2001, p. 30 e 55.

Assim, a alteridade do nosso pensamento acaba gerando mudanças no nosso conhecimento e, por extensão, no contexto social e nas formas com que os seres humanos organizam e percebem o tempo e o espaço.

Neste sentido, a literatura é uma das formas de produção humana que mais permeiam o processo educacional, seja em contextos formais ou informais. Como escreveu Antonio Candido (1972, p. 82):

(...) Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.

Moscovici admite a relação entre o conhecimento histórico e seu desenvolvimento a partir da constante articulação e rearticulação das nossas representações do passado.

(...) As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo, desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com o seu bebê. Estas imagens e conceitos são derivadas dos seus próprios dias de escola, de programas de rádio, de conversas com outras mães e com o pai e de experiências pessoais e elas determinam seu relacionamento com a criança, o significado que ela dará para os seus choros, seu comportamento, e como ela organizará a atmosfera na qual ela crescerá. (MOSCOVICI, 2003, p. 99)

Como dissemos anteriormente, segundo Moscovici (2003), as representações sociais são dinâmicas e mutáveis. O romeno propõe, portanto, um conceito de representação antagônico ao do pioneiro da conceitualização de representações, Émile Durkheim, que considerava as representações como idéias ou símbolos coletivos imutáveis e, por isso mesmo, capazes de manter a coesão social. Além disso, Durkheim também considerava as representações como sendo individuais ou coletivas e defendia que seu estudo deveria ser feito pela psicologia e sociologia, respectivamente.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> DURKHEIM, Émile. Sociologia e filosofia. Editora Ícone, São Paulo, 1994, p. 50. Mais informações em: DURKHEIM, Émile. A Divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; e As formas elementares da vida religiosa. In: Durkheim: Vida e obra (Os pensadores). Coletânea. Trad. Luz Cary e Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª. ed., Abril Cultural, São Paulo, 1983; e LUKES, Steven. Bases para a interpretação de Durkheim. In: Cohn, Gabriel (org.). Para ler os clássicos. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro/São Paulo, 1977, p. 15-46.



Entretanto, esta concepção, ainda adotada por muitos pesquisadores, não explica porque o aprendizado do ser humano se estende por toda a sua vida. Este processo de constante modificação e aprendizagem se opera a partir da classificação, pela nossa consciência, dos elementos desconhecidos. Para tanto, utilizamos nossas representações prévias, buscando aproximar o novo, como forma de dar-lhe sentido. Entretanto, neste processo, operam-se mudanças em nossas representações, adaptações necessárias para explicar o novo, sobretudo com relação aos elementos que não se encaixam totalmente em nossas representações prévias. Assim, surgem novas representações que, em interação com as antigas, nos permitem criar novos conhecimentos, entre eles o histórico.

### 8ª A

**Pergunta 2. Qual é a opinião que o autor tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os colonizadores do Brasil? Por quê?**

### 8ª A NEGATIVAS

**Alícia:** Eu concordo.

Porque eles capturaram muitos selvagens para escravizar; e claro que usaram os índios por que tinha riquezas no Brasil. **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MANTEVE)**

**Bruna:** Que eles haviam capturado e escravizado alguns selvagens para facilitar seu domínio do país, e eu concordo, por que varios índios foram mortos ou maltratados para que os colonizadores pudessem dominar o país. **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MANTEVE)**

**Fabício:** Ditadores concordo, pois eles faziam o que queriam com os índios. **(DITADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MUDOU)**

**Frederico:** Eu concordo, pois eles usam a inocência e a ignorância do Índios para tirar proveito dessas riquezas do Brasil. **(EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MANTEVE)**

**Karen:** Que eles eram gananciosos, sim concordo porque eles realmente eram gananciosos vieram atrás de terra rico riquezas e etc. e ainda tiveram os índios que fizeram de escravos **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MUDOU)**

**Margarida:** O autor tem de que os portugueses queriam ser muito espertos e conseguiram enganar os índios. Eu concordo se ao certo foi isso que aconteceu eu acredito que eles estavam errados, **(ENGANADORES)**

**(Concorda com o autor. Entretanto, o autor não fala em enganar.)**  
**(MANTEVE)**

**TOTAL: 6 (75%)**

### **8ª A** **POSITIVAS**

**Denilson:** Ele tem uma opinião clara: que cada qual no seu lugar, ninguém faz mau para ninguém e vice-verso. E eu concordo eles só queriam seus bens que poderiam arrecadar sem intenção nenhuma de prejudicar a cada um. **(BEM-INTECIONADOS)**

**(Afirma que concorda com o autor. Entretanto, o autor não afirma que os portugueses tinham boas intenções.)**  
**(MUDOU)**

**Horácio:** Ele tem uma opinião clara do portugueses que eles não queriam fazer mal para os Índios, eu concordo pois os portugueses vinheiram sem mal intenções. Mas os Índios já vinheiram brigando com más intenções não pararam para conversar. **(BEM-INTENCIONADOS)**

**(Afirma que concorda com o autor. Entretanto, o autor não afirma que os portugueses tinham boas intenções.)**  
**(MUDOU)**

**TOTAL: 2 (25%)**

### 8ª B

**Pergunta 2. Qual é a opinião que o autor tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os colonizadores do Brasil? Por quê?**

### 8ª B NEGATIVAS

**Davi:** Era uma opinião ruim, por que eles escravisavão os índios para obter as riquezas do Brasil. Eu concordo. **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MANTEVE)**

**Francisca:** O autor escreveu que os portugueses além de tomarem posse do Brasil eles deicharam os índios que já habitavam lá vivos pois eles serviriam como escravo. Eu concordo porque eles apenas pensaram em si próprio e como eles tinham o “poder” na epoca eles aproveitaram. Usaram o poder e deixaram a inteligência de lado. **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MUDOU)**

**Jerusa:** A opinião e que os portugueses queriam mandar em tudo, eles queriam a dominicão da terra. Sim concordo com a opinião do autor, porque o autor conta a realidade. **(DOMINADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**

**(Concorda com o autor)**  
**(MUDOU)**

**Katia:** Concordo, a opinião que ele tem é de que os portugueses eram burros pois não souberam valorizar o que tinham em mãos. **(BURROS)**

**(Concorda com o autor. Entretanto, o autor não diz que os portugueses eram burros.)**  
**(MUDOU)**

**Leandro:** Eles escravizaram os índios. Diz que os índios não gostaram dos Portugueses, pois além da escravidão, eles eram alidos aos tupiniquins. **(ESCRAVIZADORES/EXPLORADORES DOS ÍNDIOS)**  
**(Não declarou se concorda ou não com o autor.)**  
**(MUDOU)**

**Marcelo:** De pessoas barbaras, que não estavam nem ai para os outros; apenas para sua riquezas. Concordo com o pensamento dela, pois isso é verdade. **(BÁRBAROS)**

**(Concorda com o autor.) O aluno se baseia na representação de que, se está escrito, é verdade.**  
**(MANTEVE)**

**TOTAL: 6 (75%)**

## **8ª B**

### **INDEFINIDAS**

**Plínio:** Os colonizadores eram meio revisados com os franceses e na opinião do autor é uma opinião concreta sobre ambos os lados.  
**(MANTEVE)**

**TOTAL: 1 (12,5%)**

<b>8ª B</b> <b>NÃO ENTENDERAM A QUESTÃO</b>
<b>Renata:</b> O autor tem uma opinião ruim e achavam eles burros. Discordo com a opinião dele. Eles são muitos esperto eles vive na mata e consegue sobreviver na natureza.  (A aluna achou que a questão se referia aos índios)
<b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)

A representação do “Bom Selvagem”, cunhada para o índio no Romantismo, é tão forte no nosso imaginário e identidade – de que somos descendentes de índios, africanos e europeus e formamos um povo bom, trabalhador, entre outros elementos – que os alunos se negaram a aceitar a informação de que os índios do período colonial eram canibais e que lutavam entre si (tribos diferentes), ou seja, não eram tão “bonzinhos” assim.

O choque dos jovens com esta nova informação foi tão forte que os alunos deturpam a visão de Hans Staden/Monteiro Lobato em suas respostas porque ficaram divididos ou não quiseram aceitar que não há Bom Selvagem. Mas, ao mesmo tempo, está escrito. E, se está escrito, é verdade. Então, como conciliar a negação de que não havia bons selvagens com o fato desta informação estar escrita ou presente na obra lobatiana? O resultado foram respostas dúbias ou deturpadas, resultado do choque de ambas as representações. Ou seja, os jovens criaram outras interpretações da História, na tentativa de conciliar o conflito gerado por ambas as representações.

No caso da obra escolhida, devemos levar em consideração que a mesma tem caráter autobiográfico, pois se baseou nas memórias de Hans Staden no período em que viveu no Brasil em cativeiro. Lobato adaptou a História do alemão para recontá-la às crianças e jovens, o que foi, o tempo todo, como já relatado, contextualizado para os alunos.

Na 8ª A, cinco alunos afirmaram concordar com o autor enquanto três não declararam se concordam ou discordam de Lobato. Mas, o mais interessante é que cinco jovens mantiveram suas representações de “Bom Selvagem”, ignorando as informações presentes no texto sobre a prática de canibalismo, e três mudaram, passando do “Bom Selvagem” para a aceitação de os índios eram “Nervosos” ou “odiavam os portugueses”.

Ou seja, os alunos criaram outras interpretações que diluíram a questão do canibalismo e atribuíram à descoberta de que os índios não se comportavam “apenas” como eles esperavam pelo fato de odiarem os colonizadores. A resposta de Alícia é um exemplo de tentativa de conciliação entre a visão do “Bom Selvagem” com o choque produzido pelas novas informações: “Bom no texto diz que: Os tupinambás odiavam os portugueses porque eles se aliaram au tipiniquins; mias eu acho que ele fala isso devido o medo de serem escravizados.”

Na 8ª B, seis afirmaram concordar com o autor, uma aluna (Jerusa) discordou e um aluno (Plínio) não declarou se concorda ou discorda do autor, bem como sua resposta também não permitiu evidenciar se o aluno mudou ou não sua representação: “Os índios tem sempre uma reviravolta em todo o livro, mas como eu disse é uma opinião meio concreta.” (Plínio)

Dos seis alunos que afirmaram concordar com o autor, apenas um, Davi, mudou sua representação de “Bom Selvagem” para a de “Selvagens/canibais”: “Eu concordo, e a opinião é que os idios Brasileiros eram muito selvagens e até faziam a prática do canibalismo.”

Desse mesmo grupo, quatro alunos mantiveram suas representações de “Bom Selvagem” por meio da criação de respostas (narrativas) que tentaram conciliar a manutenção do “Bom Selvagem” em face da informação de que os índios eram “canibais” com a necessidade de concordarem com o autor, já que se está escrito é verdade:

“O autor conta que os índios tinham suas rivalidades mais entre as tribos. Eu acho que isso fazia parte da cultura deles então eu concordo.” (Francisca)

“Concordo, a opinião dele era de que, os índios sempre lutaram para defender o que era deles.” (Katia)

“Concordo. Pois os índios eram escravos após a chegada dos Portugueses. Eles apreciaram a carne humana.” (Leandro)

“Que os índios lutava para defender sua terra eu concordo”. (Renata)

Mas a resposta mais ilustrativa dos alunos com relação à resistência a aceitar o canibalismo foi a de Jerusa, que discordou de Lobato, pelo fato do autor estar contando apenas os “fatores ruins”: “Que os índios so queriam matar e comer quem era de outras tribos, nacionalidades, porque eu não concordo, pois a historia so esta contando os fatores ruins”.

Portanto, a análise das respostas dos jovens nos permite afirmar que a literatura tem limites no processo de interferência nas representações das pessoas. Quando se

depara com os pilares da identidade nacional de um povo, o texto literário pode encontrar resistências dos sujeitos, uma questão que merece ser revista no campo educacional, em especial no ensino de História. A resistência se dá por meio da criação de narrativas pretensamente “consensuais”, formadas por representações sacramentadas e as novas informações que as desestabilizaram e, em última instância, afetaram a forma como os indivíduos (alunos) se situavam no tempo, no espaço e no contexto em que vivem.

Segundo Rüsen (2010, p. 95): “(...) A narrativa é, portanto, o processo de constituição de sentido da experiência do tempo.” Conforme percebeu o historiador alemão:

(...) Toda narrativa (histórica) está marcada pela intenção básica do narrador e seu público de não se perderem nas mudanças de si mesmos e de seu mundo, mas de manterem-se seguros e firmes no fluxo do tempo. A experiência do tempo é sempre uma experiência da perda iminente da identidade do homem (...). (RÜSEN, 2001, p. 66)

Ainda:

(...) A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de auto-afirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade com as quais relacionam as experiências do tempo com as intenções no tempo: a medida da plausibilidade e da consistência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para a constituição de representações abrangentes da continuidade é a permanência de si mesmos na evolução do tempo. A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana. (RÜSEN, 2001, p. 66)

Esses resultados nos levam a pensar que uma metodologia de ensino de História que use literatura autobiográfica e entre em confronto com a questão identitária – localizada no campo das mentalidades e, portanto, na longa duração – talvez exija a utilização de outras fontes documentais complementares, capazes de dar maior força ou legitimidade às informações contidas na literatura. Em especial, com relação à obra escolhida, o próximo passo poderia ser a utilização do livro escrito originalmente por Hans Staden e ilustrado pelo viajante, contendo detalhes dos rituais antropofágicos.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> A obra de Hans Staden foi publicada em 1557, com o título *História Verdica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homburg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão*. In: STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. L&PM Pocket. Porto Alegre, 2013, p. 9.

## 8ª A

**Pergunta 3. Qual é a opinião que o autor tem dos índios do passado colonial brasileiro? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os índios do passado colonial brasileiro? Por quê?**

8ª A  
CONCORDAM

**Bruna:** Que eles não suportam a escravidão e que preferem morrer do que serem escravizados, eu concordo pois eles sofreram muito nas mãos dos colonizadores. **(NÃO SUPORTAVAM A ESCRAVIDÃO)**  
**(MANTEVE)**

**Fabrizio:** Brutos e burros. Concordo, porque eles comiam os inimigos. **(BRUTOS E BURROS)**  
**(MANTEVE)**

**Frederico:** Concordo pois naquela época eles não tinham a sabedoria de tem hoje e eram influenciados pela a cultura de Portugal. **(SEM SABEDORIA)**  
**(MANTEVE)**

**Horácio:** Ele achava que os índios era muito cabeça quente, eles não pensaram, eles era muito precipitado, por exemplo, eles nem conhecia o Pedro Álvares Cabral e já foram querendo matar ele então eu concordo com a opinião do autor pois os índios era muito precipitado, mas os índios nem conheciam ele e nunca tinha visto para julgar ele é tipo aquela fraze tem que conheça as pessoas e depois julgalas. **(NERVOSOS)**  
**(MUDOU)**

**Margarida:** Acredito que a opinião dele é de que os índios não sabiam o que os portugueses queriam, ele achava que os português eram amigos, e que tudo bem em trocar mercadorias. Eu sim concordo e acho que eles não tinham consciência do valor que tinham **(INOCENTES)**  
**(MANTEVE)**

**TOTAL: 5 (62,5%)**



--

**8ª A**  
**INDEFINIDOS QUANTO SE CONCORDAM OU DISCORDAM**

**Alícia:** Bom no texto diz que: Os tupinambás odiavam os portugueses porque eles se aliaram au tipiniquins; mias eu acho que ele fala isso devido o medo de serem escravizados. **(ODIAVAM OS PORTUGUESES)**  
**(MUDOU)**

**Denilson:** Ele achava que os índios eram bem extressadinhos, porque eles o raptaram porque eles tinham a cabeça quente por conta de Hans Staden ser louro de olhos azuis, que eles não o “comeram” mas eles estava certo de que conseguiria fazer com que os índios acreditassem que ele não era português, mais sim francês, e por conta de eles serem bem precipitados e cruéis em seus rituais canibais, o seja, primeiro as pessoas tem de conhecer as outras e depois julgá-la. **(NERVOSOS)**  
**(MUDOU)**

**Karen:** Uma raça vermelha ou índia alguns até selvagens que nunca suportaram a escravidão. **(NÃO SUPORTAVAM A ESCRAVIDÃO)**  
**(MANTEVE)**

**Indefinidos quanto se concordam ou não com o autor.**

**TOTAL: 3 (37,5%)**

**8ª B**

**Pergunta 3. Qual é a opinião que o autor tem dos índios do passado colonial brasileiro? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os índios do passado colonial brasileiro? Por quê?**

**8ª B**  
**CONCORDAM**

**Davi:** Eu concordo, e a opinião é que os índios Brasileiros eram muito selvagens e até faziam a prática do canibalismo. **(SELVAGENS/CANIBAIS)**  
**(MUDOU)**

**Francisca:** O autor conta que os índios tinham suas rivalidades mais entre as tribos. Eu acho que isso fazia parte da cultura deles então eu concordo. **(RIVAIS DE OUTROS ÍNDIOS)**  
**(MANTEVE)**

**A aluna afirma que concorda com o autor porque a rivalidade entre tribos fazia parte da cultura dos índios. Ou seja, não aceita rever a representação de Bom Selvagem e justifica que concorda com o autor (se está escrito é verdade) pelo fato da “cultura dos índios ter rivalidades entre as tribos”.**

**Katia:** Concordo, a opinião dele era de que, os índios sempre lutaram para defender o que era deles.  
**(MANTEVE)**

**Deturpa a opinião do autor para poder concordar com ele (e também não admitir que não há Bons Selvagens)**

**Leandro:** Concordo. Pois os índios eram escravos após a chegada dos Portugueses. Eles apreciaram a carne humana.  
**(MANTEVE)**

**O aluno justifica o fato dos índios serem canibais como uma espécie de “vingança” contra os portugueses, que os escravizaram, não admitindo, portanto, rever a representação do Bom Selvagem.**

**Marcelo:** Pessoas com costumes diferente na qual estamos acostumados; e sofreram na mão dos portugueses. Concordo, pois eles eram isso mesmo, basicamente livres.  
**(MANTEVE)**

**Renata:** Que os índios lutava para defender sua terra eu concordo  
**(MANTEVE)**

**Ou seja, com o restante, incluindo o fato dos índios serem canibais, a aluna não concorda, também em uma clara resistência a aceitar o fato de que não há Bom Selvagem.**

**TOTAL: 6 (75%)**

<b>8ª B DISCORDAM</b>
<p><b>Jerusa:</b> Que os índios so queriam matar e comer quem era de outras tribos, nacionalidades, porque eu não concordo, pois a historia so esta contando os fatores ruins (MANTEVE) <b>Não concorda com o autor, porque a História só está contando os fatos ruins. Ou seja, a aluna não admite a não existência do Bom Selvagem.</b></p>
<p><b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)</p>

<b>8ª B INDEFINIDOS QUANTO SE CONCORDAM OU DISCORDAM</b>
<p><b>Plínio:</b> Os índios tem sempre uma reviravolta em todo o livro, mas como eu disse é uma opinião meio concreta.</p>
<p><b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)</p>

Três alunos da 8ª A afirmaram concordam com o autor sobre quem escreve a História, quatro discordaram e um ficou em uma posição indefinida. Na 8ª B, seis concordaram, um discordou e um ficou indefinido.

Ao compararmos as respostas a essa questão às dadas na quarta pergunta da primeira parte, foi possível perceber que, na 8ª A, quatro alunos mantiveram suas representações sobre quem escreve a História, um não entendeu a pergunta (o que impede sabermos se houve mudança em suas representações), uma mudou (Bruna) – antes considerava perdedores e vencedores os escritores da História, depois passou a considerar somente os vencedores, vistos como vilões – e dois ficaram indefinidos, o que impede sabermos se suas representações se alteraram ou não.

Na 8ª B, três mudaram e três mantiveram suas representações. Dos que mudaram, todos consideraram, inicialmente, os perdedores e vencedores como escritores da História. Depois da leitura, dois declararam ser apenas os vencedores (poderosos) autores da História e um (Katia) passou a afirmar ser os nossos antepassados os escritores da História, sem qualificá-los como perdedores ou vencedores. Um aluno (Denilson) não entendeu a pergunta e outro (Frederico) não escreveu quem escreve a História.

Os resultados novamente nos permitiram perceber que a literatura é capaz de alterar as representações e conhecimentos históricos dos alunos, apesar da limitação apontada anteriormente.

### 8ª A

**Pergunta 4. Na opinião do autor, quem escreve a História? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre quem escreve a História? Por quê?**

### 8ª A CONCORDA

**Alícia:** Eu concordo com o que o texto diz. consertesa eles poderião ser amigos mais como ás ganancia dos homens falou mais alto só queriam só as coisas de valor. **(GANANCIOSOS)**

**(MANTEVE)**

**Bruna:** Era escrita pelos próprios “vilões” da história. Eu concordo pois um pessoa que escreve uma história sobre ela mesma só irá escrever coisas boas para que fique conhecida como um herói. **(VILÕES)**

**(MUDOU. Antes eram AMBOS)**

**Karen:** A historia é escrita pelas próprias pessoa s que vivem ela. Concordo por que quem melhor do que a própria pessoa que vivel a historia para contala. **(POR QUEM VIVEU A HISTÓRIA)**

(MANTEVE)

**TOTAL:** 3 (37,5%)

**8ª A  
DISCORDA**

**Denilson:** Os piratas. Eu discordo do autor porque não é pelo fato de fazermos coisas de “baixo caráter” que devemos ser julgados por mínimos defeitos. Ex: Se eu prometo algo a alguém e o tempo de entrega do prometido é insuficiente ou não deu para entregar, a pessoa não pode julgar porque ela não sabe do outro lado o que nós pensamos, e é com base nisso que eu discordo da opinião do autor. **(NÃO ENTENDEU A PERGUNTA)**

**Fabício:** O mais forte, discordo, sem perdedores não tem ganhadores **(AMBOS)**

(MANTEVE)

**Horácio:** O autor fala que é os piratas que escrevem as histórias, acontece coisas com eles e eles escrevem como que aconteceu eu não concordo pois eu acho que as pessoas escreve a história de acordo com o seu conhecimento com uma teoria. **(HISTORIADORES/ESPECIALISTAS)**

(MANTEVE)

**Margarida:** Na opinião do autor quem escreve a história se encoraja e se diz muito herói da história. Em minha opinião não concordo que na história do Brasil tenha acontecido isso, mas se aconteceu ficou visível para nós o lado certo e o errado. **(INDEFINIDO QUANTO A QUEM ESCREVE A HISTÓRIA)**

**TOTAL:** 4 (50%)

**8ª A  
INDEFINIDO QUANTO SE CONCORDA OU DISCORDA**

**Frederico:** Na opinião do autor eu acho que foi o trecho em que ele fala os piratas que escrevem a história **(INDEFINIDO QUANTO A QUEM ESCREVE A HISTÓRIA)**

<b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)

**8ª B**

<p><b>Pergunta 4. Na opinião do autor, quem escreve a História? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre quem escreve a História? Por quê?</b></p>
---

<p><b>8ª B CONCORDA</b></p>
---------------------------------

<p><b>Davi:</b> Na opinião do autor quem escreve a Historia é o Hans Staden. Eu concordo por que o autor contava a Historia como aconteceu. <b>(HANS STADEN)</b></p>
--

<p><b>O aluno não entendeu que a pergunta se referia à História enquanto ciência e não literatura.</b></p>
--

<p><b>Francisca:</b> O autor escreve que os poderosos contam a história. Concordo porque eles usam o poder pra tudo, inclusive nesse aspecto de eles serem gloriosos. <b>(PODEROSOS)</b></p>
--

<p><b>(MUDOU. Antes eram AMBOS)</b></p>
---

<p><b>Leandro:</b> Os grandes figurões. Concordo, mas a história foi escrita apenas por um lado da historia, talvez pelo certo, ou pelo errado. Ela deveria ser escrita pelo certo e pelo o errado, não só por um. <b>(GRANDES FIGURÕES/PODEROSOS)</b></p>
--

<p><b>(MUDOU. Antes eram AMBOS)</b></p>
---

<p><b>Marcelo:</b> Os vencedores, os mais fortes. Sim, porque são os fortes que “decidem” o que vai fazer parte no que vão contar de seus feitos. <b>(VENCEDORES/OS MAIS FORTES/PODEROSOS)</b></p>
--

<p><b>(MANTEVE)</b></p>
-------------------------

**Plínio:** Um superior, uma pessoa que viu, escreveu e passou de ano e ano até chegar a literatura moderna.

Até que concordo, portugueses e espanhóis querem tudo por dinheiro, queriam acabar com países que eram mais cheios de frutos e riquezas, mais que eles. E se eles queriam, eles teriam, por isso que como tem no texto. Eles que fazem a história.

**(VENCEDORES)**

**(MANTEVE)**

**Renata:** Monteiro Lobato faz a história e Dona Benta conta para seus netos, Narizinho e Pedrinho eu concordo porque foi o primeiro livro publicado de coisas do nosso país.

**A aluna não entendeu que a pergunta se referia à História enquanto ciência e não literatura.**

**TOTAL: 6 (75%)**

### **8ª B DISCORDA**

**Jerusa:** Na opinião do autor quem escreve são os portugueses e espanhóis. Não concordo, porque as pessoas de outras nacionalidades também participaram **(OUTRAS NACIONALIDADES)**

**A aluna considerou os vencedores como sendo espanhóis e portugueses e outras nacionalidades como sendo os perdedores. Foi possível percebermos isso ao compararmos a resposta da aluna à da quarta questão do primeiro bloco.**

**(MANTEVE)**

**TOTAL: 1 (12,5%)**

### **8ª B INDEFINIDO QUANTO A SE CONCORDA OU DISCORDA**

**Katia:** Os antepassados, para saber tudo ir marcando tudo vivido para que os futuros vejam como era, igual nos vemos. **(ANTEPASSADOS)**

<b>Observação: Indefinido quanto se concorda ou não com o autor.</b>
<b>(MUDOU. Antes eram AMBOS)</b>
<b>TOTAL: 1 (12,5%)</b>

Elaboramos a pergunta “O que você entendeu por devorar em sociedade?” como forma de abordarmos, de maneira específica, o canibalismo. A questão acabou sendo um importante instrumento de reafirmação/comprovação dos dados obtidos na análise das respostas da questão 3 desse bloco.

Na 8ª A, apenas três alunos admitiram ter compreendido a pergunta enquanto cinco estudantes, por suas respostas, claramente entenderam a questão, mas elaboraram narrativas que não foram contrárias à representação do “Bom Selvagem”, ou seja, respostas que tentaram responder à pergunta, conciliando a representação sacramentada com a nova informação (de que os índios praticavam o canibalismo), como estratégia para não admitir uma mudança ou desestruturação na representação do “Bom Selvagem”. Classificamos as respostas dos alunos que admitiram ter compreendido a pergunta como “Antropofagia/Canibalismo” e as dos estudantes que entenderam mas criaram “respostas consensuais” como “Outras Explicações”. Proporção similar de respostas ocorreram na 8ª B, com quatro respostas na categoria “Antropofagia/Canibalismo” e quatro na “Outras Explicações”.

Um fator adicional que, talvez, possa ter colaborado para a resistência dos alunos à informação de os índios do passado colonial brasileiro eram canibais é que esses povos praticavam o canibalismo como recurso de guerra, para intimidar o inimigo e não por necessidade alimentar. Assim, um choque maior para os alunos.

As respostas de Denilson (8ª A) e de todos os alunos da 8ª B da categoria “Outras Explicações” ilustram bem o fenômeno detectado:

“Por ‘devorar em sociedade’ pode-se entender no sentido figuralista que é de alguma forma tentar devorar ou seja acabar com alguma coisa que irrite, não sirva para nada, ou até por fazer mal, mas o fato é que, devorar em sociedade é terminar com algo em que possamos entrar em vantagem com nossas ações entre todos nós, por cona de nossas atitudes dentro da comunidade.” (Denilson, 8ª A)



“Ele entende que a sociedade seguiam os gloriosos e faziam o que eles acham melhor e Hans estava lá pronto para morrer e a sociedade iriam se reunir para assistir ou até mesmo ajudar acabar com ele. Pois, até mesmo entre tribos há gloriosos e seus seguidores.” (Francisca, 8ª B)

“Que a sociedade está sendo devorada no meio político, economico não só por acaso, mas com objetivo de dar essa empresão, por pessoas do governo, por pessoas numa medida maior”. (Jerusa, 8ª B)

“Uma grande festa, um ato em (socieda) comemorativo para todos do bando, uma festa pela conquista de português (basicamente uma janta em família).” (Marcelo, 8ª B)

“Eu entendo que hoje em dia uma quer ser melhor que o outro na sociedade e em outras coisas também”. (Renata, 8ª B)

### 8ª A

**Pergunta 5. O que você entendeu por “devorar em sociedade”?**

### 8ª A

#### ANTROPOFAGIA/CANIBALISMO

**Bruna:** Para que todos da aldeia pudessem comer Hans.

**Fabício:** Todos os indios da Tribo comer o Hans STAdem.

**Horácio:** acabar com todos, destruir, devorar as pessoas

**TOTAL:** 3 (37,5%)

### 8ª A

#### OUTRAS EXPLICAÇÕES

**Alícia:** Bom que eles queriam dizer que eles só queriam as riquezas.

**Denilson:** Por “devorar em sociedade” pode-se entender no sentido figuralista que é de alguma forma tentar devorar ou seja acabar com alguma coisa que irrite, não sirva para nada, ou até por fazer mal, mas o fato é que, devorar em sociedade é terminar com algo em que possamos entrar em vantagem com nossas ações entre todos nós, por cona de nossas atitudes dentro da comunidade.

**Frederico:** Na minha opinião quando ele fala devorar em sociedade ele fala acabar com as riquezas do Brasil e acabar os habitantes eles tem e devem de cuidar do Brasil.

**Karen:** Comer na frente de todos os índios

**Margarida:** Eu entendi que o cacique queria leva-lo para as mulheres para a (sociedade) e queria aproveitar dele machucar e se divertir para depois decidir se iria comer.

**TOTAL:** 5 (62,5%)

### 8ª B

**Pergunta 5. O que você entendeu por “devorar em sociedade”?**

### 8ª B

#### ANTROPOFAGIA/CANIBALISMO

**Davi:** Eu entendi que eles iriam devorar o Hans Staden todos os índios juntos em forma de uma sociedade.

**Katia:** Para se reunirem todos e devora-lo todos juntos.

**Leandro:** Que eles levariam o corpo para a tribo comer, ou seja, devorar em sociedade.

**Plínio:** talvez seja no sentido de comer em grupo, e como os índios eram poucos, eles podiam comer em sociedades...(aluno acrescentou depois “o Hans Staden”).

**TOTAL:** 4 (50%)

### **8ª B OUTRAS EXPLICAÇÕES**

**Francisca:** Ele entende que a sociedade seguiam os gloriosos e faziam o que eles acham melhor e Hans estava lá pronto para morrer e a sociedade iriam se reunir para assistir ou até mesmo ajudar acabar com ele. Pois, até mesmo entre tribos há gloriosos e seus seguidores.

**Jerusa:** Que a sociedade está sendo devorada no meio político, economico não só por acaso, mas com objetivo de dar essa impressão, por pessoas do governo, por pessoas numa medida maior

**Marcelo:** Uma grande festa, um ato em (socieda) comemorativo para todos do bando, uma festa pela conquista de português (basicamente uma janta em família).

**Renata:** Eu entendo que hoje em dia uma quer ser melhor que o outro na sociedade e em outras coisas tambem

**TOTAL:** 4 (50%)

Ao questionarmos os alunos de ambas as turmas se Monteiro Lobato havia mantido ou mudado sua opinião sobre a História, tomando como referência a comparação entre a obra baseada nas memórias de Hans Staden com os trechos vistos por eles na leitura de *História do Mundo para as Crianças*, seis da 8ª A e sete da 8ª B responderam, acertadamente, que o autor manteve.

Duas alunas que afirmaram que o autor mudou sua visão, Karen (8ª A) e Jerusa (8ª B), claramente não entenderam a questão: “Mudou, porque nos trechos da obra

anterior, os motivos não eram tão realista, eram mais perfeitos.” (Jerusa) No caso de Karen, a aluna entendeu que a pergunta se referiu à História enquanto literatura e não enquanto campo do conhecimento: “Acho que mudou, pois são historias diferentes e pensamentos diferentes.”

### 8ª A

**Pergunta 6. Você acha que a opinião do autor sobre a História mudou ou permanece a mesma em relação aos trechos da obra Histórias do Mundo para as Crianças? Por quê?**

### 8ª A MANTEVE

**Alícia:** Permanece a mesma por que ás guerras só são diferentes. A opinião é a mesma. O autor fala sobre as guerras.

**Bruna:** Acho que ela permanece pois mesmo que o homem tenha feito coisas horríveis com varias pessoas ao longo dos anos, ele sempre vem evoluindo para melhor, com soluções rápidas, equipamentos melhores e idéias boas.

**Denilson:** Não, porque analisei os textos e vi que desde o principio, ele sempre vem dizendo o que pensa, mas agora ele ainda mais pode concluir o que estavam nos passando, ou seja, ele quer falar que os portugueses nos colonizaram agente por conta de um conflito.

**Fabício:** Não mudou nada. Não mudou porque é a mesma coisa que nós ouvimos na escola. (Não entendeu/conseguiu interpretar a questão)

**Horácio:** Ele dá tipo uma mudada, no 1º texto ele está falando de uma época para cá. No 2º texto ele já esta falando dos índios. Então eu acho que ele não mudou e sim avançou a historia.

**Margarida:** Eu acredito que não mudou e que deixou no ar, mas percebesse que a [ha no sentido de existir] vilões e bonzinhos, e acredito que as ideias dele se permanece nisso mesmo não mudou!

Em minha opinião ele não mudou, ele permanece com a mesma ideia. Porque lendo o texto ainda fica muito claro que a historia da humanidade é uma grande “pirataria” e o autor ainda menciona que na historia o maior sempre oprime o menor. E que o homem não usa seus bens de modo moderado E acaba extrapolando e causando grandes maus...

**TOTAL:** 6 (75%)

**8ª A  
MUDOU**

**Frederico:** Mudou pois a outra obra era mais pesada porque fala de guerras e revoluções mas esse texto de Hans Stadem mostra a origem do nosso grande Brasil

**Karen:** Acho que mudou, pois são historias diferentes e pensamentos diferentes. **(Não entendeu/conseguiu interpretar a questão)**

**A aluna achou que a questão se referiu às histórias (literatura) e não a História enquanto campo de conhecimento.**

**TOTAL:** 2 (25%)

**8ª B**

**Pergunta 6. Você acha que a opinião do autor sobre a História mudou ou permanece a mesma em relação aos trechos da obra Histórias do Mundo para as Crianças? Por quê?**

**8ª B  
MANTEVE**

**Davi:** Eu acho que não mudou mesmo se tratando de Historias diferentes por que o Autor é o mesmo. (Não entendeu/conseguiu interpretar a questão)

**O aluno achou que a questão se referiu às histórias (literatura) e não a História enquanto campo de conhecimento.**

**Francisca:** São historias diferentes porem semelhantes e a opinião dele permanece pois o que ele expressa nas duas obras é a realidade. Uma visão positiva, pois ele busca facilitar o entendimento dos leitores. (Não entendeu/conseguiu interpretar a questão)

**A aluna achou que a questão se referiu às histórias (literatura) e não a História enquanto campo de conhecimento.**

**Katia:** Permanesse, porque a forma de explicar descrever tudo continua a mesma.

**Leandro:** Diversas situações ocorreram, e isso formou a história, que continua crescendo.

A história é apenas uma, em um texto mostra as guerras, as lutas. No outro, também, porém vai um pouco mais além disso. Para mim, permanece a mesma, porem acrescentaria algo a mais, ou seja, oque vi, li e entendi na história de Hans.

**Marcelo:** Claro que continua, vivemos isso até hoje.

**Plínio:** Continua sim, a chegada dos portugueses e a interação com os índios foi igual nos dois livros.

**Renata:** Permanece a mesma, por que ele tem a mesma palavra e a expressão de contar a história.

**TOTAL:** 7 (87,5%)

**8ª B**  
**MUDOU**

<b>Jerusa:</b> Mudou, porque nos trechos da obra anterior, os motivos não eram tão realista, eram mais perfeitos. (Não entendeu a questão)
--

<b>TOTAL:</b> 1 (12,5%)
-------------------------

## Entre a linguagem verbal e imagética

Conforme demonstramos ao longo dessa pesquisa, a influência que o texto escrito exerce sobre as duas turmas da oitava série analisadas e a valorização dada ao seu teor são inquestionáveis. Porém, resolvemos investigar se a introdução de elementos visuais poderia potencialmente interferir no processo de compreensão do texto, mobilizando os significados das narrativas históricas.

Nesta etapa final do trabalho de campo, mantivemos a unidade ao seguir com o último título que foi aplicado aos alunos, *Aventura de Hans Staden*, e também demos um passo a mais ao inovar com a utilização das mais recentes edições desse livro, incluindo sua versão em quadrinhos.<sup>31</sup> Como tínhamos uma amostragem qualitativa constituída por 20% das classes ou oito alunos de cada série, pudemos adquirir quatro exemplares, sendo dois do livro ilustrado e dois em quadrinhos e dessa forma os estudantes tiveram a possibilidade de reler os mesmos trechos anteriormente selecionados nos livros originais<sup>32</sup>, ora organizados individualmente, em duplas ou no máximo em trios. Segundo CHARTIER (1990, p. 127), reconstituir o processo através do qual as obras adquirem sentido “(...) exige considerar as relações estabelecidas entre três pólos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera”.

Pioneiro da profissionalização do mercado editorial brasileiro, Monteiro Lobato considerava os livros como produtos de consumo, o que o levou a investir constantemente

<sup>31</sup> LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. Ilustrações de Luiz Maia. Editora Globo, São Paulo, 1ª edição, 1ª reimpressão, 2012; e ORTEGA, Denise e STIL. *Monteiro Lobato em quadrinhos: Aventuras de Hans Staden*. Adaptado da obra de Monteiro Lobato. Ilustrações de Arcon. Editora Globo, São Paulo, 1ª edição, 1ª reimpressão, 2009. Os dois títulos integraram os relançamentos da obra infanto-juvenil em 2007, ano em que se comemorou o 125º aniversário de nascimento de Monteiro Lobato. A coleção completa da Editora Globo contou com 56 livros, sendo 31 dirigidos ao público infanto-juvenil. Disponível em: [http://lobato.globo.com/edglobo\\_lancamentosdabienal.asp](http://lobato.globo.com/edglobo_lancamentosdabienal.asp). Acesso em: 15/9/2015.

<sup>32</sup> “O suporte material do livro desempenha pelo menos três funções: 1) contribui para a durabilidade do texto e, assim, para manter a obra em circulação no sistema literário; 2) gera expectativas no leitor; 3) colabora para os significados do texto.” CAMARGO, Luís. *A imagem na obra lobatiana*. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). *Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil*. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, p. 35.

em uma produção gráfica impecável, com capas coloridas e atraentes.<sup>33</sup> É provável que esta preocupação também esteja relacionada ao fato do escritor reescrever constantemente seus livros, em busca do melhor entendimento dos sentidos e efeitos contidos em suas narrativas pelos leitores. Segundo Sachetta, Camargos e Azevedo (2000, p. 83): “(...) Lobato sistematicamente reformulava seus textos, alterando nomes, mudando situações, enxugando ou acrescentando palavras e frases.”

Os aprimoramentos técnicos da indústria gráfica deram suporte para as contínuas modificações textuais e visuais dos livros da série *Sítio do Picapau Amarelo*.

São livrinhos bem ilustrados, de fácil leitura e agradável aspecto gráfico. Aos poucos formam uma história sem-fim, cada volume não passando de um capítulo, que tanto pode ser lido isoladamente como em sequência. E à medida que os anos correm, o escritor os vai aperfeiçoando. Remodela, amplia, funde histórias, dá mais vida e colorido às aventuras. Inicialmente inclina-se para o aspecto didático, mas percebe logo que o gênero o embarça e lhe tolhe os movimentos. (CAVALHEIRO, 1962, Tomo II, p. 148)

Por uma questão de foco, ao invés de nos determos no papel de Lobato como um dos principais modernizadores do meio editorial brasileiro,<sup>34</sup> uma vez que esse é um traço

<sup>33</sup> “Entre os que estudam a história do livro no Brasil há um senso comum de que teria sido Monteiro Lobato o primeiro editor a romper com o padrão então vigente de capas puramente tipográficas, introduzindo o uso das capas ilustradas em sua editora Monteiro Lobato & Cia. (ativa entre 1919 e 1925), principalmente por meio da parceria com o pintor José Wash Rodrigues. Em seu monumental *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell sustenta e reforça essa versão dos fatos: ‘A capa típica por volta de 1920 era apenas a reprodução, em papel cinza e amarelo, dos caracteres tipográficos que apareciam na página de rosto. Lobato rompeu com isto desde o início’ [Hallewell, 1985: 251]. Ainda segundo esse senso comum, o livro *Urupês* [1918], do próprio Monteiro Lobato e com capa de Wash Rodrigues, marcaria o início do design de capas no Brasil, bem como um ponto de partida para a reconfiguração dos projetos de livros de modo geral, incluindo uma maior atenção à qualidade tipográfica e à diagramação do miolo. Para Hallewell, essa iniciativa figura entre os “métodos revolucionários” introduzidos por Monteiro Lobato para melhorar a inserção mercadológica de suas edições. O ilustre bibliófilo brasilianista chega mesmo a afirmar que ‘Lobato parece ter sido quase a única pessoa no Brasil a sofrer a influência, no imediato pós-guerra, da revolução mundial no aprimoramento tipográfico e no projeto gráfico do livro’ [Hallewell, 1985: 376-377, 250].” In: CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: Aspectos da história gráfica, 1870-1960*. CosacNaify, São Paulo, 2005, p. 165 e 166.

<sup>34</sup> “A atuação de Monteiro Lobato foi decisiva, sim, na adoção da capa ilustrada como prática comercial corrente e, por conseguinte, na sofisticação da programação visual dos livros brasileiros [Soares de Lima, 1985: 43-51; Azevedo, Camargos & Sacchetta, 1997: 130-134]. Porém, não obstante sua grande importância como um dos principais modernizadores do meio editorial no Brasil, é um erro atribuir tais mudanças apenas à sua iniciativa e, pior ainda, ignorar o que foi feito à mesma época por outras editoras. Na verdade, há questões muito mais amplas por trás da transformação da indústria gráfica nacional entre as décadas de 1900 e 1930, que envolvem desde fatores tecnológicos e comerciais como a importação de máquinas e a implantação de novas fábricas de papel [Melhoramentos, Klabin] até fatores socioculturais como o crescimento dos centros urbanos e a ampliação do cenário literário profissional, com sensível impacto sobre o público leitor [Camargo, 2003: 39-56; Süssekind, 1987: 17-28, 58-71; Sevcenko, 1998: 513-619].” *O design brasileiro antes do design Aspectos da história gráfica, 1870-1960*. In: CARDOSO, Rafael (org.). *Op. cit.*, p. 166.



relevante nas biografias detalhadas do escritor,<sup>35</sup> vamos nos centrar na análise dos resultados obtidos nesse estágio do trabalho de campo. Contudo, para essa etapa, devemos considerar o fato de Lobato ter sido um “(...) escritor bastante sensorial (...), além de pintor e desenhista”<sup>36</sup> (CAMARGO, 2008, p. 46) e o título escolhido, *Aventuras de Hans Staden*, representar uma confluência de caminhos: “(...) é em seu trabalho como editor que chegamos ao livro de Hans Staden”. (ZORZATO, 2008, p. 152)

Chartier define como relevante à produção de textos os códigos que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela.

Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura. (CHARTIER, 2001, p. 96)

No entanto, segundo Chartier, essas primeiras instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia e sua ilustração. “Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto.” (CHARTIER, 2001, p. 97)

Ao consultar os alunos sobre a representação visual das atuais edições entramos mais uma vez em sintonia com o perfil lobatiano de ter sempre dado voz a sua “clientelazinha”, na expressão utilizada por Cavalheiro. “No caso de Lobato, foram pelo menos 171 remetentes infantis, entre 1932 e 1946. Os leitores infantis ‘depõem a respeito das ilustrações e demonstram um sentido crítico a optar por este ou aquele ilustrador.’”<sup>37</sup> (CAMARGO, 2008, p. 46)

Ao adotarmos o conceito de “porta de entrada”, que permanece vinculado à sua origem semântica, para analisarmos alguns dos elementos introdutórios na representação visual das edições consultadas, veremos que as brochuras dão inegável destaque para o

---

<sup>35</sup> CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: Vida e Obra. Tomos I e II. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962C; e SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. Editora Senac, São Paulo, 2000.

<sup>36</sup> CAMARGO, Luís. Op. cit., p. 46.

<sup>37</sup> O pesquisador utiliza dados de DEBUS, E.S. D. Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido. Itajaí/Univale, Florianópolis/UFSC, 2004, p. 189.

nome do autor, enquanto referência máxima da literatura infanto-juvenil brasileira. Na capa da versão ilustrada, mesmo antecedido do título *Aventuras de Hans Staden* em fonte com um toque mais alegre, o nome Monteiro Lobato ocupa a posição central em corpo mais espesso e também em cor contrastante. O nome do ilustrador vem logo abaixo, mas aparece discreto com letras pequenas. A lombada contém título e autor, o qual também recebe maior relevância.

Na quarta capa, o resumo da história enfatiza o canibalismo, não deixando dúvidas sobre essa prática cultural indígena: “Já imaginou ser quase devorado por indígenas? Isso aconteceu a um aventureiro alemão que veio parar no Brasil, na época das grandes navegações marítimas, por volta de 1550. Neste livro, você vai saber, como Hans Staden foi capturado por canibais, que assavam e comiam a carne dos inimigos de guerra. É de arrepiar!”

Em “Monteiro Lobato em Quadrinhos” contido dentro de um “balão de diálogo” o destaque ao nome do autor em fonte encorpada fica ainda mais explícito porque o mesmo ganha status de título e é ainda duplamente reforçado pela indicação: “Adaptado da obra de Monteiro Lobato”. O corpo para designar os adaptadores são os que menos se evidenciam no conjunto. No canto inferior direito é acrescida a seguinte informação: “De acordo com a nova ortografia da Língua Portuguesa”.

De acordo com Chartier:

(...) a atribuição de um texto, ou de um corpus de textos, a um nome próprio, também pode se dar pela forma material deste texto: a partir do momento em que vários textos de um mesmo autor primeiro tornam-se quase que uma consequência da materialidade. E isso nos leva para antes da propriedade literária, antes das censuras de Estado ou de Igreja, nos leva para o fim da era do manuscrito, quando alguns autores são, de certa forma, criados pela reunião de várias de suas obras, uma vez que esta reunião confere identidade material a uma composição intelectual. (CHARTIER, 2012, p. 170)

O historiador explica que mesmo existindo essa atribuição a um nome próprio, há uma tensão existente entre uma prática de escrita que supõe a colaboração e uma lógica editorial que muitas vezes impõe um único nome. (CHARTIER, 2012, p. 170) Nesse caso, o livro como um “códex impresso” (CHARTIER, 2012, p. 176) é resultado de várias mãos.

Hoje, em muitas casas editoriais, o editor aprova o projeto gráfico criado pelo editor de arte, aprova o ilustrador, aprova seus esboços

(rafes, no jargão editorial, aportuguesamento de rough), aprova as artesanais, de forma que, modernamente, temos de compreender que, embora um original possa ser concebido como uma obra individual, o objeto livro é sempre um trabalho coletivo. (CAMARGO, 2008, p. 50)

As edições<sup>38</sup> selecionadas têm formato 20cm x 26cm e ilustrações com manchas coloridas. Considerando que o formato e a imagem são indicadores puramente formais ou materiais (CHARTIER, 1990, p. 132), é, portanto, nas particularidades formais que vamos nos ater nessa análise.

O livro traz notas explicativas para auxiliar o leitor a entender os enunciados de termos e expressões indígenas, todas acrescidas da indicação: “Nota da edição de 1947”.<sup>39</sup> Lembramos que a editora em questão passa a publicar as obras de Monteiro Lobato a partir de 1944. (ZORZATO, 2008, p. 165) Assim, nos excertos que foram relidos pelos alunos, por exemplo, a nota explicativa sobre o significado da palavra Bertioga (lugar de tainhas) foi mantida. Aliás, a versão ilustrada foi apenas uma rediagramação da obra original com novas ilustrações, as quais acompanham os fragmentos textuais selecionados e retratam, nesta ordem, a exploração do ouro, o forte, conflitos entre tribos rivais, captura de Hans Staden, cativo, ritual antropofágico, libertação do prisioneiro, naufrágio e, na cena final, a história sendo escrita por Hans ao lado das figuras do sítio: Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde.

No caso da versão em quadrinhos tivemos que estabelecer um recorte respeitando alguns trechos mais significativos da história e as cenas mais fortes das ameaças de devoração do “inimigo”. “Animal doméstico” e “Prisioneiros dos Tupinambás”, das páginas 36 a 52, foram os dois capítulos escolhidos a partir da organização do livro que traz um total de 11 capítulos. Acreditamos ter sido importante acrescentar esse gênero literário, uma vez que a leitura preferida dos alunos do nono ano do ensino fundamental, segundo dados do Relatório de Estudos do Saesp, são as histórias em quadrinhos, com 40,9%.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> Aventuras de Hans Staden tem 79 páginas. Aventuras de Hans Staden em Quadrinhos tem 96 páginas e traz informações sobre a adaptação de Lobato para as crianças, da vida de Hans Staden, da obra original, dos vários grupos indígenas, do período das Grandes Navegações, dos cronistas portugueses, incluindo na página final um glossário.

<sup>39</sup> A obra traz o seguinte dado: “A edição deste livro teve como base a publicação das Obras Completas de Monteiro Lobato da Editora Brasiliense de 1947”.

<sup>40</sup> TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). Relatório de Estudos do Saesp 2013. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 2014, p. 47. Disponível em:

Lembramos que, nos anos 30, a parceria entre Lobato e Belmonte, um dos nossos mais importantes cartunistas da primeira metade do século 20, conferiu às histórias pedagógicas do *Sítio do Picapau Amarelo* ilustrações que continham elementos inusitados, como por exemplo, a utilização de processos gráficos das histórias em quadrinhos que, na época, “eram absolutamente proibidas na escola e vituperadas pelos pedagogos”.<sup>41</sup>

Na versão em quadrinhos, Emília aparece a maior parte da história dormindo. A nosso ver, uma estratégia discrepante com a sagacidade que a caracteriza como personagem central dos demais enredos.

O recurso foi utilizado, provavelmente, como forma de respeitar o fato da boneca não ter assumido papel de protagonista em Hans Staden.<sup>42</sup> Apesar disso, a presença, sobretudo imagética, da personagem deve ter sido mantida em virtude do apelo que a mesma exerce sobre o público, o qual a identifica com a obra lobatiana.

Nascido na segunda metade do século 19, Lobato incorporou a concepção de uso das bonecas enquanto instrumentos de aprendizado para as crianças, no caso, as meninas. Entretanto, libertário como era, Lobato transcende o papel pedagógico da boneca, estendendo o campo de atuação ou de interação de Emília a todos os personagens do Sítio, sejam homens ou mulheres, crianças ou adultos. Segundo Dislane Moraes (2004, p. 103):

No início do século XIX, as bonecas ainda não têm aspecto de meninas, representam mulheres em miniatura, com todos os adereços da moda, o que permite uma identificação maior entre a brincadeira e a situação social das moças. A partir da segunda metade do século XIX, começam a ser fabricadas bonecas representando recém-nascidos, os bebês. Neste estágio a relação de mãe e filha se impõe nas brincadeiras. As bonecas deixam de proporcionar a reflexão psicológica e tornam-se um instrumento de aprendizado.

---

[http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP%202013\\_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf](http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf). Acesso em 20/03/2015.

<sup>41</sup> FARIA, Maria Alice. Belmonte ilustra Lobato. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, p. 56. Em sua análise do livro *Emília no país da gramática*, edição de 1934, que, segundo a autora, é um dos melhores trabalhos realizados pela dupla Lobato e Belmonte, encontramos, na página 62: “(...) na página em que começa o capítulo ‘Emília ataca o reduto etimológico’, a representação visual de uma energética batida, mais uma vez com as convenções das histórias em quadrinhos, através de uma expressiva onomatopeia gráfica, TOC! TOC! Em letras grossas, rodeado de traços simbolizando o barulho enérgico da batida. Por isso mesmo, essa ‘infração’ à educação tradicional, introduzindo processos gráficos das histórias em quadrinhos em ilustrações educativas para crianças, tem uma grande significação de transgressão, em perfeita harmonia com a posição de Lobato”.

<sup>42</sup> ZORZATO, Lucila Bassan. Op. cit., p. 163.

Na orelha do livro ilustrado pode-se ler: “(...) nesta nova edição cada volume é ilustrado por um artista que apresenta a sua interpretação dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo”.<sup>43</sup> Posto que os ilustradores criam suas imagens a partir tanto das sugestões do texto como de seu próprio repertório cultural e sua imaginação, primeiramente quisemos saber a opinião dos estudantes sobre a caracterização gráfica do índio. Nessa etapa, utilizamos como questão: Descreva, com suas palavras, como o índio é retratado no livro ilustrado e nos quadrinhos. Para você, qual dos desenhos representa melhor o índio do passado colonial brasileiro. Por quê?

Metade dos alunos, quatro de cada turma, escolheu os desenhos do livro ilustrado, enquanto os outros 50% preferiram as figuras da versão em quadrinhos. O interessante é que os argumentos utilizados pelos estudantes para justificar suas preferências por um livro ou outro foram os mesmos: índios mais próximos do real, como eram antigamente ou no passado colonial. Isso significa que os jovens conferiram aos livros, sobretudo às imagens publicadas em cada um deles, o estatuto de “verdade” ou “mais próximo da verdade/realidade histórica”, como forma de justificativa ou argumento capaz de validar ou fornecer legitimidade à sua escolha. A seguir, selecionamos algumas dessas respostas:<sup>44</sup>

“Eu acho que a do quadrinho é mais autentico porque a do quadrinho eles são negros e grandes, e no outro ele são mais cor de pele e isso não é realidade.” (Margarida, 8<sup>a</sup> A)

“Um índio nos livros ilustrados, na minha opinião retrata mais o índio de antigamente por usar roupa que lembram muito os tempos antigos” (Plínio, 8<sup>a</sup> B)

“No ilustrado o índio é mais feio, magro e o do quadrinhos e mais bonitinho parece que interagem mais. O que representa melhor são o dos quadrinhos me parece que eles são mais parecidos com os brasileiros tanto na aparecia ou no jeito.” (Karen, 8<sup>a</sup> A)

“No ilustrado parece que a história, os índios ficaram um pouco mais sério, sem graça. Em quadrinhos consegui entender que os índios preservavam muito a cultura deles, a lealdade que eles tinham com o correto, e acho que isso representa melhor o índio do passado colonial.” (Leandro, 8<sup>a</sup> B)

Claro que o posicionamento individual variou conforme os valores e repertório de cada jovem, da mesma forma que isto foi fundamental para a explicação complementar dos estudantes, ou seja: ao definir os critérios de exclusão de uma das obras, a justificativa

<sup>43</sup> Os ilustradores foram procurados para responder algumas questões, mas não se manifestaram.

<sup>44</sup> Para ver todas as respostas: Anexos 7 e 8.

principal foi a de que o índio foi retratado de forma infantil, ficcional ou distante da “realidade”. Alguns exemplos:

“Bom a imagem que os quadrinhos me trazem são de figuras mais fictícias, porque não são índios sérios e não se adaptam com a nossa realidade, e já as figuras ilustradas são de expressões mais marcantes que nos mostram detalhadamente como eram os índios na nossa colonização. Para mim considerando os fatos dos índios terem que ser mais tradicionais nada tão bizarro. Eu acho que os índios ilustrados representam os do nosso passado colonial porque são mais sérios equivocam um ar de mais realidade comparado aos índios dos quadrinhos.” (Denilson, 8ª A)

“No livro ilustrado eles são mais “radicais” em sua aparência, os do quadrinho são mais peculiares (sendo que do ilustrado me recorda os índios da América do Norte). Acho que do livro ilustrado, pois tinha um aspecto mais “selvagem” como descrevia.” (Marcelo, 8ª B)

“No livro ilustrado os índios mostram ser mais modernos eles são muito ajeitados, e nos quadrinhos eles parecem ser mais engraçados (...)” (Horácio, 8ª A)

Dirigimos mais duas questões aos estudantes para saber se as novas formas tipográficas das edições atuais transformaram o sentido da compreensão dos estudantes sobre os trechos da narrativa ou alteraram seu entendimento sobre a história. Afinal, “(...) a análise material do livro está a serviço do estudo do texto, da confrontação entre suas versões e variantes e, finalmente, do estabelecimento de uma edição que seja a mais exata possível”.<sup>45</sup> (CHARTIER, 1991, p. 7)

Em uma das questões perguntamos se os desenhos do livro ilustrado facilitaram ou dificultaram a compreensão do texto. A partir das respostas criamos quatro categorias de classificação: facilita, dificulta, parcialmente ou indiferente.

Na 8ª A, os alunos ficaram praticamente divididos. Para apenas três deles as ilustrações facilitaram, sendo que um estudante (Fabrício) considerou em sua resposta a versão em quadrinhos:

“Eles ajudaram. Porque ficou mais elaborado, e também deu pra ter noção do assunto que agente estava falando e gostei.” (Alicia)

---

<sup>45</sup> O trecho foi extraído da nota 2 da entrevista: CHARTIER, Roger. Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton. In: Matrizes. Ano 5, Nº 2. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). São Paulo, jan./jun. de 2012. Entrevista concedida a Robert Darnton, p. 163.

“facilitaram pois no quadrinhos eu absorvo mais coisas igual turma da mônica”.  
(Fabrício)

“Eu acho que facilita, porque com desenhos, acho que imaginamos mais.” (Karen)

Uma estudante disse que os desenhos a ajudaram “em partes” ou parcialmente:

“Me ajudo em partes, mais facilitaria se as imagens fossem maiores e os desenhos mais autênticos, mais perto da realidade.” (Margarida)

Nessa turma, quatro estudantes disseram que as ilustrações dificultaram e até atrapalharam sua compreensão do texto, o que é bastante revelador, pois evidencia que não há unanimidade quanto ao uso de imagens em obras escritas. Algumas respostas evidenciam críticas a organização tipográfica do livro, destacando, inclusive, a dificuldade de relacionar as imagens com o texto:

“Dificultaram um pouco porque eu não consegui relacionar muito o desenho com o texto que li.” (Bruna)

“Bem, em métodos de compreensão artística na minha opinião, não facilita muito para nossa racionalização, porque ela traz fortes imagens de seriedade, mas por um lado ela é boa na realidade, e pelo outro as imagens do ilustrado só trazem mais dificuldade e por isso temos que vincular as imagens apresentadas com os parágrafos, e fazer isso não é tão fácil.” (Denilson)

“Dificultou um pouco pois na minha reflexão os índios eram mais brincalhões as vestimentas muitos forçado não erma respeitosos.” (Frederico)

“dificultam pois as imagens estão um pouco mais difícil de entender e o do livro ilustrado eles são muito bricalhão e são mais realistas aparentam mais serem índios.”  
(Horácio)

Essas respostas evidenciam que, para esses alunos, as palavras de Lobato não tiveram uma correspondência imagética à altura, se tornando, portanto, algo absolutamente descartável para a compreensão da obra.

A enunciação gráfica colabora – ou, pelo menos, deveria colaborar – para a legibilidade do texto, mas pode atrapalhar ou mesmo inviabilizar a leitura. Geralmente o leitor só se dá conta dessa papel quando a enunciação falha, isto é, quando ela torna a leitura cansativa, difícil ou impossível. (CAMARGO, 2008, p. 37)

Diferente da 8ª A, houve o predomínio, na 8ª B, de respostas (seis) que declararam que o livro ilustrado facilitou à compreensão da história:

“Facilitam por que além da leitura podemos ver as ilustrações para ajudar a compreender o que o autor quis passar na História.” (Davi)

“Facilitaram, porque acada trecho tem uma imagem que faz agente ter um pouco de noção sobre o que aconteceu.” (Francisca)

“Facilitaram, pois nos envolvemos mais, conseguimos imaginar bem além com as imagens.” (Katia)

“Facilitaram, porque havia tido palavras no outro texto que eu não tinha entendido, e depois que eu li o texto ilustrado eu realmente consegui entender oque era e oque significava dentro da história.” (Leandro)

“facilitaram, pois consideraram outras formas que não tinha pensado” (Marcelo)

“facilitam por que faz entender melhor e imaginar melhor como era.” (Renata)

Como é possível verificar, boa parte dos estudantes afirmaram que as imagens lhes permitiram ampliar a imaginação, o que mostra que aprovaram as ilustrações adicionadas à história.

Apenas um estudante (Plínio) respondeu que as ilustrações dificultaram sua compreensão: “Dão uma dificultadinha, porque não amostra muito como era o Hans Staden.”

Para uma aluna (Jerusa), a presença de imagens foi indiferente, pois a jovem percebeu que o fundamental em uma narrativa são palavras. “Na minha opinião nem dificulta e facilita, porque a compreensão do texto esta na forma de como ele é escrito e não nos desenhos”. Segundo SALIBA (1999, p. 4):

(...) ao contrário do que se costuma dizer, a ‘imagem não fala... por si só’. Penso aqui nas imagens cruas, sem nenhum comentário ou legenda. Tais imagens podem interessar, impressionar, seduzir, comover e apaixonar, mas, não podem informar. O que nos informa são as palavras.

Após introduzir a história na versão em quadrinhos, perguntamos para os alunos: Você acha que seu entendimento da história de Hans Staden mudou ou permaneceu a mesma em relação à forma como o texto foi apresentado nos quadrinhos? Por quê? Dê exemplos.

Para sete alunos da 8ª A, os quadrinhos foram capazes de ajudá-los a modificar suas interpretações da história de Hans Staden. Este resultado confirma o dado obtido na questão anterior, quando apenas dois alunos desta turma afirmaram que o livro ilustrado



facilitou sua compreensão, ou seja, estes jovens manifestaram, claramente, sua preferência pela versão em quadrinhos.

“Á eu gostei dos quadrinhos por que eu entendi mais. E também por que as imagens fez eu entender o que acontecia durante o texto.” (Alicia)

“Mudou por que nos quadrinhos eles apresentam de uma forma menos agressiva do que nos ilustrados.” (Bruna)

“melhorou pois os quadrinhso me ajudar no texto eu já entendi tanto por cento e os quadrinho me ajudaram, a entender mais um tanto.” (Fabrício)

“Mudou para melhor pois na minha compreensão aquele quadrinhos mostra a realidade de um índio verdadeiro no Brasil colonial e não um índio forçado como na ilustração.” (Frederico)

“Mudou pra melhor pois no quadrinho o Indio são mais brasileiro também as formas deles se comportarem são como dos Brasileiro, fazer as coisas sem pençar, ser muito bravo.” (Horácio)

“Acho que mudou, porque nos balões os personagens se expressão melhor.” (Karen)

“O meu entendimento “melhorou” porque são bem ilustrados e lendo e olhando as figuras ajuda bastante.” (Margarida)

Segundo VERGUEIRO (2014, p. 22):

Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos.

O único aluno que afirmou que seu entendimento da história permaneceu o mesmo foi Denilson, que deu uma resposta muito parecida com a resposta de Jerusa (8ª B), considerando o texto mais importante do que as imagens: “Não. Pemaneceu instável porque nós temos de ver em ambas as partes, não são as imagens que vão diferir no que eu interpretei e intendi, mas sim o que as frases querem nos mostrar. Pois para nossa racionalização não basta só figuras, mas sim o nosso intendimento.”

Na 8ª B, cinco jovens afirmaram que os quadrinhos foram capazes de mudar sua compreensão da história. Porém, em uma resposta (Jerusa) o motivo ficou indefinido enquanto em outra (Plínio), o estudante fez a ressalva de que sua compreensão mudou apenas um “pouquinho”:

“Mudou, porque eu consegui me aprofundar mais no assunto, é mais interessante estimula a leitura. Um exemplo são as expressões nos quadrinhos da para ter mais noção da maneira como é a narrativa, já no livro não da pra notar tanto.” (Francisca)

“Mudou, porque os quadrinhos lida com um publico mais jovem” (Jerusa)

“Mudou, me envolvi mais, conseguindo ver as imagens e poder imaginar com base nelas melhor a história” (Katia)

“Mudou. Porque eu entendi melhor com as imagens, a forma como a história foi contada, a situação parecia que eu estava dentro do livro vivenciando tudo aquilo.” (Leandro)

Nas respostas de Kátia e Leandro, é possível constatar que as imagens presentes nos quadrinhos foram fundamentais, na visão dos estudantes, para ampliar a compreensão da história, por meio do estímulo à imaginação, a ponto do aluno afirmar que as imagens tiveram o poder de transportá-lo para o livro.

De acordo com VERGUEIRO (2014, p. 23 e 24):

O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar – sendo uma narrativa com linguagem fixa, a constituição de uma história em quadrinhos implica na seleção de 24 momentos-chave da história para utilização expressa na narrativa gráfica, deixando-se outros momentos a cargo da imaginação do leitor. Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico.

Entretanto, como tem sido possível perceber nesta análise qualitativa, não há consenso entre os jovens, o que significa que as considerações variam conforme a trajetória e valores de cada um. Plínio, por exemplo, reconheceu que os quadrinhos melhoraram sua interpretação, mas reduziu a importância deste tipo de literatura: “Mudou um pouquinho, porque o do quadrinho tem uma forma diferente de ver, até porque é um pouquinho colorido e as falas estão nos quadrinhos: daí facilitou um pouco”. (Plínio)

Nessa turma, três declararam que este formato não fez diferença para sua compreensão, pois os recursos acrescentados pelas imagens não agregaram informações fundamentais. Novamente, o elemento mais valorizado da narrativa foi o texto:

“Eu acho que minha compreensão não mudou em nada em relação aos quadrinhos por que o que importa é a leitura do texto mais os quadrinhos ajudam a entendermos” (Davi)

“A do quadrinho acrescentou uma coisa porém, continua a mesma, acrescentaram uns fatos como. Os do marácas, as frases que alguns índios disseram nestes atos...mais nada muito grande.” (Marcelo)

“Foi a mesma por que ele conta as historia com o mesmo espírito” (Renata)

Isso explica o resultado semelhante obtido na última pergunta – Você preferiu ler o texto do livro ilustrado ou o texto em quadrinhos? Por quê? Em ambas as turmas, a maioria declarou preferir ler os quadrinhos. Na 8ª A, sete responderam quadrinhos e apenas um o livro ilustrado enquanto na 8ª B cinco gostaram mais dos quadrinhos, dois do ilustrado e um de ambos.

O interessante nas respostas dos alunos que preferiram o livro ilustrado foi a explicitação dos motivos: “linguagem melhor”, “mais completo”, “detalhes da história”. Como podemos perceber, há, nessas respostas, a valorização da linguagem textual.

“Eu gostei mais do inlustrado porque deu mais detalhes da vida dos indios. Os quadrinhos deu pra ler mais não mostrou os detalhes da historia.” (Alicia, 8ª A)

“O texto ilustrado, porque a linguagem e melhor, e mais facilitada a entender.” (Jerusa, 8ª B)

“O livro ilustrado, pois ele me pareceu mais completo e porque as ilustrações forma mais legais.” (Marcelo, 8ª B)

No caso da obra em quadrinhos utilizada, baseada no processo de reestruturação de um texto escrito a partir do apoio das imagens e de outros recursos visuais da linguagem quadrinhística, os resultados encontrados comprovam a afirmação de Chartier sobre as significações do texto: “(...) ler uma enciclopédia em trinta volumes não é o mesmo que ler um panfleto ou um libelo, um mesmo texto em forma manuscrita ou em forma impressa poderá ter diferentes circulações e leitores”. (CHARTIER, 2012, p. 163)

Ou seja, ao estruturar um texto clássico em linguagem fundamentalmente baseada no uso de imagens, a versão em quadrinhos obteve maior significância para os jovens que participaram do estudo, os quais estão mais acostumados ao constante uso e consumo de imagens.

Robert Darnton analisa a importância de pesquisas que procuram compreender o fenômeno de construção de conhecimentos a partir da leitura e, dentro desta operação mental, que papel tem a diagramação ou a estruturação visual do texto enquanto uma parte fundamental da linguagem ou do processo comunicacional e de aprendizagem.

Para tanto, o pesquisador norte-americano cita um estudo de D. F. McKenzie sobre o processo de mudança da obra de William Congreve (1670-1729), um despuorado dramaturgo neo-isabelino (nas palavras de Darnton) do final do século XVII, cuja obra passou por uma mudança tipográfica, publicada sob o nome de *Works-in-octavo*, em três volumes, que transformou o status de Congreve, o qual passou a ser considerado como um pomposo autor neoclássico.

As obras individuais raramente mudavam de uma edição para outra, mas a transformação no formato dos livros deu às peças um sabor totalmente novo. Acrescentando divisões de cenas, reunindo personagens, redistribuindo os versos e criando **liaisons de scènes**, Congreve adaptou seus antigos textos ao novo modelo clássico derivado do palco francês. Passar do volume **in-quarto** para o volume **in-octavo** é passar da Inglaterra isabelina para a Inglaterra georgiana. (DARNTON, 1990, p. 169)

Ainda, segundo nos relata Darnton, Roger Chartier descobriu implicações similares nas transformações do clássico espanhol *Historia de la vida Del Buscón*, de autoria de Francisco de Quevedo (1580-1645). O romance era destinado a um público refinado e foi publicado na Espanha (1626) e na França (1633), em uma tradução sofisticada.

Todavia, nos meados do século XVII, as editoras Oudot e Garnier de Troyes começaram a publicar uma coleção de brochuras baratas, que se tornou o elemento principal da literatura popular, conhecido durante duzentos anos como a **bibliothèque bleue**. Os editores populares não hesitavam em mexer no texto, mas concentravam-se basicamente no formato do livro, o que Chartier chama de **'mise en livre'**. (DARNTON, 1990, p. 169)

Darnton explica que a história foi estruturada em unidades simples, com frases enxutas, parágrafos subdivididos e capítulos mais numerosos porque a nova estrutura tipográfica destinava-se a um novo tipo de leitura e outro público, gente humilde que não tinha tempo nem condições para ler trechos extensos. “Os episódios curtos eram autônomos. Não precisavam ser ligados por subtemas e desenvolvimentos complexos dos

personagens, porque ofereciam apenas o material suficiente para ocupar uma **veillée**.” (DARNTON, 1990, p. 170)

O pesquisador norte-americano afirma que, ao se tornar uma “coletânea de fragmentos”, ao invés de uma história contínua, a referida obra passou a ser lida, de maneira autônoma, por cada leitor-ouvinte, como um livro à sua própria maneira. (DARNTON, 1990, p. 170)

Entretanto, Darnton nos lembra que a forma como ocorria a absorção da obra pelos leitores continua desconhecida, pois outros estudos, que não se retenham apenas nas questões tipográficas, são necessários.

(...) O modo como se dava essa “apropriação” continua a ser um mistério, porque Chartier restringe sua análise ao livro enquanto objeto físico. Mas ele mostra como a tipografia se abre para a sociologia, como o leitor implícito do autor se tornou o leitor implícito do editor, descendo a escala social do Antigo Regime e entrando no mundo que, no século XIX, seria identificado como **‘le grand public’**. (DARNTON, 1990, p. 170)

Claro que, para tanto, relatos escritos sobre a leitura, deixados por alguns leitores, ou mesmo, anotações na própria obra, teriam que ser descobertos, permitindo este tipo de análise historiográfica. No caso desta pesquisa, foi possível mensurar os efeitos da reorganização visual e de linguagem de um mesmo texto no processo de construção do conhecimento histórico dos alunos, os quais, por meio de suas respostas, evidenciaram como esse novo formato impactou seu processo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal meta dessa pesquisa foi analisar se o uso da Literatura nas aulas de História produz mudanças nas representações de jovens estudantes e, em última instância, em seus conhecimentos históricos. Conseguimos comprovar que sim, esse fenômeno ocorre, sobretudo, pelo fato de que os estudantes consideram o que está escrito como “verdade absoluta”, o que confere aos textos literários o status de “documento histórico”, ainda que os mesmos possam ter, de forma associada, elementos ficcionais e narrativa histórica, embora os estudantes, em sua maioria, não percebam essa dimensão.

Essa percepção do texto literário como portador da verdade também acaba por influenciar as representações sobre os autores, considerados pelos jovens, na maior parte das vezes, como os únicos portadores do conhecimento histórico necessário para produzir suas obras. Ou, em outros casos, os jovens consideram os literatos como testemunhas oculares dos fatos históricos narrados em suas obras, dissociando, portanto, o escritor de seu tempo histórico, como se o mesmo tivesse vivido, obrigatoriamente, no passado relatado em seus livros.

Essas representações da Literatura e do escritor têm relação com a incompreensão da dupla dinâmica do texto literário em sua relação com o tempo, dado que os livros são resultado dos contextos históricos no qual seus escritores estavam inseridos, os quais influenciam a construção de seus repertórios culturais, valores e, portanto, de suas interpretações da realidade e do passado e suas projeções de futuro. Ou seja, os livros podem conter narrativas históricas de fatos do passado, mas, na medida em que o próprio período de sua produção se distancia do presente, passando a fazer parte do passado, ele mesmo se torna um testemunho de como as pessoas naquele tempo (em que foi produzido) viam o passado em sua relação com o presente.

Detectamos, na etapa de campo, que, para os jovens, entre as ações que deveriam ser oferecidas com maior frequência nas aulas de História estão a indicação de livros de literatura, a leitura de textos literários em classe e a realização de atividades na biblioteca ou sala de leitura. Isso evidencia que a Literatura deveria ser constituída como disciplina autônoma já no ensino fundamental e não apenas no ensino médio, como ocorre atualmente. Entretanto, esta organização curricular precisa considerar a Literatura como uma disciplina interdisciplinar e transdisciplinar, capaz de constituir projetos e novos conhecimentos a partir da interação com outras disciplinas, sobretudo com a História, que

além de ensinar sobre o passado tem inegavelmente, papel fundamental na formação do cidadão.

Ao compararmos duas turmas com perfis antagônicos – a 8ª A era considerada a de melhor desempenho comparada a 8ª B – percebemos que, na fase qualitativa do estudo (quando oito alunos de cada turma foram selecionados), as diferenças de aprendizagem praticamente deixaram de existir. Isso evidencia que, quando os jovens foram inseridos em um outro espaço (biblioteca), despregados de sua “teia de relações” habitual, e, portanto, em igualdade de condições, os alunos da 8ª B conseguiram atingir desempenho semelhante aos de seus colegas da outra turma. Essa constatação revela a necessidade das escolas repensarem suas formas de organização, o que poderia incluir uma dinâmica regular de mudanças experimentais dos alunos de uma turma para outra, por meio de ações diagnósticas constantes, o que exigiria, também, a presença de profissionais habilitados.

Da mesma forma, em relação às questões aplicadas, foi possível detectar que as respostas se modificam conforme mudamos o referencial no enunciado. Na etapa em que analisamos as concepções dos estudantes sobre identidade paulista, ao fornecermos um referencial mais amplo em uma das perguntas, os alunos saíram de uma relação proximal/cotidiana com o objeto da questão – violento, poluído, entre outras – revelando outras visões/representações de São Paulo: Estado-locomotiva, o mais rico e importante do Brasil, entre outras.

Isso significa que, ao mudarmos o referencial da questão, obtivemos outras tipologias de respostas, novas representações, elaboradas e mais amplas, conforme o próprio referencial dado, o qual funciona como ponto de apoio ou partida para a reflexão dos alunos. A mudança no padrão de respostas dos alunos, a partir de um novo estímulo, evidencia a forma como as representações sociais estão presentes no repertório dos estudantes, que as utilizam e as modificam constantemente, reelaborando-as e, em última instância, construindo novos conhecimentos.

Apesar de estarem inseridos em uma sociedade cada vez mais imagética, com projetos e ações de curto prazo, no tempo ditado pelo ritmo da Internet, o uso de obras baseadas em imagens, como as versões ilustradas e em quadrinhos, longe de ser unanimidade, receberam críticas, incluindo a preferência de muitos dos jovens pela obra original, onde predomina o texto. Para alguns, os desenhos chegaram a atrapalhar sua compreensão da História.

A onipresença dos celulares em sala de aula gera a urgente necessidade de repensarmos metodologicamente o ensino por meio da instrumentalização das novas tecnologias, ao invés de tentar reprimi-las ou mesmo ignorar sua existência, mas com consciência dos perigos da homogeneização excessiva, caso do *Facebook*, que fornece aos seus usuários conteúdos alinhados aos perfis pessoais de cada um, sem surpresas, o que pode tolher a criatividade das pessoas. Outro problema, apontado em nosso estudo, é a excessiva fragmentação do conhecimento gerada pela Internet, o que, além de não contribuir para o fortalecimento dos processos autônomos de construção do conhecimento, provavelmente tem contribuído para a ampliação dos casos de plágio.

Outra constatação da pesquisa é que o uso da literatura tem limites quando a temática abordada na aula envolve os elementos basilares da identidade nacional. Como relatado, ao serem confrontados com o fato de que existiram povos indígenas canibais no período colonial brasileiro, muitos alunos resistiram a essa informação, por meio da construção de narrativas consensuais, onde tentaram conciliar a representação do índio como o “Bom Selvagem” com a nova informação, a qual foi capaz de desestabilizar essa representação, gerando uma reação inesperada.

O texto literário pode encontrar resistências dos sujeitos, uma questão que merece ser revista no campo educacional, em especial no ensino de História, já que envolve a estrutura da identidade nacional. A resistência pode ocorrer por meio da criação de narrativas pretensamente “consensuais”, formadas por representações sedimentadas e as novas informações que as desestabilizaram e, em última instância, afetam a forma como os indivíduos se situam no tempo, no espaço e no contexto em que vivem.

Assim, os professores, ao utilizarem a Literatura no ensino de História, precisam levar em consideração que, caso a temática de suas aulas envolva questões identitárias – as quais estão no campo da longa duração –, além de diagnósticos prévios, talvez seja necessário incluir em sua metodologia outras fontes documentais complementares, capazes de reforçar a legitimidade das informações contidas nas produções literárias.



## BIBLIOGRAFIA

### *Livros/Documents escritos por Monteiro Lobato*

- LOBATO, José Bento Renato Monteiro. **As reinações de Narizinho**. Ilustrações de J. G. Vilin. São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d. (Série Biblioteca Pedagógica Brasileira).
- \_\_\_\_\_. **O Poço do Visconde**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Emília no País da Gramática**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Aventuras de Hans Staden**. 1ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1927.
- \_\_\_\_\_. **Novas reinações de Narizinho: continuação de Reinações de Narizinho. Contendo as travessuras de Narizinho, Pedrinho, Emília, Rabicó, o Visconde de Sabugosa e o Burro Falanteno, Sítio de D. Benta e suas aventuras pelos mundos maravilhosos**. Ilustrações de J. G. Villin. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série I. Literatura Infantil, v. 11).
- \_\_\_\_\_. **História do Mundo para Crianças**. 1ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.
- \_\_\_\_\_. **História das invenções**. 1ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.
- \_\_\_\_\_. **Serões de D. Benta**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.
- \_\_\_\_\_. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1944.
- STADEN, H. **Suas viagens e cativeiro entre os índios do Brasil**. Monteiro Lobato (org.). 4ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945.
- LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo, Brasiliense, 1948.
- \_\_\_\_\_. **A criança é a humanidade de amanhã**. In: LOBATO, José Bento Renato Monteiro. Conferências, artigos e crônicas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1959.
- \_\_\_\_\_. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo, Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. **O Sítio do Picapau Amarelo**. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Histórias do Mundo para as Crianças**. In: O Sítio do Picapau Amarelo. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.

- \_\_\_\_\_ . **Geografia de D. Benta**. In: O Sítio do Picapau Amarelo. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.
- \_\_\_\_\_ . **Aventuras de Hans Staden**. In: O Sítio do Picapau Amarelo. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.
- \_\_\_\_\_ . **A Reforma da Natureza**. 38ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **Geografia de D. Benta**. 24ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 2000.
- \_\_\_\_\_ . **A Barca de Gleyre**. Editora Globo, 1ª edição. São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_ . **Aventuras de Hans Staden**. Ilustrações de Luiz Maia. Editora Globo. São Paulo, 1ª edição, 2009, 1ª reimpressão, 2012.

#### *Livros*

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos da história colonial, 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília, Ed. UnB, 1982.
- <sup>1</sup> ABUD, K. M.; ALVES, R. C. e SILVA, A. C. M. **Ensino de História**. 1ª ed. Coleção Idéias em Ação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. In: Notas de Literatura I. Livraria Duas Cidades/Editora 34. São Paulo, 2003.
- ALVAREZ, R. **Monteiro Lobato: escritor e pedagogo**. Rio de Janeiro, Antares, 1982.
- ARISTÓTELES. **Poética**. In: Aristóteles: Vida e Obra. Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1999.
- BRASIL, Padre Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças**. Bahia, Aguiar&Souza, 1957.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- BUCK, G. **Lernen und Erfahrung**. Stuttgart, 1967.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: DANTAS, Vinícius (org.). Textos de Intervenção. Coleção Espírito Crítico. Duas Cidades/Editora 34. São Paulo, 2002. Original publicado em *Ciência e Cultura*, 24(9). São Paulo, setembro de 1972.

CARDOSO, Rafael (org.). **O design brasileiro antes do design: Aspectos da história gráfica, 1870-1960**. CosacNaify, São Paulo, 2005.

- CARVALHO, N.C. **Professor: por que não fazer como D. Benta? Proleitura**. Assis, Unesp, 1998.

- CASTORIADIS, Cornelius. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955.

- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. Tomo I. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962.

- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. Tomo II. Editora Brasiliense, 3ª edição. São Paulo, 1962.

- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**, volumes 1 e 2. Editora Vozes, 14ª edição. Petrópolis, 2000 e 2002.

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

- CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. Estação Liberdade, 2ª edição. São Paulo, 2001.

- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Companhia das Letras, SP, 1990.

- DEBUS, E.S. D. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí/Univale, Florianópolis/UFSC, 2004.

- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Editora Ícone, São Paulo, 1994, p. 50.

- \_\_\_\_\_. **A Divisão do trabalho social**. In: Durkheim: Vida e obra (Os pensadores). Coletânea. Trad. Luz Cary e Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª. ed., Abril Cultural, São Paulo, 1983.

- \_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. In: Durkheim: Vida e obra (Os pensadores). Coletânea. Trad. Luz Cary e Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª. ed., Abril Cultural, São Paulo, 1983.

- \_\_\_\_\_. **O suicídio**. In: Durkheim: Vida e obra (Os pensadores). Coletânea. Trad. Luz Cary e Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª. ed., Abril Cultural, São Paulo, 1983.

- \_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa**. In: Durkheim: Vida e obra (Os pensadores). Coletânea. Trad. Luz Cary e Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª. ed., Abril Cultural, São Paulo, 1983.

- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo, Cortez, 1986.

- FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS, Artes Médicas, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., s/d.
- ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético**. Vol. 1. Tradução de Johannes Kretschmer. Editora 34. São Paulo, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sergio Tellaroli. Ática, São Paulo, 1994.
- LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). **Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil**. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- LUCA, T. R. de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. Editora da Unesp. São Paulo, 1999.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Editora Vozes, 4ª edição, Petrópolis, 2003.
- ORTEGA, Denise. **Monteiro Lobato em quadrinhos: Aventuras de Hans Staden**. Adaptado da obra de Monteiro Lobato por Denise Ortega e Stil (roteiro). Ilustrações de Arcon. Editora Globo, São Paulo, 1ª edição, 1ª reimpressão, 2009.
- PENTEADO, J. R. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualtymark/Dunya, 1997.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de História**. Contexto, São Paulo, 2009.
- POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. RJ, Jorge Zahar, 1993.
- PROJETO ARARIBÁ. **História 9º ano. Componente Curricular História**. Organizadora: Editora Moderna. Raquel Apolinário. 3ª edição, São Paulo, 2010.
- ROCKWELL, Elsie. **Reflexiones sobre el proceso etnográfico**. Centro de investigacion y estudios avanzados del Instituto politécnico nacional. México, 1985.
- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica – Teoria da História: Fundamentos da Ciência Histórica**. Brasília, Editora da UnB, 2001.
- RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. SCHMIDT, M.A., BARCA, I. e MARTINS, E. de R. (orgs.). Editora UFPR/Universidade do Minho (Instituto de Educação). Curitiba, 2010, p. 96-97.
- SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; e AZEVEDO, Carmen Lucia. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. Editora Senac, São Paulo, 2000.
- STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. L&PMPocket. Porto Alegre, 2013.
- STADEN, Hans. **Meu cativo entre os selvagens do Brasil**. Organização de Monteiro Lobato. 1ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1925.

- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. Brasiliense, SP, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Orfeu extático na Metrópole – São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. Cia das Letras, SP, 1992.
- VERGUEIRO, WALDOMIRO. **Uso das HQs no Ensino. In: Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 4ª ed., 2ª reimpressão, Ed. Contexto, São Paulo, 2014.

*Teses e dissertações*

- ABUD, Kátia Maria. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). São Paulo, 1986.
- BIGNOTTO, C. C. **Dois leituras da infância, segundo Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Campinas, 1998.
- CATINARI, Antonella Flavia. **Monteiro Lobato e o Projeto de Educação Interdisciplinar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.
- SILVA, André Chaves de Melo. **Ensino de História, Cinema, Imprensa e Poder na Era Vargas (1930-1945)**. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). São Paulo, 2005.
- SILVA, André Chaves de Melo. **Imagens Televisivas e Ensino de História: Representações Sociais e Conhecimento Histórico**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). São Paulo, 2010.
- SOUZA, Loide Nascimento de. **O Processo Estético de Reescritura das Fábulas por Monteiro Lobato**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis, 2004. Disponível em : [http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99160/souza\\_ln\\_me\\_assis.pdf?sequence=1](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99160/souza_ln_me_assis.pdf?sequence=1). Acesso em: 08/07/2015.
- TOLEDO, M. R. A. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. Tese de Doutorado em História e Filosofia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

*Artigos*

- ABUD, Kátia Maria. **Colonização e Sentimento Nacional: A Leitura dos Programas de Ensino e Livros Didáticos de História na Era Vargas**. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 1. Leitura e escrita em Portugal e no Brasil, 1500-1970: actas. Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, nº 36, 1998.
- ABUD, Kátia Maria. **Currículos de História e Políticas Públicas: Os Programas de História do Brasil na Escola Secundária**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. Editora Contexto. São Paulo, 1998.
- ABUD, Kátia Maria. **Narrativas, Tempo e Sujeitos Históricos no Ensino de História**. In: Revista Eletrônica Documento Monumento. Edição Especial. Vol. 12, nº 1. Dossiê “Aprendizado e/ou Pensamento Histórico de Jovens Estudantes”. Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR)/Universidade Federal de Mato Grosso. Setembro de 2014.
- ALCANFOR, Lucilene Rezende. **As Reinações de Monteiro Lobato: do projeto editorial ao projeto literário infantil**. Anais Eletrônicos do VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)/Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, maio de 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/AS%20REINACOES%20DE%20MONTEIRO%20LOBATO-%20DO%20PROJETO%20EDITORIAL%20AO%20PROJETO%20LITERARIO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 9-4-2015.
- ASHBY, Rosalyn. **Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares**. Educar, Curitiba, Especial, p. 151-170, 2006. Editora UFPR.
- ATHAYDE, Tristão. **Monteiro Lobato – I**. In: DANTAS, Paulo. Vozes do tempo de Lobato. São Paulo, Traço Editora, 1982.
- CAMARGO, Luís. **A imagem na obra lobatiana**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: DANTAS, Vinícius (org.). Textos de Intervenção. Coleção Espírito Crítico. Duas Cidades/Editora 34. São Paulo, 2002. Original publicado em *Ciência e Cultura*, 24(9). São Paulo, setembro de 1972.

- CARDOSO, Rosimeiri Darc. **Geografia de Dona Benta: o mundo pelos olhos da imaginação**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Sistemas de Avaliação da Educação no Brasil: avanços e novos desafios**. In: São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade. Vol. 23, nº 1, janeiro/junho de 2009. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/v23n1.pdf>. Acesso em 17/02/2015.
- CHARTIER, Roger. **Textos, Impressos, Leituras**. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Difel, Lisboa, 1990.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Revista Estudos Avançados. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da USP, vol. 5, nº11, 1991.
- CHARTIER, Roger. **Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton**. In: Matrizes. Ano 5, Nº 2. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). São Paulo, jan./jun. de 2012. Entrevista concedida a Robert Darnton.
- CHIARADIA, Kátia. **O poço do Visconde: o faz-de-conta quase de verdade**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). **Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil**. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, p. 355-369.
- CULICOVER, Peter W. **Autonomy, predication and thematic relation**. Syntax and Semantics, 21:37-60, 1988.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **Caça às bruxas: Lobato na mira da censura**. In: Letras de Hoje: Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa, v. 37, nº 2, p. 145-151. Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, junho de 2001.
- DUPONT, Wladir. **A Vida**. In: O Sítio do Picapau Amarelo. Ed. Brasiliense/Educar Livros Didáticos (edição especial da Brasiliense para a Educar). 18ª edição (1ª edição em 1970). São Paulo, s/d.
- ERICKSON, Frederick. **Metodos cualitativos de investigacion sobre la enseñanza**. In: WITTRICK, M. C. (org.). La investigacion de la enseñanza, II. Métodos cualitativos y de observacion. Barcelona, Ediciones Paidós, 1989.
- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **A construção social da escola**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1994.

- FARIA, Maria Alice. **Belmonte ilustra Lobato**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra Infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Linguagens na e da literatura infantil de Monteiro Lobato**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- LEE, Peter. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. Educar, Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006. Editora UFPR.
- LUKES, Steven. **Bases para a interpretação de Durkheim**. In: Cohn, Gabriel (org.). Para ler os clássicos. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro/São Paulo, 1977.
- LYONS, Martyn. **A História da Leitura de Gutenberg a Bill Gates**. In: LYONS, Martyn. A palavra impressa: Histórias da leitura no século XIX. Tradução de Cyana Leahy. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- MORAES, Dislane Zerbinatti. **A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil**. In: História, São Paulo, 23 (1-2): 2004.
- MORAIS, Marcos Vinícius. **História Integrada**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Novos temas nas aulas de História. Contexto, São Paulo, 2009.
- MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história**. In: JODELET, D. (org.). As representações sociais. Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Eduerj), Rio de Janeiro, 2001.
- PALLOTTA, Miriam Giberti Páttaro. **História do mundo para as crianças: uma obra inovadora**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- SALIBA, E. T. **Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. Contexto, São Paulo, 1998.
- SALIBA, E. T. **As imagens canônicas e o ensino de História**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene R. (orgs.). III Encontro Perspectivas do Ensino de História. UFPR/Aos Quatro Ventos, Curitiba, PR, 1999.
- TÁVOLA, Artur da. **Monteiro Lobato: o imaginário (60 anos da boneca Emília)**. Brasília, Senado Federal, 1977. Artigo citado por CANTINARI, Antonella Flavia. Monteiro Lobato e o Projeto de Educação Interdisciplinar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.



- TREVISAN, Ligia Maria Vettorato e TREVISAN, Ana Maria (orgs.). **Relatório de Estudos do Saesp 2013**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 2014. Disponível em: [http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2013/Arquivos/SARESP%202013\\_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf](http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20de%20Estudos.pdf). Acesso em 20/03/2015.
- ZORZATO, Lucila Bassan. **Hans Staden à lobatiana**. In: LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (orgs.). Monteiro Lobato Livro a Livro: Obra infantil. Ed. Unesp/Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.

#### *Documentos*

- **ANEXO AO PLANO DE GESTÃO 2011-2014.**
- **ANEXO AO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO 2011-2014.**
- **CATÁLOGO DA LIVRARIA CULTURA**. São Paulo, dezembro de 2014.
- **PLANO DE GESTÃO DA ESCOLA 2011-2014.**
- **PESQUISA DO APOIO AO SABER IRÁ IDENTIFICAR GÊNEROS LITERÁRIOS PREFERIDOS DE ALUNOS**. Site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 17 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/pesquisa-do-apoio-ao-saber-ira-identificar-generos-literarios-preferidos-de-alunos>. Acesso em 6/4/2015.
- **PÚBLICOS DE CULTURA**. Pesquisa. Serviço Social do Comércio (Sesc). 2013. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura>.

#### *Textos de jornais, revistas e sites*

- COZER, Raquel. **A nova leitura**. Folha de S. Paulo. Coluna Painel das Letras. Caderno Ilustrada. São Paulo, 28 de dezembro de 2013, p. 2.
- DESTAK. **Coluna Frases**. São Paulo, 28 de novembro de 2013, p. 16.
- DESTAK. **Dia do Livro**. São Paulo, 23 de abril de 2014, p. 12.
- DIÁRIO DA NOITE. **O Brasil insultado por Brasileiros. Rio de Janeiro, 13 de março de 1936.**
- FRANCO, Luiza. **Violência no país é obstáculo para ensino, diz pesquisador**. Folha de S. Paulo. Cotidiano. São Paulo, 12 de abril de 2015, p. C9.

- **GOVERNO DE SP PAGA R\$ 655 MILHÕES EM BÔNUS POR RESULTADO.** Secretaria de Estado da Educação. São Paulo, 2010. In: Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=208646>. Disponível em: 22/03/2010. Acesso em: 05/02/2015.
- **O SINO DE SÃO JOSÉ.** Freguesia de São José (Belo Horizonte), em 4 de fevereiro de 1934.
- PIDGEON, Mary Kiersted. **Depoimento sobre a obra lobatiana.** Citado por Edgard Cavalheiro e publicado originalmente em: Folha da Manhã. São Paulo, em 23 de novembro de 1940.
- **PESQUISA DO APOIO AO SABER IRÁ IDENTIFICAR GÊNEROS LITERÁRIOS PREFERIDOS DE ALUNOS.** Site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 17 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/pesquisa-do-apoio-ao-saber-ira-identificar-generos-literarios-preferidos-de-alunos>. Acesso em 6/4/2015.
- **PLANO DE AÇÃO PARTICIPATIVO 2012.** In: Programa Educação – Compromisso de São Paulo. Secretarias de Estado da Educação e de Gestão Pública (Governo de São Paulo). São Paulo, 2012. Disponível em: [www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/25.pptx](http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/25.pptx). Acesso em: 19/01/2015.
- **QUASE ¼ DAS ESCOLAS DA REDE SÃO CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS POR CRITÉRIOS DE DESEMPENHO NO SARESP.** In: Observatório da Educação. ONG Ação Educativa. São Paulo, 2012. **Fonte:** Página da SEE, em 15 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/sugestoes-de-pautas/48-sugestoes-de-pautas/1184-quase-f-das-escolas-da-rede-sao-consideradas-prioritarias-por-criterios-de-desempenho-no-saresp>. Acesso em: 05/01/2015.
- **REDE DO SABER.** Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=4729>. Acesso em: 06/02/2015.-
- **REVISTA NOVA ESCOLA.** Investigue as relações entre textos literários e realidade. Editora Abril. Acessado em 05/12/2013. Endereço: [revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/investigue-relacoes-textos-literarios-realidade-431702.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/investigue-relacoes-textos-literarios-realidade-431702.shtml).
- SALDAÑA, Paulo e VIEIRA, Victor. **Educação em SP tem melhora do 1º ano até o 3º médio.** *O Estado de S. Paulo*. Caderno MetrÓpole. São Paulo, 13 de março de 2015, p. A19.
- ZENI, Bruno. **Lobatos para Marmanjo.** Guia Folha, 28 de junho de 2014, p. 6.

- GANTOIS, Eduardo. **História de Salvador – Cidades Baixa e Alta** (Blog). Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com.br/2010/10/suburbio-ferroviario-de-salvador-8.html> Acesso em: 25/7/2015.
- **MUNDO DO SÍTIO.** Disponível em: <http://editoraglobo.globo.com/mundodositio/news03.html> Acesso em 5/4/2005
- **MUNDO DO SÍTIO.** Disponível em: <http://media.mundodositio.encerramento.s3-website-us-east-1.amazonaws.com/>. Acessos em: 5/4/2015.
- **SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO.** Site: [www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br).
- **SÍTIO DO PICAPAU AMARELO – 2ª VERSÃO.** Disponível em: [http://lobato.globo.com/edglobo\\_lancamentosdabienal.asp](http://lobato.globo.com/edglobo_lancamentosdabienal.asp) Acesso em: 15/9/2015.
- **SUAPESQUISA.COM.** Disponível em [http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia\\_consciencia\\_negra.htm](http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_consciencia_negra.htm). Acesso em: 25/3/2015.
- **SUB-PREFEITURA MUNICIPAL DO BAIRRO.** Site. Publicado em 07/02/2014, às 11h21min. O link foi omitido para preservar a identidade da escola.
- **TECHTUDO.** Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/mundo-do-sitio.html> Acesso em: 5/4/2015.
- **YAHOO BRASIL RESPOSTAS.** Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080730195437AAJGiy9>.
- **ZOASOM!.** Disponível em: [radios.ebc.com.br/conteúdo/qual-o-limite-para-o-uso-do-celular-em-sala-de-aula-ouca-o-debate-no-zoasom](http://radios.ebc.com.br/conteúdo/qual-o-limite-para-o-uso-do-celular-em-sala-de-aula-ouca-o-debate-no-zoasom). Acesso em: 21/11/2013.

**Universidade de São Paulo (USP)**  
*Faculdade de Educação (FE)*

**LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA:  
CONSTRUÇÃO DE NOVOS  
CONHECIMENTOS E RESISTÊNCIA POR  
MEIO DE NARRATIVAS CONSENSUAIS**

Versão Revisada

**Volume II**

*Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP)*

**Área de concentração:**  
Educação

**Área temática:** Didática,  
Teorias de Ensino e Práticas  
Escolares

Leandra Rajczuk Martins

**Orientadora:** Profa. Dra.  
Katia Maria Abud

**São Paulo**  
**2015**

# ANEXO 1

## QUESTIONÁRIO PERFIL DISCENTE 8ª A

Prezado(a) aluno(a) da Escola Estadual [Nome da Escola],

Este questionário faz parte de um estudo da Universidade de São Paulo (USP). Lembramos que suas respostas e seu nome serão mantidos em sigilo e desde já agradecemos sua colaboração.

### 01 – Nome:

Se identificaram: 31 (100%)

Não se identificaram: 0 (0%)

Total de respostas: 31

**Observação:** Em todas as respostas foram mantidas as formas como os alunos se expressaram, incluindo seus erros gramaticais e ortográficos.

### 02 – Idade:

13 anos: 10 (32,25%)

14 anos: 15 (48,38%)

15 anos: 5 (16,12%)

16 anos: 1 (3,22%)

### 03 – Sexo:

Masculino: 20 (64,51%)

Feminino: 11 (35,48%)

### 04 – Procedência:

Estado de São Paulo: 28 (90,32%)

Outro Estado: 3 (9,67%)

Outro País: 0 (0%)

**Especifique o Estado e cidade no Brasil ou País e cidade no exterior:**

São Paulo: 16 (51,61%). Observação: 5 especificaram os bairros de São Paulo de onde vieram (Vila Romana, Jaraguá, Perus, Polvilho e Morro Doce).

Osasco: 1 (3,22%)

Belém (Pará): 1 (3,22%)

Salvador (Bahia): 1 (3,22%)

Tamboral (Ceará): 1 (3,22%)

Não especificaram a cidade: 11 (35,48%)

**05 – Você se considera:**

Amarelo/de origem oriental: 0 (0%)

Negro: 6 (19,35%)

Branco: 10 (32,25%)

Pardo/Mulato: 14 (45,16%)

Indígena: 0 (0%)

Não Respondeu: 1 (3,22%)

**06 – Ocupação:**

Estuda e trabalha de forma regular e remunerada: 3 (9,67%)

Estuda e trabalha esporadicamente: 4 (12,90%)

Só estuda, não trabalha: 24 (77,41%)

**Se você estuda e trabalha, especifique em que e quantas horas você trabalha nos dias de aula.**

Guilherme: trabalho duas horas eu trabalho com minha vo.

Josué: Trabalho com meu pai; trabalho 5 horas por dia.

Rogério: Eu trabalho vendendo bolsa das 8<sup>a</sup> as 12h40.

Thiago: Recepcionista: 5 horas, das 07:00 até 12:00.

Wanderson: Buffet algum fim de semana e ajuda o tio final de semana.

Horácio: 3 h c/ a tia aos domingos feira Sol Nascente.

Karen: 8h30 às 12h40 c/ a mãe lanchonete. **Observação:** a aluna assinalou a opção 3 (Só estuda, não trabalha), apesar da sua resposta a esta questão evidenciar que ela trabalha diariamente. Talvez ela tenha optado por esta resposta por não se enquadrar totalmente na primeira (Estuda e trabalha de forma regular e remunerada). Provavelmente ela não recebe remuneração pelo que faz. Consideramos sua resposta como pertencente a opção 1.

### **07 – Escolaridade**

Sempre estudou em escola pública: 26 (83,87%)

Alternou entre escolas pública e particular: 5 (16,12%)

#### **Cite, pelo menos, o nome de três escolas em que estudou.**

E.E. Luiz Serjo: 1

E.E. Anilzo Piole: 1

Guilherme kullman: 7

Adalgiza: 1

EMEF Imperatriz Leopoldina: 1

EMEF Mario Lago: 1

Colégio Mega: 1

Instituto de Educação José de Paiva Netto (LBV): 1

Prelúdio: 1

Alípio de Barros: 2

Afonso Sardinha: 1

Jairo Ramos: 1

Olinda: 1

Micheline: 1

Marechal Deodoro da Fonseca: 1

EMEF Presidente Nilo Peçanha: 1

CEU Pera Marmelo: 1

E.E. Brigadeiro Gavião Peixoto: 2

E.E. Benedito Fagundes Marques: 1

E.E. Emanuel Bandeira: 1  
Horácio: 1  
E.E. Isaura de Miranda: 1  
Dionisio: 1  
Raul Cortez: 2  
Colégio Ipê: 1  
Novo Ângulo Novo Esquema: 1  
Global: 1  
Olavo Rezotti: 1  
Candido Portinari: 1  
E.E. Olavo Bilac: 1  
Santa Helena: 1  
Ruth Rosita: 1  
Marina Cerqueira César: 2  
Fontenelle: 1  
Antonio Pinto de Campos: 1  
Francisco Gonçalves: 1  
E.E. Maximo Ribeiro: 1  
Júlio de Grammont: 1  
Colégio da Paz: 1  
Samuel da Silva Filho: 1  
Amaral: 1  
Não responderam “o nome escolas”: 6 (18,18%)

**08 – Você pretende dar continuidade aos estudos?**

Sim: 31 (100%)

Não: 0 (0%)

**Se sim, pretende fazer o ensino médio normal ou técnico? Por que?**

Normal: 16 (51,61%)

Técnico: 7 (22,58%)



Não responderam: 5 (16,12%)

Respostas Indefinidas: 3 (9,67%)

**09 – Quais são suas disciplinas preferidas? Indique quanto você gosta de cada opção.**

Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).

Artes M: 7 P: 21 N: 3

História M: 7 P: 21 N: 3

Ciências M: 12 P: 15 N: 4

Inglês M: 3 P: 13 N: 15

Educação Física M: 25 P: 1 N: 5

Matemática M: 11 P: 14 N: 6

Geografia M: 6 P: 18 N: 7

Português M: 11 P: 11 N: 9

**10 – Quanto tempo você passa por dia fazendo as lições de casa?**

Menos de 20 minutos: 3 (9,67%)

Cerca de 2 horas: 3 (9,67% )

Entre 20 e 40 minutos: 9 (29,03%)

Cerca de 3 horas: 0 (0%)

Entre 40 minutos e 1 hora: 5 (16,12%)

Mais de 3 horas: 1 (3,225)

Mais de 1 hora: 1 (3,22%)

Não faço lição de casa: 9 (29,03%)

**11 – Assinale com que frequência você falta às aulas:**

Pelo menos uma vez por mês: 11 (35,48%)

Pelo menos duas vezes por mês: 6 (19,35%)

Pelo menos três vezes por mês: 6 (19,35%)

Pelo menos quatro vezes por mês: 4 (12,9%)

Mais de quatro vezes por mês: 0 (0%)

Outra frequência: 3 (9,67%) Qual? Não falta: 2. Não respondeu “Qual?”: 1

Não respondeu: 1 (3,22%)

**Quais são os principais motivos de suas faltas?**

Ninguém respondeu.

**12 – Assinale os ambientes da sua escola que você mais utiliza:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

Auditório/teatro: 1

Biblioteca ou sala de leitura: 0

Laboratório de Informática: 12

Laboratório de Química: 0

Pátio: 24

Quadra poliesportiva: 17

Refeitório: 5

Outros: 4 Quais? Entrada: 1. Sala de aulas: 3. Não respondeu “Quais?”: 1

**13 – Assinale as atividades extras na escola, das quais você mais participa:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

Assistir a filmes e peças de teatro: 9

Atividades na biblioteca ou sala de leitura: 0

Atividades físicas: jogos, ginástica, caminhada, etc.: 17

Atividades do grêmio recreativo: 1

Atividades do jornal ou site da escola: 0

Atividades de leituras literárias: 0

Atividades musicais ou de dança: 0

Atividades da rádio: 0

Atividades na sala de informática: 13

Atividades teatrais: 0

Ciclo de palestras: 1

Feira de Ciências: 0

Outras: 5 Quais?

Denilson: Nenhuma. Minha escola não tem.

Horácio: Só atividades na sala de aula.

Guilherme: Futebol.

Leonel: Nem uma além da obrigação.

Manuel: Nenhuma.

**14 – A seu ver, quais dessas ações o professor de História deve oferecer em algumas aulas? (pode assinalar mais de uma opção)**

Indicar jornais e revistas para ler: 2

Indicar livros de literatura para ler: 8

Indicar pesquisas em enciclopédias: 4

Ler textos de literatura para os alunos: 9

Organizar apresentações de músicas no auditório: 6

Organizar apresentações de vídeos e filmes no auditório: 14

Organizar passeios em museus e exposições interativas: 10

Propor atividades na biblioteca ou na sala de leitura da escola: 4

Propor atividades de pesquisa no Laboratório de Informática da escola: 7

Propor trabalhos escritos para serem realizados em grupos: 15

Outras atividades: 2. Quais?

Leonel: Dar trabalho sobre o assunto quem deu na última aula.

Stephania: Sei lá.

**15 – Assinale as pessoas com quem reside atualmente:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

**Observação:** O primeiro número (antes dos dois pontos) se refere a quantidade de pessoas do item enquanto o número posterior (aos dois pontos) se refere a quantidade de alunos que assinalaram ter aquela quantidade de pessoas do item em sua residência.

Mãe: 24

Pai: 18

Madrasta/pai: 1

Padrasto/mãe: 4

Irmãos/irmãs: 18. Quantos? 1:12, 2:3, 3:3

Avôs/avós: 3. Quantos? 1:1, 2:2

Primos/primas: 3. Quantos? 3:1, 2:1. Não respondeu “Quantos?”: 1

Sobrinhos/sobrinhas: 0

Tios/tias: 5. Quantos? 1:2, 5:1, 2:1. Não respondeu “Quantos?”: 1

Amigos: 4. Quantos? 20:1, 1000:1, 3:1. Não respondeu “Quantos?”: 1

### **16 – Tipo de moradia?**

Apartamento: 7 (22,58%)

Casa: 23 (74,19%)

Não respondeu: 1 (3,22%)

### **17 – Tipo de construção?**

Alvenaria: 25 (%)

Madeira: 1 (%)

Não responderam: 5 (%)

### **18 – Sua residência é:**

Própria: 18 (58,06%)

Alugada: 9 (29,03%)

Não responderam: 4 (12,9%)

### **19 – Quantidade de cômodos:**

1: 0 (0%)

2: 1 (3,22%)

3: 4 (12,9%)

4: 4 (12,9%)

5: 7 (22,58%)

6: 4 (12,9%)

Acima de 6: 8 (25,8%)

Não responderam: 3 (9,67%)

**20 – Sua residência tem (coloque a quantidade ex. 1, 2 etc. nos parênteses ao lado):**

**Observação:** O primeiro número (antes dos dois pontos) se refere a quantidade de aparelhos enquanto o número posterior (aos dois pontos) se refere a quantidade de alunos que assinalaram ter aquela quantidade de aparelhos em sua residência.

Aparelho de DVD: 1:9, 2:1

Internet: 2:3, 1:5

Notebook: 2:2, 1:1

Aparelho de som: 1:9

Impressora: 1:6

Rádio: 1:4

Automóvel: 1:4, 2:1

Máquina de lavar: 1:10

Scanner: 0

Bicicleta: 1:1, 2:3

Micro-computador: 1:2, 3:1

Tablet: 1:3

Celular: 4:3, 2:1, 3:4, 5:2

Microondas: 1:10

Telefone: 1:4, 2:3, 3:1

Fax: 1:1

Motocicleta: 1:2

Televisão: 3:4, 2:6

Fone de ouvido: 1:1, 4:1, 2:1, 3:4, 8:1

MP3: 1:1, 3:1, 2:2

Vídeo-cassete: 1:1

Geladeira: 1:8, 2:1

Netbook: 3:1, 2:1, 1:2

Vídeo-game: 1:7, 2:3

**21 – Onde você mora?**

No bairro onde fica a escola: 9 (29,03%)

Em outro bairro: 22 (70,97%)

Pirituba: 3 (9,67%)

Jaraguá: 3 (9,67%)

Freguesia do Ó: 2 (6,45%)

Vila Romana: 2 (6,45%)

Morro Doce: 2 (6,45%)

Munhoz J.R.: 1 (3,22%)

Cohab Brasilândia: 1 (3,22%)

Jardim Canaã: 1 (3,22%)

Lapa de Baixo: 1 (3,22%)

Parque Paraíso: 1 (3,22%)

Vila Leopoldina/Moema: 1 (3,22%). **Observação:** A resposta à questão 15, do aluno Leonel, mostra que ele mora com a mãe, o que indica que os pais são separados, pois ele respondeu às questões relacionadas à formação e profissão do pai. A resposta dele a esta questão, indicando dois bairros como moradia evidencia que ele passa a semana com a mãe e, provavelmente, o final de semana com o pai.

Franco da Rocha: 1 (3,22%). **Observação:** outro município.

Jardim Guarani: 1 (3,22%)

Perus: 1 (3,22%)

Osasco: 1 (3,22%)

## 22 – Desde quando você mora no seu bairro?

Menos de 1 ano: 8 (25,8%)

De 1 a 5 anos: 6 (19,35%)

De 5 a 10 anos: 3 (9,67%)

Mais de 10 anos: 14 (45,16%)

## 23 – Você conhece a história do seu bairro?

Sim: 3 (9,67%)

Não: 27 (87,09%)

Não respondeu: 1 (3,22%)

**Se você conhece a história do seu bairro, conte o que sabe com suas palavras.**

Denilson: Dizem que la tinha uma grande produção de cana, por isso chama-se Morro-Doce.

Frederico: Era um linha de trem.

**24 – Você conhece a história do bairro onde fica sua escola?**

Sim: 0 (0%)

Não: 29 (93,54%)

Não respondeu: 2 (6,45%)

**Se você conhece a história do bairro onde fica a sua escola, conte o que sabe com suas palavras.**

Ninguém respondeu.

**25 – Por que você mora no seu bairro?**

A família já morava: 17 (54,83%)

A família se mudou: 12 (38,7%).

**Motivo (da mudança)?**

Josué: casa pequena.

Leonel: Por que Deus quis.

Murilo: Empreza do meu Pai

Nivaldo: Proximidade.

Rose: a casa acabo ficando grande.

Não responderam “Motivo (da mudança)?”: 2 (6,45%)

**Outras razões: 2 (6,45%) Quais?**

Não responderam “Quais?”: 2 (6,45%)

**26 – Você gosta de morar no seu bairro?**

Sim: 27 (87,09%)

Não: 3 (9,67%)

Mais ou menos: 1 (3,22%)

**Por que?**

Sim

Denilson: pq la e muito bom e eu ja tenho um vínculo de lá.

Fabício: Porque é calmo e legal.

Frederico: Porque é muito Legal.

Horácio: Pq e perto da minha escola.

Brandon: É legal.

Francine: Porque eu gosto.

Geraldo: Por que eu tenho bastantes amizades.

João: porque eu muito legal.

Joaquim: Sim, tenho muitos amigos lá.

Josué: Muito colegas.

Lair: Porque lá tem bastante jente pra conversa e joga bola.

Leonel: Seila.

Murilo: Por ser um bairro calmo.

Rogério: Porque eu gosto muito.

Sueli: tenho vários amigos.

Sara: É agradável.

Tatiana: É agradável.

Thiago: porque é perto de todos os lugares que frequento.

Wanderson: porque conheço todo muito.

Não

Alícia: Poderia morar em um lugar melhor.

Karen: Gostaria de morar em um lugar melhor.



Nivaldo: não e muito legal.

Mais ou menos

Rose: mais ou menos.

Não responderam “Por que?”: 8 (25,8%)

## **27 – Você gosta do bairro da escola?**

Sim: 25 (80,64%)

Não: 6 (19,35%)

### **Por que?**

Sim

Denilson: E bem movimento pq têm Shopping, lojas e etc.

Frederico: Pela a História dela.

Horácio: Pq é perto da minha casa.

Francine: Porque sim.

Geraldo: Por que é Perto.

Joaquim: Porque sempre morei [cita o nome do bairro] i conheço tudo.

Nivaldo: por ser no centro.

Rogério: Porque e muito legal.

Rose: Por que é bem movimentado.

Sueli: Têm várias lojas de roupa.

Sara: É agradável.

Tatiana: É agradável.

Thiago: porque é perto.

Wanderson: E muito agitado.

Não

Fabrcício: Muito barulhento.

João: não sei porque eu não moro aqui.

Josué: Muito movimentado.

Lair: Porque é movimentado.

Leonel: Porque não.

Murilo: Sem motivo.

Não responderam “Por que?”: 10 (32,25%)

**28 – Se você não mora no mesmo bairro da escola, explique por que resolveu vir estudar aqui.**

Facilidade de acesso: 6

Indicação de amigos: 2

Por ser um bairro central: 2

Proximidade com a residência de parentes: 2

Proximidade com o trabalho: 5

Qualidade do ensino oferecido: 9

Outros motivos: 3. Quais?

Andréia: Porque minha quis me colocar aqui.

Lair: Indicado do meu primo.

Leonel: Por que meu pai quis me colocar aqui.

Não responderam: 5 (16,12%)

**29 – Como você chega à escola?**

A pé: 12

Ônibus: 12

Lotação: 6

Trem: 2

Metrô: 1

Trem+Ônibus: 0

Metrô+Ônibus: 0

Trem+Metrô+Ônibus: 0

Veículo próprio: 10. **Qual?** NR: 1 Andréia: carro. Brandon: Tucson. Guilherme: Palio.

Leonel: Do jeito que der. Rogério: carro. Sara: Fox. Tatiana: Corsa. Thiago: carro.

Wanderson: moto. Não respondeu “Qual?”: 1.

Outros meios de transporte: 0

### **30 – Você tem opções de lazer em seu bairro?**

Sim: 20 (64,51%)

Não: 9 (29,03%)

Poucas: 5 (16,12%)

Muitas: 5 (16,12%)

Não responderam Sim ou Não: 2 (6,45%)

Não responderam Poucas ou Muitas: 21 (67,74%)

### **Quais?**

Alícia: lan house, clube, sesk, campo.

Denilson: shopping, lojas, praças, restaurants, estádios e etc.

Fabício: Quadra, Shopping.

Frederico: Parques, praças.

Horácio: Porque fica perto de shopping de lojas, praças restaurantes etc.

Margarida: Praças, shopping, parques e etc...

Andréia: Quadras.

Brandon: Varias.

João: Campos de futebol.

Joaquim: vários campos de futebol.

Josué: Tem um ginásio poliesportivo e uma praça de skate!

Lair: Jogar bola, enpinar pipa e andar de bicicleta.

Leonel: Balada, amigos, parque, praça, Shoppoing, bar, restaurante.

Murilo: Sim, dá para ir ao shopping andar de bicicleta, andar na rua, etc.

Rogério: Jogar bola.

Wanderson: quadras, bailes e outras coisas.

**31 – Qual é seu tipo de lazer preferido? Indique quanto você gosta de cada opção. Use “M” (Gosto muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).**

Assistir a jogo de futebol M: 17 P: 8 N: 6

Escrever contos ou um diário M: 1 P: 5 N: 25

Ficar na rua M: 18 P:6 N: 8

Frequentar exposições e museus M: 4 P: 16 N: 13

Frequentar parques e contato com a natureza M: 12 P: 13 N: 5

Ir ao cinema M: 23 P: 7 N: 1

Ir a concertos ou a shows de música ao vivo M: 13 P: 9 N: 9

Ir dançar em uma balada M: 17 P: 5 N: 9

Ir ao teatro M: 5 P: 15 N: 13

Ler jornais ou revistas M: 5 P: 14 N: 12

Ler livros M: 8 P: 12 N: 10

Navegar na internet M: 29 P: 1 N: 1

Passear em shoppings e olhar vitrines M: 24 P: 5 N: 3

Pintar ou desenhar M: 8 P: 13 N: 11

Praticar esportes M: 17 P: 10 N: 5

Praticar jogos de cartas ou dados M: 12 P: 13 N: 8

Praticar jogos de tabuleiro M: 12 P: 11 N: 8

Receber amigos em casa ou ir à casa de amigos M: 22 P: 8 N: 1

Tocar um instrumento musical ou cantar numa banda M: 4 P: 4 N: 23

Utilizar o celular M: 28 P: 2 N: 1

Utilizar sites de redes sociais M: 26 P: 4 N: 1

Ver televisão M: 29 P: 1 N: 1

**32 – Você tem aparelho de celular para uso próprio?**

Sim: 27 (87,09%)

Não: 4 (12,9%)

**Se sim, quais os recursos que mais utiliza?**

Mensagens: 12  
Internet: 11  
Jogos: 10  
Música: 8  
Ligações: 7  
Redes Sociais: 6  
Vídeos: 3  
Todos os usos: 2  
Televisão: 1  
Não responderam quais os recursos que mais utiliza: 4

### **33 – Você acredita que o celular contribui para o seu processo de aprendizagem?**

Sim: 17 (54,83%)

Não: 14 (45,16%)

#### **Se sim, de que forma?**

Permite Pesquisas: 4  
Ler a Bíblia e outras coisas: 3  
Internet: 2  
Português: 1  
Inglês: 1  
Calculadora: 1  
Fazer lição de casa: 1  
Informa: 1  
Desenhos/design/arte: 1  
Não responderam “Se sim, de que forma?”: 5 (16,12%)

Alícia: Tudo para si em forma.

Denilson: Navegando na internet para pesquisas escolares de ultima hora. Para desenhos de design na matéria de artes e etc.

Andréia: Porque o celular da para usar meios de pesquisas

Guilherme: Pesquisano.

Lair: para o celular a tecnologia avançou porque e ajudo no portugues e no ingles e na calculadora você pode praticar.

Leonel: Internet.

Nivaldo: para lero a biblia e outras coisas. fazer licao de casa.

Solange: porque tem metodos mais faceis para pesquisas importantes.

Sara: Da leitura, etc.

Tatiana: Da leitura.

Thiago: de forma que eu posso utilizar a internet quando não tem um computador que eu possa acessar

### **34 – Você se sente seguro no bairro onde mora?**

Sim: 20 (60,6%)

Não: 10 (30,3%)

Não respondeu: 1 (3,22%)

### **Por que?**

Sim

Alícia: Porque é um bom bairro.

Fabrcício: Porque tem uma delegacia a 3 quadras

Frederico: É bem seguro

Francine: Porque sim.

Guilherme: Porque sim.

José: Mais ou menos porque vem em quando tem rouyo.

Joaquim: Porque conheço todo mundo.

Kaique: Porque sin

Lair: Não sei

Leonel: Porque é um bairro de luxo

Manuel: Por que sim

Murilo: Por que tem um guarda noturno e o bairro é bem calmo.

Sara: Passa guarda de rua.

Tatiana: guarda de rua

Thiago: porque não é um bairro violento

Wanderson: porque coheço todos.

Não

Horácio: Porque é perigoso e tem muitos acontecimentos trágicos, roubos, etc.

Denilson: Porque é muito movimentado e entra todo tipo de gente.

Josué: Porque hoje em dia nenhum lugar é seguro no mundo!

Rose: Porque tem marginais.

Sueli: Porque não tem segurança alguma

Não Responderam “Por que?”: 10 (32,25%)

### **35 – E no bairro da escola?**

Sim: 17 (54,83%)

Não: 13 (41,93%)

Não respondeu: 1 (3,22%)

### **Por que?**

Sim

Frederico: tem segurança.

João: Sim porque é muito quente.

Joaquim: também conheço muita gente aqui.

Manuel: por que sim.

Murilo: por ter policiamento e ter bastante gente.

Rose: porque sim.

Sueli: porque quando saiu da escola vejo bastante polícia.

Sara: Passa guarda de rua.

Tatiana: tem muitos policiais.

Não

Alícia: Não me sinto segura.

Denilson: mais movimentado ainda e fica num bairro de baixo policiamento, com muito menores infratores.

Fabício: não tem policiamento

Horácio: Porque é perigoso e tem muitos acontecimentos trágicos, roubos, etc.

Josué: Porque hoje em dia nenhum lugar é seguro no mundo!

Lair: Não sei.

Leonel: So por que conheço os riscos.

Não responderam “Por que?”: 14 (45,16%)

### **36 – Você já viu notícias sobre seu bairro na televisão ou no jornal?**

Sim: 18 (58,06%)

Não: 10 (32,25%)

Não responderam: 3 (9,67%)

### **37 – Eram negativas ou positivas?**

Positivas: 7 (22,58%)

Negativas: 13 (41,93%)

Positivas e negativas: 1 (3,22%)

Não responderam: 10 (32,25%)

### **38 – Você concorda com o que foi passado na notícia?**

Sim: 14 (45,16%)

Não: 8 (25,8%)

Não responderam: 9 (29,03%)

### **Por que?**



Sim

Frederico: é muito bom

Guilherme: não lembro mais.

Joaquim: Era verdade.

Josué: falava coisas boas.

Leonel: pq sim.

Murilo: por ser motivo do bairro.

Wanderson: por que foi verdade robaram uma cosa!

Não

Denilson: Porque nem tudo se passa na TV é recurso bom de notícias.

Não responderam “Por que?”: 14 (45,16%)

### **39 – Você confia nas informações transmitidas pelos meios de comunicação?**

Sim: 12 (38,7%)

Não: 15 (48,38%)

Mais ou menos: 2 (6,45%)

Não responderam: 2 (6,45%)

#### **Por que?**

Sim

Alícia: porque o mundo tá muito violento.

Fabício: Eles expressam a realidade.

Frederico: e muito bom e interessante.

Josué: Ñ entendi essa pergunta.

Lair: seila.

Leonel: pq sim.

Murilo: por ser augo que passa na TV.

Não

Horácio: Porque nem tudo que se passa na TV e verdade.

Rose: porque não dá pra acreditar em tudo.

Mais ou menos

Sara: Mais ou menos.

Tatiane: Mais ou menos.

Não responderam “Por que?”: 18 (58,06%)

#### **40 – Quais os problemas do seu bairro e o que você mudaria?**

Alícia: Nenhum por que não dá pra mim mudar.

Denilson: Das plantas dos pés até o último fio de cabelo! Na verdade, só muito barulho e vizinhos arrogantes e muita gente folgada.

Fabrício: Nenhum.

Frederico: Nenhum

Horácio, roubos, assaltos e etc eu mudaria dos pés à fio do cabelo.

Margarida: praticamente tudo.

Brandon: roubo de carro.

Francine: nada.

Guilherme: Nada.

Geraldo: Não mudaria nada.

João: roubo mais não tem campos pra joga bola.

Joaquim: nada.

Jonathan: nada.

Josué: são as ruas e a bandidagem: primeiro mandaria prender todos os bandidos e depois arrumava todas as ruas.

Lair: pra min nada.

Leonel: nada.

Murilo: o túnel que fede demais, a super lotação nas calçadas, etc.

Nivaldo: Botava mais policiais, ronda tática, botava creche.

Rogério: Nenhum.

Sueli: assalto, matança, vendas de droga e o que eu mudaria bastante policia dia e noite.

Sara: Acho que nada.

Tatiane: Transformaria em um condomínio.

Thiago: não mudaria quase nada, colocaria mais lixeiros.

Não responderam: 8 (25,8%)

**41 – Renda familiar de seu domicílio, ou seja, a soma dos salários dos que trabalham e moram na sua casa:**

Até R\$ 850,00: 4 (12,9%)

De R\$ 850,01 a R\$ 1.000,00: 7 (22,58%)

De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00: 3 (9,67%)

De R\$ 2.000,01 a R\$ 3.500,00: 6 (19,35%)

De R\$ 3.500,01 a R\$ 5.000,00: 2 (6,45%)

Acima de R\$ 5.000,00: 1 (3,22%)

Não respondeu: 8 (25,8%)

**42 – Escolaridade do seu pai.**

Não frequentou a escola: 6 (19,35%)

Até a 4ª série: 2 (6,45%)

Até a 8ª série: 3 (9,67%)

Ensino médio incompleto: 5 (16,12%)

Ensino médio completo: 12 (38,7%)

Superior incompleto: 0 (0%)

Superior completo: 0 (0%)

Pós-graduação: 0 (0%) Especialização: 0 (0%) Mestrado: 0 (0%) Doutorado: 0 (0%)

Não responderam: 3 (9,67%)

**43 – Indique a profissão de seu pai:**

Trabalha atualmente: 16 (51,61%)

Desempregado: 2 (6,45%)

Aposentado: 2 (6,45%)

Não responderam: 11 (35,48%)

### **Profissões**

Denilson: design com móveis

Fabício: socio de empresa tecnologia

Frederico: radialista

Andréia: segurança

Brandon: caminhoneiro

Geraldo: segurança

João: pedreiro

Joaquim: balconista

Josué: barbeiro

Leonel: engenheiro

Manuel: manobrista

Murilo: gerente de mecânica

Nivaldo: assistente administrativo

Rogério: ambulante

Solange: porteiro

Sueli: segurança

Sara: empresário

Tatiana: empresário

Thiago: gerente

Não responderam profissão: 12 (38,7%)

### **44 – Escolaridade da sua mãe.**

**Observação:** O aluno Denilson declarou informações relativas à sua tia nas questões 44 e 45.

Não freqüentou a escola: 0 (0%)

Até a 4ª série: 2 (6,45%)

Até a 8ª série: 5 (16,12%)

Ensino médio incompleto: 6 (19,35%)

Ensino médio completo: 10 (32,25%)

Superior incompleto: 1 (3,22%)

Superior completo: 3 (9,67%). Não responderam “Em que?” (Superior completo): 3 (9,67%)

Pós-graduação: 1 (3,22%). Especialização: 1 (3,22%). Em que? Brandon: Contabilidade.

Mestrado: 0 (0%). Doutorado: 1 (3,22%) Em que? Brandon: Contabilidade.

Não responderam: 4 (12,9%)

#### **45 – Indique a profissão de sua mãe:**

Trabalha atualmente: 20 (64,51%)

Desempregada: 2 (6,45%)

Aposentada: 1 (3,22%)

Não responderam : 4 (12,9%)

#### **Profissões**

Alícia: dona de casa.

Denilson: Administração na USP/parceira

Fabício: modelo e atriz

Frederico: telemarketing

Horácio: recepcionista

Andréia: auxiliar de enfermagem

Brandon: contadora

Guilherme: empresa secretária

João: doméstica

Joaquim: costureira

Jonathan: faxineira

Josué: cabeleireira

Manuel: vende produtos

Nivaldo: aux. de serviços gerais

Solange: diarista

Sueli: lava louças loucas

Sara: doméstica

Tatiana: empresária

Thiago: gerente

Responderam a profissão mas não responderam se trabalha ou não: 4 (12,9%)

#### **46 – Religião:**

Católica: 11 (35,48%)

Evangélica: 8 (25,8%)

Espírita: 1 (3,22%)

Não tenho religião: 6 (19,35%)

Outra: 3 (9,67%). Qual? Francine: Não sei, Josué: Testemunha de Jeová, Lair: Eu era evangélico.

Não responderam: 2 (6,45%)

#### **47 – Você participa de algum grupo social?**

Ações de voluntariado: 0

ONGs: 0

Banda/grupo musical: 1

Partido político: 0

Coral: 1

Prática esportiva: 7

Grupo de igreja: 3

Sociedade amigos de bairro: 1

Movimento estudantil: 1

Outros: 1 Quais? Frederico: tocar atabaque.

Não responderam: 18

**48 – Com quem conversa sobre assuntos íntimos/pessoais?****(pode assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Com amigos ou colegas da escola: 17

Com sua mãe: 14

Com seu pai: 6

Com primos/primas: 7

Com irmão/irmã: 5

Com avô/avó: 1

Com tios/tias: 3

Outros: 3 Especifique: Fabrício: colegas, Manuel: Ninguém. Não respondeu “Especifique”:  
1 (3,22%)

Não respondeu: 2 (6,45%)

**49 – Quais são suas preferências musicais? Indique quanto você gosta de cada opção.****Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).**

Axé M: 0 P: 13 N: 15

Pagode M: 19 P: 6 N: 5

Rock M: 8 P: 6 N: 16

Forró M: 2 P: 5 N: 23

Pop M: 9 P: 9 N: 11

Romântica M: 3 P: 8 N: 16

Funk M: 15 P: 6 N: 9

Rap M: 17 P: 5 N: 8

Samba M: 10 P: 10 N: 9

Hip hop M: 6 P: 10 N: 13

Reggae M: 10 P: 7 N: 11

Sertanejo M: 15 P: 8 N: 6

MPB M: 2 P: 5 N: 20

Religiosa M: 5 P: 9 N: 14

Tecno-eletrônica M: 17 P: 5 N: 7

Outras ( ) Quais? 0

**50 – Quais são suas preferências de leitura? Indique quanto você gosta de cada opção.**

Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).

Biografias: P: 11 M: 5 N: 15

Contos/crônicas: P: 15 M: 5 N: 11

Fábulas: P: 13 M: 8 N: 10

História do Brasil ou do mundo: P: 4 M: 10 N: 17

Histórias em quadrinhos: P: 7 M: 14 N: 10

Mitos e lendas: P: 6 M: 16 N: 9

Poemas/poesias: P: 9 M: 9 N: 13

Romances de ficção científica: P: 6 M: 8 N: 17

Romances de aventura: P: 8 M: 9 N: 14

Romances de amor: P: 6 M: 6 N: 19

Romances policiais: P: 9 M: 3 N: 14

Textos religiosos: P: 8 M: 5 N: 18

**51 – Quais livros você mais gostou de ler e por quê?**

Alícia: Histórias em quadrinhos.

Denilson: Nenhum.

Fabício: Anjo da guarda.

Frederico: Manga, pois mostra a vida de personagem japonesa.

Horácio: todos

Karen: A cabana, gostei da história.

Margarida: Para tão longo amor, um jirassol na janela, Pequeno Príncipe e etc.

Andréia: livro de poesia.

Brandon: Assassin's Creed: a História é bastante interessante.

Francine: nenhum.

Guilherme: De futebol e porque eu quero ser jogador de futebol.

Geraldo: Querido Jhon.

Joaquim: Não gosto de ler.

Josué: Histórias em quadrinhos, porquê é legal.



Lair: Não me lembro.

Leonel: Não lembro.

Murilo: Assassi's Creed, não sei bem, talvez, por ter uma História legal.

Rogério: Não gosto de ler.

Rose: Não gosto de ler.

Solange: Amanhecer, porque é muito interessante.

Sueli: a turma da Monica porque é bastante engraçado.

Sara: Romana, porque acho interessante e me emociona.

Tatiana: Biografia por causa do meu ídolo One Direction.

Thiago: Não tem um específico gostei de muitos.

Não Responderam: 7 (22,58%)

## **52 – Você já ouviu falar sobre Monteiro Lobato?**

Sim: 20 (64,51%)

Não: 11 (35,48%)

Não responderam: 0 (0%)

Se sim, o que sabe sobre ele?

Responderam por extenso: 19 (61,29%)

Não responderam por extenso: 1 (3,22%)

## **Respostas**

Alícia: criador do citiu do pica pau amarelo.

Andréia: Não lembro.

Brandon: Não me lembro.

Denilson: Sítio do Pica:Pau Amarelo.

Fabício: Ele fez o sítio do picapau:amarelo.

Frederico: Ele era um grande escritor do Brasil

Horácio: Sítio do picapal:Amarelo.

João: Ele fazia a História do Sítio do pica pau amarelo.

Jonathan: Ele que inventou o Sítio do Pica:Pau Amarelo.

Josué: Ele criou o Sítio do Pica:pau Amarelo.

Karla: Que ele foi o criador do Sítio do Pica Pal amarelo.

Leonardo: Sítio do pica:pau:Amarelo.

Marlene: Que ele criou o sitio do picapau amarelo e outros.

Nivaldo: o inventor do sítio do pica pau amarelo.

Shayene: Eu sei que ele é um bom contador de livros.

Sílvia: Sítio do Pica:Pau Amarelo.

Sara: Que ele inventou o sítio do pica:pau amarelo.

Tatiana: Que ele invento, o sítio do pica pau amarelo.

Wanderson: Sitio do picapal amarelo.

### **Observações:**

1 – Das 19 respostas acima, em apenas 2 delas os alunos não sabiam quem era Monteiro Lobato, mesmo optando pela alternativa sim.

2 – Se somarmos as 2 respostas onde ficou evidente o desconhecimento dos alunos com a única (1) resposta onde um aluno respondeu pela alternativa sim mas não se manifestou por escrito e mais os 11 que escolheram a alternativa não, chegaremos ao número de 14 alunos de um total de 31 que desconhecem Monteiro Lobato, ou seja, 45%. Portanto, o resultado nesta turma foi o inverso do da 8ª B, pois a maioria dos alunos sabe quem foi Monteiro Lobato.

### **53 – Quais são os seus sonhos?**

Alícia: Me forma. Ter meu filho e trabalho.

Denilson: Ser um juiz civil/criminal, fazer curso de serviços jurídicos e ser mestrado e reconhecido pelo mercado.

Fabício: Trabalhar no Exército ou na FAB (Força Aérea Brasileira).

Frederico: Ser medico e gastronomicos.

Horácio: advogado preferencial.

Karen: me forma, ter minha cada própria e uma família e ser feliz.

Margarida: Passar em uma curso de serviço jurídico, passar em uma faculdade de direito, ser advogada bem reconhecida pelo mercado de trabalho.

Andréia: ser rica e trabalhar com o que eu quero.

Brandon: Ser engenheiro civil.

Francine: Não tenho sonhos.

Guilherme: ser jogador de futebol.

Geraldo: termina a escola logo.

João: ser jogando de futebol ou se alguma coisa de futebol.

Jonathan: Se jogador de futebol.

Josué: Ter uma camaro e que minha família seja feliz.

Kaique: tes um carro.

Lair: Não sei.

Leonel: Ser Policial e ter uma 1000 como moto.

Manuel: Ajudar a minha mãe sempre se eu tiver dinheiro.

Murilo: ser um grande vilãoista e guitarrista, ser alguém na vida ter uma vida boa.

Nivaldo: Da um futuro melhor para minha família.

Rogério: Não sei.

Rose: Tem vários...

Solange: Ser rica e uma pessoa importante.

Sueli: Ser veterinária, ter meu proprio pet:shop, ter minha propria casa.

Sara: Virar modelo.

Tatiana: Conhecer o One Direction e o Austin Mahone.

Thiago: Virar engenheiro, arquiteto, ter uma família, amigos, uma casa na praia, etc...

Wanderson: Ser jogador de futebol.

Não Responderam: 2 (6,45%)

#### **54 – Deixe aqui o seu comentário.**

Alícia: gostei muito.

Denilson: sem mensagens no momento!

Frederico: Achei muito legal o questionário.

Margarida: Achei a pesquisa interessante, mas se aprofunda bastante em minha vida, e isso me incomoda um pouco, mas gostei.

Andréia: A vida é como um livro, você não pode mudar as páginas que já foram escritas mas pode começar um novo capítulo.

Brandon: engenheiro civil.

João: Eu gostei dessa pesquisa.

Josué: Foi bom esse questionário, gostei um pouco!

Lair: Obrigado.

Leonel: Até que fim acabou.

Murilo: Foi legal!!!

Nivaldo: Quero que tenha mais atividades esportivas.

Rogério: Não sei.

Sara: Achei bem interessante esse questionário.

Tatiana: Achei muito interessante.

Thiago: Gostei da pesquisa achei que teve diversas perguntas.

Não Responderam: 15 (48,38%)

**Obrigada por participar!**

## ANEXO 2

### QUESTIONÁRIO PERFIL DISCENTE 8ª B

Prezado(a) aluno(a) da Escola Estadual [Nome da Escola],

Este questionário faz parte de um estudo da Universidade de São Paulo (USP). Lembramos que suas respostas e seu nome serão mantidos em sigilo e desde já agradecemos sua colaboração.

#### **01 – Nome:**

Se identificaram: 33 (100%)

Não se identificaram: 0 (%)

Total de respostas: 33

**Observação:** Em todas as respostas foram mantidas as formas como os alunos se expressaram, incluindo seus erros gramaticais e ortográficos.

#### **02 – Idade:**

13 anos: 7 (21,21%)

14 anos: 14 (42,42%)

15 anos: 8 (24,24%)

16 anos: 1 (3,03%)

17 anos: 3 (9,09%)

#### **03 – Sexo:**

Masculino: 20 (60,61%)

Feminino: 13 (39,39%)

#### **04 – Procedência:**

São Paulo: 31 (93,93%)

Outro Estado: 1 (3,03%)

Outro País: 1 (3,03%)

**Especifique o Estado e cidade no Brasil ou País e cidade no exterior.**

São Paulo: 22 (66,66%). **Observação: Um aluno especificou o bairro de São Paulo de onde veio (Brasilândia).**

Não especificaram a cidade: 10 (30,3%)

Matanza (Espanha): 1 (3,03%)

Sergipe: 1 (3,03%). **Observação: Como não especificou a cidade, também entrou na contagem do item “Não especificaram a cidade”.**

**05 – Você se considera:**

Amarelo/de origem oriental: 0

Negro: 3 (9,09%)

Branco: 16 (48,48%)

Pardo/Mulato: 13 (39,39%)

Indígena: 1 (3,03%)

**06 – Ocupação:**

Estuda e trabalha de forma regular e remunerada: 2 (6,06%)

Estuda e trabalha esporadicamente: 1 (3,03%)

Só estuda, não trabalha: 30 (90,9%)

**Se você estuda e trabalha, especifique em que e quantas horas você trabalha nos dias de aula.**

Júlio: 3 horas. Em quê: programador e webdesigner (cria sites).

Kakay: 3 horas por dia de manhã.

Kauã: Trabalho das 8:00 as 10:00 da manha. Eu sou balconista. Ajudo a pegar e confirir as mercadorias.

**07 – Escolaridade**

Sempre estudou em escola pública: 27 (81,81%)

Alternou entre escolas pública e particular: 5 (15,15%)

Não respondeu: 1 (3,03%)

**Cite, pelo menos, o nome de três escolas em que estudou.**

Não responderam: 6 (18,18%)

E.E. João Solimeo: 1

E.E. Galdino: 1

Objetivo: 3

Escola Nossa Senhora das Mercês: 1

E.E. Reynaldo Porchat: 2

Raul Cortez: 3

CEU Pera Marmelo: 1

Gusmão: 1

Jardim Canãa: 1

Colégio Reflexão: 1

E.E. Guilherme Kumamn ou Kulman ou Kulhmann: 4

E.E. Tia Lurdes: 1

Colégio Memphis: 1

Amos Meuce: 1

Maris Alice: 1

Celso Portiollle Bentin: 1

Boa Nova: 1

Marina Cerqueira Cezar: 1

Alipio de Barros: 1

Anacleto de Camargo: 1

Saraiva: 1

Ernesto de Morais Leme: 1

Peixinho Dengoso: 1

E.E. Irmã Charlita: 1

E.E. Cocaia IV: 1

Semear: 1

E.E. Romeu de Moraes: 1  
E.E. José Righetto Sobrinho: 1  
E.E. Alfredo Paulino: 2  
Napoleão de Carvalho Freire: 1  
E. E. Lourenço Filho: 1  
Júlio Mesquita: 1  
Terezinha: 1  
Casabona: 1  
Prezinho, Lapa: 1  
Amadeu Mendes: 1  
Colégio Domingos Savio: 1  
Edmundo de Carvalho: 1

**08 – Você pretende dar continuidade aos estudos?**

Sim: 33 (100%)

Não: 0 (0%)

**Se sim, pretende fazer o ensino médio normal ou técnico? Por que?**

Normal: 11 (33,33%)

Técnico: 7 (21,21%)

Não responderam: 13 (39,39%)

Respostas indefinidas: 2 (6,06%)

**09 – Quais são suas disciplinas preferidas? Indique quanto você gosta de cada opção.**

**Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).**

Artes M: 9 P: 17 N: 6

História M: 18 P: 12 N: 4

Ciências M: 13 P: 17 N: 3

Inglês M: 5 P: 16 N: 12

Educação Física M: 21 P: 7 N: 4

Matemática M: 5 P: 17 N: 11



Geografia M: 17 P: 12 N: 4

Português M: 9 P: 19 N: 5

**10 – Quanto tempo você passa por dia fazendo as lições de casa?**

Menos de 20 minutos: 6 (18,18%)

Cerca de 2 horas: 0 (0%)

Entre 20 e 40 minutos: 10 (30,3%)

Cerca de 3 horas: 0 (0%)

Entre 40 minutos e 1 hora: 4 (12,12%)

Mais de 3 horas: 0 (0%)

Mais de 1 hora: 1 (3,03%)

Não faço lição de casa: 11 (33,33%)

Não respondeu: 1 (3,03%)

**11 – Assinale com que frequência você falta às aulas:**

Pelo menos uma vez por mês: 4 (12,12%)

Pelo menos duas vezes por mês: 2 (6,06%)

Pelo menos três vezes por mês: 12 (36,36%)

Pelo menos quatro vezes por mês: 9 (27,27%)

Mais de quatro vezes por mês: 0 (0%)

Outra frequência: 3 (9,09%) Qual? Não falta: 2. Não responderam “Qual?”: 1 (3,03%)

Não responderam: 3 (9,09%)

**Quais são os principais motivos de suas faltas?**

Daniela: Comparecimento ao médico.

Davi: Ousadia e alegria.

Katia: Vou sair ou médico.

Leandro: Viagem.

Marcelo: Amigos.

Plínio: Ousadia e alegria.

Renata: Doente ou quando to no medico.

Alessandro: Minha mãe fez uma cirurgia.

Beatriz: Quando estou doente.

Eduarda: Quando fico doente.

Fayal: Não quero vim!

Fernando: Quando estou doente.

Francisca: Atraso, indisposição, doença, etc.

Júlio: Doenças.

Jurandir: Quando eu estou doente.

Kakay: Tenho que ajudar minha mãe.

Kauã: Ajudar meu pai.

Luciana: Doente.

Marcos: medico.

Marisa: Preguiça, duente ou medico.

Yago: Quando eu não quero vir pra escola.

Não responderam os principais motivos de suas faltas: 13 (39,39%)

**Observação:** Doença foi a justificativa/motivo predominante.

## **12 – Assinale os ambientes da sua escola que você mais utiliza:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

Auditório/teatro: 3

Biblioteca ou sala de leitura: 1

Laboratório de Informática: 8

Laboratório de Química: 0

Pátio: 27

Quadra poliesportiva: 14

Refeitório: 3

Não responderam: 1

Outros: 2 Quais?

Alessandro: Sala de aula.

Kakay: Cantina.

**13 – Assinale as atividades extras na escola, das quais você mais participa:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

Assistir a filmes e peças de teatro: 11

Atividades na biblioteca ou sala de leitura: 3

Atividades físicas: jogos, ginástica, caminhada, etc. : 15

Atividades do grêmio recreativo: 0

Atividades do jornal ou site da escola: 1

Atividades de leituras literárias: 1

Atividades musicais ou de dança:1

Atividades da rádio: 1

Atividades na sala de informática: 14

Atividades teatrais: 1

Ciclo de palestras: 2

Feira de Ciências: 2

Não responderam: 3 (9,09%)

Outras: 2 Quais?

Letícia: Não participo das atividades.

Não respondeu “Quais?”: 1 (3,03%)

**14 – A seu ver, quais dessas ações o professor de História deve oferecer em algumas aulas? (pode assinalar mais de uma opção)**

Indicar jornais e revistas para ler: 2

Indicar livros de literatura para ler: 8

Indicar pesquisas em enciclopédias: 5

Ler textos de literatura para os alunos: 1

Organizar apresentações de músicas no auditório: 6

Organizar apresentações de vídeos e filmes no auditório: 15

Organizar passeios em museus e exposições interativas: 16

Propor atividades na biblioteca ou na sala de leitura da escola 6

Propor atividades de pesquisa no Laboratório de Informática da escola: 9

Propor trabalhos escritos para serem realizados em grupos: 5

Outras atividades: 2. Quais?

Davi: Passar mais filmes.

Plínio: Passar mais filmes.

### **15 – Assinale as pessoas com quem reside atualmente:**

**(pode assinalar mais de uma opção)**

**Observação:** O primeiro número (antes dos dois pontos) se refere a quantidade de pessoas do item enquanto o número posterior (aos dois pontos) se refere a quantidade de alunos que assinalaram ter aquela quantidade de pessoas do item em sua residência.

Mãe: 12

Pai: 3

Mãe/pai: 14

Madrasta/pai: 1

Padrasto/mãe: 1

Irmãos/irmãs: 17. Quantos 1:7, 2:6, 3:2, 4:2.

Avôs/avós: 7. Quantos? 1:5, 2:2.

Primos/primas: 3. Quantos? 2:2, 5:1.

Sobrinhos/sobrinhas: 3. Quantos? 1:3.

Tios/tias: 4. Quantos? 1:3, 2:1.

Amigos: 2. Quantos? 1:1, Não respondeu “Quantos?”:1.

Outros familiares: 1. Especifique: Cunhado.

### **16 – Tipo de moradia?**

Apartamento: 4 (12,12%)

Casa: 29 (87,87%)

### **17 – Tipo de construção?**

Alvenaria: 26 (78,78%)

Madeira: 0 (0%)

Não responderam: 7 (21,21%)

**18 – Sua residência é:**

Própria: 16 (48,48%)

Alugada: 11 (33,33%)

Não responderam: 6 (18,18%)

**19 – Quantidade de cômodos:**

1: 0 (0%)

2: 4 (12,12%)

3: 4 (12,12%)

4: 5 (15,15% )

5: 5 (15,15%)

6: 6 (18,18%)

Acima de 6: 7 (21,21%)

Não responderam: 2 (6,06%)

**20 – Sua residência tem (coloque a quantidade ex. 1, 2 etc. nos parênteses ao lado):**

**Observação:** O primeiro número (antes dos dois pontos) se refere a quantidade de aparelhos enquanto o número posterior (aos dois pontos) se refere a quantidade de alunos que assinalaram ter aquela quantidade de aparelhos em sua residência.

Aparelho de DVD: 1:19, 2:9, 3: 2

Internet: 1:25, 2:4

Notebook: 1:10, 2:4, 5: 1, 6:1

Aparelho de som: 1: 17, 2:7, 3:1

Impressora: 1:20, 3:1

Rádio: 1:19, 2:1

Automóvel: 1:13, 2:2, 3: 2, 5:2

Máquina de lavar: 1:25, 2:3

Scanner: 1:4

Bicicleta: 1:8, 2:3, 4:1

Micro-computador: 1:13, 3:1

Tablet: 1:9

Celular: 1:8, 2:1, 3:1, 4:4, 5:6, 6:5, 7:2, 8:1, 10: 2

Micro-ondas: 1:22, 2:3

Telefone: 1:16, 2:5, 3:3

Fax: 1:3, 5:1

Motocicleta: 1:4

Televisão: 1:10, 2:9, 3:4, 4:5, 5:2

Fone de ouvido: 1:8, 2:3, 3:6, 4:3, 5:3, 6:4

MP3: 1:11, 2:2, 3:1

Vídeo-cassete: 1:6, 9:1

Geladeira: 1:21, 2:5, 3:1

Netbook: 1:8, 2:1

Vídeo-game: 1:20, 2:1

## **21 – Onde você mora?**

No bairro onde fica a escola: 8 (24,24%)

Em outro bairro: 23 (69,69%)

Morro Doce: 3 (9,09%)

Brasilândia: 2 (6,06%)

Osasco: 2 (6,06%). **Observação:** outro município.

Pirituba: 2 (6,06%)

Vila Anastácio: 1 (3,03%)

Parque Maria Aparecida: 1 (3,03%)

Jaraguá: 1 (3,03%)

Jardim Iris: 1 (3,03%)

Cohab Brasilândia: 1 (3,03%)

Sol Nascente: 1(3,03%)

Frederico Abranches: 1 (3,03%)

Parque São Domingos: 1 (3,03%)

Al. Nothmann: 1 (3,03%)

Vila Madalena: 1 (3,03%)

Vila Romana: 1 (3,03%)

City lapa: 1 (3,03%)

Vila Romana: 1 (3,03%)

Não respondeu qual bairro: 1 (3,03%)

Não responderam a questão: 2 (6,06%)

## **22 – Desde quando você mora no seu bairro?**

Menos de 1 ano: 8 (24,24%)

De 1 a 5 anos: 8 (24,24%)

De 5 a 10 anos: 5 (16,12% )

Mais de 10 anos: 10 (30,3%)

Não responderam: 2 (6,06%)

## **23 – Você conhece a história do seu bairro?**

Sim: 4 (12,12%)

Não: 27 (81,81%)

Não responderam: 2 (6,06%)

Assinalou sim, mas não respondeu a questão abaixo: 1 (3,03%)

## **Se você conhece a história do seu bairro, conte o que sabe com suas palavras.**

Valdir: Meu bairro e um bairro muito bom tem varias coisas legais.

Jerusa: Foi gente muito importante, a Princesa Isabel, tinha gado, minha vo contava.

Leandro: Era um bairro onde moravam muitos artistas.

**Observação:** Dos três que assinalaram sim e responderam a questão, nenhum demonstrou conhecer, de fato, a história do seu bairro.

## **24 – Você conhece a história do bairro onde fica sua escola?**

Sim: 2 (6,06%)

Não: 29 (87,87%)

Não responderam: 2 (6,06%)

**Se você conhece a história do bairro onde fica a sua escola, conte o que sabe com suas palavras.**

Leandro: Um bairro de operários.

Valdir: Minha escola fica em um bairro muito legal também em um lugar muito movimentados etc.

## **25 – Por que você mora no seu bairro?**

A família já morava: 12 (36,36%)

A família se mudou: 14 (42,42%)

### **Motivo (da mudança)?**

Leandro: Financeiro.

Eduarda: Por causa do trabalho dos meus pais.

Francisca: Por fica perto do trabalho da minha mãe.

Luciana: Fica mais perto do trabalho da minha mãe.

Não Responderam “Motivo (da mudança)?”: 10 (30,3%)

Outras razões: 3 (9,09%) **Quais?**

Alessandro: Pais separaro.

Cauê: Trabalho da minha mãe é aqui **no bairro da escola**. (Trecho em negrito foi alterado para preservar a identidade da escola)

Yago: Meu vó teve derrame e minha mãe teve que vir.

Não responderam a questão: 4 (12,12%)

## **26 – Você gosta de morar no seu bairro?**

Sim: 23 (69,69%)

Não: 7 (21,21%)

Não responderam: 3 (9,09%)



**Por que?**

Sim

Daniela: É calmo, e é um lugar bom para construir uma família.

Davi: porque é bom.

Katia: É calmo.

Leandro: Um pouco.

Plínio: É perto do Centro.

Renata: Porque eu moro deis de pequena e ja me acostumei.

Cauê: Porque tudo é por perto.

Fernando: Porque lá é um lugar tranquilo.

Francisca: Porque tem tudo perto e é calmo.

Jurandir: Porque é legal de morar.

Kakay: Porque sim.

Kauã: La e legal e tenho muitos parentes.

Letícia: e centro de comércio.

Valdir: Por que e legal.

Yago: Sosegado.

Não

Marcelo: Chato.

Alessandro: Não gosto!

Eduarda: Porque não consigo me inturma com algumas pessoas.

Luciana: Não consigo me acostumar.

Mariana: Porque é longe de tudo.

Marisa: Porque a casa é pequena e fica muito longe da escola.

Paula: Prefiro minha ultima casa.

Não responderam “Por que?”: 7 (21,21%)

**27 – Você gosta do bairro da escola?**

Sim: 24 (72,72%)

Não: 7 (21,21%)

Não responderam: 2 (6,06%)

### **Por que?**

Sim

Katia: É perto de tudo, lojas etc.

Plínio: Porque eu já morei aqui.

Renata: Porque tem varias coisas direrida.

Alessandro: Bom.

Cauê: Porque tudo é por perto.

Fernando: Porque não tenho motivos para não gostar.

Francisca: Porque eu relembro de quando eu morava lá.

Kakay: Porque sim.

Kauã: Porque mora muitas famílias legais.

Luciana: Por é a escola.

Marisa: Porque é perto cerviso da minha mãe.

Valdir: por e muito movimentado.

Não

Daniela: Não, é sujo e tem muito assalto.

Marcelo: Não é legal (chato).

Eduarda: É chato.

Paula: Não conheço.

Não responderam “Por que?”: 12 (36,36%)

**28 – Se você não mora no mesmo bairro da escola, explique por que resolveu vir estudar aqui.**

Facilidade de acesso: 5

Indicação de amigos: 4

Por ser um bairro central: 4

Proximidade com a residência de parentes: 4

Proximidade com o trabalho: 3

Qualidade do ensino oferecido: 5

Outros motivos: 7 **Quais?**

Leandro: Falta de vaga em escolas da região.

Plínio: Eu morava no bairro.

Renata: Minha mãe não conseguiu vaga no meu bairro.

Alessandro: Escola meio boa.

Cleyton: Não encontrei vagas.

Fayal: Eu moro no bairro da escola.

Paula: Porque, eu morava aqui, e não me mudei de escola.

Não responderam: 8 (24,24%)

### **29 – Como você chega à escola?**

A pé: 12

Ônibus: 14

Lotação: 4

Trem: 2

Metrô: 0

Trem+Ônibus: 1

Metrô+Ônibus: 0

Trem+Metrô+Ônibus: 0

Veículo próprio: 3. **Qual?** Kauã: Carro. Daniela: Corolla e fiesta. Não respondeu “Qual?”:

1.

Outros meios de transporte: 0

Não responderam: 2 (6,06%)

### **30 – Você tem opções de lazer em seu bairro?**

Sim: 18 (54,54%)

Não: 13 (39,39%)

Poucas: 11 (33,33%)

Muitas: 1 (3,03%)

Não responderam Sim ou Não: 2 (6,06%)

Não responderam Poucas ou Muitas: 12 (36,36%)

### Quais?

Alessandro: Clube criança esperança.

Eduarda: praça, parque, quadra de basquete, pista de skat.

Fayal: Vários, shopping.

Fernando: Meus vizinhos programam festas em dias comemorativos.

Francisca: Só uma pracinha sem graça.

Jurandir: Lanchonete, mercado e parques.

Kauã: Parque o Pico do Jaraguá.

Luciana: Parque, campo...

Valdir: Empina pipa.

Yago: Um campinho velho e com muito barro.

Leandro: Parques.

### **31 – Qual é seu tipo de lazer preferido? Indique quanto você gosta de cada opção. Use “M” (Gosto muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).**

Assistir a jogo de futebol M: 11 P: 14 N: 5

Escrever contos ou um diário M: 1 P: 4 N: 23

Ficar na rua M: 5 P: 16 N: 8

Frequentar exposições e museus M: 8 P: 11 N: 11

Frequentar parques e contato com a natureza M: 14 P: 10 N: 5

Ir ao cinema M: 23 P: 5 N: 2

Ir a concertos ou a shows de música ao vivo M: 14 P: 8 N: 7

Ir dançar em uma balada M: 9 P: 11 N: 9

Ir ao teatro M: 6 P: 11 N: 12

Ler jornais ou revistas M: 7 P: 7 N: 15

Ler livros M: 8 P: 10 N: 11

Navegar na internet M: 26 P: 5 N: 0

Passear em shoppings e olhar vitrines M: 19 P: 7 N: 5

Pintar ou desenhar M: 6 P: 12 N: 12

Praticar esportes M: 13 P: 10 N: 6

Praticar jogos de cartas ou dados M: 8 P: 13 N: 10

Praticar jogos de tabuleiro M: 1 P: 11 N: 16

Receber amigos em casa ou ir à casa de amigos M: 12 P: 11 N: 5

Tocar um instrumento musical ou cantar numa banda M: 7 P: 4 N: 18

Utilizar o celular M: 24 P: 4 N: 2

Utilizar sites de redes sociais M: 23 P: 4 N: 3

Ver televisão M: 21 P: 6 N: 3

Outros: 1 (3,03%) Quais? Marcelo: Inventar histórias com meus amigos.

Não responderam: 2 (6,06%)

### **32 – Você tem aparelho de celular para uso próprio?**

Sim: 28 (84,84%)

Não: 3 (9,09%)

Não responderam: 2 (6,06%)

### **Se sim, quais os recursos que mais utiliza?**

Ligações: 11

Mensagens: 10

Redes Sociais: 9

Internet: 7

Música: 7

Jogos: 7

Vídeos: 2

Comunicar: 1

Aplicativos: 1

Tirar fotos: 1

Google (Pesquisar): 1

Bluetooth/Wi-fi: 1

Muito mais (indefinição): 1

Não responderam quais os recursos que mais utiliza: 1

### **33 – Você acredita que o celular contribui para o seu processo de aprendizagem?**

Sim: 17 (51,51%)

Não: 14 (42,42%)

Não responderam: 2 (6,06%)

#### **Se sim, de que forma?**

Permite Pesquisas: 4

Internet: 2

Calculadora (na matemática): 2

Ler livros: 1

Despertador: 1

Organizador: 1

Vários/Várias opções: 2

A se concentrar porque ouve músicas: 1

São tecnológicos e ensinam: 1

Aprendo a mexer nele: 1

Não responderam “Se sim, de que forma?”: 3 (9,09%)

Valdir: varias opções?

Paula: Usando o google, quando não sabemos algo. ele nos ajuda.

Luciana: Qualquer duvida. Pesquisa na internet quando estiver longe de casa.

Letícia: A tem calculadora, despertador, organizador, etc.

Kakay: Fico mais concentrado quando escuto musica.

Jurandir: Internet me ajuda.

Francisca: Porque os celulares de hoje em dia são tecnológicos e ensinam muita coisa.

Fayal: Varios.

Dênis: internet me ajuda.

Davi: Por que posso ler livros por ele.

Jerusa: Muito, você pode entrar na internet para pesquisar assuntos referentes a escola.

Katia: Quando preciso tirar alguma dúvida rápido, vou no google.

Leandro: Aprendo a mexer nele.

Plínio: Na matemática.

### **34 – Você se sente seguro no bairro onde mora?**

Sim: 20 (60,6%)

Não: 10 (30,3%)

Não responderam: 3 (9,09%)

#### **Por que?**

Sim

Cauê: por que nas esquinas da minha casa tem seguranças.

Fayal: Mais ou menos né. KKKKK...!

Francisca: porque é um bairro socegado e de família.

Kakay: porque é bairro de rico e tem varios guardinhas.

Kauã: Porque ninguém roba ninguém.

Valdir: la e um lugar que mais se conhese.

Victorio: Conheço.

Davi: Por que é bem policiado.

Jerusa: Porque é tranquilo.

Katia: É calmo.

Não

Alessandro: Não é tão seguro.

Dênis: Tirro pra todo lado.

Júlio: em favela não tem segurança.

Jurandir: porque acontece coisas ruins.

Letícia: Porque noite tem muito assalto.

Yago: Nunca vir uns ronda passar polar.

Marcelo: Porque até eu posso comprar uma arma lá.

Não responderam “Por que?”: 13 (39,39%)

### **35 – E no bairro da escola?**

Sim: 17 (51,51%)

Não: 12 (36,36%)

Não responderam: 4 (12,12%)

#### **Por que?**

Sim

Alessandro: oh não sei.

Fayal: Mais ou menos kkkk!

Francisca: Porque é um bairro movimentado.

Júlio: é muito movimentado.

Kauã: Porque tem muitos policiais.

Letícia: Por que tem bastante policia.

Valdir: legal o bairro

Victorio: conheço

Yago: Porque tem uns moleques que fuma maconha na porta.

Davi: Por que estou entre amigos

Leandro: Não gosto muito daqui.

Não

Dênis: também é perigoso.

Fernando: Porque tem alguns ladrões.



Kakay: porque tem vários maconheiro.

Paula: porque? por que simplesmente moro na brasilandia.

Jerusa: Porque e muito movimentada e não tem policiamento

Katia: Um pouco perigoso na saída.

Marcelo: porque até eu posso comprar drogas aqui...

Não responderam “Por que?”: 11 (33,33%)

### **36 – Você já viu notícias sobre seu bairro na televisão ou no jornal?**

Sim: 20 (60,6%)

Não: 12 (36,36%)

Não respondeu: 1 (3,03%)

### **37 – Eram negativas ou positivas?**

Positivas: 6 (18,18%)

Negativas: 14 (42,42%)

Positivas e negativas: 2 (6,06%)

Não responderam: 11 (33,33%)

### **38 – Você concorda com o que foi passado na notícia?**

Sim: 15 (45,45%)

Não: 6 (18,18%)

Sim e não: 1 (3,03%)

Não responderam: 11 (33,33%)

### **Por que?**

Sim

Fayal: Teve algumas coisas boas e ruim.

Francisca: Porque foi um ocorrido. assalto ao banco.

Jurandir: Sim. Porque aconteceu.

Kakay: porque vim.

Luciana: Porque tinha um fugitivo, no meu bairro.

Paula: concorda não tem como porquer são fotos. mas não achei legal.

Valdir: legal

Yago: não tem concerto na estação

Davi: Por que foi bom

Katia: Minha mãe me dresse.

Leandro: Um pouco.

Marcelo: era verdade.

Não

Alessandro: violência.

Cleyton: os Policiais Estava Atrás de um bandido.

Kauã: porque roubaram lojas coisas que as pessoas demoram para conseguir.

Letícia: Eu não vi nenhuma noticia sobre a Lapa na TV.

Sim e Não

Fernando: As vezes sim, as vezes não.

Não responderam "Por que?": 5 (15,15%)

### **39 – Você confia nas informações transmitidas pelos meios de comunicação?**

Sim: 10 (30,3%)

Não: 12 (36,36%)

Mais ou menos: 1 (3,03%)

Não responderam: 10 (30,3%)

### **Por que?**

Sim

Francisca: Pois muitas vezes passam pela TV.

Luciana: Sim, pois muitas vezes são feitas entrevistas.

Paula: comigo pelo menos nunca falha.

Davi: Por que sempre me passam a informação.

Jerusa: Porque e muito realista.

Não

Kauã: Tem vezes que pode ser trot e pode ser para tomar seu dinheiro ou sequestrar.

Valdir: não sei

Yago: nunca vi eles fazer nada

Daniela: Porque não temve como saber o que aconteceu de fato

Katia: Pode ser mentira.

Leandro: Opinião própria

Marcelo: mostram apenas oque os favorece.

Mais ou menos

Kakay: Sei lá.

Não responderam “Por que?”: 10 (30,3%)

#### **40 – Quais os problemas do seu bairro e o que você mudaria?**

Alessandro: Favelas, povo pobre.

Cauê: Não tem nem tipo de lazer publico.

Cleyton: bandidos roubando.

Dênis: Não sei.

Eduarda: Nenhu.

Fayal: Algumas coisas eu mudaria e outras não.

Francisca: Falta de opção de azer.

Júlio: eu colocaria uma quadra de futebol e volêi e um parque cultural.

Kakay: não tem problema.

Kauã: Tiraria a favela porque la vende coisas ruins e coisas roubadas.

Letícia: A eu colocaria mais policiais na rua anoite.

Luciana: roda...

Paula: Algumas pessoas, eu não mudaria.

Rodrigo: drogas e tirar as drogas do meu bairro. brigas

Valdir: não mudaria mais por nada.

Yago: Enchente na estação de trem eu fazia reformas.

Daniela: Não tem lazer, não se vê criança/jovem se comunicando?

Davi: Nada.

Jerusa: Nenhum, apenas o transporte publico que é muito pouco.

Katia: Nenhum

Leandro: Assalto.

Marcelo: encanamento...

Plínio: Nada.

Renata: Utimamente ta ficando muito perigoso e eu mudaria por causa disso.

Não responderam: 9 (27,27%)

**41 – Renda familiar de seu domicílio, ou seja, a soma dos salários dos que trabalham e moram na sua casa:**

Até R\$ 850,00: 2 (6,06%)

De R\$ 850,01 a R\$ 1.000,00: 6 (18,18%)

De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00: 6 (18,18%)

De R\$ 2.000,01 a R\$ 3.500,00: 6 (18,18%)

De R\$ 3.500,01 a R\$ 5.000,00: 1 (3,03%)

Acima de R\$ 5.000,00: 2 (6,06%)

Não responderam: 10 (30,3%)

**42 – Escolaridade do seu pai.**

Não frequentou a escola: 3 (9,09%)

Até a 4ª série: 5 (15,15%)

Até a 8ª série: 4 (12,12%)

Ensino médio incompleto: 2 (6,06%)

Ensino médio completo: 12 (36,36%)

Superior incompleto: 0 (0%)

Superior completo: 0 (0%)

Pós-graduação: 0 (0%) Especialização: 0 (0%) Mestrado: 0 (0%) Doutorado: 0 (0%)

Não responderam: 7 (21,21%)

#### **43 – Indique a profissão de seu pai:**

Trabalha atualmente: 19 (57,57%)

Trabalha atualmente e é aposentado: 1 (3,03%). O aluno Fernando declarou o pai nessa condição.

Desempregado: 1 (3,03%)

Aposentado: 2 (6,06%)

Desempregado e aposentado: 1 (3,03%). O aluno Yago declarou o pai nessa condição.

Não responderam: 9 (27,27%)

#### **Profissões**

Daniela: Plano de saúde

Leandro: Video maker

Marcelo: informática

Renata: técnico em maquina de costura

Dênis: Regulador de maquinas

Fernando: Cabeleireiro

Francisca: Tecnico em computação

Kakay: Dono de lan house, grafica, manutenção

Kauã: Meu pai realiza as seguintes atividades: aluga casas ele cuida de comercios: mercado, deposito

Letícia: professor

Luciana: leva cargas

Mariana: Protético

Paula: predero

Rodrigo: bar

Valdir: montador de ar condicionado

Yago: Densenhista

Não responderam profissão: 7 (21,21%)

#### **44 – Escolaridade da sua mãe.**

Não frequentou a escola: 1 (3,03%)

Até a 4ª série: 4 (12,12%)

Até a 8ª série: 4 (12,12%)

Ensino médio incompleto: 2 (6,06%)

Ensino médio completo: 8 (24,24%)

Superior incompleto: 1 (3,03%)

Superior completo: 5 (15,15%) Em que? Daniela: Biologa; Fayal: Advogada; Leandro: Artes plásticas. Não responderam “Em que?”: 2 (6,06%)

Pós-graduação: 2 (6,06%). Especialização: 1 (3,03%). Em que? Daniela: Biologia. Não responderam “Em que?” (Especialização): 1 (3,03%). Mestrado: 2 (6,06%). Em que?

Daniela: Biologia, Leandro: Artes. Doutorado: 1 (3,03%). Em que? Daniela: Biologia

Não responderam: 8 (24,24%)

#### **45 – Indique a profissão de sua mãe:**

Trabalha atualmente: 22 (66,66%)

Desempregada: 4 (12,12%)

Aposentada: 1 (3,03%)

Não responderam: 6 (18,18%)

#### **Profissões**

Daniela: Biologa

Davi: Esteticista

Jerusa: Autonoma

Leandro: Artista Plastica

Renata: secretaria

Cauê: lojista

Dênis: reguladora [de máquinas, grifo nosso]

Eduarda: auxiliar de cozinha

Fayal: Advogada

Fernando: Cabeleireira

Francisca: Analista de Seleção

Jurandir: Em loja

Kakay: Nesma coisa que meu pai

Letícia: Diarista

Luciana: Fachineira

Mariana: gerente de loja

Paula: Diarista

Rodrigo: loja

Valdir: em casa família

Yago: manicure

Kauã: Cuidadora

Não responderam profissão: 21 (63,63%)

#### **46 – Religião:**

Católica: 12 (36,36%)

Evangélica: 10 (30,3%)

Espírita: 1 (3,03%)

Não tenho religião: 5 (15,15%)

Outra: 1 (3,03%) Qual? Leandro: Budista.

Não responderam: 4 (12,12%)

#### **47 – Você participa de algum grupo social?**

Ações de voluntariado: 0

ONGs: 0

Banda/grupo musical: 0

Partido político: 0

Coral: 0

Prática esportiva: 5

Grupo de igreja: 5

Sociedade amigos de bairro: 2

Movimento estudantil: 0

Outros: 3 Quais? Alessandro: Nenhum, Fayal: Não participo, Jerusa: Não.

**48 – Com quem conversa sobre assuntos íntimos/pessoais?**

**(pode assinalar mais do que uma opção de resposta)**

Com amigos ou colegas da escola: 10

Com sua mãe: 11

Com seu pai: 4

Com primos/primas: 7

Com irmão/irmã: 7

Com avô/avó: 1

Com tios/tias: 4

Outros: 5 Especifique: Fayal: Ninguém, Leandro: Namorada, Kakay: Com ninguém oshiii!, Paula: Amigos, Yago: Nenhum.

**49 – Quais são suas preferências musicais? Indique quanto você gosta de cada opção.**

**Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).**

Axé M: 2 P: 11 N: 13

Pagode M: 10 P: 10 N: 6

Rock M: 12 P: 6 N: 11

Forró M: 1 P: 6 N: 19

Pop M: 7 P: 7 N: 13

Romântica M: 2 P: 10 N: 15

Funk M: 13 P: 10 N: 8

Rap M: 16 P: 11 N: 1

Samba M: 5 P: 11 N: 11

Hip hop M: 12 P: 7 N: 9

Reggae M: 12 P: 8 N: 8



Sertanejo M: 10 P: 14 N: 5  
 MPB M: 3 P: 9 N: 14  
 Religiosa M: 5 P: 7 N: 14  
 Tecno-eletrônica M: 14 P: 8 N: 4  
 Outras ( ) Quais? 0

**50 – Quais são suas preferências de leitura? Indique quanto você gosta de cada opção.**

Use “M” (Gosto Muito), “P” (Gosto um Pouco) e “N” (Não Gosto).

Biografias P: 6 M: 3 N: 19  
 Contos/crônicas P: 12 M: 6 N: 12  
 Fábulas P: 8 M: 1 N: 19  
 História do Brasil ou do mundo P: 5 M: 11 N: 12  
 Histórias em quadrinhos P: 5 M: 11 N: 12  
 Mitos e lendas P: 7 M: 8 N: 14  
 Poemas/poesias P: 7 M: 6 N: 15  
 Romances de ficção científica P: 6 M: 9 N: 12  
 Romances de aventura P: 7 M: 9 N: 12  
 Romances de amor P: 6 M: 8 N: 14  
 Romances policiais P: 5 M: 7 N: 16  
 Textos religiosos P: 6 M: 3 N: 19  
 Outras: 6 Quais?  
 Paula: Livros de informação sobre banda  
 Victorio: Aventura, ficção científica, ação, suspense.  
 Marcelo: Mánga (HQ japoneses)  
 Plínio: Biografias e Hq ou Hertois  
 Não Responderam “Quais?”: 2 (6,06%)

**51 – Quais livros você mais gostou de ler e por quê?**

Daniela: “A cabana” Porque conta sobre uma historia que pode acontecer com qualquer pessoa. é cativante.

Davi: HQ

Jerusa: amanhecer porque e interessante

Leandro: “A mão de Leonardo”

Marcelo: Berserk.

Plínio: Nenhum

Cauê: Biblia.

Dênis: gibi. porque é legal

Fayal: Não gosto de ler.

Fernando: O Pequeno Príncipe.

Francisca: crepúsculo.

Jurandir: Turma da Mônica

Kakay: Livros da Historia do Mundo, porque me interessa muito.

Kauã: Gostei do livro que conta a Histoira sobre um cara que aproveitou o final de sua vida fazendo tudo que ele nunca fez.

Letícia: Crepusculo por que fala de um amor proibido

Luciana: Comedia.

Paula: One direction – sorvete com sabor de saudade

Valdir: nenhum.

Yago: conto

Não responderam: 14 (42,42%)

## **52 – Você já ouviu falar sobre Monteiro Lobato?**

Sim: 24 (72,72%)

Não: 6 (18,18%)

Não responderam: 3 (9,09%)

### **Se sim, o que sabe sobre ele?**

Responderam por extenso: 16 (48,48%)

Não responderam por extenso: 8 (24,24%)

## **Respostas**

Daniela: Que ele criou o Sítio do Pica Pau Amarelo.

Daniilo: Que ele criou o Sítio do Pica-pau Amarelo.

Dênis: Nada.

Fayal: Não lembro dele, mais acho que ele que canta o Sítio do Pica Pau Amarelo.

Francisco: Não me lembro.

Francisca: Poeta famoso.

Jurandir: Poemas.

Kauã: Que ele foi o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo.

**Leandro: O aluno respondeu oralmente perguntando se, por acaso, ele não era o inventor do avião.**

Letícia: Que ele escreve livros.

Luciana: nada, so ovi o nome.

Marcos: ele era um escritor.

Mariana: Sim, mas não me recordo.

Paula: Que ele é um escritor.

Renata: Eu sei que ele escreve fabulas interessantes.

Yago: Esqueci tudo.

### **Observações:**

1 - Das 15 respostas acima, em 8 delas ficou evidente que os alunos não sabiam quem era Monteiro Lobato, mesmo optando pela alternativa sim.

2 – Se somarmos as 8 respostas onde ficou evidente o desconhecimento dos alunos com os 9 alunos que responderam pela alternativa sim mas não se manifestaram por escrito e mais os 6 que escolheram a alternativa não, chegaremos ao número de 23 alunos de um total de 33 que desconhecem Monteiro Lobato, ou seja, 70%, mesmo a maior parte deles tendo declarado que sim.

### **53 – Quais são os seus sonhos?**

Daniela: Conseguir entrar em uma faculdade pública.

Davi: ter uma lanbongui. [Lamborguini, grifo nosso]

Jerusa: Viajar e ser juíza.

Katia: Ser feliz e delegada ou engenheira.

Marcelo: Ser um lenhador no Canadá.

Plínio: Conhecer a Megan fox.

Renata: De ser desner, estilista, musista e artista.

Cauê: Eu quero sem veterinário, e homem de seus!.

Dênis: Trabalhar para ganhar dinheiro.

Eduarda: Ajuda minha mãe, e conhecer Jennifer lopez.

Fayal: Ser patrão, milionário.

Fernando: Crescer na vida.

Francisca: estudar, constutir uma família, ter uma profissão

Jurandir: se jogador de futebol

Kakay: ser um Arqueólogo

Kauã: Ser engenheiro

Letícia: Sustentar meus pais e pagar um clinica para o meu avó.

Luciana: Ser modelo, e conhece o Neymar.

Marcos: ser engenheiro

Mariana: Viajar para muitos lugares

Marisa: Ser feliz com a minha família e dar o que a minha mãe e o meu pai nunca conseguil ter.

Paula: Assistir os meninos (Many, Naill, Louis, Liam e Zoem) cantando “forever young” no x-factor.

Rodrigo: Ganhar o XBOX 360.

Valdir: der ser um pessoa muito estruturada.

Victorio: Não tenho

Yago: ser ladrão.

Não Responderam: 7 (21,21%)

#### **54 – Deixe aqui o seu comentário.**

Daniela: Me interessa esse questionário por ser da USP.

Davi: Valeus.

Leandro: Ter dinheiro para sustentar bem a minha família, dar o melhor para quem eu amo e fazer o que gosto.

Marcelo: As coisas que você consome, acaba te consumindo...

Plínio: É nois G.

Renata: Eu achei interessante.

Eduarda: Eu gostei um pouco.

Fayal: Eu quero ser rico ter dinheiro mulher, carro do ano, forja de verdade rs rs!

Fernando: Muito Bom

Francisca: Acho que algumas perguntas são nada a vê, não devemos responder a renda familiar falta de educação perguntar isso.

Kakay: Não quero comentar.

Kauã: gostei muito dessa pesquisa

Letícia: Hum!

Marisa: eu achei interessante

Paula: Hum... Não sei bem no isso vai ajudar, mas tenho certeza que é uma perda de tempo por que não vai mudar merda nenhuma “vocês” saberem se eu tenho celular, geladeira ect.

Valdir: nenhum

Yago: foi uma bosta isto vocês vai ler e foi fazer o que? Ah já sei nada.

Não Responderam: 16 (48,48%)

**Obrigada por participar!**

### ANEXO 3

## QUESTIONÁRIO HISTÓRIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS

**Resultados 8ª A – 23 alunos**

**Primeiro Bloco de Questões**

**Pergunta 1: Para você, o que é a História? Justifique sua resposta.**

**Alícia:** História pra mim é uma forma de contar algo, que acontece ou aconteceu, tanto no passado como no futuro.

**Bernardo:** Coisas sobre o passado nossos ancestrais etc.

**Brandon:** História é tudo aquilo que aconteceu no passado e é reencontrada hoje em dia.

**Bruna:** História é o que nós aprendemos sobre o passado dos países, acontecimentos marcantes, pessoas que mudaram nosso país, e conflitos entre eles.

**Denilson:** Para mim História é a maneira mais lógica de estudo, da forma que podemos nos conscientizar do que aconteceu no passado do nosso mundo. Podemos aprender muito com a História.

**Fabício:** Tudo que marcou o mundo, os heróis e os vilões da vida.

**Frederico:** História para mim é importante pois mostra os passados da nossa grande nação, mostra como era a nossa origem.

**Guilherme:** A ajuda ler aprender as coisas sobre o mundo.

**Horácio:** A historia para mim e um estudo muito importante que ajuda nós a saber sobre o passado do nosso mundo etc.

**Joaquim:** Sei lá, eu acho que é coisa que já aconteceu no passado e marco no mundo!

**João:** aprende coisa do passado que eu na vi.

**Jonathan:** Eu acho que é uma relembra de tudo que passou no mundo!

**Josué:** Pra mim História é um tipo de matéria que te informa sobre antigamente, que fala dos tempos antigos.

**Karen:** Historia é o conhecimento que o homem tem sobre o passado.

**Lair:** A história e uma coisa inturtiva para os jovem. [Esse aluno precisou ir embora e não respondeu as demais questões desta fase da pesquisa]

**Leonel:** Passado. Coisas que aconteceu a muito tempo.

**Margarida:** Historia para mim, é uma matéria super importante, que porém admiro muito. A historia em si nos revela grandes acontecimentos, e podemos perceber que, momentos ocorridos no passado, voltam, e passamos pelo mesma situação.

**Murilo:** A História para mim é falar sobre o que já aconteceu, a que isso é forneceu para o mundo, países que participaram de guerras. Pessoas importantes, etc.

**Nicole:** Para imhistoria e que nos aprendemos coisas dos passado.

**Rogério:** Texto, e o que os professores passa na sala.

**Solange:** historia é uma matéria que fala bastante sobre pessoas importantes que já morreram e fala também sobre guerras, etc.

**Tatiana:** A historia é pra gente aprender sobre o passado.

**Thiago:** história pra mim é um meio de saber o que aconteceu no passado pra prevenir no presente e no futuro.

**Wanderson:** Historia é tudo que já passou nas nossas vidas, e todos os costumes e tradições dos ancestrais e um monte de coisas.

**Pergunta 2: Para você, a História é importante? Justifique sua resposta**

**Alícia:** Sim, Por que sem a Historia não saberíamos a Hitoria do Brasil e do mundo.

**Bernardo:** Sim porque é uma cultura antiga que devemos estudar.

**Brandon:** Sim, a História ajuda agente a enter um pouco mais do passado das coisas

**Bruna:** Sim por que se não, não saberíamos o que nosso país tem passado durante todos os anos.

**Denilson:** Repetir a um. [Para mim História é a maneira mais lógica de estudo, da forma que podemos nos conscientizar do que aconteceu no passado do nosso mundo. Podemos aprender muito com a História]

**Fabício:** Sim. Porque se não e os não saberia sobre o Hitler ou então as bombas atômicas que o EVA atacou nas cidades de Hiroshima e nagasaki

**Frederico:** Sim pois mostra a vida de grandes países do mundo. Repetir a 1. [Historia para mim é importante pois mostra os passados da noça grande nação, mostra como era a nossa origem].

**Guilherme:** É importante para min ajuda nas coisa do mundo

**Horácio:** Repetir a Um. [A historia para mim e um estudo muito importante que ajuda nós a saber sobre o passado do nosso mundo etc.]



**Joaquim:** Não, porque pra mim não serve de nada.

**João:** sobre do passando

**Jonathan:** mais ou menos

**Josué:** Sim Pois sem a História nós não saberíamos sobre pessoas famosas, guerras, muitas coisas importantes.

**Karen:** Sim, para podermos saber oque aconteceu antigamente

**Leonel:** Não muito porque já aconteceu e não tem como reverter

**Margarida:** Sim para mim é importante, ainda mais no ramo do político, porque se não houvesse historia, não poderíamos entender o agora, e para podermos nos colocar a um lado e não cometer o erro de antes.

**Murilo:** Sim, porque mostra oque pessoas importantes representavam, como o Ayrton Senna para F1, o Pelé no futebol, entre outros

**Nicole:** Sim e importante para saber mais sobre a historia do Brasil

**Rogério:** sim porque é bom de escrever e de ler

**Solange:** Sim, para saber sobre o passado importante

**Tatiana:** Sim, porque agente aprende sobre varias coisas importantes.

**Thiago:** É importante porque ela nos ensina varias lições, a gente fica sabando do que aconteceu no passado, sobre as guerras, etc...

**Wanderson:** Sim Porque tudo oque os povos antigos já fez, agente ta evoluindo nos costumes e outras coisas até nas guerras.

**Pergunta 3: Para você, qual foi o acontecimento mais marcante na História?  
Justifique sua resposta**

**Alícia:** Pra mim foi a Escravidão: por que a maneira que eles foram tratados e escravizados.

**Bernardo:** A morte do Osama Bin Laden Porque ele era um Grande terrorista  
(**Observação: O aluno pediu para o professor de História escrever o nome do líder e fundador da al-Qaeda por extenso no espaço para resposta**)

**Brandon:** A Segunda Guerra Mundial Foi um período marcante na História que aconteceu a 74 anos e é contada até Hoje

**Bruna:** A 2ª Guerra Mundial por que foi a pior guerra depois da 1ª, fazendo surgir varias polêmicas e acontecimentos marcantes

**Denilson:** 11/09/2001, que foi quando o “prédio do World Trade Center” veio abaixo por conta de um ataque terrorista e foi um acontecimento que marcou a História.

**Fabrício:** Hitler porque ele foi muito mau com os judeus/negros, ciganos e não alemães.

**Frederico:** A revolução industrial pois foi aonde surgiu as nossas grandes invenções, o avião o carro e etc

**Guilherme:** Do judeus.

**Horácio:** A explosão do Big Bang, pois foi daí que tudo começou.

**Joaquim:** Acho que as Guerras Mundiais, foi as coisas que mais marcaram na História.

**João:** Segunda Guerra Mundial

**Jonathan:** O acontecimento foi das Guerra mundiais etc...

**Josué:** Foi o ATAQUE DE 11 DE SETEMBRO Pois aconteceu muitas mortes muitos Estragos

**Karen:** Revolução Industrial

**Leonel:** O atentado das torres gêmeas nos Estados Unidos. Porque era um atentado terrorista em um país.

**Margarida:** Para mim o período mais marcante foi a Revolução Industrial, me marco muito pois de fato isso ainda ocorre nos dias de hoje. E a coragem dos pobres proletariados que trabalham e ganhavam poucos salários, a coragem de tentar vencer a burguesia, mesmo não dando certo como esperavado eles acreditavam que poderiam fazer a diferença. Muitos dizem que hoje em dia isso acabo, de fato “diminuiu” mas ainda muitas pessoas são exploradas.

**Murilo:** A 2ª Guerra Mundial, por ter sido uma guerra que teve muitas feridas, a criação de países, a crise em sertos países, criação de armas, etc.

**Nicole:** 2ª Guerra Mundial

**Rogério:** nenhum

**Solange:** Hitler, porque ele foi muito rigoroso, com judeus, pretos, ciganos é uma historia chocante e interessante

**Tatiana:** 2ª Guerra Mundial

**Thiago:** A Segunda Guerra Mundial

**Wanderson:** enchente no Japão com vários mortos e também o incêndio da boate Kiss

## Segundo Bloco de Questões

**Pergunta 1:** Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Histórias do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato, como o autor define a História? Dê exemplos

**Alícia:** Ele defines contando sobre as guerras que aconteceram

**Bernardo:** Define Guerra com exemplos de outras guerras que aconteceram no passado

**Brandon:** Ele descreve que a historia é a humanidade

**Bruna:** Define ela que foi o homem quem a criou, pois sem acontecimentos com ele, não haveria história

**Denilson:** Ele está explicando que o mundo desde que foi criado a humanidade tem sido bem violenta e desrespeitosa. Ele tenta nos mostrar que se nós não nos movimentarmos o mundo não anda. É como se você tivesse que roubar, p/ não ser roubado, isso significa que o mundo está bem violento e que estão acontecendo muitas coisas naturais/causadas pelo homem como as guerras que aconteciam na Europa.

**Fabrício:** Uma vida de mortes e mais mortes.

**Frederico:** Ele fala da historia que só tinha guerra, da pré-historia até os tempos de hoje por exemplo a bomba de Hiroshima e Nagashaque então foi a guerra que moveu a historia

**Guilherme:** Ele fala sobre a vida como era antes.

**Horácio:** Ele definia a historia como guerra atrás de guerra.

**Joaquim:** Não sei

**João:** que ele vive na vida real

**Jonathan:** Das guerra mundiais

**Josué:** define que esta falando sobre os acontecimentos de muitas guerras e falando dos homens como são hipócritas

**Karen:** Define em guerra com exemplo das antigas guerras que aconteceram no passado.

**Leonel:** Define em guerra com exemplo das antigas guerras que aconteceram no passado. Exemplo das armas: flechas, espadas, lanças, arma, cataputas e facas.

**Margarida:** Ele define a historia com uma visão crítica e certa posi ele diz que a historia da humanidade não passa disso do mais forte oprimindo o mais fraco. E o mundo sendo mais evoluído e o homem não o homem não evoluiu mentalmente e isso traz muitas coisas ruins ao mundo.

**Murilo:** Como uma História de guerras e mais guerra, que sempre no mundo foi baseado em guerra.

**Nicole:** a aluna não respondeu

**Rogério:** não sei

**Solange:** ele define como se tudo fosse só guerra

**Tatiana:** aluna não respondeu

**Thiago:** Que a história so vem falando de guerras, guerras e mais guerras

**Wanderson:** Guerras

**Pergunta 2:** Você concorda com a visão do autor sobre a História? Por quê?

**Alícia:** Sim: Porque as etorias são realistas.

**Bernardo:** Sim Porque é a verdade

**Brandon:** Sim Porque ele ve do jeito que é a história

**Bruna:** Sim, pois foi com o homem que se teve história, e foi com o homem que se teve evoluções também

**Denilson:** Sim porque nós não devemos discordar de um ponto de vista de uma pessoa com mais experiência, porque afinal ele esta certo.

**Fabício:** Sim, Henry Ford ao inventar o carro nunca Pensou que o carro viraria uma arma poderosa (o tanque de guerra).

**Frederico:** Sim pois mostra a verdade das coisas por outro ângulo que ninguem nunca pensou

**Guilherme:** Sim

**Horácio:** Sim ele mostra a historia de outro jeito como nunca tínhamos visto.

**Joaquim:** Não, Porque não

**João:** Sim porque ele fala a verdade

**Jonathan:** Sim

**Josué:** Sim Pois eu acho que acontece o que é falado

**Karen:** Sim porque qualquer momento pode acontecer outra guerra

**Leonel:** Sim. Porque aqualquer momento pode acontecer outra guerra

**Margarida:** Sim. Eu concordo com a opinião do autor. Por que podemos perceber isso não é necessário estar naquela época para sabermos que isso ocorre sim, muitas vezes no dia de hoje, muitas vezes infelizmente ainda ocorre.

**Murilo:** Depende, porque uma base da História foi de guerras mais nem tudo.

**Nicole:** Sim

**Rogério:** Sim

**Solange:** sim, porque é verdade

**Tatiana:** aluna não respondeu

**Thiago:** não eu acho que a vida não é só apenas guerras, tem muitas coisas boas além disso

**Wanderson:** Não, sei

**Pergunta 3: Você concorda com o autor sobre os papéis da guerra e das invenções na História? Por quê? Dê exemplos**

**Alícia:** Sim: porque a guerra em qualquer momento

**Bernardo:** Sim porque todos falam o que ele falou deve ser verdade catapultas espadas etc.

**Brandon:** Sim Ele fala que a guerra é monstruosidade e isso é a arte da guerra

**Bruna:** Sim, pois foi com as invenções do homem que se tem as armas e canhões de hoje em dia.

**Denilson:** Sim pq quando o Santos Dumont inventou o avião ela pensava que o avião não iria trazer malefícios, mas trouxe bastante.

**Fabrcio:** Sim, Porque Henry For ao inventar o carro não pensou que o carro iria virar o Tanque de guerra

**Frederico:** Sim Por que as invenções do avião Santos Drumon não sabia que ia usar sua grande obra seria usado para meios errados e inadequados

**Guilherme:** Sim. Por que eles falam das guerra e como era a vida antes e delas falo sobre os armamento e das armas branca

**Horácio:** Que o inventor não acreditav que os aviões não seria usado pra o bem e sim para o mal

**Joaquim:** Não Porque não

**João:** Sim igual O Carandiru

**Jonathan:** aluno não respondeu

**Josué:** Sim, Porque tem tudo isso que falado

**Karen:** Sim, porque Foi assim que aconteceu as guerras.

**Leonel:** Sim. Porque foi assim que acontecia as guerras

**Margarida:** Sim. Infelizmente, isso não é valorizado, temos a vida mais rica em questão ao “passado”, mais infelizmente quanto mais é evoluído mais o homem usa para guerrear contra o próximo e não percebe que esta prejudicando a si mesmo.

**Murilo:** Sim porque grandes invenções foram usadas em guerras, como aviões para soltar bombas, gipes de guerras, barcos de guerras, entre outros.

**Nicole:** Sim

**Rogério:** não sei



**Solange:** sim, não sei explicar.

**Tatiana:** aluna não respondeu

**Thiago:** Sim... as guerras não ajudaram o mundo em nada...

**Wanderson:** aluno não respondeu

## ANEXO 4

# QUESTIONÁRIO HISTÓRIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS

**Resultados 8ª B – 27 alunos**

### **Primeiro Bloco de Questões**

**Pergunta 1: Para você, o que é a História? Justifique sua resposta**

**Cleyton:** História é uma coisa que passa pela a vida de todo o ser humano

**Daniela:** “História é uma ciência que busca conhecer os diversos aspectos do passado da humanidade e aumentar a nossa capacidade de entender o presente e criar as bases para ampliarmos nossa visão sobre o futuro.”

**Davi:** Eu acho que a história é um modo da gente aprender sobre o que já ocorreu no mundo, e para sabermos o que acontecia antigamente.

**Dênis:** E tudo que é velho, ja foi, ja passo, é História!

**Eduarda:** São as coisas marcantes que passaram pela nossas vidas.

**Fayal:** Tudo coisa antiga que ficou marcada no antepassado.

**Fernando:** Para mim, são fatos que aconteceram no passado.

**Francisca:** O nome já diz “HISTORIA” é o estudo do passado, com ao podemos saber dos nossos antepassados.

**Giovanna:** Historia para mim e tudo que aconteceu no passado que marco.

**Jerusa:** Historia é um jeito de a antiguidade vim para atualidade, trazendo etapas importantes da época anterior, falando e descrevendo um pouco dos povos antigos.

**Jurandir:** Pra mim história é coisas de filme, de capitalismo e Imperialismo e coisas de outra épocas.

**Kakay:** História, é a melhor coisa com ela você, conhece nosso passado. Historia é foda!

**Observação: Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:** Pra mim a história conta coisas que aconteceram no passado, e conta o que as pessoas antigamente faziam, se era boas ou ruins, e Por exemplo, hitler fez muita coisa ruim

**Kátia:** História é o passado de nós, tudo o que aconteceu a séc ou até mais tempo atrás. Historia de guerras, povos tudo.

**Kauã:** Pra mim a historia é algo que lembra o passado que lembra o que aconteceu que pessoas mudaram nosso mundo etc...

**Leandro:** É um fato que ocorreu no passado, que no futuro será contado em forma de historia. Pra mim, história é tudo aquilo que já aconteceu.

**Letícia:** Bom. Eu amo História eu acho muito importante pra mim por que gosto de saber o meu passado.

**Luciana:** São os acontecimentos do passado.

**Marcelo:** É o que aconteceu. Ela só fala o já aconteceu.

**Marcos:** algo que ja passo, passado!

**Mariana:** História nos ajuda a nos aprofundar no passado, saber um pouco de tudo sobre antigamente.

**Marisa:** É o conhecimento do mundo entes de Hoje; por que entes o mundo tinha varias que não tem Hoje.

**Paula:** É uma materia escolar, que nos ajuda conhecer varias Histórias.

**Plínio:** Historia é o aprendizado do passado com biografias e histórias colocadas em livros e alguns são achado na internet.

**Renata:** Historia é uma forma de traser coisas passadas e importante para o tempo de hoje.

**Rodrigo:** Historia para mim é coisas de quadrinhos, filmes, etc

**Valdir:** historia e uma materia boa que fala sobre muitas coisas fora do brasil e, também fala do nosso brasil.

**Yago:** É sobre os fatos mais históricos da vida.

**Pergunta 2: Para você, a História é importante? Justifique sua resposta**

**Cleyton:** É importante por quê sobre sua vida

**Daniela:** Sim, por um motivo bem simples: para sabermos porque o mundo é assim, precisamos conhecer os processos que fizeram chegar onde estamos. Pelo passado da história entendemos a forma do presente.

**Davi:** Eu acho que sim é importante para sibermos o que já ouve no mundo.

**Dênis:** Sim, porque é o que controí o futuro.

**Eduarda:** Sim. por que ela faz parte da vida.

**Fayal:** Para mim não é importante e tudo antigo...

**Fernando:** Sim, é bom para o nosso conhecimento e os nossos ancestrais.

**Francisca:** Sim, porque nós aprendemos o porque que algumas coisas estão assim hoje por conta do passado

**Giovanna:** Sim, me ensinam muitas coisas!

**Jerusa:** Sim é importante pois você sabe um pouco dos povos antigos, e o que eles contém

**Jurandir:** Para aprender coisas da época passada.

**Kakay:** Bom, é a melhor coisa do mundo, importante pra caralho, ela ensina as coisas que acontecia antes de eu nascer, e as coisas antes era muito loko, era cinema, sangue, poma, no meu tempo atualmente só tem filhos da puta e cantando funk.!. **Observação:** **Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:** Sim, porque com ela conseguimos identificar a nosso país, e talvez Podemos mudar ou melhorar com os atos que não foram feitos no passado do nosso País.

**Kátia:** Sim, pois do jeito que vivemos hoje foi graças a um ato do passado, então sim é importante saber do mundo antigo.

**Kauã:** Sim lembra os caras que foram importantes e os que abalou países tipo Hitler

**Leandro:** Sim, porque conforme o tempo passa, situações vão acontecendo, que algum dia serem contadas como uma história. Ela é importante para nos sabermos oque aconteceu no passado.

**Letícia:** Muito pois e Bom saber tudo que aconteceu antes no país e no mundo

**Luciana:** Pra mim não, mais si ensina Historia na escola é necessário e pode ate ser importante.

**Marcelo:** Sim. Pois assim não cometemos o mesmo erro depois.

**Marcos:** Sim, para nos ficar sabendo o que já aconteceu, nossos passados, para ficarmos mas cultos.

**Mariana:** Sim, muito importante, para saber da nossa história.

**Marisa:** Sim, por que temos que saber como era a vida antes de termos essa de Hoje.

**Paula:** Sim porque, não custa nada conhecer a História do país em que moramos.

**Plínio:** Claro, sem história não temos informação e aprendizado dos passados de vários lugares do mundo.

**Renata:** Sim, mas muita gente não liga História a materia é muito bom saber o que passou antigamente. E Historia de livro é bom para melhorar a imaginação e a leitura

**Rodrigo:** Sim você aprende lazer muita coisas, como aprender a ler e coisas da época antiga

**Valdir:** muito importante para nosso estudos e etc

**Yago:** Sim, eu da pra mim saber oque aconteceu no passado.

**Pergunta 3: Para você, qual foi o acontecimento mais marcante na História?  
Justifique sua resposta**

**Cleyton:** Não tenho opinião

**Daniela:** Segunda Guerra Mundial.

**Davi:** A bomba Hiroshima, pois causan varias mortes no Japão

**Dênis:** A criação de Facebook, porque o face é zika.

**Eduarda:** a criação do facebook

**Fayal:** A inexistência dos dinossauros

**Fernando:** durante guerra fria

**Francisca:** Hitler é interessante

**Giovanna:** O descobrimento do Brasil.

**Jerusa:** Para mim foi A segunda Guerra Mundial, porque o Brasil entrou.

**Jurandir:** Guerras

**Kakay:** Porra, a 2ª Guerra Mundial é claro né, muito foda, não tem oque dizer foi a 2ª Guerra né, e ela foi foda! **Observação: Aluno, com vergonha quis reescrever a resposta:** A segunda guerra mundial porque foi uma guerra entre países, e o fato mais legal foi quando o Hitler Se suicidou com sua esposa.

**Kátia:** A Segunda Guerra Mundial, por causa do egoísmo que os Estados Unidos teve quando jogou as 2 bombas.

**Kauã:** o descobrimento do Brasil

**Leandro:** Muitas coisas aconteceram enquanto o tempo passara, uma delas foi a 2ª guerra Mundial que, para mim, marcou bastante

**Letícia:** Quando o Brasil, foi descoberto.

**Luciana:** São os acontecimentos do passado.

**Marcelo:** Revolução Francesa, Pois ela foi muito loca

**Marcos:** A Primeira Guerra Mundial

**Mariana:** A Segunda Guerra Mundial que afetou muito o Estados Unidos

**Marisa:** A primeira guerra Mundial e a segunda.

**Paula:** 2ª Guerra Mundial

**Plínio:** A morte de Tupac Amaru Shakur.

**Renata:** A primeira e segunda Guerra Mundial

**Rodrigo:** Guerras.

**Valdir:** pra mim uma coisa boa foi a primeira guerra mundial.

**Yago:** Foi o Hitler no poder, porque ele foi falso e racista.

## **Segundo Bloco de Questões**

**Pergunta 1:** Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Histórias do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato, como o autor define a História? Dê exemplos

**Cleyton:** dizendo sobre guerras.

**Daniela:** Define com muitas guerras, pessoas ruins, invenções.

**Davi:** Uma lição de vida para os jovens verem que guerras não são boas.

**Dênis:** A História é velha.

**Eduarda:** Que é uma história antiga.

**Fayal:** Ele define a história como é ou tem que ser a vida de uma criança.

**Fernando:** falando sobre guerras etc.



**Francisca:** Ele fala sobre a realidade que no começo muitos temiam como guerras, roubos, etc...

**Giovanna:** Define em varios sentidos

**Jerusa:** Ele define a historia com linguagem de crianças, exemplo os textos e seus trechos.

**Jurandir:** Ele diz sobre guerra

**Kakay:** Sim porque nem não tem o que dizer é assim e pronto entendeu?

**Kátia:** Define a história para crianças

**Kauã:** que antigamente pessoas viviam em caverna e não casavam e sim casavam

**Leandro:** Cheia de guerras, mentiras e invenções foram construindo uma história.

**Letícia:** Como pré-Histórica

**Luciana:** Que a Humanidade é muito violenta, ignorante e infantil. Exemplo: A vovó falando com a criança

**Marcelo:** Com a natureza do homem, porque a natureza do homem é ruim...

**Marcos:** Uma lição de vida para os jovens que as guerras não são boas

**Mariana:** Ele exhibe com a linguagem de crianças

**Marisa:** Ele define com efeitos nas palavras e explicação para o leitor.

**Paula:** (não respondeu)

**Plínio:** Histórias de vida que se passaram a algum tempo atrás.

**Renata:** com muito drama.

**Rodrigo:** Ele diz sobre guerra.

**Valdir:** Ele apenas pensa do jeito dele si ele não matase ele era morto.

**Yago:** Que é uma história antiga

**Pergunta 2: Você concorda com a visão do autor sobre a História? Por quê?**

**Cleyton:** Sim. Por quê nossa Historia teve vários conflitos e guerras.

**Daniela:** Sim porque as coisas ruins que aconteceram invenções e mentiras, se tornaram uma história.

**Davi:** Sim, por que guerras matão demais

**Dênis:** Não, porque não concordo.

**Eduarda:** Sim. Por tem muitas guerras e é isso.

**Fayal:** Sim, porque ele está certo, e ele queria estouro com essa história

**Fernando:** Sim. Porque realmente nossa história teve varios conflitos.

**Francisca:** Sim, porque ele expressa o que nós realmente sentimos.

**Giovanna:** Sim, porque ele passa outra Visão da Historia

**Jerusa:** Sim, concordo, porque a historia antigamente e em hoje em dia e so isso

**Jurandir:** Sim. Porque teve muitas guerras e conflitos

**Kakay:** Sim porque não concordaria? O cara é foda meu.

**Kátia:** Sim, porque hoje o mundo não liga para nada.

**Kauã:** Sim porque ele conta Historias que aconteceu muito tempo atras

**Leandro:** Sim, a história é cheia de invenções, mentiras e tudo de ruim. mas tambem coisas boas porque afinal tudo que já aconteceu hoje em dia é uma história.

**Letícia:** Sim pois o mundo moderno

**Luciana:** Sim, Porque é a Verdade.

**Marcelo:** Sim, porque ele falo a verdade

**Marcos:** Sim! porque guerras matam demas

**Mariana:** Sim, porque o mundo está um lixo ninguém liga para nada.

**Marisa:** Sim, por que ele achou a melhor maneira para se comunica e falar sobre a História.

**Paula:** Sim, porque o Monteiro Lobato, pensa como agente.

**Plínio:** Sim, porque o mundo precisa de paz e bondade, e não de guerra e conflitos por coisas fúteis

**Renata:** Sim

**Rodrigo:** Sim porque teve muitas guerras e conflito

**Valdir:** sim por que ele conta apenas a realidade.

**Yago:** Porque não, não

**Pergunta 3: Você concorda com o autor sobre os papéis da guerra e das invenções na História? Por quê? Dê exemplos**

**Cleyton:** Sim. Porquê os papeis dele são muitos bons.

**Daniela:** Sim, uma das invenções de Lobato foi usado para matar na mão dos homens

**Davi:** Por que matam muito.

**Dênis:** Não, por que não tuin.

**Eduarda:** Não por que não

**Fayal:** Guerras não porque só termina em mortes, invenções sim, porque po ser bom.

**Fernando:** Sim. com diversas invenções

**Francisca:** Sim pois ele expressa a realidade no papel. A historia já é o exemplo.

**Giovanna:** Sim!

**Jerusa:** Sim, porque o mundo naquela época so queria matar e matar, nem pensava nas consequencias, e naquela época o racismo dominava provocando guerras

**Jurandir:** Sim. Com diversas invenções

**Kakay:** A não tem o que dizer, o Monteiro é foda! foda para caralho

**Kátia:** Sim, pois temos como exemplo no texto, o homem inventou um aparelho que voasse, mas não voasse p/ matar nas guerras.

**Kauã:** Sim

**Leandro:** Sim, por exemplo, umas das invenções de Lobato, foi usada para matar e destruir na mão dos homens.

**Letícia:** Não porque

**Luciana:** Sim, é o que aconteceu. Exemplo: A Historia.

**Marcelo:** Sim porque, ajuda “A medicina curou, o que a bomba feriu”

**Marcos:** porque matam muito

**Mariana:** Sim, pois fizeram a invenção do avião para matar.

**Marisa:** Sim

**Paula:** (não respondeu)

**Plínio:** Porque não sei, só confirmo

**Renata:** Sim

**Rodrigo:** Sim porque teve diversas invenções

**Valdir:** sim por que eles não matase eles eram morto brutaumente.

**Yago:** Não porque não.

## ANEXO 5

### QUESTIONÁRIO GEOGRAFIA DE D. BENTA

#### Resultados 8ª A – 25 alunos

#### Primeiro Bloco de Questões

**Pergunta 1: Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta**

**Alícia:** Bom hoje em dia Eu vejo São Paulo – com uma cidade que á desigualdade, e injustiça. Porque a muitos roubos, mortes, sem-justificação e falta de emprego e muito preconceito com as classes sociais

**Brandon:** O Estado de São Paulo tem muitas pessoas e esse tanto de pessoas acaba gerando o transito em SP São Paulo é uma cidade muito rica e muito bonita tambem e tambem muito poluida.

**Bruna:** Sobre o estado de SP eu tenho uma imagem boa, pois aqui se tem vários pontos turísticos, lugares bonitos e várias atrações mas agora do Governo eu tenho acho horrível; Pois é um país que não tem melhoras.

**Denilson:** Por enquanto tenho a imagem de um país corrupto de políticos que gostam de roubar nosso dinheiro e não trazem nenhum benefícios para os paulistas.

**Fabício:** É uma cidade suja, poluida e caótico.

**Frederico:** É muito difícil explicar pois como todo o estado tem coisas boas e ruins mas eu acho uma grande imagem ruin por causa transito congestionado, grande número de habitantes de rua, saude precária e grande numero de assaltos e homisídios

**Guilherme:** Eu não gosto de São Paulo Por que tem muitos bandidos nas rua de São Paulo e o bandidos fica roubando as pessoas inocente, e os transporte publico e muito ruim para pega e tem muita poluição.

**Horácio:** Ruim Pois no estado de São Paulo so acontece coisas ruim nunca acontece coisas boas, e gente matando gente entre outras coisas que acontece.

**Joaquim:** Sei lá, nunca procurei saber sobre o meu estado!

**João:** O São paulo muito poluído muito morando de rua muito ....em São paulo e o posto de saúde com atendimento medico

**Jonathan:** Sei lá!!!

**Karen:** Uma cidade violenta, agitada que não dorme.

**Lair:** uma imagem mais ou menos porque pelos comercios ainda bem os vadios o trasito é ruim e a poluição.

**Leonel:** Meu ponto de vista é mais da capital do estado de SP. Meu ponto de vista é que tem muito usuário de drogas, mas tem o lado bom que são os corretos que querem ser algo na vida e estudam, saem com os amigos que não usam, injetam nem nada apenas vivem com uma saude boa.

**Margarida:** A imagem que eu tenho de São Paulo é que é uma cidade grande com varias produções importantes, e destacadas por outros países mas também uma cidade maltratada suja e que necessita de governos melhores e habitantes mais conscientizados de seus erros e ações

**Murilo:** Eu acho um lugar bom, pois tem muitas coisas para fazer como shoppings, cinema, parques, etc. Mas também é ruim pelo trânsito, a criminalidade, e o aperto no trem e ônibus. (Isso em São Paulo cidade)

**Nicole:** Uma cidade boa de morar.

**Nivaldo:** imagem de um estado exemplar para outros estados brasileiros, e ruim para imprensa internacional sobre o protesto que fizeram quebra quebra no patrimonio publico

**Rogério:** A imagem de São Paulo pra mim e bom, na onde eu moro também e e melhor.

**Solange:** eu acho que o Estado de São Paulo é um lugar poluído, com muita violência.

**Sueli:** Eu acho que o Estado de São Paulo poluído, sujo e imundo

**Stephania:** Eu não gosto de S.P. porcausa da poluição, transito, aperto nos metros e trens, assaltos, entre outras. Eu gosto porcausa de cinema

**Tatiana:** Que é uma cidade aoo de moro

**Thiago:** A imagem que eu tenho do estado de são paulo, é que e uma cidade grande qu está crescendo evoluindo aos poucos.

**Wanderson:** Uma imagem mais ou menos porque temos algumas melhorias no trasporte, por exemplo, pros ciclistas e outros. mais tambem temos oisas ruins como insegurança nas ruas como os empregos e outros tambem

**Pergunta 2: O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê?**

**Alícia:** Bom eu axo que sim, por que São Paulo alem de ser um ponto turístico é mais aberto as raças.

**Brandon:** Sim. Porque o estado de São Paulo é onde tem mais população e é mais rica.

**Bruna:** Apesar de todas as desgraças que acontece, eu acho que sim porque além dele ser “famoso” é o estado que tem mais evoluções



**Denilson:** Sim. Porque na maioria das vezes as coisas, negócios e obras que trazem benefícios para o Brasil acontecem aqui em São Paulo, até mesmo porque a presidenta da república Dilma Rousseff, vive aqui na maioria das vezes.

**Fabício:** Ele é o Estado quem mais produz dinheiro ao Brasil.

**Frederico:** Sim pois é a base da economia do Brasil tem uma grande publico de empregos tem um dos maiores transportes do Brasil como por exemplo: trens, metro, ônibus e peruas

**Guilherme:** Eu acho os Esportes para as crianças de São Paulo e para os adultos também.

**Horácio:** Mais ou menos pois ne São Paulo so acontece desgraça em São Paulo não acontece nada que preste então São Paulo não é importante para o Brasil.

**Joaquim:** Sei não [aluno desenhou ao lado uma carinha com dois olhinhos e um sorriso]

**João:** porque tem muita pessoas onentas [entendemos honestas]

**Jonathan:** A não sei vai saber!

**Karen:** Sim

**Lair:** o Estado de São Paulo é importante para o Brasil porque eu cresci em São Paulo é bom de si viver varias coisas lugares pra ir

**Leonel:** O crescimento populacional de imigrantes quando havia guerras e crises economicas em outros países.

**Margarida:** Sim acho muito importante, São Paulo tem grande concentração de agricultura, produtos e etc...

**Murilo:** Sim, por ser uma das maiores do Brasil, Isso no esporte, infraestrutura, desenvolvimento, entre outros.

**Nicole:** Sim porque em São Paulo tem mais pessoas.

**Nivaldo:** Sim, a cidade que produz roupa e outros produtos importados, respeito no trânsito e etc.

**Rogério:** É por que eu gosto do São Paulo foi na onde eu nasci eu não abandono

**Solange:** não

**Sueli:** Eu acho que o Estado de São Paulo têm muitas violências.

**Stephania:** Sim, por causa do grande desenvolvimento

**Tatiana:** Sim porque tem muitas coisas

**Thiago:** Sim, São Paulo é importante para o Brasil porque é uma das maiores cidades do país, que tem mais exportações e faz mais exportação de produtos.

**Wanderson:** Sim, porque é o maior estado do Brasil temos a população e um dos bons lugares vistos para o Brasil todo como coisas de emprego e tal

**Pergunta 3: Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos.**

**Alícia:** Ser trabalhadores esforçados, e muitos esquentado. Com as desigualdade Ex: aumento de passagem. os paulistanos fizeram um protesto pra baixar a tarifa.

**Brandon:** O trânsito insuportável e a poluição e a riqueza

**Bruna:** São marcados por trânsitos, avenidas, prédios, favelas, ricos e pobres, acidentes, governo péssimo e deputados corruptos.

**Denilson:** Na minha opinião as características que mais marcam aqui em São Paulo são: trânsito, intolerância, falta de respeito, corrupção, e etc.

**Fabício:** Bonitos, espertos, trabalhadores...

**Frederico:** Malefícios: trânsito congestionado, moradia irregular, saúde precária, transporte público precário, grande número de assalto, grande número de acidentes, grande número de habitantes na rua (mendigos).

Benefícios: tem um grande público de trabalho, é a base da economia do Brasil. **[o aluno respondeu por tópicos ou itens desenhando uma tabela em que colocou Malefícios de um lado e Benefícios do outro]**

**Guilherme:** lugares bons para ....

**Horácio:** Come de mais, mentir, Brincalhar de mais, alguns têm cultura etc.

**Joaquim:** Futebol.

**João:** O protestos que teve em São Paulo e o massacre no Caraduru

**Jonathan:** O futebol principalmente!

**Karen:** As pessoas são muito diferentes, é uma mistura.

**Lair:** o futebol o Corinthians, o Brasil com a vitória dele e o Corinthians fortalecendo a cada dia mais

**Leonel:** A greve dos 20 centavos no estado e em muitos lugares do Brasil. Foi bom para uma certa melhoria no país não só no estado de SP

**Margarida:** São testemunhar erros dos outros e não olhar pra ti, discutir a toa. Ter preço pra fazer tudo e começar a fazer algo e não terminar.

**Murilo:** Para mim o esporte ou seja o futebol, os protestos por ter lugares bons para passear.

**Nicole:** Pico do Jaraguá, Pão de açúcar.

**Nivaldo:** De protesto e onibus e lotacao lotadostodos os dias, no protesto teve muito massacre ao patrimonio publico.

**Rogério:** Mais marcante e o jogos do corinthias que eu assitu todos jogos do timão

**Solange:** Guerreiros, trabalhadores, torcedores.

**Sueli:** Os trabalhadores

**Stephania:** o futebol principalmente o Corinthians rs

**Tatiana:** Pico do Jaragua, Pão de açúcar.

**Thiago:** Talvez possa ser a ganancia, bastante pessoas só pensam em dinheiro etc...

**Wanderson:** Gotam de Futebol, são de ir pra balada e etc.

## **Segundo Bloco de Questões**

**Pergunta 1:** Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Geografia de D. Benta*, de Monteiro Lobato, qual é a visão do autor sobre o Estado de São Paulo?

**Alícia:** A visão é que São Paulo é rica em exportação é muito boa em turismo e é bela

**Brandon:** Que é uma capital que é bom de ser morar e o porto de Santo é muito belo

**Bruna:** É que SP teve muitas evoluções

**Denilson:** A visão acha é que São Paulo é um Estado que leva o outro. E nós temos vários recursos para modernizarmos o Brasil. Ele entra em concordância que São Paulo é o Estado quem puxa todos os outros.

**Fabrício:** A locomotiva do Brasil, a primeira capital do Brasil

**Frederico:** É uma visão muito interessante pois mostra as coisas boas da grande cidade de São Paulo. E uma visão muito legal pois mostra grande ideias de São Paulo

**Guilherme:** Ele fala sobre as coisa que aconteceria sobre São Paulo.

**Horácio:** Uma visão boa.

**Joaquim:** Não, prestei atenção. [aluno desenhou ao lado uma carinha com dois olhinhos e um sorriso]

**João:** ele fala sobre o acontece em São paulo

**Jonathan:** aluno não respondeu

**Karen:** Uma cidade grande, com muitas coisas, referencias pontos turiscos e cidades

**Lair:** a visão é que é cidade grande tem mercadorias

**Leonel:** Que muitas coisas acontecem no estado de São Paulo e que ele (o estado) é muito importante

**Margarida:** A visão do autor é positiva, ele explica que São Paulo é uma cidade dinamica produtiva e etc...

**Murilo:** Que é um ótimo estado que tem seus bom clima, uma boa agricultura, industria, entre outros.

**Nicole:** uma cidade agitada grande.

**Nivaldo:** Muitos pontos de vista, é lugares importantes.

**Rogério:** Que ela falo a verdade

**Solange:** uma cidade grande

**Sueli:** Essa cidade é mesmo santos.

**Stephania:** A visão é que São Paulo é uma cidade grande, com muitas coisas e tem muitas referencia

**Tatiana:** uma cidade agitada grande.

**Thiago:** Que o estado é grande comparado doutros em desenvolvimento, que importa e exporta muito.

**Wanderson:** não sei lhe responder

**Pergunta 2: Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?**

**Alícia:** Sim por que antes de si tornar o que é agora era muito mais belo

**Brandon:** Sim, Porque ele mostra que são Paulo é rica em detalhes

**Bruna:** Sim, porque SP sempre foi uma cidade que produz muito

**Denilson:** Sim porque pelo ponto de vista que o autor nos mostra pode-se concluir que nós não temos com o que comparar pq não vamos ser nós que podemos julgar ou não, e nesse ponto eu concordo com ele.

**Fabício:** Sim, porque se São Paulo parar o resto do Brasil para.

**Frederico:** Sim pois esse capitulo exprime a ideia que São Paulo puxa os outros estados menos desenvolvidos da economia então isso e muito legal para aprendermos sobre o nosso grande estado de São Paulo

**Guilherme:** Sim Por que São Paulo e o estado que fabrica coisas.

**Horácio:** Sim por que ele fala sobre tudo, as coisas ruins e boas que acontece em São Paulo.

**Joaquim:** Sim

**João:** Sim porque tem uma coisa que acontece no dia-dia do paulista

**Jonathan:** Sim, porque eu acho que é tudo verdade

**Karen:** Sim

**Lair:** Sim porque ele disse a verdade

**Leonel:** Sim. Por que a muitas industrias, grandes que importa e porta mercadoria de fora pra cá.

**Margarida:** Sim. Porque acredito na capacidade São Paulo em suas produções e ações, São Paulo tem seu lado positivo e negativo.

**Murilo:** Sim, porque São Paulo é um estado que fabrica muitas coisas, também tem um clima bom, entre outros.

**Nicole:** Sim porque tudo que ele disse acontece.

**Nivaldo:** Sim, por que ele falou a verdade.

**Rogério:** Sim Porque não sei

**Solange:** Sim.

**Sueli:** Sim

**Stephania:** Não

**Tatiana:** Sim, porque é bom morar em uma cidade agitada.

**Thiago:** Sim, eu vejo São Paulo da mesma maneira um país grande um estado desenvolvido que ainda evoluindo

**Wanderson:** Sim, porque eu acho que e tudo verdade

**Pergunta 3: Por que o autor chama São Paulo de “Estado-locomotiva”? Você concorda com essa visão?**

**Alícia:** Sim por que São Paulo é com o vagão ele exporta coisa para os outros continentes países e capitais

**Brandon:** Sim. Porque ele transporta coisas do Mato Grosso até São Paulo e uma cidade que leva e trás coisa.

**Bruna:** Concordo porque SP é o estado mais “importante” por causa de suas histórias e por sempre ter mais polêmicas

**Denilson:** Sim. Porque é como São Paulo fosse uma locomotiva que puxa todos os outros estados seja ela para uma coisa boa ou não, e é ela quem fara o Brasil andar, porque SP tem mais iniciativa e comandos políticos

**Fabício:** Porque São Paulo é onde tudo acontece.

**Frederico:** É porque são Paulo é como um trem ele e que puxa os outros estados e São Paulo, que leva alimento, e etc. para outras regiões, e é o estado mais desenvolvido da economia

**Guilherme:** Sim.



**Horácio:** Sim ele fala deste jeito porque ele tem uma visão do mundo como um mundo que não para com carros, trêns, ônibus etc.

**João:** Não

**Joaquim:** Sim

**Jonathan:** SIM!!!

**Karen:** Sim, porque ele que conduz os outros estados

**Lair:** Sim porque a cidade não para

**Leonel:** Porque acontece migrações dentro do nosso estado de uma indústria para outras, concordo.

**Margarida:** Sim. Porque São Paulo não para e puxa outros países pro bem e para o mal. São Paulo está sempre correndo, e nunca para.

**Murilo:** Por ser, um país que exporta muitas coisas para o país, e eu concordo.

**Nicole:** Por que puxa o resto dos estados.

**Nivaldo:** Sim, porque os estados seguem o exemplo de São Paulo.

**Rogério:** Não sei

**Solange:** porque são Paulo está na frente. Carregando outros atras, sim.

**Sueli:** Sim

**Stephania:** Sim, porque ele que conduz os outros estados

**Tatiana:** Porque, puxa o resto dos estados.

**Thiago:** Sim, porque o estado ta sempre se mexendo, por exemplo, evoluindo

**Wanderson:** ele quer dizer que São Paulo e o coração do Brasil e o mais estado e tudo mais desenvolvido

## ANEXO 6

### QUESTIONÁRIO GEOGRAFIA DE D. BENTA

**Resultados 8ª B – 28 alunos**

#### **Primeiro Bloco de Questões**

**Pergunta 1: Qual a imagem que você tem do Estado de São Paulo? Justifique sua resposta**

**Antonio:** Eu lembro São Paulo por uma linda imagem que é o pico do Jaragua

**Beatriz:** E um lugar ótimo pra se viver mas também tem seus riscos como qualquer outro lugar, por exemplo roubos, assaltos. Mas não podemos esquecer das nossas culturas, por exemplo o carnaval nossas comidas, um povo amistoso, nossa alegria

**Cleyton:** Não tenho imagem do estado de São Paulo.

**Daniela:** É um Estado que contém um número alto de população, por esse fato deveria ter menos violência, mais humanidade entre as pessoas.

**Davi:** Eu acho que o estado de São Paulo não é muito bom, por ter muita atividade de traficantes e bandidos e isso influencia a cabeça das crianças e dos jovens de São Paulo.

**Dênis:** Para mim a imagem de São Paulo é uma bosta.

**Eduarda:** São Paulo é uma cidade grande muito grande mais é grande mesmo com vários pontos turísticos muitos pontos turísticos. SP é uma cidade legal

**Fayal:** Por um lado eu tenho um lado bom e o outro ruim por causa das enchentes, poluição. Pico do Jaraguá é um pico grande que tem uma paisagem bonita.

**Fernando:** Eu tenho a imagem de um Esta [o aluno escreveu a palavra Estado cortada] grande e bem desenvolvido

**Francisca:** São Paulo é uma cidade imensa, cheias de pontos turísticos, movimentado etc...

**Giovanna:** Uma cidade muito violenta

**Jerusa:** A imagem do Estado de São Paulo é um estado que representa diversidade, turismo, representa umas das principais cidades com maior riqueza, uma população bem rica, uma cidade de cultura

**Jurandir:** A imagem é boa mas, o que acontece em hoje em dia não é muito bom

**Kátia:** A cidade grande, pela qual vem pessoas de outros estados para buscar emprego.

**Kauã:** turismo, desenvolvimento escolares

**Leandro:** Eu acho que ele é um estado grande tem muita violência em alguns lugares e precisa de melhorias.

**Letícia:** A eu acho bem movimentada, com poluição e talz..... mais tem parques, praias lindas Bom amo SP.

**Luciana:** Por sempre morrar em São Paulo eu amo tudo por a varios pontos turisticos estádios, shopping e pra mim nem um lugar é melhor do que SP.

**Marcelo:** Um lugar até que sujo e feio. Porém algumas pessoas (algumas) se destacam e fazem ela parecer moderna

**Marcos:** Pico do Jaragua

**Mariana:** É um estado que você encontra muitas possibilidades de emprego, cultura, lazer.

**Marisa:** Uma bosta, por que ninguém tem respeito com a própria moradia.

**Paula:** Um Estado bem movimentado com fabricas e muitas poluição.

**Plínio:** Bem... eu acho a cidade de São Paulo uma cidade média, tipo meio a meio.. tem seus lados ruins e seus lados bons. O lado ruim é como sempre o excesso de violência e a roubalheira, de políticos que não nem ai para você e de pouco investimento em saúde para colocar em estádios... E o lado bom, o pouco lado bom, é que... na verdade, não tem lado bom...

**Renata:** Uma imagens de muito transtorno e muito investimento

**Rodrigo:** A imagem é boa mais o que está acontecendo hoje em dia não é boa.

**Valdir:** Pra mim e o corinhthian que tem uma historia linda e també tem uma torci gue e uma nação. (Corinthians minha vida.)

**Yago:** Uma bosta, tem poucas possibilidade de emprego, pra você sobreviver aqui tem que ter mais de 2 pessoas trabalhando em casa e nem isso as vezes

**Pergunta 2: O Estado de São Paulo é importante para o Brasil? Por quê?**

**Antonio:** Sim o Estado de são Paulo e importante por que esse estado e importante para mim

**Beatriz:** Sim, porque São Paulo e um estado que tem muitas oportunidade de emprego e tem muitas cultural e lazeres.

**Cleyton:** O estado populacional.

**Daniela:** Sim porque em São Paulo localiza-se grandes industrias de comércio, tem uma população grande.

**Davi:** O Estado de São Paulo é importante para a economia do Brasil por ser a cidade com mais movimento de pessoas de todo o Brasil que vem aprender empregos em São Paulo.

**Dênis:** não, porque não serve pra Bosta nenhuma.

**Eduarda:** Sim, porque São paulo é uma cidade grande onde tem muitos lugares legais aonde varias pessoas vão de todos os lugares.

**Fayal:** Sim. Por que é um estado que tem muitas, industrias é um estado é muito grande e importante.

**Fernando:** Sim. Porque é um Estado onde possui um grande numero de pessoas e por que tem muitas oportunidades de trabalho

**Francisca:** Sim, pois São Paulo é uma cidade grande onde se localiza vários lugares onde pessoas de outros estados até mesmo de outros países vem em busca de lugares, itens , etc... que não há na sua cidade natal

**Giovanna:** Sim, claro!

**Jerusa:** Sim ele é importante, porque é um dos principais meios econômicos que gera mais lucros para o Brasil.

**Jurandir:** É por que ele é Estado desenvolvido

**Kátia:** Não, pois por exemplo, tudo que o RJ tem São Paulo tem

**Kauã:** Sim, porque tem muitas empresas meios de transporte, turismo, hospitais

**Leandro:** Sim, é um estado que caracteriza muito o Brasil.

**Letícia:** Por que é onde você pode ficar livre.

**Luciana:** R – Sim, Porque sinão tivesse estado de São Paulo não haveria O Brasil.

**Marcelo:** Acho que meio a meio, pois ela tem uma das “maiores” taxas de economia, mas se não tivesse São Paulo, outro estado seria (ou até melhor) uma espécie de São Paulo

**Marcos:** Sim! porque em SP tem muitos empregos

**Mariana:** Sim, tem boas oportunidades de emprego e muito mais

**Marisa:** Seria se todo colaborasse porque se fosse depender dos politico corruptos nós estaríamos na merda como hoje.

**Paula:** Sim, Porque como outros Estados aqui também tem fabricas importantes.

**Plínio:** Por mais de ruim que seja, eu acho muito importante mas só por motivos de moradia e nada mais.

**Renata:** Sim por que São Paulo indentifica o Brasil uma cidade movimentada e trabalhadora

**Rodrigo:** Por que estado desenvolvido.

**Valdir:** Sim por que e uma cidade gue si dizivolve e etc.

**Yago:** Não, porque a maioria das pessoas são de clase alta.

**Pergunta 3: Quais são as características mais marcantes dos paulistas? Dê exemplos.**

**Antonio:** As características mais marcante pra mim é a inchente.

**Beatriz:** Os paulistas são amigáveis, bonitos, simpáticos e muito mais.

**Cleyton:** São os lugares turisticos.

**Daniela:** O jeito que fala, as comida típicas.

**Davi:** Bom, umas das características e chamam biscoito de bolacha e por serem pessoas de bom com a vida

**Dênis:** fala muiiitooo!

**Eduarda:** Sim. Porque a gente é legal

**Fayal:** Ser, alegre, um povo que luta pelo que quer, e etc...

**Fernando:** São os lugares turísticos onde são muitos estrangeiros e um deles é o bairro da Liberdade

**Francisca:** Nós paulistanos somos educados, atenciosos etc...

**Giovanna:** Varias coisas posha

**Jerusa:** As características mais importantes, é o samba paulista, que é destacado no mundo inteiro, suas comidas típicas.

**Jurandir:** São os Pontos Turísticos

**Kátia:** aluna não respondeu

**Kauã:** postos, escolas, prédios etc...

**Leandro:** É uma população única

**Letícia:** O Bom Humor e Humildade

**Luciana:** Ser bem recebidos,

**Marcelo:** Que ele é um pouco de tudo, e mesmo assim tem suas diferenças



**Marcos:** A simpatia, a alegria

**Mariana: a aluna não respondeu**

**Marisa:** Tem muitas boas e ruins; mas é tudo que temos e vamos ter que asseitar.

**Paula:** Não sei bem dizer, porque para cada Paulista, mais São Paulo tem muitos lugares como campos de futebol museus e shopping são muitos marcantes deixa o estado mais movimentado até.

**Plínio:** O futebol, horrível política e o péssimo investimento em saúde.

**Renata:** O jeito de falar e agir sem pensar

**Rodrigo:** Os pontos turísticos

**Valdir:** O povo Brasileiro tem simpatia [simpatia] e muita alegria. Uma cidade acelerado, que não para. Um povo agitado, que corre no ritmo do Relógio.

**Yago:** trabalhos.

## **Segundo Bloco de Questões**

**Pergunta 1:** Ao ler o conjunto de trechos selecionados da obra *Geografia de D. Benta*, de Monteiro Lobato, qual é a visão do autor sobre o Estado de São Paulo?

**Antonio:** A visão do Estado de São Paulo é a imagem de São Paulo bonita

**Beatriz:** É um estado desenvolvido.

**Cleyton:** O estado desenvolvido

**Daniela:** Estado de grandes indústrias.

**Davi:** É uma visão boua por São Paulo ser uma grande cidade e ter o ponto de eventos

**Dênis:** Que São Paulo é zoadado.

**Eduarda:** Sim, por que ele é realista e sincero.

**Fayal:** A visão de que parecer ser uma visão boa do Estado de São Paulo.

**Fernando:** Sua visão é um estado desenvolvido o mais do Brasil

**Francisca:** Ele se expressa com os personagens dizendo o que ele pensa de SP

**Giovanna:** Ele passa uma visão que não é muito realista epa.

**Jerusa:** Um estado distribuído, que distribui suas mercadorias para outro estado. Um estado importante para o país

**Jurandir:** Sua visão é um Estado muito desenvolvido

**Kátia:** A visão do autor é que o estado de são paulo tem muitas industrias, muita agricultura, em fim o mais desenvolvido.

**Kauã:** que era muito bem desenvolvido

**Leandro:** Uma visão de uma cidade muito grande com muita população de estrangeiros.

**Letícia:** Que a cidade é Bem movimentada e agitada

**Luciana:** A muitas pessoas com estilo diferente, Há coisas diferente e bem legais, fala sobre comida o petróleo e etc.

**Marcelo:** Ele acha São Paulo o maior distribuidor de tecnologia do Brasil e que ela é Bonita.

**Marcos:** que o Estado de São Paulo é um Estado lotado de fabricas, ou seja um Estado industrial

**Mariana:** Que é um estado muito bem desenvolvido.

**Marisa:** Um Estado de muitas Riquezas.

**Paula:** Sim São Paulo, Podemos dizer que é a porta de entrada e saída para toda espécie de mercadorias.

**Plínio:** Ele tem até uma visão boa e prazerosa, até porque a São Paulo do tempo dele, é melhor que a São Paulo de hoje.

**Renata:** Um Estado que produz muito.

**Rodrigo:** Sua visão é um estado desenvolvido

**Valdir:** Ele tem uma visão muito boa, ele fala em varias coisas.

**Yago:** Que São Paulo e mil maravilhas.

**Pergunta 2: Você concorda com a visão do autor sobre São Paulo? Por quê?**

**Antonio:** Sim porque o Estado de São Paulo esta sempre movendo

**Beatriz:** Sim é um estado desenvolvido com otimas opiniões de emprego.

**Cleyton:** Sim. Por quê é muito interessante.

**Daniela:** Sim, porque eu também vejo São Paulo dessa forma

**Davi:** Eu concordo por que acho que São Paulo é boa.

**Dênis:** não, porque não

**Eduarda:** Sim por que São Paulo é uma cidade movimentada.

**Fayal:** Sim, por que ele conta como era São Paulo antigamente

**Fernando:** Sim.

**Francisca:** Sim, porque ele conta o que as pessoas pensam quando chegam em 1 cidade grande

**Giovanna:** Não concordo não, não é muito real.

**Jerusa:** Sim porque São Paulo é praticamente uma das principais cidades ricas, e absolutamente com uma economia boa, e população de alto nível

**Jurandir:** Sim

**Kátia:** Sim, porque São Paulo tem muitos estrangeiros, é o mais desenvolvido, o autor citou São Paulo bem.

**Kauã:** Sim porque temos muitas opções de emprego e grandes desenvolvimentos com ajuda de estudos

**Leandro:** Sim, São Paulo esta entre os maiores de desenvolvimento econômico.

**Letícia:** Sim por que ele foi sincero e realista

**Luciana:** Sim, Porquê é

**Marcelo:** Até que sim, porém São Paulo está se degradando diante de problema.

**Marcos:** Sim, porque São Paulo é sim um Estado industrial: e muito acolhedor

**Mariana:** Sim, ele coloca a visão que é um estado muito bom pra emprego, muito desenvolvido.

**Marisa:** Sim; pois nós temos um Estado que tem muita produção e muita violencia

**Paula:** Sim, por que ele conta no texto é verdade.

**Plínio:** Mais ou menos, porque para quem já nasceu em uma outra São Paulo, é meio difícil achar esse lugar meio prazeroso.

**Renata:** Sim por que com uma produção grande você tem lucro e o Brasil também

**Rodrigo:** Sim

**Valdir:** sim por que tem muitos habitantes de outros países, e muitas fabricas e etc.

**Yago:** Não, porque nem é só São Paulo é o brasil inteiro que é uma bosta.

**Pergunta 3: Por que o autor chama São Paulo de “Estado-locomotiva”? Você concorda com essa visão?**

**Antonio:** Sim porque o Estado de são paulo é o que produz mais petróleo e veiculo locomotivo

**Beatriz:** Porque e o estado mais desenvolvido econômico.

**Cleyton:** Eu Prefiro são Paulo.

**Daniela:** Porque São Paulo exporta uma grande quantidade e variedade de produtos para outros Estados. Sim.

**Davi:** Concordo, e estado-locomotiva por que sempre está se desenvolvendo mais e mais conforme o tempo

**Dênis:** não, não

**Eduarda:** Sim, por que São Paulo tá ficando cada dia mais moderna.

**Fayal:** Sim. Porque vem muitas pessoas para São Paulo, as industrias nunca para ta sempre inovando.

**Fernando:** Sim.

**Francisca:** Sim, pois nosso estado é agitado, moderno, movimentado. etc...

**Giovanna:** Não sei o por que, não concordo não

**Jerusa:** Porque possui muitos carros, motos, é um estado que possui grande aceleração nas novidades tecnológicas dos avanços e modernização do carro. Sim eu concordo

**Jurandir:** Sim

**Kátia:** Sim, pois de São Paulo é o estado mais desenvolvido em tudo, ele puxa o pais, ou seja, ele que leva o Brasil.

**Kauã:** Sim concordo, a cidade de São Paulo e muito locomotivas por causa de empregos entre outras coisas por isso tem muitos carros ônibus aviões no caso de viagens.

**Leandro:** Ele diz que como o clima é estável, dos mais favoráveis, muita gente de fora vem e gostaria de morar no Brasil. Não concordo.

**Letícia:** Sim pois São paulo é muito movimentada

**Luciana:** a aluna não respondeu

**Marcelo:** Porque ela não para. nisso eu concordo

**Marcos:** Por causa da quantidade de locomotivas “carro”. Sim

**Mariana:** É o estado do desenvolvimento.

**Marisa:** 1R: Por que é um Estado de muita produção. 2R: Sim

**Paula:** Sim, por que está sempre renovando São Paulo nunca para

**Plínio:** Sim, até, São Paulo mudou muito de 30 para hoje, mudou muito.

**Renata:** Porque é um Estado que sempre procura inovar. Sim

**Rodrigo:** Sim

**Valdir:** Sim por que tem muitas coisa pra você si movimenta pra gualgue luga do estado de são paulo ou do Brasil.

**Yago:** Que é uma cidade linda, não é a verdadeira bosta.

## ANEXO 7

### QUESTIONÁRIO AVENTURAS DE HANS STADEN

#### Resultados 8ª A – 8 alunos

#### Primeira Parte (antes da leitura)

#### Pergunta 1: Qual é a visão que você tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil?

**Alícia:** Bom eles foram muito espertos ao chegar no Brasil. Por que Eles não conheçião o território Brasileiro e usaram os índios para achar as riquezas.

**Bruna:** Uma visão boa, porque eles descobriram o Brasil e graças à ele o país foi se evoluindo. O ruim é que eles expulsaram os índios de suas casas e o maltrataram muito durante os anos.

**Denilson:** Bom observando todos os dados, nós sabemos que Pedro Alvares Cabral não “descobriu” totalmente o Brasil, antes deles acharem o Brasil, os índios habitavam nossa terra, sendo assim então que, para mim, nós fomos colonizados por um povo totalmente egoísta, que praticamente nos escravizam porque sabiam que os índios já tinham habitado no Brasil mas não pensaram nos benefícios ou malefícios que poderima atribuir na decada da colonização do Brasil. Mas temos que nos contemplar com isso, afinal nossos atepassados são portugueses e índios.

**Fabrício:** Os portugueses são Pós descobridores porque os índios já moravam aqui no Brasil, então quem descobriu o Brasil.

**Frederico:** Que os colonizadores foram um gospe de Portugal para achar novas terras mas eles ficaram frustados guando souberam que já havia habitantes por ali (Índios)

**Horácio:** A visão que eu tenho sobre a colonização e que foi o tempo que o “Pedro Álvares Cabral descobril o Brasil” mais antes dele “descobrir” já existia os Índios o Pedro



Álvares Cabral levou algumas coisas para trocar com os Índios que tinha valor e com um tempo eles fizeram os índios de escravos.

**Karen:** Os colonizadores são pos-descobridores pois quando chegaram ao Brasil a terra já era ocupada por índios.

**Margarida:** A visão que tenho deles, e que vieram e disseram que colonizou o país, mais ao certo não foram eles, os índios já estavam aqui e eles meio que se aproveitaram dos índios, porque para os índios nada disso tinha valor e eles trocavam objetos com os índios por ouro. Na minha opinião deveriam ter falado a verdade e depois se os índios não tivessem como colonizar, entrava em um acordo!

**Pergunta 2: Qual é a visão que você tem dos índios do passado colonial brasileiro?**

**Alícia:** Os índios eram pessoas que foram usadas por que eles não eram má pessoas.

**Bruna:** De eles sofreram muito foram tirados de suas casas, maltratados, discriminados e escravizados, tudo por causa dos portugueses que acharam o país e em pouco tempo, já tinham muito domínio sobre ele.

**Denilson:** Os índios para mim são bem significativos, pois são eles que viviam no Brasil até porque nos herdamos características deles até então, porque eles no passado tinham um visão bem diferente das coisas como eles achavam que a água poderia pegar fogo, e entre outros. Eu acho que eles não deveriam se escravizados porque eles não cometiam nada de errado.

**Fabício:** Os índios foram tolos em entregar o ouro que tinha no Brasil.

**Frederico:** Na minha visão os índios eram nus, ignorantes e não imaginava como a terra deles eram ricas então eles trocavam as suas terras por coisas superfúas como por exemplo espelhos, pentes, Polvora e etc.

**Horácio:** A visão que tenho sobre os Índios e que eles foram escravizados, a escravidão foi um período muito ruim para os Índios pois eles foram escravizados, maltratados, humilhados foram feitos de empregados

**Karen:** Minha visão é que quando os colonizadores chegaram, já existia índios e que eles eram pessoas sem muito conhecimento sobre o mundo que havia fora do Brasil.

**Margarida:** A visão que tenho é que os índios eram inocentes e não tinham ideias do ouro do dinheiro que tinham, e eles eram felizes assim mesmo, depois vieram os portugueses e meio que mudaram seus costumes o seu modo de vida.

**Pergunta 3: Qual é a visão que você tem dos índios brasileiros na atualidade?**

**Alícia:** Bom hoje em dia os índios já conhecem as coisas, têm conhecimento. De tudo.

**Bruna:** Os índios que temos na atualidade são poucos, mas eles ainda existem, estão basicamente mais evoluídos, porque com o passar do tempo, as pessoas vão evoluindo, e assim, os índios também.

**Denilson:** Hoje, sinceramente minha visão é outra porque agora os índios nos atacam para defender qualquer coisa, não que eles estejam errados, mas agora eles querem resolver tudo à ignorância, brigas e confusões mas eu acho que não são assim que as coisas se resolvem, nós temos que lutar pelo que é nosso, da mesma forma que eles lutem pelo que é deles.

**Fabício:** Os índios tentam manter a tradição que tinham mas não têm como pois o mundo está tecnológico por isso eles não conseguem continuar as suas tradições.

**Frederico:** Eles são naturalistas, vivem em colônias, moram em lugares selvagens suas tintas são feitas de pigmento de frutas e flores e são menos ignorantes do que no passado.

**Horácio:** Eu tenho uma visão de que os Índios hoje não gostam dos Brasileiros eles são contra nós pois eles pensam que a gente pode fazer algum mal para eles,

**Karen:** Existem muitas tribos que tentam manter a tradição, mas o mundo mudou e esta mais moderno, por isso eles acabam recorrendo ao mundo moderno, mas nada é como era antes.

**Margarida:** A minha visão dos índios agora é que eles não se deixaram levar por nós e continuaram com suas cresças. Alguns evoluíram, estudaram e hoje trabalham mais alguns ainda vive em suas aldeias acho que eles produzem muito para o Brasil, e ajuda nós com remédios etc...

**Pergunta 4: Na sua opinião, quem escreve a História: os vencedores ou os perdedores? Por quê?**

**Alícia:** Bom eu acho que quem escreve a historia são os vencedores. Por que eles não relatam sua verdade. só as coisas que fazem sucesso.

**Bruna:** Eu acho que os dois, porque todo perdedor sempre tem uma história de como perdeu, e os vencedores sempre em algum momento, perdem.

**Denilson:** Na minha opinião os dois. Porque quem ganha, comemora porque adquire mais conhecimentos para poder ganhar mais e quem perde, aprende a aceitar numa boa sua derrota para poder corrigir o que foi feito de errado, para poder um dia melhorar.

**Fabício:** Os dois, porque sem perdedores não teria ganhadores.

**Frederico:** São parcialmente pois as grandes revoluções que teve os dois lados se expressavam tinha seus ideais diferentes mas eram livres para fazer oque quizerem.

**Horácio:** Na minha opinião não tem isso de quem escreve a historia, na minha opinião quem escreve a historia é quem tem conhecimento quem gosta de ler quem reflete, quem pença, quem tem uma memoria boa.

**Karen:** Eu acho que os dois, pois não existiria vencedor sem perdedor.

**Margarida:** Na minha opinião, não é nem os vencedores nem os perdedores, escreve quem tem ou tinha muito conhecimento naquela época, porque ao ser se os vencedores ou perdedores tivessem escrito iria ficar meio confuso nos não sabíamos em quem acreditar!

## **Segunda Parte (após leitura)**

**Pergunta 1: Como o autor define a História? Você concorda ou discorda da definição do autor sobre a História? Por quê?**

**Alícia:** Sim, por que não só na aquela época. Mais nos dias atuais só vemos conflitos no mundo. Qual pessoa hoje em paz. nem uma. por que naquele tempo já avia guerra entre índios e colonizadores.

**Bruna:** Ele define que a história é uma pirataria sem fim, que o mais forte sempre vence o mais fraco. Eu concordo com isto, porque durante todos os anos, sempre teve guerra e a maioria delas eram o mais forte, contra o mais fraco, e quem tinha muito poder e influência sobre as pessoas, sempre acabam ganhando.

**Denilson:** A História nos mostra o que portugueses antes mesmo de colonizar o Brasil tinham uma forte briga com a França por conta de territórios que queriam “roubar do Brasil” e que os índios eram meio que sem conhecimento por os portugueses traziam coisas para os índios, em troca de ouro. Eu discordo, porque eles faziam coisas que não eram justas, engavam os índios sem eles saberem que estavam sendo tapiados.

**Fabrício:** Os índios trocavam tudo que tinha por coisas tolas que os portugueses eram um tipo de ditadores. Concordo porque eles faziam isso como os índios a força.

**Frederico:** Eu discordo pois ele se embeleza e se vangloria mas eu acho isso meio errado pois as vezes a historia não é a que conta como exemplo: as aventuras de Hans Staden.

**Horácio:** Eles define a Historia como os portugueses inimigos dos Indios que eles viviam em tipo um guerra eles não gostava dos portugueses. Do que eles não conheciam os

portugueses então não foram com a cara deles. Eu discordo por que os índios deveriam conhecer primeiro e depois julgá-los.

**Karen:** Sim, pois o que ele fala realmente é certo, normalmente as pessoas pensam mais em si e quando tem oportunidade tenta, conseguiu o que quer “nas costas” dos mais inocentes ou com falta de conhecimento

**Margarida:** O autor sempre define a história como os portugueses super “vilões”, certamente não consta se antes eles fizeram algo ruim. Mas depois de se aproveitarem dos índios que não sabiam o valor que tinham, em mãos, não acho certo eles terem se aproveitado dessa situação.

**Pergunta 2: Qual é a opinião que o autor tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os colonizadores do Brasil? Por quê?**

**Alícia:** Eu concordo.

Porque eles capturaram muitos selvagens para escravizar; e claro que usaram os índios por que tinha riquezas no Brasil.

**Bruna:** Que eles haviam capturado e escravizado alguns selvagens para facilitar seu domínio do país, e eu concordo, por que vários índios foram mortos ou maltratados para que os colonizadores pudessem dominar o país.

**Denilson:** Ele tem uma opinião clara: que cada qual no seu lugar, ninguém faz mau para ninguém e vice-verso. E eu concordo eles só queriam seus bens que poderiam arrecadar sem intenção nenhuma de prejudicar a cada si.

**Fabício:** Ditadores concordo, pois eles faziam o que queriam com os índios.

**Frederico:** Eu concordo, pois eles usam a inocência e a ignorância dos índios para tirar proveito dessas riquezas do Brasil.

**Horácio:** Ele tem uma opinião clara do portugueses que eles não queriam fazer mal para os Índios, eu concordo pois os portugueses vinheiram sem mal intenções. Mas os Índios já vinheiram brigando com más intenções não pararam para conversar.

**Karen:** Que eles eram gananciosos, sim concordo porque eles realmente eram gananciosos vieram atrás de terra rico riquezas e etc. e ainda tiveram os índios que fizeram de escravos

**Margarida:** O autor tem de que os portugueses queriam ser muito espertos e conseguiram enganar os índios. Eu concordo se ao certo foi isso que aconteceu eu acredito que eles estavam errados,

**Pergunta 3: Qual é a opinião que o autor tem dos índios do passado colonial brasileiro? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os índios do passado colonial brasileiro? Por quê?**

**Alícia:** Bom no texto diz que: Os tupinambás odiavam os portugueses porque eles se aliaram au tipiniquins; mias eu acho que ele fala isso devido o medo de serem escravizados.

**Bruna:** Que eles não suportam a escravidão e que preferem morrer do que serem escravizados, eu concordo pois eles sofreram muito nas mãos dos colonizadores.

**Denilson:** Ele achava que os índios eram bem extressadinhos, porque eles o raptaram porque eles tinham a cabeça quente por conta de Hans Staden ser louro de olhos azuis, que eles não o “comeram” mas eles estava certo de que conseguiria fazer com que os índios acreditassem que ele não era português, mais sim francês, e por conta de eles serem bem precipitados e cruéis em seus rituais canibais, o seja, primeiro as pessoas tem de conhecer as outras e depois julgá-la.

**Fabrício:** Brutos e burros. Concordo, porque eles comiam os inimigos.

**Frederico:** Concordo pois naquela época eles não tinham a sabedoria de tem hoje e eram influenciados pela a cultura de Portugal.

**Horácio:** Ele achava que os índios era muito cabeça quente, eles não pensaram, eles era muito precipitado, por exemplo, eles nem conhecia o Pedro Álvares Cabral e já foram querendo matar ele então eu concordo com a opinião do autor pois os índios era muito precipitado, mas os índios nem conheciam ele e nunca tinha visto para julgar ele é tipo aquela fraze tem que conheça as pessoas e depois julgalas.

**Karen:** Uma raça vermelha ou índia alguns até selvagens que nunca suportaram a escravidão.

**Margarida:** Acredito que a opinião dele é de que os índios não sabiam o que os portugueses queriam, ele achava que os português eram amigos, e que tudo bem em trocar mercadorias. Eu sim concordo e acho que eles não tinham consciência do valor que tinham

**Pergunta 4: Na opinião do autor, quem escreve a História? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre quem escreve a História? Por quê?**

**Alícia:** Eu concordo com o que o texto diz. consertesa eles poderiam ser amigos mais como ás ganancia dos homens falou mais alto só queriam só as coisas de valor.

**Bruna:** Era escrita pelos próprios “vilões” da história. Eu concordo pois um pessoa que escreve uma história sobre ela mesma só irá escrever coisas boas para que fique conhecida como um herói.

**Denilson:** Os piratas. Eu discordo do autor porque não é pelo fato de fazermos coisas de “baixo carater” que devemos ser julgados por mínimos defeitos. Ex: Se eu prometo algo a alguém e o tempo de entrega do prometido é insuficiente ou não deu para entregar, a pessoa não pode julgar porque ela não sabe do outro lado o que nós pensamos, e é com base nisso que eu discordo da opinião do autor.

**Fabrício:** O mais forte, discordo, sem perdedores não tem ganhadores

**Frederico:** Na opinião do autor eu acho que foi o trecho em que ele fala os piratas que escrevem a historia

**Horácio:** O autor fala que é os piratas que escrevem as histórias, acontece coisas com eles e eles escrevem como que aconteceu eu não concordo pois eu acho que as pessoas escreve a história de acordo com o seu conhecimento com uma teoria.

**Karen:** A história é escrita pelas próprias pessoas que vivem ela. Concordo por que quem melhor do que a própria pessoa que vive a história para contá-la.

**Margarida:** Na opinião do autor quem escreve a história se encoraja e se diz muito herói da história. Em minha opinião não concordo que na história do Brasil tenha acontecido isso, mas se aconteceu ficou visível para nós o lado certo e o errado.

**Pergunta 5: O que você entendeu por “devorar em sociedade”?**

**Alícia:** Bom que eles queriam dizer que eles só queriam as riquezas.

**Bruna:** Para que todos da aldeia pudessem comer Hans.

**Denilson:** Por “devorar em sociedade” pode-se entender no sentido figurado que é de alguma forma tentar devorar ou seja acabar com alguma coisa que irrita, não sirva para nada, ou até por fazer mal, mas o fato é que, devorar em sociedade é terminar com algo em que possamos entrar em vantagem com nossas ações entre todos nós, por conta de nossas atitudes dentro da comunidade.

**Fabício:** Todos os índios da Tribo comer o Hans STAdem.

**Frederico:** Na minha opinião quando ele fala devorar em sociedade ele fala acabar com as riquezas do Brasil e acabar os habitantes eles tem e devem de cuidar do Brasil.

**Horácio:** acabar com todos, destruir, devorar as pessoas

**Karen:** Comer na frente de todos os índios



**Margarida:** Eu entendi que o cacique queria leva-lo para as mulheres para a (sociedade) e queria aproveitar dele machucar e se divertir para depois decidir se iria comer.

**Pergunta 6: Você acha que a opinião do autor sobre a História mudou ou permanece a mesma em relação aos trechos da obra Histórias do Mundo para as Crianças? Por quê?**

**Alícia:** Permanece a mesma por que ás guerras só são diferentes. A opinião é a mesma. O autor fala sobre as guerras.

**Bruna:** Acho que ela permanece pois mesmo que o homem tenha feito coisas horríveis com varias pessoas ao longo dos anos, ele sempre vem evoluindo para melhor, com soluções rápidas, equipamentos melhores e idéias boas.

**Denilson:** Não, porque analisei os textos e vi que desde o principio, ele sempre vem dizendo o que pensa, mas agora ele ainda mais pode concluir o que estavam nos passando, ou seja, ele quer falar que os portugueses nos colonizaram agente por conta de um conflito.

**Fabrício:** Não mudou nada. Não mudou porque é a mesma coisa que nós ouvimos na escola.

**Frederico:** Mudou pois a outra obra era mais pesada porque fala de guerras e revoluções mas esse texto de Hans Stadem mostra a origem do nosso grande Brasil

**Horácio:** Ele dá tipo uma mudada, no 1º texto ele está falando de uma época para cá. No 2º texto ele já esta falando dos índios. Então eu acho que ele não mudou e sim avançou a historia.

**Karen:** Acho que mudou, pois são historias diferentes e pensamentos diferentes.

**Margarida:** Eu acredito que não mudou e que deixou no ar, mas percebesse que a [ha no sentido de existir] vilões e bonzinhos, e acredito que as ideias dele se permanece nisso mesmo não mudou!

Em minha opinião ele não mudou, ele permanece com a mesma ideia. Porque lendo o texto ainda fica muito claro que a história da humanidade é uma grande “pirataria” e o autor ainda menciona que na história o maior sempre oprime o menor. E que o homem não usa seus bens de modo moderado E acaba extrapolando e causando grandes maus...

### **Terceira Parte (livro ilustrado e versão em quadrinhos)**

**Pergunta 1: Descreva, com suas palavras, como o índio é retratado no livro ilustrado e nos quadrinhos. Para você, qual dos desenhos representa melhor o índio do passado colonial brasileiro. Por quê?**

**Alícia:** Bom eu acho que o do livro está mais parecido com o índio de verdade, Por que as características, são as mesma que a ilustração que o texto faz. O livro ilustrado é mais interessante

**Bruna:** Nos quadrinhos, ele representa mais na forma infantil do que no ilustrado. O ilustrado representa melhor porque mostra mais a realidade, e é mais sério em relação as imagens.

**Denilson:** Bom a imagem que os quadrinhos me trazem são de figuras mais fictícias, porque não são índios sérios e não se adaptam com a nossa realidade, e já as figuras ilustradas são de expressões mais marcantes que nos mostram detalhadamente como eram os índios na nossa colonização. Para mim considerando os fatos dos índios terem que ser mais tradicionais nada tão bizarro. Eu acho que os índios ilustrados representma os do nosso passado colonial porque são mais sérios equivocam um ar de mais realidade comparado aos índios dos quadrinhos.

**Fabício:** Em quadrinhos, nos quadrinhos eles pareciam mais canibais e inocentes por trocar coisas por espelhos nos ilustrados eles parecem ser mais espertos. quadrinhos nos quadrinhos eles eram canibais e inocentes.

**Frederico:** Do livro ilustrado era mais divertido e modernos e o dos quadrinhos era mais sérios e mais robustos para mim o índio colonial é dos quadrinhos pois mostra como eles eram de verdade os caras pintadas, musculosos e caçadores de verdade

**Horácio:** No livro ilustrado os Índios mostram ser mais modernos eles são muito ajeitado, e nos quadrinhos eles parentam ser mais engraçados em alguns momentos muito sérios com colares e bringos muito parecidos com os de hoje os que representam melhor para mim e o do livro ilustrado porque eles são mais serios.

**Karen:** No ilustrado o índio é mais feio, magro e o do quadrinhos e mais bonitinho parece que interagem mais. O que representa melhor são o dos quadrinhos me parece que eles são mais parecidos com os brasileiros tanto na aparecia ou no jeito.

**Margarida:** Eu acho que a do quadrinho é mais autentico porque a do quadrinho eles são negros e grandes, e no outro ele são mais cor de pele e isso não é realidade.

**Pergunta 2: Para você, os desenhos do livro ilustrado facilitaram ou dificultaram sua compreensão do texto? Justifique sua resposta com exemplos.**

**Alícia:** Eles ajudaram. Porque ficou mais elaborado, e também deu pra ter noção do assunto que agente estava falando e gostei.

**Bruna:** Dificultaram um pouco porque eu não consegui relacionar muito o desenho com o texto que li.

**Denilson:** Bem, em métodos de compreensão artística na minha opinião, não facilita muito para nossa racionalização, porque ela traz fortes imagens de seriedade, mas por um lado ela é boa na realidade, e pelo outro as imagens do ilustrado só trazem mais dificuldade e por isso temos que vincular as imagens apresentadas com os parágrafos, e fazer isso não é tão fácil.

**Fabrício:** facilitaram pois no quadrinhos eu absorvo mais coisas igual turma da mônica

**Frederico:** Dificultou um pouco pois na minha reflexão os índios eram mais brincalhões as vestimentas muitos forçado não erma respeitosos.

**Horácio:** dificultam pois as imagens estão um pouco mais difícil de entender e o do livro ilustrado eles são muito bricalhão e são mais realistas aparentam mais serem índios.

**Karen:** Eu acho que facilita, porque com desenhos, acho que imaginamos mais.

**Margarida:** Me ajudo em partes, mais facilitaria se as imagens fossem maiores e os desenhos mais autenticos, mais perto da realidade.

**Pergunta 3: Você acha que seu entendimento da história de Hans Staden mudou ou permaneceu a mesma em relação à forma como o texto foi apresentado nos quadrinhos? Por quê? Dê exemplos.**

**Alícia:** Á eu gostei dos quadrinhos por que eu entendi mais. E também por que as imagens fez eu entender o que acontecia durante o texto.

**Bruna:** Mudou por que nos quadrinhos eles apresentam de uma forma menos agressiva do que nos ilustrados.

**Denilson:** Não. Pemaneceu instável porque nós temos de ver em ambas as partes, não são as imagens que vão diferir no que eu interpretei e intendi, mas sim o que as frases querem nos mostrar. Pois para nossa racionalização não basta só figuras, mas sim o nosso entendimento.

**Fabício:** melhorou pois os quadrinhso me ajudar no texto eu já entendi tanto por cento e os quadrinho me ajudaram, a entender mais um tanto.

**Frederico:** Mudou para melhor pois na minha compreensão aquele quadrinhos mostra a realidade de um índio verdadeiro no Brasil colonial e não um índio forçado como na ilustração.

**Horácio:** Mudou pra melhor pois no quadrinho o Índio são mais brasileiro também as formas deles se comportarem são como dos Brasileiro, fazer as coisas sem pensar, ser muito bravo.

**Karen:** Acho que mudou, porque nos balões os personagens se expressão melhor.

**Margarida:** O meu entendimento “melhorou” porque são bem ilustrados e lendo e olhando as figuras ajuda bastante.

**Pergunta 4: Você preferiu ler o texto do livro ilustrado ou o texto em quadrinhos? Por quê?**

**Alícia:** Eu gostei mais do ilustrado porque deu mais detalhes da vida dos índios. Os quadrinhos deu pra ler mais não mostrou os detalhes da história.

**Bruna:** Em quadrinhos por que eu consegui entender mais o texto, relacionando com o desenho.

**Denilson:** Eu preferi ler o quadrinho, porque ele é de fácil entendimento às imagens e vinculadas a elas estão as frases que nos ajudam a entender melhor o que nós vemos.

**Fabício:** quadrinhos os quadrinhos são mais impolgantes. Da mais animo para ler.

**Frederico:** Na minha percepção os quadrinhos pois mostra que eles mesmo estão falando e que os índios estão normais e não uma caricatura forçada como na ilustração.

**Horácio:** Em quadrinho pois parece um filme porque para toda fala tem uma imagem e é mais fácil de compreender a história porque também mostra tudo que acontece com detalhes entre outras coisas,

**Karen:** Em quadrinhos, porque é mais colorido não tem tanta leitura agente entende a história sem precisa ler tanto, incentiva mais, é mais animado e também da mais imaginação.

**Margarida:** Eu preferi ler o de quadrinhos porque tem mais cor, são mais autênticos e nos ajuda a entender melhor a História

## ANEXO 8

### QUESTIONÁRIO AVENTURAS DE HANS STADEN

#### Resultados 8ª B – 8 alunos

#### Primeira Parte (antes da leitura)

#### Pergunta 1: Qual é a visão que você tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil?

**Davi:** Uma visão boua o ruim, boua por que eles colonizaram o Brasil; e ruim por que escravisaram pessoas para fazerem os trabalhos pesados.

**Francisca:** Os portugueses na minha visão eles colonizaram o Brasil e os indios descobriram, os portugueses de certa forma se apoderaram do Brasil.

**Jerusa:** Que eles foram um dos principais acontecimentos na historia, e que com eles o mundo mudou para melhor porque precisava de ter alguém para descobrir o Brasil

**Katia:** Uma visão triste por causa dos índios que já habitavam no Brasil, pois os portugueses chegaram e nomearam que foi uma descoberta deles, más não foi, o Brasil pertencia aos índios bem antes, então não entendo ate hoje o porque dizem que o Brasil foi descoberto pelos portugueses.

**Leandro:** Quando chegaram no Brasil, se deram conta de que não era tão simples assim dominar um país, ainda mais porque ele já estava ocupado pelos índios.

**Marcelo:** Creio eu que eles achava uma “mina de ouro sem dono” e aproveitaram disso por muito anos, eles são oportunistas.

**Plínio:** Uma visão normal, nem tao boa, nem tão ruim. Eles trouxeram a bela cultura Portuguesa para o “Brasil” e até hoje é muito adorada por brasileiros e até gringos

**Renata:** A minha visão é de pessoas que queriam tomar conta de tudo e de todos

**Pergunta 2: Qual é a visão que você tem dos índios do passado colonial brasileiro?**

**Davi:** Uma visão boa, pois viveram da natureza e usaram todos os recursos de árvores, plantas, lagos e rios.

**Francisca:** Na minha visão os índios viviam no canto deles sem fazer guerras com outros países pois não foram atitudes dos índios que trouxeram os portugueses e sim um erro no trajeto enfim.

**Jerusa:** Os índios na minha opinião era para ser o descobridor do Brasil, porque eles foram os primeiros a estar no território brasileiro, mas nem todo mundo acredita nesse conceito.

**Katia:** Pessoas que não souberam ser **vistas**, sobreviviam sozinhos, com a união deles. Até chegar os portugueses e retirá-los e dominar as terras deles sem estar nem aí com eles.

**Leandro:** Eles praticamente dominaram o Brasil inteiro, eram eles que faziam o país, do jeito deles. Muitas tribos, diferentes costumes, culturas, isso era o Brasil.

**Marcelo:** Eram pessoas que não sabiam ao certo do que o homem-branco eram capazes de fazer, e nem como lidar com as mudanças que aconteceram.

**Plínio:** Eles já habitavam no país, eles tinham uma vida sábia, até que chegou os portugueses.

Essa é a visão que eu tenho dos índios, são calminhos e inocentes.

**Renata:** De pessoas que não tiveram muita sorte com a vida e acabou sofrendo com os colonizadores

**Pergunta 3: Qual é a visão que você tem dos índios brasileiros na atualidade?**



**Davi:** Uma visão boua, por que eles agora podem estudar, se vestir, comer e dormir em casas a o ives de passar frio na floresta.

**Francisca:** Na verdade não ouço falar frequentemente sobre eles, mas eles continuam com a cultura deles só que agora eles precisam as vezes protestar por algumas coisas.

**Jerusa:** Os índios na atualidade estão sendo abandonados, pelo governo e não estão evoluídos na sociedade

**Katia:** Que são pessoas que mercem muito respeito, pois são pessoas que vivem pela naturalidade deles, não precisam da modernidade, nem de tecnologias. Vivem sem nada disso. Ou seja, não precisam disso.

**Leandro:** Estão muito restritos, só em alguns lugares do país que ainda alguns prevalecem. Seus costumes, artes e culturas ainda são as mesmas, porém, não com tanta frequencia, pois depois da chegada dos Portugueses muitas coisas mudaram.

**Marcelo:** São pessoas que se misturarão com a cultura do homem-Branco, deixando seus antigo costumes ou então, não estão mais levando sério.

**Plínio:** Muitos índios hoje em dia estão jogados nas ruas, sem abrigo e sem comida, então em olhar os índios de hoje com os índios de antigamente; Hoje eles estão bem perdidos no país.

**Renata:** De muita diferença. No passado antes dos colonizadores chegarem eles tinham mais liberdade com a natureza e hoje em dia tem que tomar mais cuidado

**Pergunta 4: Na sua opinião, quem escreve a História: os vencedores ou os perdedores? Por quê?**

**Davi:** Os perdedores, por que eles sempre foram escravizados e punidos, por nada, aí quando pararam de ser escravizados passaram a ser dignos de suas terras.

**Francisca:** Os dois porque a História é feita de conflitos entre homens de bom e mal caráter, então ao meu ver sem perdedores ou vencedores não haveria a História.

**Jerusa:** Os dois escrevem, porque a história relata tanto a versão dos vencedores como as dos perdedores.

**Katia:** Os dois, pois sem vencedores não haveria perdedores ou vice versa. O conjunto de tudo, escreve a história.

**Leandro:** Os dois, porque foram ambos que escreveram a história. A história já está feita, e continua crescendo e, na minha opinião, a história que conhecemos hoje não seria a mesma se algo tivesse sido diferente.

**Marcelo:** Os vencedores, pois os vencedores controlam tudo que está em seu domínio...incluindo a informação!!

**Plínio:** Acho que os dois, até porque a história será um fato eternizado em todo país, então quem escreve a história são os vencedores, até para dar um “ar” de superiores.

**Renata:** Nenhum nem o outro os dois podem contar. Por que ficaria emocionante dos dois jeito, e tanto o vencedor como o perdedor tem capacidade para motar a história

## **Segunda Parte (após leitura)**

**Pergunta 1: Como o autor define a História? Você concorda ou discorda da definição do autor sobre a História? Por quê?**

**Davi:** Define a História como uma “pirataria que não tem fim”. Eu concordo por que os Portugueses eram muito ezagerados em suas Histórias.

**Francisca:** O ator define a história, toda vez em que ele cita que os fortes empre depredam os mais fracos. E eu concordo porque são os poderosos que ditam às regras de uma certa forma até hoje

**Jerusa:** Ele define a história como um meio de diversão, e aborta o assunto com detalhes. Porque eu concordo, pois assim as crianças se divertiram e aprimoravam o conhecimento (primeira versão)

**Katia:** O autor define assim “O mais forte, sempre que pode depreda o mais fraco”. Concordo, porque até hoje a humanidade age assim.

**Leandro:** Define como “pirataria”. Cheio de ataques de índios, dos colonos, dos tupinambás e dos tupiniquins. Concordo.

**Marcelo:** Concordo, pois vivenciamos isso até hoje...e ele define a história como o mais forte decide como vai contar os acontecimentos (se contar)

**Plínio:** Define como uma história importante por ser uma história do Brasil. Concordo sim é uma história interessante para a história do país Brasil.

**Renata:** Ele define como humanidade sem fim. Concordo com o autor sobre a história por que hoje em dia vence sempre o mais forte.

**Pergunta 2: Qual é a opinião que o autor tem dos colonizadores (portugueses) do Brasil? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os colonizadores do Brasil? Por quê?**

**Davi:** Era uma opinião ruim, por que eles escravizavam os índios para obter as riquezas do Brasil. Eu concordo.

**Francisca:** O autor escreveu que os portugueses além de tomarem posse do Brasil eles deixaram os índios que já habitavam lá vivos pois eles serviriam como escravo. Eu concordo porque eles apenas pensaram em si próprio e como eles tinham o “poder” na época eles aproveitaram. Usaram o poder e deixaram a inteligência de lado.

**Jerusa:** A opinião é que os portugueses queriam mandar em tudo, eles queriam a dominação da terra. Sim concordo com a opinião do autor, porque o autor conta a realidade.

**Katia:** Concordo, a opinião que ele tem é de que os portugueses eram burros pois não souberam valorizar o que tinham em mãos.

**Leandro:** Eles escravizaram os índios. Diz que os índios não gostaram dos Portugueses, pois além da escravidão, eles eram alidos aos tupiniquins.

**Marcelo:** De pessoas barbaras, que não estavam nem ai para os outros; apenas para sua riquezas. Concordo com o pensamento dela, pois isso é verdade.

**Plínio:** Os colonizadores eram meio revisados com os franceses e na opinião do autor é uma opinião concreta sobre ambos os lados.

**Renata:** O autor tem uma opinião ruim e achavam eles burros. Discordo com a opinião dele. Eles são muito esperto eles vive na mata e consegue sobreviver na natureza.

**Pergunta 3: Qual é a opinião que o autor tem dos índios do passado colonial brasileiro? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre os índios do passado colonial brasileiro? Por quê?**

**Davi:** Eu concordo, e a opinião é que os índios Brasileiros eram muito selvagens e até faziam a prática do canibalismo.

**Francisca:** O autor conta que os índios tinham suas rivalidades mais entre as tribos. Eu acho que isso fazia parte da cultura deles então eu concordo.

**Jerusa:** Que os índios só queriam matar e comer quem era de outras tribos, nacionalidades, porque eu não concordo, pois a história só está contando os fatores ruins

**Katia:** Concordo, a opinião dele era de que, os índios sempre lutaram para defender o que era deles.

**Leandro:** Concordo. Pois os índios eram escravos após a chegada dos Portugueses. Eles apreciaram a carne humana.

**Marcelo:** Pessoas com costumes diferente na qual estamos acostumados; e sofreram na mão dos portugueses. Concordo, pois eles eram isso mesmo, basicamente livres.

**Plínio:** Os índios tem sempre uma reviravolta em todo o livro, mas como eu disse é uma opinião meio concreta.

**Renata:** Que os índios lutava para defender sua terra eu concordo

**Pergunta 4: Na opinião do autor, quem escreve a História? Você concorda ou discorda da opinião do autor sobre quem escreve a História? Por quê?**

**Danilo:** Na opinião do autor quem escreve a Historia é o Hans Staden. Eu concordo por que o autor contava a Historia como aconteceu.

**Francisca:** O autor escreve que os poderosos contam a história. Concordo porque eles usam o poder pra tudo, inclusive nesse aspecto de eles serem gloriosos.

**Jerusa:** Na opinião do autor quem escreve são os portugueses e espanhois. Não concordo, porque as pessoas de outras nacionalidades também participaram

**Katia:** Os antepassados, para saber tudo ir marcando tudo vivido para que os futuros vejam como era, igual nos vemos.

**Leandro:** Os grandes figurões. Concordo, mas a história foi escrita apenas por um lado da historia, talvez pelo certo, ou pelo errado. Ela deveria ser escrita pelo certo e pelo errado, não só por um.

**Marcelo:** Os vencedores, os mais fortes. Sim, porque são os fortes que “decidem” o que vai fazer parte no que vão contar de seus feitos.

**Plínio:** Um superior, uma pessoa que viu, escreveu e passou de ano e ano até chegar a literatura moderna.

Até que concordo, portugueses e espanhóis querem tudo por dinheiro, queriam acabar com países que eram mais cheio de frutos e riquezas, mais que eles. E se eles queriam, eles teriam, por isso que como tem no texto. Eles que fazem a história.

**Renata:** Monteiro Lobato faz a história e Dona Benta conta para seus netos, Narizinho e Pedrinho eu concordo porque foi o primeiro livro publicado de coisas do nosso país.

### **Pergunta 5: O que você entendeu por “devorar em sociedade”?**

**Danilo:** Eu entendi que eles iriam devorar o Hans Staden todos os índios juntos em forma de uma sociedade.

**Francisca:** Ele entende que a sociedade seguiam os gloriosos e faziam o que eles acham melhor e Hans estava lá pronto para morrer e a sociedade iriam se reunir para assistir ou até mesmo ajudar acabar com ele. Pois, até mesmo entre tribos há gloriosos e seus seguidores.

**Jerusa:** Que a sociedade está sendo devorada no meio político, econômico não só por acaso, mas com objetivo de dar essa impressão, por pessoas do governo, por pessoas numa medida maior

**Katia:** Para se reunirem todos e devora-lo todos juntos.

**Leandro:** Que eles levariam o corpo para a tribo comer, ou seja, devorar em sociedade.

**Marcelo:** Uma grande festa, um ato em (socieda) comemorativo para todos do bando, uma festa pela conquista de português (basicamente uma janta em família).

**Plínio:** talvez seja no sentido de comer em grupo, e como os índios eram poucos, eles podiam comer em sociedades...(aluno acrescentou depois “o Hans Staden”).

**Renata:** Eu entendo que hoje em dia uma quer ser melhor que o outro na sociedade e em outras coisas também

**Pergunta 6: Você acha que a opinião do autor sobre a História mudou ou permanece a mesma em relação aos trechos da obra Histórias do Mundo para as Crianças? Por quê?**

**Danilo:** Eu acho que não mudou mesmo se tratando de histórias diferentes por que o Autor é o mesmo.

**Francisca:** São histórias diferentes porém semelhantes e a opinião dele permanece pois o que ele expressa nas duas obras é a realidade. Uma visão positiva, pois ele busca facilitar o entendimento dos leitores.

**Jerusa:** Mudou, porque nos trechos da obra anterior, os motivos não eram tão realista, eram mais perfeitos.

**Katia:** Permanesse, porque a forma de explicar descrever tudo continua a mesma.

**Leandro:** Diversas situações ocorreram, e isso formou a história, que continua crescendo. A história é apenas uma, em um texto mostra as guerras, as lutas. No outro, também, porém vai um pouco mais além disso. Para mim, permanece a mesma, porém acrescentaria algo a mais, ou seja, o que vi, li e entendi na história de Hans.

**Marcelo:** Claro que continua, vivemos isso até hoje.

**Plínio:** Continua sim, a chegada dos portugueses e a interação com os índios foi igual nos dois livros.

**Renata:** Permanece a mesma, por que ele tem a mesma palavra e a expressão de contar a história.

### **Terceira Parte (livro ilustrado e versão em quadrinhos)**

**Pergunta 1:** Descreva, com suas palavras, como o índio é retratado no livro ilustrado e nos quadrinhos. Para você, qual dos desenhos representa melhor o índio do passado colonial brasileiro. Por quê?

**Davi:** Ele é retratado como canibais e selvagens. Eu axo que foi o indio retratado na ilustração. Por que são índios magros e tem pinturas exóticas.

**Francisca:** Nos dois livros o autor descreve igual os índios; o que mais representa é os índios do quadrinhos porque é mais ilustrado as cores são mais vivas tanto dos personagens como das plantas, terra, etc...

**Jerusa:** No livro ilustrado ele é retratado como devorador e nos quadrinhos como um índio respeitador, educado. Na minha opinião é retratado melhor no livro ilustrado, porque mostra melhor a realidade

**Katia:** O quadro que as mulheres amarraram Hans com brocalhos e o fizeram dançar. Os descreve sérios e sem dó, sem oportunidades para ser atacados destraidos. Seria o Indio dos quadrinhos, pelas características, forma pela quais descrevidas parece mais real, não algo artificial como o outro; ate os gestos foram bem bolados nos quadros.

**Leandro:** No ilustrado parece que a história, os índios ficaram um pouco mais sério, sem graça. Em quadrinhos consegui entender que os índios preservavam muito a cultura deles, a lealdade que eles tinham com o correto, e acho que isso representa melhor o índio do passado colonial.

**Marcelo:** No livro ilustrado eles são mais “radicais” em sua aparencia, os do quadrinho são mais peculiares (sendo que do ilustrado me recorda os índios da américa do norte). Acho que do livro ilustrado, pois tinha um aspecto mais “selvagem” como descrevia.

**Plínio:** Um índio nos livros ilustrados, na minha opinião retrata mais o índio de antigamente por usar roupa que lembram muito os tempos antigos



**Renata:** com muita pinturas colares e pequenas partes cobertas de folhas. O desenho que eles estão festejando em roda porque no passado era assim todos felizes (menos a refeição que no caso seria Hans). A que parece mais é do quadrinho por que está mais especificando o índio do passado

**Pergunta 2: Para você, os desenhos do livro ilustrado facilitaram ou dificultaram sua compreensão do texto? Justifique sua resposta com exemplos.**

**Davi:** Facilitam por que além da leitura podemos ver as ilustrações para ajudar a compreender o que o autor quis passar na História.

**Francisca:** Facilitaram, porque acada trecho tem uma imagem que faz agente ter um pouco de noção sobre o que aconteceu.

**Jerusa:** Na minha opinião nem dificulta e facilita, porque a compreensão do texto esta na forma de como ele é escrito e não nos desenhos

**Katia:** Facilitaram, pois nos envolvemos mais, conseguimos imaginar bem além com as imagens.

**Leandro:** Facilitaram, porque havia tido palavras no outro texto que eu não tinha entendido, e depois que eu li o texto ilustrado eu realmente consegui entender oque era e oque significava dentro da história.

**Marcelo:** facilitaram, pois consideraram outras formas que não tinha pensado

**Plínio:** Dão uma dificultadinha, porque não amostra muito como era o Hans Staden.

**Renata:** facilitam por que faz entender melhor e imaginar melhor como era.

**Pergunta 3: Você acha que seu entendimento da história de Hans Staden mudou ou permaneceu a mesma em relação à forma como o texto foi apresentado nos quadrinhos? Por quê? Dê exemplos.**

**Davi:** Eu acho que minha compreensão não mudou em nada em relação aos quadrinhos por que o que importa é a leitura do texto mais os quadrinhos ajudam a entendermos

**Francisca:** Mudou, porque eu consegui me aprofundar mais no assunto, é mais interessante estimula a leitura. Um exemplo são as expressões nos quadrinhos da para ter mais noção da maneira como é a narrativa, já no livro não da pra notar tanto.

**Jerusa:** Mudou, porque os quadrinhos lida com um publico mais jovem

**Katia:** Mudou, me envolvi mais, conseguindo ver as imagens e poder imaginar com base nelas melhor a história

**Leandro:** Mudou. Porque eu entendi melhor com as imagens, a forma como a história foi contada, a situação parecia que eu estava dentro do livro vivenciando tudo aquilo.

**Marcelo:** A do quadrinho acrescentou uma coisa porém, continua a mesma, acrescentaram uns fatos como. Os do marácas, as frases que alguns índios disseram nestes atos...mais nada muito grande.

**Plínio:** Mudou um pouquinho, porque o do quadrinho tem uma forma diferente de ver, até porque é um pouquinho colorido e as falas estão nos quadrinhos: dai facilitou um pouco

**Renata:** Foi a mesma por que ele conta as historia com o mesmo espírito

**Pergunta 4: Você preferiu ler o texto do livro ilustrado ou o texto em quadrinhos? Por quê?**

**Davi:** Eu preferi ler o texto em quadrinhos, pelo fato de facilitar a leitura e o entendimento do texto.

**Francisca:** Quadrinhos porque é mais detalhado, chama atenção.

**Jerusa:** O texto ilustrado, porque a linguagem é melhor, e mais facilitada a entender.

**Katia:** Em quadrinhos, eu acho que fica uma coisa mais leve, mais interessante.

**Leandro:** O texto em quadrinhos, ficou mais interessante de ler e consegui entender melhor a história.

**Marcelo:** O livro ilustrado, pois ele me pareceu mais completo e porque as ilustrações forma mais legais.

**Plínio:** Os dois, até para dar uma dinâmica legal para entender os livros, só que se fosse para escolher um, eu escolheria o de quadrinho até por ter mais cor e mais vida que o livro ilustrado.

**Renata:** Do quadrinho porque é mais fácil de entender melhor como foi as aventuras de Hans Staden

## **ANEXO 9**

### **ENTREVISTA COM A DIRETORA**

#### **Qual é sua idade?**

Cinqüenta anos, a melhor idade.

#### **Qual sua formação?**

Só do superior, né? Eu fiz minha primeira formação em Matemática numa faculdade particular de Presidente Prudente. Eu fiz Ciências com habilitação em Matemática. O curso se chama Ciências Físicas Biológicas. Aí terminei o curso de Matemática, já estava atuando como professora e eu sempre quis... esse lado da direção sempre me atraiu. Eu queria mais formação. Aí eu fui para a Unesp [Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”] e fiz pedagogia na Unesp em Presidente Prudente. Quando eu entrei na pedagogia na Unesp, eu fui trabalhar no Cefam [Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério] como professora. Aí eu fiz um projeto de iniciação científica, o assunto era sobre evasão escolar e depois eu me mudei para Marília e, em Marília, eu fiz uma habilitação em administração escolar na Unesp de Marília. Terminei a licenciatura, terminei o projeto de iniciação científica e aí eu queria a parte de administração escolar. Aí quando eu cheguei em Marília a primeira coisa que eu fiz foi procurar a Unesp, como eu era aluna da Unesp, então você entra direto no curso de administração escolar. Foi um ano e meio de administração escolar na Unesp de Marília.

#### **Você se recorda em que ano fez esse curso de administração escolar na Unesp de Marília?**

Faz tempo, heim [faz uma pausa]? Faz tanto tempo, né [faz outra pausa]? Eu vim pra São Paulo em 2002, né? Isso São Paulo. Se eu fiquei dez anos em Marília, eu cheguei em Marília em 1998, né? De 1998 para 2002 são [inaudível] anos, né? Então foi em 98, 99 que eu fiz o [curso] de administração [escolar] em Marília. Foi assim que

eu cheguei. E, nesse período, depois de dez anos eu não fiz nenhuma formação, assim, especializada. Nesse período eu trabalhei no Estado e no Município. Eu fui efetiva do município de Marília de primeira à quarta série nas séries iniciais. De 1999 a 2002. Foram três anos, que eu trabalhava no município e no Estado.

### **Nessa época era efetiva no Município e também no Estado?**

No município eu fui efetiva, no Estado não, era uma outra forma de contrato que era diferente de hoje. Aí, em 2002, eu passei em concurso de diretor. Em dezembro de 2002 ingressei aqui em São Roque como diretor da escola [diz o nome da escola]. Fiquei de 2002 a 2004 nesta escola. Depois, 2004 a 2009 eu atuei na supervisão de ensino na diretoria de ensino. Fui supervisora de ensino seis anos. E, 2010, eu vim para esta escola [atual]. No final de 2009 e começo de 2010 e hoje é 2013, né? Então, 2010, 2011, 2012, 2013, é o meu quarto ano aqui nesta escola [diz o nome da escola]. Neste período que eu vim para São Paulo, em 2004, eu comecei buscar o mestrado. Aí, aqui, ali, vai, fiz como aluna especial algumas disciplinas na USP porque eu queria entrar na USP, né? Mas aí não dava para eu conciliar. E aí prestei na [Universidade] Cruzeiro do Sul e na Unicid [Universidade Cidade de São Paulo]. Aí quando saiu o resultado da Cruzeiro do Sul que eu fui para a entrevista, eu não tinha ido fazer a prova ainda na Unicid. Então eu fiquei na Cruzeiro do Sul. Eu fiz mestrado na Cruzeiro do Sul no ensino de Ciências e Matemática.

### **Além do mestrado, fez outros cursos de pós-graduação?**

Eu fiz o mestrado, depois eu fiz duas pós em gestão. Terminei a última no final do ano passado. Uma na Unicamp [Universidade Estadual de Campinas] em gestão escolar e outra pós na Secretaria da Educação [do Estado de São Paulo], que é o REDEFOR [REDEFOR – Educação Especial e Inclusiva, curso oferecido pela Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza”, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Fonte: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=2970>]. Terminamos em dezembro de 2012. Então foi uma pela Unicamp e outra pela própria Secretaria de Educação. Tudo em gestão escolar. Foram mais de trezentos e sessenta [360] horas

todas as duas. Neste período, eu prestei o concurso da Prefeitura. O concurso é de 2010 e eu fui chamada agora, como professora das séries iniciais. Estou fazendo a perícia porque eu tenho 50 anos e o que eu descobri, né? Todos os professores que vão ingressar, Toda pessoa que vai ingressar no cargo público que tem mais que 50 anos ou é obeso, a perícia é mais detalhada. Então todas que estavam lá com mais de 50 anos, nós estamos fazendo vários exames, passando por vários especialistas, tal. Então, eu já fui duas vezes e tenho outra consulta sexta-feira.

### **A senhora comentou que está com arritmia cardíaca...**

Isso. Eu fui pro cardio [cardiologista] e agora eu vou pro vascular, né porque a gente já tem meio século de vida [*risos*]. Eu não reclamo. Lutei tanto para conseguir. Fiquei tão feliz, que estou na fase de adaptação. Tenho sala com trinta e cinco alunos de cinco anos. A escola que eu trabalho tem nove turmas, quando falta mais de um professor os alunos precisam ser redistribuídos nas demais salas. É fácil? Não, não é.

### **Quanto tempo você tem de magistério?**

Vinte e cinco anos. Trabalhei oito anos na rede particular porque quando eu atuava na rede pública, eu atuava na rede particular também, né? Aí, quando ingressei na prefeitura em Marília, eu diminuí as aulas da rede particular, fiquei com umas aulinhas na rede particular no município e umas aulinhas na rede pública porque eu não podia deixar tudo porque era uma fonte, né? Mas eu atuava em três redes diferentes. Eu fiz isso mais de ano. A carga maior era na prefeitura porque eu era efetiva então, tinha uma carga horária maior. Na escola particular eu só atuava a noite porque lá era um curso específico de formação de professor à noite, né. No Estado era nas horas vagas durante o dia.

[Vice-diretora pede licença para mostrar cópia de um papel e, estendendo a folha em direção à diretora, pergunta:]

– O que é isso [diz o nome da diretora]? [Um aluno] Está usando o nome da escola.

– Tá, isso está rodando há mais de mês na escola. De quem você pegou esse?

– Do Plínio [aluno da oitava B].

- E quem está aí falando com você?
- A avó dele.
- Eu não sei. Eu desconheço. Eu estou atrás, que é uma tal de... confirma com ele, quem é que entregou isso para ele?
- Cheque pré-datado!
- É. Então, eu quero saber, eu quero pegar a pessoa que levou isso na sala.
- Nós vamos descobrir.
- A coordenadora pedagógica [diz o nome da coordenadora pedagógica] disse que é uma tal de Nívea do terceiro ano. Hoje eu não fui lá buscar. Na sexta-feira eu fui e ela não estava na sala.
- Terceiro da manhã?
- Isso. Terceiro da manhã. Pergunta primeiro para o Plínio, confirma se é ela mesma.
- Então o da noite também deve ter isso aqui [diz o nome da diretora].
- Como assim? Você viu isso com eles?
- Não, mas se ela espalhou pra tarde...
- Estou preocupada de manhã, tá?]

**Nas duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental dessa escola há mais alunos pertencentes ao sexo masculino que feminino. Quais os motivos desse predomínio dos meninos sobre as meninas?**

Por isso que a indisciplina é maior. Os meninos são mais imaturos. Quase que em todas as salas a gente tem percebido que quando o número de meninos é maior, a indisciplina também é maior. Eu vejo assim, como todos vêm de fora, de longe, é muito mais fácil o pai trazer um filho para vir aqui estudar do que a mãe por a menina no ônibus lá e vir. O menino de certa forma, isso é cultural, a gente escuta muito isso, né? Acabei de ver o resultado disso agora ao atender um aluno e por isso demorei aqui. O Lincoln [aluno] mora em Pirituba, mas do lado de lá. A gente está em um acompanhamento dos alunos que não estão frequentando a aula. E o pai veio e tem outra filha que estuda lá. Aí só o Lincoln que veio estudar aqui e ainda não está vindo, está faltando muito. Aí mudou agora de período para o período da tarde, mas vai continuar aqui, mas olha o que o pai disse: “O menino é mais vulnerável, o bairro é mais assim...

[se referindo ao próprio bairro de forma depreciativa], já a menina atende mais [aos pais]”. Então, o menino lá no bairro junto com aquele povo lá da população, o medo que ele [o pai] tem é dele [o filho] se envolver mais [com as pessoas do bairro], o risco é maior. Então, com a menina eles têm um controle maior, com o menino não. Você vê essa diferença entre filhos da própria [mesma] família. Isso acontece com o primeiro ano do ensino médio, que acabou de sair da oitava. Então, porque o pai traz o menino para estudar aqui e a menina fica na escola do bairro? Você também pode checar as 42 listas pra ver se isso acontece com as outras turmas.

### **A escola tem quantos alunos?**

Fizemos a conta essa semana e deu mil quinhentos e dezesseis alunos [1.516] ao todo, manhã, tarde e noite.

### **Qual o fluxo de pedidos de transferência?**

Todo dia recebemos pedidos de alunos que querem vir pra cá, mas a rotatividade é grande, tanto sai, quanto entra, né. O ano passado nós fizemos, mas esse ano a gente ainda não fez, quantas transferências saíram e quantas entraram depois do início do ano. Então, a rotatividade é muito alta. Eu procuro orientar e todos aqui também orientam para que essas transferências aconteçam após o término do bimestre porque no meio do bimestre o prejuízo é grande porque ele não leva as avaliações que foram feitas e aí ele chega lá [em outra escola] e pega o final [do bimestre em outra escola]. Você viu a mãe que eu atendi agora a pouco aqui? Então, a filha dela saiu no dia 11 de março daqui e foi pra um outro colégio que ela conseguiu a vaga perto da casa. O bimestre fechou no dia 19 de abril. Então ela foi no meio. Eu não tenho obrigação de dar notas e faltas para ela ir porque ela precisa ter no mínimo setenta e cinco por cento [75%] garantido aqui pros professores fecharem uma média para ela, né? A mãe quer porque quer. Eu falei: – Mãe, eu não tenho responsabilidade. Eu oriento, vocês sabem que transferir o filho no meio do bimestre é muito complicado, não tem como dar todas as notas, nem todo professor dá prova. São dezesseis professores no ensino médio. Um deu leitura, outro olhou caderno, o outro deu prova, o outro não deu nada porque ainda faltava um mês. Não dá pra fazer isso, não.



**Como você diz que a rotatividade de alunos que entram e saem é alta, há algum número ou porcentagem dessa constante demanda?**

Não tenho esse número. Hoje eu não tenho isso. No ano passado foi levantado. Qual foi a porcentagem de transferência saindo. Para entrar não deu para eles fazerem. Quando a gente fez a avaliação no final do ano que os coordenadores verificaram quantos alunos pararam de estudar aqui e todos que eles percebiam eles perguntavam: – Porque você está mudando daqui? Ninguém saiu daqui porque não gostava da escola. Ou era porque mudou da cidade ou porque lá [na outra escola] é mais próximo de casa, por causa do trabalho, enfim.

**Você se recorda da porcentagem dos alunos que saíram?**

Não... [faz uma pausa]. Se não me engano chegou a quase trinta por cento [30%] no ano. Isso dá uns trezentos [300] alunos no ano.

**Os alunos estão distribuídos em quantas turmas, considerando ensino médio e fundamental?**

Ao todo são quarenta e duas [42] turmas neste semestre. Dessas, só tenho oito salas de fundamental e pro ano que vem a previsão é de quatro [salas para o fundamental]. Tenho dezessete [17] turmas à noite, sendo que sete são do ensino médio regular e dez são do antigo supletivo e hoje é o EJA [Educação para Jovens e Adultos].

**A escola possui quantos professores, considerando as diferentes categorias?**

Tem três tipos ou categorias de professores. O professor efetivo é aquele que tem sede e trabalha aqui, concursado, lotado aqui. Eu tenho o outro, o estável, que tem a estabilidade, que é o professor categoria F. Esse categoria F, agora, já nesse governo do PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira], as mudanças que ele fez que criou essa categoria O que foi um jogo administrativo de cátedra porque é muito inteligente, muito inteligente. O que o Estado economiza com esse tipo de contratação, coisa

assim...[faz pausa] o cara é um gênio. Um gênio. Para fazer com a rede estadual o que ele fez com a Secretaria de Educação é milhões e milhões de economia. O que eles fizeram. O [professor] categoria F é um que estava na rede por não sei quanto tempo até 2009. Ele foi instável, agora está estável, ele não é efetivo como o outro tá, mas ele não perde vínculo com o Estado. Não perde. Ele tem no mínimo garantido dez aulas, se não tiver aula pra ele, ele cumpre dez horas de permanência na escola. Ele é um efetivo que não é efetivo, entendeu [risos]? Não são muitos. Eu tenho aqui seis pessoas [professores estáveis]. Aliás, eu tenho aqui uma situação atípica. Meu quadro de professores possui cento e vinte [120] professores. Dos cento e vinte [120] eu tenho trinta [30] que estão designados em outros lugares, uns exercendo a função de professor, outros, outras funções pedagógicas ou administrativas. Eu tenho professor que está em direção de outra escola, tenho professor que está na central da Secretaria de Educação, tem outro que está na Diretoria de Ensino Regional e tem um grupo maior que está na escola de tempo integral. A sede é aqui, ele é efetivo daqui, escolheu aula aqui, e depois ele vai dar aula na escola de tempo integral que é na escola [diz o nome da outra escola]. Lá [diz o nome da escola] se tornou escola de tempo integral e hoje pela Secretaria de Educação, a escola de tempo integral não tem sede para o professor. O professor está, mas ele não é dali porque o professor é avaliado constantemente e pode retornar a qualquer momento. Dos outros noventa [90] professores, a gente estava vendo isso ontem, eu tenho uma média de sessenta [60] que são efetivos e os outros trinta [30] gira em torno de categoria F [estável] e O, que é o contratado por tempo determinado, não tem direito, assim, a quase nada. Por exemplo, enquanto o F e o efetivo tem direito a seis faltas abonadas ao ano para suas emergências, o [categoria] O só tem duas faltas. Muitos desses professores são alunos ainda de graduação. Vou pegar como exemplo esse de História [fala o nome do professor de História] ele ainda não concluiu a licenciatura e tem uma DP [disciplina pendente]. O contrato dele é válido por dois anos. Nesses dois anos ele tem direito a duas faltas abonadas, três faltas justificadas e tem uma [falta] que se for injustificada ele perde o contrato. Então, na realidade, ele [professor de História] tem direito a seis faltas, só que se ele usar as seis, ele perde o contrato. Perde o direito de ministrar aula. Nesta escola ainda não tive nenhum caso ainda assim [inaudível]. A professora de História anterior era efetiva, aposentou-se, saiu fora do quadro, aí ela se inscreveu novamente como temporária, que é o contrato O, ela deixou as aulas da tarde, mas ela ainda tem aula de manhã e a noite ainda.

**No quadro atual há professores readaptados?**

Eu tenho cinco professoras readaptadas [diz os nomes das professoras readaptadas]. São professoras que por algum motivo de doença deixaram de exercer a função em sala de aula e cumprem a carga horária fazendo outro serviço na escola. As minhas aqui, as cinco são efetivas. Eu tive uma [professora] aqui que ainda está no meu livro ponto, que veio da escola [diz o nome de uma escola próxima], ela é categoria F, é readaptada, mas está na Diretoria de Ensino. Só não conheço ninguém da categoria O porque não dá direito a isso, ele perde. Por exemplo, o seu contrato como categoria O começou hoje, então, 2013, 2014, 2015, então, até maio de 2015, você está dentro do contrato. Se você chegar no mês de agosto, saiu de licença saúde, fica doente, você tem um amparo legal até o término do contrato. Acabou o contrato, você tá fora. Eu tive esse caso ano passado. Aí por 15 dias o Estado paga. Passou de 15 dias de licença é pelo INSS [Instituto Nacional do Seguro Social]. Então, o Estado cancela o seu contrato e você fica encostado no INSS. Apesar do INSS ser do Estado né, mas ele [Estado] tira da educação.

**Qual o espaço na escola costuma ser mais frequentado pelos alunos e por qual razão?**

O Laboratório de Informática daqui tem quase a mesma função do ACESSA São Paulo [programa de inclusão digital do Governo do Estado de São Paulo]. É esse o objetivo do governo. É uma lan house dentro da escola, só que pode ser usada com o professor. Ontem à tarde a professora de Geografia estava com todo o grupo da oitava série A, trabalhando umas questões da Geografia, fazendo pesquisa tal. Eu até fui lá e tirei umas fotos porque a sala estava muito lotada e tinha fila de espera. O nome do espaço é SAI [Sala Ambiente de Informática]. Esse é um projeto daqui da escola [diz o nome da escola] que eu defendi, tá? Se você for na minha escola vizinha aqui [diz o nome da escola], lá só é usado com o professor. O professor agenda e o aluno vai. Então é aquilo assim muito fechadinho. Eu acho que se tem é para todos. Igual a merenda. É lotado [são 17 computadores]. Quase todas as escolas da rede estadual já têm esse sistema. Você pode ir em outras escolas. Eu não conheço uma escola que abre para os

alunos quando ele não tem o professor. E outra. Eu não dispensei mais aluno quando não tem professor. O dia que não tem nenhuma aula vaga eles ficam doidos. É para o aluno, mas se chegar alguém da comunidade e pedir para usar, eu não posso negar, sabia? Mas a gente não divulga porque eu não tenho esse controle. Mas ex-alunos volta e meia vêm, porque já era aluno aqui e sabe que tem, sabe que funciona. A gente consulta e deixa ele [ex-aluno] usar. Então, eu conversei com o coordenador da nossa sala de informática que é da diretoria [de ensino] que me disse: “A autonomia é sua”. Então, o que eu faço. Todo aluno que é da escola, ele pode usar em qualquer período, desde que tenha monitor. Esse ano, não consegui monitor no período da manhã porque para ele ser monitor no período da manhã, ele tem que ter mais de 16 anos, ter passado no processo seletivo da Fundap [Fundação do Desenvolvimento Administrativo] e estudar no período contrário para não conflitar. Esse ano eu não consegui. No ano passado, eu tive o ano inteiro. Esse ano eu só tenho [nos períodos] tarde e noite. Então, um [monitor] começa das doze e trinta [12h30] às quatro e meia [16h30], e das quatro [16h] às oito [20h] outro [monitor]. São dois monitores. Hoje eu tive um problema lá porque um menino trancou a porta. Ele disse que estava limpando os computadores. Chamei os outros dois [vice] diretores, chamei a coordenadora. Ele alegou que foi a coordenadora que pediu para ele limpar. Eu falei assim: – Há uma inversão aqui. Primeiro vamos entender. É desvio de função. Eu não sei o que ele estava fazendo. Bati na porta. Chamei todo mundo. Ele com a porta fechada e os outros [alunos] vieram reclamar aqui pra mim [altera a voz]. Uma denúncia dessa, eu corro o risco de perder o cargo [acentua a palavra cargo], entendeu? Chamei todo mundo e ele tinha levantado tudo [computadores]. Ele disse que estava fazendo uma faxina. Tem uma câmera lá vinte e quatro [24] horas ligada direto à Secretaria de Educação. Tem cinco pontos de câmeras na escola. É monitorado vinte e quatro horas [24] pela central da Secretaria de Educação.

**Em que pontos ficam as outras quatro câmeras monitoradas 24 horas pela central da Secretaria de Educação?**

Uma está na secretaria, outra aqui [na sala da direção], uma lá em cima [no piso superior] e outra na sala de vídeo, né. Eu falei: – Olha, eu não quero nem pensar uma coisa dessa. Primeiro que é um horário de trabalho seu porque você é estagiário. Você

está ganhando pra isso. Então, a porta não pode estar fechada. Segundo, você está fazendo faxina e está sendo filmado aqui em cima. Ou alguém me denuncia, aí não precisa fazer nada porque a prova está aí, ó. Desvio de função. Desvio de função [repete]. Aí todo mundo foi pra lá, ajudou a voltar [os equipamentos] no lugar [inaudível]. E aí eu pedi assim, desde que ele seja aluno e que não esteja em aula em sala, ele pode usar porque aí eu tenho argumento, por exemplo, se ficar sem professor, eu tenho como justificar porque o aluno ficou dentro da escola em atividade. Olha, o meu sonho é ter salas de leitura. E eu não consegui ainda porque aquela readaptada que está lá [diz o nome da professora da sala de leitura] é um encosto, desculpe a palavra. Ela faz o mínimo e é assim: todo pedacinho de papel ela guarda. Ela é muito assim [se retrai]. Ela não falta. Ela está ali. Aquele horário, assim [limitado]. Para dar uma geral lá eu tenho que levar funcionários porque ela vai amontoando, ela vai amontoando, ela vai amontoando. O que eu tenho falado constantemente, mas o professor também não se propõe muitas vezes porque para ele é responsabilidade. A professora da sala de leitura [diz o nome da professora da sala de leitura] não está aí e você [professor] quer trabalhar lá na sala de leitura, a chave fica na coordenação, fale com o coordenador e o coordenador vai com você [professor]. Agende com o coordenador, aí vai você [professor], o coordenador, faz um trabalho em uma sala ambiente diferente e tal. Tem os pufes. Tem toda autonomia. Então, o ambiente do SAI como eu estava te falando, eu autorizo, como diretora de escola, desde meio dia e meia da tarde [12h30] até as oito horas da noite [20h], todo aluno que está sem aula em sala de aula ou que estuda em outro período, ele pode vir e usar. É livre. No governo tem ACESSA São Paulo, SAI e Sala de Informática, que é uma outra que tem em algumas escolas e que não tem direito ao monitor. Aqui é o SAI um pouco mais avançada que a Sala de Informática, mas não chega a ser um ACESSA São Paulo. O do ACESSA São Paulo a conexão é melhor e a forma de trabalho é muito diferente, fica em lugares públicos. Em relação ao SAI os diretores de outras escolas não fazem muito isso porque a gente responde, por exemplo, aquela atitude de hoje eu respondo. Então, como eu monitoro muito, mas eu sou assim meio doida, sabe? Então, por isso eu achei que realmente valia a pena.

**A sala de vídeo lembra uma pequena arena com seu formato redondo e capacidade para oitenta pessoas costuma ser usada?**

Muito. Agora estávamos com problema porque entupiu um cano lá. Esse início de ano, nós tivemos uma programação lá com uma dupla teatral que se apresentou para as quarenta e duas [42] turmas. De duas em duas manhã, tarde e noite porque cabem lá duas turmas. Tivemos um outro trabalho com a AA, Alcoólicos Anônimos. Isso a noite para as dezessete [17] turmas da noite. E trabalho do professor com o vídeo também ele [professor] usa lá. Tem uma agenda e ele [professor] usa. A gente tem o móvel também. Ou ele [professor] tem um trabalho que ele [professor] prepara em PowerPoint, então ele pode usar lá, né. E agora o último trabalho que teve lá, uma professora do período da manhã que tem um trabalho sobre Astronomia e está fazendo um trabalho com as quintas séries com vídeo. Além do multimídia que a gente chama, a gente tem aparelhinhos de som. Tem mais dois computadores que podem ser móveis, que vão pra sala de aula, notebook acoplado, né e um outro que dá para usar em sala de aula. É só agendar, organizar.

**É senso comum que a escola, no geral, está mal conservada. Há uma previsão de reforma?**

As quadras não têm cobertura e o piso é ruim, mas [os alunos] usam direto. Temos duas, uma seguidinha da outra. Como é muito antigo, o normal da escola é ter um pátio coberto assim, né? [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Quando você olha aquelas portas [todas as portas das salas de aulas estão sem miolos], pisa no nosso assoalho está afundando, dá uma tristeza [ênfatisa] sabe? Poderia ser melhor. A quadra é um espaço tão querido pelos alunos. Tanto processo aí rodando, já há tantos anos, já foi autorizada a cobertura e não vem essa cobertura da quadra, entendeu? Hoje tivemos que dispensar os alunos porque essa escola não tem um reservatório de água. Por ela [escola] ser muito antiga, a hidráulica é direto da rua. Não tem aquela caixa de água. Foi uma emergência. Apesar que não é sempre, mas, por exemplo, a Sabesp justificou que estourou aqui ó, então, assim, não deu para avisar [no sentido de avisar antes os alunos que precisaram ser dispensados]. O que eu vou fazer? Então, eu ligo para a minha dirigente, minha chefe, ligo pra outro, pra outro. Tem que contornar tudo isso, entendeu? Ai meu Deus!

**Quais os principais motivos das escolhas dos alunos pela escola?**

Acho, que o fator mais forte é sair do bairro. Isso a gente escuta muito: “Eu prefiro que o meu filho venha estudar aqui do que ficar lá. Eu moro lá por uma consequência”. Mas o que ele [pai] vive, o que ele [pai] presencia ali [no bairro], ele não quer para o filho dele. Eu conversei essa semana com um menino aqui de Perus. Ele mora numa escola de Perus, que eu até conheço a região lá, que é uma escola considerada boa, mas ele me falou: – É tanto aluno, mas tanto aluno. É muita gente. Aí eu falei: – Mas aqui também não é muito? Ele respondeu: – Mas aqui é diferente. Então, ele [aluno] sai de lá quatro e meia da manhã. São vinte e cinco quilômetros de ônibus. Nas oitavas [séries] tem muito [aluno] daqui [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola], mas quando você pega o [aluno do ensino] médio, que são maiores, eles vem de longe. Tem uma menina que vem de Itapevi de manhã. Itapevi [frisa]. E ela é muito difícil de comportamento e eu queria muito que o pai a levasse. Aí ele [o pai] me disse: – Pro bairro onde eu moro eu não vou levá-la. Sinto muito. Ela é assim agitada, tal, tal, mas aqui ela está muito melhor. Voltando, primeiro, aqui é uma escola tradicional no nome e no bairro, não que ela seja tradicional no ensino, tá? Ela tem cem anos, então é uma escola que por aqui [no bairro] já formou muita gente. Muitos pais dessas crianças estudaram aqui. Então, por essa escola já passou muita gente e tem gente que fala: – Eu estudei aqui, então eu gosto daqui, vou ter o maior prazer de trazer o meu filho. E o meu filho adora estudar aqui. Eu digo: – Não tem problema.

### **Como é a relação da escola com a comunidade do bairro?**

A comunidade da família dos alunos?

### **Podemos pensar na relação da escola com a família dos alunos e com o entorno também.**

Ah, tá. O entorno é bem arredio e distante. O que a gente faz. Toda atividade que a gente tem, a gente convida aqui os vizinhos. Desde a clínica dentária, o pessoal do cabeleireiro. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Eu frequento o dentista, o salão de cabeleireiro, eu paro na farmácia e me perguntam: – A

senhora não é a diretora? Eu vou na igreja e todos vão lá e me vêem. O padre olha pra mim e sabe que sou a diretora da escola [diz o nome da escola]. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Eu desço aqui a rua [diz o nome da principal rua do bairro] e antes quando eu ouvia falar da escola [diz o nome da escola] eram os filhos dos camelôs que estudavam aqui, tinha esse termo. Porque tinha muito mais camelôs aqui. Hoje não é mais essa realidade, mas quase todos os camelôs têm filhos aqui. Você pega a [ambulante] que vende meia na esquina, a filha é do primeiro [ano ensino médio] I da noite. Você pega a [ambulante] que vende feijão na esquina de baixo, a filha é do primeiro [ano ensino médio] A da manhã. Até outro dia eu ia descendo e essa mãe me falou: – Eu não fui na reunião. Eu disse: – Não tem problema. A gente está lá até as onze horas [23h] da noite. Foi dito e feito. Ela veio aqui, assinou, pegou o boletim. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Uma outra [mãe de aluno] me para: – A senhora não é diretora lá da escola? Minha filha está lá. Entendeu? Muitos trazem os filhos porque trabalham por aqui. O coordenador foi almoçar no restaurante e a mulher que estava servindo perguntou: – O senhor não trabalha na escola? A minha filha está lá. Ele veio aqui conversou e aí nós acabamos todos indo almoçar lá. Fomos em grupo e ela ficou hiper feliz. Ela trouxe a filha pra cá porque ela trabalha no restaurante. A filha estuda de manhã, sai, ajuda no restaurante a tarde e elas vão embora juntas. E ela [aluna] ainda ganha um dinheirinho lá porque ela chega pra arrumar a cozinha. De mil e quinhentos [1.500 alunos], a maioria não é assim. Mas você tem esses casos.

### **Como a escola é grande, quais são os principais desafios para administrar o espaço físico?**

[Esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Você foi aqui essa semana aqui no pátio? Nós estamos fazendo um outro muro, fechando um outro canto aqui. Por que? Eu vou te mostrar aqui esse espaço [vai pegar e volta com uma planta da escola] pra você. Nós estamos aqui [aponta] e entre esses dois blocos, olha, aqui estão as duas quadras. Aqui não tem esse beco aqui, ó? Aqui é a sala do lado de lá do bloco e essa aqui é a sala de informática [SAI]. O problema... é proibido o cigarro dentro da escola. Só que no período manhã e tarde até a gente consegue um monitoramento porque de oitocentos [800] alunos que eu tenho de manhã, dez fumam,



mas mesmo assim a gente consegue fazer com que ele fiquem as cinco horas sem fumar. Mas à noite dos oitocentos [800] que estudam, setecentos [700] fumam. Olha, é difícil, muito difícil. Aonde eles se concentram pra fumar? Nesse beco [aponta na planta], nesse cantinho aqui, ó. Nessa sala do lado de cá e nessa sala de informática... e não é só cigarro, é maconha. Um odor. O pessoal dessa sala aqui ó [aponta na planta] fica com dor de cabeça e um odor na sala que você não agüenta. No ano passado, a gente sofreu o ano inteiro com isso. Aí eu deixava um inspetor de aluno aqui de plantão, de guarda. Mas não é pra isso inspetor de aluno. Se a gente fechar aqui, a gente elimina isso daqui. Você vai igual boiada pra engordar [mostrando como o espaço ficará fechado] você vai fazendo o piquete? Porque aí você vai tendo visão, né? Todo mundo concordou, passei o livro e tal.

[Funcionária nos interrompe: – Uma mãe de aluno quer vir falar com a senhora sobre vaga e perguntou até que horas a senhora vai estar aqui?]

– A vaga pra que série é?

– Primeiro ano.

– Está vindo da onde? Precisa ter o boletim de notas e faltas?

– Então, já orientaram ela.

– Ela já está com tudo?

– Ela já falou hoje com as meninas e ela está querendo confirmar pra saber se a senhora vai estar aqui.

– Eu não queria porque eu estou desde cedo. Eu vou atender ela [aponta para mim] e vou pra casa.

– Amanhã é quarta e tem reunião de manhã na diretoria. Aí a gente vem que tem reunião de ATPC [Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo] que eu vou participar com os coordenadores. Termina as catorze, tá?

– Então fala pra ela vir só na quinta de manhã? Não tem nada agendado até agora?

– [Diretora faz pausa] Acho que quinta está mais tranquilo. Pra que período ela precisa? Porque pra noite eu não tenho.

– Não. As meninas já confirmaram que é pra tarde.

– Ela quer pra tarde? Pro período da tarde? Ela ta vindo da onde? Você sabe?

– Não sei. Não perguntei.

– [faz pausa] É... amanhã, se ela puder vir amanhã a tarde, a reunião termina às catorze e quarenta. Eu vou estar aqui. Depois eu vou pra casa pra descansar um pouco. Se ela

puder vir às quinze horas está tranqüilo. A gente conversa. Se ela puder trazer a filha, trazer tudo [documentação]. Filho e mãe junto porque é o filho que vai estar aqui com a gente, pra gente conversar, tá bom? Melhor.

Então, aí eu conversei com todo mundo e veio uma verba de sete mil e novecentos. Todo mundo foi unânime: – Vamos fechar ali. Gastamos todo o dinheiro e estamos fechando aqui, ó [mostra na planta da escola]. Já teve protesto, já picharam, mas a gente precisa acabar com o cigarro dentro da escola. Já tivemos muitos casos de álcool. Esse ano eu não tive nenhum caso ainda. Nenhum caso. Mas já tive caso aqui, desde quando eu cheguei, em 2010, do aluno chegar sete horas da manhã bêbado já. Bêbado. Tenho caso de crack, tenho caso de cocaína, maconha, então, nem se fala. Temos adeptos manhã, tarde e noite, né? Mas a noite é pior e a noite são maiores de idade a maior parte [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola].

### **Qual sua rotina de trabalho na escola?**

Ultimamente eu andei me policiando para trabalhar a carga horária normal que eu trabalho porque senão você acaba ficando vinte e quatro [24] horas aqui dentro. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] A gente vai trabalhando isso, né? – Olha, estou indo embora. Ou liga. Eu não me importo. Sou uma pessoa muito aberta. Se precisar, agenda. Se marca, eu venho. Eu falo assim: – Eu sou gente no meio de gente. E não fiz História, fiz Matemática, olha, mas eu sou muito humana, né, eu procuro ser. Com toda essa vida que a gente leva, mas a gente procura assim, gosto muito de ser ouvida e gosto de falar também. Então, esse movimento eu gosto dele, né? O pessoal tem hora que me fala: – [diz seu nome] Você precisa cortar um pouco. Eu falo: – Não. Enquanto estou dando conta, vamos lá. As pessoas precisam sentir que eu fico muito, muito incomodada [de deixar alguém esperando]. Tem vez que deu o horário de atendimento e as pessoas ali esperando. Gente não tem que ficar esperando se precisar ficar aberto pra atender vinte e quatro [24] horas, o tempo todo, mas a gente não dá conta. Por que? Porque a gente tem falta de pessoas no trabalho. Então, se eu tivesse um quadro completo de funcionários, daria pra atender tranqüilo, das oito da manhã às dezenove horas, mas não tem. Então, a própria circunstância do serviço público deixa a desejar. Deixa a desejar [repete].

### **Como está avaliado o desempenho dos alunos no Enem [Exame Nacional do Ensino Médio]?**

Eu queria até ter pego uma tabela, mas não deu certo e acabei não tendo condições de ver, mas o que eu posso dizer. Em relação ao Enem, a nossa escola não é classificada como das melhores e por mais que a gente incentiva os alunos a fazer o Enem, não são todos. Então, nós temos escolas da Diretoria de Ensino [diz o nome da Diretoria de Ensino] que se destacam e qual a nossa classificação? Não tenho isso de memória, tá? Mas não é das melhores, entendeu? O Enem é opcional. O aluno entra no site e faz a inscrição. A gente vai as salas, os professores orientam, a gente orienta também. A gente disponibiliza a sala do ACESSA [SAI] pra fazer a inscrição. Só que tem aluno que não quer. Não é a hora, vai fazer em outro ano porque são dois dias né, sábado e domingo. Então, prefere deixar. Ou tá fazendo curso técnico. Então, prefere esperar pro ano seguinte. A prova é facultativa. Então, a nossa escola [diz o nome da escola] não está entre as primeiras, mas sempre os alunos participam bastante, mas não é das melhores. Agora, qual é a classificação em relação ao Estado e a Diretoria, eu não tenho isso em memória.

### **Como está avaliado o desempenho dos alunos no Saresp [Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo]?**

O Saresp é todo ano. No ano de 2011 foram só o sétimo ano e o nono ano do [ensino] fundamental e terceiro ano do ensino médio. Em 2012, todas as séries fizeram, só que só contam as séries iniciais. O resultado de 2012 do Saresp não saiu ainda o boletim por isso não sabemos como está a nossa escola [diz o nome da escola] em relação às demais. São para todos os alunos matriculados. Se ele falta, você não tem como punir. A gente faz um trabalho de convencimento, tá, e essa nota não prejudica ele [aluno] na escola. Não tem peso. O que a gente faz para que o aluno venha. A gente dá uma pontuação, tá. Além da pontuação, a gente incentiva ele a vir, a gente faz um lanche diferenciado porque aonde tem comida e festa atrai público. Então, a gente faz isso no dia do Saresp, no dia da prova. No ano de 2012, cinquenta e nove [59] alunos do nono ano fizeram a prova e duzentos e sete [207] alunos do ensino médio fizeram a prova do Saresp. Os alunos do sétimo ano não pontuam. O que pontua o índice da

escola é só as séries terminais, entendeu? Porque é o ciclo e aí mesmo fazendo a avaliação, o único que vai dar o índice e a nota da escola são as séries finais. Não saiu o boletim, mas saiu assim: a escola atingiu a meta ou não? Saiu só o índice. O fundamental não. Atingiu só o médio. Então, o resultado de aprendizagem dos alunos do nono ano foi abaixo do básico. Então, se anda abaixo do básico a gente não atingiu a meta do fundamental. E a consequência disso é que o professor não recebe o décimo quarto salário, que é o bônus. Todos os professores que dava aula só no fundamental ou ele [professor] dá aula no médio e parte no fundamental, ele [professor] não tem esse décimo quarto salário. Esse décimo quarto salário só ganha o professor da escola onde os alunos apresentam um resultado de aprendizagem do básico pra cima, tá? E que não ultrapassa um índice alto de evasão e retenção. Por que? Para o décimo quarto salário ainda entra, além do resultado da prova do Saesp, a questão do fluxo que é a evasão e a questão da retenção do aluno. Como nós estamos hoje? O ensino fundamental em aprendizagem ele está abaixo do básico. No ensino médio ele está no básico. Estando no básico e com porcentual muito pequeno acima do básico ainda é um estado de atenção. Estas escolas, no nosso caso, ela recebe uma classificação pela Secretaria da Educação, são chamadas de prioritárias. Toda escola que tem um curso abaixo do básico, entra nas escolas prioritárias. Isso significa um olhar da Secretaria da Educação em relação à aprendizagem. Vou dar o exemplo da merenda, né? Todo o ofício que eu mandar pra Secretaria eu tenho que colocar que a escola é prioritária porque passa na frente das outras. Eu tinha uma reivindicação da questão da merenda do inicial que é quinze para as sete da manhã [6h45] e as nove e quinze [9h15] da noite. Então foi atendido porque quando é prioritária, ela [a escola] passa na frente das outras tá? Então tem um olhar diferente. Quando chega um ofício que está lá “escola prioritária” ela tem um olhar diferente da Secretaria.

**Quando uma escola passa a ser classificada como prioritária há alguma mudança de direcionamento por parte da Secretaria de Educação e até da Diretoria de Ensino em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos?**

Em toda escola prioritária, os professores de Matemática e Português, o professor coordenador do curso que está na prioritária [avaliado abaixo do nível básico], o diretor e um vice. Eu tenho dois [vices], só vai um. Nós três, mais os professores de

Português e Matemática somos convocados e fizemos já um curso de trezentas e sessenta [360] horas, parte presencial, parte através de vídeo conferência e agora nós estamos concluindo online. Termina, se Deus quiser, até a primeira semana de julho. O curso se chama “Melhor Gestão, Melhor Ensino”. Isso no macro, Secretaria da Educação, tá? Aí vem para Diretoria de Ensino. Todas as diretorias de ensino, inclusive a nossa, montaram grupos. Todas as escolas da nossa diretoria, uma média de [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] escolas, nossa diretoria tem [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola], tem curso abaixo do básico. Uma delas é a nossa escola. Nossa escola tem EJA, ensino médio regular e ensino fundamental. O que está abaixo do básico é o ensino fundamental. Então, eles fazem, assim, é um trabalho de orientação, mas é de prática pedagógica. Diretor e professor coordenador só. A gente estuda, faz análise, ontem, nós fizemos [análise] do currículo, aí pega esses pontos: currículo, plano de ensino do professor, diário de classe do professor e o caderno do aluno, o que ele anota no dia a dia, pedimos um e levamos pra gente fazer essa análise. Porque? Porque a gente verificou que o nosso resultado interno, por exemplo, eu tive três retenções na oitava série o ano passado, mesmo a retenção ter sido muito pequena, a retenção foi por nota, na oitava série não tem progressão continuada, o aluno fica retido. Não sei dizer quais são os alunos retidos e se eles permanecem porque tem muita rotatividade, mas também é fácil, é só pegar a ata final, a gente identifica e vê se ele está matriculado na oitava agora, mas depois a gente pode ver isso, tá? Se é isso que é pra tá ensinando, é isso que está chegando para o aluno? Porque o que cai na avaliação externa é o currículo, então esse currículo é o conteúdo mínimo necessário pra ser trabalhado em sala de aula. O currículo tem a matriz de referência. Essa matriz de referência já vem sendo estudada [pega na estante documento intitulado “Matriz de Referência para Avaliação”] há um bom tempo. Essa foi publicada em 2009. Ela [matriz de referência] tem uma linha de habilidades e competências que pega as avaliações internacionais, que é o Pisa, que são feitos com alunos de 14 anos em todos os países por sorteio [O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa internacional de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. O programa é desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em cada país participante há uma

coordenação nacional. No Brasil, o Pisa é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O objetivo do Pisa é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico. A avaliação procura verificar até que ponto as escolas de cada país participante estão preparando seus jovens para exercer o papel de cidadãos na sociedade contemporânea. As avaliações do Pisa acontecem a cada três anos e abrangem três áreas do conhecimento – Leitura, Matemática e Ciências – havendo, a cada edição do programa, maior ênfase em cada uma dessas áreas. Em 2000, o foco foi em Leitura; em 2003, Matemática; e em 2006, Ciências. O Pisa 2009 iniciou um novo ciclo do programa, com o foco novamente recaindo sobre o domínio de Leitura; em 2012, é novamente Matemática; e em 2015, Ciências. Fonte: <http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>].

Todo ano ou é de dois em dois anos, não me lembro tem um grupo de alunos do Brasil, dos Estados Unidos, do Canadá, do Japão [que fazem] a mesma prova, né? E o Brasil tá lá embaixo, né? Então, essa matriz de referência traz esses conteúdos são únicos, essas habilidades e competências para todo o mundo, né, de Língua Portuguesa e Matemática. Essa matriz depois ela cai em nível de Brasil. De Brasil nós temos o Saesp. No Estado de São Paulo é o Saesp. Em outros estados tem outros, mas todos os estados [da Federação] tem um projeto de avaliação, né. Para quem estuda no município de São Paulo é a Prova São Paulo, que segue a mesma matriz de referência do Estado e Internacional, que é o Pisa, né? Tem esse formato de questões testadas dos itens avaliados. Então o município de São Paulo e outros municípios, a minha família é de [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola], lá só tem de primeira a quarta série ou de primeiro ao quinto ano. No quinto ano o próprio município também faz uma avaliação interna do município pra verificar dentro dessas habilidades, se os alunos, como está a média do município em relação à aprendizagem. Tem muitos autores que escrevem sobre isso, que são avaliações externas, chama avaliações de larga escala. Não me lembro agora os nomes dos autores, mas tem vários autores de referência literária da questão da avaliação. Você oferece o ensino e até para questões de financiamento, pro Estado de São Paulo requerer junto ao governo Federal um aumento de recursos para a educação, ele precisa apresentar e como ele vai apresentar, por isso tem que ter essa avaliação de larga escala. Ah, tem outra também, a Prova

Brasil que acontece de dois em dois anos. Ela acontece da mesma forma que o Saresp, só para as séries finais e ela vem direto do governo federal por isso que ela é Prova Brasil. A mesma prova que meu aluno faz aqui, o aluno do Acre também faz. A prova que compara o ensino médio é o Enem e o Enem é nacional. Então, sai aquela comparação em nível de Estado e em nível de município também porque o Enem é para todos que querem se inscrever. Cada Estado tem a sua interna, que para o Estado de São Paulo é o Saresp, que avalia as séries finais também, mas o [governo] federal também traz uma avaliação em larga escala, que é a Prova Brasil. Esse ano, 2013, se você ficar atenta, nossos alunos vão fazer três provas. Os do quinto ano e nono ano vão fazer Prova Brasil e Saresp. Já estamos falando em sala de aula, todo mundo já está sabendo. O Saresp é constante até porque está abaixo do básico. Então, vamos lá, essa questão caiu no ano passado, a gente retoma a prova. Então a gente faz o que se chama de prática com a sequência didática, onde você dá a questão, os alunos respondem, imediatamente a gente verifica quantos acertos: quem jogou na questão a, b, c, aí a gente abre. Este grupo de alunos disse que era a questão b. Outro grupo que a resposta era a a. Então porque vocês interpretaram que era a b? Ah porque da pra entender tal, tal, assim, assim. E o outro? Ah, porque assim. Então, volta a leitura da questão. Aí, lê a questão. Isso é feito em sala de aula. São práticas que começamos no ano passado. Então eu acho que a tendência é melhorar, mas não dá pra garantir muito porque você viu a oitava série, ela é difícil de concentrar porque a hora que você retoma a questão, ela precisa estar atenta, precisa ler e interpretar para poder fazer a análise. Quando você tenta fazer isso com a turma no terceiro ano, você até consegue porque a disciplina é melhor. Eles já são maiores. O ensino fundamental são muito adolescentes, ele [o aluno do ensino fundamental] é muito indisciplinado, mas é natural da idade dele, né? Indisciplinado entre aspas, né? Esse grau de concentração, de análise, eles dispersam. E muitas vezes eles erram não é porque não sabem, é por falta de atenção, de concentração. Na análise que nós fizemos ontem porque teve uma avaliação diagnóstica em fevereiro, a questão número dois da prova diagnóstica de trinta e dois [32] alunos, [19] dezenove erraram, então foi o índice maior de erro da questão. Era uma tira da Mafalda, com duas... uma tinha uma coisa assim, uma exclamação e a outra tal, tal, aí perguntava...era uma questão de pontuação da Língua Portuguesa, se ela estava triste, se ela estava contente ou se ela estava questionando. Então, qual o uso do ponto de interrogação? Você tinha que saber. E aí mediante o quadrinho e o que descrevia a

questão, depois as alternativas. Não tinha segredo. Não tinha segredo [repete]. Meu Deus. Como alunos de 14 anos não leram? Outro fator. A tira da Mafalda tava do lado de cá da página e a questão estava do lado de cá [mostrando o verso]. E a gente sabe que pedagogicamente não pode trazer início aqui e o restante aqui [mostra frente e verso da folha]. Você não pode ter isso. O próprio olhar, a memória, quando você faz isso você se perde, né? Então nós avaliamos isso. A tira estava do lado de cá e a pergunta do lado de cá [vira a folha]. E tem aluno que talvez não ligou isso com isso.

O [ensino] médio terá o Saresp e o Enem. Ele [ensino médio] não tem a Prova Brasil. A Prova Brasil o que a gente analisa e o que a gente vê politicamente analisando. O médio não tem Prova Brasil porque? A prova internacional, que é o Pisa só são alunos de 14 anos que é do nono ano. Então, como o governo federal tem uma visão de como estão os alunos de 14 anos? Através da Prova Brasil. Deste resultado da Prova Brasil, algumas cidades e algumas escolas serão sorteadas para a prova internacional. Então tem aluno de nono ano de algumas escolas que vão fazer três provas este ano, se ela [escola] for sorteada para o Pisa, que é internacional, a Prova Brasil e o Saresp.

**Como funciona a distribuição dos alunos por sala? São agrupados aleatoriamente ou há algum critério levado em conta?**

No ano passado, a sétima [série] tem um número de alunos por sala, que são trinta e cinco [35] no ensino fundamental. Igual agora eu tenho uma sétima com trinta e cinco [35] alunos. Quando chega no nono ano, oitava série, geralmente aumenta a demanda, vem gente querendo estudar aqui. Tem uma sétima que viraria só uma oitava. Eu não abro nenhuma vaga pra oferecer, tá? Por mim, eu diretora faria isso, por que o que vem de fora? Os piores, como aquela menina da oitava A, a Francine, que veio em março o que é aquilo gente? Tem enes problemas familiares, mas o que aparece é isso [se referindo a alunos com perfil como Francine]. Enquanto você tem vaga, os alunos estão chegando. E o fundamental, é pelo sistema, o aluno faz inscrição e o sistema aloca, independe dele [aluno] querer ou não. Então, a diretoria colocou, por ser uma escola central do bairro [diz o nome do bairro], acaba tendo uma demanda. Então, eu tinha uma sétima, eu precisei abrir duas oitavas, aquela minha sétima, o professor que trabalhou com a sétima distribuiu de forma, assim, que não ficasse todos aqueles alunos de difícil relacionamento e de baixo rendimento e a outra os melhorzinhos. Dividiu, né?



Ficou a média de quinze [15] alunos, dezesseis [16], dezessete [17] alunos em cada um e os outros o sistema trouxe de outros lugares. Após o terceiro bimestre, que termina agora dia 30 de setembro até no final de outubro, eu já tenho que lançar no sistema as minhas turmas que estão aqui para as séries seguintes. Então, no terceiro bimestre, tem que sair dali os prováveis retidos, os prováveis evadidos e os prováveis promovidos. Os evadidos ficam fora do sistema, não entram pro ano seguinte. São aqueles que abandonam a escola no início. Os retidos têm que entrar na mesma série. Em geral ficam por nota. Por falta é coisa mínima, mínima, mínima. No primeiro ano acontece um pouquinho mais, né? E os promovidos, em outubro, eu já tenho que colocar ele na série subsequente porque em dezembro a Secretaria [da Educação do Estado de São Paulo] precisa saber quantos alunos ela tem previsto para o ano seguinte, quantas vagas ela pode oferecer. No caso aqui da escola [diz o nome da escola], que é específica da sua pesquisa, então, a gente vai fazer um acompanhamento assim. Eu tenho esse ano sete segundos anos [do ensino médio]. Precisaria, assim, virar sete terceiros anos do ensino médio, mas tem uma média aí de quarenta retenções, então uma classe fica. Se eu tenho sete segundos, nós estamos prevendo, eu já fiz esse caminho, seis terceiros. Eu tenho seis primeiros da manhã, no máximo vai virar só cinco segundos. Então, veja, seis primeiros para cinco segundos, são onze. Eu tenho dezessete [17] salas. Onze para dezessete, vou receber seis primeiros. Eu tenho duas oitavas. No dia 30 de setembro preciso ver destas oitavas, quais são os prováveis que vão para o ensino médio, primeiro. Das seis salas que eu vou ter para receber o primeiro ano, então, vamos lá, eu vou ter dos setenta [70] alunos, trinta e cinco [35] de cada sala, sessenta [60] são promovidos, então eu vou encaixar, vou distribuir, eu não coloco todos juntos, a gente distribui nas seis salas, um pouquinho em cada um, de acordo com o comportamento e a aprendizagem. As vagas que sobram são oferecidas para a Prefeitura. Por exemplo, a escola [diz o nome da escola] tem duzentas vagas do primeiro ano, então os alunos mais próximos, que a maior parte é do Morro Doce, Jaguaré, Perus, Freguesia, essas escolas próximas da Prefeitura que tem nono ano, encaminha pra gente. Na primeira semana de janeiro já vem completa. Nós só vamos saber se vai ter vaga para oferecer pra outros, os que vem de outros estados na primeira semana de fevereiro, quando começam as aulas. Da sétima, o ano passado eu precisei fazer isso pras duas oitavas. Eu [diz o seu nome], se depender de mim eu não quero esse ano. Eu já falei isso pra dirigente e na previsão que eu fiz, eu fiz uma oitava pro ano que vem. Essa sétima vira uma oitava. Não quero

receber ninguém de outro lugar. Se depender de mim, não quero. Eu tenho uma escola [diz o nome de uma escola vizinha] que é próxima que tem cinco ou seis oitavas séries porque só tem ensino fundamental, lá não tem o ensino médio. Então, ela atenda. Não é longe daqui. Quem quiser vir estudar aqui no bairro, estuda lá [diz o nome da escola vizinha]. Então, porque se eu tenho só uma sétima, vira uma oitava. A gente está caminhando, a gente tá vendo, pra uma demanda de ensino médio e o fundamental tá se fechando.

### **Por que acredita que ter apenas uma turma de nono ano é melhor?**

O resultado é melhor, a gente já conhece mais [o aluno da escola]. Por mais que sai um e chega um outro porque essa rotatividade acontece o ano todo, tá? Mas é muito mais tranqüilo pro corpo docente, pro funcionário, pra direção acompanhar, não aconteceria o que aconteceu nessas oitavas. Agora, nesses últimos dias, eu acho que até você percebeu isso, é possível ter um diálogo melhor. Mas, olha, só nós sabemos o que a gente viveu ali fevereiro e março. Nós tínhamos feito a organização das salas que era em cima [piso superior]. A oitava B era na sala sete. Os vidros que tem lá, que jogaram [é possível ver os vidros que foram quebrados das janelas na varanda com acesso fechado] todos foram eles. Eles ficavam em cima. A gente não agüentava subir essas escadas e descer. Eles empurram os vidros. Comportamento inadequado. Aí: – Quem foi? Não sei. Ninguém sabe quem foi. Aí o que nós fizemos? Eu não sei quando foi, se foi no primeiro bimestre ou antes um pouquinho eu estive lá e falei: – Pessoal, precisamos pensar alguma coisa. E alguém falou: – Vamos trocar com as quintas. Aí as duas oitavas desceram pra cá, que é mais próximo pra gente atender, né? E as duas quintas subiram. Porque aqui ó [mostra na planta] é uma entrada assim, que eles tem que passar constantemente [corredor central ou principal]. Eles são muito inquietos. A estrutura da escola [diz o nome da escola] não ajuda muito porque é tudo aberto. Ele [o aluno] tem essa liberdade de ir e vir aqui dentro e o adolescente não sabe lidar muito com isso.

### **O que é feito quando os alunos extrapolam as regras?**

A primeira coisa é chamar a família. O professor primeiro ele tenta todas as possibilidades. Dependendo se a coisa, eu vou pegar o caso da oitava A que na aula de História, quando ainda era a outra professora, que no dia que jogaram o braquinho e estourou na cabeça dela. Aquilo fez ela deixar. A vice-diretora fez toda uma triagem. Primeiro vai chamando aqueles que são apontados até chegar naquele que jogou. Aí ele fala: – Fui eu, mas eu não fiz por querer. Foi um incidente. Aí chama a mãe, a mãe conversa com ele. Faz o registro. Por mais que ele fez isso proposital, ele reconhece que pegou mal e aí ele fala que não foi, que foi um incidente, que ele não fez por querer. A vice-diretora faz muito esse trabalho porque a responsabilidade dos casos de indisciplina é dos vice-diretores e de aprendizagem dos coordenadores. O diretor tá tanto junto com os vices na indisciplina quanto com os pedagógicos [inaudível]. Eu [diz seu nome] penso assim: Ele [aluno] pode ser o pior bandido, mas se aqui dentro do espaço escolar ele me atende, ele faz o que é necessário enquanto aluno ótimo. Não me interessa se ele é filho do pior traficante, que ele trafica também, que ele rouba, que ele é isso. Aqui dentro ele respeita o nosso espaço, o espaço que ele tem. Então eu sou terminantemente contra expulsão de aluno porque quanto mais a gente conhecer ele, quanto mais a gente trabalhar com ele, é um a menos que vai assaltar a gente na rua e vai tá na rua andando. Isso desde que eu cheguei aqui eu venho trabalhar isso junto com a minha equipe, né? Eu tenho aqui um mais radical que por ele uma meia dúzia já tinha ido embora há muito tempo, né? Mas é uma faixa etária muito difícil. Precisa muito olho no olho. Então, nós já conseguimos mudar muitos, muitos. A vice-diretora [diz o nome da vice-diretora] eu costuma dizer que ela é a minha assistente social. Ela tem um jeito pra lidar com essa turma muito difícil, né? Ela chega muito próximo, ela fala muito a linguagem deles, não sei o que, teretetê. Ela faz umas trocas com eles em termos assim até de se alimentar: – Vamos comer alguma coisa e tal? Esse jeito dela tem ajudado muito. Então, isso é um ponto muito positivo que eu acho. Então, todos os problemas de indisciplina tem que passar por esse caminho. Quando não dá mais o que a gente faz. Convida o pai para que ele procure uma outra escola, tá? Já conseguimos. Esse ano, nós tivemos dois casos muito difíceis, né. Do fundamental não teve nenhum. O primeiro caso foi do primeiro [ano do ensino médio] C que extrapolou, entendeu? Tudo é assim: questão de idade, de grupo e aí por diante. Foi enfrentamento. Agrediu o professor e fomos todo mundo pra polícia. Empurrou, xingou, ameaçou, né? E isso já vinha tendo um histórico muito difícil e ele [aluno] é de uma região distante daqui.

Estava vindo pra cá pra isso? Então, conversamos com a família e não precisamos nem reunir o Conselho de Escola. A própria família transferiu ele de escola. Ele é de Pirituba. Foi embora. Fomos para delegacia, eu, ele e o professor. Eu até falei assim: – Eu não tenho nada contra você e sim a sua atitude, né? Aí o outro caso que vem acontecendo, a gente vem acompanhando é o pessoal adepto da maconha porque eles acham que fumar maconha dentro da escola é o lugar mais seguro. A gente vem monitorando um grupo aí. O ano passado eu peguei também um aluno pixando o símbolo deles e a adesão a maconha, né. Aí nós fomos pra polícia e esse [aluno] imediatamente ele é maior de idade, então tá fora. O pai assinou até, mas ele mesmo assinou a transferência dele. Ele estava com um arsenal e tudo do que é adepto da maconha, vários papétes, ele tanto fumava, quanto vendia para os colegas aqui dentro, né? Então esse saiu no final de 2012, no segundo semestre, né? Também resolvemos com ele aqui. A gente vai tentando, né? Aí desse grupo desse ano do adepto a maconha, um menino do primeiro C também, né. Eu procuro monitorar muito. Eu percebi ele estava pixando e a hora que eu cheguei era o nome dele. Fiz a foto dele pixando distante, eu estava com a máquina, chamei tal e ele tem várias ocorrências. Como ele é menor, a família já trouxe pra cá pra tirar ele de grupo de outro lugar. Ele é do Morro Doce, né? Mas ele é difícil, o comportamento dele é muito difícil. Difícil no sentido assim, ele é apático. Você pode gritar com ele e não tem reação. Aí, então, toda vez que ele ficava cabulando aulas, tem vários registros. Aí eu levei para o Conselho de Escola, que é o Conselho interno né? Tem professor, pai, aluno, tal. Foi dia 14 passado e o Conselho decidiu que ele termina o bimestre aqui, mas ele tem que mudar de escola novamente por que ele veio para cá e não valorizou o espaço que ele tinha. Aí a professora mediadora, essa que faz o trabalho interno junto com a gente está vendo já outra escola e nós vamos fazer uma troca. A professora vai receber esse e vai vir outro aluno de outra escola. Quem sabe o outro vem pra cá e se adapta. A direção não sou eu, né. Eu tenho toda uma equipe. Estou acabando de designar mais uma [professora coordenadora], por estar nas prioritárias, abaixo do índice de aprendizagem, a gente tem direito a mais um coordenador para trabalhar específico currículo com os professores. Agora, a equipe gestora dessa escola, nós estamos com nove pessoas. Nove: um diretor, dois vices, quatro professores coordenadores e duas professoras mediadoras de conflito. São professoras afastadas que cumprem carga horária, né? Uma a tarde e outra a noite. Então, por exemplo, o caso desse menino que foi pro Conselho foi uma delas que

mediou tudo. Eu só trouxe, participei da coisa, ela que agendou, ela que conversou com a família, ela que está vendo com a outra escola.

**O professor de História que acompanho faltou essa semana e no lugar veio uma professora eventual. Como funciona esse sistema?**

O professor eventual passa o conteúdo que ele domina. O eventual trabalha a formação dele. Se ele é professor de Educação Física, ele vai trabalhar relacionado a Educação Física. Esses dias, tinha uma professora de Língua Portuguesa aqui e ia ter uma atividade de arte e o professor de Artes faltou. Final de bimestre. Ele deixou a atividade, os alunos já estavam sabendo o que era pra estar terminando e essa professora de Língua Portuguesa trabalhou essa atividade que o professor de Artes deixou porque ele precisava concluir o trabalho. Não é sempre. Mas quando o professor deixa e tem o eventual a gente faz assim, senão trabalha a disciplina dela. Se ela é professora de Língua Portuguesa, ela trabalha relacionado a Língua Portuguesa ou as questões interdisciplinares, questões ambientais, políticas, temas transversais. O eventual é um professor da rede, está inscrito, passado por mim, cadastro feito aqui na escola porque no eventual a competência é do diretor. Eu tenho um professor que vem aqui, ele está inscrito na Diretoria [de Ensino] e insiste pra ser eventual aqui, mas eu já o conheço, já tive problemas sérios com ele dentro da escola. Então, eu não aceito. Ao invés de melhorar, vai me dar mais trabalho. Ele fala:

– Porque você não quer?

– Você sabe e eu também. E é a minha competência aceitar seu cadastro ou não. Então, vai fazer cadastro em outra escola, aqui não.

Tem um professor eventual [diz o nome do professor eventual] no período de manhã, que toda manhã ele está aqui, tendo faltado um professor, ele já vem. Se não faltar ele também fica, mas todo dia falta alguém. A mesma coisa com outra professora [diz o nome da professora eventual] que todo dia tá aqui. Ela tinha que ter concluído o estágio também e ela está inscrita como eventual. Então, toda tarde ela está aqui. Temos ainda pra quem quer ser voluntário. É um temo de voluntariado. Temos a pasta de voluntariado, pode vir, pode cobrir, faz o cadastro, tanto pra ficar junto da secretaria, quanto pra sala de aula, pra sala de leitura.

[Profa. de Artes bate na porta, pede licença e diretora fala:]

- Oi [diz o nome da professora] pode falar rapidinho por favor?
  - [diz o nome da diretora] é o seguinte: Eu tenho Conselho [de alunos] quarta, quinta e sexta. Posso não vir na terça porque meus dias são terça, quarta e sexta?
  - Aí troca. Pode, pode. Você não tem a oitava, né?
  - Tenho.
  - A oitava é sua, então que dia é o Conselho da oitava?
  - Acho que é na sexta.
  - Precisa ver com certeza porque ela [apontando] precisa vir no Conselho.
  - Aqui é sexta, sétima e duas oitavas na sexta-feira.
  - As duas oitavas são na sexta-feira a partir da segunda aula ou tem alguma sala antes?
  - Eu não sei nem o horário.
  - Está lá o quadrinho, na lousa, vê pra mim [diz o nome da professora], por favor?
- Volta dali meio minuto.
- É isso mesmo. A partir da segunda aula.
  - Na sexta-feira as oitavas séries?
  - Isso mesmo. Só as oitavas. Segunda e terceira aulas.
  - [diz meu nome] é uma pesquisadora e está fazendo o doutorado, né? E ela vai estar no Conselho com vocês, tá bem?
  - Bem com as oitavas?
  - É que ela trabalha com eles. O trabalho de História é com eles. Agora eles já identificam ela [aponta pra mim], já sabem quem ela é.
  - Então, segunda e terceira aula.
- Vira pra mim:
- Começa as dez pra uma.
  - Creio que as dez pras duas?
  - Ah sim, treze e cinqüenta.

### **A escola costuma organizar passeios em museus e exposições interativas?**

[Esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola]. Em relação aos passeios funciona assim. A Secretaria de Educação para todas as escolas, ela montou um programa que chama “Cultura é currículo”. Tem no site da educação da Secretaria de Educação [O programa Cultura é Currículo, desenvolvido pela Secretaria da

Educação em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) leva alunos de escolas estaduais da capital e região metropolitana a visitas gratuitas em centros culturais, parques, museus, teatros, entre outras atividades. O objetivo do projeto, realizado desde 2008 com mais de quatro milhões de alunos participantes, é ampliar o aprendizado de estudantes do Ensino Fundamental, Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para além da sala de aula, em ambientes culturais. Para isso, os professores desenvolvem atividades antes e depois das visitas. Fonte: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/cultura-e-curriculo-promove-visitas-culturais-para-111-mil-alunos-da-capital-e-grande-sp>. E ela oferece os pacotes para as Diretorias [de ensino]. São noventa e uma diretorias [Diretorias de Ensino] no Estado de São Paulo. Sei desse número porque fui supervisora, já trabalhei na Secretaria [risos]. As diretorias [Diretorias de Ensino] recebem uma quantidade de passeios proporcional ao número de escolas. A nossa [diz o nome da Diretoria de Ensino] tem [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] escolas. A Sul-três tem cento e vinte escolas. Então, quem recebe mais? A Sul três, né? Então, é proporcional a diretoria [Diretoria de Ensino]. Aí a diretoria [Diretoria de Ensino] recebe esse pacote já feito pelo Governo do Estado, por exemplo, com o Museu do Futebol, com Casa da Cultura não sei da onde, com algumas exposições que vai ter no Ibirapuera, Museu da Língua Portuguesa. Tem outro que eles vão muito que é o Catavento. Vão muito no Catavento porque o Catavento tem aqueles setores, né, pra cada série. Eu adoro, porque ele [Catavento] tem uma organização própria. O ônibus vem buscar e o lanche é dado por eles. Então, tira do diretor aquele peso. Você tem que contratar o ônibus, o dinheiro vem na conta [inaudível]. Não. É o melhor, o melhor é o Catavento. Na minha avaliação deveria ter outros projetos em São Paulo nesses moldes. Vou pegar a Casa [Museu] da Língua Portuguesa lá na Pinacoteca. Toda vez que vai pra lá é uma dor de cabeça. Você tem que contratar ônibus, o dinheiro vem na conta, aí você tem que fazer a prestação de contas, você tem que comprar o lanche [inaudível]. Não tem uma estrutura, mas deveria. E é competência do Governo do Estado, da Secretaria da Cultura. Só continuando o caminho. A nossa diretoria [diz o nome da Diretoria de Ensino] recebe um pacote de “Cultura é Currículo”, ela [Diretoria de Ensino] distribui entre as [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] escolas, aqueles que são mais voltados pros cursos de primeira a quarta, quinta a oitava e o ensino médio, tá. Outra, nós não precisamos ter prestações em atraso porque vem a visita e vem o dinheiro pra contratar

o ônibus e o lanche. Só o Catavento que sai fora um pouquinho, aí é distribuído de forma mais proporcional, porque ela não depende de dinheiro. Agora as outras todas dependem de dinheiro. Se eu tiver prestações e por algum motivo que voltou isso e aquilo eu não recebo. Então, quando a diretoria recebe o pacote, estou falando porque eu já estive lá, aquelas que já têm finanças em atraso já são cortadas, tá. Aí as que não tem é distribuída de forma proporcional. O dinheiro vem na conta da APM [Associação de Pais e Mestres] e a escola tem que organizar três orçamentos de ônibus, tá, três orçamentos de lanche, as autorizações, professor e coordenador, tem que fazer isso e não pode ir mesmo de vinte [20] alunos, de preferência uns quarenta [40] alunos, tá. Isso é o que acontece. A escola pode fazer passeios internos? Pode. Então, tem que ter um projeto pedagógico, com objetivo, metodologia, tal certinho, se vai precisar de dinheiro, quanto de cada aluno, tá, tudo certinho pra contratar o ônibus e aí por diante. Manda pra diretoria [Diretoria de Ensino], tem que ser com mais de quinze [15] dias de antecedência para ser homologado. Não pode sair aluno da escola pra passeio, se não tiver o projeto homologado. No projeto tem que ter quem são os responsáveis, se vai ter dinheiro, como que vai entrar, quem vai coordenar, pra onde vai, o percurso, tudo certinho. Nós já fizemos vários, tá. Agora, ultimamente é que não tem tido porque o “Cultura é Currículo” tem aumentado muito. E quando tinha a Estação Ciência deu pra levar todas as séries [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola].

### **Os alunos têm participado das atividades do grêmio recreativo e rádio na escola?**

O rádio na escola começou esse ano graças a um projeto que a gente também fez adesão em 2009. Esse projeto funcionou em 2011 e 2012, que chama [Programa] Mais Educação e é do governo federal e veio uma verba que podia comprar esse tipo de equipamento [O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao Programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de



mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Fonte: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16690&Itemid=1113](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1113)]. Não tinha um espaço e pra eu conseguir, eu diretora, colocar naquele espaço ali na sala da coordenação e vice-direção, teve gente que brigou comigo, falou que não ia mais ficar naquela sala, que ia virar uma baderna, que onde fica a gente [equipe gestora] não pode ficar aluno. Falei: – Gente, eles são gente. É só a gente trabalhar. Não deixar ficar mais que dois. Aí aquele que foi mais adepto foi aceitando a idéia, tal, tal. Olha, o dia que a vice-diretora e a coordenadora [diz o nome de ambas] eu não imaginava. Elas foram as duas piores. Diziam: – O que? Botar aparelho de som pra aluno aqui dentro? Eu não esperava delas e disse: – Vocês me surpreenderam. Aí elas falaram: – Tudo bem. Você venceu. Olha lá, tá funcionando [risos]. A hora que chegou o aparelho e que eu levei e pus lá, só eu sei. Deveria ter gravado e filmado porque contando hoje ninguém acredita. E aí foi, olha, acho que tem mais de um mês que aquilo está funcionando. O intervalo é outro intervalo. No período da manhã, que é o jovem, só ensino médio é outro, outro intervalo [repete]. Nem se compara. Tem vezes que tocam algumas músicas, você vê gente dançando aqui, gente dançando dali, cantando junto, né? Esse monitoramento está ainda muito difícil, pra não tocar muito funk que agitam muito. Os funks que denigrem a imagem, falam algumas coisas. Eles adoram funk, adoram.

Sobre o grêmio recreativo, quando eu cheguei aqui, tinha um movimento muito tímido. Aí teve uma mudança na equipe gestora porque o que eu tinha aqui, dois optaram pra ir pra outros lugares, um foi pra Secretaria de Educação e a outra quis retornar pra sala de aula, né. Essas outras pessoas que estavam comigo acabaram intervindo muito junto aos alunos pra montar o Grêmio e acabou fazendo isso de forma muito incisiva e um grupo de professores que eu tenho aqui não aceitou e fez a denúncia na diretoria [Diretoria de Ensino], que foi manipulado pela gestão, usou bem esse termo. É um grupo liderado por uma professora do período da manhã. Disseram que o movimento do grêmio tem que ser do aluno, mas o que a gente ficou sabendo é que o Grêmio anterior, ela que tinha feito a orientação. Então, o que aconteceu, o Supervisor [de Ensino] veio, como a gente tem representante de classe tornou inválido a eleição e aí destituiu o Grêmio. Agora este ano, o coordenador [diz o nome do coordenador] conduziu, mas, assim, deixou eles [os alunos] irem mais sozinhos e está funcionando. Ainda faz reunião, chama, mas eles estão caminhando mais com as próprias pernas.

Todas as atividades que é após o intervalo que a gente fez de música, de jogos, foram organizados por eles. Já teve vários até agora. Teve com música, com jogos. Agora no mês de junho teve dois dias após o intervalo, né. Eles se organizam de todos os anos. Eles vão para a quadra. Teve ping-pong. Teve vídeo. No Conselho de Classe [e Série] passado, todos os dias teve sessão de cinema programados por eles. Eles traziam os vídeos, cuidavam lá, tal. Agora nesse último parece que não estão muito envolvidos porque depois saem de férias, então, eles querem ir embora.

### **Como você vê o uso disseminado de aparelhos como fones de ouvido e celulares em sala de aula?**

Nem todos têm Internet, né [acesso pelo celular]? Com isso tudo, o governo tem uma lei, uma lei [repete]. É proibido usar aparelho sonoro em sala da aula. Tem pai que fala assim: – Mas é o único contato comigo, pra monitorar, pra saber onde ele [filho/aluno] está? Na sala de aula, é horário de aula. Esse a gente ainda não conseguiu. Alguns professores conseguem fazer uns combinados com eles mais objetivos, né? Funciona melhor. Você vê na sala, esses dias, tinha um aluno com três celulares. Eu falei assim: – Nossa! Aí ele olhou para o meu [aparelho celular]: – Blu? Falei: – É do Paraguai, comprei na feirinha aí embaixo, paguei vinte conto. Os três [aparelhos celulares do aluno] tudo Samsung e outras coisas mais. Eu falei: – Porque três? Ele disse: Porque esses ainda são de um chip só. Aí eu falei: – Daqui a pouco você vai ter o quarto. Ele disse: – É que eu uso os bônus, isso e daquilo. Eles compram na feira, muda marca. É desta geração.

### **A escola tem site atualizado e está presente em redes sociais?**

[A escola] tem o site, tem o blog, eu que sou mais desatualizada, eu que não acompanho direito, mas o coordenador do ensino médio [diz o nome do coordenador do ensino médio] acompanha bem e tem um ex-aluno que era monitor de informática, ele que continua alimentando. [Diretora levanta-se por alguns minutos para pegar endereço do site e o lê em voz alta]. A parte de história da escola está muito neste site. Temos o facebook também. Esse monitor [diz o nome do aluno] dia sim, dia não está aqui.

Sempre presente com a gente. Terminou o médio aqui. Vive aqui com a gente. É uma pessoa de confiança, uma pessoa responsável.

**Considera quatro aulas semanais de História suficientes para as séries do ensino fundamental?**

Eu falo que ultimamente, em termos de número de aula, eu acho que tá o melhor. De tudo que eu já vivi nesses tempos de escolaridade e de educação como profissional eu já estou a vinte e cinco anos. Esse vai pra lá, vai pra cá, Ciência, História, Matemática, né? Eu acho que deu uma estabilizada. Abriu a possibilidade da gente tirar o ensino religioso, né? Que era um entrave aí nas aulas de História. Tinha que ser separado da História, mas tinha professor que não conseguia separar isso. Quando o professor está trabalhando a História, que ele cai na questão, que muitos movimentos são movimentos religiosos pra explicar, né, a História, ele trabalha. Não precisa, a meu ver, ter ensino religioso a parte. Isso foi uma briga, mesmo sendo católica, né, da Igreja Católica, uma demanda, mesmo não sendo específico de um credo, mas uma coisa das religiões, mas não deve ser, eu não defendo isso de jeito nenhum. Então, era competência da escola, fiz o Conselho [de Classe e Série], nós não temos o ensino religioso. Ele tem no currículo. Foi pra Matemática. Então, agora ficou seis [aulas] Matemática, seis [aulas] Português, quatro [aulas] História, né? Geografia, Ciência, mas fechou bonitinho. Eu vejo, assim, como diretora, uma estrutura até adequada. A discussão que está por vir aí e que eu fico muito preocupada que é por área. Por conta disso, tem isso no Congresso, tem muita gente estudando e politicamente eu acho muito ruim. Vou dizer assim a grosso modo. Por exemplo, assim, no ensino médio... [Duas professoras entram na sala e diretora faz as apresentações]:

– Oi [diz o nome da professora mediadora] olha aqui. Ela é a [diz meu nome] você lembra dela?

– Não, não lembro.

– [Dirige a palavra a mim] Ela é a companheira dela e as duas são professoras mediadoras.

– [Dirige a palavra às duas professoras mediadoras] Ela é uma pesquisadora, né? Ela está fazendo doutorado, é da USP e faz um trabalho com o [diz o nome do professor de História] nas oitavas séries.

- Teve outro professor da USP aqui fazendo outra pesquisa, não teve? [pergunta uma das professoras mediadoras].
- A gente sempre tem. Eu acho que a escola que mais tem estagiário é aqui, né? Uma que eu defendo, né? A questão da pesquisa. Eu sempre fui uma pesquisadora e eu acho que a escola pública é um laboratório. [responde a diretora].
- Eu vim falar da troca porque tem o Conselho [de Classe e Série] de quarta e quinta. [retoma uma das professoras mediadoras] e eu não tenho aula na quinta, e a prioridade é o professor estar presente, se a gente faz aquele mesmo.... eu lembro você na quarta?
- Isso. Por favor. Me lembra então para eu não por falta.
- É porque na quarta eu tenho aula, mas não tenho Conselho, mas eu venho e na quinta eu tenho Conselho, mas não tenho aula. Eu tenho aula na sexta.
- Então você vem no Conselho.
- Eu venho nos dias do Conselho, né?
- Isso. Beleza. Obrigada. Fecha pra mim por favor [diz o nome da professora mediadora].

O currículo já é organizado por área. Tem uma outra referência feita pelo governo federal que chama organização curricular e a organização curricular ela traz que nem a área de Ciências da Natureza, que é Física, Química e Biologia, igual é o Enem [Exame Nacional do Ensino Médio]. Ciências de Códigos e Linguagem, que é Inglês, Português, Arte e Educação Física, né? Ciências Humanas, História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Até então, é assim que organizava as avaliações externas de larga escala, que é o Enem e o Saesp [Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo] também. O Saesp, esse ano, vai ser Códigos e Linguagem, Matemática e Ciências Humanas. Então, terceiro ano do ensino médio vai fazer prova de Português, Matemática e Ciências Humanas que vem questões de Sociologia, Filosofia, História e Geografia. É uma avaliação interdisciplinar ali, né. Ainda o professor de Sociologia comentou: – Será que vem questões específicas de Sociologia? Eu falei: – Professor, eu acredito que não, mas são questões relacionadas a esse estudo das humanas. Ele falou: – É mesmo, né? Ele tá hipercurioso. Ele é novo, interessante, ele não presenciou nenhuma prova de ciências humanas. Então, e isso, tem acontecido discussão até por conta da falta de professor. Por exemplo, você é professora de História, eu sou professora de Sociologia, nós fazemos parte da mesma área. Não tem

professor de História, então quem vai ministrar essas aulas? Posso ser eu, nós somos da mesma área.

**Quando você fala que não tem professor de História está afirmando que isso ocorre de fato ou usou como exemplo para ilustrar o que acaba de ser dito?**

Não, não tem professor de nada. Olha, pra eu conseguir professor de Arte, ainda tá aí, não sabe se vai ficar ou não, é aluno, nunca entrou em sala de aula, tal, talvez fique. A gente tá catando lata. Não tem. Não tem [frisa]. E a nossa escola [diz o nome da escola] é uma escola central, não falta professor aqui. Tem escola por aí que não tem professor. Não tem. Física que é exceção da exceção da área das exatas, pior ainda. Veja os cursos superiores de licenciatura de Física, fecharam. Aí aquele [professor] que fez Matemática, acaba, entre uma coisa e outra, ministrando. Porque ministra? Porque é da área, mas não tem formação nenhuma. Dá o mínimo do mínimo, pega o livro didático e não vai além daquilo ali. Ele é um aluno estudando o livro dentro daquilo ali. Não tem formação nenhuma. Tem essa discussão política até no governo do Estado de São Paulo já teve uma discussão dessa. Eu sei de pessoas que fizeram parte, tem um pessoal que é contra e pra resolver o problema político da falta de professor é uma estratégia. Agora, veja, saiu na semana passada um decreto do governador sobre a formação do professor de licenciatura, incentivar a pessoa a ir fazer licenciatura. Você viu? Esse Secretário da Educação, o Herman [Herman Jacobus Cornelis Voorwald] ele é da Unesp, e ele fala assim: O futuro professor ele precisa conhecer o campo daonde ele vai atuar, né? Que na medicina eles chamam de período de residência. Seria um período de residência. E no período de residência o médico não ganha? Ele é assalariado, ele atua. O decreto caminha mais ou menos assim. Ele [futuro professor] vai ganhar por vinte aulas, escolher uma única escola e pra ele cobrir a falta do professor na sala de aula. Que é o decreto e deve vir agora já pra agosto. Agora, cadê os cursos de licenciatura? Pra suprir eu acho melhor isso do que mudar atribuição de aula por áreas. Nós pegamos aqui nosso caso, temos duas salas sem atribuir aulas de Biologia e de tanto conversar, os colegas, tal, tal, tal, veio o professor e resolveu o problema, né? Mas Biologia, Física e Química é da área de Ciências da Natureza. Se você não encontra professor de Biologia, o de Física vai dar todas as aulas? Sabe é muito complicado isso. Eu acho que tem que segurar isso. Pode ser em termos de avaliação, tudo bem, aí em larga escala é outra

coisa, mas o currículo básico da educação básica tem que ser disciplinar a meu ver. Português é Português. Matemática é Matemática. História é História. Geografia é Geografia, tá. E eu defendo o ensino da História e eu tenho aí uma demanda, a professora minha efetiva de História do [ensino] médio falta muito, os alunos reclamam demais. Ela é ótima. Ela é, como diz, uma história viva porque ela tem muito conhecimento, ela é ótima de memória. Ela dá aula e ela não precisa de livro. Ela tem uma noção do que precisa dar pro primeiro ano, pro segundo e o terceiro, mas qual o problema dela? Ela falta, mas o que ela falta. Aí que eu falo assim o problema dela é pessoal. Pânico. Não construiu a família dela, muito sozinha. Aí, ela e a irmã, as duas optaram por morar em São Paulo, vivem muito sozinha e os pais vieram, os pais morreram. O pai foi o último a morrer, morreu no ano passado. Então, é aquele mundinho familiar. Por mais que ela tenha uma noção global, uma pessoa bem informada, mas não soube lidar com as questões pessoais e aí interfere diretamente no profissional.

### **Considera a História importante na vida das pessoas?**

Fundamental. Eu vi vários professores comentando isso, inclusive em sala de aula, vi alunos que esse movimento de protesto, né? Como ele é significativo pra vida das pessoas. Foi lá na Revolução, em 1932, a gente pega aqui, depois vem outros, o Diretas Já, o Fora Collor, depois agora as reivindicações. Então, faz a gente falar assim: Não, olha, chega, eu preciso ver diferente, então sai daquela mesmice, né? Então, esse movimento histórico eu acho que é muito importante e uma coisa que eu falo assim. Não é só o movimento. É conhecer e conhecer precisa estudar, pra estudar é o conhecimento sistematizado e elaborado que é pra isso que precisa pra escola. Bem, por exemplo, o primeiro ano [do ensino médio] ele vai trabalhar a questão Brasil, depois ele amplia. O terceiro ano [do ensino médio] são questões gerais, mundiais, né. E quem tem que fazer isso é o professor. Então, se não tiverem professores de História, de Sociologia pra instigar esse olhar e essa discussão, que ser humano nós vamos continuar formando, né?

[Comento que uma das perguntas do questionário de perfil discente procurou saber se o aluno conhece a história do bairro onde fica sua escola. Diretora quis saber:]

– Alguém falou que aqui era o caminho dos cavaleiros [Revolução de 32]?

– Ninguém.

– Ninguém? Olha, que coisa. [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] Acho que o professor pode trazer questões mundiais e também questões locais.

Olha, eu peguei uma aula da professora Marcia Added, que era aquela que trabalhava com as oitavas, ela continua trabalhando com um segundo de manhã e uma sala de segundo a noite, que é EJA [Educação de Jovens e Adultos] e dentro do contexto histórico, eu não sei o que ela estava fazendo, mas surgiu a questão indígena. E aí ela perguntou: – O que vocês conhecem da literatura indígena? E ela foi ao lado da lousa e nisso eu cheguei. E aí ela falou assim: – Onde vocês moram? Um mora em Perus, outro é Pirituba. Aí ela falou assim: Por que? Um aluno só destacou, os outros ficaram assim..., né.

[Coordenador pedagógico interrompe para se despedir da diretora e ela diz]:

– Ah, não. Só eu fico. Quero ir também [risos].

– Tudo em ordem?

– Tudo certo?

– Você conhece ela, né?

– Não.

– Você não a conhece, então eu apresento. Essa é a Leandra e esse é o [diz o nome do professor].

[Diretora dirige-se a mim]

– Ele é o seu companheiro de área.

[Diretora dirige-se ao professor]

– Adivinha que área ela é?

– História?

– História e você perdeu essa oportunidade.

– Ela faz pesquisa. Está fazendo o doutorado em História. Aquilo que você caminha ou não [risos]?

[Diretora dirige-se a mim]

– O [diz o nome do professor] é um ótimo professor e pesquisador de História. Tudo que ele fala, ele busca o resgate da música, ele traz essas referências porque ele tem como formação a História, né? Ele vai fazer falar sobre as mulheres ele busca lá em História das Mulheres. E aí pergunta: – Por que ele faz isso? Porque ele tem formação.

E a formação dele é em História. Se fosse a de Matemática jamais [risos]. Então ele busca sempre na História o significado, traz e apresenta.

[Professor dirige-se a mim]

– Você faz doutorado em que?

– Estou fazendo na área de ensino de História e trabalho com literatura como documento.

[Coordenadora pedagógica do ensino médio entra na sala e diretora pergunta]:

– Você conhece a Leandra?

– Não.

[Diretora dirige-se a mim]

– Ela também é coordenadora e os dois são do ensino médio, ela fica mais a noite e ele de manhã.

– Venho às tardes por isso não me conhecem.

– A Leandra é uma pesquisadora. Ela está fazendo doutorado em História e ela faz o trabalho com as duas oitavas. E a vítima hoje sou eu [risos].

– Ela fez observação em sala de aula, já acompanhou o Bruno, fez questionário.

[Professor pergunta]:

– Vai fazer com ensino fundamental?

[Diretora responde]:

– Não. Só com as duas oitavas. Por mais que são oitavas e o mesmo professor, mas o comportamento muitas vezes em relação ao tema de uma e de outra é diferente. As turmas são bem diferentes. O foco dela é Monteiro Lobato.

[Coordenadora pedagógica diz]:

– Então é fundamental mesmo, não é médio.

[Diretora diz]:

– Ela pegou Monteiro Lobato porque é uma coisa assim... como fala, é difícil ter alguém, quando fala em Monteiro Lobato não lembrar do Sítio do Picapau Amarelo.

[Coordenadora pedagógica diz]:

– Pedrinho, Narizinho, bem próximo, ainda próximo deles. As futuras gerações não tanto, mas esses ainda dá.

[Diretora diz]:

– Bom final de semana. Até segunda.



O professor de Matemática vai trabalhar com Lobato também. O professor me trouxe, eu até estou com o livro dele aqui porque acabei de adotar. [Diretora vai a estante pegar o livro] e ele vai trabalhar porque ele comprou, só tem um exemplar, o dele, o livro *Aritmética de Emília*. Esse livro não é da escola. Ele comprou. Ele é aluno de engenharia. Ele vai trabalhar aqui, olha, as frações e ele deixou aqui pra eu reproduzir porque ele acha interessante o aluno ter o material. Como é pouquinho, eu falei: – A gente reproduz pra cada um e aí vai fazendo a leitura porque o objetivo é leitura e interpretação. Então, trabalhar leitura e interpretação com olhar matemático, né. As séries dele são sexta e sétima [do ensino fundamental]. Só que ele é professor de apoio do professor [diz o nome do professor de Matemática] na quinta e nas oitavas. [Comento que vi livros de Monteiro Lobato na biblioteca, tanto edições passadas como mais recentes incluindo uns dez exemplares de *A menina do nariz arrebitado*, da editora Globo, incluído nos kits literários].

**Você se recorda quais foram os títulos literários distribuídos pelo governo para as oitavas nos dois últimos anos?**

No ano de 2012 não foi entregue, mas em 2010, 2011, todos os alunos receberam o kit com três livros de leitura de literatura. É da Lei de Incentivo à Leitura. Projeto de Leitura. Olha, é muito variado. Eu tenho até alguns aqui [diretora dirige-se a estante], mas aí eu já não tenho mais separado por série. Teve uns que eu até marquei como, por exemplo, terceiro ano do ensino médio *Contos Fantásticos* [de Ítalo Calvino]. Então, não tenho todos aqui. Olha, esse [mostra outro livro] da sétima série do ensino fundamental. Então, todos os alunos da sétima série receberam esse daqui. Desde o primeiro ano do [ensino] fundamental ao terceiro ano do ensino médio, todos os alunos receberam um kit de Apoio ao Saber, projeto do Governo do Estado de São Paulo [“Incentivar a leitura, formar público leitor e oferecer acesso a livros é o tripé deste projeto que se destina a cada aluno de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio da rede pública estadual de ensino. Fonte: <http://www.fde.sp.gov.br/PagesPublic/Noticias.aspx?contextmenu=buscaspub&noticia=653>. Em 21 de março de 2014, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, informa por meio de um comunicado em seu site sobre a suspensão “temporária” dos programas de leituras, incluindo o Apoio ao Saber. Fonte:

<http://www.snel.org.br/secretaria-de-estado-da-educacao-de-sao-paulo-suspende-temporariamente-programas-de-leituras/>], não é do federal.

Desde o primeiro ano até o terceiro ano do [ensino] médio todos os alunos receberam os kits [inaudível]. O que sobrou nessa escola [inaudível] eu deixei lá na biblioteca, os que você viu. Tem vários livros, né. Esses últimos que eu acabei pegando, tem da Lygia Fagundes Telles. *A Princesa que Enganou a Morte* [A princesa que enganou a morte e outros contos indianos, de Soni Salerno Forjaz], esse veio no ano passado, mas não pôs a série para quem veio, olha?

## **ANEXO 10**

### **ENTREVISTA COM O PROFESSOR**

#### **Idade.**

Ai [suspira]... 27.

#### **Formação (escolas: públicas, particulares, graduação).**

O [ensino] fundamental fiz no Sesi [Serviço Social da Indústria]. Muito bom. Lá é muito bom. Eu fui muito bem alfabetizado lá porque eu percebo que amigos meus que fizeram em outros lugares escrevem muitas coisas erradas que o Sesi conseguiu ter professores bons. Foi muito bom lá. Aí, depois o colegial eu fiz no ... [sem identificação]. É um colégio de público de ensino médio normal. Professores desestimulados porque os alunos também não querem porra nenhuma também.

#### **Quando concluiu os estudos?**

O [ensino] fundamental acho que foi em 2000, 2001 e o [ensino] médio em 2004.

#### **Você sempre gostou de História? Porque resolveu fazer graduação em História?**

Eu tentei fazer antes Artes, Educação em Artes, mas não deu muito certo. Aí eu demorei bastante tempo, fazendo bicos, uns trabalhos ruins aí.

#### **Trabalhos ruins em que sentido?**

Ah, remuneração nenhuma. Trabalho fixo, tipo telemarketing essas coisas. Aí eu sempre fui um cara envolvido com alguns movimentos sociais. Sempre me interessei um pouco por política, aquele lance história dos vencidos e tudo mais, eu até faço História e dou uma aula diferente das aulas de História que eu tive no meu ensino médio. Eram aulas de História positivista, de decoreba, com datas, heróis nacionais. Ah,

já me interesse pelo assunto, sou um cara que faço História e uma que eu achei errado na perspectiva que eu aprendi. Quero ensinar mais perspectivas pros alunos. Outros lados da História, tal. Mas aí, na real, você chega assim e não consegue fazer nem metade do que você quer. Você acaba dando uma versão da História mesmo e pronto. Aí eu tentei fazer USP [Universidade de São Paulo] várias vezes. Tentei passar umas duas vezes. Aí eu não passei... a prova de Matemática é do caralho. Nunca tive aula de Química na escola. Como é que eu ia aprender Química em um, dois anos pra fazer a prova? Aí fiz na ... [sem identificação] mesmo. Entrei em 2009.

### **O curso é bacharelado ou licenciatura?**

Licenciatura, três anos. Coisa bem por cima mesmo.

### **Você já se formou?**

Peguei uma DP [Disciplina Pendente] e me livrei dela esses dias aí. Concluí agora.

### **A DP [Disciplina Pendente] foi em qual disciplina?**

Prática de Ensino. Coisa mais cretina do mundo.

### **O que aconteceu?**

No último trabalho que eu tinha que entregar, meu grupo me boicotou porque um dos caras do grupo era evangélico e a gente teve uma discussão de religião e o cara foi lá e tirou o meu nome. Aí fiquei de recuperação. Fiz a prova de recuperação e tirei quatro e meio [4,5]. Aí eu tive que cursar mais seis meses do negócio. A última prova foi a mesma prova. Eu respondi as mesmas merdas. Tirei 9 [nove]. Respondi exatamente as mesmas coisas [risos].

**Sabemos que você participou ativamente dos protestos ocorridos no final do primeiro semestre (movimento passe-livre). Você participa de algum grupo social**

**(partido político, movimento estudantil, entre outros)? Costuma levar essas discussões para a sala de aula? De que forma?**

Pra essa escola aqui e pra essas séries não dá pra levar tanto do cotidiano pra eles. Não tem uma idade que eles se interessam muito por isso. Mas em outras escolas que eu dei aula para o segundo e terceiro ano [*do ensino médio*] a gente discutia. Eles se interessavam pelo cotidiano, pelo dia-a-dia, tal. A gente lia coisas no jornal e tudo mais. O meu engajamento nos movimentos sociais, como não sou um cara muito aplicado nos estudos, como não tenho saco para organização hierárquica de partidos, eu sempre me enveredei pro lado do movimento punk. Dentro do movimento punk existem alguns grupos de estudo mais voltados para o anarquismo, outros grupos se mesclam, fazem palestras, debates, participam de várias frentes de luta, tanto de liberação animal até feminismo, passando por tudo. Aí alguns grupos que eu milito e faço parte, tem um grupo que eu ajudo que se chama Red and Anarchist Skinheads ou Rash, que é uma vertente do skinhead voltada para o antifacismo, pra junção aí da convergência entre socialismo utópico e anarquismo.

**Sempre ouvi falar de skinheads versus punks. Como sou leiga no assunto, você pode me explicar melhor sobre esse seu grupo de skinheads anarquistas?**

Isso aí até que está certo. É que é uma parada nova. É gigantesca a história. Você quer ouvir?

**Claro que sim. Vamos a ela.**

Nos anos 50 e no final dos anos 60 houve uma imigração maciça aí dos jamaicanos para a Inglaterra, devido ao desemprego, devido a exploração que eles sofriam da própria metrópole, os caras tiveram que migrar tal como os trabalhadores acompanham o fluxo do capital. O capital quebra um país, ele tem que acompanhar noutro país. São maltratados por isso. Os jamaicanos levaram junto com eles, junto com a mão de obra barata que eles serviam, eles levaram também a cultura musical, de reggae, rocksteady, ska jamaicano e tudo mais [Ska é um gênero musical que teve a sua origem na Jamaica no final da década de 1950, combinando elementos caribenhos como o mento e o calipso e estadunidenses como o jazz, jump blues e rhythm and blues. Foi o

precursor do rocksteady e do reggae. As suas letras trazem sinais de insatisfação, abordando temas como marginalidade, discriminação, a vida dura da classe trabalhadora, e acima de tudo a diversão em harmonia. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ska>]. Aí acabou catando a molecada branca inglesa que trabalhava nos portos, que trabalhava nos centros da cidade pelo caribenho porque é um som muito legal. Aí houve aí uma junção de negros, imigrantes com ingleses, querendo fazer o mesmo tipo de som, mudando algumas coisas [inaudível] dentro do reggae, do rocksteady, são várias vertentes musicais, vertentes musicais negras com uma pitada aí de branquice dos caras. Isso aí virou uma moda gigantesca principalmente em 69 [1969]. Em tudo quanto é show rolava esse tipo de música. Onde você tem mulher, bebida, jovem, trabalhador, revoltado, você tem treta pelas coisas mais banais, desde o cara dando em cima da mulher ou o cara que enche a cara para extravasar e então perde o limite. Algumas dessas baladas que esses caras faziam nesses lugares acabavam estourando grandes brigas, grandes violências gigantescas e a mídia acabou apelidando esses arruaceiros, que raspavam os cabelos, aí tem vários motivos pros caras raspar os cabelos, não tem um motivo oficial e tal, acabaram apelidando esses caras de skinheads. Esses skinheads cresceram em número exponencialmente, assim várias outras vertentes musicais foram criadas em cima desse estilo, do modo dos caras se vestir, do modo dos caras tocar, do modo dos caras se portar. Depois disso aí a gente avança aí em meados dos anos 70 quando surge o punk na Inglaterra, quando o punk é importado dos Estados Unidos e vai para a Inglaterra. Novamente uma crise gigantesca abala a Inglaterra dessa vez, não só a Jamaica. Uma molecada aí sem perspectiva de vida nenhuma começa a tocar música barulhenta aí com mensagens de protestos. Esse pessoal que tocava em bandas ao vivo punks no intervalo dos shows os caras discotecavam as músicas dos skinheads, música com reggae, então rolando a maior junção aí dos punks com os skinheads naquele mesmo ambiente, sem briga nenhuma a não ser as brigas corriqueiras que tem qualquer movimento de juventude. Como tanto os punks quanto os skinheads cresceram pra caramba, isso chegando nos anos 80 com o aumento da influência do *national front* em vários países, principalmente na Inglaterra, o partido nazista lá, eles começaram a ver que essa molecada tinha um potencial violento muito grande, podiam ser usados como massa de manobra facilmente e começaram a cooptar. O punk tinha aquele proto-anarquismo, falavam de anarquismo na letra, mas não era um anarquismo acadêmico era um anarquismo de revolta quase um nihilismo. Já os skinheads não tinham tanta política na música deles. A música dos caras era tipo música de corno, fala de

amor, algumas sim falam sobre as dificuldades na Jamaica e a discriminação tal, mas não é grande coisa. Então os caras acabaram vendo nos skinheads uma vertente mais fácil de cooptar pra usar no *national front*. Aí pegaram vários skinheads bobões, que agora já estavam com visual mais agressivo, um visual misturado de punk com skin [skinhead], com cabeça raspada, coturno, calça militar e tudo mais e cooptaram para o *national front*. Uma parcela gigantesca, gente pra caramba, fazendo merda pra cacete, acabou se filiando aí a parte de direita do skinhead, uma outra parte se manteve fiéis aí as tradições, meio que em cima do muro, só queria saber de ouvir música, só queria sossego e uma outra vertente do skinhead não querendo deixar o nome de um estilo que nasceu da união de duas culturas, da união de duas [inaudível] de raças, acabou pegando o lado contra a direita, acabou se criando alguns partidos de esquerda, partidos comunistas da França e outros lugares e alguns caras anarquistas também, eles fizeram um grande grupo chamado Rash, outros grupos chamados charques também.

### **O seu grupo é o Rash [Red and Anarchist Skinheads]?**

Eu ajudo os caras. Estou sempre no negócio, mas como não sou skinhead, faço parte do suporte que eu dou pros caras aí. Esses grupos aí se espalharam pelo mundo inteiro e até hoje se digladiam, mas o que acaba se destacando é a violência do nazi [nazismo]. Já me estendi demais né? Quer que chega a parte do Brasil? Aí quando o punk chegou no Brasil nos anos 80 veio tudo misturado. Não tinha Internet, o correio era difícil de chegar, as informações pros caras lá já eram difíceis, quando chega pro Brasil, o cara não sabe nem ler, não sabe porra nenhuma, tinham que estudar pra caralho. Então, tinha muita gangue punk no Brasil, mas eram somente gangues de violência. Aí tinha uma gangue punk que... [faz pausa] como era o nome dos caras? Era um nome ridículo: moicanos rebeldes. Esses caras eles foram pilantrados por todas as gangues, todas as gangues batiam nos caras, roubavam os caras, sacaneavam por sacanear. Esses caras pegaram um ódio tremendo, ficaram na cadeia um tempo amargando lá: - Ô meu, quando eu sair da cadeia, a gente toma a banca e vai acabar com todas essas gangues punks. Os caras juntaram uma banca pra acabar com os punks: Mas já que a gente vai bater nos caras, nos punks, a gente não pode ser mais punk e o que é que tem aí que a gente ouve também? Aí junto com discos punks chegaram alguns discos de bandas de skinheads tanto da direita quanto bandas de skinheads da esquerda que eram produzidas na Europa. Os caras misturavam tudo lá. Misturava tanto bandas

que falavam de Hitler, quanto bandas que falavam de flores ... [inaudível]. Os caras fizeram aquela salada mista lá. Os caras misturavam tudo e eles viram o visual dos caras na capa dos discos. Skinhead para cá, skinhead pra lá. A gente vai ser skinhead. Vamos ser os skinheads do subúrbio. A gente não é brasileiro? Vamos colocar: carecas do subúrbio. Aí os carecas do subúrbio eles queriam fazer tudo ao contrário do punk. Eles tinham deixado o punk, tinham virado skinhead. Os punks são anarquistas e o que tem aí? O nazismo. Ah, vamos ser nazistas. Viraram nazistas um bom tempo e aí perceberam que eles eram negros: Pô, mas isso aí não tá direito, né [risos]? Então, o que é que tem mais próximo aí: Ah, Integralismo, nacionalismo, qualquer coisa que ficava contra os punks os caras faziam. E aí ficou muito tempo esse ranço aí de a gente identificar os skinheads com os carecas porque eles eram os únicos caras que se proclamavam skinheads. Final dos anos 90, 2000 aí, começou a chegar outros grupos, outras pessoas que viajavam pro exterior, traziam fanzines de lá ... [inaudível]. Foi surgindo uma nova leva de skinheads realmente engajada em alguma outra coisa. Mas o que fica mesmo é a marca: de punk contra skinhead, tipo de bem contra o mal.

**A propósito você toca algum instrumento?**

Não. Sou descoordenado.

**Pode nos contar um pouco mais sobre sua trajetória profissional?**

Vixe... dei aula numa escola no Rio Pequeno, que nem me lembro o nome, fiquei pouquíssimo tempo lá.

**Quanto tempo você tem de magistério?**

[faz pausa]

**Você começou a lecionar quando na rede pública estadual?**

[segue em pausa]

**Você se recorda?**



Acho que comecei em 2011, mas sempre picadinho assim.

**Você está desde quando nessa escola?**

Nessa aqui... três meses, quatro. Não tenho noção de tempo nenhuma [risos]. Dei aula no [diz o nome da escola] acho que uns cinco meses [antes da escola atual].

**Atualmente você dá aulas em outras escolas também?**

Só nessa aqui.

**São quantas aulas?**

Dou vinte e duas [22] aulas.

**Em que período?**

Só a tarde. Agora vou pegar de noite porque terminei a faculdade.

**Comente sobre a estrutura desta escola.**

Aqui até que é bom. Tem um auditório de filmes, coisa que não tem lá em outras escolas. Não tinha nada. Na escola onde eu dei aula não tinha nada, não tinha nem projetor para você passar. Nada, nada. Ah, é que é assim, podia melhorar a fachada do local, né? Porque eu acho que o ambiente tem reflexo muito grande nos alunos, né? Se você é jogado em um lugar que é quebrado, que não tem manutenção, o cara vai pichar mesmo. Isso daí vai pô: Olha o lugar que eu tou [estou]. Se eu tou [estou] nesse lugar aqui ó, olha o que a vida me reservou, onde eu fui parar. O cara não consegue sentir motivação pra organizar suas próprias coisas. Seu material vai ser reflexo do ambiente que você está fazendo. A mesma coisa o professor. Você vai fechar uma porta, que não tem nem porta cara? Gastei mó grana com a faculdade e o que o Estado me reserva é um negócio todo depredado. Aí entra o caso que aqui é tombado. Vai se fuder, né? Quer tombar um negócio zoadado, quebrado, não dá né.

**Por ser novato, como é que você está se sentindo no magistério? Você se vê nessa carreira futuramente?**

Não tenho muitas perspectivas de enriquecimento. Por exemplo, arrumar um emprego e ganhar dez mil reais por mês, de não sei mais o que lá. Fiz a faculdade e eu gosto de dar aula.

**Você gosta de dar aula?**

Eu gosto. Acho legal. Tem umas coisas que me irrita, né? Mas todo trabalho tem coisa que irrita, senão não se chamava trabalho, né? Era prazer. Mas eu me vejo envelhecendo e enchendo o saco dos alunos, mas eu me vejo envelhecendo em um colégio da Prefeitura, que ganha mais, dando uma aula em um colégio particular.

**Qual é seu contrato atual de trabalho no Estado?**

Sou professor [categoria] O.

**Categoria O é o professor temporário, certo?**

Aquele que o governo não renova o contrato para não ter que pagar férias, etc.

**Quais são os motivos do mau desempenho dos alunos do nono ano do ensino fundamental desta Escola no Saresp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), classificando-a como prioritária ou abaixo do nível básico?**

Eu costumo fazer pergunta na prova com a resposta do enunciado da pergunta embaixo até o cara ler os dois enunciados que ele [aluno] sabe a resposta da pergunta que está em cima [inaudível] e o cara não consegue entender, meu. Eu acho que é cultural. Eu acho que é uma geração que quer tudo rápido, que não tem paciência de sentar. A escola é um modelo vencido. A escola não comporta mais o tipo de aluno que tem. A escola tem que se reinventar. É a mesma estrutura francesa de séculos atrás. Não

tem mais diálogo entre professor e aluno. Precisa ser um gênio para conseguir reinventar, mudar isso. Eu acho que esse modelo funcionaria num período de ditadura, em que o aluno deve se submeter ao professor. O professor é uma autoridade e não dá um pio na sala. Aí não funciona. Agora, colocando no mesmo patamar, não que isso seja ruim, é excelente no mesmo patamar professor e aluno, mas não comporta mais. Os caras [os alunos] são muito mais ligeiros, não têm paciência e eles vêem coisas que vão ser útil pra eles. É a mesma coisa que eu olhava pra, por exemplo, uma aula de Geografia, uma aula de Física: Pô, essa merda vai servir pra quê pra mim no futuro, meu?

### **Como, então, você procura se “reinventar” por meio das aulas de História?**

Como eu não sou um cara muito inteligente ou muito criativo, eu tento passar um filme. Eles [os alunos] são criados pela TV [televisão], então uma tela falando alguma coisa é melhor do que um cara que eles vêem três vezes por semana. Pô, é uma TV. É a coisa que eles mais vêem na vida. Se o cara da TV tá falando vai entrar mais fácil no cérebro deles do que eu discursando durante quinze [15] minutos. Eu tento não ser tão rígido, eu falo palavrão, tiro sarro pra que eles se soltem e se interessem. Mas, mesmo assim não funciona. Eu acho que pra melhorar eu acho que tem que ter interpretação de texto, mas interpretação de texto o cara só vai gostar se ele descobrir o livro que ele gosta de ler. Não esses livros aí de Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular], que o Estado empurra de autores clássicos que, cara, não representa porra nenhuma pra eles, pra mim também não representa, muito menos pra eles. Alguns livros que seriam interessantes pros caras, pra eles pegarem o gosto de leitura dos pais e da criança também, eles têm que ter o costume de ler. Não adianta nada você cobrar do seu filho leitura, cobrar que seu filho vá bem, se na sua casa tem o quê, mano? Uma bíblia que é um pé no saco de ler e a porra de uma lista telefônica. Se o moleque não for cercado, se o livro não tiver à disposição para ele alcançar na casa dele, esticar o braço pra pegar alguma coisa pra ler, ele nunca vai se interessar mesmo, vai ser uma tortura. Acho que a única maneira de mudar é estimular a ler alguma coisa legal, assim.

**Como você vê o uso de imagens no ensino de História? O trabalho com imagens exige algo diferente quando comparado a outras formas de ensinar História a partir de outros documentos?**

Tirando a parte de documento histórico se tivesse um projetor em cada sala ia ser legal, né? Colocar imagem a aula inteira porque faz a pessoa assimilar você falando e vendo e tem vários detalhes. Dá pra você discutir em quadros aí, explicar sem ficar recorrendo ao livro. É mais trabalhoso pro professor, vai dar mais trabalho. O cara vai ter que preparar mais coisa em casa, vai ter que ver as imagens, vai ter que aprender coisas que não sabe porque tem muita coisa de História da Arte, Semiótica aí, tudo mais. É mais fácil pro professor se acomodar, pegar a porra do livro, ler e fazer o mesmo negócio. Eu acho bem mais interessante, bem mais dinâmico se pudesse utilizar, se tivesse disponível a mão um projetor pra você passar imagem, ampliar documentos históricos, tal, mas você tem que ficar reservando sala, não tem como, né?

**Porque você evita o uso do livro didático em sala de aula? Considera a abordagem e os conteúdos inadequados?**

Na verdade, como tenho pouca experiência, nunca testei ir pelo livro didático. Eu sempre, minhas aulas sempre foram expositivas. Primeiro, minha letra é horrível [risos]. Segundo, cara, você ficar passando texto na lousa? O moleque já tem o livro que já está com o texto. Ficar passando o texto maciçamente os caras vão aprender a copiar, eles nem lêem. Eu faço uma coisa na lousa pra eles copiarem: - E aí? O que você copiou? Eles nem vão ler aquilo lá. Serve só pra dar um visto no caderno, pra passar um pano pros pais. Pro pai quando [o filho] chega da escola: - Olha como meu filho tem coisa no caderno. Não serve pra nada. Se for pro cara ler o livro didático, ele [o aluno] lê na casa dele, meu? É melhor ele prestar atenção no que o professor vai falar alguns outros detalhes, vai simplificar a linguagem do livro, vai contar algumas coisas mais interessantes, vai pular algumas partes que não tem necessidade do aluno saber. Tem coisas que é [são] extremamente inútil [inúteis] pra criança aprender. Só vai confundir a cabeça dela e não serve pra nada. Eu acho mais fácil você aprender com o professor. Vai estar lá, fala meu. Eu acho assim, eu nunca tentei ir pro livro didático e também acho que nunca vou tentar porque não sei eu acho a aula expositiva mais bacana, mais dinâmica. Os alunos reclamam, mas acho que é porque eles também são adestrados a ficar copiando: - Mas você não passa o texto na lousa? Mas justamente você tem que prestar atenção na aula. Olho na aula, cara? Quando você chegar na faculdade, ninguém vai ficar passando as coisas não mano, já aproveita agora.

**Na sua opinião, quais são os elementos fundamentais na construção do conhecimento histórico pelos alunos? Por que?**

Vixe, aí a coisa é complexa. Acho que o inicial é esquecer que História é uma coisa do passado. Os caras produzem História o dia inteiro. Desde a roupa que eles usam, dos e-mails que eles escrevem, das porcarias de músicas que eles ouvem. Isso aí é tudo documento histórico. Os caras têm que entender que todas as coisas que a gente sabe de texto que a gente passa pra eles, que a história é adquirida através dos rituais das pessoas, do que as pessoas foram deixando, dos vestígios, tal. Tudo é História. História atual, do mundo, é que eu não sei, talvez por causa do currículo ou o ano que eles estão, a gente tem que ver a História lá atrás, tal. Talvez não seja tão atrativo pra eles. Acho que eles não conseguem ligar as conseqüências que tem, sei lá, [ano] 1.500 com as condições que o Brasil tem hoje em dia. Acho que é um pulo muito grande. Mas acho que seria o primeiro fazer a pessoa entender que tudo é História, tudo que ela produz é História e pode ser utilizado como um documento. Mas acho que isso só quem se interessa é realmente quem gosta de História. O aluno que está mais pra exatas, o máximo que a gente pode fazer é despertar sei lá, umas pequenas curiosidades, fazer com que ele saiba dos fatos mais importantes.

**Você usaria Literatura pra ensinar História?**

Usaria. Se eu tivesse mais conhecimento de Literatura eu usaria.

**Por quê?**

Ah, é cativante. Alguns textos são bem cativantes. Depende da maneira como o professor lê, a entonação, você acaba cativando a pessoa. Por exemplo, dei uma aula na outra escola lá que a professora deixou pra eu dar sobre diversos tipos de socialismos. Aí eu li um texto de Proudhon [Pierre-Joseph Proudhon]. Aí eu li direito, não li como aquele professor morto que lê de qualquer maneira, li entonando e tal, tal. Os moleques gostaram, cara. Pediram o texto depois pra ficar com eles. Bateram palma a turma toda. Passei algumas frases de Simon Bolívar antes e depois. Aí os caras gostaram, a gente comparar, tal. Mas de novo, é outra coisa que dá trabalho e exige conhecimento talvez

eu não tenha tanto conhecimento de Literatura assim e, portanto, eu não preparo minhas aulas em cima desses textos. Mas acho do caralho.

**Para você, qual é a importância da História na vida das pessoas e da sociedade?  
Para que serve a História?**

A História serve para a gente perceber que a gente é uma continuação das pessoas que viveram atrás. A gente é uma continuação da humanidade. Sem querer usar o termo evolução, a gente é tudo fruto do que viveu no passado e vai continuar produzindo as mesmas coisas. É uma forma de olhar um espelho perverso seu. Você olha os caras do passado, cometeram a mesma cagada de sempre, as mesmas coisas.

**Como o professor se insere nesse processo?**

Ah, o professor acho que insere com um cara que faz a primeira bosta da matéria. Outra coisa que dá pra fazer é você apresentar a matéria pro aluno falar mais ou menos o que você acha. Tentar despertar o interesse do aluno. O aluno que vá atrás do outro conhecimento, de se aprofundar, tal. Acho que a pessoa que primeiro apresenta um fato que talvez o aluno desconhecia.

**Na sua opinião, o ensino da História precisa melhorar? Em que sentido? Como você vê as discussões sobre possíveis medidas que serão adotadas pelo governo federal com relação à História e ao ensino como um todo? (O governo federal propõe que o professor trabalhe por área, tendência seguida pelo governo estadual. Por exemplo, Ciências Humanas – História, Geografia, Sociologia e Filosofia; Ciência da natureza – Física, Química e Biologia; Códigos e linguagem – Português, Artes, Inglês e Educação Física).**

Na minha faculdade, os caras falam muito de interdisciplinaridade, não só nas aulas de Sociologia, mas Geografia: - Vamos montar um plano juntos, que beleza, as matérias conversando, olha alguma coisa combina aqui, mas o que o governo tá fazendo é, meu, sucatear, cara. Eles sabem que não vem muito professor por causa das condições que são ruins, precárias e põe um cara de outra área. Eu já dei aula de Geografia e me senti um canastrão, cara. Consegui ficar três aulas. Eu pegava as coisas para ver, ia

embora, ainda que eu saiba razoável de geopolítica, não fui formado naquilo, não tenho tanto conhecimento e riqueza de detalhes que o professor de Geografia que ficou quatro anos vendo aquilo. Eu me sinto um paspalho, eu me sinto enganando os alunos. Os alunos são os meus clientes, se eu não posso dar o melhor para eles, eu prefiro ficar em casa fazendo nada ou, senão, quando substituo, simplesmente faço porra nenhuma porque falta professor pra caralho, véio.

### **Você já deu aula de outras disciplinas?**

Português, Inglês. O que eu sei de Português, se eu falo tudo errado? O que eu vou explicar para eles, cara? E os alunos não são tontos, eles percebem quando você não sabe as coisas. Aí, quando falta um professor, eles entocham texto na lousa lá para enrolar, mas aluno saca que você não manja do negócio. Aí fica feio pra você, fica ruim pro aluno, fica ruim para todo mundo. E o governo só está preocupado mesmo com Português e Matemática, que são as básicas das provas [Saesp, etc] de onde eles tiram os pontos mirabolantes para falar que a educação está melhorando. O resto, de Geografia, História, Ciências Humanas, que são áreas que tem aquele chavão no livro: “Pretende formar o cidadão crítico”, como se fosse responsabilidade do professor e não responsabilidade da sociedade inteira, os caras não discutem nada porque pra mim eu acho que não é interessante montar aula de Geografia falando aí sobre o governo do PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira], aula de História mostrando a seqüência de roubalheira que se perpetua desde daí a ditadura, tal. É mais fácil Português e Matemática. Os livros que os caras querem eles dão. O governo faz os livros clássicos e Matemática que você precisa raciocinar.

### **Considera o número de aulas de História, quatro, suficiente para o ciclo fundamental II?**

Estou tão por fora dos negócios, parece que agora eles [governo] querem reduzir em vinte e cinco por cento [25%]. É filhadaputagem, né? Se na ditadura eram matérias proibidas, né? Novamente é uma maneira de esconder, de jogar coisa pra debaixo do tapete de novo. A escola serve a uma instituição, serve ao Estado. Toda escola tem um discurso então aí do grupo de interesse por trás há um grupo de interesse por trás. É o discurso do que o Estado quer, ele [Estado] quer disciplinas que forme um aluno que

faça contas, não que..., que não desenvolva reflexão, sei lá. Eu acho isso cara. Pode ser que eu também esteja sendo muito clichê, tal. Pra diminuir, tem pouca aula, é uma merda já. Eles enfiam em algumas escolas aí ensino religioso. Por que não tira isso daí? Não bota mais História?

**Você segue o currículo próprio da escola? O professor tem de cumprir os conteúdos exigidos pelo projeto pedagógico da escola? Começamos falando sobre a orientação dada ao professor sobre uso de material didático.**

Como é o nome daquele negócio L...N...? Aquela apostila do Estado. Aqui nunca ninguém sentou pra me falar: - Olha aqui você tem que fazer isso, isso, isso, aquilo. Eu não senti essa pressão nesta escola do cara falar: - Você tem que passar tal conteúdo, tal conteúdo. Mas no começo aí do semestre a gente tem que fazer um documento das matérias que a gente vai passar, das habilidades que a gente quer da competência dos alunos esse tipo de coisa e teoricamente tem que se cumprir esse negócio que você assinou aí com o coordenador e o diretor assina por cima. Mas eu nunca senti uma pressão na minha aula: - Você está fora de tal coisa, você tem que fazer tal coisa, mas você tem que seguir a cartilha que o Estado manda, né? Porque depois querendo ou não vai ser cobrado do aluno esse mesmo conteúdo nas provas que o governo aplica aí.

**Quando você faz sua sugestão de conteúdo você usa o documento base do governo?**

Você tem que usar o livro base deles lá que eu nunca vou lembrar o nome, apesar de ter feito um milhão de trabalhos sobre isso. Bom, lá faz uma espécie de coloque em ordem os conteúdos que você tem que passar e os conteúdos que vão ser cobrados em cada prova por série. Tem uma apostila que você tem que seguir, mas você é livre pra você dar o conteúdo que você quiser, porém você sabe que se você não der o conteúdo que o Estado coloca programado você vai prejudicar os seus alunos no final porque eles vão prestar as provas e vão ser cobrados os conteúdos que o Estado te deu, né?

**Você acha que essas diretrizes ajudam no trabalho, dão um norte ao professor?**



Quem faz essas diretrizes não foram os professores que dão aula no dia-a-dia, né? São algumas pessoas escolhidas a dedo, com os interesses delas, com a formação que elas têm, então, algumas coisas não se aplicam no dia-a-dia na sala de aula. Se fosse uma coisa feita do professor pro professor, que também seria uma coisa muito difícil de organizar, acho que seria mais justo, mas acho que não é um problema na minha aula. No meu caso também, eu não fico preso. Eu uso pra me nortear, assim, mas quando vejo que é uma coisa que não vai funcionar em sala de aula, eu pulo.

**Considera que intervenções como a que eu propus em sala de aula podem ajudar no trabalho do professor?**

Porra. É o que mais ajuda porque desperta o interesse do aluno, quebra a rotina na sala de aula, não fica aquela coisa maçante do cara ficar falando, ficar copiando o texto. Você vê na cara do aluno que ele, tirando esses [alunos] daí que não querem nada, quando corta a rotina, é sempre bom quando corta a rotina. Acho que é a melhor coisa quando você apresenta um material novo e uma nova forma de apresentar o conteúdo é sinal de que é sempre bom. Se eu tivesse o mesmo conhecimento de Literatura para cada tema que eu abordo, faria a mesma coisa. Aliás, principalmente com texto, já que os alunos, pelo menos daqui, não conseguem interpretar nada, não tem conhecimento nenhum. Mesma coisa seria fazer com obra de arte, mas daí precisava ter equipamento na sala e tudo mais. Ter projetor em sala de aula é o básico. Isso é bom.

**Para você, o que foi mais marcante no período colonial brasileiro?**

A base do sistema que é escravista. Acho que o que salta mais aos olhos é a condição do escravo nesse período. O mais marcante é a organização de trabalho porque além de mexer na economia tal, ainda mexe com o cotidiano de quem morava na época, né? daquelas diferenças entre escravo e senhor.

**Nas aulas, quais são os temas que mais chamam a atenção dos alunos?**

Os caras gostam de guerra, matança, por exemplo, a Revolução Francesa. A Revolução Francesa eu fiquei fazendo um suspense até decapitar o Luiz [XVI, inaudível], lá. Eu fiquei fazendo um suspense do caramba e os caras [alunos] gostaram:

- E aí? Quando é que a gente vai degolar o rei? Quando é que a gente vai guilhotinar o rei? Matança, desgraça, tortura. É o que os caras ouvem, acho que é por causa da TV [televisão], né? Essas coisas.

**Qual é a sua visão (representação) sobre os índios no período colonial?**

No período colonial ou hoje em dia?

**Primeiramente, ao pensarmos no período colonial, qual representação sobre os índios surge em suas aulas?**

Eles [índios] acabam ocupando nem tanto um papel de destaque que acaba sendo ocupado pelos senhores de engenho e pelos escravos. Acaba ocupando um papel quase que secundário porque você só fala dos índios aí no momento da catequização e da entrada dos bandeirantes, tudo mais, e, depois, durante o período colonial você esquece um pouco dos índios. A não ser que você vai tocar em um assunto bem mais específico. Então, durante o período colonial, pra mim, praticamente, eu acho que eu nem toco muito no assunto, eu acho que eu acabo colocando no mesmo barco assim, quando eu vou explicar escravo, índio e outros tipos de excluídos, tudo no mesmo barco.

**Quando você fala em índio como excluído podemos associar essa idéia ao conceito do “bom selvagem”?**

Do bom selvagem?

**Sim, a figura do índio bom, inofensivo é lugar comum no pensamento e nas obras literárias produzidas na época.**

[faz pausa] É, a não ser que eu toque no assunto e fale: - Também há certas tribos indígenas que se aliaram aos holandeses, que se aliaram aos portugueses. Havia uma tribo contra a outra. Pessoal, os índios não são uma unidade como a gente pensa que é, cada tribo também tem sua diferença, sua diferença cultural e tudo mais. Mas no grande apanhado eu acabo pesando pro lado do bom selvagem também, pra mostrar

mesmo como que foi violenta a chegada do europeu, que não foi uma acolhida tão boa, os caras vieram e foram pra cima.

### **Qual sua representação do índio na atualidade?**

Continua fodido. Continua no limbo aí de aculturar o cara ou de não aculturar. Eles continuam perdendo as terras, os caras continuam pertencendo as mesmas pessoas. Se o cara vai reclamar por terra, além de receber desagravo da sociedade, fala: - Ah, esse cara não é índio, esse cara está vestido, está fingindo, é, os caras [índios] só bebem. Em pleno século 21, além deles serem roubados pelos latifundiários, ainda eles tem um desagravo da sociedade, que deveria ser mais informada, perceber que os caras permanecem aí entre imprimir a própria cultura deles e alguma posição impossível de manter essa troca de cultura, por exemplo, o cara [índio] usar um short, o cara ter um rádio, televisão. É uma sociedade que o cara pra ele ser índio, ele tem que ser purista, literalmente o mesmo desenho que a gente tem aí dos livros didáticos, se não é não é índio. Acho que eu nunca toquei nesse assunto, acho que eu nunca cheguei numa matéria que tocasse no assunto do índio atual. A imagem que tive na minha época de estudante foi a concepção do índio perseguido e também das coisas que eu sempre procurei ler, como eu sofro do mal da esquerda, eu também sempre procuro ler autores que fazem esse tipo de diferenciação.

### **Qual é a sua representação sobre os colonizadores?**

A minha pessoal?

### **Pode ser a sua representação pessoal e também enquanto professor de História.**

Ah pessoal, foram homens do tempo deles, né? Fizeram o que o pessoal da Europa fazia quando estava expandindo aí o mercantilismo, tal. Minha opinião pessoal, assassinos, tais destruidores de cultura, que não respeitava a cultura alheia. Aquele lance do eurocentrismo, a única cultura que presta. Os caras foram lá e dizimaram. O que fizeram com o resto da América Latina, não só no Brasil. Massacres e mais massacres, né? Minha opinião como professor continua sendo essa daí. Toda vez que eu vou pôr os europeus chegando no Brasil, os próprios europeus chegando na América Latina, essa é

a imagem que eu vou passar: os caras vieram e destruíram toda uma cultura que tinha. Dos únicos vestígios que sobraram foram muito poucos, do que eles levaram de riquezas pra Europa. A Europa até hoje em dia continua com o ouro que os caras roubaram da América Latina. A exploração indígena continua a mesma. Acho que essa é a opinião que eu passo. É uma opinião meio rasa aí, maniqueísta, mas é a opinião que eu passo.

### **Os fatos ocorridos no período colonial têm relação com a identidade nacional brasileira?**

Tem. Tem. No caso, até mesmo a repulsa que a gente tem pelas origens que não sejam assim, o cara enche a boca pra falar que é descendente de italiano. O Brasil é uma mistura de raças, europeu, índio, africano. O cara enche a boca para falar que o bisavô veio abarrotado num navio aí, queimar a mão arrancando café, daí quando ele vai lembrar que ele tem o pé na África o cara esquece, ele vai lembrar que ele tem uma descendência indígena o cara esquece também. Então, dá pra traçar esse paralelo aí social de tanto da gente ser massacrado por uma cultura européia, a gente acaba tendo preconceito com a cultura nativa daqui e com outras culturas marginalizadas que vieram trabalhar pra cá, da África, que vieram trabalhar aqui.

### **Para você, o que foi mais marcante na Era Vargas?**

Pra mim o que foi mais marcante na Era Vargas foi a falta de vergonha na cara de falar de que a conquista dos trabalhadores, que levaram a greves, mortes, represálias, prisões, expulsões do País, ao longo de todo um século, foi um presente dado por um estadista. Ah, o cara está concedendo os direitos trabalhistas pra vocês assinarem no Ministério do Trabalho, a Carta de Trabalho. É isso que muito livro esquece que os caras sempre colocam que Getúlio Vargas também foi o cara que ajudou os trabalhadores, mas foi os trabalhadores que fizeram isso daí, através de greve, morte, prisão. Acho que a coisa mais marcante para mim, o cinismo de alguns livros didáticos que eu já li de nem ao menos colocar a organização sindical, organização de trabalhadores como os conquistadores da própria benesse, se é que se pode falar que a CLT [Consolidação das Leis do Trabalho] é alguma benesse pro trabalhador.

**Qual é a sua representação sobre a figura de Getúlio Vargas?**

A minha visão pessoal é a de que ele é um ditador, mas aí há de se fazer um adendo também porque eu acho que qualquer um que se coloque no poder pra mim é um ditador, mesmo eleito democraticamente. Ele como foi eleito democraticamente e fez mais manobras para continuar no poder, então, é um ditador elevado a nona potência. Um fascista, um cara que admirava as doutrinas fascistas do exterior, um cara que não tinha nenhum senso democrático, se é que isso aí pode ser algo coletivo.

**Os fatos ocorridos na Era Vargas têm relação com a identidade nacional brasileira?**

Eu acho que de cultura e sociedade nacional teve o lance da propaganda de vender o nacionalismo, né? Como eles colocaram o chefe da nação que ficava ao lado da bandeira nacional, você criticar o Getúlio Vargas é a mesma coisa que você criticar o seu País. O pai dos pobres. Houve todo um trabalho aí de ufanismo, de transformar a molecada, mesmo na escola, em patriotas nacionalistas para poder linkar o regime junto com um sentimento nacionalista que o pessoal quer. Acho que isso aí mudou hoje. Se a gente tem pessoas hoje em dia aí que solta a plenos pulmões o hino nacional, que não sei o quê Brasil pra cá, Brasil pra lá, a necessidade desse trabalho passa fazendo na escola e fazendo a propaganda, utilizando os filmes como maneira de propagar.

**Quando apliquei textos de Monteiro Lobato aos alunos você fez uma crítica dizendo que ele havia escrito “umas besteiras por aí”. Pode explicar melhor essa colocação e dizer qual sua visão sobre o autor do Sítio do Pica-pau Amarelo?**

Se não me engano na faculdade eu li alguns trechos, alguns comentários de Monteiro Lobato, alguns comentários meio preconceituosos, mas eu não vou me lembrar [inaudível] direito como que é, mas se eu procurar em casa talvez eu até ache, que eu tenho esses textos ainda.

**Tem a ver com as acusações de racismo em algumas das obras dele?**

É, mas eu não vou lembrar. Acho que comentários sem ser implícito nas obras dele, cara. Depois eu procura lá e vejo. Tá, eu dou uma olhada lá. Algum jornal da época ele escreveu alguma coisa, cara. Eu não tô lembrando, cara. Foi algum jornal da época ele escreveu alguma coisa, cara. Eu não tô lembrando, cara. Mas daí quando o professor mostrou, nossa, foi um choque pra sala inteira: - Monteiro Lobato! Mas não tira o brilho da obra do cara.

**Na sua opinião, os alunos realizarem em casa, de forma espontânea, a leitura de obras ficcionais, pode ser quadrinhos ou livros de aventura...**

Os Harry Potter da vida.

**Pergunto sobre obras que contenham temas históricos. Você acha que essas leituras contribuem e podem ajudar no aprendizado sobre a História ou não?**

Gostaria que esses caras lessem obras não ficcionais, mas daí é pedir muito. O cara já tá lendo alguma coisa, é bom que já tá lendo.

**Na última semana, você pediu aos alunos para que eles trouxessem uma lista de livros que têm em casa...**

Não trouxeram nada. É que geralmente quando os caras lêem alguma obra ficcional de História, geralmente os caras lêem, eu não sei onde eles descolam, tipo uns livros que remetem ao vídeo games ou jogos sobre a Independência dos Estados Unidos. Aí eles vem perguntar umas curiosidades: - Ah, tava lendo um livro e estava escrito tal, tal, tal. Aí eles vem e perguntam se está certo ou se está errado. Já é um estímulo pra eles começarem a ler outras coisas, mas lendo mano, pode ler pra mim até a lista telefônica, bíblia, qualquer coisa. Lê qualquer merda aí tá bom.

**Você tem alguma referência desses livros que eles estão lendo?**

O nome dos livros? Tem um aí que acho que uns três moleques já vieram falar comigo que é um livro chamado Assassin's Creed [*Ordem dos Assassinos* ou *Credo dos Assassinos* em português é uma série de jogos eletrônicos de ficção histórica de ação-

aventura e *stealth* da Ubisoft Montreal, criada por Patrice Marla Desilets. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassin%27s\\_Creed](http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassin%27s_Creed)], que fala um pouco sobre a independência, que não sei que não sei que lá. Os moleques têm doze anos, é isso que eles vão ler cara, eles não vão ler outra coisa.

## ANEXO 11

### ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA

**Qual é a sua idade?**

Eu tenho 57 anos.

**Você é professora efetiva?**

Tenho estabilidade, entendeu? professor categoria F ou estável]

**Qual sua formação?**

Minha graduação é em Geografia e História pela Universidade Camilo Castelo Branco. Está para completar aí uns 22 anos, não me lembro que ano foi.

**Fez pós-graduação?**

Eu tenho uma pós-graduação na Unicamp em Cidadania e Cultura tem uns cinco anos [Curso de Especialização Lato Sensu em Ciências Humanas: Cidadania e Cultura Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio/PROMED – SP, 07/2006, Extensão, PROMED-SP, duração de 240 horas(s), Campinas, Brasil. Fonte: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/formcont\\_unicamp.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/formcont_unicamp.pdf), página 6].

Atualmente estou fazendo o mestrado na Unicamp. Faço com a professora [diz o nome da professora] pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) [a professora consta como beneficiária de bolsa de Auxílio à Pesquisa – Programa Ensino Público do projeto “Produção de conhecimentos escolares nas ciências da natureza: conteúdos estratégias e recursos”, Fonte: <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/31419/producao-de-conhecimentos-escolares-nas-ciencias-da-natureza-conteudos-estrategias-e-recursos/>].



**Qual é seu objeto de estudo?**

Energia Nuclear é a minha parte, mas não é aquela energia forte [frisa] que todo mundo tem medo, não. Como sou professora de Sociologia e Filosofia, então, eu coloquei a Energia Nuclear dentro da visão social. Porque as pessoas têm medo, porque elas acham que não é bom, entendeu? O ponto positivo e o ponto negativo disso. E vai sair um livro. Segundo a professora, agora até o final do ano agora sai. Não sou só eu não, tem mais professores e diretores envolvidos, entendeu? Então, é um grupo de pesquisa... GPS... GSP... que a gente tem lá e vamos aos sábados para lá. É um grupo muito bom. Quando nós começamos devia ter umas 60 pessoas, mas agora somos nós só em 18. Foi apertando, ficando difícil, muito difícil, difícilíssimo, e muita gente saiu, entendeu?

**Quanto tempo você atua no magistério?**

Vinte e três anos.

**E nessa escola?**

Dez anos [desde final de 2009 é vice-diretora].

**Quais foram suas experiências anteriores?**

Eu não tive muitas coisas assim. É assim. Dez anos aqui, oito anos no CEFAM [Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério]. Aí eu acho que o que sobrou eu fiquei entre Costa Manso [Escola Estadual de Ensino Médio Integral Ministro Costa Manso] e Professor Alcides não sei o quê, também pertinho dali também no Itaim [Bibi]. Eu nunca saio do emprego assim, sabe? Depois, fiquei uns dois anos no Pereira Barreto [Escola Estadual Pereira Barreto] e seis meses na escola Alfredo Paulino [Escola Estadual de Tempo Integral Alfredo Paulino] que é de criancinha, mas eu não tenho perfil para trabalhar com criancinha. É a minha frustração, entendeu? Porque eu acho lindo ser alfabetizador. No magistério, [ser alfabetizador] é a coisa mais encantadora, na minha cabeça,

você entendeu? Eu vejo lá na Unicamp uma professora que é alfabetizadora e conta umas histórias de como ela envolve as crianças naquela aula que ela quer, do jeito que ela quer, entendeu? Nossa, acho lindo. Quando fiz o magistério pensei que ia ser algo assim, mas percebi que não sou.

### **Quer dizer que você tem perfil voltado para trabalhar com adolescentes?**

Eu tenho. Nesses dias ainda me disseram assim: você fez a área errada, você deveria ter feito assistência social. Mas não é. Eu consigo atrair todos os problemas pra minha pessoa e eu consigo resolver, entendeu? Eu gosto de gente com problema. Eu não gosto de gente sem problema, gente sem defeito não, você entendeu? Eu gosto de gente que tenha problema para eu me sentir útil. Gosto disso. Não adianta mudar. Eu tenho filho que não vem aqui porque acha que a escola é muito pobre. Ele tem posto de gasolina e ele se acha, entendeu?: Mãe, como é que a senhora consegue ficar ali? Eu falo: Cala a boca, eu adoro aquilo entendeu? E eu adoro isso daqui, entendeu? Quanto mais problema, mais eu me identifico.

### **O fato do Conselho de Classe e Série ser aberto aos alunos e responsáveis é uma iniciativa da equipe gestora da escola?**

Como a escola aqui é muito grande, a gente procura dividir para fazer tudo bem feito porque é muito complicado você determinar a vida de uma pessoa em um instante, né? Então, é muito difícil isso. Aí a gente separa em vários dias [De acordo com circular da escola, o calendário do Conselho de Classe e Série ocorre quatro dias da semana nos períodos manhã, tarde e noite, intercalado ao cronograma de aulas].

Outra coisa que tem aqui e que eu gosto e depois que a gente começou a fazer, outras escolas também optaram é fazer o Conselho Participativo. O que é isso? No Conselho Participativo o aluno vem. Se a mãe quiser vir, o pai, a tia, a vizinha, pode vir todo mundo, não há nada a esconder. É aberto, não tem problema. Depois que os alunos saem, é que a gente vai resolver caso a caso, entendeu? Mas aí a gente vê, por exemplo, em Geografia [o aluno] está com vermelho. Depois que eles saem é que a gente conversa caso a caso. Como, por exemplo, a gente vai ter o Conselho de final [Conselho Final] de ano. Você podia

participar. É um Conselho muito estressante, mas, é assim também, eu saio do conselho me sentindo cansada, mas, em parte, graças a Deus, eu me sinto muito bem. Por quê?

Existem professores ainda, que eu não sei o porquê e não entendo que acham que o professor é o único detentor do saber, que ele é assim aquela figura única. Não entendo como pode nesse século uma pessoa ter uma visão dessas. E aí eles acham que o aluno tem que ser avaliado no final pela nota, pelo caderno, pelo que ele fez. Eu acho isso um absurdo. Não concordo com isso. Então, no dia desse Conselho Final, geralmente, a gente trava uma discussão bem forte porque nesse ponto, eu e a diretora [diz o nome da diretora], a gente se dá muito bem, a gente se entende no jeito de olhar. Ela [a diretora] pensa do mesmo jeito que eu: não pode por um aluno para fora porque ele tirou uma nota vermelha, duas, três, quatro notas vermelhas. Não é assim. Vamos repensar, vamos ver o que aconteceu. Porque, de repente, no dia daquela avaliação você [aluno] não estava se sentindo bem, você [se referindo ao aluno] não tem obrigação. É muito complicado esse negócio.

Tem alguns professores que acham que a escola [diz o nome da escola] é dela [usa terceira pessoa no singular], que essa mesa é dela, que tudo é dela e que ela manda. Eu já não vejo assim. Isso daqui é nosso, a gente vai usar, mas é o governo que detém esse negócio aqui, e podemos usar quantas vezes quiser. A minha mesa está na minha casa. Aquela lá eu comprei e paguei. E tem muita gente que acha que não é assim, entendeu? Tem pessoas que gostaria que a gente tivesse senha no computador, senha [repete], para ninguém entrar, para ninguém acessar. Isso é o fim da picada! É cabeça de um professor, você entendeu? Não pode ser assim. Como você vai melhorar a educação, se você se trava para as pessoas? Não pode ser desse jeito não. Para que serve esse Conselho [Conselho de Classe e Série]? Serve para fazer um acompanhamento da vida funcional do aluno. Como está indo a aprendizagem. E, nesse momento, a gente também aproveita para fazer uma avaliação de como está o professor em sala de aula, entendeu?

**Considera que essa postura fechada por parte de alguns professores pode prejudicar os alunos a ponto de representar um dos motivos do baixo desempenho da escola no Saesp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo)?**

Porque assim, a nossa escola, no Idesp, está abaixo do básico, ou seja, ela está ruim, entendeu? [Na avaliação de qualidade das escolas feita pelo IDESP – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – consideram-se dois critérios complementares: o desempenho dos alunos nos exames do Saresp e o fluxo escolar. Fonte: [http://idesp.edunet.sp.gov.br/o\\_que\\_e.asp](http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp). As notas do Saresp são classificadas em quatro níveis – abaixo do básico, básico, adequado e avançado – a partir dos resultados da avaliação em Português e Matemática no final de cada um dos três ciclos de aprendizagem. Para definir suas escolas prioritárias, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo considera, em cada escola, o percentual de alunos que teve desempenho “abaixo do básico” em uma das duas áreas. Fonte:

<http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php/sugestoes-de-pautas/48-sugestoes-de-pautas/1184-quase-f-das-escolas-da-rede-sao-consideradas-prioritarias-por-criterios-de-desempenho-no-saresp>].

Por que ela tá ruim? É uma escola grande, não falta professor, tem bastante gente trabalhando. Então, por que ela está ruim? Porque assim, durante muitos anos, essa escola é uma escola difícil: grande, com muitos alunos, muitos problemas e durante muito tempo, o grupo de diretores que tinha aqui eram de diretores passageiros, entendeu? Eram responsáveis, mas não eram efetivos, né. A partir do momento que teve uma direção que ficou efetiva, aí começam a aparecer as coisas. Agora a gente trabalha de acordo que é para a pessoa ver o que acontecia. Eu cheguei a presenciar isso porque eu fui professora aqui também. A diretora chegava e colocava esse cesto aqui [troca o objeto de lugar]. Um grupo de professores que é do período da manhã vinha e colocava ali. E falava para a diretora: Quero ver quem manda, entendeu? Aí o diretor se estressava, tinha ataques compulsivos de nervosismo e ia embora.

Quando a gente chegou aqui, eu e a diretora [diz o nome da diretora], eu era de uma outra escola, a diretora [diz o nome da diretora novamente] falou para mim assim: – Você quer ir para lá comigo? Eu disse: – Vou. Eu gosto muito do jeito dela trabalhar. Ela me disse: – Nós vamos ter problemas. Falei: – Eu adoro problema [risos]. Realmente enfrentamos muitos problemas, mas nada que seja insolúvel, entendeu, porque tudo tem solução, né? Não é assim também não. E aí foram colocadas determinadas coisas nos seus respectivos lugares. Isso dá um trabalho, você entendeu, mas dá um trabalho. Aqui reprovava-se aluno porque ele

foi malcriado com o professor e isso não é educar, você entendeu? Muitas vezes falavam: – Porque esse menino é isso, é aquilo. A gente falava: –Deixa ele. Prefiro ele estudando aqui dentro que lá fora assaltando. Deixa ele comigo. Essa foi a nossa meta.

Agora, quanto à aprendizagem, quanto ao desenvolvimento dos trabalhos feitos por professores, eu não entendo porque quando eles chegam aqui, eles se propõem a atingir uma meta, mas quando é para sair lá fora, eles têm uma outra realidade. Antes sempre foi muito escondido, mas de uns tempos para cá, a gente está colocando assim, bem visível, alto e [em] bom tom para todo mundo ouvir: Qual é o professor que está negligenciando? Por exemplo, Geografia, Biologia e Matemática são as disciplinas que mais derrubam, mas aí entra aquela história: Como é que você está avaliando esse aluno? E aí nos HTPCs [Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo] os professores coordenadores estão trabalhando a questão da avaliação. Avaliar por que, como, de que jeito você faz essa avaliação. Você esclarece para o seu aluno como você vai avaliar? Ele sabe? Ele tem uma devolutiva daquilo que ele errou? E nem sempre a devolutiva existe, você entendeu? Então, ele erra, mas ele não consegue detectar aonde foi que ele errou porque ele não tem a devolutiva.

Inclusive, eu falo para a diretora [diz o nome da diretora]: – Se não tomar cuidado, a gente vai sair das prioritárias no dia em que a Gina [a moça estampada na caixa de palitos de dentes] sair do paliteiro [risos]. Tudo que você passa de informação para o aluno contribui, desde que você tenha a devolutiva dele. E tem professor que não aceita você falar. Então, você tem que ter jeito, você tem que ter tato, você tem que ter toda, né, uma maneira diferenciada para você poder falar que o indivíduo está errando, continua errando e não quer ser ajudado. Aí o que a gente está fazendo. A gente entra nas salas, assiste às aulas, faz algumas anotações, que não é uma coisa exagerada, e depois traz pro professor aqui e mostra: – Olha, você está errando aqui, meu bem. Esse é um trabalho que a gente vem fazendo [vice-diretora assiste algumas aulas], mas não é para sair do básico esse ano. Esse é um trabalho que a gente faz com as crianças também. O professor que passa a acompanhar as turmas fica com os alunos que são bons e o professor que é da sala de aula mesmo, que é o mestre vamos dizer assim, vai para outra sala aqui de cima [no andar superior do prédio] e trabalha as dificuldades com os demais alunos. Porque é muito fácil trabalhar com aluno que é bom, né? Porque aí você fala: – Nossa, ele é ótimo e eu sou maravilhosa! Mas não é assim. O negócio é estar com um grupo ruim e tirar leite de pedra.

**Por falar em turmas ruins, quando o aluno é encaminhado ao Conselho Tutelar?**

Todos os professores fazem um relatório que a gente pede. Na medida em que a gente dá tempo e a gente vê tudo que acontece, a gente registra em um caderno, então tem tudo registrado e assinado pelo aluno ou pela família do aluno. [O relatório] é feito no dia-a-dia. Tudo que o aluno faz que causa problema a gente registra. Aí quando chega no final do segundo bimestre que vai ter o Conselho [Conselho de Classe e Série], a gente vai ver como está a situação daquele aluno, aí a gente já tem dados dos registros, mais o número de faltas, mais as notas vermelhas, para fazer um relatório único e aí a gente vai no Conselho Tutelar.

O rapaz do Conselho Tutelar, quando a gente convida, ele vem, mas a gente chamou da primeira vez que era para ele fazer uma palestra pros alunos para que os alunos percebessem a importância do Conselho Tutelar e pra quê o Conselho Tutelar serve. Pra ficar claro na cabecinha deles [dos alunos]. Pra todos. Pra todo mundo saber. E no decorrer do tempo, a gente vai fazendo um relatório e vai levando. Aí o Conselho Tutelar pede pra um de seus conselheiros ir até a casa da família do aluno e tentar fazer um acordo, tentar trazer aquela família para a realidade porque muitas vezes o que mais pega é o número excessivo de faltas, você entendeu? Um caso ou outro que a gente teve aqui de abuso [se referindo a comportamento], mas isso foi resolvido bem tranquilo com a família e o Conselho Tutelar.

**Nos casos em que há número excessivo de faltas, a família do aluno sabe que isso está ocorrendo?**

A família é assim ó: a família pega o aluno coloca dentro do ônibus ou dentro da perua e manda vir. Manda vir [frisa]. É diferente de você trazer. São poucas pessoas que trazem o filho aqui, entendeu? Eu atendo muito aluno que tem problema e qual é a maior reclamação deles? – Minha mãe não liga mesmo professora [usa o diminutivo do seu nome da forma como é chamada pelos escolares].

Teve um menino que eu falei assim para ele: – Eu te amo tá bom? Ele olhou para mim e falou: – Ah, pára com isso vai, nunca ninguém falou essas coisas pra mim, então, por que você tem que falar isso, entendeu? São coisas assim que nossa, me cortam demais o coração.

Eu dou bronca, eu corro atrás deles, mas eu jamais faço qualquer coisa [no sentido de brigar], mas nem pros do noturno, entendeu? Pra mim é muito triste ver uma criança, um adolescente sendo subjugado por qualquer outra pessoa. Não gosto. [faz uma pausa dando um suspiro profundo]. Que mais? Ah, a gente teve um caso que eu levei um menino pra Vara da Infância [e Juventude]. Mas aí, no final das contas, dentro da delegacia, depois eu fiz o pai e o filho ficar de bem, graças a Deus, quando foi das 10h30 eu já estava indo para casa. O Conselho Tutelar vai na casa, se for preciso o Conselho Tutelar encaminha pro psicólogo, pra terapia entendeu? Eu não posso falar pra você que ele [Conselho Tutelar] não ajuda porque ele me ajuda bastante sim.

### **Há mudanças no comportamento do aluno a partir da intervenção do Conselho Tutelar?**

Em alguns casos percebe sim, em outros não. Por exemplo, tem o caso de um menino, ele já foi embora, ele se chama Flávio, ele é um excelente jogador de futebol. Esse menino, ele tem agora 16 anos e tava na sétima série. Ele não conseguiu ir pra frente. Por quê? Porque a conduta familiar dele mexe muito com o psicológico dele. Então, ele é muito perturbado. Ele sumiu. Ele fez inscrição pra outra escola. Nessa última Virada Cultural [evento anual promovido desde 2005 pela Prefeitura da cidade de São Paulo] que teve ele sumiu. Eu tinha comprado um tênis para ele. Tinha dado um uniforme para ele fazer corrida. Porque já que ele não conseguiu jogar futebol porque futebol é uma massa nojenta [faz referência à corrupção], então que fosse correr no meio da rua, porque ele era um atleta de ponta e logo mais ele arrumava um patrocinador e tudo bem. Aí ele falou para mim assim: – Eu tô desanimado da minha vida. Eu falei: – Por que? Ele me respondeu: – Porque eu arrumo mulher, arrumo menina, gatinha, eu não tenho carro. Eu levo para minha casa, meu pai cata. Eu mudei a minha vida. Agora, aquelas coisas que você me deu para correr, eu vou correr sim, mas é da polícia e eu já fiz meu primeiro teste. Fui no [evento] Virada Cultural e fiz um arrastão da hora. Eu disse: – Olha, não gostaria que você fizesse isso. Ele me disse: – Mas eu já estou fazendo. Eu falei: – Tá bom. O dia que você parar de fazer sua corrida, você vem aqui, que vou estar sempre te esperando, sempre, sempre. Onde você estiver também, você me liga que eu vou atrás de você. Então assim, para mim, é uma sensação muito ruim perder

um aluno, você entendeu? Ainda mais que gosto dele. Aliás, gosto de todos eles. É muito ruim. Eu abro a boca para chorar e choro, choro, choro que não tem tamanho. Eu me preocupo com eles. Tenho filhos, mas às vezes eu vejo as mães chegarem aqui, num descontrole, você entendeu? Uma coisa, que às vezes o filho dela não é nada daquilo, é até diferente daquilo que ela fala.

**Em uma das reuniões do Conselho de Classe e Série dois alunos da 8ª B, Plínio e Fayal, foram encaminhados ao Conselho Tutelar por problemas de comportamento, mas há algum caso envolvendo abandono ou evasão?**

Quando a gente manda um aluno pro Conselho Tutelar, ele vai porque ele tem um problema. Óbvio. Quando ele volta, geralmente ele volta mais agressivo e com menos empenho, menos envolvimento. Aí ele também comenta com a gente que ele foi pro Conselho [Tutelar], mas ele não... ele voltou. Então, assim, olha, sinceramente, eu acho que o Conselho Tutelar é bom, ajuda, mas, assim, eu acho que atrapalha pra caramba. Por exemplo, esses dias todos Nesses dias todos eu tô com um menino da oitava série [B] que se chama Cauê, o número dele é 47. E aí assim ele veio de uma escola chamada [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola] perto daqui. Ele, esse menino aqui que é o Davi também da oitava [B] e o Duda, que é da sétima série, eles são irmãos. O menino [Cauê] diz que lá ele sofria *bullying*. Aí ele veio pra cá. A mãe veio: Posso levar? Pode. Vamos receber. Recebemos o aluno aí o que é que acontece? O menino, quando chegou aqui, ele quis é... fazer gracinha pros alunos da oitava. Ele é desse tamanhinho e na oitava série eu tenho menino enorme, você viu o Wanderson? Eles não vão ficar quieto pra um pixotinho. Aí ele fez toda aquela...ele foi lá pro Conselho, a mãe veio aqui conversou comigo, reclamou, falei para ela: – Quero o teu filho aqui. Quero o teu filho aqui. Aí ela falou: – O meu filho vai passar por psicólogo. Falei: – Tá ótimo, concordo tá certo. Aí no dia seguinte veio a psicóloga, o conselheiro e o garoto. Juraram por todas as formas que o menino ia vir pra escola. Até hoje o menino não apareceu. Agora, o que é que a mãe queria que eu fizesse? O menino trabalha com a mãe, ele fica num tal de CJ [Centro da Juventude, órgão da Prefeitura Municipal do bairro onde fica a escola, oferece vagas para “Agentes da Cidadania” aos estudantes entre 14 e 18 anos, que possuir renda de até um salário mínimo por pessoa da



família e apresentar uma proposta de atuação em uma das seguintes áreas: lazer, esporte, cultura ou cidadania. Os selecionados prestam dez horas semanais de apoio e recebem bolsa-auxílio de R\$ 150. Fonte: site da Prefeitura Municipal do bairro] que tem aqui de manhã. Aí a tarde ele vai ajudar a mãe no serviço. Só que ele tá com uma bolsa do CJ e aí ela veio aqui porque o que ela queria? Queria uma declaração que ele estava matriculado e freqüentando as aulas. Eu falei pra ela: Não vou te dar a declaração de frequência. Eu declaro que ele está matriculado, mas frequente não. Aí ela falou: Não, eu preciso de uma declaração que ele esteja freqüentando. Como eu não dei, ela ficou com raiva, ficou brava, ela disse que ia procurar os direitos dela. Ficou nervosa. Vai, vai procurar seus direitos porque eu também sei procurar os meus. E o menino no dia seguinte voltou e falou: Segunda-feira eu estou na escola. Falei: Eu estou te esperando. Hoje já é sexta e o menino não veio, não apareceu. Então, eu estou dando um tempo até segunda-feira porque pode ter acontecido alguma coisa. Como sei que não vai vir, eu já vou encaminhar... vai pra outras instâncias agora, não pode ficar mais na minha mão. Como por exemplo, agora há pouco tinha um pai ali que querendo trancar a matrícula. Falei: Como trancar a matrícula? Ah, então eu vou levar embora. Se o senhor levar embora, a filha é sua e o senhor pode levar a hora que o senhor quiser, só que tem um detalhe, eu encaminho pro Conselho Tutelar porque eu não tenho como. Então, assim, o Conselho Tutelar no meu ponto de vista existe, é lindo, mas eu nunca vi nada funcionar. Na minha opinião, o que tinha que funcionar: escola, junto com o pai ou com a mãe e com a Vara da Infância e da Juventude. [Vice-diretora interrompe e vai até a porta ao ouvir uma algazarra de um grupo de alunos que passa correndo aos gritos em frente a sala da direção: – Quem continuar correndo assim aqui vai ter pau comigo. Não é bicho! Maluco! Depois de dar a bronca, volta dizendo: Agora eu fiquei brava!]. Não funciona, eu nunca vi nada funcionar. Eu já vi funcionar eu chamar a mãe aqui, conversar e expor: – Olha, você tá errada. E dá mais certo do que ficar via Conselho Tutelar. Para mim não resolveu nada não, no meu ponto de vista, mas tem gente que diz que o Conselho Tutelar é uma maravilha. Eu não sei como existia antes do Conselho Tutelar, como é que era porque desde que eu comecei o Conselho Tutelar é atuante. Como que era não sei não.

### **Quando o Conselho Tutelar não funciona o que fazer?**

Eu vou direto para a Vara da Infância e da Juventude. Lá é a decisão. Ali o juiz vai chamar a mãe, vai chamar a criança e ali ele toma as medidas legais porque não é legalmente humano, vamos colocar assim, você querer..., ela quer que eu minta. Se eu mentir, ele vai receber a bolsa-família, uns 200 e poucos reais, lá no CJ [Centro da Juventude] é mais uns cento e pouco [R\$ 150,00] e mais uma cesta básica e ele ainda trabalhando com ela e eu ainda dando trabalho [escolar] pra ele fazer em casa à noite. O que é isso? Que mãe é essa? Então, o que eu percebo aqui, sinceramente, as crianças são ótimas, são carentes. Tudo que você pede pra um adolescente, pra uma criança com jeito, ele faz e ele faz bonito. Olha o professor de História [diz o nome do professor de História]. O professor de História [diz o nome do professor de História] tira leite de pedra. O professor de História [diz o nome do professor de História] é uma graça, mas é dele. Em compensação, já tenho um outro professor que é do mesmo nível dele, quase da mesma idade e eu não consegui fazer nada com aquele professor, entendeu?

Ontem uma sala me chamou pra reclamar de uma professora mediadora, olha isso, que eu também acho que é uma encheção de saco [se referindo ao papel do professor mediador]. Uma menina chegou ao cúmulo porque ela [professora mediadora] tem uma sala que ela dá aula, uma menina que é uma graça, que eu nunca vi abrir a boca, ela falou: – Olha professora [usa o diminutivo do seu nome], posso falar? Eu falei: – Claro. Ela disse: – Eu vou falar pra a professora fulana, mas eu gostaria que ela não me levasse a mal e pensasse na atitude de ser professor porque para ser professor tem que ter postura e a senhora [se referindo à professora mediadora] não tem. Eu falei: – Minha nossa, isso saiu da sua cabecinha? Ela respondeu: – Sim. Ela é uma ótima professora, só que ela não tem paciência, ela chega nervosa, grita e daí o que é que acontece? A gente grita com ela também. E a professora [a qual foi criticada] já deve ter mais de sessenta anos, quer dizer, professora a vida toda, quase que eu conheço ela aqui, aqui eu estou há dez, doze anos, e ela precisou ouvir isso de uma menina de sétima série. Ela [professora mediadora] veio para minha sala e ainda quis discutir comigo, falando que a menina era malcriada e sem educação. Eu falei: – Pára! Pára! Então, tem coisa na educação... eu, sinceramente, eu vou falar, se o professor fosse mais valorizado, economicamente falando, que eu já falei isso, aluno a gente consegue, conteúdo a gente também tem e administra. Agora, o governo injeta tanta coisa besta, você vai ver esse negócio do *tablet* agora, você vai ver o que vai virar isso. A gente fez uma seleção e vai entregar, mas

você vai ver daqui uns dias, você vai ver o que vai virar esse negócio. Eu vou torcer para que dê certo.

**Por ser uma escola grande e que funciona de manhã, tarde e noite, é possível classificar o perfil das turmas por período?**

É assim ó. Nós temos uma escola [diz o nome da escola] e dentro da escola [diz o nome da escola] nós temos três escolas diferenciadas, entendeu? Não é que a escola é diferenciada, é que a clientela é diferente, entendeu? Então, o que acontece? A turma da manhã é mais adolescente, aborrecente problemático, que são do ensino médio e são 17 salas. Cada sala deve ter 50 e poucos alunos. Então, tem muito aluno. A tarde é essa molecadinha do fundamental e tem duas salas de colegial (primeiro ano A e primeiro ano G). Então, o que é que acontece? No período da tarde eles são mais elétricos, eles gostam de brincar, são crianças. Eles estão começando a se beijar, entendeu? Começam a descobrir coisas novas, a perguntar coisas novas. Então, é uma turma diferente. E à noite, as pessoas costumam dizer que é um período pesado, mas eu não acho. Tem EJA [Educação de Jovens e Adultos] e ensino médio também. Então, são pessoas que chegam cansadas, com fome e vão pra sala de aula. Então, se o professor vai para sala de aula do noturno e não dá uma aula de verdade, eles vêm aqui reclamar e reclamam sério. E eles ainda tem uma memória, uma mentalidade que se eles fizerem um abaixo assinado eles tiram o professor, pronto e acabou. Eles não imaginam que eu dou graças a Deus quando chega um professor. Aí eu converso com eles, explico e eles relevam um pouquinho mais, mas são pessoas assim, é bem claro: ou eles vem pra estudar realmente ou eles vem pra usar drogas. Aqui é o point de encontro deles, entendeu? É aqui que eles se encontram, é aqui que eles marcam balada. É mais ou menos igual o número de alunos da manhã, uns 800 e pouco e uns 800 e pouco de noite. E á noite sou eu, um funcionário, uma coordenadora e de vez em quando uma mediadora, porque ela sempre faz muito curso, entendeu?, mas é mais comigo e com o funcionário [diz o nome do funcionário] e é o período que eu acho que rende mais, que passa rápido, que você vê produção, entendeu? Eu adoro o pessoal da noite.

**Qual sua rotina de trabalho?**

O meu horário é das duas da tarde às 23 horas, mas eu não consigo chegar aqui às duas horas. Eu chego exatamente pra ver a minha molecadinha entrando. Eu gosto muito disso aqui. Eu gosto muito da escola, eu gosto muito das crianças, gosto muito dos alunos e dos professores. Tem aluno meu, quer dizer, não tem aluno meu, tem aluno da escola, que.. [faz breve pausa] isso aqui é assunto delicado, e também eu não quero que isso seja explícito, mas ele foi violentado e à noite também eu tenho caso de violência. Tenho documento da polícia, que a mãe levou no Instituto Médico Legal [IML]. Então, eu acho assim, é uma turma que eu acho precisa de muita atenção, entendeu? Eu gosto muito deles. Eu tenho um menino aqui, que se você tiver oportunidade de conversar com ele, o nome dele é Saulo. Ele tá na sétima série. Ele tinha um irmão que tinha hidrocefalia e ainda tinha um problema, era tortinho também, ele se arrastava. O Saulo chegou aqui na quinta série. Ele tá na sétima. Até hoje ele se arrasta pelo chão porque quem cuidava do irmão era o Saulo e o Saulo foi judiado sexualmente desde os quatro anos pelo pai, entendeu? Então, assim, quando a mãe se separou e aí foi viver num lugar chamado [inaudível], que eu não sei onde é, que diz que pra entrar nesse lugar você tem de pedir licença para o traficante, senão ele não deixa você entrar. A mãe foi morar nesse lugar e trouxe o Saulo para cá. O Saulo chegou bem pequetico, o Saulo parecia um bichinho. E se você vê o material dele, ele é todo sujo. Então, eu comprei roupa, comprei calçado, dei material, dei brinquedo, dei um monte de roupa. Eu fiz um movimento aqui, que todo mundo me ajudou. O Saulo hoje tá na sétima série. Ele lê muito. Ele tem um vocabulário muito rico, só que se você começa a conversar com ele, você vê que ele tem dificuldade para falar. Ele é aflito e ele é desconfiado e junto com esse menino tem muitos outros casos [*de violência doméstica*], mas nada na rua, tudo dentro de casa. Tem, assim, padrastro, pai biológico e eu não sei como consegue viver. Então, aqui comigo eu compro sorvete, eu dou pipoca, compro melancia. Então, assim, aqui é a minha casa, você entendeu? Como meus filhos estão todos alinhados na vida. Meus netos estudam no interior e estudam bem. São pequeticos e esses daqui [da escola] precisam muito de atenção, entendeu? Eu acho que a turma da noite precisa de atenção também, mas não é tanto, porque muito da manhã trabalha. Da noite eles trabalham também. Agora da tarde eles acordam não sei que horas, vem do tal do CJ [Centro da Juventude], chega às onze e meia, fica sentado aqui, por isso

que eu venho mais cedo. Por ser uma escola tão grande e ela funciona 49 horas por dia, acho que os problemas dela não são problemas, entendeu?

**Por falar em conflitos envolvendo aluno e professor, no início do ano letivo, a professora de História resolveu deixar as oitavas séries quando um dos alunos lhe acertou um corretor ortográfico na cabeça. O que foi feito a respeito?**

Deixa eu te falar uma coisa. Aquela professora ela tem problema, ela já é aposentada. Ela é uma professora que ela sabe muito, entendeu? Eu trabalhei com ela em escola particular. Ela é professora de cursinho. Agora, ela está com uma sala à noite, entendeu? O que achei graças a Deus. Mas, assim, o problema dela era emocional. Morreu irmã, morreu não sei quem, outros da família foram morrendo, morrendo. Acho que ela tem problema lá com a família. O marido não gosta muito de trabalhar e a aposentadoria não dava, então ela foi somatizando. E aí ela pega aquela turma com os hormônios a toda, entendeu? Aí, ela não suportou, entendeu, porque ela não tem mentalidade nem psicológica, nem física para agüentar aquilo tudo, embora ela seja muito culta, mas acho que o tempo dela já deu, entendeu? E graças a Deus veio outro professor de História, eu queria ter achado mais daquele você entendeu?

Sabe por que o professor de História [diz o nome do professor de História] se sobressai [com os alunos]? Eu vou falar como eles [os alunos] falam: “– Ele é maneiro. É da hora”, entendeu? O professor de História [diz o nome do professor de História] pra eles é uma maravilha porque fala o mesmo idioma, porque quando está nervoso fala besteira. Então, pra eles é “dá hora esse negócio aí”, “é muito louco”. Então, eles me dizem: – Ainda bem que tem você [diz o diminutivo do seu nome] e o professor de História [diz o nome do professor de História], senão não sei o que ia fazer, entendeu? Eu já sou avó, cara, falo besteira porque eu tenho que acompanhar pra fazer a coisa ir. Ela é uma professora problemática.

**No caso das oitavas séries quais seriam os alunos mais problemáticos?**

A Francine da oitava A. Pois é, aquilo ali [referindo-se a garota], não sei o que eu vou fazer para resolver. Mas sabe quem é mais grave que ela? Porque ela [Francine] pelo menos chega e pede [dinheiro]. Tem um menino chamado Manuel da oitava B, que senta atrás da parede, ele é amigo da Francine, petitico. Ele rouba depois do turno escondido da mãe. Sabe a Giovanna? Ela se prostitui depois do turno, entendeu? Ela chegou aqui criança e tem um certo abandono. Ela mora com a mãe, tem um padrasto. Agora, pergunta pra a mãe: – A senhora sabe que sua filha vem todo dia com 50, 100 reais pra a escola, entendeu? Você nunca mexeu no material... Deus que me perdoe, mas eu revistava bolsa de filho sim, eu olhava bolsa de filha sim e aviso: – Se eu tiver que te dar um pé de ouvido eu vou te dar sou sua mãe [inaudível]. Enquanto morar comigo tem de ser do jeito certo. Enquanto estiver em casa e ver coisa errada vou para cima. Filho não é solto. E mesmo você ficando no pé, filho erra. É aquela história, filho tem livre arbítrio, né. E aí no livre arbítrio minha filha, você já não pode interferir muito, você entendeu, mas você convive com certas situações que..., agora enquanto é criança, essa menina era uma criança [inaudível].

A Francine ali a coisa é mais grave porque ela está sempre com muito dinheiro e a mãe dela bate muito. De novo a gente percebe que bater não é a pegada. Tem outro cara no lugar do pai e ela não se relaciona muito bem.

**Semanas atrás houve uma briga envolvendo dois alunos da 8ª B e que resultou no dente quebrado de um deles, Fayal, considerado um jovem problemático por alunos e professores. Há uma gravação do episódio feita por meio de celular que nos causa surpresa ao mostrar Fayal apanhando, sem esboçar qualquer reação, uma imagem nada condizente com sua postura agressiva, provocativa em sala de aula. Pode nos explicar esse paradoxo?**

Tudo do Fayal é muito bom. Só que ele pesquisa tudo no Google. Enquanto você está passando a atividade, ele está pesquisando no Google. A prova de ciências que ele tirou [nota] dez, em outras matérias também dez, se você tirar o celular dele, ele não sai do cinco. Ele [Fayal] é uma pessoa que, apesar da mãe ser instruída... [Coordenadora pedagógica vem avisar que a mãe do Kauã da oitava B ligou dizendo que o garoto faltou para ficar cuidando dos irmãos, pois o pai está doente, internado em hospital]. Se você for conversar com o Fayal

mais profundamente, eu estou falando isso porque eu já fiz. Você vai perceber que o Fayal é uma criança extremamente triste, absolutamente infeliz, sozinho e vive a vida dele tentando encontrar alguma coisa que preencha a vida dele na Internet. Então, o Fayal, não é que eu tenho pena dele, que eu tenho dó dele, mas ele é um adolescente, uma criança que vai se transformar em um adulto problemático.

Às vezes eu chamo ele na sala, agora que ele é um rapaz nem tanto, mas quando ele era garotinho, eu chamava ele na minha sala e começava a conversar com ele e as lágrimas dele desciam. Ele abria a boca pra chorar, você entendeu? Então, ele camufla uma alegria que não existe. Ele demonstra uma satisfação que ele gostaria de ter, você entendeu? Então, ele passa-se por malvadão, poderoso, mas se você ver o vídeo, você vê que ele apanhou quieto, ele apanhou como cordeiro, ficou abaixado o tempo todo. O outro que é o quieto e calado, chamou pra si. Ele não. Ele aceitou a derrota. Essa é a terceira vez que ele apanha desse jeito. E o pai dele é uma pessoa insuportável. A mãe nunca veio aqui. Uma vez eu conversei por telefone com a mãe e disse que ela precisava vir aqui para a gente conversar a respeito do Fayal. Aí ela me disse assim: – A esse aborto que eu tive o pai cachaceiro cuida. Falei: – Meu Deus! Foi aí que eu comecei a me aproximar mais do Fayal. Conheço aquele menino desde pequetico, ele está aqui desde a quinta-série. Mas a mãe foi clara: – A esse aborto que eu tive o pai cuida. [Interrompe com um suspiro] Meu Deus! Meu Deus! Como ela é juíza eu poderia perder a paciência e falar um monte de coisas e aí eu ia me complicar também. [Perguntamos sobre o garoto, se ele já estava de volta]. Não, ele não voltou mais. Eu vou esperar ele se acalmar, depois eu vou ligar para ele. Porque agora se eu ligar, ele está revoltado. Depois vou ligar para ele. O outro já retornou. Eu até achava que ia ter um *glamour* pro outro, mas ele voltou e todo mundo recebeu quieto porque eu também falei que se tiver *glamour* ia ter comigo.

### **Após a briga, houve alguma formalização dos dias em que os rapazes ficaram afastados?**

A gente não fala “suspenso” porque dentro da legislação e dentro do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] a gente se ferra de verde-amarelo. A gente diz que eles ficam uma semana em casa para repensar nas atitudes inacabadas [talvez querendo dizer

impensadas] deles. E a gente chama a família, conversa e fala: – Olha, e agora como ficam as faltas? A diretora [diz o nome da diretora] disse que as faltas são pra ser computadas. Tudo bem. Eu já falei pros professores o seguinte: que as faltas podem ser computadas, mas eles [os alunos] terão um trabalho pra compensação da ausência, entendeu? O que ela colocou como falta... eu coloquei... [risos], você entendeu? Ela [diretora] fica nervosa [inaudível]. Ele [aluno] não tá suspenso, ele vai ficar em casa pra refletir, depois a senhora traz ele que ele vai fazer um trabalho de compensação de ausência. Pronto. Só mudei a maneira.

**Você comentou sobre cópias de conteúdos do Google, por meio do celular, até mesmo para realização de provas. Vocês estabelecem limites para o uso do aparelho em sala de aula?**

Então, o que eu acho mais interessante é que a gente sabe, a gente faz reuniões com os pais e diz que não pode, mas, assim, mesmo sabendo... agora diminuiu os furtos, né, porque antigamente tinha muito disso aqui. A gente chama, avisa, coloca, mas os pais falam: Mas a gente fica preocupado porque não sei o quê, porque não sei o quê [argumentando precisar falar com os filhos pelo celular] e fica. Agora, eles já vêm sem limites de casa, você entendeu? Então, quando chega aqui, a gente não consegue impor nada, a gente não consegue falar sobre limitação nenhuma com eles, você entendeu? Eles têm argumentos fortes, mas só que comigo eles não argumentam. A classe pode estar do jeito que tiver, é só ouvir: – Eu vou chamar a professora [usa o diminutivo do seu nome]. Pronto. Todo mundo se acalma, entendeu? Aí eu falo: – Estou com vergonha de vocês. Estou de mal. Não quero papo. Já era. Nunca mais vou querer falar com vocês. Depois de um tempo, eles me olham e perguntam: – Você ainda está com raiva? Respondo: – Não. Já está passando. Pronto. Acabou de passar. O que você quer? Entendeu? Então, eles [os alunos] já ficam mais animadinhos. O professor não pode tirar o celular do aluno porque é um objeto dele, mas em contrapartida, eu tenho professor que também usa o celular. E aí é aquela história. Se você não se dá ao respeito, você nunca vai ser respeitado, entendeu? Eu percebo isso, olha só como são as coisas, heim, não com os professores novos, mas com os professores mais antigos, você acredita? E aí quando você fala alguma coisa eles [professores mais antigos] sempre têm uma resposta. Eles são iguais, idênticos ou piores que os alunos. Costumam dizer: – Olha, só estava esperando



uma ligação, é coisa rápida. É o que eu falo: Não pode, não pode. Mas eles não aceitam isso entendeu? Não tem moral pra chegar lá e falar. Igual uma menina falou: Eu uso o celular, mas o professor também usa. E aí: – Não é porque estou esperando uma ligação do meu pai porque meu pai está internado em Minas [estado de Minas Gerais]. Aí a menininha falou: – E o meu pai também está na Santa Casa. Entendeu? Aí você fica numa situação desajustada. Aí você chama o professor conversa, conversa, conversa, mas aí também tem dia que o professor tá difícil de entender, entendeu? Você sabe de uma coisa? A educação ela evolui tão rápido, tão rápido, tão rápido, que se você não acompanha rápido, eu fui em uma palestra que o cara dizia o seguinte: – Que a gente tinha professores do século XIX, dando conteúdo do século XVII em pleno século XXI, você entendeu? Aí você tem que ficar se policiando pra não ficar um gestor do século XV. Esses tempos atrás eu estava com um celular prata que eu achava ele lindo. Um aluno falou assim pra mim: – Professora [usa o diminutivo do seu nome] esse celular seu é tão antigo. Aí eu falei: Mas ele tá tão novinho? Agora é *smartphone*. Ele tinha três [*smartphones*]. E eu com aquele Nokia [risos].

### **Por falar em tecnologia, haverá distribuição de *tablets* para preparação da prova do Saesp?**

O governo deu uns *tablets*, então, a gente tá fazendo um levantamento para distribuir esses equipamentos, entendeu? Primeiro vai ser para os professores que estão atuando em sala de aula: Língua Portuguesa, Matemática, são as prioridades, mas também tem História e Geografia que este ano serão avaliadas, vão ter muitas questões sobre isso.

Eu acho que, no final das contas, o governo vai oferecer *tablets* pra todos os alunos, não pra levar pra casa, mas pra disponibilizar pro uso deles. Então, assim, eu vejo a proposta do governo maravilhosa, de informar todo mundo. Só que eu vejo o lado educativo muito resistente a essas mudanças, entendeu? Por exemplo, eu tenho uma professora de inglês aqui que ela já passou da hora de se aposentar. Eu acho que deveria ser obrigatório o professor se aposentar um pouquinho mais cedo, você entendeu? Porque eles ficam gagá [caducos] dentro da sala. E eles se acham o detentor do saber. Como assim, sabe? Ninguém é. Tenho uma professora de língua portuguesa que ela é excelente, mas ela se arrasta. Ela já se aposentou como diretora e agora quer se aposentar como professora. Então, eu acho que isso deveria

ser cortado. Aposentadoria é uma só [inaudível] pra você viver. Estimular mais essa turma novinha que está chegando, você entendeu? Tirar, assim, com todo respeito, essa velharada da antiga, sabe, põe para ir pescar, põe pra fazer *tae kwon dô*, sei lá, fazer alguma coisa que libere a energia. Ficar com a mãozinha para o sol e deixa a turma mais nova trabalhar, você entendeu? Porque eu vou te falar uma coisa. Quando eu comecei a trabalhar meu tipo de aula era um. Uns quatro anos depois eu parei e falei: – Nossa! Melhor eu parar, não sei mais dar aula, eu tava muito defasada. Eu já tava caminhando pra me transformar num museu, numa coisa assim: – Eu sei, eu sei, eu sei. Gente, os meninos sabem muito, entendeu? Então, você tem que acompanhar, senão você fica ultrapassada. A menina ontem me falou: – Professora [usa o diminutivo do seu nome], ela não tem mais cabeça para trabalhar com o jovem, você viu? Uma menina de sétima série disse isso na cara de uma professora. É duro de ouvir isso. É duro [repete]. E falei [se referindo a professora criticada]: – Olha, você precisa dar um jeito em você. E não adianta. Você conversa e ela [a professora que foi criticada] sabe. Você conversa e ela sabe [repete a ideia]. Não adianta tentar chegar onde ela está. É muito alto para mim, entendeu?

**Quais orientações foram passadas aos professores na recente reunião para discutir a prova do Saesp que será realizada em novembro?**

A gente teve essa parada pra conversar com os professores sobre o que eles devem estar trabalhando com os alunos até o dia do Saesp, entendeu? Essa é uma orientação que a gente também recebeu. Pra falar a verdade, a nossa intenção, pelo menos a minha e da diretora [diz o nome da diretora], claro que a gente quer sair desse problema [se referindo ao fato da escola ser prioritária], mas a nossa intenção é que eles aprendam, entendeu? Não precisam sair um gênio, mas que saiba pelo menos se localizar. Que tenham pelo menos argumento para discutir com uma outra pessoa, você entendeu? Por exemplo, eu vou te falar uma coisa, quando você tá conversando com uma pessoa que tem conhecimento [inaudível], dá prazer da gente conversar. Eu fiz História, fiz Geografia, essas coisas, porque não tinha muito acesso, muita informação sabe? Mas se eu tivesse tido uma família, assim, empenhada ou alguém que me empenhasse na escola, eu teria feito Física, entendeu? E eu só fui descobrir que eu gosto de Física depois que eu comecei a fazer esse curso [projeto Fapesp], que eu vi

e ouvi palestras de físicos nucleares que eu falei: – Meu Deus do Céu! Que homem lindo [no sentido do conhecimento], entendeu? Que coisa linda ele tá apresentando, você entendeu? Para falar a verdade, só fiz História e Geografia porque fui boba.

**Quais os principais motivos dos pedidos de transferências dos alunos serem superiores a 30% no ano?**

O que é que acontece com essa galera, com esse povo? Geralmente são filhos de pessoas que trabalham no bairro [diz o nome do bairro] ou nas imediações do bairro [diz o nome do bairro] e moram lá no jardim Deus me Livre, você entendeu? Quando, geralmente, a mãe perde o emprego, ela não tem como trazer o filho. Aí ele fica onde ela está, você entendeu? A mesma coisa acontece com o noturno porque o noturno eles trabalham em Pinheiros, Vila Leopoldina, no bairro da escola [diz o nome do bairro da escola], Perdizes, eles trabalham aqui no entorno. Tá ótimo. Eles vem e tudo bem. A partir do momento que eles perdem o serviço, eles não tem mais como vir. Não tem dinheiro para vir. Ele é obrigado a ficar perto da onde ele mora ou perto de onde ele arrumar outro serviço.

Estamos com 1.800 alunos. Diria que desses, 10% a 15% está nessas condições [situação de transferência]. A mesma coisa acontece no abandono. Sabe, uma coisa que preocupa a gente aqui é o abandono. Eles vêm. Aí eles abandonam, não vem mais, que é evasão, entendeu? E muitas meninas elas chegam aqui bem cedo e logo elas engravidam ou já vêm grávidas. Depois que a criança nasce, ela não tem como. Eu tinha uma menina da noite, ela estudava a tarde e passou pra noite, 15, 16 anos. Ela teve gêmeos, dois meninos. Aí ela veio feliz da vida que ia ter gêmeos. Perguntei: – Cadê o seu marido? Aí ela falou: – Vou trazer ele aqui pra você ver professora [diz o diminutivo do seu nome]. Ela estudou desde a quinta-série aqui. Quando vi o marido: Minha nossa senhora! Duas crianças com mais duas crianças pra tomar conta. Aí ela ainda tentou vir. Ele vinha com as crianças engarranchadas [enganchadas] nele. Mas não deu certo, não. E isso é uma coisa que também me preocupa, entendeu?

Outra coisa que me preocupa bastante é que o ideal acho que seria ter alguma informação, ter um professor específico pra dar aula de educação sexual sem transformar em pornografia, entendeu? Você tem várias maneiras de conduzir as coisas. Então, a aula de

educação sexual é só pra mostrar, pra ensinar. Nós já tentamos, já veio médico aqui, já explicou, mas eu acho que a professora de Ciências, das séries iniciais eu acho que ela deveria dar um pouco mais de abertura pra falar sobre isso, entendeu? O professor geralmente fica meio restrito sobre isso. É o professor que tem que abrir a cabeça. Pras crianças, ele [professor] tem que começar nas séries iniciais, é como se [o aluno] fosse alfabetizado, entendeu? É uma alfabetização sexual porque aí eles iam ver os riscos, como você vai melhorar esse quadro de criança nascendo e criança morrendo, nem [ter bebês] tão cedo. Não sabem o que tá fazendo. Sabe que é bom [ter relação sexual] pronto e acabou, entendeu? E, olha, eu vou te falar uma coisa eu vejo uma turminha da noite aqui, que as meninas se oferecem e os meninos falam para mim: – Deus que me perdoe, heim [usa o diminutivo de seu nome]. Então, assim, é muita desinformação. Algumas [alunas] eu chamo na minha sala e falo: – Você fala com a sua mãe sobre isso? [Respondem]: – Você tá louca? Se eu conversar com a minha mãe um terço do que eu converso com você, ela me põe para fora de casa! Nessa parte, eu acho que o governo falha muito, muito, muito. Ele [o governo] dá cesta básica, mas não dá informação. Você dá comida, mas não dá maneiras dele administrar aquela comida, entendeu?

**Como é a relação da escola com a comunidade, considerando o fato de muitos alunos virem de bairros mais distantes?**

Vem muita gente sim, mas a grande maioria que vem desses bairros estuda de manhã e a noite. A tarde vem mais dos arredores, entendeu? Deixa eu te falar uma coisa. A relação [da escola com a comunidade] não é ruim não. Eles participam. Tudo que a gente pede e, na medida do que eles podem, eles vem e fazem, entendeu? Não é cem por cento como deveria ser. Mesmo porque muitos [alunos] no sábado e no domingo ainda trabalham. Eles falam pra mim, que eles vem cedo com a família, ficam no serviço dos pais, vem para a escola, almoçam aqui, aí voltam pra lá. Ficam com os pais até as dez ou dez e meia [da noite] fechando. E no sábado e domingo também tem que trabalhar, entendeu? Aí, eu acho bem complicado.

No noturno você não pode marcar nada porque eles [os alunos] não vem mesmo. No sábado eles não vem mesmo nem se forem obrigados porque trabalham também durante o

dia. Então, o momento que eles têm para eles é a noite mesmo. Por isso que a gente faz questão de deixar janta, fazer janta, para que quando eles chegam tenha uma janta quentinha, para que possam ter uma aprendizagem um pouco melhor, você entendeu? Porque muitos não têm dinheiro para comer. Quando a gente faz uma refeição da tarde um pouco mais tranquila, como, por exemplo, um leite batido com bolacha, alguma coisa assim, eles falam: – Não, professora [usa o diminutivo de seu nome]. Não gosto disso. Quero arroz com feijão mesmo. Digo: – Então é comida mesmo.

**Você comentou sobre a questão de muitos alunos não terem dinheiro para comer. No geral, a merenda é bem aceita?**

Tem coisas que sim, por exemplo, nuggets de frango eles adoram, macarrão eles curtem, cachorro-quente eles amam. Agora, eles estão comendo mais porque a cozinheira é mais caprichosa. Quem toma conta dessa merenda sou eu. Aí o governo manda por mês em torno de R\$ 3.500 a R\$ 4.000 para fazer a compra dos alimentos perecíveis, por exemplo, alface, almeirão, rúcula, beterraba, frutas. Isso que eu vou falar não pode. A comida [pré-pronta] vem dentro de umas latas e tem uns negócios [mostra com a mão] cheios de gordura, assim. Nossa senhora! Aí eu peço para elas tirarem aquilo. Aí, eu compro cheiro-verde, salsinha, cebolinha, alho para dar uma refogada naquilo, fica gostoso, você entendeu? Aí vai que vai. Aí o dia que não tem, eles falam: – Hoje a tia não quis fazer. Aí o que eu faço? Coloquei um cardápio na cozinha do lado de dentro para elas verem e também do lado de fora para os alunos verem o que é que vai ser servido naquele dia. E sempre prestando atenção para ver se [o produto] não está vencido, se a validade está de acordo, pra ver se o produto que veio tá bom porque tem professor que come também. A gente só lamenta porque o espaço é pequeno, gostaria que fosse maior, né, para poder armazenar as coisas mais organizadinhas. É muito pequetico, muito pequetico ali. [Agente escolar interrompe, dizendo que uma mãe pede, com urgência, documento de transferência do filho porque estão de mudança para Minas Gerais. Sensível à expressão e timbre de voz do funcionário, a vice-diretora foi direto ao ponto: “Ela está nervosa?” Com a assertiva “super”, orientou: “Põe ela pra dentro e deixa eu conversar com ela, tá bom? Fala para ela se acalmar. Pega um pouquinho de água e deixa ela tomando a aguinha dela para ela se acalmar que aí eu vou lá, tá bom? Pode levá-la para a

minha sala. Não tem porque ela ficar nervosa e irritada. Fala para ela ter um pouquinho só de calma. Aí ela esfria a cabeça.”

### **Tem uma previsão para começar a reforma da escola?**

A Biblioteca vai descer. Já virou mania eu brigar por causa disso. Tem uns cinco anos, entendeu? E cada vez ela fica mais deteriorada. É uma pena, né. Agora também eu fico pensando assim, se isso aqui tivesse na mão de uma incorporadora, faziam um estrago, né. Isso eu não gosto de falar, isso me magoa, sabia? Antigamente, quando chegamos aqui a gente enfeitava na época de Natal. Agora, eu tenho medo de subir e desmoronar com tudo porque tá caindo, você entendeu? A gente colocava enfeite e isso deixa a gente bem pra baixo, viu. Se você olhar essa estrutura, os móveis [aponta uma chapeleira], olha isso aqui. Isso daqui [a chapeleira] tava aqui e ia ser jogado fora. Aí nós buscamos e mandamos refazer. Ficou bonito isso aí. Assim, quando tá caindo alguma coisa a gente vai lá [inaudível] e a gente vai arrumando a medida que dá. Pega um pouco de dinheiro daqui, pode ver que tem o senhor [diz o nome do funcionário dos serviços gerais] que está sempre com uma latinha de tinta, um pincel nas mãos, pra cima, pra baixo. Ele vive pra lá e pra cá.

### **Existe alguma política da escola para preservar sua memória?**

Uma vez nós fizemos uma festinha aqui pra comemorar alguma data aqui e nós chamamos alguns ex-alunos, ex-professores e chegou uma senhora muito bonita, com 96 anos. Inteira. Sozinha. E quando ela falou a idade, eu levei um choque. Aí ela foi pegar alguma coisa e ela se enroscou com a bolsa e eu fui tentar pegar a bolsa dela pra ajudar. Menina, ela ficou uma onça. Falou muito brava: – Não quero que pegue minha bolsa. Deixa que das minhas coisas eu cuido! E ela ainda disse: – Esse piano eu toquei muitas vezes nesse piano [aponta para o instrumento que fica em frente a porta da sala da direção]. Esse piano é maravilhoso [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola].

### **Por que disse que acredita ter escolhido a área errada, no caso Geografia e História?**

Olha, eu vou te falar uma coisa. Eu sou professora de Geografia e História e também sou professora de Filosofia e Sociologia. Eu vou ser bem sincera com você. Eu optei por Geografia e não por História, embora tudo que eu fiz especialização eu fiz em História, mas eu acho que a História no Brasil ela é muito dolorida, assim, entendeu? E aí, assim, eu optei por Geografia porque eu acho que saía mais do meu jeito e a História me entristecia muito, então, mas eu sei da importância da História.

**O que quer dizer com a afirmação de que a História é dolorida e te entristece? Está se referindo a conflitos, guerras, etc...**

É, eu não tenho muita pegada pra isso não, você entendeu? Aí eu achei que eu me enquadrava mais dentro da Geografia, onde eu fazia uma defesa do capitalismo, entendeu? Então, quando eu deixei a História um pouco de lado foi porque o coronelado [coronelismo] me irritava muito, entendeu. Os barões me stressaram demais e aí eu falei, eu não vou trabalhar pra passar nervoso. Aí eu me envolvi mais na Geografia porque eu vi que eu tinha mais oportunidade de discutir com meu aluno. Daí pra dar aula de Geografia você tem que ter História. Tá vendo no mapa isso daqui? [simula no papel] Aqui aconteceu xis coisa. Aí eu já saí da Geografia, você entendeu? Eu tenho muitas saudades de quando eu dava aula, mas eu tenho saudades das aulas que eu dava com prazer, entendeu? Não me adaptei muito com História e eu tive excelentes professores de História, eu tenho saudades da minha época de escola, mas eu jamais voltaria a dar aula de História, entendeu?

**Considera a História importante?**

Se você não conhece a História, você não consegue identificar o seu presente, certo? Então você tem que ter uma boa memória pra você entender o presente e salvaguardar seu futuro. O futuro da nação, da civilização. Mas quando você entra dentro da História e você vê que várias coisas históricas que tem um valor imenso não têm mais importância, vamos pegar a escola aqui, por exemplo, entendeu? [esse trecho foi omitido para preservar a identidade da escola]. Nós fizemos uma comemoração de aniversário. Não veio ninguém. Ninguém. Só estava a gente. E os professores estavam porque a gente basicamente quase que

forçou. Então, assim. Uma nação que não tem História, não tem memória, vai falar sobre o quê? Vai discutir o quê? Então, aí eu desanimei, você entendeu? Aí eu ainda dei umas aulas de Geografia. Minha formação sempre foi pra Geografia, mas o que é que eu fazia em Geografia? Eu tentava mostrar a força do capitalismo, de uma nação tão bonita, como a nossa e tão rica e que deixa sair as divisas fora do País, entendeu? Eu usava a Geografia e ainda eu explicava: – Você sabe porque você paga R\$ 12 por cinco quilos de arroz? Você tem noção de quanto sai um quilo de arroz lá no produtor? Você se liga quanto você paga de entreposto para chegar na sua mesa? E vem pela rodovia e se viesse pelo rio? O rio seria tratado, a gente teria uma preservação maior. Mas aí vem aquela história: e o progresso? Você pode ter progresso sem destruir. Você pode ter progresso e comer bem, por exemplo.

Minha aula dava nervoso. Um aluno disse pra mim: – E se a gente cortasse de vez toda relação com todos os países aí fora, a gente conseguiria viver? Respondi: – Sim a gente conseguiria viver. Aí outro falou: – Aí a gente ia comprar vacina de quem? Outro falou: – A gente pode comprar vacina e você pode viver bem dentro do seu País. Aí você perguntava: Como? Porque? De que jeito? Você entendeu: E era uma aula que nunca tinha fim e dava gosto de trabalhar, mas também era outra clientela, né?

Cinco anos para cá vai. De lá pra cá as coisas mudaram pra caramba, pra pior. Mudaram que eu vou te contar. O professor ficou desanimado, o professor ficou desestimulado, mas de vez em quando, quando eu tou com muitas saudades da sala de aula, faltou um professor, eu corro e vou para a sala. Outro dia faltou um professor à noite e eu fui para sala e aí um aluno veio e me falou: – Foi a melhor aula de História e Geografia que eu tive desde quando eu cheguei aqui. É conhecimento que a gente vai adquirindo. Você não pode deter o conhecimento só para você. Você tem que saber dividir o conhecimento.

**Apesar de ter relatado sobre tantos problemas, de que forma você acredita que o ensino pode melhorar?**

Eu acho que pode melhorar sim. Em primeiro lugar, ao invés de ter tanta aula de Matemática e de Língua Portuguesa, eu acho que deveria ter um pouco mais aula de História e de Geografia. Assim, como eu também acho que a Sociologia é uma coisa bem importante, você entendeu? Não estou desmerecendo ninguém, mas a aula de Sociologia, Geografia e



História é fundamental pro cara aprender a divergir entre outras coisas que, vai aparecer, com certeza, na vida dele, você entendeu? Nós brasileiros não damos muito valor a nossa cultura, a nossa história.

Eu gosto muito de Parati e eu me lembro que uma vez eu estava em Parati e aí o brasileiro, nós não damos valor pra nossa cultura, não damos valor pra nossa história. E eu estava conversando com um grupo de pessoas que tinham vindo de Portugal e você precisa de ver que apreciação que eles tinham pelas coisas daqui. E nós, a gente se puder joga um lixo em cima, né? Então, isto aí o que é? É falta de estímulo, você entendeu? Isto é falta de mostrar que o Brasil foi colonizado, foi e continua sendo explorado, mas que tem um povo que pode mudar toda coisa, toda vida. A partir do momento que você aplica, que você investe na educação, você tem pessoas melhores, você entendeu? Isso não tenha dúvida.

Eu vou te dar um exemplo assim, ó. Os meus filhos, os três são estudados, são formados e eu tenho sobrinhos que moram no interior. Se você vê... é uma judiação. Agora como é que elas [minhas filhas] fizeram? Minhas sobrinhas, elas se enfiaram dentro da religião: – Eu vou ser crente, eu vou ser protestante. Deus que me perdoe! Não estou falando nada de mais não: Só Deus pode nos salvar. Deus salva mas você também tem que fazer a sua partinha, você entendeu? Mas vai por isso na cabeça de uma pessoa? É atrasado, cada vez mais atrasado, vão criar filhos atrasados. Eu tenho um sobrinho que é lindo, vai virar pastor. Aí perguntei: – Por que você vai fazer isso com você meu bem? Ele responde: – Minha mãe quis, mas eu também já vejo como uma maneira de ele sair lá dos quinto e vir pra cá. Porque daí o que eu falei para ele: – Faz aí sua faculdadezinha de Teologia, mas aproveita e faz História junto também tá, bobinho? Ele me diz: – Primeiro vou fazer Teologia porque minha mãe quer. Vai vendo como é o ser humano, né.

**Como você vê as discussões sobre possíveis medidas que serão adotadas pelo governo federal com relação à História e ao ensino como um todo? (O governo federal propõe que o professor trabalhe por área, tendência seguida pelo governo estadual. Por exemplo, Ciências Humanas – História, Geografia, Sociologia e Filosofia; Ciência da natureza – Física, Química e Biologia; Códigos e linguagem – Português, Artes, Inglês e Educação Física).**

Eu sempre falo pros professores daqui: Vocês não vão conseguir ser únicos. Vocês não vão conseguir trabalhar sua disciplina sozinha. Você com sua disciplina e seu orgasmo pedagógico porque isso não existe. O que você tem que fazer. Você tem que trabalhar juntamente com as outras disciplinas, mas dando oportunidade que outras disciplinas, como História e Geografia também participem do processo de alfabetização.

Porque se você não souber ler, não souber interpretar o que você vai fazer com a Matemática, me fala? Nada. Ah, mas eu uso a Matemática no dia-a-dia. Mas se você não souber falar, não souber se expressar, não souber a direção que você vai tomar, você não vira nada. Se você não conhecer um pouco do seu passado, da sua vida lá atrás, você vai chegar uma anta lá na frente de outra pessoa. Claro que, no meu caso, vou puxar a História e a Geografia, não tenha dúvida. Eu não seria outra coisa se não fosse isso. Eu acho importante demais da conta, mas acho tão importante, que acho que se as pessoas tivessem um pouco mais de noção do que é Geografia, do que é História, do que é Sociologia, não teria tanto desacerto cultural com tem em nosso País, você entendeu?

Agora escrever por escrever, qualquer pessoa pode escrever batata e cebola. Mas precisa entender o fundamento da batata pra saber da onde veio a batata, precisa saber o fundamento da cebola pra saber da onde veio a cebola, pra saber qual a utilidade que tem na sua vida. Então, assim, me desculpa, mas eu acho que o Governo é tão bestinha ou, então, tem uns interesses que eu ainda não consigo entender porque deve ser uma célula que eu não consigo enxergar. Gente como é que você vai fazer uma pessoa fazer uma produção se ele não tem conhecimento histórico e de todo processo [inaudível] pra ele fazer a coisa, me fala, como?

Eu também não concordo com aquela Geografia e com aquela História que tinha antigamente: Qual é o nome do primo, do irmão, do presidente [inaudível]? Pára com isso. Não consigo interpretar aquela Geografia: Qual é o nome do afluente, do lado esquerdo, do lado direito do rio Tietê? Não sei cara [inaudível]. Agora eu posso saber qual a importância de tudo isso daqui, dentro daquele lugar que tou vivendo. O que tenho de fazer para continuar vivendo e deixar uma história bem elaborada para que as pessoas que vem possam entender. Eu sou analfabeta nesse sentido. Eu não consigo entender nada.

**Você acredita que disciplinas como História e Geografia contribuem para o processo de alfabetização e letramento das crianças?**

Entra dentro de uma sala e você pergunta para uma criança o que ela sabe de História: Ah, eu sei que o Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Aí o outro vai falar: Mas descobriu mesmo? Você tem certeza? É isso que ele vai falar. O que você sabe de História? Ah, eu sei a história do Calvin [Calvin e Haroldo], eu sei a história da Dona Benta, eu sei esse tipo de História, mas ele não tem conhecimento do processo histórico que a gente tem. Por exemplo, antigamente, eu ouvia o hino nacional, bom até hoje eu me emociono com o hino nacional, mas eu chorava mesmo. Eu achava aquilo profundamente profundo e lindamente maravilhoso [risos]. Achava uma coisa linda. Depois que passou aquela fase de você respeitar o País onde você vive porque agora não se respeita mais nada e é chic você viver fora do País, né, depois que se passou a ver a bandeira nacional como um pano verde, as pessoas passaram a perder todo aquele respeito pela história da própria casa, pelo avô, pela avó, você entendeu? A partir do momento que dobrou-se a bandeira [nacional] e colocou lá no canto, vô, vó, tio, tia, [inaudível] então eu acho que...às vezes as pessoas me perguntam: Você acha que tem conserto? Acho. Acho que tem conserto sim, se eu não acreditasse, eu não estaria na educação.

**Como você vê o uso da literatura em sala de aula? Você acredita que o trabalho com literatura exige algo diferente do professor quando comparado a outras formas de ensinar (jornais, revistas, filmes, música, etc.). Você usaria Literatura pra ensinar as suas disciplinas, no caso História e Geografia?**

Olha, eu acho que não tem um documento certo pra você falar eu vou usar isso daqui, isso dali, entendeu? Porque você nunca dá a mesma aula, você pode até preparar a mesma aula, mas você não trabalha a mesma aula em salas diferentes. Então, eu acho que eu usaria sim numa boa e eu já usei. Eu usaria com toda certeza.

**Na sua opinião, o aluno realizar em casa, de forma espontânea, a leitura de obras ficcionais sobre temas históricos contribui para o seu aprendizado sobre História? Por quê?**

Eu acho que contribui porque tudo que você passa de informação pro aluno você nunca vai atrapalhar desde que você também receba a devolutiva dele, né, porque não é só passar, tem que trazer para você também.

## **ANEXO 12**

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA COORDENADORA**

**Qual é sua idade?**

Eu tenho 53 anos

**Comente sobre a sua formação (escolas, graduação e pós-graduação).**

Eu fiz Letras na Unicsul [Universidade Cruzeiro do Sul], até então naquele tempo era Facsul, quando eu tirei o diploma dei a maior sorte que ela virou universidade. Isso foi em 93. Em seguida eu fiz administração escolar, mas aqueles cursos que você viaja, vai uma vez por semana, era no Rio de Janeiro. Esse curso foi na Universidade de Nova Iguaçu, em 94. Em 96, eu vim pra PUC [Pontifícia Universidade Católica] para fazer História, Sociedade e Cultura, que era uma especialização de dois anos. Dentro do curso de especialização eu tirei idéia do projeto do mestrado. E aí cabia né, a linha, a linha [repete] o viés era pra Ciências Sociais, Antropologia. Aí eu fiz o mestrado, continuei na mesma linha, o doutorado e defendi a tese em 2006. Lá se vão seis anos. E de magistério, vinte e dois anos de carreira.

**Em seus vinte e dois anos de magistério lecionou em quantas escolas públicas?**

Acho que eu trabalhei em muitas escolas no Estado, então o perfil do aluno eu conheço de A a Z. Existe uma diferença: o professor na época ACT [Professor Admitido em Caráter Temporário] hoje Ofa [professor Ofa ou categoria F, estável] ele tem essa habilidade, ele tem esse direito de mudar de escola.

**Pode explicar melhor essa colocação?**

O professor efetivo, dono do cargo, bola presa no pé, só se ele pedir remoção e ir pra outra escola, se entrar na remoção. Ofa [Ocupação de função atividade], F, categoria F é o estável, ele é da casa, mas quando ele faz sua inscrição ele pode mudar de Diretoria [Diretoria

de Ensino] e ir pra outros lugares. Categoria O é o [inaudível] que vai lá, que escolhe aula onde Deus sabe tem. Esse é o temporário.

**Qual a sua categoria, afinal?**

É... [breve pausa] eu sou instável. Sou F, digo, sou estável. Porque entre o concurso e o doutorado, eu escolhi o doutorado. Agora eu também faltando muito pouco pra mim aposentar, vem o concurso aí, mesmo passando eu não assumo. Ai...faltam só três anos pra eu me aposentar, anota aí vai [risos].

**Você está há quanto tempo nessa escola?**

Nessa escola, segundo ano. É o segundo ano [repete].

**Você estuda atualmente?**

Por incrível que pareça sim. Hebraico por causa da minha formação religiosa, minha formação povo, né, judeu.

**De onde é sua família?**

Do Egito.

**Quais são os motivos da escolha dos alunos por essa Escola, considerando o fato de muitos alunos não serem do bairro (Pirituba, Jaraguá, Morro Doce, Santa Mônica etc.)?**

O que não dá pra escolher, até pra entender, nós não escolhemos os alunos, nós escolhemos a escola. Quem tem o privilégio de escolher uma escola mais próximo da sua casa, maravilha. Quem não tem vai trabalhar longe [inaudível]. Como os alunos daqui são de Pirituba, Jaraguá, Morro Doce, Santa Mônica e tudo, né? Eles são do entorno. Eles não são

da...[faz breve pausa] assim, aqui não tem comunidade na escola [diz o nome da escola]. Eles moram no entorno e a escola [diz o nome da escola] recebe todo mundo. Então, por isso que essa escola [diz o nome da escola] não é uma escola aonde você faz uma festa ela vinga? Não, não vinga porque não tá na comunidade. O entorno não vem. Eles moram longe. Ele não vai sair da casa dele para vir numa festa da escola [diz o nome da escola], no sábado, por exemplo. Se ele tá numa comunidade o *point* dele é a escola. Fora da comunidade não é.

**Mesmo no caso dos alunos que moram aqui no bairro?**

Nada. Nem vem. Hum, hum, não aparece.

**Porque acha que há maior predomínio de meninos do que de meninas entre os alunos do nono ano?**

Isso. Graças a Deus, né? A escola inteira tem o predomínio maior de homens [fica em silêncio sem explicar tal afirmação].

**No caso do ensino médio as turmas são praticamente mistas, tendendo mais para predomínio dos meninos. Acha que os pais os mandam aqui por razões da convivência no bairro ou é especulação?**

É especulação. Na verdade, ele pode fazer coisa errada perto da casa dele ou longe da casa dele. Aliás, longe da casa dele melhor ainda. Dois, por incrível que pareça, puxando a brasinha lá pra minha sardinha, a escola [diz o nome da escola] tem um corpo docente [fica novamente em silêncio e retoma após cinco segundos]. É, se percebe que tem poucas faltas de professores e nós temos um quadro completo. Sendo que nas escolas próximas da cidade [corrige] casa deles não tem. É que infelizmente nós [professores] somos artigos em falta no mercado, né? Tem até briga, denúncia por querer estudar aqui. Ainda bem, né?

**Considera que talvez esse predomínio possa explicar o comportamento das turmas que precisaram mudar de sala no início do ano?**

O fato de ter menino, ter menina, ser mais, ser menos isso não influi porque houve uma época no nosso ensino que era sala de menina, sala de menino...

**E?**

Né? Isso não influi.

**Alguns alunos me responderam que vem pela qualidade do ensino.**

A escola [diz o nome da escola]tem um corpo docente, a escola [diz o nome da escola] tem regra, tem disciplina, tem rigidez, tem eu [diz seu nome]. Levanta o braço e pronto.

**No primeiro semestre você foi designada como professora coordenadora do ensino fundamental desta escola, mas após o recesso de julho deixou de ocupar essa função. O que houve?**

Você pode colocar aí na sua entrevista um adendo que a Secretaria de Educação não tem um fim de trabalho. Ela tem começo. E ela também não permite você. Então, você assume, você elabora um projeto, você começa um trabalho. E eles não dão valor e tão pouco se lixando pra esse trabalho, pra essa qualidade que você quer pro aluno. Aí acaba. Pronto. Aí não tem continuidade. Aí você quer um ensino de qualidade, né. Não sei se é que eles sabem o que é um ensino de qualidade. Eu sei.

**Posto isso, o que é pra você um ensino de qualidade?**

Para mim, uma proposta pedagógica ela tem que ser permanente. Se a proposta pedagógica do Estado de São Paulo é xis, entra governo, sai governo, entra secretário, sai secretário, ela [proposta pedagógica] tem que ser aquela. Essa proposta ela pode ser aprimorada, ela pode ser atualizada, mas é a proposta pedagógica. Agora, cada governo, cada secretário da educação muda as regras, muda as propostas, me fazem essas apostilas



que...[faz breve pausa] perdão o pessoal da USP que preparou isso, mas né? [pega a folha para ver qual é a próxima pergunta].

**Comente sobre o desempenho dos alunos do ensino fundamental da escola no Saresp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), considerando que a escola é considerada prioritária, ou seja, está abaixo do nível básico. Entre os elementos escolhidos, qual tem maior relevância?**

A questão do desempenho eu sou franca. Você tem que ser o profissional aí na frente (aponta para a lousa). Você jogar uma prova, mesmo o aplicador que vem de fora e nós aqui dentro, você vai aplicar uma prova, você tem que fazer um direcionamento com esse aluno. Você aplica, põe a prova na carteira e fala: Boa sorte. E é claro que você tem que fazer o preparo deles, mas isso é um jogo político. Eu tenho uma apostila, eu tenho o livro didático e eu tenho o Saresp. Isso tudo é em cima disso, só que o mundo das crianças é maior que isso. Meu mundo também é maior. Então, se o professor não segue a apostila, não trabalha em cima do livro didático, é claro que o aluno dele [professor] não vai conseguir responder aquelas questões do Saresp. Então, existe uma sequência. Então, você trabalha, você pode até não trabalhar a apostila, você adequa tudo e vai embora, né. Coisa que eu já falei, ué, me desculpem, é mais fácil dar um *tablet* pra cada aluno e gastar menos papel, né? Porque o que você tem de coisa empilhada de papel aí não está escrito no gibi, não. Meu problema não é conteúdo, não é o conteúdo que tá dentro [nas apostilas], nem com os elaboradores que a maioria são da USP, tem o pessoal da Unicamp, pessoal bom. Meu problema está sabe no que? Na falcatrua que eu sei que tem numas editoras porque não é possível você dar um livro que pesa quase três quilos pro ensino médio e querer que o menino use? De Português, sendo que ele tem aula de Português quase todos os dias. Ele vai ter que carregar aquele bloco todos os dias, mas o ensino não tem infraestrutura pra colocar um armário com cada aluno, isso é material dos Estados Unidos, que ele [aluno] chega na escolinha dele, ele abre o armário, pega o material, sala de aula, devolve no armário e vai com a bolsinha pra casa, mas eu tô no Brasil. Eu estou no Brasil [repete]. Não tem essa estrutura. Então, eu acho mais barato cada aluno ter um tablet. Não é? Eu preciso de um texto, o menino puxa no tablet, todo mundo

puxando. E desempilharia esse monte de coisas, né? Mas até isso entrar na cabeça desse povo demora minha filha.

**Comente sobre a relevância de iniciativas como as atividades do grêmio recreativo e da rádio na escola?**

Olha que legal, eles continuam na rádio. Na hora do intervalo é sagrada. Tem recadinho, tem homenagem, a aniversariante, a namorada, declaração de amor, enfim, todas essas coisas e o que eu acho legal é que não toca pancadão. É incrível, não porque existe censura, não existe censura, mas eles não colocam. Foi regra do grêmio mesmo. Eles que regraram e é um problema deles. Eu acho muito legal. Essas iniciativas são deles [alunos] e tem nossas idéias também. Você sempre vai lá, joga um verdinho, um toquinho pra eles e a coisa acaba dando certo.

**A base sobre a qual se organiza o planejamento anual das disciplinas nesta escola é constituída pelo índice do livro didático e Plano de Ensino, mas o Plano de Ensino da disciplina de História do ensino fundamental ainda não foi ainda localizado. Existe alguma orientação para o uso do livro didático ou dos fascículos apostilados (Caderno do Professor e Caderno do Aluno) pelos professores? Considera a abordagem e os conteúdos desses materiais adequados?**

Existe uma orientação, só que você pode adequar tudo, né, porque na época dessa liberdade de cátedra, pelo amor de Deus, me dê, né? Me dê [repete]. Então você adequa. Eu não sou adepta, tem assuntos [inaudível], a Literatura não mudou, mudou a Literatura do século 17 e 18? Ela não muda. Eu não preciso de um tijolão daquele, né? Nem meu aluno precisa. Hoje em dia com o advento da Internet, você não precisa de mais nada. A Literatura não mudou, a Matemática não muda. São coisas que não muda [sic]. O que modifica é o histórico e o geográfico, isso vai mudar, os fatos de História e a Geografia, devido as mudanças aí demográficas e geográficas no mundo, certo? Caderno do Aluno... pra que eu vou pedir se na Internet tem as respostas, o camarada copia tudo e me entrega?

**Está disponível em qual site?**

Pesquisa no Google que você vai achar. Caderno três de Português, resposta.

**Considera que o professor, então, tenha condições de adaptar conteúdo de seu repertório ao material didático que lhe é oferecido?**

Na boa, assim, declarado ao povo da USP: eu não preciso de nenhum livro para dar uma aula de Realismo. Eu dou aluno um mês só da minha cabeça. Não preciso disso não. Ela não mudou. O Machado de Assis continua no mesmo lugar, o Aloísio Azevedo continua no mesmo lugar. Eles não mudaram. Eles adaptam [adaptam] as obras, mas as obras são as mesmas e às vezes faz mal adaptar, né?

**O governo federal propõe que o professor trabalhe por área, tendência seguida pelo governo estadual. Por exemplo, Ciências Humanas – História, Geografia, Sociologia e Filosofia; Ciência da natureza – Física, Química e Biologia; Códigos e linguagem – Português, Artes, Inglês e Educação Física. Comente a respeito.**

Querida, eu nem sei se essas disciplinas, História e Geografia vão permanecer no espetáculo. Segundo que eu li no Estadão [jornal *O Estado de S. Paulo*] três mil professores estão assim: tchau, não quero dar aula por ano aqui em São Paulo. Então, se você fazer [sic] uma estatística, uma estimativa, em cinco anos, não tem [ri]. E você sabe que os cursos de licenciatura estão assim, com menos alunos, menos alunos e menos do menos alunos.

**Qual sua avaliação desse gradual encolhimento do quadro de licenciandos, futuros, licenciados?**

Eu quero é mais. Eu quero é mais que não tenha porque ou a minha população, o meu povo acorda pra a vida ou ele que não vai ter nenhum professor. Não tem porque quem sabe melhora assim, tanto a parte de ensino na licenciatura, tanto melhor a atenção do professor, né, nas redes públicas, municipal, estadual e conseqüentemente até as particulares porque eu

tenho pena da escola particular é que eles [alunos] são uns robóticos, né? Faça o que seu mestre mandar e o que a apostila falar, né? Eu vou contar um caso pra vocês e eu vou deixar bem registrado pra você levar lá. Meu neto era do Pentágono: Eu não vou pra escola, não quero ir mais pra escola. Primeiro aninho, pré-primário antigo. O que está acontecendo? [fala como se estivesse se dirigindo ao neto]: Ela me chamou de retardado. Eu comecei a investigar o menino. Ele era deixado de lado, taxado como retardado porque ele demora mais pra aprender. Conversei com uma amiga minha no Estado. Ela cadastrou, arrumou a vaga. Coloquei ele no Estado em 1º de agosto de 2013. Então, tá fazendo um mês. Se você vê o caderno dele, da produção dele. Ele lendo, já juntando tudo, juntando as letrinhas pra formar a palavra. Um mês. E eu fui convidada, né, convocada a ouvidoria do Pentágono e levei o caderno do menino e com toda a delicadeza do mundo, falei que retardada era a mãe dela, o pai dela e a família dela. Esfreguei esse caderno na frente deles. E o que elas diagnosticaram? Que o menino escrevia grande demais porque não tinha noção de caderno, de organização. Então qual é a diferença de ensino? Eu, modéstia parte, eu sou mais eu aqui no meu Estado e é aqui que eu me sinto Prô [professora]. Fora daqui eu não sou ninguém. Fora daqui eu não sou ninguém [repete a frase]. Eu dou o maior valor pra professora [diz o nome da professora] do Colégio [esse trecho foi omitido para evitar que o colégio fosse identificado]. Pré. Dou o nome. Linda, maravilhosa. Se você vê o caderno do menino, ele já fala [diz soletrando]: vê-a-eme-o-esse: v-a-m-o-s. Junta, coisa que ele não fazia um mês. Então, o profissional ele tem que ser bom em qualquer lugar.

**Você acredita que disciplinas como História, Geografia e Ciências contribuem para o processo de alfabetização e letramento das crianças?**

Então vou te responder essa [questão] e a gente desce, tá bom? A partir do momento que você tem um texto, que você tem um enunciado, que você precisa ler, você tem que aprender a interpretar e para interpretar você precisa saber o significante e o significado das palavras. Você sabendo isso, você matou metade do exercício de matemática. Então, todas as disciplinas. Agora História, Geografia, é claro, tem um monte de textos. Então leva a interpretação, leva a leitura, leva a imaginação, leva a crítica, nos leva ao Egito, ou leva a Grécia, leva a [faz pausa de cinco segundos], aos Maias, aos Astecas, aos Postecas [?], sei lá.

Você vai criando toda sua imaginação e você vai andando através dos tempos, através da leitura. Mesmo que o aluno leia [inaudível] pra mim está ótimo. Leu as Valquírias do Paulo Coelho tá ótimo. Ler todos os Crepúsculos da vida, por mim tá ótimo, tá lendo.

**Como funciona a escolha de representantes discentes, é uma indicação ou votação da sala?**

É uma regra da escola. A sala tem que ter um representante. Agora, eleger o representante é entre eles. Tá certo que sai uma brigaiada danada, uma votação fraudulenta entre eles [risos]. Mas, enfim, eles é que resolvem quem vai representá-los.

**É sempre um menino e uma menina ou independe?**

Independe. Geralmente, é uma menina e um menino, mas independe. Pode ser dois meninos, duas meninas.

**São os mais populares ou nem sempre?**

[risos] Na real, eu gosto que ganhem mesmo os terrores porque quando colocam o terror de líder da sala a coisa melhora [risos]. Mas eles que decidem. Às vezes eles mesmos votam pelos terrores deles lá e acaba dando certo.

**Acredita que a interdisciplinaridade, unir disciplinas diversas em um mesmo projeto, ajuda a envolver mais os alunos nas atividades escolares?**

Eu não gosto nem da palavra interdisciplinaridade, eu gosto da trans [transdisciplinaridade]. Então quando você vai ensinar Literatura, você tem que ser bom de História. Eu sempre brinco que a História vem trazer um fato e a Literatura é aquela maroca fofoqueira que fica lá em cima que sabe tudo que tá acontecendo por baixo e ela pode falar, né? E ninguém vai acreditar porque ela é fictícia, mas ela tá mostrando uma sociedade da época, um comportamento da época em que a obra é escrita, o cenário da época descrito pelos

autores. Então, eu falo que a Literatura ela fica assim na torre ali, naqueles palacetes, ela fica só olhando e depois ela vai contar e ninguém vai acreditar porque aquela mulher fala demais, a dona Literatura, mas é atrás do texto dela que você vem trazendo toda uma sociedade, todo costume, toda cultura, cenário, tudo da própria História. Mas aí você vai mexer em Geografia? É claro, geograficamente você vai ter que situar. Se eu tô falando de Grécia Antiga, eu vou situar a Grécia. Se eu tô falando de Brasil, tô falando de Rio de Janeiro, vamos colocar como que era a questão do Rio de Janeiro da época, como que era São Paulo. Você tá mexendo com isso geograficamente. Você vai trabalhar um texto, seja uma música mesmo, tem música que você vai mexer com Física pura, como do Jorge Ben Jor, *Hermes Trismegisto*, você vai mexer com Física pura. Você vai trabalhar História lá no século I. Você vem trazendo Física, você vem trazendo Filosofia, Matemática, toda uma interpretação de texto desde lá de trás. Então, eu acredito que a Língua Portuguesa é aquela coisa assim, né, ela tá em cima e ela consegue trazer tudo, tudo desde que você saiba carregar o bonde, né? Por isso precisa ser profissional, mesmo.

### **Você trabalha transversalmente outras disciplinas nas aulas de Português?**

Constantemente. Constantemente.

### **Pode dar um exemplo?**

Aí quem escutar isso vai ficar doido, né? Uma oitava série com texto de Oswald de Andrade que é modernismo, né?

### **Qual texto de Oswald de Andrade se refere?**

O Futuro no Passado. Uma oitava série e aí você vai trabalhar o Modernismo, você vem trazendo todo um contexto histórico do período. Ele tá falando de um bonde elétrico, da Companhia de Eletricidade Light de São Paulo, que estava nascendo naquela época, em 1900, por volta de 1900, 1900 e pouco. As crianças já querem saber a história do transporte, aí você vem com a história do transporte, meios de comunicação, entra rádio no meio e aí você tá

trabalhando interpretação de texto, História, iniciação à pesquisa, quebrando pau com aluno por causa de idéia diferente. O outro que fala que submarino é o meio de transporte que serve pro povo. Eu falei: – Tá louco. E aí você mistura tudo você vem trazendo tudo, traz a Geografia também. Até a Primeira Guerra Mundial da história da moto entrou na história dos transportes. Então, aí você mexe com tudo porque, na boa, texto com perguntinha depois, pelo amor de Deus. Bota o menino pra pensar. Bota o menino pra ir atrás. Não dá, eu não consigo trabalhar assim.

### **Quer contar sobre o que preparou para sua aula de hoje?**

Hoje quem vai trabalhar são eles eu não. Olha, quinta-feira foi o texto. Segunda-feira toda a história do transporte. Ontem veio avião, moto, tudo que tinha direito. Hoje não. Agora, eles se reúnem em grupo e vão criar um texto pra mim, fictício, que tenham todos esses meios de transportes aí. Quer dizer, eles vão narrar, eles vão narrar [repete] uma história inserindo tudo que foi conversado, lido, estudado dentro da, da [repete] aula. Vale nota? Eu não considero um trabalho escrito do aluno como uma nota. Eu considero mais, ele está sentado naquele grupo, botando o dedo na cara do outro, querendo tirar personagem o outro querendo colocar personagem. É o que vale mais nota. O texto pra mim só serve pra eu direcionar ele na Gramática.

### **Considera quatro aulas semanais de História suficientes para as séries do ensino fundamental? Pode particularizar para o caso de sua disciplina, Língua Portuguesa?**

Mas aí é que tá, eu não entendo essa posição educacional de você ter uma grade se você tem duas aulas, três aulas de História na semana, eu não sei qual é a grade de História. Eu já tenho seis aulas de Português em ensino fundamental na semana. Eu acho que tá ótimo. Eu não vejo vantagem nenhuma em você tirar uma aula de História, por exemplo, e acrescenta o quê? Acrescenta Português ou Matemática, aí o moleque passa a ter sete horas-aula na semana de Português ou sete horas-aula de Matemática. Um mais não tem significância nenhuma, na qualidade sim. Então, não adianta, ele pode ter vinte aulas de Português na semana, se as vinte aulas não tiver [sic] qualidade ele não vai, ele não vai

[repete]. O aluno não vai, nem o aluno vai, nem o professor vai porque em dois meses o professor já está saturado da sala e a sala já está saturada dele. Ninguém agüenta. No meu caso, aí é que tá. Você conhece o trabalho, você tá junto. Você vê. Ótimo. Perfeito. Só que isso choca e não é permitido entre profissionais. Eles se chocam. Como pode ela é professora de História? Desculpa, meu amor, eu não sou professora de História eu só sou especialista em História, Sociedade e Cultura. Professora de História não. Eu falei: mas eu não consigo trabalhar um texto seco: tá ruim ler o texto ou tá bom? Ele falou: onde tá, tá bom. Aí você vai pra dez perguntinhas sobre o texto e acabou? Não. Eu não consigo fazer isso. É difícil pra mim.

**Para você, qual a importância da História na formação de crianças, jovens e adultos?**

Gente, como é gostoso você imaginar a cara do índio quando ele viu aquelas caravelas chegando. Como é gostoso você imaginar um teatro grego com aquelas máscaras lá atrás. Como é gostoso você imaginar todos os deuses gregos que é a paixão da vida dos alunos num cenário grego. Gente, sem a História eu não posso fazer isso. Não dá. Eu não consigo trabalhar porque eu adoro mitologia. Eles lêem muito mitologia por minha causa, não é nem por causa de História. Eles adoram mitologia. Adoram. E eu conto muita história pra eles, né, porque o contador de história esse faz a diferença. Pode ter certeza, meu amor. Hoje eu vou contar história. Você tem eles todos pra você. Pode ter certeza. Todo mundo vai olhar pra você, até o mais bagunceiro, mais capeta. Sem História não dá pra gente... o mundo é uma História e alguém precisa contar. Oh, minha filha você esqueceu que eu sou descendente de quem? Dos egípcios, uma das civilizações mais antigas do mundo da linhagem de Moisés, né, que é o povo... que a minha família é dali do Sinai [Monte Sinai]. Se eu não gostar de História, você me mata, me joga pra lá.

**Como você vê a História no conjunto de disciplinas ensinadas no Ensino Fundamental, em especial, no Ciclo II? Qual sua importância dentro desse contexto?**

Pra mim [diz seu nome] tem que começar lá no primeirinho aninho que é o antigo pré. Pra mim tinha que começar tudinho lá no ciclo I, já. Lá no ciclo I sabe aquele contador



de História, sabe gente [frisa]: Vocês sabiam que aqui morava um monte de índio? Ah? [no sentido de o quê ou como assim?]. E aí vem tudo devagarinho e aí quando ele chega no quarto ano, quinto ano, ele já vai ter toda uma noção de contexto histórico. Quando chegar no sexto ano que é aí já é ciclo dois, gente toca o bonde pra frente, mas faz uma seqüência. O que mais me irrita é a inseqüência. Isso não existe. Essa palavra foi inventada: inseqüência. Gente o menino aprende História Antiga na quinta série, entendeu? Então, pra mim tem que fazer uma seqüência. Olha, eu não sei como é direito. Eu sei que na quinta série a História é Antiga. Posso trabalhar História Antiga, mas tem que ser o *must* de História Antiga. Precisa trazer todos os egípcios, todos os gregos, os egípcios com toda aquela, aquela [repete] tecnologia, aquela arquitetura. Não dá pra um menino de quinta série assimilar tudo isso, aqueles monte de múmia, aquele monte de coisa. Aí vem os gregos, com toda filosofia, com toda a matemática, com a toda a democracia, com tudo, com seu teatro. Gente, como é que um pequenininho de quinta série vai assimilar tudo isso? Não é melhor ele aprender a história do país dele primeiro? Ele vai amadurecendo. Ele se situa pelo menos. Eu sou brasileiro. Eu estou no Brasil. Daqui eu vou partir para o mundo. Antigo e Moderno.

Vejo uma necessidade muito grande de modificar todo o programa no ensino fundamental. Porque o menino começa na quinta série vendo História Antiga. Depois ele vem pro Brasil. Ele não sabe mais o que que ele estuda, então, dá uma seqüência, pelo menos, uma linha de tempo certinha, né, de acordo com a idade dele. Conforme ele vai crescendo, ele vai aprendendo as coisas mais complexas, que aconteceram no mundo. Deveria ser repensado isso, né? Escritores de livros de História, esse é um recado para vocês: repensa nisso, o meu menino de dez anos porque a faixa etária agora vem com dez [anos] na quinta série. Tá, então, é fascinante o Egito, é fascinante a Grécia? É. Só mitologia pra eles. A guerra, as coisas, não é fascinante [sic].

**Para você, qual é a importância da História na vida das pessoas e da sociedade? Como o professor se insere nesse processo?**

Existe sociedade sem história? [faz pausa de doze segundos]. Até um eremita que não vive socialmente ele tem história. Então, é de máxima importância, né, na sociedade principalmente. A sociedade é uma história. Eu acredito que o professor de História, ele tem

que deixar de ser aquele velho caquético, nojento, chato. Quem faz com que eles pensem que história é uma coisa velha é o próprio professor. Se o professor se posiciona como sendo de muita importância o passado pra você entender seu presente, se ele coloca isso e faz uma dinâmica legal, não com aqueles textos chatos que você fica lendo: ai porque a Guerra do Paraguai, ai porque a Guerra dos Cem Anos, ai porque a Guerra dos Seis Dias. Ah, isso não. Esmiúça o negócio, vai contando algumas coisas, assim, que ninguém contou ainda. Eles vão gostar. Deixar imaginar. Ai não, como é que pode? No século I o cara já pensava assim. Já pensou a evolução? Aí ele tá vendo História lá no século I, ele tá vendo os Tenemeus [?], ele tá vendo os Hermeneutas[?], você está dando aula de História, mas deixa o cara imaginar. Ah não fica naquela: tem, tem, tem. Na boa, eu nunca gostei daquelas professoras falando a Guerra do Paraguai, o Duque de Caxias, a Princesa Isabel. Então você ficava imaginando aquela Princesa Isabel a coisa mais bonitinha do planeta. Aí depois você começa a fazer a Universidade, você começa a ver que a coisa não era nada... eu falei é pior ainda. Você vai fazer doutorado, mexe com cortiço, e você vai ver que era um lixão mesmo. Aí você vai acabando, sabe, tirando a imagem [estereotipo]. Então, faz um negócio bonito. Conduz legal.

**Como você vê o uso da literatura no ensino de História? Você acredita que o trabalho com literatura exige algo diferente do professor quando comparado a outras formas de ensinar a História (jornais e revistas, filmes, música, etc)? Por quê?**

Parece que eu até já falei na entrevista. Você pega uma música: Hermes Trismegisto. Legal. [a música] é do Jorge Ben Jor. Você vai interpretar o texto, você está trabalhando o Português. Só que pra você interpretar o texto, você vai fazer uma pequena pesquisa, certo? Porque Trismegisto? Três vezes grande. Hermes associado a Hermes, o deus grego, mas dos egípcios, é o deus Tuti [Rei Tuti], deus da sabedoria por isso é três vezes grande, né? Aí você vai dar toda uma aula de História. Aí vai entrar os Hermeneutas, os pensamentos dos Hermeneutas. Vem toda a História, que aí entra a Geografia, que você vai falar do Sistema Solar, criado por Hermes Trismegisto, certo? Você já deu aula de História, deu aula de Português, deu aula de Geografia. Aí o cara pega olha pra você e fala: Pô, no século I, ele já pensava assim? Foi isso que as oitavas séries falaram para mim nesse texto. E aí você deu aula de tudo. E aí você tem que trabalhar música sim, você tem que trabalhar Literatura. Eu

gosto da Literatura na História, né? Que eu falo assim: a História é aquela madrasta chata que fica contando aquelas coisas chatas e aí chega a Literatura que não tem compromisso com nada, que é a comadre fofqueira e é dentro dela que nós vamos achar as coisas. Só que depois quando você faz o processo comparativo, o processo de pesquisa, você vê que tudo que tá na Literatura tá no real, entre aspas real, né? Por isso que tem que casar tudo gente: jornal, revista, filme, música. Como que ele [aluno] vai imaginar um [faz pausa] os... as Cruzadas? É fácil: pega um filme porque pelo menos você vai ter uma imagem pra associar com ele [filme]. Como ele vai imaginar o Império Romano? Pega tudo aqueles filmes que têm sobre Império Romano. Os deuses gregos, como era a Grécia? Ah, bota toda a mitologia, que aí você faz sucesso. Além de tudo, você tá falando de Literatura, né? No exército de Brancaleone também. Aí você faz o casamento dos dois.

**Considera suas seis aulas semanais de Língua Portuguesa suficientes para as séries do ensino fundamental?**

São seis aulas. A titular sou eu. Eu dou as seis aulas pra eles. A residente tá comigo, mas é um apoio, ela tá no treinamento ainda e eu dou as seis aulas e no ensino médio são cinco [aulas]. Aí eu falo pra você, Leandra? Dá pra brincar de historiadora? Pra isso você tem que ter estudo, você tem que pelo menos estar se atualizando, agora melhor ainda na Internet com tudo, com leitura de texto. Porque pra mim texto é texto. Ele é de História, ele é de Geografia. Ele é um texto, você é professora de português, você tem obrigação de interpretar. Você tem treino pra isso, então dá pra você brincar de...de...de Literatura, dá pra brincar de Literatura. Dá pra misturar Literatura, História e Interpretação de texto? Lógico que dá. Só não faz quem não quer porque eu sempre falei: quer ver eu fazer sucesso? É eu chegar na mitologia grega. Além de eu dar toda aula sobre Esparta, sobre Atenas, a...a...a... ilha do Rei Minos [Minos, rei semi-lendário da ilha de Creta] tudo direitinho. Eu não vou dar aquela puta aula de História porque eu não sou historiadora, mas eu conheço o básico pra deixar a galera intrigada e fechar o professor de História nas perguntas. Isso é legal. É quando eu vou falar, vou contar um livro ou uma história dos deuses, além de eu ter que explicar todo o costume da Grécia, eu vou contar a história. Vai ter interpretação de texto, vai ter audição, porque eu sempre testo a audição deles, comportamento de leitura, na audição de

uma leitura, e depois a parte de História ele fecha o professor e fala: - Não é não. E é muito bom quando o aluno fala assim: - Você tá enganado. Não é não. Por que? Porque eles prestaram atenção numa aula, tá prestando atenção na aula dele e lendo o contexto. Ele não está querendo ser mais que o professor. Agora, misturar, claro que dá gente. Quem mexe com Literatura vai mexer com Geografia porque tem a localização, vai mexer com História e se você mexe com tudo isso, você mexe com interpretação de texto. Ah, se você me perguntar da Gramática, onde eu entro com a Gramática aí. Gente, quem é o coitado que criou aquilo para criança tem que falar assim: Olha, eu tenho que fazer isso, tenho que fazer aquilo, tenho que fazer aquilo outro. Tudo bem. A Gramática tá aí. São regras. São regras [repete]. Na minha cabeça, regras é uma coisa que você decora. Você decora regra de trânsito, você decora regra gramatical, você decora tabuada, só que você não precisa decorar, eu ensino a usar no seu dia-a-dia. Olha, Quando eu leio um texto de um aluno, eu falo assim pra eles:

- Gente eu tou sem ar! Eu tou morrendo! Eles ficam me abanando.

- Que isso?

- É que faltou tanta vírgula aqui. Vamos brincar de colocar a vírgula? Então, lembra quando eu te falei: cabe uma vírgula aqui?

- Putz eu esqueci.

Então, são regras, né. Aí depois ele aprende a fazer um joguinho. Hoje eu leio redação que tem um monte de vírgula. Tem vírgula até demais e a gente tira, mas o aluno está inserindo. Eu preciso avisar pros meus alunos que mudou a ortografia, mas não tiraram os acentos, que na cabeça deles, eles tiraram todos os acentos. Ninguém tá acentuando mais nada. As palavras proparoxítonas eles comeram todas. Mágica, plástica, tudo isso ainda continua sendo acentuado. Pode acentuar idéia, mas idéia caiu. E eles estão lá, só que eles não acentuam mais nada, mas até aí é um acento. Eu sempre disse isso, o que vai me interessar é se ele é capaz de construir. Se ele é capaz de fazer a construção do texto aí tudo bem, o resto é maquiagem.

**Quais orientações foram passadas aos professores na recente reunião para discutir a prova do Saresp que será realizada em novembro? Como você se posiciona em relação aos temas que são exigidos?**

Jogo aberto?

**Sim. Jogo aberto.**

A escola tá na prioritária. Não é minha culpa. Eu cheguei e encontrei o cenário bonitinho. O que não dá pra engolir é uma certa pressão, certa não, uma pressão forte mesmo, né, de ter que tirar a escola da prioritária.

**Desde quando a escola passou a ser caracterizada como prioritária?**

Ela não era e passou a ser. Tem, assim, dois anos que ela tá, assim, abaixo do básico. Aí fica uma pressão da Diretoria de Ensino que eu acho ridículo, né, que vê um bando de gente de bota, de salto, de cabelos loiros. Me desculpem as loiras, mas ó, já deu tá. Esse povo de bota e de salto, é tudo no salto da bota e nada na cabeça, né, por que? Porque não conhece a nossa realidade e não conhece o meu aluno. O meu aluno sai de Osasco, o meu aluno sai de Pirituba, o meu aluno sai da Brasilândia, sai de [Parada de] Taipas. Aí de repente chega todo mundo aqui: loiras, lindas. Me desculpem as loiras, mas eu não gosto de loira, nunca vou ser loira na minha vida, apesar de ter olho verde. Aí chega tudo aí no salto da bota e não tem nada na cabeça e fica fazendo as coisas na pressão, né? Por isso que eu odeio coisa política, né? Porque depois esse povo empinado, muda-se a situação política de São Paulo, esse povo cai tudo, né? Na minha cabeça, eu tenho uma consciência profissional, eu tenho consciência de levantar a auto-estima do menino. Eu estou com dezessete alunos pendurados. Eu vou chegar pra esses moleques e vou falar reprovou? Não. Não [repete]. E aí, meu amor, você quer ver onde vai entrar a minha literatura num trabalho pra fazer jus ao quinto conceito dele? Ele vai criar uma história pra mim e, a partir do momento, segunda-feira eles vão saber isso... eles vão criar uma História, criar, criação deles. Eu só vou dar um mínimo de lauda. é uma narrativa. A narrativa que é um método mais fácil para a oitava série conduzir, né? A narração é mais fácil pra eles conduzir [sic] a escrita, né? E narrativa eles vão muito bem. Então, o que que eu quero? No mínimo cinco laudas. Então, eu quero uma história grande. Eu quero uma coisa que eles vão ter aí quarenta dias. Claro que eles não vão fazer um luxo todo porque eu também não quero um luxo todo. Eu quero isso a mão, né, manuscrito porque

a partir do momento que ele começa a trabalhar, ele vai colocar a mente dele pra pensar. Ele vai usar palavras, ele vai usar gramática, ele vai botar pra fora o que tem dentro dele, a expressão dele. Ele me entregou, eu faço jus, é justo eu não reprovar esse aluno. Se ele não me entregar, ele tá reprovado, é lógico, mas todo mundo tem direito a uma chance antes de jogar a toalha. Eles perguntaram pra mim sobre o Saresp, meus alunos. E eu fiz um combinado com eles. Eu sempre quis que meus alunos, pelo menos, lessem a prova. Nós estamos conversando sobre isso e eles vão fazer [a prova] em novembro. Eu sempre quis que eles lessem a prova, se eles vão acertar as questões isso não me interessa. Eu não tou preocupada com o índice [Idesp] do Governo do Estado de São Paulo, pra ele apresentar sabe lá Deus para quem? Porque pra mim não leva a nada. Ele tinha que pegar o dinheiro desse bônus que ele diz que paga para professor, sabe, ou ele faz duas coisas com esse dinheiro: ou ele coloca no meu salário, né, ou ele pega e investe nos tablets e acaba com essa desgraça desses livros que tá [sic] aqui. Senão, uma hora eu vou fazer a Santa Inquisição. Tem livro já ultrapassado aqui dentro gente. E aí o que acontece? Eu não tou preocupada eu quero o meu objetivo. Eles vão ler a prova combinaram comigo: - Professora, a gente só vai sair depois de duas horas de prova. Eu falei: - Que ótimo, só que eu tô lá e você sabe que moleque é assim, né, você tem que falar que você tá de guarda porque senão a coisa não funciona. Eles são crianças. Eles vão fazer aqui [na escola], só que eu não posso aplicar. Vem outro aplicador. Então, o que eu estou fazendo. Eu estou ensinando os meus alunos a me fazer uma prova, a partir do momento, eles combinaram comigo, é claro, eu não faço nada de graça. Primeiro porque eu sou judia e eu já ensinei os alunos a não fazer nada de graça. É claro, você tem duas horas de prova, você leu a prova, você preencheu o gabarito direitinho, você não merece um pontinho? Merece. E eu faço o jogo com os outros professores porque ele [aluno] tá fazendo por merecer a ele ser aprovado mesmo ele me devendo nota no primeiro e no segundo bimestre. Isso é o jogo que a gente chama de jogo do contente, jogo do levanta autoestima. Ele vai motivado pro ensino médio, né, eu não vou segurar um menino de 15, 16 anos aqui na oitava série que eu não sou louca.

**Houve alguma etapa preparatória voltada aos professores para o Saresp?**

Vamos ter uma reunião amanhã. Então, povo que vai me ouvir, seja o que Deus quiser [risos].

### **Os alunos fazem a prova do Saesp de forma espontânea?**

Que isso não se espalhe, mas é de forma espontânea porque se eu falar que é de forma espontânea não vem ninguém. Mas eu quero que eles aprendam a estrutura de uma prova, que depois as provas deles de Enem, de Fuvest, das escolas técnicas, né, os vestibulinhos são todas nesse formato. Então, na realidade eu tou mais treinando meus alunos. Se bem que eu andei sabendo que as notas do Saesp pro terceiro ano também entra, né, nas universidades. É, então, deixa eu avisar os meus amores a partir de semana que vem, que eu não sabia disso, preciso avisá-los. Só pros terceiros.

### **Na sua opinião, os alunos realizarem em casa, espontaneamente, a leitura de obras ficcionais sobre temas históricos contribui ou atrapalha seu aprendizado sobre a História? Por quê?**

Quando você coloca a [pergunta] dezenove aqui que você fala despertar a leitura, né, e leitura de história também que você tá colocando aqui. Aí que é legal. Sabe, parece loucura, doideira da cabeça da gente, né, de você ficar andando no passado, andando no Egito, andando na Grécia, né, andando nos Maias, e aí você coloca aqueles nozinhos na cabeça deles [alunos], né, como é que os caras tinham tanta inteligência daquilo, né. Aí você vai: eram os deuses, astronautas? O que será que tem lá pra cima, além da Lua? Aí você vai colocando esse monte de minhoquite na cabeça deles [alunos] e eles vão em cima de pesquisa atrás das minhoquices, atrás das doideira [sic] e, em cima dessas doideira [sic] eles estão estudando. E aí fala: você é doida? Doida eu não tou, mas que tem mais doido do que eu que tá aí, fazendo pesquisa pra ver se não tem influência de seres extraterrestres na terra e a menina adora uma ficção. Eles vão atrás disso. Eu falei: - Tem um monte de cientista estudando tudo isso, então eu não sou doida. E eles vão. Então depois chega pra mim e faz assim: - Professora, não seria uma bactéria que veio junto com um meteoro que caiu e acabou com os dinossauros que se juntou aqui e criou o ser humano? Eu falei: - Quem sabe, meu

filho? Eu não vou refutar porque eu não sou louca, mas, eu falei, pode ser uma teoria. Aí você pega um pivete de oitava série falando isso para você, isso é muito bom, né, principalmente quando esse texto Hermes Trismegisto eu fiz um teste. Eu passei pro terceiro ano do ensino médio e trouxe a mesma aula pra oitava série. Foi mais gostoso na oitava série porque: - Como? Professora, como é que ele conhecia a Teoria do Big Bang se ele não tinha máquina nenhuma? A obra solar, né. Essa é uma pergunta que eu também não sei te responder não tá? E aí: Como? Fica assim: anh? Que século mesmo a senhora falou? E aí você já vê a imaginação de moleque, né, e dentro da História, dentro da Cosmologia, entrou Física, entrou Geografia, vai desenhar Sistema Solar na lousa. Então, pra mim, assim, foi muito mais prazeroso fazer aula com a oitava série. Deu mais tesão, mais tcham. O ensino médio foi muito técnico. O ensino médio foi muito antropológico, muito técnico, muita teoria, muita História bruta, mesmo Física pura. Com eles [oitavas séries] não. Foi viajar mesmo, vamos voar o mundo porque a cabeça é feita para voar [risos]. Aí vamos. Será? Eu gosto do será? Eu: Pode ser: Porque eles são loucos pra saber como é que o homem chegou na Terra, né. Aí quando eu fui falar do DNA pra eles que quando o homem decifrar todo o código, né, ele descobre a nossa origem, né. Aí eles: É professora? Vai demorar um tempaço pra isso, né, mas eu tenho medo. Ele: Do que? Se ele descobrir, ele se destrói, com certeza. É, essas doideira [sic]. A gente viaja um pouco, por isso que eu consigo ficar nas oitavas séries. Aí eles perguntam pra mim assim: Como que você dá aula nas oitavas séries. Aí eles perguntam: Como você consegue dar aula nas oitavas séries? Com disciplina. É que o professor tem que sair da mesmice, você tem que criar, você tem que ter devaneio mesmo. Deixa o moleque pensar. O moleque que tem devaneio, o moleque que sonha, ele cria. E respeito: a palavra mágica. É o respeito do ser humano, ele pode ter 12, 13, 14, 30 anos. Respeita o ser humano. Eu chorei na sala semana passada porque eles falaram pra mim assim: - Só pra senhora que ninguém mente e todo mundo respeita. Ninguém consegue esconder da senhora as coisas. Porque tacaram fogo na sala [ri].

### **Qual das oitavas colocou fogo na sala semana passada? Você sabe quem foi?**

Oitava B. Aí eu falei: Kakay! O olharzinho virou. Como é que a senhora sabe? Eu falei: Kakay eu conheço seu olhar. Faltou a gasolina professora [ri]. Você tá maluco, menino,



tá querendo tacar fogo na escola? Mas eles não mentem pra mim. É que tacaram fogo e jogaram debaixo da carteira da namorada do Kakay porque o Kakay está namorando com a Paula e ele foi chutar pra proteger a namorada, né. Você ia tacar fogo na namorada, menino! Incendiário!

### **Qual é a sua visão (representação) sobre o escritor Monteiro Lobato?**

O que que eu digo pra você? Como que você vai trabalhar toda a natureza dentro de Monteiro Lobato? Como que você vai trabalhar todas as doenças da época, que os conflitos que tinham no campo e os povo [sic] da cidade não sabia? Jeca total deve ser Jeca Tatu doente [cantarola]. Como que você vai trabalhar todas as nossas lendas e as nossas fábulas? Fala pra mim? Qual autor que nos colocou com tudo que é nosso, que é de Brasil? Se você contar outro. Monteiro Lobato, então, só dá pra gente saber da Tia Nastácia, só dá pra gente saber do saci, só dá pra gente saber da Cuca, né, porque todo mundo canta “nana, nenê que a Cuca vem pegar...”, mas quem era a Cuca? Quem era a Cuca [repete]? Desde que o mundo é mundo todo mundo canta “nana, nenê que a Cuca vem pegar...”, mas quem era a Cuca? Graças ao Sítio do Pica-pau Amarelo nós descobrimos quem é a Cuca. A gente sabia de saci pererê, né, a iara, a mãe d’água, o curupira, uma boneca que faz o que eu faço... deixa imaginar, voar, deixa a cabeça voar.

### **O que acha da recente polêmica envolvendo um dos livros de Lobato, *Caçadas de Pedrinho*?**

A tia Nastácia era uma empregada doméstica, como nos anos 20 tinha muita preta que era empregada doméstica, que hoje também tem muita preta que é empregada doméstica, que trabalhava... Linguagem de antropólogo é preto, não afrodescendente, não tem porra nenhuma. É preto. O que é preto é preto e o que é branco é branco e acabou. Então, tá, ela trabalhava com a D. Benta, era cozinheira, cuidava das crianças. E daí? Quantos pretos trabalham hoje? De empregado doméstico também? Naquela época, o que era preto era preto, o que era branco era branco. Queridos, na época de Monteiro Lobato, não sei se vocês sabem, preto só era empregado doméstico, não tinha direito a fazer crédito em loja, tá, e nem usava

sapato bom. Tinha que fazer *footing* na rua Direita, emprestado, roubado o sapato da patroa e acabou gente. Era o tempo dele. Era assim. A sociedade era isso. A sociedade mudou? A sociedade mudou. A sociedade se transformou, evoluiu? Não evoluiu porra nenhuma. A sociedade continua sendo separatista do mesmo jeito: pobre é pobre, rico é rico, preto é preto, branco é branco. É tudo uma farsa. E agora vem falar, dá licença, de obra de Literatura, de Monteiro Lobato? Tá bom. Fala outro então da época que colocou todo o folclore, colocou tudo que é de brasilidade. Uma fala infantil até, acessível a todo mundo, né, uma linguagem acessível a todos. Então, se esses daí tiver outro autor de época, fala pra eles me apresentar [sic] porque eu não conheço. Nos avisem porque eu continuo sendo com “nana nenê que a Cuca vem pegar”. A Cuca, a Emília, a Narizinho, meu nariz é quase igual ao dela. Deixa as crianças ser feliz [sic] gente. Na boa, na boa, querer mudar uma obra de arte feita por Monteiro Lobato na década de 20, vocês não têm noção do que esse homem passou pra escrever isso, tá. De trazer tantos problemas sociais, e, através da D. Benta, era mostrar como que se trata com respeito um empregado que até, então, não era. A tia Nastácia ela representa aquela pessoa, a mãezona de tudo, tanto que a própria D. Benta se aconselha com a Tia Nastácia. Vocês leram? Porque eu li tudo. Porque tem que ler no mínimo o livro direito. Gente do céu. Eu assisto. Ainda passa o Sítio do Pica-pau Amarelo em desenho animado, aí, eu não lembro, na Discovery. Ainda assisto. Adoro. Tá, Maurício de Souza pode reformular a Turma da Mônica, ele tá vivo. Agora, se o Lobato tivesse vivo, é claro que ele ia dar uma rejuvenescida naquela menininha, né. Lógico, a meninada vai crescer, vai virar adolescente, a história pode até entra uns vampiros, né, pra dar um certo, assim, ar de “Inglaterra”, um suspense, tal, mas o homem morreu, a obra é essa e é em cima dessa que a gente vai ter que trabalhar e é essa que mostra toda a nossa brasilidade. Tudo que a gente tem. Se você tem o curupira, você tem a cuca, você tem a mãe d’água, você tem a iara, você tem o saci pererê, você tem tudo, né, você sabe que ele não é mau, que ele é só um arteiro. Você vai aprender onde? No sítio. Chega gente. É um autor. O homem é clássico e acabou. Com um clássico não se mete. Existe coisa mais importante para se pensar do que a Tia Nastácia. Deixa a tia Nastácia ser conduzida do jeito que ela foi criada. Agora, poxa vida, né, ninguém tá preocupado com um monte de dinheiro que tá sendo jogado fora, ninguém tá preocupado com toda a máfia que tem nas editoras. Eu não sei, eu vou descobrir o que que

tem nas máfias. Viu, se preocupa com essa máfia, tá, que tem bilhões de livros perdidos, sendo jogados fora, e vocês estão preocupados com a tia Nastácia, deixa a velhinha em paz.

### **Você sabe o que os alunos costumam ler?**

Olha, o que eu vejo é *A menina que roubava livros*. Assim, eu vejo nas mãos deles porque eu nunca obriguei ninguém a ler nada. Anteriormente nós estávamos falando do Monteiro Lobato e depois eu fui filosofar com o meu cigarro. Galera eu fumo e voltei pra conversar com você. Avisa o pessoal que quem confecciona os bonecos é a Tia Nastácia. Não foi a D. Benta, não foi o branco. Foi a negra mesmo, viu. Mas, poxa vida, toda a ênfase é ela que faz, se ela não faz a boneca pra menina não tem a Emília, se ela não faz o boneco do sabugo de milho pro Pedrinho não tem o Visconde. E porque essa polêmica? Eu queria entender.

### **Quais são os motivos do mau desempenho dos alunos do nono ano do ensino fundamental desta Escola no Saresp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), classificando-a como prioritária ou abaixo do nível básico?**

Recentemente, semana passada, nós tivemos uma reunião pra falar do Saresp. E o que ocorre? A intenção é mostrar pra nós os resultados do Saresp anterior, específico e geral da escola. Na boa, essa escola está mal para caramba... ai meu Deus. Mas por que? Não é que nosso aluno não sabe. É que não é delegado a ele a responsabilidade da prova. Então, ele faz a prova assim: xis, xis, xis, xis, xis, gabarito, entregou, tchau. Esse ano vai ter uma grande diferença na postura deles quanto ao Saresp, tanto no ensino médio, quanto as duas oitavas porque a partir do momento que você... que aluno gosta de prêmio. Eu não gosto de sentar e fazer uma prova pra nada. Tem que ter alguma coisa. E a minha proposta com eles é que todas as disciplinas envolvidas no Saresp, o professor vai premiar com pontinho, desde que ele fique mínimo uma hora e meia com a prova. Mas porque que eu quero isso? Porque eu quero garantir que pelo menos cinquenta por cento ele leia. – Professora [diz seu nome], como que a senhora vai saber que vou tá aqui uma hora e meia. Eu falei: - Eu estou na escola. Eu só não aplico o Saresp porque eu não posso aplicar pra a minha turma, né? É outro

professor de outra escola que vem para cá, mas eu estou na unidade. Eu vou saber como é que vai tá o tempo. Eu quero garantir que eles deem os olhos em cima das provas. Então, eu não quero que ele acerte. Eu quero que ele vai se disciplinando na postura. Primeiro que eles estão na oitava série e eles vão pro ensino médio. Aí vem todo um preparo pra tudo que eles tem que enfrentar de avaliações externas, né, é vestibular, é Enem, é Saresp, é Prova Brasil, é prova de um monte de coisa. Então, já vai modificar. Minha intenção é essa e eu espero que dê certo.

### **Houve uma conversa prévia com os alunos sobre essa nova postura deles para o dia da prova do Saresp?**

Já está tudo acertado, tudo combinado, registrado, rotulado, porque a primeira coisa que eu faço é meus acordos. Já está pronto. Tanto que a nota fechada no quarto bimestre é prévia porque depois do Saresp, acresce um ponto. Perder nunca. Aluno não tá aqui para perder. Ele está para ganhar. Então, prô, se a minha média for cinco... eu falei: - Vira seis. Entenderam? Então o que que você faz, levanta a autoestima, é, bota responsabilidade, se não é responsabilidade de fazer o Saresp, é responsabilidade de ganhar a nota, né. Valoriza a presença dele aqui. São ené coisinhas miudinhas que a prova em si não chega a nada.

### **Soube que haverá distribuição de *tablets* para preparação da prova do Saresp. Você receberá um desses equipamentos?**

Gente, fofoca periférica eu vou receber um tablet. Meu nome tá na lista, já saiu a listagem, né, tá esperando só acho que quinta-feira, configura com CPF pra liberar. Senha de wifi. Wifi direitinho, tal. Eu adorei, né. Deixa eu fazer a fofoca periférica. Simplesmente acabou aquele livro horroroso, grosso, desse tamanho no meu braço. Yes, Yes, Yes. Agora, simplesmente eu vou virar a página num tablet pra fazer os textos. Gostaram? Evoluí.

### **Você tem de cumprir determinados conteúdos para a prova do Saresp?**

Não, não. O que eu antecipo pra vocês na minha área é que eu tenho uma O.T (Orientação Técnica) que vai acontecer no dia 25 agora [25/10] sobre artigo de opinião. Ironicamente eu não sei o que é que eles têm pra me ensinar sobre artigo de opinião. Se eles têm tudo na bota e nada na cabeça. Eu acho que eu vou lá ensinar um pouco. Eu vou na Universidade. Eles ocuparam um espaço pra receber os prô [professores]. Mas eu não sei o que eles podem me ensinar. Os meus alunos já estão muito bem obrigada, com artigos de opinião.

### **Você considera a estrutura desta escola adequada?**

A reforma da escola, o restauro da escola, que já está aprovado pelo Condephaat, mas ninguém se mexe, diga-se de passagem, é pra descer laboratório e biblioteca por causa da acessibilidade, enfim, de cadeirante, de portador, né, então esse é um ponto. Vai ficar até maior, esse é um ponto.

### **Há alguma previsão para começar a reforma?**

Ah minha filha, assim, o prédio é centenário, tombado, mal conservado, tudo aprovado, autorizado pelo Condephaat, mas ninguém vem mexer num vidro aqui até agora. Não é culpa nossa. Então, primeira coisa que o governo..., governo não, governo e Secretaria de Educação pisou na bola foi tirar as aulas de leitura. Diminuiu uma aula de Português, mas cresceu uma aula de leitura, ou duas aulas de leitura.

### **Já que tocou no assunto, considera essas aulas de leitura suficientes na grade atual da disciplina de Língua Portuguesa para o ensino fundamental?**

Isso até o ano retrasado [2011] tinha. Então, o que que acontecia? Um profissional dava aula de Português e o outro profissional somente leitura. Eu vivi uma experiência maravilhosa na outra escola que eu trabalhei porque eu só trabalhava leitura e é aí que eu gostei do livro. Por que pra mim vieram os kits paradidáticos pros alunos e eu me lembro que foi pra sexta série foi o livro do Aloísio Azevedo e agora? Meu Deus. E nós começamos a

ler o livro do Aloísio Azevedo eu e as minhas sextas séries. E nós líamos. Xingamos o menino do livro, aquele tonto, né. *O Coruja*. Lembrei. Xingamos. E nós tínhamos tempo. Eu tinha duas aulas. Nós líamos. Lemos uma obra inteira, conseguimos discutir, conseguimos conversar sobre a obra, inclusive a quantidade [dos kits literários] não deu certo e uma sexta-série acabou lendo *Capitães da Areia*, que eu achei que era mais adultinha e dava para ler. Foi a melhor experiência porque eu ouvi aluno falar assim do livro: - Foge, você tem que fugir, fuge. Ele já não era mais o aluno, ele estava dentro do cenário e foi ótimo. E nesse ano eu adorei. O gênero foi carta, mas a carta era você escrever pra um amigo seu, falando de um livro que você leu e recomendando. As sextas séries deram um show. Foi maravilhoso porque, depois desse livro, aí eu liberei geral, né? Leu *O Coruja*, lê o que você quiser. Aí eles leram todas as séries Crepúsculos, Os senhores dos anéis da vida, Marley e eu, e foi lendo, lendo, lendo. Você tem que ler as cartas. Só que meu nome apareceu em todas as cartas. Foi ótimo porque, apesar do meu nome aparecer, eles sabiam falar do livro e te recomendar. Maravilhoso. Aí que tá foi onde o governo falhou. Porque tirou as aulas de leitura? Eu só levo aluno à leitura se eu tenho tempo pra deixar ele lê, se eu tenho tempo de encher o saco dele, querendo contar o final e ele querendo tacar o livro: - Se você contar, você morre. Isso é que é gostoso. Eu tive esse tempo, me tiraram isso. Falar assim: - Eu sei, eu sei, o que vai acontecer com o Pedro Bala. Se você contar, você morre. O moleque falando isso pra você é a melhor coisa que existe no mundo. Ele tá com um livro na mão. Se você contar, você morre. Isso é ótimo. Tiraram isso da gente. Quer dizer, eu estou falando no particular de mim. É um prazer poder lidar com leitura. Usar o espaço que você colocou aqui em quase todas as últimas questões. Não tem funcionário, my love. O que ocorre? Eu tenho uma biblioteca maravilhosa, tenho um espaço maravilhoso. A professora de lá é uma professora readaptada. Eu não tenho funcionário que trabalha das sete [manhã] às três [tarde] horas e das três [tarde] às onze [noite] horas, só pra ficar na biblioteca. Ou seja, eu pego minha classe vou pra biblioteca, eu não tenho funcionário lá, sendo que se eu tivesse seria melhor. Se eu tivesse um funcionário lá eles não estariam escrevendo uma história na sala de aula. Eles estavam na biblioteca.

**Como você conduziria uma atividade de leitura com os alunos das oitavas séries?**

É tranqüilo. Se você consegue, se você tem o domínio. Aí eu tô falando de mim, né. É de eu. Como diz o meu neto: é de eu. Eu seguro, né, quarenta lá dentro. Eu queria ter aquele espaço. Por exemplo, eu li uma história que o terceiro ano criou para a oitava série e a oitava série tá criando uma história para eu ler pro terceiro ano da manhã. É ousadia. A turma do terceiro ano escreveu lá uma história dos vampiros... essa que eu li tem um monte lá. Essa que eu li é um romance policial, que tem detetive. E depois ela tá num hospital psiquiátrico que era um sonho. Quase que eu matei a menina, né. Pô, caramba, dez capítulos! Curtos claro, né. Mas aquele grupo lá, eu fiquei ouvindo a história que eles lêem pra mim, aí eu pedi autorização se eu podia ler pra a oitava série. Eu coloquei minha galera na roda de leitura, e fui ler a história. Ó, falou de polícia, de morte e de assassinato eles adoram porque é o ambiente deles. E li e aí eu falei: - E aí vocês vão criar uma para devolver o troco lá? Só se for agora. E desde ontem eles estão escrevendo as histórias. E aí eu pego e devolvo o troco. Agora senta todo mundo que a oitava mandou uma história. É simples gente, eu tenho audição, eu tenho leitura, eu tenho escrita. Eu transito nos dois. Às vezes eu aplico um exercício no ensino médio e o mesmo na oitava série. Eu quero ter a experiência: às vezes o ensino médio não responde legal e a oitava série responde melhor. Gente é não ter medo. Ser professor é uma coisa gente, agora ser professor bundão é outra. Agora também você não pode usar tudo de muleta. O livro didático é muleta, quer dizer se eu tirar o livro didático da mão do cara, o cara não sabe porra nenhuma. Se eu tirar o caderno dele, ele não sabe andar. Eu não uso nenhum. Nenhum. Mas, caramba, tem enes coisas que dá para trabalhar. Isso é ousado. Eu não devo satisfação. Eu devo satisfação do conteúdo em cima do que tá proposto na Secretaria de Educação, mas que tipo de metodologia? Isso é meu. Minha sala não vai pela esquerda, ela vai pela direita. A oitava B odeia os textos dos livros didáticos, então ninguém usa. A oitava B, ela gosta de tudo quanto é tranqueira que eu trago. É história do terceiro ano. É história que eu achei lá não sei aonde. Eu vou trabalhar, se isso vai... que nem, a oitava B acabou o trabalho, o Waldir me escreveu uma história em quadrinhos que você vai adorar, né, pior do que a história das passagens que você vê nos jornais. [Neste ponto a professora cita um trecho da história em quadrinhos do aluno Waldir]:

- Vamos pro baile funk?
- Vamos?
- Aonde é?

- Na Zona Sul. Entraram no carro e foram.

Você sabe que o Waldir não produzia nada. Eu consigo fazer o Waldir ditar o relatório do Catavento para o colega. É isso que eu quero. Não importa o texto.

### **Você realiza atividades com os alunos na Biblioteca ou Sala de Leitura da escola?**

Eu volto a enfatizar. Duas coisas importante [sic]. Nós temos um funcionário na biblioteca por oito horas, trabalhando em dois períodos, ou seja, turma que estuda à tarde, ele atende de manhã e turma que estuda de manhã, ele atende à tarde, contempla a turma da noite também, que é tão esquecida também, né, esquecida [repete] e volta as aulas de leitura, gente. Se existe uma coisa importantíssima, é isso. Eu tenho que encarar seis horas-aula de Português. Aí eu tenho que dividir pra leitura e o que eu queria era ter quatro horas [horas-aula], cinco [horas-aula] de Português. Duas [horas-aula] de leitura. Ele [aluno] com outro professor ou comigo, mas eu quero só botar o livro na mão do menino. Como já aconteceu e isso já deu certo, isso valeu e depois que tirou a coisa decaiu muito. Aluno que lê gente, gente, ele vai bem em tudo quanto é lugar. Eu espero, espero [repete] que... eu quero as aulas de leitura de volta. Peraí. Aspas. Com profissionais a fim de levar o aluno à leitura. De seduzí-lo com a leitura porque a leitura não é você ler para o aluno. É seduzir. E você sabe como que você seduz um moleque com a leitura? Conta um teco do livro e não conta o resto. Ele vem arrancar o livro da sua mão. Se tiver armado, é a mão armada. Você tem que saber fazer. Você conta uma parte e não conta a outra. Eles vão querer te bater, te xingar, tal. Ele vai querer arrancar o livro e aí se você conseguiu a sedução, ele vai embora. Mas depois de vinte e dois anos eu já vi tudo. Aí eu tenho que fazer milagre aí pra chegar num nível da oitava B hoje, quantos milagres eu já fiz?



## **ANEXO 13**

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA SALA DE LEITURA**

**Qual é sua idade?**

Tenho 69 anos.

**Desde quando é professora da Rede Estadual de Ensino?**

Sou professora efetiva desde 1968.

**Qual sua formação?**

Fiz graduação, entre 1965 e 1968, em letras anglo-germânicas na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, na época era chamada de Faculdade de Filosofia de Campinas.

**Antes de se efetivar no Estado, já tinha tido experiências anteriores como professora em outras escolas?**

A partir de 1967, no terceiro ano da faculdade, eu comecei a dar aulas. Era à noite em um colégio chamado São Luiz, que era um colégio técnico de contabilidade e pertencia a PUC mesmo, pertencia a eles. Dei aulas de manhã no Senac [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial]. Aulas de português. Em 1968, eu peguei umas aulas à noite no cursinho que chamava Evolução lá de Campinas e era madureza [supletivo] que eles chamavam antigamente, também de literatura. O curso era particular. Em 68, meu último ano, eu comecei a trabalhar em Pirassununga, no Instituto de Educação, era o segundo Instituto de Educação do Estado, que na época já era bem antigo. Na época tinha a Escola da Praça parece que em Bragança [Paulista] e Pirassununga, uma escola bem tradicional [O

primeiro Instituto de Educação foi a Escola da Praça, em Bragança Paulista]. Esse nome Instituto de Educação era dos anos 60 e 70, depois que mudou para Escola Estadual fulano de tal. Eu dei aula de português no curso normal, que era o magistério e que mais... eu fiquei lá de agosto de 68 a abril de 69. E no começo de 69 eu tinha alunos do seminário. Eu dava aula de latim à noite. Os alunos do seminário saíam do seminário sem o diploma do colegial. Eles tinham conhecimento, mas não tinham diploma. Então, eles frequentavam a Escola Estadual pra ter o diploma. Eu estudei latim desde a quinta série. Então, quatro anos de ginásio, três anos de clássico e três anos de faculdade porque no último ano era didática de latim que a gente tinha, né?

### **Quando começou a lecionar nessa escola?**

Em 99. Eu já era aposentada, né, há dois anos. Eu me aposentei no começo de 96 e acabei escolhendo na delegacia de ensino, acho que cinco a dez aulas de inglês, né. Comecei dando aula de inglês. Daí, em 98, eu prestei concurso de novo e em 2000 escolhi aqui mesmo. Então, eu sou efetiva da casa desde 2000. Em março de 2006, eu fiz a cirurgia do rim e me afastei um ano. Realmente foi um ano e meio, só que eu voltava assim em dezembro, junho. Fiquei praticamente um ano e meio afastada. Em 25 de agosto de 2007 saiu a minha readaptação e eu pedi a biblioteca. Tinha uma afinidade.

### **Como ocorreu a transição de sua trajetória profissional do interior do Estado para a capital?**

Quando vim para São Paulo, em 1972, eu trabalhei em Itapevi e eu fazia umas horas na biblioteca de lá e em Serra Negra também. A escola de Itapevi hoje chama Neyde Lessa, mas antes chamava Colégio Estadual de Itapevi. Existe ainda lá. Eu não era efetiva nessa época. Eu me efetivei em 77, em Osasco, na escola Júlia de Almeida. Tinha uma diretora que era ótima, pra frente, sabe. Uma mulher, assim, sem repressão, sexualmente também. Era um povo bem legal. Eles eram da USP. Eu fiquei um ano lá depois eu fui para a escola principal de Osasco, que chamava Ceneart [Colégio Escola Normal Estadual de Osasco Antonio Raposo Tavares] existe ainda essa escola. Só para você ter uma idéia, na época, tive como

professor de português da casa, o Emir Nogueira, ele era um grande jornalista e escrevia sobre língua, né, parece que ele escrevia na Folha [Folha de S. Paulo]. Tinha a Helena Pignatari, irmã do Décio Pignatari. Que mais. Tinha uma colega, ela se chamava Angelina de Tevez, ela era professora de história e antes ela era obstreta. Então ela escreveu um livro, a tese dela chama a mulher tribal, então como que é o parto entre as índias. Ela juntou as duas coisas, aliás eu tenho dois exemplares desse livro, enfim, um era do meu marido e outro meu. O livro da Helena [Pignatari] era Origem do Movimento Sindical em Osasco. Sabe onde foi? Na Vidraria Santa Marina. Os vidreiros da Santa Marina que foram pra Osasco e começaram o movimento sindical de Osasco. Foi em 80, era o mestrado dela. Muito interessante esse livro.

### **Fez pós-graduação?**

Eu não fiz mestrado. Em 74, eu fiz um curso de especialização de Língua e Literatura Inglesa, mas era assim numa faculdade meio simples, mas foi alguma coisa, né. Fiz uma revisão de inglês. Em Itapevi eu dava aula de inglês, cinco anos lá eu dei aula só de inglês. Quando eu prestei o concurso eu tive que estudar muito porque eu tava dando só aula de inglês aí eu fiz o cursinho equipe. Eu tinha professores... eu tive Nilde Mascellani que era dos colégios vocacionais. Hoje a USP está fazendo o projeto de interligação das matérias, né. O equipe ficava numa rua atrás da Brigadeiro. Depois que ele foi lá pro Jockey [Club], né. Eu fiz em 75. Tem gente boa que saiu do Equipe. Serginho Groisman estudou lá, né. Eu fiz o cursinho e fui bem classificada tanto que eu escolhi Osasco que era um lugar que eu queria mesmo, né, porque eu precisava sair de Itapevi, eu não agüentava mais. E depois em Osasco eu me removi. Em 78 fiz o concurso de inglês e passei. Então, por isso que lá em Osasco eu tinha dois cargos, português e inglês. Em 83, eu tive meu terceiro filho e me removi pra cá [diz o nome do bairro]. Aí escolhi português no Zuleika de Barros e inglês na escola Alexandre, no Anastácio. No Zuleika, meu marido me falou que o computador me mandou pro lugar certo por que eu caí numa escola que tinha teatro. Tinha uma diretora muito culta, sensível e muito legal e ela me dava carta branca. Eu trabalhei com 60 peças lá em 15 anos. Desde [Wilhelm] Reich. A primeira peça foi O Jogo Nosso de cada dia, né. Baseado em Reich, mas decodificado, tudo, até O Homem que calculava, do Malba Tahan. E pelo meio

tinha muita literatura, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, [Luís de] Camões, Machado de Assis. História. A Miriam Mehler chegou a ir lá na escola com a peça “Liberdade, Liberdade”. E eu ajudei o ator a fazer a divulgação. A diretora ficava muito orgulhosa porque eu fechava o Aliança Francesa pra nós. Tinha 300 lugares, o nosso tinha 400. Às vezes aquelas peças do Gil Vicente, Martins Pena lotava, que os alunos ficavam sentados nas escadas, encostado no corredor, sabe, na parede. Era um tempo muito bom mesmo. Eu fiquei lá até me aposentar em 96. Quando eu prestei o concurso não tinha vaga lá, não tinham mandado as aulas. Eu eu já estava aqui e consegui escolher por aqui mesmo. Eu tava bem classificada e também tinha quatro dependentes no imposto de renda, passa na frente de um monte de gente na hora da escolha, né. A idade, né. Eu tinha 53 anos quando eu vim pra cá. E aqui estou e muito contente na biblioteca.

**Como foi deixar a sala de aula ao ser readaptada em um novo espaço, no caso, a biblioteca ou sala de leitura?**

Os últimos anos, seis anos, na sala de aula foram difíceis, foram bem difíceis. Eu faltava muito. O tipo de aluno que começou a vir e o tipo de formação que a gente tem, que a gente quer trabalhar, trabalhar direito com aluno que, supõem-se bem-educado porque não vem. Então, era muito difícil. Pra não criar maiores problemas eu faltava.

**Acredita que hoje esse quadro tenha piorado?**

Os colegas dizem que sim. Agora, aqui na biblioteca eu sou privilegiada, né. Vem a fina flor aqui. Eles vêm aqui. Eu converso, vejo um grupinho: vamos fazer um trabalho na biblioteca? Às vezes eu convido meia dúzia vem um ou dois, mas aí vem. Assim, não posso fazer a propaganda nas salas porque eu sou sozinha e depois eu não consigo. Como fazia muito tempo que a biblioteca estava fechada quando eu comecei, eu ainda estava convalescendo, fazia um ano da cirurgia. De repente, eu fiz 280 carteirinhas aqui. Foi muito. Enchia isso aqui. Eu tinha um colega que era professor de Geografia que vinha estudar aqui e dizia: mas não é possível, você é sozinha aqui, tem que ter alguém para te ajudar, você não tem estrutura para atender uma demanda reprimida. Eu parecia uma pop star, viu [risos].

**Durante quanto tempo a biblioteca ficou fechada?**

Durante uns três anos. Os professores tinham receio de chegar aqui, você acredita? A outra diretora ela regulava muito. Ela queria que os professores fizessem um planejamento de quando eles viriam, que livro, não existe isso no Estado.

**Qual o perfil do aluno que frequenta a biblioteca?**

São os melhores alunos e os que gostam de ler. Em geral, são sempre os mesmos frequentadores. Às vezes renova um pouco. Agora de manhã tem vindo uma outra turminha que fica sentada ali naquela mesa e que não vinha antes. Eu acho que eles são do segundo ano [ensino médio] e estão vindo todos os dias.

**Uma das reclamações dos alunos é o fato de disporem apenas do intervalo de 20 minutos entre as aulas para frequentar a sala de leitura. Você concorda que esse tempo é insuficiente?**

Estou nas segundas, terças e quintas. Essa turma que te falei são da manhã. Eu atendo na hora do intervalo também. Tenho ficado das 13h30 às 16h30. Outro dia era o dia de uma reunião que eu não estava, eles atenderam os alunos, deram as fichas e eu falei tudo bem, né.

**Os professores costumam planejar atividades na sala de leitura?**

Quase nunca. É muito difícil vir um professor aqui. É difícil. Tem um professor que deu uma dramatização na sala. Ele é professor de Matemática, sabe. Ele usou os livros daqui do acervo e como tinham muitos ele deu pros alunos. A diretora ficou brava.

**Qual era o livro?**

“Eles não usam black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri. Em 82 foi o filme. Eu me lembro. Não sei se você tinha nascido. Acho que não [risos].

**Ah, já tinha sim [risos].**

Eu lembro que eu vi na Paulista o filme “Eles não usam black-tie”.

### **Como funciona o sistema de empréstimo e devolução?**

Eles têm uma fichinha. Olha aqui eu tenho uma lista do primeiro semestre de 2012. Eu fiz por sala sabe. No primeiro semestre de 2012 foram 189 livros [emprestados] para o ensino médio. Esse ano eu ainda não fiz. E no ensino fundamental eu fiz 93. No total, deu 282. Já teve muito mais viu.

### **São quantas fichas cadastradas?**

Ah, não sei. É tão precário aqui que uma vez mandei fazer na gráfica nunca me pagaram. Aí então, quando o aluno some eu apago, faço outra em cima de outros anos.

### **Atualmente o acervo possui quantos títulos e como ocorre sua atualização?**

São 12.798 livros. E os últimos dezoito livros foram doados por um aluno do colegial. Foi uma porção, vários títulos.

### **A sala de leitura ou biblioteca aceita doação?**

Aceita. Eu levei um agora da Tatiana Belinky “Um Caldeirão de Poemas” e pus na mão da professora de Português porque os poemas são todos ilustrados. Então, eu disse: criança gosta muito de desenhar. Tem o poema e você manda eles desenharem, né. Acabo fazendo uma coordenação assistemática, né. Gosto de conversar com as mais jovens. Elas perguntam as coisas, tal.

**Quanto tempo os alunos podem ficar com o livro?**

Eles em uma semana. Se não terminaram de ler, eles vêm aqui com o livro na mão e eu escrevo atrás “renovou”, tem mais uma semana né, mas não é muito rígido não, sabe, porque eu não quero aborrecê-los. Também não posso abrir de todos, senão... Eles têm que saber que tem normas, né. Você tá vendo aqui está limpinho. Aqui não chupa bala. Não quero que fique pendurado no celular. E é contra lei e o professor não consegue fazer manter a lei. A gente tem uma capacidade de concentração muito grande. Outro dia eu vim da aula de Italiano e falei: Ah, eu estou descansada e vou começar a fazer a lição. Quando eu vi eu estava há uma hora e meia fazendo a lição de Italiano lá na minha casa. Uma hora e meia passou. Quer dizer, a gente tem concentração, né.

**Gostaria de retomar a pergunta sobre a atualização do acervo. Como funciona?**

Brasília que manda. Reinações de Narizinho veio há uns dois, três anos. Não veio no ano passado. Bom aqui tem uns antigos da Editora Brasiliense.

**Tem limite de livros emprestados por aluno?**

Eu deixo uma por vez. Esses são das chinesinhas que levam duas, três. Deixa eu ver se eu tenho algum balanço aqui. Eu fazia, mas depois vi que eles nem tomavam conhecimento eu é que falei que ia fazer o balanço. Olha aqui.

Antigamente as crianças da tarde vinham muito mais. De repente, a escola virou uma zona. Bom, ontem teve um problema aí, que um menino arrancou o dente do outro, soco, diz que teve sangue pelo chão. Uma funcionária me falou hoje cedo e um colega me falou agora. Acho que é da oitava série. E daí eu comecei a trabalhar menos a tarde. Eu falei: eu vou ficar louca.

**O que acontece com os estudantes do período vespertino?**

Eu acho que é falta de gente presente, o tal do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] meleca, assim, amarra as pessoas, tira a autoridade de todo mundo. Essa meninada vem sem limite nenhum e acha que pode fazer tudo e tem também a questão da droga, né, que eu não sei se estava envolvido ontem ou não. Eu acho que não há muito incentivo dos professores viu porque quando há incentivo eles vêm. Inclusive uma menina, uma garotinha bem pequena queria e veio duas vezes atrás de Carandiru [Estação Carandiru, do médico Drauzio Varella], só que eu não entreguei porque eu não achei adequado. Ela era da sexta série porque um professor falou e aí você vê a força que o professor tem, né. Agora, eles tiram muito, os do colegial, pra leitura, pra trabalhos porque os professores mandam para fazer trabalhos, no caso de vestibular e tal. Uma leitura mais dirigida.

### **Quais são os livros e autores mais procurados?**

Eles procuram muito pelos livros do Harry Potter e Companhia [série literária de aventuras fantásticas escrita pela britânica J. K. Rowling], inclusive, eu já deixo esse livros separados, pra ficar mais fácil. Olha, esses daqui saiu bastante, o do Hugo Cabret [A Invenção de Hugo Cabret, de Brian Selznick], inclusive eu tenho que pegar um com uma menina. São esses daí que eles preferem. As Crônicas de Nárnia também. Eles sempre me perguntam: tem a sequência? Eu eu digo: Olha, eu não entendo desses livros. Como a gente ganhou tá aí O Alquimista. Agora, tem um aluno que tá lendo Shakespeare, e me disse que quer levar mais até o final do ano. Ele se chama [diz o nome do aluno] e ele tá no terceiro ano [ensino médio]. Já leu Nelson Rodrigues, eu acho que foram dois livros dele. Eu até emprestei pra ele a biografia do Nelson Rodrigues O Anjo Pornográfico, do Ruy Castro [O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues], mas como ele é muito jovem, ele não tem o conhecimento porque é um Brasil que ele retrata através do Nelson Rodrigues. Maravilhoso o livro, mas ele não conseguiu ler e ele devolveu. Ele falou que tava difícil.

**A série de livros do Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato, costuma ser solicitada?**



Também não tenho recomendado muito para eles lerem, né. Lobato não é um autor procurado. O Narizinho [Reinações de Narizinho], saiu um pouco, mas é difícil. Até eu tinha deixado aqui que era o lugar mais fácil de pegar. Sai pouco. Mas, agora, Os Doze Trabalhos de Hércules sai porque eles gostam muito de Mitologia. Até os pequenos de quinta série gostam. Eles vêm sempre e pedem. Acredito que seja um autor mais influente entre alunos da primeira a quarta série do fundamental. Eu tenho aqui novos... eu chego, olha, tem aqui, 02/08/2012 [mostra uma lista] livros encontrados na mesa da biblioteca, veja, desses que vem pros alunos e que já eram remanescentes:

[Em uma folha A4, a professora anotou manualmente]:

1. A menina que roubava livros – 18 volumes
2. Chão de Vento (poesia) – 17 volumes
3. Casa de Bonecas (teatro) – 81 volumes
4. A Hora da Estrela – 72 volumes
5. A princesa que enganou a morte (contos) – 19 volumes
6. Ciclo da lua (poesia) – 67 volumes
7. Madame Bovary – 72 volumes
8. Contos Fantásticos do século XIX – 72 volumes
9. Canto Geral – Pablo Neruda – 79 volumes
10. Grande Sertão Veredas – 48 volumes
11. Antologia Poética – Manual Bandeira – 46 volumes
12. Eles não usam black-tie (teatro) – 57 volumes

Total: 622 livros

Madame Bovary veio bem mais depois. Acho que é o que mais tem.

**Apesar de vir muitos volumes desses títulos, não significa que são os que mais saem?**

Não. É o governo que manda. O governo que manda [repete]. Então, eles... é tudo pasteurizado, sabe? Eu estou doando, doando mesmo, sabe.

**Comento que vi diversos livros dispostos em várias pilhas no chão do corredor que circunda a escada de acesso que leva à biblioteca e ao laboratório de química e física, situados no piso superior.**

Pois é, a escola não tem espanhol, vieram os livros de espanhol. E daí primeiro a diretora colocou aqui no pátio e eu fazia também propaganda. Gente, pelo menos valem uns R\$ 100, R\$ 150, peguem os livros e tal. Daí tirou e pôs lá. Eu não sei se eles vão ser mandados pra delegacia [Delegacia de Ensino], pra outros lugares, se não for picotados, eu nem sei. Olha o nosso dinheiro onde vai e o nosso salário como é!

**O que poderia ser feito para ampliar a utilização da biblioteca pelos alunos, seja de forma espontânea (os estudantes procurarem mais o espaço) ou de forma programada (a partir de atividades didáticas)?**

Eu acho que deveria ter mais alguém aqui na biblioteca, no caso mais algum professor. Eu tava com uma esperança quando saiu a readaptação de uma colega, mas ela ficou na secretaria. Eu contei, assim, pra minha médica e ela me disse: é a burocracia exige muita gente, né? Teria que ter mais alguém, né, pra cobrir a noite. Quando eu comecei, eu ficava uma noite, não muito porque eu também tenho medo de sair mais tarde. Então, eu teria de receber extra por isso, é uma atividade da noite, então tem. A secretaria não fazia minha folha extra, não fazia. Eu fui no sindicato e eles falaram: Não recebe? Não trabalha. Para de trabalhar. É a burocracia.

**O que se poderia fazer para estimular mais a vinda de professores para esse espaço?**

Olha, agora o nome mudou para sala de leitura. Não foi só aqui. Foi o Estado que mudou copiando da Prefeitura. Só que eu sei que na Prefeitura tem um trabalho efetivo, organizado de leitura. Sábado mesmo no cinema eu conversei com uma senhora aposentada, também professora, que ela trabalhou vários anos na sala de leitura, então ela tava me contando como era, né. E aqui não. Tinha professor que não queria fazer nem HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) aqui, ai, porque fica cansado de subir a escada, gente, eu

sou a mais velha da escola. Pô, três, quatro vezes, eu subo e desço aí e tou numa boa, parece que o pessoal de 30 anos, 35 anos não pode.

**Há de fato um projeto que prevê a mudança física da biblioteca para o andar térreo como forma de ampliar o acesso do público ao espaço?**

Parece que estamos a distância de um quilômetro. Nós estamos na mesma quadra, né. Dentro da mesma quadra [repete]. Inclusive, quando eu saio agora eu fecho porque uma vez eles me picharam a porta. Não tem pichação porque cada pichação que tem eu vou lá embaixo pego bucha, sabão e faço. Falam tanto em acessibilidade, mas não existe um cadeirante aqui. Você vê, aqui era uma sala de aula, tem ainda duas lousas.

**Quando ocorreu esse problema?**

Foi esse ano porque eu acho que quando não quer manda eu tiro na hora e já resolvo.

**Como acredita que possa ser melhorada a divulgação da biblioteca na escola?**

Agora tem muitas crianças que chegam bem cedo. Eu estou aqui. Eles vinham, mas agora eles ficam brincando. A divulgação é importantíssima. Eu sei se eu for lá nas salas botar um papel pendurado não quer dizer nada. Tem que ir nas salas e conversar, né. Só que se vier muita gente eu não tenho condições de atender.

**Como vê a possibilidade de uma reestruturação das aulas de Língua Portuguesa prevendo mais tempo para a leitura, seja em sala de aula ou na biblioteca?**

Existia isso em outras escolas. Minha filha tem 38 anos e quando ela estudava nas escola [diz o nome da escola] aqui embaixo, tinha aula de leitura. Ela fez a oitava série aí. Tinha uma aula só de leitura por semana.

**Como avalia o baixo desempenho dos alunos da oitava série dessa escola no Saresp?**

Ler não é juntar o A com o O. Ler é entender o que se lê. Você sabe que tem professores de matemática fazendo isso, pros professores poderem trabalhar. O aluno não entende o enunciado do problema, então o professor tem de decodificar. Vem esses cadernos [Caderno do Aluno] feitos por gente que não é do chão da fábrica, como se diz, “gente de gabinete”. Porque aqui os alunos que vem, vem com a defasagem da primeira a quarta série. Diz que tem aluno de colegial aqui que é analfabeto. Ele passa de ano porque assina trabalho junto com outros.

### **Considera estar faltando leitura para esses jovens?**

Está faltando leitura, mas sem disciplina você não consegue as coisas e o problema de disciplina é seríssimo, é seríssimo [repete]. Eu acho que o professor não tem força quando a gente fala do celular, eles não têm concentração, eles não têm sabe. Os professores reclamam. Olha, eu fui ajudar uma menina de sexta ou sétima série no ano passado. Dei aula pra ela, umas duas aulas aqui na biblioteca porque ela ia fazer a prova de português e a matéria era a matéria que eu estudei na faculdade, era linguística, era dicotomia, língua e palavra, como é? Langue e Parole, só que não era em francês. Então, eu estudei isso na faculdade. A pessoa lá do gabinete colocou isso pra sexta série, que é, assim, poder de abstração essa criança tem para entender? Isso que eu vi, mas eu não tou dando aula, peguei a apostila para ajudar a criança, era isso. Inadequação, né. Dizem que em matemática acontece também isso no Brasil, os assuntos abstratos são dados para crianças que ainda não tem essa capacidade.

### **Quais livros gosta de ler?**

Gosto muito de biografia porque você tem um painel histórico da época. Gosto muito de História, né. Tive bons professores de História. Bons, bons, muito bons. Olha, eu leio tudo, hoje eu já li um livrinho de poemas infantis da Tatiana Belinki, “Um Caldeirão de Poemas” e passei para a professora de português. Eu leio infantil, leio qualquer coisa. Sou incapaz de não ler. Nas férias, gosto de ler livros maiores. Por exemplo, eu estou com Hans

Staden, comecei a ler [Duas viagens ao Brasil]. Meus hábitos de leitura são de família. Quando eu era criança, uns livros azuis, tinha um quarto na frente da casa que era cheio de estantes e eu ficava doida pra aprender a ler, pra pegar, achava lindos os livros azuis, vermelhos e tal. E aí muita coisa eu li.

### **Seus hábitos muitas vezes contribuem para orientação na biblioteca?**

Sim. Às vezes eles vêm com dados pequenos e eu não consigo decodificar o que eles querem, precisam. Ultimamente eles estão procurando autoajuda, mas não aquelas autoajudas que vendem milhares, não. Eles vem, tem livros de psicologia, tem livros de psicanálise. Tem até um livro de psicanálise antigo eu emprestei, claro, a pessoa não conseguiu ler: ah, professora esse livro é muito difícil, tal. Aí conversei como meu irmão em casa e falei: as crianças estão precisando de algum livro, assim, né, aí ele falou: olha tem um livro Ajuda-te pela Psiquiatria! [Ajuda-te pela Psiquiatria! Guia Prático para uma Vida mais Prática e Mais Saudável]. Eu emprestei pra um menino, ele devolveu hoje, ele falou que o livro foi muito bom. É um livro de americano, eu não sei o nome [Frank S. Caprio], acho que eu não marquei o nome do autor. A outra menina já levou hoje, veio ontem perguntar, eu falei: olha tem um livro assim. O livro é dos anos 60, era do meu sogro. Então, está com os alunos.

### **O que pode ter despertado essa procura?**

Necessidade deles se entenderem eu acho. Conflito, eu dei uma olhada assim no livro fala de conflito. O menino diz que gostou muito porque eles vêm pedir pra mim psicólogo pra ver se eu conheço. Vários vem pedir, vem. Aí eu falei com a [diz o nome], uma colega que parece com você, ela tem uma irmã que é psicóloga. Aí ela fez uma relação de lugares que atendem de graça, né, os alunos, as pessoas e tal. Eu tirei vários xerox. Dei um xerox pro menino que tinha pedido primeiro, né. Então a gente acaba fazendo, você extrapola. Por isso que eu acho, eu sou útil. Hoje eu perguntei pra um menino porque ele contou uma coisa... nossa eu até chorei quando ele falou. O pai foi preso sete vezes. Quando ele nasceu a mãe sumiu. Passados tempos, a mãe voltou para casa e ela teve uma criança, que é a irmã dele.

Aí a mãe queria trocar a criança por droga, gente, e esse menino é criado pelos tios e ele veio conversar comigo. Ele é do colegial. Eu contei pra minha médica, ela chorou também, ela falou: esse menino é muito forte porque ele ainda está estudando. E hoje eu perguntei pra ele: como é, deu certo? Ele falou: professora, minha irmã está precisando de psiquiatra mesmo. É claro, está com síndrome do pânico, que é neurose do medo. Ela precisa de psiquiatra mesmo. Aí minha vó conseguiu. Então, a gente acompanha ainda.

### **Acha que as obras de ficção podem ajudar no aprendizado?**

Poxa, só ajudam. Quando eu morava no interior nos anos 50, não tinha nem livraria por lá, era mais papelaria, mas meu pai comprava pelo reembolso postal. Ele comprou a coleção do Paulo Setúbal eram uns quinze livros, mais de quinze, Você escrevi para a editora, a editora mandava no correio e você chegava, pagava. Era assim. E eu li quase todos, tinha As Maluquices do Imperador, Eldorado, Minas de Prata. Tinha um de poesia que tem aqui chamava Alma Cabocla dessa coleção. Tem o Confiteor, é a conversão dele, né, ao catolicismo, ao cristianismo. Era uma coleção amarela. Até uma vez veio um japonês aqui e ele perguntou se tinha esse livro que ele procurou até em sebo, eu falei que tinha, fui lá, peguei o livro pra ele. Aí ele falou nós vamos numerar isso. Começou a numerar e depois foi embora. Você acha que eu vou numerar livro?

### **Qual sua visão sobre o escritor Monteiro Lobato e sua obra?**

Acho maravilhoso. Ele iluminou a minha infância. Eu acho maravilhoso. O mergulho da Narizinho no lago encantado, né, vestido cor-de-rosa, bordado de dourado no Reino das Águas Claras. Eu fui ver o sítio, não sei se em Taubaté ou Pindamonhangaba que tem o Sítio do Pica-pau Amarelo. Eu fui, só que os personagens são de mármore, cimento, não sei. Era uma coisa meio estilizada. O pessoal de idade, né, que vai, lembra das coisas que leram, é. Eu fui inclusive com a Associação dos Professores Aposentados [Associação de Professores Aposentados do Magistério Público do Estado de São Paulo, Apampesp]. Faz uns seis anos. Vai com o seu bebê, deixa ele crescer um pouquinho, você conta as histórias primeiro, depois você mostra [risos].